BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Uma história de sobrevivência da Segunda Guerra Mundial inspirada em factos verídicos



Nós Tivemos Sorte

GEORGIA HUNTER

Nós Tivemos Sorte

GEORGIA HUNTER



MINOTAURO

Título original:
We were the lucky ones

Autora:
Georgia Hunter

Copyright © 2017 by Georgia Hunter

Tradução:
Rita Carvalho e Guerra

Revisão:
Isabel Neves

Capa:
Edições Almedina
Na capa: Casal no Jardim das Tulherias. Paris, 1945.
Imagem de capa © Hulton Archive / Getty Images

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

HUNTER, Georgia

Nós tivemos sorte
ISBN 978-989-8866-62-2

CDU 821.111(73)-311.6”20”

para
Minotauro maio de 2019

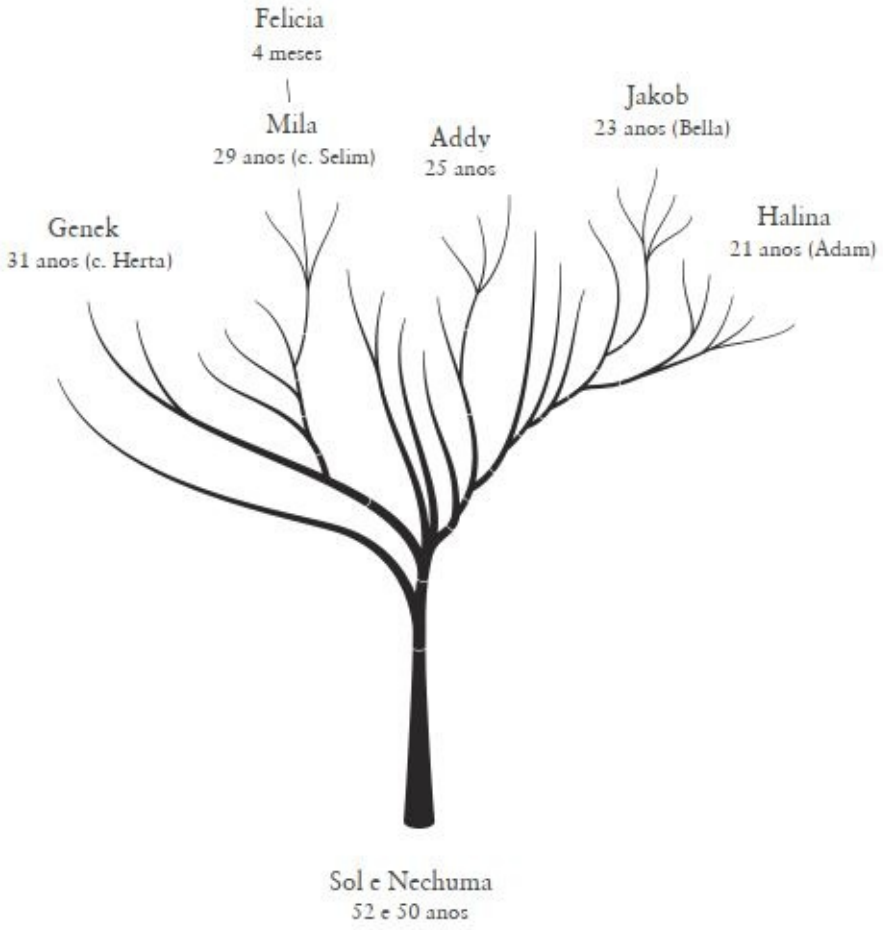
Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa à exceção do Brasil por

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A.

Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira, 11 – 3.º C - 1900-221 Lisboa / Portugal

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado, incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor. Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível de procedimento judicial.

Para o meu avô, Addy, com amor e deslumbramento.
E para o meu marido, Robert, com todo o meu coração.


Felicia
4 meses
Mila
29 anos (c. Selim)
Addy
25 anos
Jakob
23 anos (Bella)
Genek
31 anos (c. Herta)
Halina
21 anos (Adam)
Sol e Nechuma
52 e 50 anos

Baseado em factos reais

No final do Holocausto, noventa por cento dos três milhões de judeus da Polónia tinham sido aniquilados; dos mais de trinta mil judeus que viviam em Radom, sobreviveram menos de trezentos.

Parte I



CAPÍTULO UM

Addy

Paris, França ~ Início de março de 1939

Não planeara ficar acordado toda a noite. O plano consistia em deixar Grand Duc por volta da meia-noite e dormir algumas horas na Gare du Nord antes da viagem de comboio de regresso a Toulouse. Agora – olha de relance para o relógio – são quase seis da manhã.

Montmartre tem este efeito sobre ele. Os clubes de *jazz* e os *cabarets*, as multidões de parisienses, jovens e desafiantes, relutantes em permitir que qualquer coisa, até mesmo a ameaça de guerra, diminua o seu bom humor – é viciante. Termina o conhaque e levanta-se, lutando contra a tentação de ficar para um último espetáculo; decerto haverá um comboio mais tarde. Mas os seus pensamentos dirigem-se para a carta guardada no bolso do casaco e sente que lhe falta o ar. Precisa de ir. Pegando no sobretudo, no lenço e no gorro, diz *adieu* aos seus companheiros e serpenteia por entre as cerca de doze mesas do clube, metade delas ocupadas ainda por clientes que fumam *Gitanes* e balançam ao som de «Time on My Hands», de Billie Holiday.

Quando a porta se fecha atrás de si, Addy inspira fundo, saboreando o ar puro, cortante e fresco nos seus pulmões. O gelo que cobria a Rue Pigalle começa a derreter e as pedras da calçada reluzem num caleidoscópio de cinzentos sob o céu de fim de inverno. Apercebe-se de que terá de andar

depressa para apanhar o comboio. Virando-se, vislumbra por um segundo o seu reflexo na janela do clube, sentindo-se aliviado por achar o jovem que lhe devolve o olhar apresentável, apesar da noite insone. Tem uma postura quadrada, as calças de cintura bastante alta ainda estão bem dobradas e vincadas, o cabelo escuro penteado para trás, como é da sua preferência, liso, sem risco. Enrola o cachecol ao pescoço e avança em direção à estação.

Noutras partes da cidade, presume Addy, as ruas estão silenciosas, desertas. A maioria das lojas, com os seus gradeamentos de ferro, não abrirá antes do meio-dia. Algumas, cujos proprietários fugiram para o campo, não abrirão de todo – FERMÉ INDÉFINIMENT, pode ler-se nos sinais colados às montras. Mas aqui, em Montmartre, o sábado deu ininterruptamente lugar ao domingo e as ruas fervilham de artistas e bailarinas, músicos e estudantes. Saem aos tropeções dos clubes e *cabarets*, rindo e comportando-se como se não tivessem preocupação alguma no mundo. Addy esconde o queixo no colarinho do casaco enquanto anda, levantando a cabeça a tempo de se desviar de uma jovem num vestido de *lamé* prateado que avança a passos largos na sua direção. «*Excusez-moi, Monsieur*», sorri, corando por baixo de um gorro de plumas amarelas. Uma cantora, pressupõe Addy. Uma semana antes, talvez tivesse tentado conversar com ela. «*Bonjour, Mademoiselle*», acena com a cabeça, continuando o seu caminho.

O cheiro a galinha frita desencadeia um ronco no seu estômago, enquanto dobra a esquina para a Rue Victor Masse, onde se começa já a formar uma fila à porta do restaurante Mitchell, aberto toda a noite. Através da porta de vidro do restaurante, consegue ver os clientes a conversar sobre canecas de café fumegante, os pratos repletos com um pequeno-almoço de estilo americano. *Fica para a próxima*, diz a si mesmo, continuando para leste em direção à estação.

O seu comboio mal deixou o terminal quando Addy tira a carta do bolso do casaco. Desde que chegou, ontem, já a leu meia dúzia de vezes e pensou em pouco mais. Desliza os dedos pela morada do remetente. *Rua Warszawska 14, Radom, Polónia.*

Consegue imaginar perfeitamente a mãe, sentada à sua escrivaninha de pau-cetim, de caneta na mão, o sol a brilhar sobre a curva suave, roliça, do seu

maxilar. Sente mais saudades dela do que alguma vez pensou possível, quando trocou a Polónia pela França, há seis anos. Na altura tinha dezanove anos e ponderara ficar em Radom, onde estaria perto da família e ambicionava fazer carreira com a sua música – compunha desde a adolescência e não conseguia pensar em nada que o deixasse mais realizado do que passar os dias em frente a um teclado, a escrever canções. Fora a mãe quem o incitara a candidatar-se ao prestigioso *Institut Polytechnique* em Grenoble – e que insistira para que o frequentasse quando foi aceite. «Addy és um engenheiro nato», dissera, recordando-lhe aquela vez em que, aos sete anos, tinha desmantelado o rádio partido da família, espalhado as peças sobre a mesa da sala de jantar, voltando a montá-lo de seguida, como novo. «Não é assim tão fácil ganhar a vida com a música», disse ela. «Sei que é a tua paixão. Tens um dom, e deves apostar nele. Mas primeiro, Addy, o curso.»

Sabia que a mãe tinha razão. E, por isso, partiu para a universidade, prometendo que regressaria a casa quando terminasse os estudos. Mas assim que deixou os confins provincianos de Radom, abriu-se à sua frente toda uma nova vida. Quatro anos depois, de diploma na mão, foi-lhe oferecido um emprego em Toulouse que pagava bem. Fizera amigos oriundos de todo o mundo – Paris, Budapeste, Londres, Nova Orleães. Ganhara um novo gosto pela arte e a cultura, pelo *paté de foi gras* e pela perfeição amanteigada de um *croissant* acabado de assar. Tinha uma casinha sua (embora minúscula) no coração de Toulouse e o luxo de regressar à Polónia sempre que lhe apetecia, o que fazia pelo menos duas vezes por ano, para o Rosh Hashaná e o Pessach. E ainda passava os fins de semana em Montmartre, um bairro de tal modo mergulhado em talento musical que não era incomum os habitantes locais partilharem uma bebida no Hot Club com Cole Porter, assistirem a uma atuação improvisada de Django Reinhardt no Bricktop ou, como acontecera a Addy, verem Josephine Baker dançar o *foxtrot* no palco do Zelli, levando a reboque a sua chita de estimação, enfeitada com uma coleira de diamantes. Addy não conseguia recordar outro tempo na sua vida em que se sentisse mais inspirado a encher as pautas de notas – de tal maneira que se começava a perguntar como seria mudar-se para os Estados Unidos, a morada dos grandes, a terra onde o *jazz* nascera. Talvez na América, sonhava, pudesse tentar a sua sorte e juntar as suas composições ao cânone contemporâneo. Era tentador, se não significasse aumentar ainda mais a distância

entre si e a sua família.

Enquanto desliza a carta da mãe do envelope, uma pequena onda de choque desce pelas costas de Addy.

Querido Addy,

Obrigada pela tua carta. Eu e o teu pai adorámos a descrição da ópera no Palais Garnier. Estamos bem, aqui, embora Genek ainda esteja furioso com a sua despromoção, e não o culpo. Halin a continua a mesma de sempre, tão temperamental que me pergunto, muitas vezes, se não poderá implodir. Estamos à espera de que Jakob anuncie o seu noivado com Bella, mas sabes como é o teu irmão: não pode ser apressado! Tenho-me deliciado com as tardes passadas com a bebé Felicia. Mal posso esperar por que a conheças, Addy. O cabelo começou a crescer e é... vermelho canela! Um destes dias há de dormir a noite toda. Pobre Mila, está exausta. Recordo-a constantemente de que tudo vai ser mais fácil em breve.

Addy vira a carta, muda de posição no assento. É aqui que o tom da mãe se ensombra.

Devo dizer, querido, que algumas coisas mudaram durante o último mês. Rotsztajn fechou as portas dos trabalhos em ferro – é difícil de acreditar, depois de quase cinquenta anos de funcionamento. Também Kosman se mudou com a família e o negócio dos relógios para a Palestina, depois de a sua loja ter sido vandalizada demasiadas vezes. Não te transmito estas notícias para te preocupar, Addy, mas não me sentiria bem a escondê-las. O que me leva ao principal objetivo desta carta: o teu pai e eu sentimos que deves ficar em França durante o Pessach e esperar pelo verão para nos visitares. Iremos sentir imenso a tua falta, mas parece perigoso viajar agora, em especial tendo de atravessar as fronteiras alemãs. Por favor, Addy, pensa nisso. A tua casa é a tua casa – estaremos aqui. Entretanto, manda notícias tuas quando puderes. Como está a correr a nova composição?

Com amor, Mãe

Addy suspira, tentando uma vez mais dar sentido a tudo aquilo. Já ouvira falar de lojas que haviam encerrado, de famílias judias que partiam para a Palestina. As notícias da mãe não eram uma surpresa. É a sua preocupação que o inquieta. Já havia referido, no passado, que as coisas tinham começado a mudar à sua volta – ficara lívida quando retiraram a Genek a sua licenciatura em Direito –, mas as cartas de Nechuma eram acima de tudo alegres, positivas. Ainda no mês anterior, lhe perguntara se queria assistir com ela a um concerto de Moniuszko no Grande Teatro de Varsóvia e falara-lhe do jantar de aniversário que ela e Sol tinham feito no Wierzbicki. E como o próprio Wierzbicki os fora receber à por ta, oferecendo-se para preparar algo especial para eles, fora do menu.

Esta carta era diferente. A mãe, apercebe-se Addy, estava assustada.

Abana a cabeça. Nem por uma vez nos seus vinte e cinco anos de existência vira Nechuma expressar qualquer tipo de medo. Nem ele ou qualquer um dos seus irmãos e irmãs faltara à reunião do Pessach em Radom. Nada é mais importante para a mãe do que a família – e agora pede-lhe que fique em Toulouse durante o feriado. Inicialmente Addy convencera-se de que estava a ser demasiado ansiosa. Mas estaria?

Olha pela janela para a familiar paisagem rural francesa. O sol é visível atrás das nuvens; existem pequenos laivos de cores primaveris nos campos. O mundo parece benigno, o mesmo de sempre. E, no entanto, estas palavras de aviso da mãe alteraram o seu equilíbrio, confundiram-no.

Addy fecha os olhos, recordando a sua última visita a casa, em setembro, procurando uma pista, algo que possa ter deixado escapar. O pai, recorda, tinha jogado às cartas, como fazia todas as semanas, com um grupo de comerciantes como ele – judeus e polacos – por baixo do fresco da águia branca, no teto da Farmácia Podworski; o padre Król, um sacerdote da Igreja de São Bernardino e um admirador do virtuosismo de Mila ao piano, parara para escutar um recital. Para o Rosh Hashaná, a cozinheira preparara *chalá* pincelado com mel, e Addy ficara acordado a ouvir Benny Goodman, bebendo Côte de Nuits e rindo com os seus irmãos até tarde, noite fora. Até Jakob, reservado como sempre, pousara a câmara e juntara-se à camaradagem. As coisas tinham parecido relativamente

normais.

É neste momento que a sua garganta fica seca, quando pensa numa coisa: e se as pistas estivessem todas lá e ele não tivesse prestado atenção? Ou pior, e se não as tivesse visto porque não as queria ver?

A sua mente voou para a suástica pintada de fresco com que se deparara no muro do Jardin Goudouli, em Toulouse. Para o dia em que ouvira os seus patrões, na empresa de engenharia, a sussurrarem sobre se o deveriam considerar um risco – achavam que ele não os conseguia ouvir. Para as lojas encerradas por toda a cidade de Paris. Para as fotografias nos jornais franceses do rescaldo da *Kristallnacht* de novembro: montras partidas, sinagogas arrasadas pelas chamas, milhares de judeus a fugir da Alemanha, empurrando em carrinhos-de-mão candeeiros de mesa de cabeceira, batatas e idosos.

Os sinais estavam lá, claro. Mas Addy tinha-os menosprezado, ignorado. Dissera a si mesmo que não havia nada de errado com um pequeno *graffiti*; que, se perdesse o emprego, encontraria outro; que os acontecimentos que se desenrolavam na Alemanha, ainda que perturbadores, ocorriam para lá da fronteira e ficariam contidos. Agora, contudo, com a carta da mãe na mão, vê com alarmante clareza os avisos que escolhera ignorar.

Addy abre os olhos, subitamente nauseado por uma ideia solitária: *Devias ter regressado a casa há vários meses.*

Dobra a carta, guarda-a no envelope e volta a deslizá-lo para o bolso do casaco. Irá escrever à mãe, resolve. Mal chegue ao apartamento em Toulouse. Dir-lhe-á que não se preocupe, que irá regressar a Radom como planeado, que agora, mais do que nunca, quer estar com a família. Dir-lhe-á que a nova composição está a correr bem e que mal pode esperar por lha tocar. Este pensamento traz consigo um ligeiro conforto: imagina-se sentado em frente às teclas do *Steinway* dos pais, a família reunida à sua volta.

Addy deixa que o seu olhar caia uma vez mais na plácida paisagem rural. Amanhã, decide, irá comprar um bilhete de comboio, preparar os documentos necessários à viagem, arrumar as malas. Não vai esperar pelo Pessach. O patrão ficará irritado com ele, por partir mais cedo do que o esperado, mas Addy não se importa. Tudo o que importa é que, dentro de poucos dias, estará a caminho de casa.

15 DE MARÇO DE 1939: *Um ano depois da anexação da Áustria, a Alemanha invade a Checoslováquia. Deparando-se com pouca resistência, Hitler estabelece o Protetorado da Boémia e Morávia, a partir de Praga, no dia seguinte. Com esta ocupação, o Reich ganha não só território, como uma força de trabalho qualificada e um enorme poder de fogo, graças aos fabricantes de armamento da região – o suficiente para armar quase metade da Wehrmacht na altura.*

CAPÍTULO DOIS

Genek

Radom, Polónia ~ 18 de março de 1939

Genek ergue o queixo e uma pluma de fumo serpenteia dos seus lábios, em direção ao teto de azulejos cinzentos do bar.

– Última mão – declara.

Do outro lado da mesa, Rafal fita-o.

– Tão cedo? – Dá uma passa do seu próprio cigarro. – A tua esposa prometeu-te algo especial se chegasses a casa a horas decentes? – Rafal pisca o olho, exalando. Herta tinha-se juntado ao grupo para jantar, mas partira cedo.

Genek ri. Ele e Rafal eram amigos desde a escola primária, quando passavam grande parte do tempo debruçados sobre as bandejas do almoço a debaterem que colegas de turma deveriam convidar para o baile *studniówka* de fim de ano, ou quem preferiam ver despida, Evelyn Brent ou Renée Adorée. Rafal sabe que Herta não é como as raparigas com quem Genek costumava namorar, mas gosta de se meter com ele, quando Herta não está por perto. Genek não o pode culpar. Até ter conhecido Herta, as mulheres eram a sua fraqueza (as cartas e os cigarros, também, para ser sincero). Com os seus olhos azuis, uma covinha em cada bochecha, e um irresistível charme Hollywoodesco, tinha passado grande parte da vigésima década da sua vida a deliciar-se com o papel de um dos solteirões mais desejados de Radom. Por essa altura, ainda não se importava com

a atenção. Mas depois apareceu Herta e tudo isso mudou. Agora é diferente. *Ela* é diferente.

Por baixo da mesa, algo toca na perna de Genek. Ele olha de relance para a jovem mulher sentada ao seu lado. «Quem me dera que pudesses ficar», diz ela, os olhos captando os dele. Genek conhecera-a naquela noite – Klara. Não, Kara. Não se consegue lembrar. É amiga da mulher de Rafal, de visita de Lublin. Revira os cantos da boca num sorriso tímido, a biqueira dos sapatos bicolores ainda encostada à perna dele.

Na sua vida anterior, talvez tivesse ficado. Mas Genek já não nutria qualquer interesse por aventuras. Sorri à rapariga, sentindo alguma pena dela.

– Para dizer a verdade, acho que estou fora – diz, pousando as cartas na mesa. Apaga o *Murad*, deixando a beata protuberante como um dente torto no cinzeiro cheio, e levanta-se. – Cavalheiros, minhas senhoras: é sempre um prazer. Vemo-nos por aí. Ivona – acrescenta, dirigindo-se à esposa de Rafal e acenando com a cabeça para a amiga desta: – cabe-te a ti mantê-la longe de problemas. – Ivona ri. Rafal pisca o olho. Genek saúda os amigos batendo continência com dois dedos e dirige-se à porta.

A noite de março está inusitadamente fria. Enterra as mãos nos bolsos do casaco e parte a passo apressado em direção à Rua Zielona, deliciando-se com a perspetiva de regressar a casa, para a mulher que ama. De alguma maneira, soube que Herta era a mulher para si, mal a viu pela primeira vez, há dois anos. O fim de semana ainda arde vivo na sua memória. Estavam a esquiar em Zakopane, uma estância aconchegada entre os picos das montanhas Tatra, na Polónia. Ele tinha vinte e nove, Herta, vinte e cinco. Por mero acaso do destino, partilharam uma cadeira do teleférico, e, na viagem de dez minutos até ao cume, Genek apaixonara-se por ela. Pelos seus lábios, para começar, porque eram cheios e em forma de coração, e por tudo o que conseguia ver por trás da lã branco-creme do gorro e do cachecol. Mas havia também o sotaque alemão, que o obrigava a ouvi-la de uma maneira a que não estava habituado, e o sorriso, tão desinibido, e a maneira como, a meio caminho do cimo das montanhas, ela inclinou a cabeça para trás e disse: «Não adoras o cheiro a pinho no inverno?» Ele rira, pensando por um momento que ela estava a brincar, antes de ter percebido que não estava; a sua sinceridade era um traço que viria a admirar,

juntamente com o seu amor imperturbável pelo ar livre e a sua propensão para descobrir a beleza nas coisas mais simples. Seguira-a encosta abaixo, tentando não pensar demasiado no facto de ela ser duas vezes melhor esquiadora do que ele alguma vez seria, depois deslizou para junto dela, na fila para o teleférico e convidou-a para jantar. Quando ela hesitou, ele sorriu e disse-lhe que já reservara um trenó puxado a cavalo. Ela riu e, para encanto de Genek, concordou com o encontro. Seis meses depois, Genek declarou-se.

No interior do apartamento, Genek sente-se satisfeito ao ver um brilho que emana por baixo da porta do quarto. Descobre Herta na cama, com a sua coleção preferida de poemas de Rilke apoiada nos joelhos. Ela é originalmente de Bielsko, uma cidade na Polónia ocidental, onde a maior parte da população fala alemão. Quando conversa com alguém, já raramente usa a língua com a qual cresceu, mas gosta de ler na sua língua materna, em especial a poesia. Não repara que já não se encontra sozinha no quarto.

– Deve ser um poema bastante envolvente – brinca Genek.

– Oh! – diz Herta, erguendo os olhos. – Não te ouvi entrar.

– Temia que estivesses a dormir – Genek sorri. Despe o casaco e atira-o para as costas de uma cadeira, soprando para as mãos para as aquecer. Herta sorri e pousa o livro no peito, usando um dedo para marcar a página.

– Estás em casa bem mais cedo do que devias. Perdeste o dinheiro todo à mesa? Correram contigo?

Genek tira os sapatos e o casaco, desabotoa os punhos da camisa.

– Na verdade, estava a ganhar. Foi uma noite boa. Mas aborrecida sem ti. – Contra os lençóis brancos, na sua camisa de dormir amarelo-claro, os olhos encovados e os lábios perfeitos e o cabelo castanho que lhe cai em ondas sobre os ombros, Herta parece saída de um sonho e, uma vez mais, Genek pensa na sorte imensa que foi encontrá-la. Despe-se até ficar apenas com a roupa interior e enfia-se na cama ao lado dela. – Senti a tua falta – diz, apoiando-se no cotovelo e beijando-a.

Herta desliza a língua pelos lábios.

– A tua última bebida, deixa-me adivinhar: Bichat.

Genek acena com a cabeça, ri-se. Volta a beijá-la, a sua língua encontrando a

dela.

– Querido, devíamos ter cuidado – sussurra Herta, afastando-se.

– Não temos sempre cuidado?

– É que... estamos naquela altura.

– Oh – diz Genek, saboreando o calor dela, o doce resíduo floral do champô no seu cabelo.

– Seria uma tolice permitir que acontecesse agora – acrescenta Herta –, não achas?

Horas antes, durante o jantar, haviam falado com os amigos acerca da ameaça da guerra, do quão facilmente a Áustria e a Checoslováquia tinham caído nas mãos do Reich, e de como as coisas estavam a mudar em Radom. Genek queixara-se, revoltado, da sua despromoção para assistente no escritório de advogados e ameaçara mudar-se para França. «Pelo menos lá», espumara, «podia usar a minha licenciatura.»

«Não tenho a certeza de que ficasses muito melhor em França», dissera Ivona. O *führer* já não limita os seus alvos aos territórios onde se fala alemão. E se isto for apenas o início? E se a Polónia vier a seguir?» A mesa silenciara-se durante um instante, antes de Rafal ter quebrado o silêncio. «Impossível», declarou, com um abanar de cabeça desdenhoso. «Pode tentar, mas será impedido.»

Genek concordara. «O exército polaco jamais permitirá que isso aconteça», disse. Recorda agora que foi durante aquela conversa que Herta se levantou e despediu.

A esposa tem razão, claro. Precisam de ter cuidado. Trazer uma criança para um mundo que começa a parecer estar tão perturbadoramente à beira do colapso seria imprudente e irresponsável. Mas, deitado tão perto, Genek não consegue pensar senão na pele dela, na curva da anca contra a sua. As palavras dela, como as bolhas minúsculas no seu último *flute* de champanhe, erguem-se da boca dela, dissolvendo-se algures no fundo da garganta dele.

Genek beija-a uma terceira vez, e, ao fazê-lo, Herta fecha os olhos. *É algo que diz com meia convicção,* pensa. Estende-se por cima dela para apagar a luz, sentindo-a suavizar-se por baixo dele. O quarto fica escuro e ele desliza a mão

por baixo da camisa de dormir dela.

– Fria! – guincha Herta.

– Lamento – sussurra ele.

– Não, não lamentas. Genek...

Ele beija-lhe as maçãs do rosto, o lóbulo da orelha.

– A guerra, a guerra, a guerra. Estou farto dela e ainda nem sequer começou. – Ele faz marchar os dedos das costelas dela até à linha da cintura.

Herta suspira, depois ri.

– Olha uma ideia – acrescenta Genek, os olhos abrindo-se muito, como se tivesse acabado de ter uma revelação. – E se não *houver* guerra? Ele abana a cabeça, incrédulo. – Ter-nos-emos privado para *nada*. E Hitler, esse sacaninha, terá vencido. – Mostra-lhe um sorriso.

Herta desliza um dedo pela covinha no rosto dele.

– Estas covinhas são a minha morte – diz, abanando a cabeça. Genek sorri ainda mais, e Herta acena. – Tens razão – concorda. – Seria trágico. – O livro dela cai ao chão com um baque, ao mesmo tempo que ela rebola para o lado para olhar para ele. – *Bumsen der krieg*.

Genek não consegue evitar uma gargalhada.

– Concordo. *Que se lixe a guerra* – diz, tapando a cabeça de ambos com o cobertor.

CAPÍTULO TRÊS

Nechuma

Radom, Polónia ~ 4 de abril de 1939 – Pessach

Nechuma pusera a mesa com o serviço de porcelana e com os talheres mais finos, deixando cada lugar perfeito sobre a toalha de renda branca. Sol está sentado à cabeceira, o seu Hagadá de cabedal gasto numa mão, uma taça *kidush* de prata polida na outra. Tosse, para limpar a garganta.

– Hoje... – começa, direcionando o olhar para os rostos familiares em redor da mesa. – Honramos o que é mais importante: a nossa família e a nossa tradição. – Os seus olhos, normalmente envoltos em rugas causadas por um sorriso omnipresente, estão sérios, a sua voz é a de um sóbrio barítono. – Hoje – continua –, celebramos o Festival do Matzá, o momento da nossa libertação. – Olha de relance para o texto. – Ámen.

– Ámen – ecoam os outros, bebendo um gole de vinho. É passada uma garrafa por todos e os copos voltam a encher-se.

Quando Nechuma se levanta para acender as velas, a casa está submersa em silêncio. Avançando até ao centro da mesa, acende um fósforo e envolve-o com a mão em concha, levando-o rapidamente a cada pavio, na esperança de que os outros não se apercebam de que a chama lhe estremece entre os dedos. Quando as velas se acendem, ela traça três círculos com uma mão sobre elas e depois protege os olhos, ao mesmo tempo que recita a bênção de abertura. Assumindo o

seu lugar na ponta da mesa oposta à do marido, cruza as mãos sobre o colo e os seus olhos encontram-se com os de Sol. Ela acena com a cabeça, fazendo-lhe sinal para que continue.

Quando a voz de Sol volta a encher a sala, o olhar de Nechuma desliza para a cadeira deixada vazia para Addy, e o seu peito fica pesado com uma dor familiar. A sua ausência consome-a.

A carta de Addy chegara há uma semana. Nela, agradecia a Nechuma pela sua candura e pedia-lhe que não se preocupasse. Regressaria a casa mal conseguisse reunir os documentos necessários à viagem. Esta notícia trouxe-lhe algum alívio, mas também preocupação. Não tinha maior desejo do que ter o filho em casa pelo Pessach, com exceção, claro, de o saber em segurança em França. Tentara ser honesta, esperar que ele compreendesse que Radom era agora um local sombrio, que viajar pelas regiões ocupadas pela Alemanha não valia o risco, mas talvez se tivesse contido demasiado. Afinal de contas, os Kosmans não foram os únicos a fugir. Havia mais meia dúzia de outros. Não lhe falara dos clientes polacos que tinham perdido, recentemente, na loja, nem da rixa sangrenta que estalara na semana anterior entre duas equipas de futebol de Radom– uma polaca e a outra judia – e como os jovens de cada equipa ainda andavam de um lado para o outro, com os lábios trilhados e os olhos negros, lançando uns aos outros olhares carregados. Deixara tudo isso por dizer, para o poupar à dor e à preocupação, mas, ao fazê-lo, tê-lo-ia exposto a um perigo maior?

Nechuma respondera à carta, implorando a Addy que tivesse cuidado durante a viagem, e depois presumira que ele vinha a caminho. Desde então, saltava quando ouvia o som de passos no *hall* da entrada, o coração a bater veloz ao pensar que o poderia encontrar à porta, um sorriso rasgado no rosto elegante, a mala de viagem na mão. Mas os passos nunca eram dele. Addy não viera.

«Talvez tenha ficado a resolver algum problema na empresa», opinara Jakob no início da semana, sentindo a sua preocupação crescente. «Não estou a ver que o patrão o deixasse partir sem algumas semanas de aviso.»

Mas tudo aquilo em que Nechuma consegue pensar é: *E se ele ficou retido na fronteira? Ou pior?* Para chegar a Radom, teria de viajar para norte através da Alemanha ou para sul através da Áustria e da Checoslováquia, duas regiões do

domínio nazi. Imaginar que o filho pudesse ter caído nas mãos dos alemães – um destino que poderia ter sido evitado pela transparência das palavras dela se lhe tivesse pedido que permanecesse em França – mantinha-a acordada de noite, há vários dias.

Enquanto as lágrimas lhe ardiam nos olhos, os pensamentos de Nechuma recuaram no tempo até um outro dia de abril, durante a Grande Guerra, há um quarto de século, quando ela e Sol foram obrigados a passar o Pessach amontoados na cave de um edifício. Haviam sido despejados do seu apartamento e, como tantos dos amigos na altura, não tinham para onde ir. Lembrava-se do fedor sufocante dos dejetos humanos, o ar carregado com os gemidos incessantes dos estômagos vazios, o trovejar dos canhões distantes, o raspar rítmico da lâmina de Sol contra a madeira, enquanto ele talhava um tronco de madeira velha com a faca de aparar, esculpindo figuras para as crianças brincarem e tirando as farpas dos dedos. O feriado passara sem que dessem por ele, sem que lhe dedicassem o Seder tradicional. Tinham, nem sabe como, vivido três anos naquela cave, as crianças sobrevivendo com o seu leite, enquanto os oficiais húngaros ocupavam o apartamento que fora seu, por cima.

Nechuma olha por cima da mesa para Sol. Aqueles três anos, que quase a haviam quebrado, parecem agora longínquos, quase como se tivessem acontecido a outra pessoa. O marido nunca fala desse período; os filhos, felizmente, não se recordam bem da experiência. Desde então houve vários *pogrons* – haverá sempre *pogrons* –, mas Nechuma recusa-se a contemplar o regresso a uma vida escondida, sem a luz do sol, sem a chuva, sem a música e a arte e o debate filosófico, as simples riquezas inspiradoras que passara a apreciar. Não, não voltaria para o subsolo como uma qualquer criatura feroz; nunca mais iria viver assim.

Não podia, de modo algum, chegar a tanto.

Sente a mente viajar de novo, para a sua própria infância, o som da voz da mãe a contar-lhe como era comum, quando estava a crescer em Radom, que os rapazinhos polacos lançassem pedras à sua cabeça coberta por um lenço no parque, como irromperam motins por toda a cidade, quando foi construída a primeira sinagoga. A mãe de Nechuma encolhera os ombros. «Aprendemos a manter as cabeças baixas e as crianças por perto.» E, de facto, os ataques, os

pogrons, passaram. A vida continuou, como antes. Como continua sempre.

Nechuma sabe que a ameaça alemã, como as que a antecederam, também irá passar. E, de qualquer maneira, a sua situação é agora muito diferente do que fora durante a Grande Guerra. Ela e Sol trabalharam incansavelmente para ganharem a vida, para se estabelecerem entre os profissionais de topo da cidade. Falam polaco, mesmo em casa, ao passo que muitos judeus da cidade conversam apenas em ídiche e, em vez de viverem no centro histórico, como muitos dos judeus menos afluentes de Radom, são proprietários de um majestoso apartamento no centro da cidade, com cozinheira e empregada e os luxos da canalização interior, uma casa de banho que importaram de Berlim, um frigorífico e – o seu bem mais valioso – um pequeno piano de cauda *Steinway.* A loja de tecidos prospera; Nechuma tem o cuidado de, nas suas viagens, adquirir os têxteis de melhor qualidade, e os seus clientes, tanto polacos quanto judeus, viajam de regiões tão distantes quanto Cracóvia para adquirirem roupas de mulher e sedas. Quando os filhos tiveram idade para ir para a escola, Sol e Nechuma enviaram-nos para colégios privados de elite, onde, graças às suas camisas feitas por medida e ao polaco impecável, se enquadraram perfeitamente entre a maioria dos alunos, que eram católicos. Para além de lhes garantir a melhor educação possível, Sol e Nechuma esperavam dar aos filhos uma oportunidade para contornar as sugestões de antissemitismo que haviam definido a vida em Radom desde que se conseguiam lembrar. Embora a família estivesse orgulhosamente enraizada nas suas tradições judaicas e fizesse parte integrante da comunidade judaica, para os filhos, Nechuma escolheu um caminho que esperava poder conduzi-los em direção às oportunidades – e para longe das perseguições. É um caminho que continua a defender, mesmo quando, ocasionalmente, na sinagoga ou enquanto faz compras numa das padarias judaicas no centro histórico, apanha um dos judeus mais ortodoxos de Radom a olhar de relance para ela com uma expressão desaprovadora – como se a sua decisão de se misturar com os polacos tivesse de algum modo diminuído a sua fé enquanto judia. Recusa-se a ser incomodada por estes encontros. Conhece a sua fé – e, além disso, para si, a religião, é um assunto privado.

A exercer pressão sobre as omoplatas, fazendo-a curvar as costas, sente um peso no peito. Não é comum sentir-se tão inundada com preocupação, tão distraída. *Recompõe-te*, censura-se. *A família vai ficar bem*. *Têm boas*

poupanças. Têm ligações. Addy vai aparecer. O correio não tem sido de fiar; o mais provável é que acabe por chegar uma carta a explicar a sua ausência. Vai ficar tudo bem.

Enquanto Sol recita a bênção das *karpas,* Nechuma mergulha um raminho de salsa numa tigela de água salgada e a mão toca ao de leve na de Jakob. Ela suspira, sentindo a tensão a começar a dissipar-se no seu rosto. Doce Jakob. Cruza o olhar com o dele e sorri, sentindo o peito encher-se de gratidão pelo facto de ainda viverem debaixo do mesmo teto. Ela adora a sua companhia, a sua calma. O facto de ser tão diferente dos outros. Ao contrário dos irmãos, que entraram no mundo de rosto vermelho e a chorar, Jakob nasceu tão branco quanto os lençóis da cama do hospital e silencioso, como se imitasse os flocos de neve gigantes que caíam pacificamente do lado de fora da janela, naquela invernosa manhã de fevereiro, vinte e três anos antes. Nechuma nunca esqueceria os momentos de aflição que antecederam o seu choro – tinha a certeza, naquela altura, de que não chegaria ao fim do dia –, ou como, quando o tomou nos braços e o olhou nos olhos escuros como tinta e viu que estes a fitavam, a pele por cima da testa engelhada numa pequena ruga, como se estivesse mergulhado em pensamentos. Foi então que compreendeu quem ele era. Silencioso, mas astuto. Como os irmãos e as irmãs nascidos antes dele, uma versão minúscula da pessoa em quem se transformaria.

Observa, enquanto Jakob se inclina para sussurrar qualquer coisa ao ouvido de Bella. Esta leva um guardanapo aos lábios, refreando um sorriso. No seu colarinho, um alfinete reflete a luz das velas – tem a forma de uma rosa dourada com uma pérola de marfim no centro, um presente de Jakob. Este oferecera-lho alguns meses depois de se terem conhecido no *gymnasium*. Ele tinha então quinze anos, ela tinha catorze. Nessa altura, tudo o que Nechuma sabia de Bella era que levava os estudos a sério, que provinha de uma família de meios modestos (de acordo com Jakob, o pai, um dentista, ainda estava a braços com os empréstimos que pedira para pagar a educação da filha), e que costurava grande parte das suas próprias roupas, uma revelação que impressionou Nechuma e a levou a perguntar-se quais das blusas mais belas de Bella tinham sido compradas nas lojas e quais haviam sido feitas à mão. Foi pouco depois de Jakob ter oferecido a Bella aquela rosa dourada que a reconhecera como sua alma gémea.

«Jakob, querido, tens *quinze* anos... e acabaram de se conhecer!», exclamara Nechuma. Mas Jakob não era dado a exageros, e ali estavam eles, oito anos depois, inseparáveis. É só uma questão de tempo antes que se casem, calcula Nechuma. Talvez Jakob faça o pedido quando as conversas acerca da guerra se dissiparem. Ou talvez esteja à espera de poupar o suficiente para poderem comprar a sua própria casa. Bella também vive com os pais – alguns quarteirões a oeste na alameda Witolda. Seja qual for o caso, Nechuma não tem dúvida alguma de que ele tem um plano.

À cabeceira da mesa, Sol parte, cuidadosamente, um pedaço de *matzá* em dois. Pousa metade do *matzá* num prato e envolve o outro num guardanapo. Quando os filhos eram mais novos, Sol passava semanas a pensar no esconderijo perfeito para o *matzá*, e quando chegava o momento, na cerimónia para revelar o *afikoman* escondido, os filhos corriam em todas as direções, como ratinhos, à sua procura. Quem tivesse a sorte de o encontrar negociava implacavelmente até se afastar com um sorriso orgulhoso e zlotys suficientes na palma da mão para comprar uma saqueta de *krówki* de *fudge* na loja de doces de Pomanowski. Sol era um homem de negócios e fazia-se difícil – chamavam-lhe o Rei Negociador –, mas os filhos sabiam bem que, lá no fundo, era tão suave como um monte de manteiga acabada de bater, e que, com paciência e charme suficientes, seriam capazes de o privar de todos os zlotys que tinha no bolso. Claro que já não escondia o *matzá* há anos; os filhos, então adolescentes, tinham acabado por boicotar o ritual – «Somos um bocadinho crescidos para isso, não achas, pai?», disseram – mas Nechuma sabe que, mal a neta Felicia aprenda a andar, irá retomar a tradição.

É a vez de Adam ler em voz alta. Ergue o Hagadá e espreita para ele através dos óculos de aros grossos. Com o nariz estreito, as maçãs do rosto altas e a fiadas, e a pele impecável realçada pela lu z das velas, parece quase real. Adam Eichnwald chegara a casa dos Kurc vários meses antes, quando Nechuma colocou um letreiro ALUGA-SE QUARTO na janela da loja de tecidos. O tio falecera recentemente, deixando a família com um quarto vazio, e a sua casa, mesmo com a presença de dois dos seus filhos, começara a parecer-lhe vazia. Não havia nada que Nechuma gostasse mais do que de uma mesa de jantar repleta. Quando Adam entrou na loja para perguntar pelo quarto, ela ficou encantada; ofereceu-lho de imediato.

«Que jovem de aspeto elegante!», exclamara Terza, a irmã de Sol, depois de este ter partido. «Tem trinta e dois? Parece uma década mais novo.»

«É judeu *e* é inteligente», acrescentou Nechuma. *Que sorte!*, tinham sussurrado as duas mulheres acerca do rapaz – um licenciado em arquitetura na Universidade Nacional Politécnica em Lvov – de deixar o número 14 da rua Warszawska por casar? E de facto, poucas semanas depois, Adam e Halina eram inseparáveis.

Halina. Nechuma suspira. Nascida com uma inexplicável cabeleira loura e olhos verdes incandescentes, Halina é a mais jovem e mais pequena dos seus filhos. Porém, o que lhe falta em estatura, compensa em personalidade. Nechuma nunca conheceu criança tão obstinada, tão capaz de usar a sua lábia para entrar (e sair) de quase todas as situações. Lembra-se de uma vez em que, com quinze anos, Halina utilizou o seu charme para convencer o professor a não lhe marcar falta quando descobriu que não aparecera para assistir à matiné de *Ladrão de Alcova* no dia de estreia, e da vez em que, com dezasseis, convenceu Addy a apanhar, à última hora, um comboio noturno para Praga com ela, para que pudesse acordar na Cidade das Cem Cúpulas no aniversário que partilhavam. Adam, abençoado seja, está claramente encantado com ela. Felizmente, não se mostrou senão respeitoso na presença de Sol e Nechuma.

Quando Adam termina a sua leitura, Sol profere uma oração sobre o *matzá* restante, parte um pedaço e passa o prato. Nechuma escuta enquanto o som suave do estalar de pão sem fermento percorre a mesa. «*Baruch a-tah A-do-nai*», canta Sol, mas para de repente quando é interrompido por um grito agudo. Felicia. Corando, Mila desculpa-se e deixa o seu lugar para tirar o bebé da alcofa no canto da sala. Movendo-se sem sair do mesmo sítio, vai dizendo *chiu* ao ouvido de Felicia para a acalmar. Quando Sol recomeça, Felicia contorce-se por baixo das dobras dos seus cueiros, o rosto contorcendo-se e enrubescendo. Quando grita uma segunda vez, Mila desculpa-se, correndo pelo corredor para o quarto de Halina. Nechuma segue-a.

– O que se passa, meu amor? – sussurra Mila, deslizando o dedo pela gengiva superior de Felicia, como já viu Nechuma fazer, tentando acalmá-la. Felicia vira a cabeça, arqueia as costas, chora ainda mais.

– Achas que tem fome? – pergunta Nechuma.

– Dei-lhe de comer há pouco. Acho que só está cansada.

– Anda cá – diz Nechuma, tirando a neta dos braços de Mila. Os olhos de Felicia estão fechados com força, as suas mãos são punhos cerrado. Os seus balidos ocorrem em curtas explosões agudas.

Mila senta-se pesadamente aos pés da cama de Halina.

– Desculpa – pede, tentando não gritar por cima dos gritos de Felicia. – Odeio que estejamos a fazer tanta confusão. – Esfrega os olhos com as mãos. – Quase nem me consigo ouvir a *pensar*.

– Ninguém quer saber – diz Nechuma, segurando Felicia perto do peito, embalando-a suavemente. Ao fim de alguns minutos, os gritos dão lugar a gemidos e depressa se aquieta, ficando com uma expressão pacífica. *É hipnotizante, a alegria de segurar um bebé nos braços*, pensa Nechuma, inspirando o doce perfume amendoado de Felicia.

– Fui tão tola em pensar que isto seria fácil – diz Mila. Quando levanta a cabeça, os seus olhos estão raiados de sangue, a pele por baixo deles de um roxo translúcido, como se a falta de sono tivesse deixado marca. Está a tentar, Nechuma consegue vê-lo. Mas é difícil ser mãe. A transição deixou-a abalada.

Nechuma abana a cabeça.

– Não sejas tão dura contigo, Mila. Não é como pensavas que seria, mas isso já era de esperar. Com as crianças nunca é como se pensa que será. – Mila olha para as mãos e Nechuma recorda como, quando era mais nova, tudo aquilo que a filha mais velha queria era ser mãe, como cuidava das bonecas, embalando-as nos braços, cantando-lhes, fingindo até dar-lhes de mamar; como sentia um enorme orgulho em cuidar dos irmãos mais novos, oferecendo-se para lhes atar os sapatos, envolver com gaze os joelhos ensanguentados, ler antes de deitar. Agora, com um filho seu, Mila sentia-se esmagada por tudo, como se fosse a primeira vez que segurava um bebé nos braços.

– Quem me dera saber o que estou a fazer de errado – confessa Mila.

Nechuma senta-se suavemente ao seu lado, aos pés da cama.

– Estás a sair-te bem, Mila. Já te disse, os bebés são difíceis. Em especial o primeiro. Quase perdi a cabeça quando o Genek nasceu, a tentar perceber o que fazer. Demora algum tempo, é tudo.

– Já lá vão cinco meses.

– Dá-lhe mais alguns.

Mila ficou em silêncio por um momento.

– Obrigada – acaba por sussurrar, olhando para Felicia que dorme pacificamente nos braços de Nechuma. – Sinto-me um fracasso miserável.

– Não és. Estás apenas cansada. Porque não chamas a Estia? Ela já está despachada da cozinha; pode ajudar enquanto terminamos a refeição.

– Isso é boa ideia.

Mila suspira, aliviada. Deixa Felicia com Nechuma enquanto vai em busca da empregada. Quando ela e Nechuma regressam aos seus lugares, Mila olha de relance para Selim.

– Tudo bem? – pergunta ele, movendo os lábios sem emitir qualquer som, e ela acena com a cabeça afirmativamente.

Sol deita uma colher cheia de rábano picante sobre um pedaço de *matzá* e os restantes fazem o mesmo. Depressa, recomeça a cantar. Quando a oração de *korekh* termina, é tempo, por fim, de comer. São passadas travessas, e a sala de jantar enche-se com o burburinho das conversas e o raspar das colheres de prata nas travessas, enquanto os pratos se enchem de arenque salgado, frango assado, *kugel* de batata e *charoset* de batata doce. A família bebe um pouco de vinho e fala baixinho, evitando cuidadosamente o tema da guerra, e perguntando pelo paradeiro de Addy.

Ao ouvir o nome de Addy, a dor regressa, sorrateira, ao peito de Nechuma, trazendo consigo uma orquestra de preocupações. Foi detido. Encarcerado. Deportado. Está ferido. Assustado. Não tem como contactá-la. Olha de novo para o lugar vazio do filho. *Onde estás, Addy?* Morde o lábio. *Não*, censura-se, mas é demasiado tarde. Tem bebido o vinho demasiado depressa e perdeu o controlo. A garganta fecha-se e a mesa derrete-se num borrão branco. As lágrimas estão prontas para correr, quando sente uma mão por cima da sua, por baixo da mesa. A mão de Jakob.

– É o rábano picante – sussurra, acenando com a mão livre em frente ao rosto, pestanejando. – Apanha-me sempre. – Limpa discretamente os cantos dos olhos com o guardanapo. Jakob aquiesce com um aceno de cabeça,

cumplicemente, e aperta com os seus dedos os dela.

Meses mais tarde, num mundo diferente, Nechuma recordará aquela noite, o último Pessach que passariam quase todos juntos, e desejaria, com todas as fibras do seu ser, revivê-la. Recordará o cheiro familiar do *gefilte*, o tilintar da prata na porcelana, o sabor da salsa, salgada e amarga na sua língua. Ansiará pelo toque da suave pele do bebé de Felicia, pelo peso da mão de Jakob sobre a sua, por baixo da mesa, pelo calor induzido pelo vinho no fundo da barriga que lhe implorava que acreditasse que, no final, tudo poderia correr bem. Recordará como Halina parecia feliz ao piano depois da refeição, como todos dançaram, como falaram de Addy, garantindo uns aos outros que este regressaria a casa em breve. Recordará tudo, uma e outra vez, cada belo momento e saboreá-lo-á, como as derradeiras e perfeitas pérolas *klapsa* da estação.

23 DE AGOSTO DE 1939: *A Alemanha Nazi e a União Soviética assinam o pacto de não-agressão Molotov-Ribbentrop, um acordo secreto que delimita fronteiras específicas para a futura divisão de grande parte da Europa do Norte e de Leste entre as potências alemã e soviética.*

1 DE SETEMBRO DE 1939: *A Alemanha invade a Polónia. Dois dias depois, em resposta, a Grã-Bretanha, a França, a Austrália e a Nova Zelândia declaram guerra à Alemanha. Tem início a Segunda Guerra Mundial na Europa.*

CAPÍTULO QUATRO

Bella

Radom, Polónia ~7 de setembro de 1939

Bella senta-se direita, os joelhos puxados ao peito, um lenço apertado numa bola no punho fechado. Consegue vislumbrar a silhueta de cantos quadrados de uma mala de pele junto à porta do quarto. Jakob está empoleirado na beira da cama, aos seus pés, o ar frio da noite agarrado ao *tweed* do seu casaco. Ela pergunta-se se os pais o terão ouvido a subir as escadas para o apartamento no segundo andar, percorrendo em bicos de pés o corredor até ao quarto dela. Dera uma chave do apartamento a Jakob, há muitos anos, para que ele a pudesse visitar quando quisesse, mas nunca tivera a audácia de a visitar àquela hora. Bella enfia os dedos dos pés no espaço entre o colchão e a coxa dele.

– Vão enviar-nos para Lvov, para combater – diz Jakob, sem fôlego. – Se acontecer alguma coisa, encontramo-nos lá. – Bella procura o rosto de Jakob, nas sombras, mas tudo o que consegue ver é a oval da linha do seu maxilar, as córneas indistintas.

– Lvov – suspira ela, acenando com a cabeça. A irmã mais nova de Bella, Anna, e o novo marido desta, Daniel, vivem em Lvov, uma cidade trezentos e cinquenta quilómetros a sudeste de Radom. Anna implorara a Bella para pensar em mudar-se para mais perto dela, mas esta sabia que não conseguia deixar

Jakob. Nos oito anos em que se conheciam, nunca haviam vivido a mais de quatrocentos metros um do outro.

Jakob procura as mãos dela, entrelaçando os dedos de ambos. Leva-os à boca e beija-os. O gesto recorda a Bella o dia em que ele lhe disse pela primeira vez que a amava. Haviam dado as mãos, os dedos entrelaçados, permanecendo sentados de frente um para o outro, com um cobertor aberto sobre a relva no parque Kościuszki. Ela tinha dezasseis anos.

«Tu és a *tal*, linda», dissera Jakob baixinho. As palavras eram tão puras, a expressão do olhar cor de avelã tão genuína, que ela quisera chorar, embora na altura se tivesse perguntado o que poderia um rapaz tão jovem saber acerca do amor. Hoje, aos vinte e dois anos, não há nada de que se sinta mais certa. Jakob é o homem com quem irá passar toda a sua vida. E agora ele tem de deixar Radom, sem ela.

O relógio no canto toca uma badalada solitária e Jakob estremece, como se tivesse sido picado por vespas invisíveis.

– Como... como irás até lá? – A sua voz é suave. Teme que, se a erguer, esta se parta e o soluço que se demora no fundo da garganta escape.

– Recebemos ordens para nos apresentarmos na estação dos caminhos-de-ferro à uma e um quarto – diz Jakob, olhando de relance para a porta, deixando que as suas mãos deslizem das dela. Cobre os joelhos de Bella com as palmas das mãos. O toque é frio através do algodão da camisa de dormir. – Tenho de ir. – Ele apoia o peito nas canelas dela, encosta a sua testa à de Bella. – Amo-te – sussurra, as pontas dos narizes de ambos a tocar-se. – Mais do que tudo. – Ela fecha os olhos quando ele a beija. O beijo termina demasiado depressa. Quando abre os olhos, Jakob desapareceu, e sente o rosto molhado.

Bella desce da cama e dirige-se à janela, as tábuas de madeira frias e macias sob os pés descalços. Afastando ligeiramente o cortinado, fita a alameda Witolda dois andares mais abaixo, procurando sinais de vida – o tremeluzir de uma lanterna, qualquer coisa –, mas a cidade está apagada há semanas; até os candeeiros de rua se extinguiram. Não consegue ver nada. É como se estivesse a fitar um abismo. Abre ligeiramente a janela, procurando ouvir passos, o gemido distante de um bombardeiro alemão em voo picado. Mas a rua, como o céu por cima dela, está vazia, o silêncio, pesado.

Aconteceu tanto numa semana. Fora apenas há seis dias, no primeiro de setembro, que os alemães invadiram a Polónia. No dia seguinte, antes da madrugada, começaram a cair bombas nos arredores de Radom. A pista improvisada fora destruída, bem como dezenas de fábricas de curtumes e sapatos. O pai entaipara as janelas e refugiaram-se na cave. Quando as explosões cessaram, os habitantes de Radom escavaram trincheiras – polacos e judeus, lado a lado – num derradeiro esforço para defender a cidade. Mas de nada ser viu. Bella e os pais viram-se obrigados a regressar ao esconderijo quando foram largadas mais bombas, desta feita em plena luz do dia, por Stukas e Heinkels que voavam baixo, acima de tudo sobre o centro histórico, a cerca de cinquenta metros do apartamento de Bella. O ataque aéreo continuou durante vários dias, até a cidade de Kielce, quarenta e seis quilómetros a sudoeste de Radom, ter sido capturada. E foi então que se espalharam rumores de que a *Wehrmacht*, um dos ramos das forças armadas do Terceiro Reich, estava prestes a chegar – e quando os rádios começaram a gritar nas esquinas das ruas, ordenando aos jovens e a todos os que estivessem aptos para se alistarem. Os homens deixaram Radom aos milhares, dirigindo-se para leste, numa corrida para se juntarem ao exército polaco, os corações repletos de patriotismo e incerteza.

Bella imagina Jakob, Genek, Selim e Adam a passar pelas lojas de roupa da cidade e pelas suas fundições de ferro, avançando silenciosamente em direção à estação de caminhos-de-ferro, que tinha, de algum modo, sido poupada aos bombardeamentos, alguns parcos pertences enfiados nas suas malas. Uma divisão de Infantaria polaca, dissera Jakob, aguardava em Lvov. Mas seria verdade? Porque teria a Polónia esperado tanto tempo para mobilizar os seus homens? Ainda só se passou uma semana desde a invasão e os relatos já são desanimadores – o exército de Hitler é demasiado vasto, move-se demasiado depressa, os polacos estão em inferioridade numérica em mais de dois para um. A Grã-Bretanha e a França prometeram ajudar, mas até aqui a Polónia não viu sinal de apoio militar.

Bella sente o estômago às voltas. Aquilo não devia acontecer. Era suposto estar em França por aquela altura. Era esse o seu plano – mudarem-se quando Jakob terminasse a Faculdade de Direito. Encontraria lugar num escritório de Paris, ou Toulouse, perto de Addy; arranjaria um *part-time* como fotógrafo, tal como o irmão compunha músicas nas suas horas vagas. Ela e Jakob tinham

ficado encantados com as histórias que Addy contava de França e das suas liberdades. Ali, casar-se-iam e começariam uma família. Se, ao menos, tivessem tido a previdência de partir antes de as viagens para França se tornarem demasiado perigosas, antes de a ideia de deixarem as famílias para trás ser demasiado inquietante. Bella tenta imaginar Jakob com os dedos a envolver a coronha de madeira de uma espingarda de assalto. Seria ele capaz de disparar sobre um homem? Impossível, percebe ela. Ele é o *Jakob*. Não foi feito para a guerra; não há, no seu corpo, uma gota de sangue hostil. O único gatilho que devia carregar é no da câmara fotográfica.

Ela desliza a janela, fechando-a suavemente. *Permiti que os rapazes cheguem se segurança a Lvov,* reza, uma e outra vez, fitando a escuridão aveludada lá em baixo.

Passaram-se três semanas. Bella está deitada num estreito banco de madeira que corre ao longo do comprimento de uma carroça puxada por cavalos, exausta, mas incapaz de dormir. *Que horas são?* É o início da tarde, calcula ela. Por baixo da cobertura de lona da carroça não há luz suficiente para ver os ponteiros do relógio. Mesmo no exterior é quase impossível percebê-lo. Quando a chuva acalma, o céu, carregado de nuvens, permanece sob um manto de um cinzento metálico. Como consegue o condutor aguentar-se lá à frente, exposto aos elementos durante tantas horas, Bella não faz ideia. No dia anterior chovera tanto e com tanta intensidade que a estrada dera lugar a um rio de lama, e os cavalos tiveram de se esforçar para manter o equilíbrio. Por duas vezes, a carroça quase se voltara.

Bella vai contabilizando os dias contando os ovos que restam no cesto das provisões. Começaram a viagem em Radom com uma dúzia e, naquela manhã, chegaram ao último, o que significa que é dia vinte e nove de setembro. Em circunstâncias normais, a viagem de carroça para Lvov demoraria, no máximo, uma semana. Mas com a chuva incessante, o percurso tem sido árduo. No interior da carroça, o ar é húmido e cheira a bolor; Bella habituou-se a sentir a pele pegajosa, as roupas perpetuamente húmidas.

Escutando o ranger da carroça por baixo dela, fecha os olhos e pensa em Jakob, recordando a noite em que ele se fora despedir, o frio das suas mãos sobre

os joelhos dela, o calor da respiração nos dedos quando os beijara.

Foi a 8 de setembro, apenas um dia depois de ele partir para Lvov, que a *Wehrmacht* chegou a Radom. Os alemães enviaram primeiro um avião solitário, e Bella e o pai fitaram-no seguiram-no enquanto voava baixo sobre a cidade, circulando uma vez antes de largar um foguete cor de laranja.

«Que significa isto?», perguntou Bella, enquanto o avião se afastava e, depois, desaparecia na vastidão cinzenta das nuvens baixas e inchadas. O pai manteve o silêncio. «Pai, sou uma mulher adulta. Diz-me», insistira num tom monocórdico.

Henry afastou o olhar. «Significa que estão a chegar», respondeu, e foi nesse momento que ela se apercebeu de algo pela primeira vez: o pai estava assustado. Viu-o na linha tensa em que se tornara a sua boca, na ruga de pele que se formara entre os olhos dele. Uma hora depois, quando a chuva começou a cair, viu da janela filas e filas de tropas a marchar por Radom sem encontrarem oposição. Ouviu-os antes de os ver, os seus tanques, cavalos e motorizadas a roncarem, navegando pela lama, vindos de oeste. Susteve a respiração quando, por fim, entraram no seu campo de visão. Sentiu-se invadir, de imediato, por um medo de olhar, mas também não era capaz de afastar o olhar: os seus olhos colavam-se a eles enquanto rolavam ao longo da alameda Witolda, fixos nos seus uniformes verde-garrafa e óculos salpicados de chuva, tão poderosos, *tão numerosos*. Encheram as ruas vazias da cidade e, ao cair da noite, já haviam ocupado os edifícios governamentais, proclamando a cidade como sua, gritando *Heil Hitler* enquanto içavam as bandeiras com a suástica. Era uma imagem que Bella jamais esqueceria.

Com a cidade oficialmente ocupada, todos sentiram medo, judeus e polacos, mas ficou logo bem claro que os principais alvos dos nazis eram os judeus. Aqueles que se aventuravam a sair arriscavam-se a ser perseguidos, humilhados, espancados. Os habitantes de Radom depressa aprenderam a abandonar a segurança das suas casas apenas para realizar as tarefas mais prementes. Bella saiu apenas uma vez, para ir buscar pão e leite, sendo forçada a fazer um desvio até à mercearia polaca mais próxima quando descobriu que o mercado judaico que costumava frequentar, no centro histórico, fora pilhado e fechado. Manteve-se nas ruas secundárias e avançou com passos rápidos e determinados, mas ao

regressar teve de contornar uma cena que a assombraria durante semanas – um rabino, rodeado por soldados da *Wehrmacht,* os braços presos atrás das costas, os soldados a rirem enquanto o velho se esforçava em vão por se libertar, agitando a cabeça violentamente de um lado para o outro. Só quando passou por ele é que Bella se apercebeu, com u m sobressalto doentio, que a barba do rabino estava em chamas.

Alguns dias depois de os alemães terem tomado Radom, chegou uma carta de Jakob. *Meu amor,* escrevia com uma letra apressada, *vem para Lvov tão depressa quanto possível. Colocaram-nos em apartamentos. O meu é suficientemente grande para dois. Odeio saber-te tão longe. Preciso de ti aqui. Por favor, vem.* Incluíra uma morada e os pais, para sua surpresa, concordaram em deixá-la partir. Sabiam das saudades que Bella tinha de Jakob. E pelo menos em Lvov, argumentaram Henry e Gustava, ela e a irmã Anna podiam cuidar uma da outra. Levando a mão do pai ao rosto em sinal de gratidão, Bella sentiu-se invadida por um enorme alívio. No dia seguinte, levou a carta ao pai de Jakob, Sol. Os pais dela não tinham dinheiro para contratar um motorista. Os Kurc, por outro lado, possuíam os meios e as ligações, e ela tinha a certeza de que estariam dispostos a ajudá-la.

A princípio, contudo, Sol opôs-se à ideia. «Nem pensar. É demasiado perigoso viajar sozinha», disse. «Não posso permiti-lo. Se alguma coisa te acontecesse, Jakob jamais me perdoaria.» Lvov ainda não caíra, mas especulava-se que os alemães tinham cercado a cidade.

«Por favor», implorara Bella. «Não pode ser pior do que aqui. Jakob não me teria pedido para ir se não achasse que era seguro. Preciso de estar com ele. Os meus pais concordaram... Por favor, *pan* Kurc. Proszę.»

Durante três dias, Bella defendeu o seu caso junto de Sol e durante três dias ele recusou. Por fim, ao quarto dia, cedeu.

«Vou contratar uma carroça», disse ele, abanando a cabeça como se estivesse dececionado com a sua própria decisão. «Espero não me vir a arrepender.»

Menos de uma semana depois, estava tudo tratado. Sol encontrara um par de cavalos, uma carroça e um condutor – um velho cavalheiro ágil chamado Tomek, com pernas arqueadas e uma barba encanecida, que trabalhara para ele durante o verão e que conhecia bem o caminho. Era um homem de confiança, afiançara

Sol, e bom com cavalos. Sol prometeu-lhe que, se levasse Bella em segurança até Lvov, podia ficar com os cavalos e a carroça, Tomek estava sem emprego e agarrou a oferta.

«Veste aquilo que queiras levar», dissera Sol. «Dará menos nas vistas.» As viagens civis ainda eram permitidas naquilo que fora outrora a Polónia, mas os nazis emitiam novas restrições a cada dia que passava.

Bella escreveu de imediato a Jakob, contando-lhe os planos, e partiu no dia seguinte, envergando dois pares de meias de vidro, uma saia trompete azul escura até ao joelho (uma das preferidas de Jakob), quatro blusas de algodão, uma camisola de lã, o seu lenço de seda amarelo – um presente de aniversário de Anna –, um casaco de flanela, e a pregadeira de ouro, que pendurou numa corrente em redor do pescoço e escondeu na camisa para que os alemães não o vissem. Enfiou no bolso do casaco um pequeno *kit* de costura, um pente e uma fotografia da família, juntamente com os quarenta zlotys que Sol insistira que ela levasse. Em vez de uma mala, transportava o casaco de inverno de Jakob e um pão rústico sem miolo, no interior do qual escondera a máquina fotográfica Rolleiflex dele.

Já tinham passado por quatro postos de controlo alemães desde que deixara Radom. Em cada um deles, escondeu o pão por baixo do casaco e fingiu estar grávida. «Por favor», implorara, com uma mão pousada na barriga e a outra nas costas, «tenho de chegar ao meu marido em Lvov antes que o bebé nasça.» Até ali, a *Wehrmacht* tivera pena dela e acenara à carroça para que seguisse viagem.

A cabeça de Bella oscila suavemente no banco enquanto avançam para leste. *Onze dias.* Não tinham rádio e, como tal, nada sabiam de notícias, mas já se haviam habituado ao ronco ameaçador dos aviões da *Luftwaffe*, ao estalar distante dos explosivos detonados sobre aquilo que apenas podem presumir ser Lvov. Há alguns dias, parecia que a cidade estava cercada. Ainda mais desconcertante, contudo, foi o silêncio que se seguiu. Teria a cidade caído? Ou teriam os polacos sido capazes de manter os alemães bem longe?

Bella pergunta-se constantemente se Jakob estará seguro. Decerto foi chamado a defender a cidade. Por duas vezes, Tomek perguntou a Bella se queria voltar para trás, tentar a viagem numa data mais tardia. Mas Bella insiste em continuar. Disse a Jakob na sua carta que ia a caminho. Tem de manter a sua

promessa. Desistir agora, apesar da incerteza que a aguarda, fá-la-ia sentir-se uma cobarde.

– Ooa – grita Tomek, e num instante a sua voz é engolida por gritos.

– Alto! Alto *sofort!*

Bella senta-se e desce os pés para o chão. Deslizando o pão para dentro do casaco, afasta a aba de lona da carroça. No exterior, um prado pantanoso fervilha de homens de túnicas verdes cintadas. *Wehrmacht*. Há soldados por todo o lado. Não se trata de um posto de controlo, apercebe-se Bella. Deve ser a frente alemã. Um arrepio avança lentamente pelas suas vértebras, enquanto três soldados de maxilares quadrados com bonés de pala cinzentos e carabinas de coronha de madeira se aproximam. Tudo neles – as suas expressões carregadas, o passo rígido, os uniformes de vincos engomados – é assustador.

Bella sai da carroça e espera, obrigando-se a manter a calma.

O primeiro soldado, agarrando na espingarda, ergue a mão livre e estica a palma na sua direção.

– *Ausweis!* – ordena. Vira a palma da mão para o céu. – *Papiere!*

Bella sente-se gelar. Sabe muito pouco alemão.

– Os seus papéis, Bella – sussurra Tomek.

Um segundo soldado aproxima-se do assento e Tomek entrega-lhe os seus papéis, olhando de relance por cima do ombro para Bella. Ela hesita em entregar a sua identificação, pois a firma com clareza que é uma judia, uma verdade que, provavelmente, lhe provocará mais mal do que bem – mas não tem outra escolha. Entrega o bilhete de identidade esticando o braço e espera, sustendo a respiração enquanto o soldado a analisa. Sem saber para onde olhar, os seus olhos dardejam das insígnias no seu colarinho para os botões pretos que descem ao longo da túnica até às palavras GOTT MIT UNS inscritas na fivela do cinto. Aquelas palavras compreende: DEUS CONNOSCO.

Por fim, o soldado levanta a cabeça, os seus olhos tão cinzentos e implacáveis quanto as nuvens sobre as suas cabeças, e faz um trejeito com os lábios.

– *Keine Zivilisten von diesem Punkt!* – grita, entregando-lhe o cartão. Algo acerca de civis. Tomek enfia os seus próprios papéis no bolso e segura as rédeas.

– Espera – sussurra Bella, com uma mão na barriga, mas o soldado ergue a espingarda e aponta com o queixo para oeste, na direção de onde tinham vindo.

– *Keine Zivilisten! Nach Hause gehen!*

Quando Bella abre a boca para protestar, Tomek abana rapidamente a cabeça, num gesto subtil. *Não. Ele tem razão.* Quer acreditem quer não que está grávida, aqueles soldados nunca iriam violar as regras. Bella vira-se e sobe de novo para a carroça, derrotada.

Tomek faz virar os cavalos e começa a percorrer o caminho por onde vieram, avançando para oeste, para longe de Lvov, para longe de Jakob. A mente num turbilhão. Impacienta-se, demasiado aborrecida para ficar quieta. Retirando o pão do casaco, pousa-o no banco e gatinha até à aba traseira, abrindo-a apenas o suficiente para ver o exterior. Os homens no prado parecem pequenos, como soldados de brincar, enfezados pelas nuvens colossais que pairam sobre eles. Bella deixa cair a pesada tela e é de novo engolida pelas sombras.

Chegaram tão longe. Estão tão perto! Bella pressiona a sua testa suave com as pontas dos dedos, em busca de uma solução. Podiam regressar no dia seguinte, esperando ter mais sorte, encontrar um grupo de alemães mais clemente. *Não*. Abana a cabeça. Estão na *frente*. Quais as hipóteses, a sério, de que lhes seja permitida a passagem? Sentindo-se, de súbito, claustrofóbica por baixo de todas aquelas camadas de roupa, tira o casaco de flanela e volta a subir para o banco, deslizando até à frente da carroça, onde outra aba de lona a separa de Tomek. Erguendo-a, fita o assento do carroceiro semicerrando os olhos. Começara a chuviscar.

– Podemos voltar a tentar amanhã? – grita Bella por cima do som abafado dos cascos na estrada ensopada.

– Não vai funcionar – diz-lhe ele, abanando a cabeça.

Bella consegue sentir o calor a aumentar dentro de si, a subir-lhe pelo pescoço em direção às orelhas.

– Não podemos voltar para trás! – Ela olha de relance para a caixa de provisões a seus pés. – Não temos comida suficiente para mais onze dias na estrada! – Observa os ombros de Tomek a moverem-se para trás e para a frente, absorvendo o movimento da carroça, a cabeça agitando-se como se estivesse

embriagado. Ele não responde.

Bella deixa cair a aba de lona e volta a sentar-se no banco. Ela e Tomek não falaram muito desde que deixaram Radom; no início da viagem, Bella tentara fazer alguma conversa de circunstância, mas era estranho conversar com alguém que quase não conhecia e, além disso, não tinham muito para dizer. Decerto Tomek queria chegar a Lvov tanto quanto ela. Está a poucos quilómetros de cumprir a sua parte do acordo com Sol. Irá recordá-lo disso mesmo, decide, mas quando volta a levar a mão à aba, os cavalos saem subitamente da estrada. Agarrando o banco por baixo de si, Bella tenta manter o equilíbrio enquanto a carroça salta e se afunda ao longo do terreno irregular. *O que está a acontecer? Para onde vamos?* Os ramos partem-se como estalinhos por baixo das rodas e as pernadas arranham a cobertura da carroça por cima. Devem estar no bosque. A sua mente dobra uma escura esquina: *Tomek não a deixaria ali, sozinha no bosque?* Uma simples mentira garantiria a Sol que ela chegara em segurança a Lvov. O coração de Bella parte a galope. Não, conclui. Tomek não se atreveria. Mas enquanto a carroça avança, não consegue deixar de se perguntar – *ou atreveria?*

Por fim, os cavalos abrandam e Bella sai rapidamente da carroça. O céu tornou-se, agora, vários tons mais escuro; em breve será igual à cor do pelo preto e sedoso dos cavalos. Tomek desce do banco do condutor. No seu chapéu preto e gabardine escura, é quase invisível nas sombras. Bela fita-o, a sua pulsação começando a acelerar, enquanto ele começa a tirar a brida aos cavalos.

– Peço desculpa pelo silêncio – diz ele, tirando as partes que se encontram na boca dos cavalos. – Nunca se sabe quem poderá estar a ouvir. – Bella acena com a cabeça, expectante. – Estamos a cerca de três quilómetros de uma estrada secundária que conduz a Lvov – continua Tomek. – Há uma clareira logo à frente. Um prado. Imagino que não existam guardas, mas o melhor será rastejar para ter a certeza de que está a salvo. A relva deve ser alta o suficiente para a esconder. – Bella semicerra os olhos na direção da clareira, mas está demasiado escuro para ver o que quer que seja. Tomek acena com a cabeça, como se garantisse a si mesmo que o plano irá funcionar. – Uma vez atravessado o prado, terá de andar para sudeste pela floresta durante cerca de uma hora, e depois chegará à estrada. Por essa altura, terá ultrapassado a frente... – Faz uma pausa. –

A menos que os alemães tenham a cidade cercada... e nesse caso terá de esperar que eles avancem, ou atravessar a linha da frente sozinha. Seja como for – diz, olhando-a finalmente olhos nos olhos –, creio que será melhor que continue sem mim.

Bella fita Tomek, digerindo as implicações daquele plano. Viajar sozinha e a pé... soava tão perigoso. Sentia-se louca por estar a considerar tal proposta. Consegue ouvir-se a explicar a ideia a Jakob, ao seu pai; as respostas seriam iguais: *Não o faças.*

– Em alternativa, podemos dar meia-volta e regressar tão depressa quanto conseguirmos, procurando comida pelo caminho – diz Tomek calmamente.

Regressar a casa seria a coisa mais segura a fazer, mas Bella sabe que não o pode fazer. A sua mente agita-se. Tenta engolir, mas a parte de trás da garganta é como lixa e, em vez disso, tosse. *Tomek tem razão.* Sem a carroça dará menos nas vistas. E se, *de facto*, se deparasse com os alemães, seria mais provável que a deixassem passar a ela do que a um velho, uma jovem e uma carroça de dois cavalos. Morde o canto interior do lábio inferior, silenciosa durante um instante.

– *Tak* – diz por fim, olhando na direção da clareira. Sim, decide. Que escolha lhe resta? Está a poucas horas de Lvov. De Jakob. Do seu *ukochany*, do seu amor. Não pode recuar agora. Pousa uma mão na estrutura da carroça, sentindo subitamente os membros pesados com o peso da decisão. Se o prado estiver a ser patrulhado por soldados, duvida que consiga atravessar sem que reparem nela. E se, *de facto*, chegar ao outro lado... não há como dizer quem ou o quê estará à espreita por baixo das copas das árvores da floresta. *Basta*, censura-se em silêncio. *Chegaste até aqui. Consegues fazer isto.* – *Tak* – suspira ela, acenando com a cabeça. – *Sim, isto vai funcionar. Tem de funcionar.*

– Então muito bem – diz Tomek, baixinho.

– Então muito bem. – Bella desliza a mão pelo cabelo castanho avermelhado, espesso como lã depois de tantos dias sem ser lavado; já desistiu de tentar pentear-se. Limpa a garganta. – Vou partir agora.

– Seria melhor partir de madrugada – diz Tomek –, quando não estiver tão escuro. Ficarei consigo até de madrugada.

Claro. Irá precisar da luz do dia para encontrar o caminho.

– Obrigada – sussurra Bella, apercebendo-se de que também Tomek tem pela frente uma viagem traiçoeira. Ela sobe para a parte de trás da carroça, vasculhando por entre a caixa de provisões em busca do seu último ovo cozido. Quando o encontra, descasca-o e regressa até Tomek.

– Tome – diz ela, partindo-o ao meio.

– Obrigado – agradece, hesitando antes de aceitar.

– Diga a *pan* Kurc que fez tudo o que pôde para me levar até Lvov. Se... – ela endireita-se –, quando eu lá chegar, escrever-lhe-ei para que saiba que estou em segurança.

– Assim farei.

Bella acena com a cabeça e segue-se um silêncio, enquanto ela contempla aquilo que acaba de concordar em fazer. Irá Tomek acordar, depois de pensar melhor, e concluir que o plano é demasiado arriscado? Irá tentar demovê-la pela manhã?

– Descanse – aconselha Tomek enquanto regressa para junto dos cavalos.

Bella obriga-se a sorrir.

– Vou tentar. – Enquanto sobe de novo para a carroça, hesita. – Tomek – chama, sentindo-se culpada por ter posto em causa as suas intenções. Ele ergue os olhos. – Obrigada... por nos trazer até aqui.

Tomek acena com a cabeça.

– Então boa-noite – diz Bella.

No interior da carroça, Bella estende no chão o sobretudo de Jakob e deita-se, de costas, em cima dele. Levando uma palma da mão ao coração e a outra ao abdómen, inspira e expira lentamente, obrigando-se a relaxar. *É a decisão certa*, diz a si mesma, pestanejando na escuridão.

Na manhã seguinte, Bella desperta de um sono leve e inquieto com os primeiros raios de sol. Esfregando os olhos, procura atabalhoadamente a aba lateral da carroça. No exterior, alguns raios da luz densa começaram a atravessar as nuvens, iluminando com dificuldade os espaços entre os ramos das árvores por cima da sua cabeça. Tomek já enrolou a tenda e o tapete de dormir e atrelou

os cavalos. Acena na direção dela, depois regressa ao trabalho. Aparentemente, não mudou de ideias. Bella enfia no bolso uma batata cozida, deixando três para Tomek. Depois de abotoar o casaco e de colocar o de Jakob sobre o dela, agarra no pão e desce da carroça. Por pesada que seja a viagem que a espera, não se importará de deixar para trás o espaço apertado, bolorento, a que chamou casa durante grande parte destas últimas duas semanas.

Tomek está a mexer numa das bridas dos cavalos. Enquanto ela se aproxima, dá por si a desejar tê-lo conhecido melhor, o suficiente para, pelo menos, se despedir com um abraço – um abraço de algum tipo que lhe aumentasse as forças, a enchesse com a coragem necessária a chegar ao fim do plano. Mas não é assim. Quase não o conhece de todo.

– Queria dizer-lhe o quanto agradeço que tenha feito isto por mim – diz ela, estendendo-lhe a mão. É, de súbito, importante para ela reconhecer o pequeno, mas imensuravelmente importante papel que Tomek desempenhou na sua vida. Ele toma-lhe a mão. O seu aperto é surpreendentemente forte. Ao seu lado, os cavalos inquietam-se. Um deles abana a cabeça e a brida tilinta; o outro resfolega, batendo com as patas no chão. Também eles estão prontos para chegarem ao fim da sua viagem. – Oh, Tomek, quase me esquecia – acrescenta Bella, retirando do bolso uma nota de dez zlotys. – Vai precisar de comida... um par de batatas não chegarão. – Ela estende-lhe os zlotys. – Aceite. Por favor.

Tomek olha de relance para os pés e, depois, de novo para Bella. Aceita a nota.

– Boa sorte – deseja Bella.

– O mesmo para si. Deus a abençoe.

Bella acena com a cabeça e depois vira-se e inicia a sua marcha em direção ao prado.

Passados alguns minutos, chega ao limite da clareira e para, analisando o espaço aberto em busca de sinais de vida. O prado, tanto quanto consegue perceber, está vazio. Olha de relance por cima do ombro para ver se Tomek a está a observar, mas por baixo dos carvalhos não há senão sombras vazias. *Ele já partiu?* Bella estremece ao perceber como está só. *Concordaste com isto,* recorda a si mesma. *Ficas melhor sozinha.*

Ela puxa a saia acima dos joelhos, ata-a num nó solto à frente, nas coxas, depois enfia o pão por baixo do casaco de Jakob e ajusta-o para que fique pousado nas costas. Pronto. Agora consegue mover-se melhor. Agachando-se, coloca silenciosamente as palmas das mãos e, depois, os joelhos, no chão.

A terra por baixo dela esguicha enquanto avança de gatas, a lama fria enfiando-se entre os seus dedos, pintando as suas extremidades de preto. A relva é comprida e afiada, e está molhada do orvalho; bate-lhe implacavelmente no rosto e no pescoço. Ao fim de alguns minutos, uma das suas bochechas está a sangrar e sente-se ensopada até à roupa interior. Ignorando a lama e a humidade e o ardor no rosto, ajoelha-se por um momento, para poder observar a linha de árvores a cem metros de distância, e depois olha de relance por cima do ombro. *Ainda não há sinal dos alemães. Ainda bem.* Volta a baixar-se, apoiando as mãos no chão, desejando ter trazido calças, apercebendo-se agora o quão inútil é a vaidade de querer estar bonita para Jakob.

Enquanto chapinha através do prado, pensa nos pais e na refeição que tinham partilhado na noite antes de partir. A mãe preparara *pierogi* cozido recheado de cogumelos e couve, o preferido de Bella, que ela e o pai tinham devorado. Gustava, contudo, não tocara na comida que tinha no prato. O peito de Bella aperta-se, enquanto imagina a mãe com o *pierogi* por comer à sua frente. Ela sempre fora magra, mas desde a chegada dos alemães adquirira um aspeto doentio. Bella atribuíra as culpas ao *stress* da guerra, e tinha-lhe sido difícil partir, vendo a mãe tão frágil. Recordava-se agora do dia seguinte; enquanto subia para a carroça de Tomek, olhara na direção do apartamento e vira os pais à janela – o pai a envolver com um braço o corpo franzino da mãe, a mãe com as palmas das mãos coladas aos vidros. Tudo aquilo que conseguia distinguir eram as suas silhuetas, mas percebia, pela maneira como os ombros de Gustava estremeciam, que estava a chorar. Desejara ardentemente acenar, deixar os pais com um sorriso que dizia que estaria bem, que regressaria, para não se preocuparem. Mas a alameda Witolda encontrava-se repleta de soldados da *Wehrmacht*; não podia arriscar revelar a sua partida com um aceno. Em vez disso, virou-lhes as costas, afastou a aba da carroça e trepou para o seu interior.

Bella estremece quando o seu joelho bate em algo duro, uma pedra. Respira fundo para engolir a dor e prossegue, apercebendo-se da rapidez com que se

haviam desenrolado os acontecimentos das duas últimas semanas. A partida de Jakob, a invasão alemã, a carta, o acordo com Tomek. Estava frenética quando deixou Radom, não pensando em mais nada a não ser em chegar a Lvov para estar com Jakob. Então e os pais? Ficariam bem sozinhos? E se alguma coisa lhes acontecesse enquanto estava fora? Como poderia ajudá-los? E se alguma coisa lhe acontecesse *a ela*? E se nunca chegasse a Lvov? *Para*, censura-se. *Vais ficar bem. Os teus pais vão ficar bem.* Ela recita aquele sentimento uma e outra vez, até a possibilidade de qualquer outro cenário se afastar do seu consciente.

Bella tenta ficar atenta a sinais de perigo enquanto gatinha, mas os seus ouvidos apenas ecoam o trovejar da sua pulsação. Nunca teria imaginado que andar de gatas exigisse tamanho esforço. Tudo lhe pesa: os braços, as pernas, a cabeça. É como se estivesse ancorada à terra, sobrecarregada pelos seus apêndices, pelas numerosas camadas de roupa, pela câmara de Jakob, pelo músculo que se agarra aos ossos e pelo suor que lhe cobre a pele apesar do frio da manhã. Doem-lhe as articulações, todas elas, as ancas, os cotovelos, os joelhos, os nós dos dedos; vão-se tornando mais rígidas a cada minuto. *Maldita lama.* Fazendo uma pausa, limpa a testa com as costas da mão e espreita por cima das pontas da erva; está a meio caminho da linha das árvores. Faltam-lhe cinquenta metros. *Estás quase lá*, diz a si mesma, resistindo ao impulso de se deitar durante alguns minutos, para descansar. *Não podes parar agora. Descansas quando chegares à floresta.*

Concentrando-se na cadência da sua respiração – conta até dois e inspira pelo nariz até três e expira pela boca –, Bella está perdida num ritmo delirante quando um estalo súbito é disparado através do céu da manhã, estilhaçando o silêncio. Deixa-se cair rapidamente e espalma o corpo contra o chão, protegendo a parte de trás da cabeça com as mãos. Não há como não identificar aquele som. Um tiro. Seria seguido por outro? De onde teria vindo? Ser-lhe-ia destinado? Espera, todos os músculos em tensão, pensando no que fazer... correr? Ou permanecer escondida? Os seus instintos dizem-lhe para se fazer de morta. E por isso fica deitada, o nariz a um centímetro da turfa, inspirando o cheiro a medo e terra molhada, contando os segundos enquanto vão passando. Passa um minuto, depois dois, enquanto ela escuta, tensa, o prado pregando-lhe partidas – seria apenas o vento a soprar sobre a relva? Ou seriam passos?

Por fim, quando já não aguenta mais, Bella pressiona a lama com as palmas das mãos e, num movimento lento, ergue o tronco. Através da relva, analisa o horizonte. Pelo que consegue ver, não há ninguém. Talvez o tiro lhe tenha parecido mais próximo do que fora. Ignorando a probabilidade de que tivesse vindo da direção em que seguia, começa de novo a avançar, agora mais depressa, os músculos já não parecem tão pesados com o cansaço, foram espicaçados por um sentido de urgência aterrorizante.

Tu consegues fazer isto. Já não estás longe. Espero que ainda lá estejas quando chegar, Jakob. Na morada que me enviaste. Espera por mim. De cada vez que respira, repete as palavras. *Por favor, Jakob. Só espero que estejas lá.*

12 DE SETEMBRO DE 1939 – Batalha de Lvov: *A batalha pelo controlo da cidade começa com confrontos entre os polacos e as forças alemãs que cercam a cidade, em muito maior número do que as polacas, tanto em infantaria como armamento. Os polacos aguentam quase duas semanas de combates no terreno, e bombardeamentos pela Wehrmacht e pela Luftwaffe.*

17 DE SETEMBRO DE 1939: *A União Soviética cancela o pacto com a Polónia e invade o país a partir do Leste. O Exército Vermelho começa a marchar, a toda a velocidade em direção a Lvov. Os polacos ripostam, mas a 19 de setembro, os soviéticos e os alemães já têm a cidade cercada.*

CAPÍTULO CINCO

Mila

Radom, Polónia ~ 20 de setembro de 1939

Mal Mila abre os olhos consegue sentir que algo se passa. O apartamento está demasiado sossegado, silencioso. Inspirando fundo, senta-se, endireitando as costas. *Felicia*. Desce da cama e corre descalça pelo corredor em direção ao berçário.

A porta abre-se sem qualquer som e Mila pestaneja na escuridão, apercebendo-se de que se esqueceu de olhar para o relógio. Avança silenciosamente para a janela e, ao afastar a espessa cortina de damasco, uma nesga de uma luz suave e poeirenta enche o quarto. Deve ser de madrugada. Através das barras de madeira do berço de Felicia, consegue distinguir vagamente o alto de uma silhueta. Segue em bicos de pés até ao berço.

Felicia está deitada de lado, imóvel, o rosto obscurecido pela touca cor-de-rosa que lhe cobre a cabeça. Mila baixa-se, ergue o pequeno cobertor de algodão, e pousa a palma da mão suavemente na par te de trás da cabeça de Felicia, esperando intensamente pela sua respiração, por um movimento, qualquer coisa. Porque será que, pergunta-se Mila, mesmo quando a filha está a dormir, teme que algo terrível lhe possa ter acontecido? Por fim, a pequena estremece, suspira e rola para o lado; poucos segundos depois, está de novo imóvel. Mila exala. Sai sorrateira do quarto, deixando a por ta entreaberta.

Deslizando os dedos pela parede, avança calmamente até à cozinha, olhando de relance para o relógio no final do corredor. Falta pouco para as seis da manhã.

«Dorota?», chama Mila baixinho. Na maior parte das manhãs, acorda ao som da chaleira, enquanto Dorota prepara o chá. Mas ainda é cedo. Dorota, que fica, durante a semana, no pequeno quarto da empregada junto à cozinha não costuma começar o dia antes das seis e meia. Ainda deve estar a dormir.

«Dorota?», chama Mila uma vez mais, sabendo que não a devia acordar, mas não consegue afastar a sensação de que há algo de errado. Talvez, racionaliza Mila, se esteja ainda a ajustar à sensação de acordar sem Selim ao seu lado. Já se passaram quase duas semanas desde que o marido, juntamente com Genek, Jakob e Adam, foram enviados para Lvov para se juntarem ao exército polaco. Selim prometeu escrever mal chegasse, mas ainda não recebera carta alguma.

Mila segue obsessivamente as notícias de Lvov. Segundo os jornais, a cidade está sob cerco. E como se os alemães não fossem uma ameaça suficiente, há dois dias, os rádios começaram a emitir relatos de que a União Soviética se tinha alinhado com a Alemanha Nazi. Os pactos de paz que haviam sido estabelecidos com a Polónia foram quebrados e, agora, o Exército Vermelho de Estaline estará a aproximar-se de Lvov, vindo de leste. Decerto os polacos serão, em breve, obrigados a render-se. Secretamente, espera que o façam; talvez assim o marido regresse a casa.

Quando Selim deixou Radom, Mila lutava contra o sono, pois quando lhe sucumbia, despertava com suores frios, tremendo de medo, convencida de que os seus pesadelos sangrentos eram reais. Numa noite era Selim, na seguinte, um dos seus irmãos – os corpos estropiados, os uniformes ensopados em sangue. Mila estava prestes a desmoronar quando Dorota, cujo filho também fora chamado, a salvou da sua espiral descendente.

– Não pode pensar assim –, censurou-a certa manhã, enquanto Mila remexia o pequeno-almoço, depois de mais uma noite mal dormida. – O seu marido é médico; não estará na frente. E os seus irmãos são espertos. Saberão cuidar um do outro. Mantenha-se positiva. Por si e por ela – disse, acenando na direção do berçário.

«Dorota?», chamou Mila pela terceira vez, acendendo a luz da cozinha, vendo a chaleira pousada, fria, em cima do fogão. Bate suavemente na porta de

Dorota. Mas o *tap-tap* dos nós dos dedos contra a madeira é recebido pelo silêncio. Roda a maçaneta e abre uma nesga da porta, espreita para o interior.

O quarto está vazio. Os lençóis e o cobertor de Dorota estão dobrados e empilhados cuidadosamente aos pés da cama. Um prego solitário emerge da parede oposta, onde estivera outrora um crucifixo biselado, e as pequenas prateleiras que Selim ali havia instalado estão vazias, com exceção de uma, onde se encontra uma tira de papel dobrada ao meio e aberta na forma de uma tenda. Mila pousa a mão na porta, as pernas subitamente fracas. Passado um minuto, obriga-se a pegar no bilhete e a abri-lo. Dorota deixou-a com duas palavras: *Przykro mi*. Desculpa.

Mila cobre a boca com a mão. «O que fizeste?», sussurra, como se Dorota estivesse ao seu lado, envolta no seu avental manchado pela comida, o cabelo com madeixas grisalhas puxado para trás e preso num carrapito. Mila já ouvira falar da partida de outras empregadas – algumas tinham fugido do país antes de este cair nas mãos dos alemães, algumas apenas porque as famílias para quem trabalhavam eram judias –, mas não pensara na possibilidade de Dorota a poder abandonar. Selim pagava-lhe bem, e ela parecia genuinamente feliz no seu trabalho. Nunca tinham trocado uma palavra mais amarga. E ela adorava Felicia. Mais do que tudo isso, contudo, era o facto de nos últimos dez meses, enquanto Mila se debatia com a nova maternidade, se ter tornado mais do que uma simples empregada; tornara-se sua confidente, uma verdadeira amiga.

Enquanto Mila se baixa lentamente, para se sentar, as molas do colchão de Dorota gemem. *Mas que farei eu sem ti?*, pergunta-se, os olhos enchendo-se lentamente de lágrimas. Radom está em ruínas; precisa de uma aliada agora, mais do que nunca. Pousa as palmas das mãos nos joelhos e baixa o queixo, sentindo o peso da cabeça a repuxar os músculos entre as omoplatas. Primeiro Selim, os seus irmãos, Adam, agora Dorota. Todos partiram. Uma semente de pânico germina algures, no fundo das suas entranhas, e a pulsação acelera. Como irá ela conseguir sobreviver sozinha? Os homens da *Wehrmacht* revelaram-se uns brutos, e não mostram sinais de partir em breve. Profanaram a bela sinagoga de tijolo da Rua Podwalna, pilharam-na e transformaram-na num estábulo; fecharam todas as escolas judaicas; congelaram as contas dos judeus e proibiram os polacos de fazerem negócio com eles. Todos os dias uma nova loja é

boicotada – primeiro foi a padaria de Friedman, depois a loja de brinquedos de Bergman, em seguida o sapateiro Fogelman. Para onde quer que olhe, agitam-se gigantescas bandeiras vermelhas com a suástica; cartazes que afirmam que o judaísmo é crime exibem caricaturas hediondas de judeus de nariz de gancho; as montras estão pintadas com a mesma palavra de quatro letras, como se *Jude* fosse um palavrão e não parte da identidade de uma pessoa. Parte da identidade *dela*. Antes, ter-se-ia autointitulado mãe, esposa, pianista. Mas agora não era nada mais do que, simplesmente, *Jude*. Já não consegue sair de casa sem ver alguém a ser perseguido na rua, ou arrancado de casa e roubado ou espancado sem qualquer razão aparente. As coisas que tomava como certas, como ir até ao parque com Felicia – deixar o apartamento, até – deixaram de o ser. Fora Dorota quem, ultimamente, se aventurava em busca de comida e outros mantimentos, Dorota que ia buscar as cartas aos correios, Dorota que entregava e recolhia os bilhetes que trocava com os pais que viviam na rua Warszawska.

Mila fita o chão, escutando o som ténue do relógio no corredor, o som dos segundos a passar. Dentro de três dias será Yom Kipur. Não que isso impor te – os alemães espalharam panfletos pela cidade declarando a proibição da realização de serviços religiosos por parte dos judeus. Fizeram o mesmo no Rosh Hashaná, mas Mila ignorara a ordem, esgueirando-se para casa dos pais depois de escurecer; arrepender-se-ia mais tarde, ao ouvir as histórias de outros que tinham feito o mesmo e sido descobertos: um homem da idade do pai fora obrigado a correr pelo centro da cidade, levando uma pedra pesada em cima da cabeça; outros foram obrigados a carregar armações de cama em metal de uma ponta da cidade até à outra, enquanto eram açoitados com bastões de um metro; um homem jovem foi espezinhado até à morte. Neste Yom Kipur, decidira Mila, ela e Felicia expiariam na segurança do seu apartamento, sozinhas.

E agora? As lágrimas correm-lhe pelo rosto. Ela soluça baixinho, demasiado paralisada para limpar os olhos, o nariz. Olhando à sua volta, para o quarto vazio, sabe que deveria sentir-se furiosa – Dorota *deixou-a*. Mas não está zangada. Está aterrorizada. Perdeu a única pessoa sob o seu teto em quem podia confiar, a sua confidente, de quem dependia. Uma pessoa que sabia muito melhor do que ela como cuidar da sua filha. Mila gostaria de poder perguntar a Selim o que fazer. Afinal de contas, fora Selim quem insistira que deveriam contratar Dorota quando Felicia era apenas uma recém-nascida e ela estava a

perder o tino. De início, resistira, o seu orgulho demasiado grande para se render à necessidade de depender de uma estranha para a ajudar a cuidar da filha, mas, no final, Selim tinha razão – Dorota salvara-a. E agora encontrava-se de novo em crise, mas sem a mão firme do marido para a guiar. A realidade da sua situação abate-se sobre ela rapidamente e Mila estremece: a sua segurança, e com ela a de Felicia, depende inteiramente de si.

Sente a bílis erguer-se na garganta e consegue sentir-lhe o gosto pungente e ácido. Sente um aperto no estômago, ao mesmo tempo que um par de imagens se impõe na sua mente – a primeira, uma foto que viu no *Tribune*, tirada pouco depois da queda da Checoslováquia, de uma mulher morávia a chorar, um braço erguido, respeitosamente, numa saudação nazi; a segunda, uma cena de um dos seus pesadelos – um soldado vestido de verde a arrancar-lhe Felicia dos braços. *Oh, Deus do céu, por favor não deixes que a levem de mim*. Mila sente vómitos. O vomitado aterra no linóleo entre os seus pés com um chape molhado. Cerrando os olhos com força, tosse, lutando contra uma nova onda de náusea e, com ela, uma pontada de arrependimento. *Em que estavas tu a pensar, com tanta pressa para começar uma família?* Ela e Selim haviam casado há menos de três meses quando descobriram que estava grávida. Sentia-se tão confiante, na altura – não havia nada que quisesse mais do que criar um filho. Vários filhos. Uma *orquestra* de filhos, costumava dizer, brincando. Mas depois Felicia revelara-se uma bebé tão complicada, e a maternidade privara-a de muito mais do que estava à espera. E agora havia a guerra. Tivesse ela sabido que antes do primeiro aniversário de Felicia a Polónia poderia *já não existir*... volta a sentir um vómito, e naquele momento terrível, repugnante, sabe o que tem de fazer. Os pais tinham-lhe pedido que regressasse à Rua Warszawska quando Selim partiu para Lvov. Mas Mila escolhera ficar onde estava. Aquele apartamento era, agora, a sua casa. E além disso, não queria ser um fardo. A guerra acabaria em breve e Selim regressaria. Recomeçariam onde tinham ficado. Ela e Felicia arranjar-se-iam sozinhas, argumentara, e além disso, tinha Dorota. Mas agora...

O grito de Felicia corta através do silêncio e Mila salta. Limpando a boca com a manga do vestido, enfia o bilhete de Dorota no bolso e levanta-se, levando a mão à parede para recuperar o equilíbrio quando o quarto começa a andar à roda. *Respira, Mila*. Limpará mais tarde, decide, saltando cuidadosamente por cima da poça no chão. Na cozinha passa a boca por água e salpica o rosto. «Cá

vou eu, meu amor!», diz quando a bebé volta a gritar.

Felicia está de pé, agarrada ao berço, apertando-o com força com as duas mãos, a touca caída no chão por baixo dela. Quando vê a mãe, sorri alegremente, revelando quatro pequenos dentes a nascer – dois na gengiva de cima e dois na de baixo.

– Bom dia, meu doce – sussurra, relaxando e entregando o cobertor a Felicia e erguendo-a do berço. Há dois meses, quando Mila deixou de amamentar, a bebé começara a dormir a noite toda. Com o descanso extra, tanto mãe como filha puderam avançar para uma nova fase, Felicia era um bebé mais feliz e Mila já não se sentia como se estivesse a balouçar à beira de um esgotamento nervoso. A pequena envolve o pescoço da mãe com os braços, que se delicia com o peso do rosto da filha, quente contra o seu peito. *Era nisto que estava a pensar*, recorda a si mesma. *Nisto*. – Estou aqui – diz, com uma mão nas costas da bebé.

Erguendo a cabeça, Felicia vira-se para a janela e aponta com um indicador minúsculo. «Eh?», diz, o som que faz quando está curiosa em relação a alguma coisa. Mila segue o seu olhar.

– *Tam* – diz. – Lá fora?

– *Ta* – imita Felicia.

Mila dirige-se à janela para brincar, como habitualmente, a apontar todas as coisas que consegue ver: quatro pombos-malhados, empoleirados numa chaminé; o globo branco opaco de um candeeiro de rua; do outro lado da rua, três entradas de pedra, em arco, e por cima delas, três grandes varandas de ferro forjado; um par de cavalos a puxar uma carruagem. Mila ignora a bandeira com a suástica pendurada numa janela aberta, as montras cobertas de *graffitis*, a indicação do nome da rua pintada de fresco (já não vive em *Żeromskiego*, mas em *Reichsstrasse*). Enquanto Felicia observa os cavalos que avançam lentamente na rua em baixo, Mila beija-lhe o topo da testa, deixando que a penugem do cabelo cor de canela da filha, o pouco que tem, lhe faça cócegas no nariz. «O teu papá deve ter tantas saudades tuas», sussurra, pensando em como Selim era capaz de fazer Felicia rir, tocando com o nariz na barriga dela e fingindo espirrar. «Ele vai voltar para nós, em breve. Até lá, somos nós as duas», acrescenta, tentando ignorar o amargo da bílis, ainda forte na garganta, enquanto processa a enormidade das suas palavras. Felicia repara nos olhos da filha, muito abertos,

quase como se compreendesse e depois pousa o rosto uma vez mais contra o peito de Mila.

Mais tarde nesse dia, decide Mila, irá colocar algumas roupas numa mala, a sua escova de dentes, a manta de Felicia e uma pilha de fraldas, e percorrerá os seis quarteirões até à casa dos pais no número 14 da Rua Warszawska. Chegara a altura.

CAPÍTULO SEIS

Addy

Toulouse, França ~ 21 de setembro de 1939

Addy está enfiado num café sobranceiro à gigantesca Place du Capitole, um caderno de papel de música com lombada em espiral à sua frente. Pousa o lápis e massaja a mão entre o polegar e o indicador.

Tornou-se uma rotina passar os fins de semana estacionado na mesa de um *bistrô*, a compor. Já não viaja para Paris – parece demasiado frívolo perder-se nos sonhos da vida noturna de Montmartre com a sua terra natal em guerra. Em vez disso, dedica-se à música e às viagens semanais ao consulado polaco em Toulouse, onde tenta, há meses, obter um visto que lhe permita viajar – a papelada necessária ao seu regresso à Polónia. Até ali, todos os esforços foram desesperadamente infrutíferos. Na primeira visita, em março, três semanas antes do Pessach, o funcionário olhou para o passaporte de Addy e abanou a cabeça, empurrando um mapa sobre a secretária e apontando para os países que separavam Addy da Polónia: Alemanha, Áustria, Checoslováquia. «Não vai conseguir passar pelos postos de controlo», dissera, tocando com o dedo na linha do passaporte de Addy onde se podia ler RELIGIA. ZYD, a abreviatura de zydowski. Judeu. A mãe tinha razão, percebeu Addy, odiando-se por ter duvidado dela. Não só era demasiado perigoso viajar através das fronteiras alemãs, como era, aparentemente, ilegal. Ainda assim, regressara ao consulado

uma e outra vez, na esperança de convencer o funcionário a conceder-lhe um qualquer tipo de dispensa, para tentar vencê-lo pelo cansaço. Mas a cada visita, este dizia-lhe o mesmo. Não é possível. E por isso, pela primeira vez em vinte e cinco anos, faltou ao Pessach em Radom, também o Rosh Hashaná chegara e partira.

Quando não está a trabalhar ou a escrever para casa, ou a compor música, ou a assediar as secretárias do consulado, Addy debruça-se sobre os cabeçalhos de *La Dépêche de Toulouse*. Todos os dias, enquanto a guerra escala, a sua ansiedade aumenta. Nessa manhã, lera que o Exército Vermelho Soviético estava a invadir a Polónia a partir de leste e que tentara tomar Lvov. Os seus irmãos estão em Lvov; de acordo com a mãe, foram recrutados para o exército, juntamente com os restantes jovens de Radom. Ao que parece, a cidade pode cair a qualquer momento. A Polónia irá cair. O que será de Genek e Jakob? De Adam e Selim? O que será da Polónia?

Addy está preso. A sua vida, as suas decisões, o seu futuro – não comanda nada. É uma sensação a que não está habituado, e odeia-a. Odeia o facto de já não ter como regressar a casa, não ter como falar com os irmãos. Pelo menos, felizmente, mantém o contacto com a mãe. Escrevem-se com frequência. Na sua última carta, que foi enviada dias antes da queda de Radom, descreveu a dor de se despedir de Genek e Jakob na noite em que partiram para Lvov, em como fora doloroso ver Halina e Mila fazerem o mesmo com Adam e Selim, e como vira os alemães a marchar sobre Radom. A cidade foi ocupada em poucas horas, dissera. *Há soldados da* Wehrmacht *por todo o lado.*

Addy folheia o caderno, passando os olhos pelo seu trabalho, grato pela distração que a música lhe proporcionava. Aquilo, pelo menos, é seu. Ninguém lho pode tirar. Desde que a Polónia entrou em guerra, tem escrito persistentemente, estando prestes a completar uma nova composição para piano, clarinete e contrabaixo. Fechando os olhos toca uma nota num teclado imaginário pousado no colo, perguntando-se se terá potencial. Teve já um sucesso comercial – uma peça gravada pela talentosa cantora Vera Gran que conta a história de um jovem que escreve para um ente querido que ficou na sua terra natal. *List*, a carta. Addy compôs *List* pouco antes de deixar a Polónia para ir para a universidade e jamais esquecerá como foi ouvir a canção ir para o ar

pela primeira vez, como fechara os olhos e escutara a melodia que tinha criado a jorrar dos altifalantes do rádio, como o seu peito se enchera de orgulho quando o seu nome fora anunciado no fim, indicando-o como compositor. Talvez *List*, fantasiou na altura, fosse a peça que o conduziria, eventualmente, a uma vocação na música.

List foi um sucesso na Polónia – de tal maneira que Addy se tornou uma espécie de celebridade em Radom, o que, claro, acabou por ser tema de piadas constantes dos irmãos. «Mano, um autógrafo, por favor!», pedia Genek quando Addy ia a casa de visita. Na altura, Addy não se importara com a atenção, ou com o facto de entrever um certo ciúme nas provocações do elegante irmão mais velho. Os seus irmãos sentiam-se felizes por ele, sem dúvida. Orgulhosos dele, também; os seus pés ainda mal chegavam aos pedais do pequeno piano de cauda dos pais e já eles o viam compor. Compreendiam o quanto aquela primeira oportunidade significava para ele. Addy sabia que o que o irmão cobiçava era a sua vida na grande cidade. Genek visitara Toulouse, tinha-se encontrado uma vez com Addy em Paris; em ambas as ocasiões, partira resmungando sobre como a vida de Addy em França parecia ser muito mais glamorosa do que a sua. Agora, claro, as coisas eram diferentes. Agora, não havia nada de glamoroso acerca de viver num país onde Addy estava praticamente preso. Mesmo com a sua cidade natal invadida pelos alemães, Addy faria qualquer coisa para regressar.

Na praça, os últimos resquícios da luz do sol lançam um brilho rosado sobre as colunas de mármore da fachada do Capitólio. Addy observa um bando de pombos que levanta voo, enquanto uma idosa avança em direção a uma série de arcadas cobertas a oeste, e recorda-se do último verão em que ele e os seus amigos se sentaram, ao pôr do sol, num café com uma praça semelhante, em Montmartre, a beber lentamente os seus copos de Sémillon. Recorda a conversa dessa tarde, lembrando-se de como, ao abordar a questão da guerra, os seus amigos reviraram os olhos. «Hitler é *um bouffon*», disseram. «Toda esta conversa acerca da guerra é apenas barulho, *une agitation*. Não vai acontecer nada. *Le dictateur deteste le jazz!*», professara um dos amigos. «Ele odeia *jazz* ainda mais do que odeia os judeus! Não o imaginas já, a passear pela Place de Clichy, a tapar os ouvidos com as mãos?» A mesa explodira em gargalhadas. Addy rira com eles.

Levando a mão ao lápis, regressa ao seu caderno. Esboça uma frase melódica, e depois outra, escrevendo depressa, forçando o lápis a acompanhar a música na sua cabeça. Passaram-se duas horas. À sua volta, as mesas começam a encher-se de homens e mulheres que se instalam para a refeição da noite, mas Addy quase nem repara. Quando, por fim, levanta a cabeça, o céu escureceu, assumindo um azul profundo e arroxeado. Está-se a fazer tarde. Paga a conta, fecha o caderno e coloca-o debaixo do braço, atravessando a praça em direção ao seu apartamento na Rue de Rémusat.

Entra no pátio do edifício, abre a caixa do correio e percorre rapidamente o pequeno molho de cartas. Nada de casa. Dececionado, sobe as escadas, pendura o chapéu e tira os sapatos, dispondo-os lado a lado sobre um tapete de palha junto à porta. Pousa o correio em cima da mesa, liga o rádio e enche a chaleira de água, pousando-a no fogão para aquecer.

O apartamento é pequeno e organizado, apenas com duas divisões – um quarto minúsculo e uma cozinha onde só cabe uma pequena mesa redonda –, mas serve as suas necessidades; é o único dos quatro irmãos que ainda é solteiro, apesar das insistências da mãe. Abrindo o frigorífico, analisa o seu conteúdo: trinta gramas de Camembert cremoso, meio litro de leite de cabra, dois ovos sarapintados, uma maçã vermelha – como as que a mãe costumava arranjar-lhe quando era pequeno, fatiada e regada com mel (Addy gosta de ter uma sempre à mão) –, uma fatia de língua de vaca embrulhada em papel, uma barra meio comida de chocolate preto suíço. Leva a mão ao chocolate. Com cuidado para não a rasgar, afasta a folha de papel de alumínio e parte um quadrado do cacau amargo, deixando-o derreter na boca por um momento. «*Merci, la Suisse*», sussurra, enquanto se senta à mesa.

No cimo da pilha de correio está a mais recente edição do *Jazz Hot*. Addy percorre os títulos. strayhorn junta-se a ellington em parceria, lê-se num deles. Dois dos seus compositores de *jazz* preferidos. Toma uma nota mental para se manter atento ao trabalho deles. Por baixo de *Jazz Hot* está uma tira de papel azul claro em que não reparara. Quando a vê, sente o coração a saltar, e o que resta do chocolate assume, subitamente, um gosto amargo na língua. Pega nela, vira-a. Escrito no topo estão três palavras: comande de conscription. É uma ordem de recrutamento militar.

Addy lê o papel duas vezes. Foi-lhe dada ordem para se juntar à coluna polaca do exército francês. Deve apresentar-se de imediato no L'Hôpital de La Grave para realizar os exames médicos e tratar da papelada; o seu serviço militar terá início em Parthenay, França, a 6 de novembro. Pousa a ordem na mesa e fita-a durante um grande bocado. *O exército.* E pensar que esta manhã lamentava o destino dos irmãos, sofrendo com a imagem deles de uniforme, sentindo-se aterrorizado com o seu destino. Agora, encontrava-se em circunstâncias não muito diferentes das deles.

Os ouvidos começam a zumbir e demora algum tempo a perceber que a água começou a ferver. Levanta-se para apagar o fogão, passando a mão pelo cabelo. Enquanto o apito da chaleira começa a diminuir, Addy fica chocado com quão depressa as coisas podem mudar neste seu novo reino. Como, num instante, o futuro pode ser decidido por ele. Voltando a pegar na ordem de recrutamento, dirige-se à janela da cozinha, que se abre para a esquina da Place du Capitole, e encosta a testa ao vidro. O clarinete de Sidney Bechet canta suavemente através dos altifalantes do rádio, mas nem se apercebe. *O exército*. Vários dos seus amigos foram chamados, mas eram todos franceses. Esperara que, sendo estrangeiro, pudesse estar dispensado. Talvez, pensa ele, haja uma maneira de sair dali. Mas as letras pequenas no fundo da folha sugerem o contrário. A NÃO COMPARÊNCIA AO SERVIÇO RESULTARÁ EM DETENÇÃO E ENCARCERAMENTO. *Merda*. Está de boa saúde. Em idade de combater. Não, não há saída. *Merde. Merde. Merde.*

Quatro pisos mais abaixo, a cruz occitânica de Moretti, gravada nas pedras do chão, brilha por baixo dos candeeiros da rua como uma tatuagem de granito gigantesca. Por cima da sua cabeça, ergue-se uma meia lua. Como é possível, pergunta Addy, que por entre tamanha serenidade esteja a ser travada uma guerra do outro lado da fronteira? Onde estão Genek e Jakob agora? Estarão à espera de ordens? Estarão em combate, neste preciso momento? Olha de relance para o céu, imaginando os irmãos, ombro contra ombro, numa trincheira, ignorando a lua que se ergue, pensando apenas nos morteiros que voam por cima das suas cabeças.

Os olhos de Addy começam a ficar rasos de lágrimas. Desliza a mão para o bolso das calças e retira dele o lenço, uma prenda da mãe. Recebera-o há um

ano, quando fora a casa pela última vez, para o Rosh Hashaná. Encontrara o tecido em Milão, dissera, numa das suas viagens de trabalho – um linho suave, branco, no qual cosera à mão uma pequena bainha e bordado as suas iniciais no canto, AAIK, *Addy Abraham Israel Kurc*. «É lindo», declarara Addy quando a mãe lhe entregara o lenço. «Oh, não é nada», respondera Nechuma, mas Addy sabia o cuidado com que ela o fizera, o orgulho que sentia da sua arte. Desliza o polegar pelo bordado, imaginando a mãe a trabalhar na sala dos fundos da loja, um rolo de tecido à sua frente, a fita métrica, as tesouras e a almofada para alfinetes de seda cor-de-rosa ao seu lado. Consegue vê-la a medir o fio, torcendo a ponta entre os dedos e levando-a aos lábios para a humedecer antes de a guiar pelo buraco impossivelmente pequeno da agulha.

Addy respira fundo, sentindo o movimento ascendente e descendente do seu peito. *Vai ficar tudo bem*, diz a si mesmo. Hitler será parado. França ainda não viu combate; tanto quanto sabe, a guerra terminará antes que isso aconteça. Talvez os seus amigos em Toulouse, já lhe chamavam *drôle de guerre* – a guerra falsa –, tivessem razão, e seja apenas uma questão de tempo até que possa regressar à Polónia, à sua família, à vida que deixara para trás quando se mudou para França. Addy pensa em como, há um ano, se alguém lhe tivesse oferecido um emprego na cidade de Nova Iorque, o mais certo fosse aceitar de imediato a oportunidade. Agora, claro, faria tudo – qualquer coisa – só para estar em casa, sentado à mesa de jantar com a mãe, rodeado pelos pais, pelos irmãos. Dobra o lenço e volta a colocá-lo no bolso. Casa. Família. Nada é mais importante. Sabe-o agora.

22 DE SETEMBRO DE 1939: *A cidade de Lvov rende-se ao Exército Vermelho Soviético.*

27 DE SETEMBRO DE 1939: *Queda da Polónia. Hitler e Estaline dividem de imediato o país – a Alemanha ocupa a região ocidental (incluindo Radom, Varsóvia, Cracóvia, Lublin) e a União Soviética ocupa a região oriental (incluindo Lvov, Pinsk, Vilna).*

CAPÍTULO SETE

Jakob e Bella

Lvov, Polónia ocupada pelos soviéticos ~ 30 de setembro de 1939

Bella confirma o número de latão pendurado na porta vermelha. «Trinta e dois», sussurra num suspiro, comparando-o duas vezes com a morada escrevinhada pela mão de Jakob na carta que levara consigo de Radom: *Rua Kalinina número 19, apartamento 32.*

Traz a câmara de Jakob pendurada ao pescoço, o casaco sobre o antebraço, dobrado de modo a esconder as camadas de lama que foi acumulando pelo caminho. Nunca na vida estivera tão imunda. Descalçara um par de meias rotas, praguejando perante a perda, e tentara o possível para sacudir a lama das solas dos sapatos e para limpar o rosto, lambendo o polegar e esfregando as bochechas, mas sem um espelho o esforço era inútil. O cabelo estava tão despenteado como um arbusto espinhoso e ainda se sentia encharcada por baixo das várias camadas de roupa. Quando levanta os braços, o cheiro é chocante. Como precisa de se lavar! Deve estar com um aspeto pavoroso. *Não interessa. Chegaste. Conseguiste. Bate à porta.*

O punho para a alguns centímetros da porta. Inspirando lenta e profundamente, lambe os lábios e bate com os nós dos dedos devagar na madeira, inclinando a cabeça para a frente, à escuta. Nada. Volta a bater, desta feita mais alto. Está prestes a bater uma terceira vez quando ouve um ténue som

de passos. O coração bate em sintonia com cada passo à medida que este se torna mais sonoro, e por um momento entra em pânico. E se for saudada, depois de todo aquele caminho, não pelo seu Jakob mas por um estranho?

– Quem é?

Ela deixa escapar uma baforada de ar dos lábios – uma gargalhada, a sua primeira em semanas – e nesse momento apercebe-se de que esteve a suster a respiração. *É ele.*

– Jakob! Jakob, sou eu! – diz ela para a porta, erguendo-se em bicos dos pés, sentindo-se subitamente leve como uma pena. Antes de conseguir acrescentar «É a Bella», ouve-se um rápido clique metálico, um ferrolho desliza do seu suporte e a porta abre-se, abruptamente, puxando consigo o ar. E depois, ali está ele, o seu amor, o seu *ukochany*, a olhar para ela, por *dentro*, e por baixo das camadas de sujidade e suor e do mau cheiro, sente-se de algum modo bela.

– És tu! – sussurra Jakob. – Como é que...? Entra, depressa. – Ele puxa-a para dentro e tranca a porta atrás de si. Ela pousa o casaco e a câmara no chão, e quando se ergue ele pousa as mãos nos seus ombros. Segura-a com suavidade, o olhar deslizando por toda a sua altura, estudando-a. Nos seus olhos Bella vê a preocupação, a exaustão, a incredulidade. O que quer que tenha acontecido ali, em Lvov, deixou marcas. Ele já não dorme, ao que parece, há vários dias.

– Kuba – começa ela, chamando-o como por vezes faz, pelo seu nome hebraico, não querendo senão garantir-lhe que ela está bem, que está ali agora, que não tem que se preocupar. Mas ele ainda não está pronto para falar. Puxa-a para si, abraçando-a com tanta força que ela quase não consegue respirar, e nesse instante sabe que estava certa em fazer a viagem.

Com os braços presos por baixo dos dele, encosta a cabeça à curva familiar do seu pescoço, percorrendo as costas dele com os antebraços. Ele cheira como sempre – a lascas de madeira, cabedal e sabão. Consegue sentir o coração dele a bater contra o seu, o peso do seu rosto pousado sobre a sua cabeça. Por baixo da camisa, as omoplatas estão salientes como *boomerangs*, mais nítidas do que se lembra. Deixam-se ficar assim durante um minuto, até Jakob se inclinar para trás, erguendo-a consigo, levantando-a até os pés dela flutuarem sobre o chão. Ele ri, girando, e em breve a divisão fica desfocada e também ela ri. Quando os dedos dos pés dela tocam no chão, Jakob inclina-se para a frente. Ela deixa que o

peso do seu tronco se dissolva nos braços dele, e quando ele se inclina, ela deixa tombar a cabeça para trás, sentindo o sangue correr-lhe para os ouvidos. Ele segura-a assim por um momento, pendurada nos seus braços – a derradeira postura exultante de uma dança de salão – antes de a puxar, endireitando-a.

Jakob fita-a uma vez mais, segurando-a nos seus braços, a expressão subitamente séria.

– Conseguiste – diz ele, abanando a cabeça. – Recebi a tua carta imediatamente depois do início dos combates. E depois fomos mobilizados e quando, por fim, regressei ainda não tinhas chegado. Se eu tivesse sabido que seria assim tão mau, Bella, garanto-te que nunca te teria pedido que viesses. Tenho estado tão preocupado!

– Eu sei, meu amor. Eu sei.

– Nem acredito que estás aqui.

– Quase voltámos para trás, por várias vezes.

– Tens de me contar tudo.

– Contarei, mas primeiro um banho, por favor – Bella sorri.

Jakob suspira, os olhos suavizando-se.

– Que teria eu feito se...

– Chiu, *kochanie*. Está tudo bem, querido. Estou aqui.

Jakob baixa o queixo de tal modo que a sua testa repousa suavemente na de Bella.

– Obrigado – sussurra, fechando os olhos – por teres vindo.

Estão sentados na pequena mesa quadrada da cozinha, as mãos a envolver canecas de chá preto quente. O cabelo de Bella, ainda molhado do banho, a pele do pescoço e as bochechas brilham cor-de-rosa. Esfregou-se e ensaboou-se durante três minutos antes de Jakob ter batido suavemente à porta da casa de banho, se ter despido e entrado na banheira com ela.

– Sinceramente, nunca pensei que funcionasse – diz Bella. Acabara de explicar o plano de Tomek, como ficara petrificada com medo de ser descoberta, enviada para trás ou feita cativa. Tomek, afinal, estava certo acerca da linha da

frente alemã – ela foi capaz de a contornar ao atravessar o prado onde ele a deixou. Mas quando chegou à floresta do outro lado, perdeu a noção da direção e virou para norte, andando durante horas até ter, por fim, encontrado os carris dos caminhos-de-ferro, que seguiu até uma pequena estação os arrabaldes da cidade. Ali, apesar do seu estado enlameado e patético, conseguiu atravessar o derradeiro posto de controlo, comprou um bilhete com o zloty que lhe restava e fez os últimos quilómetros até Lvov de comboio.

– Fiquei surpreendida ao chegar – diz Bella – por não ter visto soldados da *Wehrmacht* nas ruas... esperava ver a cidade repleta deles.

– Os alemães partiram – diz ele baixinho, abanando a cabeça. – Lvov está agora ocupada pelos soviéticos. Hitler retirou os seus homens poucos dias antes de a Polónia ter caído.

– Espera... o quê?

– Lvov caiu apenas três dias antes de Varsóvia...

– A Polónia... *caiu*? – A cor abandonou o rosto de Bella.

Jakob tomou-lhe a mão.

– Não sabias?

– Não – sussurra Bella.

Jakob engole em seco, parecendo não saber ao certo por onde começar.

Tosse para limpar a garganta, e explica tão sucintamente quanto possível aquilo que Bella perdeu, contando-lhe como os polacos de Lvov tinham esperado durante dias pela ajuda do Exército Vermelho, que estava estacionado logo a leste da cidade, como pensavam que os soviéticos tinham sido enviados para os proteger e como, ao fim de algum tempo, se tornou claro que não seria esse o caso. Descreve como estavam em inferioridade numérica; como, quando a cidade por fim se rendeu, o general Sikorski, que liderava o exército polaco, negociou um pacto que permitiria aos oficiais polacos deixarem a cidade:

– «Registem-se junto das autoridades soviéticas e regressem a casa», disse o general. – Jakob fez uma pausa, espreitou por um momento para a sua caneca. – Mas logo depois de os alemães terem partido, dezenas de oficiais polacos foram detidos pela polícia soviética, sem qualquer explicação. Foi nesse momento que tirei o uniforme – acrescenta Jakob, – e decidi que o melhor que tinha a fazer era

esconder-me aqui, à tua espera.

Bella observa a maçã de Adão de Jakob a viajar para cima e para baixo ao longo da sua garganta. Está em choque.

– Alguns dias depois – continua Jakob –, depois de Varsóvia ter caído, Hitler e Estaline dividiram a Polónia em duas. Mesmo pelo meio. Os nazis ficaram com o ocidente, o Exército Vermelho, o oriente. Estamos do lado soviético, aqui em Lvov... razão pela qual não vês quaisquer alemães.

Bella quase não consegue falar. *Os soviéticos estão do lado dos alemães. A Polónia caiu.*

– Tiveste... tiveste de... – mas a sua voz perde-se, as palavras encravadas no céu da boca.

– Houve combates – diz Jakob. – E bombardeamentos. Os alemães largaram imensas bombas. Vi pessoas morrer, vi coisas horríveis... mas não. – Ele suspira, olhando para as mãos – Não tive de o fazer... Não consegui fazer mal a ninguém.

– Então e o teu irmão, Genek? E Selim? E Adam?

– Genek e Adam estão aqui em Lvov. Mas Selim... não ouvimos notícias dele desde a retirada dos alemães.

O coração de Bella afunda-se.

– E os oficiais que foram presos?

– Nunca mais ninguém os viu.

– Meu Deus – sussurra ela.

Está escuro no quarto, mas pelo som da respiração de Jakob ao seu lado, Bella percebe que ele também está acordado. Já quase se esqueceu de como é encantador deitar-se para dormir num colchão; divinal quando comparado com as tábuas de madeira da carroça de Tomek. Rolando para se virar para Jakob, passa a canela despida sobre o joelho dele.

– O que faremos? – pergunta. Jakob prende a perna dela entre as suas. Consegue senti-lo a olhar para si. Ele encontra a mão dela, beija-a e pousa-a no seu peito.

– Devíamos casar-nos.

Bella ri-se.

– Já tinha saudades desse som – diz Jakob, e Bella percebe que ele está a sorrir.

Claro que ela se referia ao que deviam fazer a seguir – se deveriam permanecer em Lvov ou regressar a Radom. Não tinham discutido ainda qual das opções seria a mais segura. Ela encosta o nariz, e depois os lábios, aos dele, segurando o beijo durante alguns segundos antes de se afastar.

– Estás a falar a sério? – sussurra ela. – Não podes estar a falar a sério. – *Jakob.* Não estava à espera que fosse abordado o tema do casamento. Não na primeira noite que passavam de novo juntos. A guerra, ao que parece, deixara-o mais arrojado.

– Claro que estou a falar a sério.

Bella fecha os olhos, sentindo os ossos a afundar-se pesadamente na cama por baixo dela. Podem falar acerca dos seus planos no dia seguinte, decide.

– Isso foi um pedido? – pergunta ela.

Jakob beija-lhe o queixo, as bochechas, a testa.

– Acho que isso depende de qual for a tua resposta – diz ele, por fim.

Bella sorri.

– Sabes qual será a minha resposta, meu amor. – Rola sobre si mesma e ele encosta os joelhos à parte de trás das pernas dela, envolve-a com os braços, encerrando-a no casulo do seu calor. Encaixam perfeitamente juntos.

– Então está combinado – diz Jakob.

Bella sorri.

– Está combinado.

– Tinha tanto medo de que não conseguisses chegar.

– Tive tanto medo de não te encontrar.

– Não voltemos a fazer a mesma coisa.

– A fazer o quê?

– Quero dizer... nunca mais nos separemos, nunca mais. Foi...

– A voz de Jakob transforma-se num sussurro. – Foi horrível.

– Horrível – concorda Bella.

– Juntos daqui em diante, está bem? Aconteça o que acontecer.

– Sim. Aconteça o que acontecer.

CAPÍTULO OITO

Halina

Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ 10 de outubro de 1939

Agarrando a faca com a mão livre, Halina sopra para afastar dos olhos uma madeixa de cabelo louro e inclina-se para a frente até ficar de joelhos. Pressionando um molho de talos de beterrabas cor-de-rosa contra a terra, flete o maxilar, ergue a lâmina e desce-a com toda a força que consegue reunir. *Thwack.* Ao início do dia, apercebeu-se de que, se aplicasse músculo suficiente, conseguia cortar os talos num só movimento em vez de ter de bater em cada planta duas vezes. Mas isso fora há várias horas. Agora está exausta. Os seus braços parecem ter sido talhados em carvalho, como se se fossem soltar a qualquer momento dos ombros. Agora são precisas duas, por vezes três, tentativas. *Thwack.*

Os irmãos haviam escrito recentemente de Lvov, com notícias de que os soviéticos lhes tinham atribuído trabalhos de secretaria. *Trabalhos de secretaria!* A notícia começara a irritá-la. Como é que *ela* acabara nos campos? Antes da guerra, Halina trabalhava como assistente para o seu cunhado Selim no laboratório médico, onde usava uma bata branca e luvas de latex; as mãos, decerto nunca estavam tão sujas. Recorda o primeiro dia no laboratório, como estava certa de que acharia o trabalho entediante e como, depois de uma semana, descobrira que a investigação– a minúcia de tudo aquilo, o potencial para novas descobertas diárias – era surpreendentemente gratificante. Faria qualquer coisa

para regressar àquele velho trabalho. Mas o laboratório, como a loja dos pais, fora confiscado, e quando se era um judeu sem trabalho, os alemães eram rápidos a conceder um. Os pais tinham sido mandados para uma cantina alemã, a irmã Mila para uma fábrica de roupas, para remendar os uniformes da frente alemã. Halina não fazia ideia do porquê de lhe ter sido atribuída aquela tarefa em particular; presumia tratar-se de uma piada; até se rira, quando o empregado da improvisada agência de emprego da cidade lhe entregou um papel com as palavras QUINTA DE BETERRABAS escritas no topo. Não tinha a mais pequena experiência na colheita dos vegetais. Mas claramente isso não importava. Os alemães tinham fome e as plantas estavam prontas para serem retiradas do chão.

Olhando de relance para as mãos, Halina franze o sobrolho, enojada. Quase não as consegue reconhecer; as beterrabas mancharam-nas de um fúcsia escuro, e em todas as rugas há terra – por baixo das unhas, nas pequenas pregas da pele em redor dos nós dos dedos, enfiada entre a carne, nas bolhas rebentadas que lhe marcam as palmas das mãos. Pior ainda, contudo, são as roupas, que estão praticamente arruinadas. A s calças não lhe fazem muita diferença (graças a Deus, decidiu usar calças e não uma saia), mas gostava particularmente daquela blusa de *chiffon,* e os sapatos são outra história. Era o seu par mais recente, um sapato clássico, com atacadores, com a biqueira ligeiramente quadrada e um salto pequeno e baixo. Comprara-os no verão, na loja Fogelman e usara-os presumindo que lhe tinham atribuído uma qualquer função no escritório da quinta, quiçá na contabilidade, e que não faria mal em apresentar-se de maneira a impressionar os novos patrões. Outrora de um belo e polido castanho córdoba, tinha agora a biqueira raspada e descolorida e quase não conseguia ver as perfurações intrincadas e decorativas nos seus lados. É trágico. Terá de passar horas, mais tarde, a limpá-los com uma agulha de costura. Amanhã, decidiu, envergará as suas piores roupas, talvez leve algumas das que Jakob deixou para trás.

Volta a sentar-se sobre os calcanhares, limpa o suor da testa com as costas da mão e espeta o lábio inferior enquanto volta a soprar para tentar afastar a madeixa teimosa que lhe faz cócegas no rosto. Quanto tempo, pergunta-se, se passará até que possa cortar o cabelo? Radom estava ocupada há trinta e três dias. O cabeleireiro que costumava utilizar está agora fechado aos judeus, o que representa um problema, dado que está desesperada por cortar o cabelo. Halina

suspira. É o seu primeiro dia na quinta e já está farta daquilo. *Thwack.*

Parece que já se passou uma eternidade desde o início do dia. Foi recolhida, pela manhã, por um oficial da *Wehrmacht* que envergava um uniforme verde engomado com uma faixa com a suástica no braço e um bigode tão fino que parecia desenhado sobre o lábio com um lápis de carvão. Tinha-a saudado com um olhar de relance por baixo da pala do boné e uma única palavra: «*Papiere*!» (os olás, ao que parece, eram demasiado bons para os judeus), depois apontara com o polegar por cima do ombro. «Entra.» Halina subira hesitantemente para a traseira do camião e descobrira um lugar entre os outros oito trabalhadores. Reconheceu todos com exceção de um. Enquanto aceleravam por baixo dos castanheiros que flanqueavam a rua Warszawska – recusava-se a chamá-la pelo seu nome alemão, *Poststrasse* – manteve a cabeça baixa com medo de ser reconhecida; que embaraçoso seria, pensou, se alguém da sua vida anterior a visse a ser levada daquela maneira.

Mas quando o camião parou na esquina da rua Kościelna, levantou os olhos e deparou-se, para seu horror, com uma antiga colega da escola junto à entrada da loja de doces de Pomianowski. No *gymnasium*, Sylvia desejara desesperadamente ser amiga de Halina – seguira-a por todo o lado durante grande parte de um ano até que, por fim, se tornaram próximas. Faziam os trabalhos de casa juntas e visitavam-se aos fins de semana. Certo ano, Sylvia convidou Halina a ir a sua casa pelo Natal; por insistência de Nechuma, Halina levara consigo uma lata dos biscoitos de amêndoa em forma de estrela da mãe. Desde que tinham terminado os estudos, haviam perdido o contacto; tanto quanto Halina sabia, Sylvia estava a trabalhar como auxiliar de enfermagem num dos hospitais da cidade. Tudo aquilo lhe passou pela mente enquanto o camião aguardava, com o motor a trabalhar, e as antigas amigas se fitavam, uma de cada lado da estrada. Halina pensara, por um instante, em acenar – como se fosse perfeitamente normal, para ela, estar ali enfiada, na parte de trás de um camião, ela e outros oito judeus, a caminho do trabalho –, mas antes que conseguisse levantar uma mão, Sylvia semicerrou os olhos e virou o rosto; fingiu que nem sequer a *conhecia!* O sangue de Halina fervera de humilhação e fúria, e quando o camião por fim arrancara, passou a meia hora seguinte a pensar nas coisas que gostaria de dizer a Sylvia quando a voltasse a ver.

Conduziram e conduziram, a cidade ficando rapidamente para trás, as ruas de duas faixas e as fachadas de tijolo do século XVII a darem lugar a um *patchwork* de orquídeas, terrenos de pasto e estreitas estradas de terra batida debruadas por pinheiros e amieiros. Quando por fim chegaram à quinta, Halina já se acalmara, mas sentia o corpo dorido de tanto chocalhar, o que a fez odiar ainda mais aquele dia.

Quando estacionaram, não havia um edifício sequer à vista, apenas terra e filas e filas de caules com folhas. Foi então que percebeu, fitando os hectares de terrenos agrícolas, que aquele não seria um trabalho de secretária. O oficial fê-los alinhar ao lado do camião e lançou-lhes cestos e sacas de serapilheira aos pés. «*Stämme*», dizia ele, apontando para as sacas. «*Rote rüben*», acrescentou, dando um pontapé no cesto. Embora soubesse alemão suficiente para se safar, «caules» e «beterrabas», ainda não faziam par te do seu vernáculo, mas as instruções eram fáceis de decifrar. Os caules na saca, as beterrabas no cesto. Passado um momento, o oficial entregou a cada um dos judeus uma faca com uma lâmina longa e embotada. Olhou para Halina quando ela pegou na sua. «*Für die stämme*», disse ele, pousando a mão no punho gasto da pistola presa ao seu cinto, o bigode transformando-se, ao longo da curva dos lábios, de modo a assumir a forma de uma garra. *Como é corajoso por nos entregar facas tão grandes como estas*, pensou Halina.

E assim foi. *Thwack, arranca, sacode, guarda. Thwack, arranca, sacode, guarda.*

Talvez devesse meter no bolso algumas beterrabas para levar para a mãe. Antes de a comida ser racionada, Nechuma ralava beterrabas assadas e misturava-as com rábanos picantes e limão para fazer *Żwikła*, que acompanhava com arenque fumado e batatas cozidas. Halina sente água a crescer na boca; já lá vão semanas desde que comeu uma refeição decente. Mas algo nela sabe que mais uma beterraba ao jantar não compensa as consequências de ser apanhada a roubar.

Ouve-se um assobio e ela levanta a cabeça, vendo a silhueta de um camião a cerca de cem metros de distância, e ao seu lado, um oficial alemão, presumivelmente aquele que os levara até ali, a acenar com o boné por cima da cabeça. A partir do seu quinhão consegue ver outros dois que caminham já na

sua direção. Quando se levanta, sente os músculos gritar. Passou demasiadas horas do dia curvada. Deixa cair a faca sobre as beterrabas no cesto e equilibra o punho de verga na curva do cotovelo. Gemendo, leva as mãos à saca repleta de caules, passa a sua pega de retrós sobre o ombro oposto e começa a cambalear em direção ao camião.

O sol mergulhou por detrás da linha das árvores, concedendo ao céu um tom rosado, como que manchado pelo suco das plantas que tinha passado o dia a colher. Em breve necessitará de um casaco mais quente, apercebe-se. O oficial volta a assobiar, fazendo-lhe sinal para que acelere, e ela pragueja contra ele num sussurro. O cesto é pesado; deve pesar quase uns quinze quilos. Avança tão depressa quanto lhe permitem as articulações, perguntando-se se algumas das beterrabas que apanhou acabarão na cantina onde trabalham os pais. Estão lá há cerca de uma semana. «Não é muito mau...», disse a mãe ao fim do primeiro dia, «... não fosse por termos de preparar pratos tão deliciosos que jamais provaremos.»

No camião, o oficial de bigode fino aguarda com a mão estendida. «*Das messer*», diz ele. Halina entrega-lhe a faca, depois pousa o saco e o cesto na caixa do camião antes de subir para ela. Os restantes já estão sentados, todos com um aspeto tão desmazelado quanto ela. Apanham o último trabalhador e depois acocoram-se para a viagem em direção a casa, o dia de trabalho aos seus pés, demasiado cansados para conversar.

– À mesma hora amanhã – vocifera o alemão, quando o camião para lentamente em frente ao número 14 da rua Warszawska. Já é quase de noite. Ele entrega os papéis a Halina através da janela da cabine do camião, juntamente com um pedaço de pão pequeno e velho com cerca de cem gramas, a sua compensação pelo dia de trabalho.

– *Danke* – agradece Halina, aceitando o pão, tentando mascarar o sarcasmo com um sorriso, mas o oficial recusa-se a olhar para ela e acelera antes que a palavra tenha deixado os seus lábios. – *Szkop* – sussurra ela, quando se vira e cambaleia em direção a casa, procurando a chave no bolso do casaco.

Assim que entra, encontra Mila no átrio, a pendurar o casaco; acaba de regressar da fábrica de uniformes. Felicia está sentada num tapete persa, a agitar uma pequena roca de prata, sorrindo perante o seu som tilintante.

– Meu Deus – arqueja Mila, chocada com a aparência de Halina. – O que raio é que te puseram a fazer?

– Estive na *colheita* – diz Halina. – A gatinhar pelos campos o dia todo. Consegues acreditar?

– Tu... numa quinta – diz Mila, suprimindo uma gargalhada. – É coisa nunca vista.

– Eu sei. Foi terrível. Tudo aquilo em que conseguia pensar – conta Halina, equilibrando-se sobre um pé junto à porta enquanto tira um sapato, estremecendo ao reabrir uma bolha – era se Adam me pudesse ver, de um lado para o outro de gatas na terra, como um animal! Que gargalhada não daria. Olha para os meus sapatos! – grita ela. – Meu Deus, que confusão – ela estuda as meias, maravilhando-se com a quantidade de terra que também apanharam, tirando-as cuidadosamente para não sujar o chão. – O que é isso? – pergunta, apontando para uma alça de tecido que pende solta do pescoço de Mila.

– Oh – diz Mila, olhando de relance para o peito –, esqueci-me de que a estava a usar. Foi algo que fiz... não sei o que lhe chamar, um arnês, suponho? – vira-se, apontando para a zona onde o tecido se cruza entre as suas omoplatas. – Consigo prender a Felicia ali dentro. – Ela vira-se de novo, dando uma palmada no tecido que pende em frente ao seu tronco. – Mantém-na escondida no caminho de e para a fábrica.

Mila leva Felicia todos os dias para o trabalho, embora tecnicamente as crianças não estejam autorizadas a fazê-lo. *Não são autorizadas pessoas com menos de doze anos no local de trabalho* é um dos muitos decretos alemães cujo desrespeito é punível com a morte. Mas Mila não pode *não* trabalhar – todos têm de trabalhar – e não pode propriamente deixar Felicia, que não tem sequer um ano, sozinha no apartamento durante todo o dia enquanto está fora.

Halina admira a ingenuidade da irmã, assim como a coragem. Pergunta-se se, estando no lugar dela, teria a lata para entrar na fábrica com uma criança ilegalmente presa ao peito. Mila mudou desde a partida de Selim. Halina pensa frequentemente em como, quando tudo era fácil, a maternidade era difícil para Mila, e agora que tudo é difícil, parece ser um papel que assume com a maior naturalidade. É como se se tivesse instalado nela uma espécie de sexto sentido. Já não se preocupa se, com mais uma noite mal dormida, Mila cairá no

desespero.

– A Felicia também gosta de estar aí, no seu... arnês? – pergunta Halina.

– Não parece importar-se.

Halina avança em bicos dos pés até à cozinha, enquanto Mila começa a preparar a mesa para o jantar. Embora as suas refeições já não sejam o que costumavam ser, Nechuma insiste para que continuem a utilizar as pratas e as porcelanas.

– O que faz Felicia enquanto passas o dia a coser? – pergunta.

– Brinca por baixo da minha mesa de trabalho, sobretudo. Dorme as sestas num cesto com pedaços de tecido. Tem sido incrivelmente paciente – acrescenta Mila, a alegria evaporando-se da sua voz.

Curvada sobre o lava-loiça, Halina abre a torneira sobre as mãos e braços, imaginando a sobrinha de onze meses a brincar por baixo de uma mesa durante horas a fio. Gostaria que houvesse alguma coisa que pudesse fazer para ajudar.

– Não tiveste notícias de Selim hoje? – pergunta.

– Não.

A água jorra contra a bacia de metal do lava-loiça e Halina mantém-se em silêncio durante um momento. Genek, Jakob e Adam escreveram a indicar novas moradas em Lvov, para darem notícias. Nas cartas, dizem que não veem Selim desde que os soviéticos assumiram o poder. O coração de Halina parte-se pela irmã. Deve ser impossível não saber onde anda o marido, ou mesmo se está *vivo*. Já tentou por algumas vezes consolar Mila, com a sua própria visão – a ausência de notícias é melhor do que haver más notícias –, mas até ela sabe que o desaparecimento de Selim não pode ser uma coisa boa.

Na sua última carta, Adam confirmou o que lera no *Tribune* e no *Radomer Leben* – os jornais eram a sua única fonte de notícias agora, dado que os rádios haviam sido confiscados –, que o exército polaco em Lvov fora desmantelado e que os alemães se tinham retirado, deixando a cidade nas mãos do Exército Vermelho. *Não é terrível*, foi como Adam descreveu a vida sob o domínio dos soviéticos. Havia bastante trabalho a fazer, disse. Na verdade, arranjara um emprego. O salário era miserável, mas era um emprego. Também podia arranjar um para Halina. E tinha notícias – algo que queria partilhar com ela

pessoalmente. Assinava a carta *com amor*, e acrescentava um *postscriptum*: *Acho que devias vir para Lvov.*

Apesar da sua apreensão acerca de viver sob o domínio soviético, a ideia de se mudar para Lvov encanta Halina. Sente profundamente a falta de Adam – os seus modos calmos, reconfortantes, o seu toque gentil e confiante, um toque que a fazia compreender que os rapazes com quem namorara antes dele eram absolutamente incompetentes quando comparados com o homem que ele era. Faria qualquer coisa para estar de novo com ele. Pergunta-se se as suas *notícias* poderiam ser um pedido de casamento. Ela tem vinte e dois, ele trinta e dois. Já estão juntos há bastante tempo, o casamento parece o passo lógico seguinte. Ela pensa frequentemente nisso, o coração enchendo-se perante a ideia de ele lhe pedir a mão, e depois esvaziando-se até ficar seco quando se apercebe de que, para estar com Adam, terá de deixar Radom. Por muitas voltas que lhe dê, não lhe parece certo abandonar os pais. Com Jakob e Genek em Lvov, quem mais poderia cuidar deles? Mila tem de cuidar de Felicia, e Addy continua preso em França – na sua última carta diz que recebera ordens para se alistar, que em novembro se juntaria ao exército. E, por isso, só resta ela. E, de qualquer maneira, mesmo que *pudesse* justificar a sua ida a Lvov durante um curto espaço de tempo, com intenção de regressar, a viagem em si seria praticamente impossível, dado que os últimos decretos nazis a haviam privado do direito de deixar a sua casa ou de viajar de comboio sem um visto especial. Por ora, não havia outra escolha. Tinha de ficar onde estava.

Uma fechadura chocalha e a voz de Sol ecoa, um instante depois, através do apartamento, quando este chama pela neta.

– Onde está o meu pesseguinho?

Felicia sorri e ergue-se hesitante, avançando ao longo do corredor em direção à sala de jantar, os braços estendidos à sua frente como pequenos ímanes, que a puxam para os braços do seu *dziadek*. Halina e Mila seguem logo atrás. Felicia ri quando Sol a ergue, rosnando brincalhão, mordiscando-lhe o ombro até as suas pequenas risadinhas se transformarem em guinchos. Nechuma surge atrás dele, e Halina e Mila saúdam os pais, trocando beijos.

– Oh, céus – sussurra Nechuma, fitando as roupas de Halina. – O que aconteceu?

– Tenho estado na *colheita*. Alguma vez me viram tão imunda?

– Nunca – confirma Nechuma, olhando para a filha mais nova e abanando a cabeça.

– E vocês? A cantina? – pergunta Halina, pendurando o casaco da mãe.

Nechuma ergue o polegar, envolto numa ligadura manchada de sangue.

– Fora isto, foi um tédio.

– Mãe! – Halina agarra a mão de Nechuma para poder ver mais de perto.

– Estou bem. Se os alemães nos dessem facas decentes, não me cortaria tantas vezes. Mas sabem que mais? Um pouco de sangue no seu *kartoflanka* não vai matar ninguém. – Ela sorri, agradada com o seu segredo.

– Devias ter mais cuidado – censura Halina.

Nechuma afasta a mão e ignora o comentário.

– Tenho um miminho para nós – diz, retirando de debaixo da blusa um lenço repleto com uma mão-cheia de cascas de batata. – São apenas algumas – diz ela, quando vê as sobrancelhas de Halina a saltar. – Descasquei-as bem grossas. Olhem, temos aqui quase meia batata.

Halina olha fixamente.

– *Roubaste-as*? Da cantina?

– Ninguém me viu.

– Mas e se *tivessem* visto? – o tom de Halina é duro, provavelmente demasiado duro. Não costuma falar assim com a mãe e sabe que devia pedir desculpas, mas não o faz. Uma coisa é Mila levar o bebé às escondidas para o local de trabalho, não tem outra alternativa senão fazê-lo, mas outra coisa é a mãe roubar aos alemães e ignorar a questão com um encolher de ombros.

A divisão fica em silêncio. Halina, Mila e os pais olham uns para os outros, os seus olhares formando um quadrado. Por fim, Mila fala.

– Não faz mal, Halina, precisamos delas. Felicia é só ossos, olha para ela. Mãe, obrigada. Vem, vamos fazer a sopa.

CAPÍTULO NOVE

Jakob e Bella

Lvov, Polónia ocupada pelos soviéticos ~ 24 de outubro de 1939

Bella avança com cuidado para não pisar a parte de trás dos calcanhares de Anna. As irmãs avançam devagar, deliberadamente, falando em sussurros. São nove da noite, as ruas estão desertas. Há um recolher obrigatório em Lvov, tal como em Radom, mas o *blackout* continua ainda em vigor, e com os candeeiros apagados, é quase impossível ver.

– Nem acredito que não trouxe uma lanterna – sussurra Bella.

– Percorri o caminho hoje, mais cedo – diz Anna. – Mantém-te perto, sei por onde vou.

Bella sorri. Esgueirar-se pelas ruas secundárias sob a luz azul pálida da lua fá-la pensar nas noites em que ela e Jakob abandonavam os seus apartamentos em bicos de pés às duas da manhã para fazerem amor no parque, sob os castanheiros.

– É aqui mesmo – sussurra Anna.

Sobem um pequeno lanço de escadas, entrando na casa pela porta lateral. No interior está ainda mais escuro do que na rua.

– Espera um momento enquanto acendo um fósforo – diz Anna, vasculhando a sua mala.

– Sim, minha senhora – responde Bella, rindo. Durante toda a vida fora *ela* a mandar em Anna, não o contrário. A irmã era a mais nova, a querida da família. Mas sabe que por detrás do rosto belo e da aparência calma, a caçula é imensamente inteligente, capaz de tudo aquilo a que se decide.

Embora seja dois anos mais nova, Anna foi a primeira a casar. Ela e o marido, Daniel, vivem na mesma rua que Bella e Jakob, em Lvov – uma circunstância que acalmou a dor de Bella ao deixar os pais para trás. As irmãs veem-se com frequência e falam muitas vezes acerca da melhor maneira de convencer os pais a mudarem-se para Lvov. Mas nas suas cartas, Gustava insiste que ela e Henry se estão a safar sozinhos em Radom. *O consultório de dentista do teu pai ainda traz algum rendimento,* escreve na sua última carta. *Tem tratado os alemães. Não faz sentido mudarmo-nos, pelo menos não ainda. Prometam apenas que nos visitam se puderem, e que escrevem frequentemente.*

– Como raio é que encontraste este sítio? – pergunta Bella. Não lhe deram morada alguma, só lhe disseram que seguisse. Tinham serpenteado por tantas vielas estreitas durante o caminho que perdera qualquer sentido de orientação.

– Foi o Adam quem o encontrou – diz Anna, tentando acender repetidamente o fósforo sem obter qualquer chama. – Através da Resistência. Ao que parece já a usaram antes, como uma espécie de casa segura. Está abandonada, por isso não deverá haver visitas de surpresa – finalmente, um fósforo acende-se, emitindo uma nuvem de enxofre de cheiro forte e um halo âmbar de luz. – Adam disse que deixou uma vela junto à torneira – murmura, arrastando-se em direção ao lava-loiça, uma mão a cobrir a chama. Adam também encontrou o rabino, o que Bella sabia não ser tarefa fácil. Quando Lvov caiu, os soviéticos privaram os rabinos da cidade dos seus títulos e impediram-nos de praticar; aqueles que eram incapazes de encontrar novos trabalhos esconderam-se. Yoffe foi o único rabino que Adam conseguiu encontrar, disse ele, que não estava demasiado assustado para oficiar uma cerimónia de casamento, sob condição de que esta decorresse em segredo.

Sob a luz frágil do fósforo, a divisão começa a ganhar forma. Bella olha à sua volta, para a sombra de uma chaleira pousada no fogão, uma tigela com colheres de madeira revela a sua silhueta sobre a bancada, na janela sobre o lava-loiça está pendurada uma cortina opaca. Quem quer que ali vivesse partiu

apressadamente, ao que parece.

– É incrivelmente gentil de Adam fazer isto por nós – diz Bella, mais para si mesma do que para a irmã. Conhecera Adam há um ano, quando ele alugou um quarto no apartamento dos Kurc. Acima de tudo conhecia-o como namorado de Halina, calmo e composto e bastante silencioso... muitas vezes a sua voz quase não era ouvida à mesa de jantar. Mas desde que chegara a Lvov, surpreendera Bella com a sua capacidade para orquestrar o impossível: preparando identificações falsas para a família. Tanto quanto os russos sabiam, Adam trabalha num pomar fora da cidade, a apanhar maçãs, mas, na Resistência, tornou-se um falsificador valorizado. Por aquela altura, já centenas de judeus têm documentos de identificação feitos por ele, que produz com uma mão tão meticulosa que Bella poderia jurar que eram verdadeiros.

Ela perguntara-lhe, certa vez, como era capaz de lhes conferir uma aparência tão autêntica. «Eles *são* autênticos. Pelo menos os selos», confidenciou ele, explicando como descobrira que podia remover selos do governo oficiais de cartões de identificação já existentes com a ajuda de um ovo descascado acabado de cozer. «Tiro o original quando o ovo ainda está quente, depois rolo o ovo sobre o novo cartão. Não me perguntes porquê, mas funciona.»

– Encontrei! – A escuridão volta a envolvê-las enquanto Anna procura mais um fósforo. Um instante depois, a vela está acesa.

Bella tira o casaco, pousa-o nas costas de uma cadeira.

– Está frio aqui – sussurra Anna. – Desculpa. – Levando consigo a vela, afasta-se do lava-loiça para se colocar junto de Bella.

– Não faz mal. – Bella suprime um arrepio. – O Jakob já chegou? E Genek? Herta? Está tudo tão silencioso.

– Estão cá todos. A instalar-se no *hall* de entrada, imagino.

– Então não me irei casar na cozinha? – Bella ri e depois suspira, apercebendo-se de que, por muito que tenha dito a si mesma que casaria com Jakob em qualquer lado, a ideia de casar ali, naquela casa fantasmagórica mergulhada nas sombras, de uma família que nunca conheceu, começa a fazer com que se sinta inquieta.

– Por favor. Tens demasiada classe para um casamento na cozinha.

– Nunca pensei que ia ficar assim tão nervosa – sorri Bella.

– É o dia do teu *casamento*... claro que estás nervosa!

Aquelas palavras preenchem Bella, que se sente ficar imobilizada.

– Quem me dera que a mãe e o pai aqui estivessem – diz a noiva por fim, e, ao ouvir-se, sente os olhos enchem-se-lhe de lágrimas. Ela e Jakob haviam falado acerca de esperar pelo fim da guerra para se casarem, de modo a poderem realizar uma cerimónia mais tradicional em Radom com as famílias. Mas não há como saber quando terminará a guerra. Decidiram que já tinham esperado tempo suficiente. Os Tatar e os Kurc enviaram a sua bênção de Radom. Haviam praticamente implorado que Jakob e Bella se casassem. Ainda assim, Bella odeia que os pais não estejam com eles: odeia que, embora se sinta tão feliz agora que está com Jakob, também se sinta culpada. Será certo, pergunta-se, celebrar enquanto o seu país está em guerra? Enquanto os pais estão sozinhos em Radom... os pais, que, durante toda a vida, lhe haviam dado tanto quando tinham tão pouco? A memória de Bella salta para o dia em que ela e Anna regressaram a casa da escola e encontraram o pai na sala de estar com um cão de mau aspeto aos pés. O cachorro fora um presente, dissera-lhes, de um dos seus pacientes que estava a passar por um período difícil e não conseguia pagar para lhe extraírem um dente. Bella e Anna, que queriam um cão desde que eram pequeninas, gritaram de alegria e correram para abraçar o pai, que as envolveu com os braços, rindo, enquanto o cão lhes mordiscava alegremente os tornozelos.

– Eu sei – diz Anna, apertando a mão da irmã. – Também gostava que eles aqui pudessem estar. Mas querem isto para ti. Não deves preocupar-te com eles. Não esta noite.

Bella acena com a cabeça.

– É que é tão diferente daquilo que tinha imaginado – sussurra.

– Eu sei – diz Anna de novo, a sua voz suave.

Quando eram adolescentes, Bella e Anna ficavam deitadas na cama e conversavam durante horas, imaginando a história dos dias dos seus casamentos. Na altura, Bella conseguia vê-lo na perfeição: o *bouquet* de rosas brancas e de perfume doce que a mãe prepararia para ela levar; o sorriso no rosto do pai enquanto lhe erguia o véu para lhe beijar a testa por baixo do *chupá*; a emoção

de Jakob a deslizar-lhe o anel no indicador, um símbolo do amor que ela transportaria consigo durante o resto da vida. O casamento, se tivesse sido em Radom, não teria sido luxuoso, sabe disso. Teria sido simples. Belo. Mas *nunca* uma cerimónia secreta, realizada na velha carcaça de uma casa abandonada e às escuras, a quinhentos quilómetros dos seus pais. Mas, recorda-se a si mesma, fora, a fi nal de contas, por sua escolha que viajara para Lvov. Ela e Jakob haviam decidido juntos casar ali. A irmã tinha razão; os pais queriam aquilo há vários anos. Concentrar-se-ia naquilo que tinha, não no que não tinha: em especial, naquela noite.

– Ninguém podia ter previsto isto – acrescenta Anna. – Mas pensa bem – diz, a sua voz tornando-se mais alegre – a próxima vez que vires *mama i tata*, serás uma mulher casada! É difícil de acreditar, não é?

Bella sorri, usando a sua vontade para afastar as lágrimas.

– É, de certa maneira – sussurra, pensando na carta do pai, que chegara há dois dias. Nela, Henry descreve como ele e Gustava tinham ficado felizes ao saber da sua intenção de casar. *Amamos-te tanto, querida Bella. O teu Jakob é uma boa alma, esse rapaz, de boa família. Iremos celebrar, todos nós, quando nos voltarmos a juntar.* Em vez de mostrar de imediato a carta a Jakob, Bella escondera-a debaixo da almofada e decidira mostrar-lha mais tarde, nessa noite, depois de terem regressado ao apartamento como marido e mulher.

Encolhendo a barriga, Bella desliza a mãos pelo corpete de renda do vestido.

– Fico muito feliz por servir – diz ela, expirando. – É tão belo quanto me lembro.

Quando Anna ficou noiva de Daniel, a mãe, sabendo que nunca poderiam pagar o tipo de vestido que a filha desejaria comprar numa costureira, decidira fazer um ela mesma. Ela, Bella e Anna tinham percorrido as páginas de *McCall's* e *Harper's Bazaar* à procura dos desenhos que mais gostavam. Quando Anna, ao fim de imensos, escolheu o seu preferido – inspirado em imagens de Barbara Stanwyck no cinema – as mulheres Tatar passaram toda uma tarde na loja de tecidos de Nechuma, curvadas sobre rolos de diversos cetins, sedas e rendas, maravilhando-se com quão luxuosos pareciam quando os esfregavam entre os dedos. Nechuma vendeu-lhes a preço de custo os materiais escolhidos e Gustava demorou quase um mês a terminar o vestido: com um decote em V, um corpete

de renda branca, mangas compridas apertadas nos punhos, botões ao longo das costas, uma saia em forma de sino que caía quase até ao chão e uma faixa de cetim branco a envolver-lhe as ancas. Encantada, Anna considerou-o uma *obra-prima*. Bella esperara, secretamente, poder usá-lo um dia.

– Sinto-me verdadeiramente feliz por tê-lo trazido – diz Anna. – Quase o deixei com a mãe, mas não conseguia suportar a ideia de o deixar para trás. Oh, Bella. – afasta-se para olhar para a irmã –, estás tão bonita! Anda – diz-lhe, ajustando a pregadeira dourada que pende do pescoço de Bella, de modo a ficar perfeitamente centrado na cova entre as clavículas –, antes que comeces a chorar. Estás pronta?

– Quase. – Bella retira um tubo metálico do bolso do casaco. Remove a tampa, depois dá meia-volta ao fundo e aplica alguns toques do batom vermelho pimenta cuidadosamente nos lábios, desejando ter um espelho. – Ainda bem que também trouxeste isto – agradece, esfregando os lábios um no outro antes de voltar a guardar o tubo no bolso. – E que não te importas de partilhar – acrescenta.

Quando o batom foi retirado do mercado (o exército tinha outros usos para o petróleo e o óleo de castor), a maior parte das mulheres soube que tinha de se agarrar ferozmente ao que lhe restava.

– Claro – diz Anna. – Então... *gotowa*?

– Pronta.

Levando a vela numa mão, Anna conduz Bella calmamente através da porta. O *hall* de entrada está fracamente iluminado por duas pequenas velas votivas pousadas nos balaústres das escadas. Jakob está de pé, ao fundo das escadas. A princípio, tudo aquilo que Bella consegue ver é a sua silhueta – o tronco estreito, a suave curva dos ombros.

– Vamos poupá-la para mais tarde – diz Anna, apagando a sua vela. Beija o rosto da irmã. – Adoro-te – acrescenta sorrindo, e depois afasta-se para saudar os restantes. Bella não os consegue ver, mas ouve os sussurros: *Och, jaka piŻkna! Linda!*

Uma segunda silhueta levanta-se, imóvel, ao lado do noivo, a luz da vela incidindo sobre o frisado de uma longa barba prateada. Deve ser o rabino,

apercebe-se Bella. Avança para o brilho tremeluzente das velas votivas e desliza o braço através do de Jakob, sentindo a tensão entre as suas costelas a desaparecer. Já não está nervosa, nem tem frio. Está a flutuar.

Os olhos de Jakob estão rasos de lágrimas quando se encontram com os dela. Nos sapatos de salto cor de marfim da irmã, está quase tão alta quanto ele. Ele dá-lhe um beijo na face.

– Olá, raio de sol – cumprimenta-a ele, sorrindo.

– Olá – responde Bella, retribuindo o sorriso. Um dos presentes ri.

O rabino estende a mão. O seu rosto é um labirinto de rugas. Deve estar na casa dos oitenta, calcula Bella.

– Sou o rabino Yoffe – apresenta-se. A sua voz, como a barba, é áspera.

– É um prazer – diz Bella, tomando a mão dele e baixando o queixo. Os dedos dele parecem frágeis e nodosos entre os seus, como um molho de ramos. – Obrigada por tudo isto – agradece, sabendo o risco que ele está a correr.

Yoffe tosse para limpar a garganta.

– Bem. Vamos começar?

Jakob e Bella acenam com a cabeça.

– *Yacub* – começa Yoffe – repitam depois de mim.

Jakob faz os possíveis para não se atrapalhar com as palavras do rabino Yoffe, mas é difícil, em parte porque o seu hebraico é rudimentar, mas acima de tudo porque está demasiado distraído pela noiva para se focar no que seja durante mais do que alguns segundos. Ela está maravilhosa no seu vestido. Mas não é o vestido que o encanta. Nunca vira a sua pele tão macia, os olhos tão brilhantes, o sorriso, mesmo nas sombras, como um perfeito e radiante arco do cupido. Contra o pano de fundo de ébano da casa abandonada, aninhada no brilho dourado da luz da vela, parece angélica. Não consegue afastar os olhos dela. E, por isso, gagueja as orações, pensando não nas palavras, mas na imagem daquela que, em breve, será a sua esposa, memorizando cada curva, desejando poder tirar-lhe uma fotografia para lhe mostrar mais tarde como estava bela.

Yoffe retira do bolso do peito um lenço, coloca-o sobre a cabeça de Bella.

– Anda sete vezes – indica ele, desenhando um círculo imaginário no chão com o indicador – em redor de *Yacub*.

Bella solta o braço do de Jakob e obedece, os saltos batendo suavemente no chão de madeira enquanto percorre um círculo e depois dois. De cada vez que passa à frente dele, Jakob sussurra:

– Estás linda.

E, de cada vez, Bella cora. Quando regressa ao lado de Jakob, Yoffe realiza uma curta oração e volta a levar a mão ao bolso, desta vez retirando um guardanapo de pano dobrado em dois. Abre-o, revelando uma pequena lâmpada com o filamento partido, uma luz em funcionamento é demasiado preciosa para ser destruída.

– Não se preocupem, já não funciona – diz ele, embrulhando a lâmpada e curvando-se lentamente para a colocar aos seus pés. Algo range e Jakob pergunta-se se terão sido as tábuas do chão ou uma das articulações do rabino. – Nesta ocasião feliz – diz Yoffe, endireitando-se –, não devemos esquecer quão frágil é a vida. O partir do vidro: um símbolo da destruição do templo de Jerusalém, da curta vida do homem na terra. – Aponta para Jakob e depois para o chão. Jakob baixa lentamente o pé sobre o guardanapo, resistindo ao impulso de o pisar violentamente com medo que alguém pudesse ouvir.

– *Mazel tov*! – gritam os outros, baixinho, mergulhados nas sombras, esforçando-se igualmente por subjugar a sua felicidade. Jakob pega nas mãos de Bella, entrelaçando os dedos nos dela.

– Antes de terminarmos – anuncia Yoffe, fazendo uma pausa para olhar para Jakob e Bella –, gostaria de acrescentar que, mesmo na escuridão, vejo o vosso a mor. Por dentro, estão cheios, e ele brilha através dos vossos olhos. – Jakob aperta a mão de Bella com mais força. O rabino sorri, revelando a falta de dois dentes, depois começa a cantar recitando a oração final:

Abençoado sejas, Deus nosso Senhor, segurando o mundo,

que criou a alegria e a celebração, noivo e noiva,

regozijo, júbilo, prazer e encanto,

amor e fraternidade, paz e amizade...

Os outros vão cantando também, batendo suavemente as palmas enquanto

Jakob e Bella selam a cerimónia com um beijo.

– A minha *esposa* – diz Jakob, o seu olhar deslizando graciosamente pelo rosto de Bella. A palavra parece nova e maravilhosa nos seus lábios. Ele rouba-lhe um segundo beijo.

– Meu *marido*.

De mãos dadas, viram-se para saudar os convidados, que emergem das sombras do *hall* de entrada para abraçar os recém-casados.

Alguns minutos depois, o grupo reúne-se na sala de jantar, para um jantar improvisado, uma refeição que levaram escondida debaixo dos casacos. Não é nada de elegante, mas ainda assim um encanto – hambúrgueres de carne de cavalo, batatas cozidas e cerveja caseira.

Genek bate suavemente com o garfo contra um copo emprestado e tosse para limpar a garganta.

– Para *pan* e *pani* Kurc – diz, erguendo o copo. – *Mazel tov*!

Jakob percebe como é difícil, para Genek, manter a voz baixa.

– *Mazel tov* – ecoam os restantes.

– E só foram precisos nove anos! – acrescenta Genek com um sorriso. Ao seu lado, Herta ri. – Mas a sério. Ao meu irmãozinho e à sua encantadora noiva, que todos adoramos desde o dia em que a conhecemos: que o vosso amor seja eterno. *L'chaim!*

– *L'chaim*! – repetem os outros em uníssono.

Jakob ergue o copo, sorrindo a Genek, e desejando, como tantas vezes, ter feito o pedido mais cedo. Se tivesse pedido a mão de Bella há um ano, a celebração do casamento seria como deve ser – com os pais, irmãos, tias e tios ao seu lado. Teriam dançado ao som de Popławski, bebido champanhe de copos altos, e deliciar-se-iam com um bolo de gengibre. A noite, sem dúvida, teria terminado com Addy, Halina e Mila a revezarem-se nas teclas de um piano, encantando os convidados com música *jazz*, um noturno de Chopin. Olha de relance para Bella. Concordaram que estavam a fazer a coisa certa, casar ali em Lvov, e embora ele nunca o tenha dito, sabe que ela deve alimentar desejos semelhantes – pelo casamento que achavam que iam ter. Pelo casamento que ela

merecia. *Esquece*, diz para si mesmo, afastando o toque familiar de arrependimento.

Em redor da mesa, os copos encontram-se, as bases cilíndricas refletindo a luz da vela enquanto a noiva e o noivo e os convidados vão bebendo cerveja. Bella tosse e tapa a boca, arqueia as sobrancelhas, e Jakob ri. Há meses que não bebem e a cerveja é forte.

– Potente! – comenta Genek, as covinhas das bochechas lançando sombras sobre o seu rosto. – Não tarda estaremos todos bêbados.

– Acho que sou capaz de já estar – confirma Anna, na ponta mais distante da mesa.

Enquanto os outros riem, Jakob vira-se, pousa a mão no joelho de Bella, por baixo da mesa.

– A tua aliança espera-te em Radom – sussurra. – Lamento não ta ter dado mais cedo. Estava à espera do momento perfeito.

– Por favor – responde-lhe ela, abanando a cabeça. – Não preciso de uma aliança.

– Sei que isto não foi...

– Chiu, Jakob – sussurra. – Sei o que vais dizer.

– Hei de compensar-te, meu amor. Prometo.

– Não é preciso – sorria a noiva. – Sinceramente, é perfeito.

O coração de Jakob enche-se de amor. Ele inclina-se para ela, tocando ao de leve com os lábios na sua orelha.

– Não é como imaginámos, mas quero que saibas: nunca me senti mais feliz do que me sinto agora – sussurra ele.

Bella cora de novo.

– Nem eu.

CAPÍTULO DEZ

Nechuma

Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ 27 de outubro de 1939

Nechuma reuniu os bens mais valiosos da família e dispô-los em filas organizadas sobre a mesa da sala de jantar. Juntas, ela e Mila fazem o inventário.

– Devíamos levar connosco tanto quanto pudermos – diz Mila.

– Sim – concorda Nechuma. – Também deixarei algumas coisas com Liliana. – Os filhos de Nechuma cresceram a jogar *kapela* no pátio do edifício com os filhos de Liliana; os Kurc e os Sobczak são próximos.

– Nem acredito que vamos partir – sussurra Mila.

Nechuma pousa as mãos nas costas de mogno entalhado de uma cadeira da sala de jantar. Ainda ninguém pronunciou as palavras, pelo menos em voz alta.

– Nem eu.

Um par de soldados da *Wehrmacht* bateram-lhes à porta no início da manhã com a notícia.

– Têm até ao fim do dia para juntar os vossos pertences e sair – anunciou um deles, estendendo uma tira de papel em direção a Sol, com a nova morada carimbada no topo. – Regressarão amanhã ao trabalho. – Nechuma fitara furiosamente o homem a partir da sua posição ao lado do marido e ele fitara-a de

volta, olhando-a com o rosto contorcido, como se houvesse comido algo podre. – A mobília fica – acrescentou, antes de se virar para partir. Nechuma erguera um punho no ar e proferira, num sussurro, uma série de impropérios uma vez fechada a porta, depois percorrera, bufando, o corredor até à cozinha para envolver o pescoço com um pano frio.

A visita do soldado não era uma surpresa, claro. Nechuma pressentira que era apenas uma questão de tempo até que os nazis por ali passassem. Havia um influxo de alemães em Radom; estes precisavam de casas, e o apartamento de cinco quartos dos Kurc era espaçoso, a sua rua de Radom uma das mais desejáveis. Quando as duas famílias judaicas do edifício foram despejadas, na semana anterior, ela e Sol haviam começado a preparar-se. Contaram e poliram as pratas, enfiado alguns rolos de tecido por detrás de uma parede falsa na sala de estar, tendo chegado mesmo a contactar o comité que atribuía as novas moradas aos judeus despejados, de modo a solicitar um espaço que fosse limpo e grande o suficiente para todos, Halina, Mila e Felicia incluídas. Ainda assim, nada poderia preparar verdadeiramente Nechuma para a sensação de deixarem a sua casa de mais de trinta anos, no número 14 da Rua Warszawska.

«Vamos fazer rapidamente as malas e despachar isto», declarou, uma vez mais calma. Enquanto Nechuma e Mila organizavam os seus bens mais preciosos em pilhas, Sol e Halina faziam viagens para trás e para a frente até ao apartamento de dois quartos que lhes fora atribuído na Rua Lubelska, no centro histórico, arrastando consigo tachos de cobre e candeeiros de mesinha de cabeceira, um tapete persa, uma tela a óleo adquirida há vários anos em Paris, uma saca repleta de linhos, um *kit* de costura, uma pequena lata com especiarias. Sem qualquer indicação de quando poderiam regressar a casa, encheram as malas com roupas para todas as estações.

Ao meio-dia, Sol declarou que o apartamento estava quase cheio.

«Depois de termos levado os nossos bens mais valiosos», disse ele «não haverá espaço para muito mais.» Não foi propriamente um choque, ainda assim, o coração de Nechuma ficou apertado. Sabia que a banheira, a escrivaninha e o piano tinham de ficar, tal como o antigo banco de toucador que ela forrara com seda francesa; a cabeceira de cobre com as suas belas peças em forma de vieiras e os postes arredondados, um presente surpresa de Sol pelo seu décimo

aniversário de casamento; o louceiro espelhado que pertencera outrora à bisavó; o cesto de ferro forjado da varanda, que enchia todas as primaveras com sardinheiras e açafrão – também delas sentiria falta. Mas como podiam deixar para trás o retrato do pai de Sol, Gerszon, pendurado na sala? As toalhas de mesa índigo e as estatuetas de marfim que ela colecionara ao longo dos anos durante as suas viagens? A tigela de cristal repleta de uvas de vidro soprado que colocara no parapeito da janela da sala de estar para apanhar o sol da manhã?

A tarde desvanecera-se enquanto Nechuma vagueava pelo apartamento, deslizando os dedos ao longo das lombadas dos seus livros preferidos e vasculhando as caixas de desenhos e trabalhos que guardara dos dias de escola dos seus filhos. Embora de nada lhes servissem no novo apartamento, aquelas eram as coisas mais importantes, apercebeu-se enquanto as virava nas mãos. Aquelas eram as coisas que os definiam. No final, permitiu-se apenas uma mala repleta de recordações das quais simplesmente não se podia separar: uma coleção de valsas de Chopin para pianoforte, uma pilha de fotos de família, um livro de poesia de Peretz. Guardou a pauta de uma peça que Addy aprendera quando tinha cinco anos – uma canção de embalar de Brahms, com a nota do professor de piano escrevinhada na margem: *Muito bem, Addy, continu a com o bom trabalho.* Uma moldura coberta a ouro gravada com o ano 1911 e, no seu interior, uma foto de Mila, careca e de olhos grandes, mais ou menos do tamanho que Felicia tem agora. Os pequeníssimos sapatos de pele vermelhos que primeiro cobriram os pés de Genek, depois os de Addy, por fim os de Jakob, quando deram os seus primeiros passos. O gancho para o cabelo cor-de-rosa pálido que Halina insistira em usar todos os dias durante anos. Colocou os restantes pertences dos filhos cuidadosamente em caixas, guardando-as no seu armário mais fundo, rezando para ali regressar em breve.

Agora, junto à mesa da sala de jantar, Nechuma separa uma tigela de prata e uma concha para os Sobeczak. O resto, decide, levarão com eles.

– Comecemos pelas porcelanas – decide. Ergue uma chávena de chá da mesa, com um debrum dourado, delicadas peónias cor-de-rosa pintadas por baixo do rebordo. Embrulha individualmente as chávenas e os pires em guardanapos de linho, aninha-os numa caixa, depois avança para as pratas: dois conjuntos, um herdado da mãe de Sol, o outro da de Nechuma.

– Pensei cobri-las de tecido e cosê-las a uma saia, de modo a que parecessem botões – diz Nechuma, apontando para as duas moedas de ouro que pousara sobre uma pilha substancial de notas de zlotys, a fração das suas poupanças que tinham sido capazes de levantar antes de as contas bancárias serem congeladas.

– Boa ideia – concorda Mila. Pega num espelho de mão em prata esterlina e espreita para o seu reflexo por um momento, torcendo o nariz ao ver os círculos escuros por baixo dos olhos. – Isto era da tua mãe, certo? – pergunta.

– Era.

Mila pousa suavemente o espelho dentro da caixa, dobrando alguns metros de seda italiana cor de marfim e renda francesa branca em quadrados e colocando as peças sobre ele.

Nechuma empilha os zlotys e enrola-os, juntamente com as moedas de ouro, dentro de um guardanapo, que em seguida enfia na bolsa.

A mesa está agora despida, com exceção de uma pequena bolsa de veludo preto. Mila pega nela.

– O que é isto? – pergunta. – É pesado.

– Anda – diz Nechuma, sorrindo. – Vou mostrar-te. – Mila entrega-lhe a bolsa e Nechuma solta a guita que lhe prende o topo. – Abre a mão – instrui, esvaziando o conteúdo na palma da mão de Mila.

– Oh – sussurra Mila. – Oh, céus.

Nechuma espreita para o colar que cintila na palma da mão da filha.

– É uma ametista – sussurra. – Encontrei-o há alguns anos, em Viena. Tinha algo... não consegui resistir-lhe.

Mila vira a pedra roxa, os seus olhos abrem-se ainda mais quando esta capta a luz do candeeiro por cima das suas cabeças.

– É linda – diz ela.

– Não é?

– Por que razão nunca a usaste? – pergunta Mia, erguendo-a até ao seu próprio pescoço, sentindo o peso da pedra, a corrente de ouro repousando-lhe sobre a clavícula.

– Não sei. Parecia algo faustoso. Sempre me senti constrangida a usá-lo.

Nechuma recorda como, no dia em que colocou o colar pela primeira vez, a ideia de possuir uma extravagância como aquela lhe deixara os joelhos fracos. Foi em 1935; tinha ido a Viena para fazer compras para a loja e vira-o na montra de uma joalharia, no regresso à estação de caminhos-de-ferro. Experimentara-o e decidira, num impulso a que não estava habituada, que tinha de o ter, perguntando-se, no preciso instante em que abandonou a loja se se i ria arrepender daquela decisão. Tratava-se de um investimento, pensou com os seus botões. E, além disso, merecera-o. O negócio estava a correr bem há já vários anos, e os filhos eram, na sua maioria, independentes, estando a terminar os últimos anos da universidade, ganhando já a sua vida. Era exorbitante, sim, mas lembrava-se de ter pensado que também era a primeira vez na vida que podia justificar facilmente aquele tipo de mimo.

Nechuma sobressalta-se ao ouvir bater à porta. Perdera a noção do tempo. Os soldados da *Wehrmacht* devem ter regressado para os escoltar. Mila coloca rapidamente o colar na bolsa e Nechuma enfia-o dentro da camisa, entre os seios.

– Conseguem vê-lo? – pergunta.

Mila abana a cabeça, dizendo-lhe que não.

– Fica aqui – sussurra Nechuma. – Não tires os olhos disto – acrescenta, pousando a mala sobre a caixa de valiosos pertences aos seus pés. Mila acena com a cabeça.

Nechuma vira-se e endireita as costas, inspirando fundo, recompondo-se. À porta, levanta o queixo, quase impercetivelmente, enquanto diz aos soldados da *Wehrmacht* num alemão rudimentar que o marido e a filha chegarão em breve a casa para os ajudarem a transportar o que resta das suas coisas.

– Precisamos de mais quinze minutos – informa ela friamente.

Um dos soldados olha de relance para o relógio.

– *Fünf minuten* – riposta. – *Schnell.*

Nechuma nada diz. Vira as costas à porta, resistindo ao impulso para cuspir sobre as botas de pele engraxadas do oficial. Com os dedos a envolver a chave do apartamento – ainda não está pronta para a entregar –, percorre a casa uma última vez, entrando rapidamente em cada divisão, procurando algo de que se

possa ter esquecido, forçando os olhos a saltar sobre as coisas que decidira já que não poderia levar consigo; se olhar durante demasiado tempo, hesitará, e deixar aqueles bens para trás será uma tortura. No quarto, ajusta a base de um candeeiro de modo a ficar alinhado com a parte da frente da cómoda e alisa uma prega no lençol da cama. Dobra e volta a dobrar a toalha de linho na casa de banho. Ajeita um cortinado no quarto de Jakob para que fique igual ao outro. Arruma como se estivesse à espera de visitas.

Na sala de estar, que deixou para último, demora-se mais um momento, fitando o espaço onde os filhos tinham praticado durante horas ao piano, onde durante tantos anos se haviam reunido depois das refeições com alguém sentado às teclas. Avançando até ao instrumento, desliza a mão pela tampa polida. Lentamente, sem um som, fecha-a sobre as teclas. Virando-se, observa as paredes cobertas por painéis de carvalho da divisão, a secretária junto à janela sobranceira ao pátio onde gostava, mais do que tudo, de se sentar e escrever, o sofá de veludo azul com as cadeiras a condizer, a prateleira de mármore sobre a lareira, as estantes do chão ao teto repletas de música – Chopin, Mozart, Bach, Beethoven, Tchaikovsky, Mahler, Brahms, Schumann, Schubert – e os trabalhos dos seus autores polacos preferidos: Sienkiewicz, Zeromski, Rabinovitsh, Peretz. Avançando silenciosamente até à escrivaninha, sacode um pouco de pó da superfície de madeira acetinada, grata por se ter lembrado de levar consigo o papel de carta e a caneta de tinta permanente preferida. Amanhã escreverá a Addy em Toulouse, contando-lhe o acontecido, informando-o da nova morada.

Addy. O facto de este estar prestes a deixar Toulouse para se juntar ao exército perturba profundamente Nechuma. Já teve de lidar com o *stress* de ter dois filhos no exército. O serviço de Genek e Jakob, pelo menos, fora curto; a Polónia caíra rapidamente. França, por outro lado, ainda não se juntara à guerra. Se os franceses se envolvessem, e parecia uma questão de tempo até que o fizessem, não havia como dizer durante quanto tempo durariam os combates. Addy poderia passar meses de uniforme. Anos. Estremece, rezando para ser capaz de o contactar antes da sua partida para Parthenay. Também terá de escrever a Genek e Jakob, em Lvov. Os filhos ficarão furiosos por saber que a família foi despejada da sua própria casa.

Nechuma ergue os olhos para o teto, ao mesmo tempo que estes se enchem de

lágrimas. *É apenas temporário*, repete para si mesma. Suspirando, olha de relance para o retrato do sogro; ele fita-a em resposta, o seu olhar austero, penetrante. Ela engole em seco, depois acena respeitosamente.

– Protege a casa por nós, está bem? – sussurra. Toca com os dedos nos lábios e depois na parede, avançando de seguida lentamente em direção à porta.

CAPÍTULO ONZE

Addy

Arredores de Poitiers, França ~ 15 de abril de 1940

Sob as flechas de um verde profundo de uma infindável fila de ciprestes, uma dúzia de pares de solas de cabedal esmagam a terra. Os homens estão a andar desde madrugada; em breve anoitecerá.

Addy passou as últimas horas a escutar o ritmo sincronizado dos pés que batem atrás de si, ignorando as bolhas que sente nos seus pés e pensando em Radom. Há seis meses que não tem notícias da mãe – foi no final de outubro, imediatamente antes de ter deixado Toulouse, que recebeu a última carta dela. Escrevera-lhe para lhe dizer que a família estava em segurança – todos exceto Selim, que desaparecera; que os irmãos ainda estavam em Lvov; que Jakob e Bella se casariam em breve. *A loja foi fechada. Fomos postos a trabalhar*, escrevera Nechuma, descrevendo as novas funções que desempenhava. Havia recolheres obrigatórios e racionamento e os alemães eram desprezíveis, mas tudo o que importava, insistia, é que estavam de boa saúde e, na sua maioria, em contacto. Antes de se despedir, dissera-lhe que duas famílias judaicas do seu prédio tinham sido despejadas e obrigadas a mudar-se para minúsculos apartamentos no centro histórico. *Temo*, escrevera, *que seremos os próximos.*

Na sua resposta, Addy implorara à mãe que o fizesse saber de imediato, caso fosse obrigada a mudar-se, e que enviasse as moradas de Jakob e Genek, mas

não recebera resposta antes de partir de Toulouse. Agora está em movimento, é impossível contactá-lo. Sente que um nó se formou no peito, e à medida que os dias e as semanas vão passando, o nó vai ficando cada vez mais apertado. Odeia a sensação de inquietude de se sentir tão distante, tão impotentemente afastado da família na Polónia.

Liga a luz do capacete, obrigando-se a permanecer positivo. Tornou-se tão fácil pensar o pior. Não pode cair nessa armadilha. E por isso, em vez de imaginar os pais e as irmãs despejados da sua própria casa e a trabalhar como escravos numa qualquer cozinha ou fábrica sob as ordens da *Wehrmacht*, pensa em Radom – a *velha* Radom, aquela de que se lembra. Pensa em como a primavera na sua terra natal foi sempre a sua altura preferida do ano, pois é a época dos jantares *Seder* e dos aniversários – o seu e o de Halina. A primavera é quando os rios Radomka e Mleczna, que contornam a cidade, se enchem, alimentando os campos de centeio e os pomares da cidade, e quando as cúpulas dos castanheiros da índia que debruam a rua Warszawska começam a encher-se de folhas, oferecendo a sua sombra aos clientes que percorrem as lojas do rés-do-chão em busca de peles, sabonetes e relógios de pulso. A primavera é quando as floreiras que adornam as varandas da rua Malczewskiego se enchem de papoilas vermelho carmesim – uma pausa bem-vinda depois de um longo inverno cinzento; quando o parque Kościuszki fervilha de vendedores que oferecem pepinos em picles, beterrabas raladas, queijo fumado e puré de farinha de centeio amargo no mercado de quinta-feira; quando o vizinho dos Kurcs, Anton, convida as crianças do edifício para ver as suas aves recém-nascidas, que quase nem se parecem com pássaros, minúsculas e polvilhadas de uma penugem de cor creme, incapazes, sequer, de erguer as suas cabeças. Quando era pequeno, Addy adorava observar o bando de pombos de Anton a voar em frente à sua janela até aos beirais do telhado com campanário do edifício, onde arrulhavam baixinho, presidindo durante alguns minutos sobre o pátio, antes de regressarem pela janela à caixa de madeira que o dono construíra para elas.

Addy sorri perante as memórias, mas é trazido de volta ao presente, as imagens desaparecendo ao mesmo tempo que um som lhe penetra a consciência. Um ruge-ruge. Fica rígido e para, erguendo o cotovelo num ângulo de noventa graus, a palma virada para a frente, as pontas dos dedos a apontar para o céu.

Num instante, os soldados atrás dele estacam. Addy espeta o queixo, escutando. Ali está outra vez, o ruge-ruge, erguendo-se de um aglomerado de sabugueiros na base de um cipreste, alguns metros mais à frente. Destrava a patilha de segurança da espingarda.

– Preparados – sussurra em polaco, pousando o indicador suavemente na curva metálica do gatilho e apontando o cano na direção do arbusto. Atrás dele, ouve o suave clique de doze patilhas de segurança a serem destravadas. O ruge-ruge continua. Addy pensa em disparar, mas decide esperar. E se for apenas um guaxinim... ou uma criança?

Há um ano, podia contar pelos dedos de uma mão as vezes que empunhara uma arma. Enquanto Addy estava a crescer o tio convidava-o e aos irmãos, ocasionalmente, para irem à caça de faisões, e ainda que Genek parecesse gostar do desporto, Addy e Jakob preferiam deixar-se ficar para trás, no calor da lareira, considerando todo o processo de escorraçar um pássaro do seu abrigo pouco apelativo. Agora, pensar na responsabilidade que assume de cada vez que aponta a espingarda, deixa-lhe a cabeça a andar à roda.

Ele e os seus homens apontam os canos para o aglomerado de arbustos e esperam. Ao fim de um minuto, algo pequeno surge na base de um dos arbustos, triangular, preto e brilhante. Um momento depois, um par de ramos mais baixos afastam-se e emerge um cão de caça. Ele cheira o céu que escurece, depois olha de relance, despreocupadamente, por cima do ombro, para os homens que o fitam, para os treze canos apontados na sua direção. Addy exala, grato por não ter sido demasiado rápido no gatilho. Baixa a espingarda.

– Assustaste-me, *kapitan* – diz, mas o cão, desinteressado, vira-se e trota ao longo da estrada, dirigindo-se para leste.

– Temos um novo guia – brinca Cyrys, a partir da retaguarda. – O *Capitão Patas*. – Um murmúrio de risos levanta-se.

– Vamos – diz Addy. As patilhas de segurança são travadas e os homens prosseguem a marcha, o ar à sua volta enche-se de novo com o som constante de botas a bater na terra.

Por cima das suas cabeças, o manto de nuvens é espesso. O ar é fresco e cheira a chuva. Dentro de um quilómetro ou dois, decide Addy, montarão acampamento, antes de perderem toda a luz, antes que chegue a chuva.

Entretanto, permite que a sua mente deslize para Toulouse, pensando em como é diferente a sua vida agora, em relação ao que era há seis meses.

Addy abandonara com relutância o seu apartamento na Rue de Rémusat no dia 5 de novembro e apresentara-se para o serviço em Parthenay, com a 2.ª Divisão de Infantaria Polaca do exército francês, a 2DIP, no dia 6, tal como ordenado. Depois de oito semanas de treino básico, foi-lhe concedido um uniforme de oficial do exército francês e conferido, graças à sua licenciatura em Engenharia e à sua fluência tanto em francês como polaco, o grau de *sergent de carrière*, que o colocava à frente de doze *sous-officiers*. Gostava da companhia dos outros elementos da 2DI P; rodear-se de um grupo de jovens polacos preenchia uma pequena parte do vazio que o consumira desde que lhe fora negado o direito a regressar a casa, mas isso era praticamente tudo o que encontrava de reconfortante no exército. Ainda que fizesse os possíveis por mascará-lo, sentia-se desajeitado com a espingarda nas mãos, e quando o capitão bradava ordens na sua direção, apetecia-lhe rir. Durante os exercícios dava por si a compor música na sua mente, para se distrair da monotonia dos *sprints* e da prática de tiro ao alvo. Apesar do seu desagrado em relação ao exército, contudo, concluiu que os dias passavam melhor se abraçasse a rotina. Ao fim de algum tempo, começou a usar as suas divisas duplas com uma certa dose de orgulho e descobriu que até era bastante bom a liderar aquele pequeno pelotão. Bom, pelo menos, na parte da logística – a levar os seus homens do ponto *a* até ao ponto *b*, e, no entretanto, descobrir os seus pontos fortes e a delegar tarefas. Quando estavam em movimento, por exemplo, Bartek era o responsável por acender as fogueiras todas as noites no acampamento. Padlo cozinhava. Novitski trepava à árvore mais alta das redondezas para confirmar se não havia perigo à vista. Sloboda ensinava aos homens como retirar em segurança o pino das granadas WZ-33 que levavam nos cintos, e o que fazer se uma bala ficasse presa no cano das suas Berthiers, em caso de falha de carregamento. E Cyrus, o melhor de todos, se Addy tivesse de escolher, gritava as canções de marcha para matar o tempo. Até ali as preferidas eram «Marsz Pierwszej Brygady» e, claro, o hino mais patriótico da Polónia: «Boże coś Polskę.»

Há alguns dias, o pelotão de Addy, juntamente com outros da 2DIP, recebera ordens para marchar cinquenta quilómetros até Poitiers. Addy calculava que ainda tinham de cobrir mais cerca de vinte quilómetros. A partir de Poitiers

percorreriam cerca de setecentos quilómetros em comboio militar até Belford, na fronteira da Suíça, e a partir de Belford juntar-se-iam ao 8.º Exército Francês em Colombey-les-Belles, uma cidade não muito distante da fronteira alemã que se encontrava na linha Maginot de defesa da França. Addy nunca estivera em Poitiers, Belford ou Colombay-les-Belles, mas estudara-as no mapa. Não eram próximas.

– Cyrus! – grita Addy por cima do ombro, precisando de algo que o distraísse. – Uma música, por favor.

A partir do final da fila ouve-se um «Sim, senhor!» e, passada uma pequena pausa, um assobio. Ao ouvir as primeiras notas, as orelhas de Addy arrebitam-se. Reconhece a música de imediato. A peça chama-se *List*. É *sua*. Os outros também a reconhecem e juntam-se-lhe, e o assobio torna-se mais sonoro.

Addy sorri. Não contou a ninguém acerca do seu sonho de ser um compositor, ou acerca da peça que escreveu antes da guerra, um sucesso relativamente grande, ao que parece, para que o seu pelotão a conheça de cor. *Talvez seja um sinal*, pensa. Talvez ouvi-la agora seja um indício de que é apenas uma questão de tempo antes de voltar a reunir-se com a família. É uma canção acerca de uma carta, afinal de contas. O nó no peito de Addy solta-se ligeiramente. Ele trauteia juntamente com os seus homens, delineando a próxima carta que enviará para casa à medida que marcha: *Nem vais acreditar, mãe, o que ouvi hoje no campo...*

10 DE MAIO DE 1940: *Os nazis invadem a Holanda, a Bélgica e a França. Apesar das defesas aliadas, a Holanda e a Bélgica rendem-se ao fim de um mês.*

3 DE JUNHO DE 1940: *Os nazis bombardeiam Paris.*

22 DE JUNHO DE 1940: *Os governos francês e alemão assinam o armistício, dividindo a França numa «zona livre» a sul, sob a liderança fantoche do marechal Petain, baseada em Vichy, e uma «zona ocupada», controlada pelos alemães, no Norte e ao longo da costa atlântica francesa.*

CAPÍTULO DOZE

Genek e Herta

Lvov, Polónia ocupada pelos soviéticos ~ 28 de junho de 1940

Batem-lhes à porta a meio da noite. Os olhos de Genek abrem-se subitamente. Ele e Herta sentam-se na cama, pestanejando na escuridão.

Batem de novo, e depois, escutam uma ordem.

– *Otkroitie dveri!*

Genek liberta-se dos lençóis pontapeando-os e procura, na escuridão, a corrente do candeeiro de mesa de cabeceira, semicerrando os olhos para os ajustar à luz. O ar no pequeno quarto é quente, estagnado; com o *blackout* ainda em efeito em Lvov, os cortinados estão permanentemente cerrados. Dormir de janelas abertas é algo que já não existe. Desliza as costas da mão pela testa, limpando uma película de suor.

– Não achas... – sussurra Herta, mas é interrompida por mais gritos.

– *Narodnyy Komissariat Vnutrennikh Del!* – A voz no exterior é suficientemente sonora para acordar os vizinhos.

Genek pragueja. Os olhos de Herta estão muito abertos. São eles. A polícia secreta. Descem da cama.

Nos nove meses desde que se instalaram em Lvov, Genek e Herta ouviram histórias acerca destas rusgas a meio da noite – de homens, mulheres e crianças

arrancados das suas casas por dinheiro que, falsamente, deviam; por serem encarados como resistentes; simplesmente por serem polacos. Os vizinhos dos acusados diziam ouvir bater às portas, passos ruidosos, um cão a ladrar e depois, de manhã, nada; as casas estavam vazias. As pessoas, famílias inteiras, desapareciam. Para onde eram levadas, ninguém sabia.

– É melhor irmos abrir – diz Genek, convencendo-se de que nada tem a temer. O que poderia a polícia secreta querer com ele? Não fez nada de errado. Tosse para limpar a garganta. – Estou a ir – anuncia, levando a mão a um roupão e, no último minuto, removendo a carteira de cima da cómoda. Enfia-a no bolso. Herta aperta o seu robe sobre a camisa de dormir e segue-o ao longo do corredor.

No preciso instante em que Genek destranca a porta, um bando de soldados empunhando espingardas explode para o interior do apartamento, formando um círculo à sua volta. Genek sente o braço de Herta a envolver o seu enquanto ele conta as insígnias da foice e do martelo, os bonés azuis e bordeaux com pala – são oito homens ao todo. Porquê tantos? Fita os intrusos, os dedos fechados em punhos, os pelos na parte de trás do pescoço elétricos. Os soldados fixam-nos, de maxilares tensos, até que um avança por fim. Genek olha bem para ele. É baixo, com a estrutura quadrada de um lutador e uma clara arrogância – é ele que está no comando. Uma pequena estrela vermelha na pala do seu boné sobe e desce enquanto acena para os homens, que giram obedientemente sobre os calcanhares e passam por eles em fila, percorrendo o corredor.

– Esperem! – protesta Genek, fitando de sobrolho franzido as costas dos seus casacos – que direito é que têm... – quase lhes chama *baratas*, mas controla-se. – Que direito é que vocês têm de vasculhar a minha casa? – Consegue sentir o sangue começar a latejar-lhe nas fontes.

O oficial no comando extrai uma folha de papel do bolso do peito. Abre-a cuidadosamente e lê.

– Gerszon Kurc? – soa como Gairzon Koork.

– Chamo-me Gerszon.

– Tenho um mandato para fazer uma busca ao apartamento. – O polaco do oficial é rudimentar, com uma pronúncia tão espessa quanto a linha da sua cintura. Agita o papel em frente ao rosto de Genek por um instante, como se isso fosse prova de credibilidade, depois volta a dobrá-lo, guardando-o no bolso.

Genek consegue ouvir o caos que está a ser gerado nas divisões adjacentes: gavetas arrancadas a uma cómoda, mobiliário deslizado sobre o chão de madeira, papéis espalhados.

– Um mandato? – Genek semicerra os olhos. – Com base em quê? – Olha de relance para a espingarda que o oficial traz pendurada ao ombro. Tinham-lhe sido mostradas fotografias das carabinas soviéticas no exército, mas Genek ainda não vira nenhuma de perto. Aquela parecia uma M38. Ou talvez fosse uma M91/30. Sabe onde deve procurar a patilha de segurança. Está destravada. – Que raio se está a passar?

O oficial ignora a pergunta.

– Esperem aqui – ordena, prendendo os dedos no seu cinto Sam Browne enquanto avança ao longo do corredor, descontraidamente, como se aquela fosse a sua casa.

Deixados a sós no *hall* de entrada, Herta liberta o seu braço do de Genek e abraça o próprio peito, estremecendo ao ouvir algo pesado a cair ao chão.

– Sacanas – sussurra Genek. – O que pensam eles que...

Os olhos de Herta fixam-se nos seus.

– Não deixes que te oiçam – sussurra-lhe.

Genek morde a língua, respirando pesadamente através das narinas abertas. É-lhe quase impossível manter o silêncio. Anda de um lado para o outro com as mãos nas ancas. O advogado dentro dele grita que exija ver o mandato. Não pode ser legal, mas algo dentro de si lhe diz que de nada serviria.

Ao fim de alguns minutos, o bando de homens de uniforme volta a reunir-se junto à porta. Erguem-se com as pernas abertas e os pés à largura dos ombros, os peitos inchados como galos, continuando a agarrar as armas. O que está no comando aponta para Genek.

– Vamos levar-te para interrogatório, *Koork* – diz ele.

– Porquê? – pergunta Genek por entre os dentes cerrados. – Nada fiz de errado.

– São apenas algumas perguntas.

Genek fita o russo do alto, apreciando o facto de se erguer bem acima dele,

de o oficial ter de erguer o rosto para o fitar de olhos nos olhos.

– E depois regressarei a casa em liberdade?

– Sim.

– Vou contigo – diz Herta, avançando. É uma afirmação. O seu tom definitivo. Genek olha para ela, considera uma discussão, mas ela tem razão, é melhor que o acompanhe. E se o NKVD regressar?

– Ela vem comigo – diz Genek.

– Como queiram.

– Temos de nos vestir – diz Herta.

O oficial olha para o relógio e depois estica os dedos do meio.

– Têm três minutos.

No quarto, Genek enfia umas calças e uma camisa de botões. Herta veste uma saia e depois procura, debaixo da cama, a sua mala de viagem.

– Mais vale prevenir – diz ela. – Quem sabe quando regressaremos. – Genek acena e vai buscar a sua própria mala. Por muito que se sinta relutante em admiti-lo, Herta poderá ter razão em assumir o pior. Enfia alguma roupa interior, bem como as suas botas da tropa praticamente novas, uma fotografia dos pais, um canivete, o pente de casca de tartaruga, um baralho de cartas e a agenda de contactos. Leva a mão ao robe, guarda a carteira no bolso das calças. Herta coloca na mala algumas meias, roupa interior, uma escova, dois pares de calças, uma túnica de lã. No último minuto decidem levar os casacos de inverno, depois apressam-se pelo corredor até à cozinha para embrulharem o que resta de um pão, uma maçã e algum peixe salgado que tinham na despensa.

– A minha carteira – sussurra Herta. – Quase me tinha esquecido. – Regressa apressadamente ao quarto. Genek segue-a, franzindo o sobrolho ao recordar que a sua própria carteira está quase vazia.

– Vamos embora! – vocifera o oficial a partir do *hall* de entrada.

– Encontraste-a? – pergunta Genek. Mas Herta não responde. Está junto à porta do roupeiro, as mãos na cabeça, o cabelo castanho caindo por entre os seus dedos.

– Desapareceu – sussurra.

Genek leva o punho à boca para se impedir de praguejar.

– O que lá tinhas?

– A minha identificação, algum dinheiro... muito dinheiro – Herta toca no pulso esquerdo. – O meu relógio também desapareceu. Estava... na minha mesinha de cabeceira, acho eu.

– Vermes – sussurra Genek.

O oficial volta a gritar e Genek e Herta avançam silenciosamente de volta ao *hall* de entrada.

Vinte minutos depois, estão sentados numa pequena secretária em frente a um oficial que enverga o mesmo boné de pala azul e bordeaux que usavam os homens que os haviam trazido. A sala está despida, com exceção de um retrato de Estaline suspenso na parede atrás da secretária; Genek consegue sentir os olhos emoldurados por espessas sobrancelhas do secretário-geral a fitá-lo como abutres e luta contra o impulso para arrancar a foto da parede e a desfazer em pedaços.

– Dizem que são *polacos*. – O oficial à sua frente não faz qualquer tentativa para mascarar o desagrado na sua voz. Semicerra os olhos, fitando um pedaço de papel que tem nas mãos. Genek pergunta-se se será o suposto mandado.

– Sim. Sou polaco.

– Onde nasceu?

– Nasci em Radom, a trezentos e cinquenta quilómetros daqui.

O oficial pousa o documento sobre a mesa e Genek reconhece de imediato a letra como sua. O documento, apercebe-se, é um formulário, um questionário que teve de preencher ao assinar o aluguer junto do gerente do seu apartamento na Rua Zielona, pouco depois de os soviéticos terem assumido o controlo de Lvov, em setembro. O contrato estava escrito num papel de cabeçalho soviético; Genek prestara-lhe pouca atenção, na altura.

– A tua família continua em Radom?

– Sim.

– A Polónia rendeu-se há nove meses. Porque não regressaste?

– Arranjei um emprego aqui – informa Genek, embora isso seja apenas meia-

verdade. Com toda a sinceridade, sente-se relutante em regressar a casa. As cartas da mãe retratam uma imagem terrível de Radom, das braçadeiras que os judeus são obrigados a usar a toda a hora, do recolher obrigatório que abarca toda a cidade, dos dias de trabalho de doze horas, das leis que os impedem de utilizar os passeios, de ir ao cinema, de entrar no posto dos correios sem autorização especial. Nechuma escreveu como, juntamente com milhares de outros judeus que residiam no centro da cidade, foram despejados das suas casas e obrigados a pagar renda por um espaço que era apenas uma fração do tamanho das moradas anteriores. No centro histórico. *Como podemos pagar a renda quando nos privaram dos nossos negócios, confiscaram as nossas poupanças e nos puseram a trabalhar como escravos a troco de quase nada?*, espumava. Insistia que ficasse. *Estás melhor em Lvov*.

– Que tipo de trabalho?

– Trabalho para um escritório de advogados.

O oficial fita-o, desconfiado.

– És judeu. Os judeus não podem ser advogados.

As palavras crepitam como gotas de água numa frigideira quente.

– Sou assistente no escritório – esclarece Genek.

O oficial inclina-se para a frente na cadeira de madeira, repousando os cotovelos na secretária.

– Compreendes, Kurc, que estás agora em solo *soviético*?

Genek afasta os lábios, tentado a vociferar – *Não, senhor, está enganado; é você quem está em solo* polaco –, mas pensa melhor, e é nesse momento que compreende a razão da sua detenção. O questionário, recorda, incluía uma caixa que deveria assinalar de modo a aceitar a cidadania soviética. Deixara-a em branco. Parecera-lhe falso, chamar a si próprio qualquer outra coisa senão polaco. Como poderia? A União Soviética é, sempre fora, um inimigo da sua terra natal. E, além disso, passara todos os dias da sua vida na Polónia, lutara pela Polónia. Não ia, sem dúvida alguma, alterar a sua nacionalidade só por causa da alteração de uma fronteira. Genek sente a temperatura do corpo a subir ao compreender que o questionário não era apenas uma formalidade, mas uma espécie de teste. Uma maneira de os soviéticos separarem os orgulhosos dos

fracos. Ao recusar a cidadania, revelara-se como um resistente, alguém que poderia ser perigoso. Por que outra razão teriam ido atrás dele? Volta a cerrar os lábios, recusando-se a admitir que há verdade na afirmação do oficial, e em vez disso encara os olhos do homem com um olhar frio e teimoso.

– E, no entanto – continua o oficial, pressionando o questionário com o indicador –, continuas a dizer que és polaco.

– Já lhe disse. Sou da *Polónia*.

As veias do pescoço do oficial assumem uma tonalidade mais forte que combina com o púrpura do debrum do seu colarinho.

– A *Polónia* é *coisa* que já não existe! – berra, uma bola de saliva saindo disparada da sua boca.

Surge um par de jovens soldados, e Genek reconhece dois deles como os homens que realizaram a rusga ao seu apartamento. Lança-lhes olhares duros, perguntando-se se algum deles terá sido o responsável pelo roubo da carteira de Herta. *Bandidos.* E depois tudo termina.

O oficial manda-os sair com um movimento do queixo, e Genek e Herta são escoltados para o exterior da esquadra da polícia, e conduzidos à estação dos caminhos-de-ferro.

Está quente e escuro dentro do vagão de gado, o ar húmido e a feder a dejetos humanos. Devem estar três dúzias de corpos apertados no seu interior, mas não conseguem ter a certeza – é difícil perceber – e já perderam a conta a quantos morreram. Os prisioneiros estão sentados ombro com ombro, as cabeças oscilando para trás e para a frente em uníssono, enquanto o comboio se desloca ruidosamente sobre os carris deformados. Genek fecha os olhos, mas é impossível dormir sentado, e passar-se-ão horas antes que seja a sua vez de se esticar. Um homem agacha-se sobre um buraco aberto no centro da carruagem e Herta sente um vómito. O fedor é insuportável.

É dia 23 de julho. Estão confinados ao vagão de gado há vinte e cinco dias; Genek gravou uma pequena marca no chão, com o canivete, por cada dia. Em alguns dos dias, o comboio avança sem parar, noite fora, sem nunca abrandar. Noutros para e as portas abrem-se de par em par para revelar uma pequena

estação com um sinal que exibe um nome irreconhecível. De quando em vez, uma alma corajosa de uma aldeia próxima aproxima-se dos carris, compadecendo-se – *pobres pessoas... para onde as estarão a levar?* Algumas levam consigo um pão, uma garrafa de água, uma maçã, mas os guardas russos são rápidos a afugentá-las, praguejando, as suas M38 prontas a disparar. Na maior parte das paragens, são destacados alguns vagões, que viram para norte ou sul. Mas o vagão de Genek e Herta segue caminho. Nada lhes foi dito, claro, acerca de quando ou onde irão desembarcar, mas conseguem perceber, encostando o rosto às frinchas nas paredes do vagão, que se dirigem para leste.

Quando subiram a bordo do vagão, em Lvov, Genek e Herta fizeram questão de se apresentarem aos outros. Eram todos polacos, tanto católicos como judeus. A maior parte, como eles, fora sequestrada a meio da noite, as suas histórias semelhantes, detidos por terem recusado a cidadania soviética tal como Genek fizera, ou por um qualquer crime inventado que não tinham como provar que não haviam cometido. Alguns estavam sozinhos, outros tinham ao seu lado um irmão ou uma esposa. Havia várias crianças a bordo. Durante algum tempo, Genek e Herta encontraram conforto nas conversas com os restantes prisioneiros, na partilha de histórias das suas vidas e das famílias que deixavam para trás; fazia-os sentir que não estavam sós. O que quer que o futuro lhes reservasse, ajudava os prisioneiros saber que estavam naquilo juntos. Mas ao fim de alguns dias, aperceberam-se de que pouco lhes restava para conversar. Os diálogos cessaram e um silêncio fúnebre instalou-se no vagão, como as cinzas sobre um fogo que se extingue. Alguns choravam, mas a maioria dormia ou ficava sentada em silêncio, recolhendo-se cada vez mais fundo dentro de si, tolhidos pelo medo do desconhecido, a realidade de que, fosse qual fosse o destino daquela viagem, era muito, muito distante da sua casa.

O estômago de Genek ronca quando o comboio para por entre guinchos. Já não se lembra de como é não ter fome. Ao fim de alguns minutos, ergue-se um ferrolho de metal e a pesada porta do vagão é aberta, banhando os prisioneiros com a luz do sol. Esfregam os olhos e semicerram-nos perante aquela intromissão do mundo exterior. Emoldurada pela porta, a paisagem é desoladora: a tundra plana e infindável, e, ao longe, a floresta. São os únicos seres humanos à vista. Ninguém se levanta. Sabem bem que não devem tentar descer do comboio enquanto não lhes for dada ordem para o fazer.

Um guarda, envergando um boné com uma estrela vermelha, sobe para o vagão, passando por cima das pernas e dos corpos repletos de piolhos. No canto mais distante para, curva-se e toca no ombro do prisioneiro encostado à parede e com o queixo a descansar no peito. O velho não reage. O guarda volta a agitá-lo, e desta vez o tronco do homem tomba para a esquerda, a testa aterrando pesadamente no ombro da mulher ao seu lado, que arqueja. O guarda parece irritado.

– Stepan! – grita, e em breve um camarada de boné semelhante surge junto à porta. – Mais um.

– Mexam-se! – vocifera o novo guarda, subindo a bordo, e os polacos no canto apressam-se, rigidamente, a levantar. Herta afasta o olhar enquanto os soviéticos se curvam para erguer o corpo mole e o arrastam em direção à porta aberta. Genek olha de relance quando passam por ele, mas o rosto do homem está obscurecido – tudo o que consegue ver é um braço, pendurado num ângulo bizarro, a sua pele de um amarelo doentio, a cor da fleuma. Junto à porta, os guardas contam até três, gemendo ao lançar o corpo para o exterior do comboio.

Herta tapa os ouvidos, temendo a possibilidade de gritar, caso oiça o som de mais um cadáver a colidir com o chão. É o terceiro a ser descartado desta maneira. Lançado fora como lixo, deixado a apodrecer ao lado dos carris. Durante algum tempo, fora capaz de ignorar o horror de tudo aquilo, permitira-se entorpecer. Por vezes, fingia que não passava de uma farsa, algo saído de um filme de terror, e deixava que a sua mente flutuasse para o exterior do seu corpo físico, enquanto se observava a partir de cima. Outras vezes, a sua mente levava-a para o exterior do comboio, invocando uma imagem de um universo alternativo, normalmente recolhida no seu passado, de ter crescido em Bielsko: a sinagoga opulenta na Rua Maja com a sua fachada ornamentada neo-romanesca e as torres gémeas de estilo mourisco; a imagem do vale e do belo castelo Bielsko, que se erguia no topo da montanha Szyndzielnia; o seu parque preferido imerso em sombras, a alguns quarteirões do rio Biala, onde ela e a família faziam piqueniques quando ela era pequena. Herta ficava por ali durante tanto tempo quanto possível, reconfortada pelas suas memórias. Mas, na semana anterior, quando faleceu a bebé, uma pequena que não era mais velha do que a sobrinha de Genek, já não conseguiu aguentar mais. A criança morrera de fome.

O leite da mãe secara; ela nada disse durante vários dias, deixando-se ficar sentada em silêncio, envolvendo com o tronco o embrulho sem vida nos braços. Certa tarde, os guardas aperceberam-se. E quando arrancaram o bebé dos braços da mãe, os outros começaram a gritar – *Por favor! Não é justo! Deixem-na estar, por favor!* –, mas os guardas viraram-lhe as costas e lançaram o corpo minúsculo para o exterior do comboio, tal como haviam feito com os restantes, e as súplicas dos prisioneiros depressa foram afogadas pelo uivo desesperado de uma mulher cujo coração fora partido ao meio, recusando-se a comer, a sua dor demasiado forte para ser suportada, e cujo corpo sem vida seria lançado do comboio quatro dias depois.

Foi o baque suave do corpo do bebé a cair na terra que quebrou Herta, levando o torpor a dar lugar a um ódio que ardia tão profundamente no interior de si, que se perguntava se os seus órgãos não poderiam incendiar-se.

Um terceiro boné azul entra no vagão, transportando um balde de água e um cesto de pão – pães do tamanho de maços de tabaco, duros como casca de árvore. Genek tira um. Parte um pedaço, entrega o pão a Herta. Ela abana a cabeça, sentindo-se demasiado enjoada para comer.

A porta fecha-se e fica escuro no interior do vagão. Genek coça o couro cabeludo e Herta segura-lhe a mão.

– Só vais piorar as coisas – sussurra.

Genek dobra-se sobre si mesmo, sem saber ao certo o que mais o desagrada: se o facto de estar encurralado num mundo de incontornável decadência ou o exército de piolhos que prolifera no seu couro cabeludo imundo. Ajusta a mala por baixo dos joelhos dobrados e inspira pela boca para evitar o cheiro fétido a morte e podridão. Um momento depois, sente baterem-lhe no ombro. A lata de água que partilham chegou até ele. Suspira, molha o pão na água pútrida e passa a lata a Herta. Ela dá um pequeno golo e entrega-a ao corpo à sua direita.

– É nojento – sussurra Herta, limpando a boca com as costas da mão.

– É tudo o que temos. Morreremos sem ela.

– Não é a água. É o resto. É tudo.

Genek toma a mão de Herta.

– Eu sei. Só precisamos de sair deste comboio, e depois arranjamo-nos. Vamos ficar bem. – Na escuridão, consegue sentir os olhos de Herta fixos nele.

– Ficaremos?

Uma torrente de culpa, agora familiar, varre-o, enquanto Genek considera o facto de ser o responsável pela sua presença naquele comboio. Tivesse ele pensado, por um momento, nas potenciais consequências de negar a cidadania soviética – tivesse ele estado disposto a assinalar a caixa no questionário naquele dia fatídico –, as coisas poderiam ter sido diferentes. O mais provável é que ainda estivessem em Lvov. Apoia a cabeça contra a parede do vagão atrás de si. Parecia tão óbvio na altura. Teria sido uma traição, abdicar da sua cidadania polaca. Herta jura que também não teria declarado fidelidade aos soviéticos, que teria feito o mesmo se estivesse no seu lugar, mas *oh*, se ao menos pudesse andar para trás no tempo.

– Ficaremos – acena Genek, engolindo os seus remorsos. Para onde quer que se dirigissem, teria de ser melhor do que o comboio. – Ficaremos – repete, desejando ter acesso a algum ar puro. Alguma claridade. Fecha os olhos, atormentado pela sensação de impotência que se instalou dentro de si como um punhado de pedras desde que subiram a bordo do comboio. Odeia-a. Mas o que poderia fazer? O seu espírito, o seu encanto, a sua aparência, as coisas de que dependera durante toda a vida para sair de apuros, de que lhe serviam agora? A única vez em que sorrira ao guarda, pensando poder conquistá-lo com simpatia, o miserável ameaçara esmurrar o seu rosto de rapazinho.

Tem de haver uma saída. O estômago de Genek revolta-se e sente-se, de súbito, atingido por uma vontade de rezar. Não é uma pessoa religiosa, decerto nunca passou muito tempo em oração, na verdade nunca vira nisso qualquer utilidade. Mas também não está habituado a sentir-se vulnerável. Se há hora para pedir ajuda, decide, é agora. Mal não pode fazer.

E por isso, Genek reza. Reza para que o êxodo de um mês chegue ao fim; por uma situação suportável, uma vez permitida a saída do comboio; pela sua saúde e pela de Herta; pela segurança dos pais, pela segurança dos irmãos, em especial do irmão Addy, que já não vê há mais de um ano. Reza pelo dia em que se possam reunir uma vez mais em família. Se a guerra terminar em breve, fantasia, talvez os veja em outubro, para o Rosh Hashaná. Como seria bom se pudessem

começar juntos o Ano Novo judaico.

Genek repete silenciosamente as suas preces, uma e outra vez, até alguém na carruagem começar a cantar. Um hino: «*Boże coś Polsk*ę.» Deus salve a Polónia. Outros juntam-se-lhe, e a canção torna-se mais audível. À medida que as palavras vão reverberando através do vagão escuro e húmido, Genek acompanha-as baixinho. *Por favor, Deus, protege a Polónia. Protege-nos. Protege as nossas famílias. Por favor.*

NOVEMBRO DE 1939 – JUNHO DE 1941: *Mais de um milhão de homens, mulheres e crianças polacos são deportados pelo Exército Vermelho para a Sibéria, o Cazaquistão e a Ásia Soviética, onde enfrentam duros trabalhos físicos, condições de vida miseráveis, cenários climatéricos extremos e duros, doenças e fome. Morrem aos milhares.*

7 DE SETEMBRO DE 1940*: O Blitz de Londres. Durante 57 noites consecutivas, os aviões alemães largam bombas sobre a capital britânica. Os ataques aéreos da Luftwaffe estendem-se a quinze outras cidades britânicas durante 37 semanas. Recusando-se a capitular, Churchill ordena à Royal Air Force que mantenha um contra-ataque implacável.*

27 DE SETEMBRO DE 1940*: A Alemanha, a Itália e o Japão assinam o pacto tripartido, formando a aliança do Eixo.*

3 DE OUTUBRO DE 1940*: O governo de Vichy, em França, emite uma lei, o Estatuto dos Judeus, abolindo os direitos civis dos judeus que residem em França.*

CAPÍTULO TREZE

Addy

Vichy, França ~ dezembro de 1940

Addy anda para trás e para a frente no passeio em frente à escadaria íngreme do Hôtel du Parc. Ainda não são oito da manhã, mas sente-se elétrico, todas as fibras do seu corpo vivas com uma energia nervosa. Devia ter comido qualquer coisa, apercebe-se, afastando o frio enquanto anda. Já começa a parecer que aquele será um dos invernos mais frios de sempre, em França.

Um homem de fato, de cabelo louro cortado curto, emerge do hotel e Addy para por um instante, recordando a foto mais recente de Souza Dantas que vira no jornal. Não é ele. Luís Martins de Souza Dantas, embaixador do Brasil em França, tem cabelo escuro e feições amplas. Tem uma estrutura mais pesada. Addy passara o último mês a aprender tudo o que podia sobre ele. Pelo que conseguiu perceber, o embaixador é um homem popular. É particularmente adorado em Paris, onde o seu nome acarreta um certo estatuto de celebridade entre a elite social e os círculos políticos da cidade. Souza Dantas foi reenviado de Paris para Vichy quando a França se rendeu à Alemanha em junho – ele e uma mão-cheia de outros embaixadores das potências com simpatia pelo Eixo: a União Soviética, a Itália, o Japão, a Hungria, a Roménia e a Eslováquia. O seu novo gabinete fica no boulevard des États-Unis, mas Addy ouvira rumores de que dormia no Hôtel du Parc – e que tinha estado discreta e ilegalmente a emitir

vistos aos judeus para que partissem para o Brasil.

Addy olha para o relógio; são quase oito horas. A embaixada abrirá em breve. Deixa escapar o ar através do canto da boca enquanto contempla as consequências que o esperam se o seu plano não resultar. O que fará então? Por muito que lhe custe admitir, regressar à Polónia está fora de questão. Com a França nas mãos dos nazis, não só é impossível obter um visto de trânsito como também a ideia de ficar onde está lhe parece impossível. Não existe um futuro seguro para ele na Europa controlada pelo Eixo.

Pensara duas vezes quanto a candidatar-se a um visto brasileiro, dado que se dizia que o ditador quase fascista do Brasil, Getúlio Vargas, nutria simpatia pelo regime nazi. Mas já lhe tinham sido negados vistos para a Venezuela e a Argentina, e depois de dois dias numa fila que dava a volta ao quarteirão da embaixada americana, para os Estados Unidos. Estava a ficar sem opções.

Claro que fugir para o Brasil significaria colocar um oceano de distância entre si e a sua família – uma ideia que o atormenta infindavelmente. Já se passaram treze meses desde que obteve, pela última vez, notícias da mãe em Radom. Pergunta-se se alguma das suas cartas lhe terá chegado, se se sentiria magoada ou traída caso descobrisse o seu plano de deixar a Europa. *Não. Claro que não,* garante a si mesmo. A mãe desejaria que ele escapasse, enquanto pudesse. E, de qualquer maneira, não seria mais difícil entrar em contacto com ele no Brasil do que fora durante os últimos meses em França. Ainda assim, partir sem a paz de espírito de saber que os pais e os irmãos estão em segurança, que não conhecem o seu plano nem sabem como contactá-lo, parece-lhe errado. Para acalmar a consciência, Addy recorda a si mesmo que, se conseguir garantir um visto – e graças a ele, uma morada mais permanente –, poderá investir toda a energia a localizar a família, uma vez instalado num local seguro.

Se ao menos arranjar um visto brasileiro fosse uma tarefa mais fácil. A sua primeira tentativa fora um falhanço. Esperara na embaixada brasileira durante dez horas sob uma chuva gelada, ele e dezenas de outros que procuravam desesperadamente uma autorização para partir para o Rio de Janeiro, apenas para receberem a triste notícia, transmitida por um dos elementos da equipa de Souza Dantas, em tom apologético, de que já não havia vistos para emitir. Regressara ao seu *hostel* e passara várias das noites seguintes acordado, pensando em como

poderia convencer a jovem a abrir uma exceção, mas vira-o nos seus olhos – nada a levaria a quebrar as regras. Teria de apresentar o seu apelo à pessoa acima dela, ao próprio embaixador.

Addy ensaia o pedido, tateando no bolso em busca dos seus documentos – o certificado da embaixada polaca em Toulouse que lhe permite emigrar para o Brasil, se o Brasil o considerar merecedor de um visto. «*Monsieur Souz a Dantas, je m'appelle Addy Kurc*», recita num sussurro, desejando ser capaz de conversar com o embaixador no português nativo daquele. *«Plaisir de vous rencontrer*. Sei que é um homem muitíssimo ocupado, mas se me pudesse conceder um momento do seu tempo, gostaria de lhe dizer porque seria do seu melhor interesse conceder-me o visto para o seu belo país.» Demasiado direto? Não, tinha de ser direto. Caso contrário, por que outra razão lhe daria Souza Dantas qualquer atenção? Se ao menos pudesse explicar a sua licenciatura, a sua experiência em engenharia elétrica, o embaixador levá-lo-ia a sério. O Brasil era um país em desenvolvimento – decerto precisava de engenheiros.

Ajustando o cachecol entre as lapelas do sobretudo, vê o seu reflexo numa das janelas do piso térreo do hotel, a sua trepidação momentaneamente abafada enquanto se estuda como que através dos olhos do embaixador. Está com bom aspeto, composto, profissional. O fato foi a escolha certa, decide. Addy pensara envergar o uniforme do exército, que leva consigo para onde quer que vá. Apresentando as respeitáveis três riscas de um *sergent-chef*, uma promoção que recebera pouco depois de ter chegado a Colombey-les-Belles, o seu traje militar é-lhe, frequentemente, útil – usa-o, por vezes, por baixo das roupas civis, não vá dar-se o caso de ter de se mudar rapidamente. Mas sente-se mais natural e mais confiante no seu fato. Além disso, se envergasse o uniforme, arriscar-se-ia a que Souza Dantas lhe perguntasse como e quando fora desmobilizado. E, tecnicamente, não fora.

Para Addy, o processo de deixar o exército ocorrera rapidamente e de modo pouco convencional. Saíra pouco depois de a França ter capitulado e de a Alemanha ter dado ordens para que todas as unidades do exército francês, com exceção de umas poucas, fossem desmanteladas. As que ficaram caíram sob o domínio alemão. Teria ficado à espera dos documentos oficiais de desmobilização, mas descobrira que, com a implementação do recente *Statut des*

Juifs, de Hitler, os judeus franceses estavam a ser privados dos seus direitos, detidos e deportados aos milhares. E, como tal, em vez de ficar à espera de ser preso, Addy pedira emprestada uma máquina de escrever e os papéis de desmobilização de um amigo para tomar como referência, e forjara um documento para si– um passo perigoso, mas sentira que estava a ficar com pouco tempo. Até ali, felizmente, os documentos tinham funcionado. Ninguém os analisara com grande atenção – nem o líder do seu pelotão, nem o agente do Bureau Polonais em Toulouse, onde pedira autorização para emigrar da Polónia, nem o motorista do camião militar francês a bordo do qual viajara até Vichy. Ainda assim, não tinha qualquer interesse em abusar da sorte com Souza Dantas.

Addy volta a concentrar a sua atenção ao ouvir o som de passos na escada acima dele. Vira-se e depara-se com um cavalheiro de rosto amplo e ombros ainda mais amplos que se aproxima e de imediato percebe – *é ele.* Souza Dantas. Tudo naquele homem é direto e despretensioso: as calças engomadas azuis escuras e o sobretudo de lã, a pasta de cabedal, até o seu passo é eficiente, profissional. O coração de Addy enche-se de adrenalina. Limpa a garganta. «*Senhor Souza Dantas*», chama, saudando o embaixador no fundo das escadas com um forte aperto de mão e silenciando a voz na sua cabeça que lhe recorda que o seu pedido para um visto brasileiro já lhe fora recusado. Que mais ninguém o aceitará. Que este plano, *tem* que funcionar; é a sua única opção. *Mantem-te calmo.* Recorda Addy a si mesmo. *Este homem pode muito bem ser a pessoa mais importante na tua vida de momento, mas não podes parecer desesperado. Sê apenas tu próprio.*

CAPÍTULO CATORZE

Halina

Rio Bug, entre a Polónia ocupada pelos alemães e pelos soviéticos ~ janeiro de 1941

Halina agarra na cauda do seu sobretudo de lã e mergulha um pau nas águas, aproximando-se lentamente da margem oposta do rio Bug. A água gélida contorna-lhe os joelhos e repuxa-lhe as calças. Fazendo uma pausa, olha de relance por cima do ombro. Já passa da meia-noite, mas a lua, cheia e redonda, como uma tarte *szarlotka*, bem podia ser um holofote no céu noturno sem nuvens; consegue ver perfeitamente a prima Franka.

– Tens a certeza de que estás bem? – pergunta, tremendo. O rosto sardento de Franka está apertado numa expressão de concentração. Ela avança lentamente, um braço esticado para se equilibrar, o outro entrelaçado na pega de um cesto de verga que aperta contra o corpo.

– Estou ótima.

Halina oferecera-se para transportar o cesto, mas Franka insistia. «Vai à frente», dissera, «procura os buracos».

Não é com o cesto em si que Halina está preocupada, é com o dinheiro no seu interior. Tinham embrulhado os seus cinquenta zlotys num pedaço de lona encerada e haviam-no enfiado através de um pequeno buraco no forro do cesto, onde esperavam mantê-lo em segurança e escondido caso fossem sujeitas a uma

revista. Inclinando-se contra a corrente, Halina pensa em como, antes da guerra, cinquenta zlotys não eram nada. Talvez um novo lenço de seda. Uma noite no Grande Teatro de Varsóvia. Agora, representam uma semana de refeições, um bilhete de comboio, uma saída da prisão. Agora são um salva-vidas. Halina bate com o pau no leito do rio e dá mais um passo hesitante, o reflexo branco azulado da lua formando uma poça e dançando à sua volta.

Nas suas cartas, Adam continuava a garantir que ela estaria melhor em Lvov, que a vida sob o domínio soviético não era tão difícil como em Radom sob o domínio alemão que ela descrevera. Halina sabia que ele tinha razão. Odiava viver no pequeno apartamento apinhado no centro histórico, onde Mila e Felicia dormiam num quarto, os seus pais no outro, e ela num sofá demasiado pequeno, na sala. Odiava o facto de não haver frigorífico, e de passarem por vezes vários dias sem água corrente. Estavam constantemente aos encontrões. E para piorar as coisas, a *Wehrmacht* começara a isolar secções do bairro. Ainda não o tinham dito diretamente, mas estavam a construir um gueto, uma prisão. Em breve, os judeus da cidade ficariam completamente segregados dos não-judeus. De acordo com Isaac, um amigo da Polícia Judaica, já tinham feito o mesmo em Lublin, Cracóvia e Łódź. Os judeus de Radom ainda eram autorizados a ir e vir do centro histórico, mas todos sabiam que era apenas uma questão de tempo antes que as cordas fossem substituídas por muros e o bairro ficasse selado.

«Vem para Lvov e recomeçaremos de novo», escrevera-lhe Adam. «A Bella conseguiu. Também conseguirás. E depois traremos os teus pais e Mila.» *Começar de novo.* Parecia promissor, romântico até, apesar das circunstâncias. Halina tinha agora a certeza de que ela e Adam em breve casariam. Também tinha a certeza, contudo, que a sua consciência não lhe permitiria abandonar os pais e a irmã em Radom, por mais desconfortáveis que fossem as condições de vida.

Durante semanas, Halina dissera a si mesma que Lvov estava fora de questão. Mas isso mudara ao receber uma carta de Adam, que lhe pedia que se encontrasse com um amigo nos degraus do Czachowski Mauzoleum de Radom, a uma determinada hora de um determinado dia. Comparecera com um estremecimento na barriga, e fora então que soubera que Adam tinha sido recrutado pela Resistência. «Ele já conquistou uma reputação como o melhor

falsificador de Lvov», dissera o seu colega – não se apresentara pelo nome, e Halina não lho perguntara. «Queria que soubesse e que lhe pedisse que viesse para Lvov. Acho que a viagem valeria a pena», acrescentou, antes de desaparecer na rua Kościelna. Aquelas deveriam ser as «notícias» a que Adam referira, e que, claro, não podia partilhar nas cartas. Não surpreendeu Halina. Ele era a pessoa mais meticulosa que alguma vez conhecera. *Impecável*, lembrava-se de pensar, quando lhe mostrou pela primeira vez um dos seus desenhos arquitetónicos – a imagem do átrio de uma estação dos caminhos-de-ferro. As suas linhas eram limpas e modernas, com uma estética absolutamente prática. «Tento desenhar "livre de inverdades"», dissera ele, citando o famoso modernista, e seu ídolo, Walter Gropius.

Com aquela notícia, Halina decidiu que deveria partir para Lvov. Teria feito a viagem sozinha, mas a prima Franka não o permitiu. «Vou contigo», declarou, «quer queiras quer não.» Os pais de ambas temiam a viagem, o que era compreensível. De acordo com as cartas de Jakob, o irmão Genek desaparecera de Lvov, certa noite no final de junho. Selim ainda não fora localizado. Radom era miserável, admitiam os pais, mas pelo menos estavam juntos, e ninguém havia desaparecido. De qualquer maneira, tendo as viagens de civis judeus sido consideradas ilegais – puníveis com a mor te de acordo com o decreto – parecia demasiado arriscado. Mas Halina jurou descobrir uma maneira de chegar em segurança a Lvov e prometeu não tardar. «Adam diz que me consegue arranjar um trabalho», disse ela. «Regressarei a Radom dentro de alguns meses com dinheiro suficiente e documentos de identificação que nos permitam respirar com maior facilidade. E com a ajuda de Adam», acrescentou ela, «talvez consiga encontrar algumas respostas acerca do que aconteceu a Genek e Herta e a Selim.» A partir do momento em que Halina se decidiu a partir, Sol e Nechuma concordaram, sabendo que não valia a pena tentar convencê-la do contrário.

A água sobe até às suas coxas. Halina pragueja, desejando ter sido abençoada com a altura de Franka. *Maldição*, está frio. Se ficar muito mais fundo será obrigada a nadar. Ela e Franka são boas nadadoras – aprenderam juntas no verão, no lago, ensinadas pelos pais – mas aquelas águas em nada se parecem com as belas águas do lago Garbatka. Aquelas águas têm o frio de janeiro, são negras como azeviche, e correm velozes. Nadar nelas poderá ser traiçoeiro. Arriscariam

hipotermia. E o cesto – manter-se-ia seco? Halina volta a pensar no dinheiro, no que custara à mãe juntar aqueles cinquenta zlotys. *Ainda mais razão para chegar a Lvov, para repor as nossas poupanças. O frio não é nada,* diz a si mesma. *Faz tudo parte do plano.*

Tinham passado a noite anterior na cidade de Liski com os Salinger, amigos da família que Halina conhecera na fábrica de tecidos alguns dez anos antes. A senhora Salinger era a única mulher que Halina conhecia capaz de se sentar e falar durante horas acerca de seda. Nechuma adorava-a e aguardava ansiosamente pelas visitas que a senhora Salinger fazia duas vezes por ano, antes de a loja ter encerrado.

A pequena cidade de Liski está situada a quinze quilómetros do rio Bug, a linha divisória entre a Polónia ocupada pelos alemães e a Polónia dos soviéticos. A senhora Salinger disse a Halina e Franka que as pontes sobre o rio se encontravam guardadas de ambos os lados por soldados e que a maneira mais segura de atravessar era através das águas. «O rio é estreito, e dizem que as águas são mais baixas em Zosin», explicou a senhora Salinger. «Mas Zosin está repleto de nazis», avisou, «e o rio é veloz. Têm de ter cuidado para não cair. A água é gelada.» O sobrinho da senhora Salinger realizara a mesmíssima viagem em sentido oposto na semana anterior, contara ela. «De acordo com Jurek, depois da travessia, podem seguir o rio para sul até Ustylluh e aí apanhar uma boleia para Lvov.»

Nessa manhã, a senhora Salinger enchera o cesto de Halina e Franka com um pequeno pão, duas maçãs e um ovo cozido – «Um festim!» exclamara Halina – e sussurrara: «Boa sorte», beijando as raparigas no rosto quando estas partiram.

Halina e Franka usaram estradas secundárias para caminharem até Zosin, de modo a não serem vistas nem interrogadas pelos soldados alemães, tentando não pensar demasiado acerca do que aconteceria se fossem apanhadas sem um *ausweis*, a autorização especial para viajar fora da aldeia a que se pertencia. A viagem demorou-lhes quase três horas. Chegaram a Zosin no lusco-fusco e percorreram a margem do rio em busca da extensão de água mais estreita que conseguiram encontrar, em seguida esperaram que escurecesse para começarem a travessia.

A secção do rio que escolheram não tem mais de dez metros; Halina calcula

que estão praticamente a meio do caminho até à outra margem. «Continua tudo bem?», pergunta, agarrando-se ao pau, enquanto se vira para olhar por cima do ombro. Franka começa a ficar para trás. Ergue os olhos por um momento e acena com a cabeça, as córneas movendo-se para cima e para baixo sob a luz da lua. Quando Halina devolve a sua atenção para o abismo líquido à sua frente, apercebe-se de um brilho na sua periferia. Uma pequena explosão de luz. Estaca, fitando atenta na direção de onde veio. Desaparece por um momento, mas depois volta a vê-la. Um feixe. Dois feixes. Três! Lanternas. Nas árvores a leste, que delimitam o campo na margem oposta do rio. Devem pertencer a soldados soviéticos. Quem mais sairia para o frio àquela hora da noite? Halina espreita para ver se Franka se apercebeu, mas o queixo da prima está encostado ao peito enquanto esta se esforça por atravessar o rio. Halina tenta ouvir as vozes, mas tudo o que consegue captar é o constante burburinho da água em movimento. Espera mais um minuto, decidindo por fim nada dizer. *Não há razão para pânico*, diz a si mesma. Franka não precisa de distrações. Em breve terão atravessado, e uma vez em terra seca podem agachar-se, esperar que os proprietários das lanternas sigam caminho.

Por baixo dos seus pés, a lama do fundo do rio dá lugar às rochas, e depois de alguns passos, parece a Halina que está a andar em cima de berlindes. Considera a hipótese de voltar para trás, procurar um lugar melhor, mais baixo, para atravessar. Talvez pudessem regressar no dia seguinte, um dia chuvoso, quando as nuvens fossem mais espessas, quando tivessem melhor camuflagem. Mas de que serviria? Não importa onde atravessem, pois não há como saber quão profundas são as águas. Além disso, não conhecem ninguém em Zosin. Onde ficariam? Morreriam de frio se tentassem passar a noite no exterior. Halina analisa a linha das águas. Os pequenos feixes de luz, felizmente, desapareceram. Só lhes faltam mais quatro metros, cinco no máximo. *Teremos melhor sorte no lado russo*, garante a si mesma, avançando de novo.

– Estamos a meio... – diz Halina, mas as suas palavras são interrompidas por um «Whoop!» guinchado e pelo distinto *ploc* de um corpo a bater na água atrás de si. Halina vira a cabeça a tempo de ver Franka, a boca curvada num *O* perfeito, a desaparecer, o seu grito abafado quando desaparece por baixo da superfície do rio.

– Franka! – arqueja Halina, sustendo a respiração. Passa-se um segundo, depois dois. Nada.

Nada mais do que o som da água a correr, o reflexo ondulado da lua e do céu noturno, algumas bolhas onde a prima estivera antes. Halina analisa cada gota do rio, procurando desesperadamente por qualquer movimento.

– Franka! – sussurra, os seus olhos frenéticos.

Por fim, vários metros mais abaixo no rio, Franka emerge das águas, cuspindo, arquejando por ar, madeixas do cabelo coladas sobre os olhos.

– O cesto! – uiva Franka, tentando agarrar a orla bege que veio à superfície à sua frente. Lança-se para a asa, mas a corrente é demasiado rápida. Inclinando-se e ondulando na água veloz, o cesto desaparece.

– Nãããããão! – O pânico na voz de Halina corta o ar fino. Sem pensar, deixa cair o pau, sustém a respiração e lança-se, de braços esticados para a água. O frio é chocante. Parece cortar-lhe o rosto, envolvê-la como uma armadura, e por um momento fica paralisada, o corpo gelado, um tronco preso na corrente. Erguendo a cabeça, arqueja e nada ferozmente, inclinando o pescoço de modo a manter o queixo acima das águas. Quase não consegue distinguir o cesto, a sua asa balançando como uma boia em mares agitados, vários metros rio abaixo.

– Para – suplica Franka atrás dela. – Deixa-o! – Mas Halina nada com mais veemência, as súplicas da prima tornam-se cada vez mais distantes até ela não conseguir ouvir senão o som da sua respiração e o chapinhar da água contra os ouvidos. Nada desesperadamente, raspando um joelho no leito do rio. Podia levantar-se, mas sabe que se o fizer o cesto desaparecerá. Movendo as pernas como se fossem as patas de um sapo, esforça os olhos para tentar ver ao longo do rio, lutando contra o torpor que se apodera do seu corpo e contra o impulso para desistir, para nadar até à margem e descansar.

Quando contorna uma ligeira curva, o rio torna-se mais largo e, por um breve instante, a corrente abranda. O cesto abranda, deslizando pacificamente sobre um refluxo da corrente, a superfície da água agora tão lisa e brilhante como a tampa lacada do velho *Steinway* dos pais. Halina começa a ganhar terreno. Quando o rio se estreita de novo e a corrente volta a acelerar, está bem perto. Espremendo as últimas gotas de força que lhe restam nos músculos gritantes, lança o tronco para fora da água e projeta-se, um braço estendido à sua frente, os

dedos bem abertos.

Quando volta a abrir os olhos é com surpresa que descobre o cesto na sua mão. As suas extremidades bem poderiam ser inúteis; não consegue sentir nada. Deixa que os pés assentem no fundo do rio e equilibra-se. Erguendo-se lentamente, mantendo o corpo baixo na água para resistir à corrente, luta para chegar à outra margem sobre as pedras escorregadias, agarrando a asa do cesto com tanta força que os seus dedos, brancos nos nós, começam a ficar com cãibras e tem de os soltar com a mão livre uma vez em segurança na outra margem.

Em terra, Halina deixa-se cair na margem lamacenta, os ombros subindo e descendo ao ritmo da respiração, o coração a bater violentamente contra o peito. Agachando-se, espreita para o cesto. A comida desapareceu. Enfia os dedos no corte do forro, tateando o embrulho de lona encerada. Os zlotys! «Estão aqui!», sussurra, esquecendo por um momento quão terrivelmente gelada está. Tira o casaco e bate com ele contra uma rocha antes de cobrir com ele os ombros. Os seus tremores vão e vêm em espasmos. Precisarão de encontrar abrigo rapidamente.

Apressando-se rio acima, passam-se apenas alguns minutos antes de ouvir os gritos de Franka.

– Estou aqui! – chama Halina, acenando, o corpo ainda repleto de adrenalina. Franka também conseguira atravessar o rio e avançava ao longo da margem na direção de Halina. Esta ergue o cesto acima da cabeça em triunfo. – Perdemos a comida, mas os zlotys estão aqui! – sorri.

– Graças a Deus! – arqueja Franka, ofegante. Envolve Halina com os braços. – O meu pé escorregou numa pedra. Lamento muito! – Observa Halina. – Olha para ti, pareces um gato afogado!

– Também tu! – entoa Halina, e sob o luar azul metálico, trôpegas de frio, a pingar e a tiritar da cabeça aos pés, elas riem, baixinho a princípio, depois mais alto, até as lágrimas lhes escorrerem dos olhos, quentes e salgadas ao longo das suas faces, e já quase não conseguirem respirar.

– E agora? – pergunta por fim Franka, quando conseguem recuperar a compostura.

– Agora andamos. – Halina passa o seu braço pelo de Franka, soprando o calor para a mão livre, enquanto começam a avançar para este, em direção à linha das árvores.

Tão depressa quanto partiram, Franka para.

– Olha! – arqueja. Já não está a sorrir. – Lanternas! – São pelo menos meia dúzia.

– O Exército Vermelho – sussurra Halina. – Só pode ser. *Kurwa*. Tinha esperança de que já tivessem partido. Devem ter-nos ouvido.

– Sabias que estavam ali? – Os olhos de Franka estão muito abertos.

– Não te queria assustar.

– O que havemos de fazer? Devemos correr?

Halina morde com força o interior das bochechas para impedir os dentes de baterem. Também pensou em correr. Mas, e depois? Não, chegaram até ali. Puxa os ombros para trás, determinada a manter-se forte, pelo menos exteriormente, por Franka tanto quanto por si...

– Falaremos com eles. Vem. Precisamos de encontrar calor. Talvez nos ajudem. – Halina aperta o braço de Franka com mais força, incitando-a a prosseguir.

– Ajudar-nos? E se não o fizerem? E se dispararem? Podíamos nadar um pouco rio abaixo, esconder-nos.

– E morrermos de frio? Olha para nós; não sobreviveremos mais uma hora neste frio. Anda, já nos viram. Vamos ficar bem, mantém-te calma.

Continuam a andar, hesitantes, em direção à constelação de luzes tremeluzentes.

Quando estão a dez metros dos soldados, uma silhueta por trás de uma das luzes grita.

– *Ostanovka*!

Halina pousa o cesto lentamente aos seus pés e ela e Franka erguem as mãos por cima das cabeças.

– Somos aliadas! – diz Halina, em polaco. – Não temos armas! – Sente a boca seca quando conta dez homens de uniforme a avançar, cada um deles segurando

numa mão uma longa lanterna metálica, na outra uma espingarda; ambas apontadas a ambas. Halina vira o rosto, para evitar que o feixe de luz branca lhe penetre nos olhos. – Vim em busca do meu noivo e do meu irmão em Lvov – anuncia, obrigando a sua voz a permanecer firme. Os soldados aproximam-se. Baixa os olhos para as roupas molhadas e para Franka, que treme de frio. – Por favor, – diz, semicerrando os olhos para fitar os soldados –, temos fome e estamos geladas. Podem ajudar-nos a encontrar algo para comer, um cobertor, um abrigo para a noite? – A sua respiração, apanhada pela luz, escapa-lhe em fugazes nuvens cinzentas.

Os soldados formam um círculo em redor das mulheres. Um deles pega no cesto, olha para o interior. Halina sustém a respiração. *Distrai-o*, pensa ela. *Antes que encontre os zlotys.*

– Oferecer-vos-ia qualquer coisa para comer – continua Halina –, mas por esta altura o nosso solitário ovo já chegou a Ustylluh. – Treme dramaticamente, permitindo que os dentes batam como castanholas. O soldado ergue os olhos e ela sorri, enquanto ele lhe estuda o rosto, depois o de Franka, analisando as roupas molhadas, os sapatos ensopados em lama. *Ele não é mais velho do que eu*, apercebe-se Halina. Talvez até seja mais novo. Dezanove, vinte anos.

– Tu vens ver a família, e ela? – interroga o jovem soldado num polaco rudimentar, apontando a lanterna na direção de Franka.

– Ela...

– A minha mãe está em Lvov – diz Franka, antes que Halina tenha oportunidade para responder. – Está muito doente, não tem ninguém que cuide dela. – O seu tom é tão claro, tão afirmativo, que Halina tem de fazer um esforço para não parecer surpreendida. Franka é um livro aberto; a arte da ilusão nunca lhe fora fácil, pelo menos até agora.

O soldado mantém-se em silêncio por um momento. A água do rio pinga dos cotovelos das jovens mulheres, aterrando com um *pate* na terra aos seus pés. Por fim, o soldado abana a cabeça, e na sua expressão Halina consegue antever um toque de simpatia, ou talvez de divertimento. Consegue sentir a tensão a dissolver-se no seu pescoço, algum sangue a regressar às suas faces.

– Venham connosco – ordena o soldado. – Vão descascar batatas, passar a noite no nosso campo. De manhã discutiremos se serão livres para partir. – Ele

entrega o cesto a Halina. Ela aceita-o descontraidamente, coloca-o na curva do braço e depois procura a mão de Franka enquanto começam a avançar para norte, flanqueadas de ambos os lados por homens de uniforme. Ninguém fala. O ar está carregado apenas com a cadência dos seus passos, o bater das pesadas botas e o esmagar das solas molhadas na relva. Ao fim de alguns minutos, Halina olha para Franka, mas a prima mantém os olhos fixos em frente enquanto anda, sem qualquer expressão. Só por a conhecer tão bem é que Halina consegue detetar o ligeiro estremecimento no seu maxilar. Franka está aterrorizada. Halina aperta-lhe a mão num gesto que lhe permite transmitir que tudo irá ficar bem. Pelo menos é isso que espera.

Continuam a andar durante cerca de uma hora. À medida que a adrenalina se desvanece, Halina não consegue pensar senão no frio – na dor nas suas articulações, nas mãos e nos pés, e na ponta do nariz, que já não está entorpecido, antes lhe arde.

Será possível, preocupa-se, sofrer queimaduras do frio enquanto se está em movimento? Precisará de amputar o nariz, caso chegue ao campo e descubra que ficou preto? *Basta*, diz a si mesma, obrigando a mente a ultrapassar aquelas imagens.

Adam. Pensa em Adam. Imagina-se à porta do seu apartamento em Lvov, os braços em redor do seu pescoço enquanto lhe conta a história da queda de Franka, da sua própria viagem gelada. Parece deveras louco quando traça os seus passos mentalmente. Em que estaria ela a pensar, saltar daquela maneira para as águas? Será que Adam compreenderá? Os seus pais não compreenderiam, tem a certeza disso – mas ele compreenderá. Se calhar até a irá admirar por isso.

Ela olha de relance para o soldado à sua direita. Também ele é jovem. Com vinte e poucos. E também ele tem frio. Estremece por baixo do casaco do exército, com um aspeto miserável, como se preferisse estar em qualquer outro lugar menos ali. *Talvez,* pensa Halina, *por baixo das grandes armas e dos uniformes de aspeto importante, aqueles jovens sejam inofensivos.* Talvez estejam tão ansiosos pelo fim da guerra quanto ela. Podia jurar que vira um deles, o mais alto do grupo, a olhar de relance para Franka. Conhece aquele olhar – parte curiosidade, parte desejo; normalmente é-lhe dirigido a ela. Terá de aumentar o seu charme, decide. Irá oferecer cumprimentos pelo patriotismo dos

soldados; convencê-los com um sorriso de que é do interesse deles deixá-las seguir caminho. Talvez Franka possa namoriscar um pouco com o mais alto, prometer-lhe que escreverá, deixá-lo com um beijo. Um beijo! Há quanto tempo não sente os lábios de Adam contra os seus. O sangue de Halina aquece um pouco, enquanto se convence de que o seu plano irá funcionar. Terão de manter a guarda, claro, mas irá conseguir o que quer – consegue sempre; é o que faz melhor.

É a terceira noite que passam no acampamento improvisado. Na tenda, debaixo de um cobertor de lã, Halina escuta com atenção enquanto a prima e Yulian sussurram junto à fogueira. Deixara os dois alguns minutos antes, sentados ao lado de uma fraca chama. O casaco de inverno de Yulian sobre os ombros de Franka, que voltou a surpreender Halina com a sua capacidade para namoriscar. Já a vira com rapazes. Junto de uma paixoneta ou de alguém que estava a tentar impressionar, Franka hesita frequentemente. Aparentemente, maravilha-se Halina, não tem qualquer problema em seduzir um rapaz quando está a fingir. Halina pergunta-se se Yulian acabará por perceber que não passa de um alto obstáculo na estrada que irá, espera ela, conduzi-las por fim a Lvov.

Alimentara a esperança de já estarem a caminho por aquela altura. Aqueles últimos dias haviam sido penosos. Os soldados tinham-nas tratado com uma cortesia brusca, mas Halina está demasiado consciente do facto de que ela e Franka são duas raparigas bonitas longe de casa, rodeadas de homens solitários; teme o que poderá acontecer caso os soldados decidam não ser educados. Até ver, Yulian, ao que parece, sente-se satisfeito apenas em conversar.

Ela sopra para os dedos, mexe os dedos dos pés em busca de calor. O cobertor ajuda, ainda assim o frio é cortante. As suas roupas estão finalmente secas e ela não se atreve a tirar nenhuma delas para dormir; todas as camadas ajudam. Fechando os olhos, desliza, trémula, para um sono pouco profundo, sendo acordada passados alguns minutos pelo som de alguém que gatinha dentro da tenda. Senta-se rapidamente, cerrando as mãos em punhos num reflexo, quase esperando encontrar a silhueta de um dos soviéticos a avançar na sua direção. Mas é apenas Franka. Halina suspira, deita-se de novo.

– Assustaste-me – sussurra, o coração a bater acelerado.

– Desculpa. – Franka enfia-se por baixo do cobertor e puxa-o sobre as suas

cabeças para que possam falar sem serem ouvidas. – Yulian disse-me que nos vai tirar daqui – sussurra ela. – Amanhã. Diz que já falou com o capitão acerca de nos deixar partir. – Halina consegue ouvir o alívio na voz de Franka. – Disse que nos daria boleia, pela manhã, até à estação de caminhos-de-ferro mais próxima.

– Muito bem – sussurra Halina.

– Prometi manter o contacto.

Halina sorri.

– Claro que sim.

– Sabes, ele não é assim tão mau – diz Franka, e Halina pergunta-se, por um momento, se a prima estará a brincar ou se o seu coração sente, de facto, algo por ele. – Consegues imaginá-lo – pergunta Franka – eu e Yulian? Os nossos filhos seriam gigantes – diz ela, e aquela ideia lança as duas para um acesso de riso abafado.

– Prefiro *não* imaginar – acaba Halina por dizer, voltando a puxar o cobertor para debaixo dos seus queixos. Vira-se de lado e encosta o corpo ao de Franka.

– Estou só a brincar – sussurra Franka.

– Eu sei.

Halina fecha os olhos, deixando a mente viajar, como tende a fazer na escuridão, para junto de Adam. Qual seria o aspeto dos filhos *deles?*, pergunta-se. É prematuro pensar tão para a frente, mas não consegue evitá-lo. Com alguma sorte, ela e Franka estarão de novo em movimento no dia seguinte. Por fim. *Mais uma noite, Adam. Vou a caminho.*

Parte II



CAPÍTULO QUINZE

Addy

Mediterrâneo ~ 15 de janeiro de 1941

No cais há um enxame de corpos. Alguns gritam, tomados pelo pânico enquanto se acotovelam em direção à prancha de embarque; outros falam apenas em sussurros, como se erguer as vozes os pudesse privar do privilégio de subirem a bordo do navio – um dos últimos navios de passageiros, pelo que foi dito, autorizado a deixar Marselha com refugiados a bordo. Addy avança a passos firmes com a multidão, agarrando com força uma sacola de cabedal castanha numa mão e um bilhete só de ida, de segunda classe, na outra. O frio de janeiro é cortante, mas ele praticamente não se apercebe. A intervalos de alguns minutos, estica o pescoço, analisando a multidão, rezando pela possibilidade de ver um rosto familiar. Um desejo impossível, mas não consegue deixar de se agarrar à possibilidade de, à última da hora, a sua mãe ter recebido a última carta que enviara, ter conseguido viajar com a família para França. *Façam o que for preciso*, escrevera, *por favor, venham para Vichy. Há aqui um homem chamado Souza Dantas. É com ele que têm de falar para obterem os vossos vistos.* Incluíra os pormenores da morada de Souza Dantas, tanto no hotel como na embaixada. Addy suspira, apercebendo-se do quão ridículo parecia, agora, o plano. Já há quinze meses que não tinha notícias da mãe. Ainda que ela *tivesse* recebido a carta, quais eram as possibilidades de toda uma família conseguir sair da Polónia? Ainda que, por algum acaso, a sua mãe conseguisse encontrar uma

saída, jamais deixaria os outros para trás, isso ele sabe.

A cada passo que se aproxima mais do navio, o nó no peito de Addy aperta-se. Leva a mão às costelas do lado esquerdo, onde lhe dói. Por baixo dos dedos, consegue sentir o bater do coração, a sua pulsação como um relógio, marcando os segundos até desaparecer daquele continente. Até um oceano o separar das pessoas que mais ama. O facto de a mão-cheia de refugiados polacos que encontrou no cais – aqueles que tinham a sorte de ainda conseguirem contactar com as respetivas famílias – terem descrito aquilo que sabem do estado do seu país em termos que Addy nem consegue imaginar – guetos apinhados, espancamentos públicos, judeus a morrer de frio, de fome e de doença aos milhares – não ajuda em nada. Uma jovem de Cracóvia disse a Addy que o seu marido, um professor de poesia, fora levado, juntamente com dezenas de intelectuais da cidade, até à muralha do castelo de Wawel, onde foram alinhados e fuzilados. Depois, disse, com as lágrimas a correrem pelo rosto, os seus corpos foram lançados monte abaixo, até ao rio Vístula. Addy abraçara-a enquanto ela chorava contra o seu ombro, e depois tentara, com todas as suas forças, apagar a imagem da mente. É demasiado para ser suportado.

À medida que se vai aproximando lentamente do navio, Addy elenca as línguas que são faladas à sua volta: francês, espanhol, alemão, polaco, holandês, checo. A maioria dos passageiros transporta consigo pequenas malas como a sua – nelas, a mão-cheia de pertences com os quais esperam começar as suas novas vidas. Enfiados na de Addy estão uma camisola de gola alta, uma camisa, uma camisola interior, um par de meias extra, um pente de dentes finos, um pequeno sabonete emitido pelo exército, algum retrós, uma lâmina, uma escova de dentes, uma agenda, três blocos de notas de bolso em pele (já cheios), o seu disco de 78 rotações preferido da *Polonaise, op. 40, nº1* de Chopin, e uma fotografia dos pais. No bolso da camisa leva um bloco de notas meio usado, no bolso das calças algumas moedas e o lenço de linho que a mãe lhe fizera. Tem 1500 zlotys e 2000 francos – as poupanças de uma vida – enfiados na carteira de pele de cobra, juntamente com os dezasseis documentos que reuniu de modo a poder sair do exército e obter um visto brasileiro.

O encontro de Addy com o embaixador Souza Dantas em Vichy fora breve. «Deixa o teu passaporte com a minha secretária», dissera-lhe Souza Dantas,

quando estava suficientemente afastado do hotel para que ninguém os pudesse ouvir. «Diz-lhe que fui eu que te enviei, e regressa amanhã. O teu visto estará à tua espera em Marselha. Será válido durante noventa dias. Irá partir um navio para o Rio de Janeiro por volta do dia 20 de janeiro – o *Alsina*, creio eu. Não sei quando, ou se, haverá outro. Deves partir nele. Precisarás de renovar o visto uma vez chegado ao Brasil.»

«Claro», disse Addy, agradecendo profusamente ao embaixador e levando a mão à sua carteira. «Quanto é que lhe devo?» Mas Souza Dantas limitou-se a abanar a cabeça, e Addy apercebera-se que não era pelo dinheiro que o embaixador arriscava o seu trabalho e a sua reputação.

No dia seguinte, Addy foi buscar o passaporte. No cimo, pela mão do embaixador, estava escrito: *Válido para viajar para o Brasil*. Beijou as palavras, juntamente com a mão da secretária de Souza Dantas, deixou para trás alguns dos seus pertences e apanhou uma boleia para sul. Envergava as roupas do exército, na esperança de o uniforme o ajudar a conseguir uma boleia; o comboio teria sido mais rápido, mas queria manter-se longe dos postos de controlo das estações.

Quando chegou a Marselha, Addy dirigiu-se de imediato à embaixada, onde, para seu espanto, o visto o aguardava. Estava marcado com o número 52. Depois de o fitar durante um longo momento, enfiou-o no passaporte e dirigiu-se ao por to, meio a andar meio a correr. Ao ver o enorme casco preto do *Alsina* a pairar no porto, riu e chorou ao mesmo tempo, de imediato tomado pela esperança e pela antecipação do que o mundo livre lhe traria, e devastado pela ideia de deixar a Europa, a sua família.

«Sabe se haverá outros navios a viajar para o Brasil nos próximos meses?», perguntara no gabinete do porto. «Filho», disse-lhe o agente por detrás da janela abanando a cabeça: «considera-te com sorte por conseguires sair neste.» O homem tinha razão. Havia cada vez menos navios de passageiros a serem autorizados a viajar para as Américas. Mas Addy recusava-se a abdicar da esperança. Passara a tarde enfiado no canto de um café perto do porto, a escrever uma carta para a mãe.

10 de janeiro de 1941

Querida mãe,

Espero que as minhas cartas tenham chegado até ti e que tu e os outros estejam bem. Consegui passagem para o Brasil num navio chamado Alsina. Partiremos dentro de cinco dias, a 15 de janeiro, para o Rio de Janeiro. O capitão estima que chegaremos à América do Sul em duas semanas. Mal chegue, escreverei de novo, com a morada para onde me poderão contactar. Lembra-te do que te disse acerca do embaixador Souza Dantas em Vichy. Por favor, fica em segurança. Conto os minutos até saber notícias tuas.

Sempre com amor,

Addy

Antes de deixar o café, Addy foi à casa de banho, onde despiu o uniforme e vestiu o seu fato. Mas em vez de dobrar o uniforme e de o guardar na sacola, como fazia normalmente, apertou-o numa bola e enfiou-o no caixote do lixo.

A cabine de Addy é minúscula. Tira os sapatos e entra de lado, tendo o cuidado de não raspar no beliche frágil da largura dos seus ombros, cuja cabeceira de folheado de nogueira e cobertas amarelo-vela parecem ter ultrapassado o seu auge há cerca de uma década. Do outro lado do colchão mole está um pequeno banco de mogno e algumas prateleiras estreitas. Pousa os sapatos na prateleira de baixo e a sacola no banco, pendura o sobretudo e o chapéu no gancho nas costas da porta da casa de banho, depois espreita para o interior. A casa de banho – a razão pela qual gastou mais dinheiro na aquisição de um bilhete de segunda classe– também é impossivelmente pequena. No interior, um chuveiro pende de uma mangueira metálica presa à parede por cima da sanita, e sobre u m minúsculo lavatório de porcelana encontra-se pendurado um pequeno espelho redondo. A pele de Addy arrepia-se quando pensa num banho quente – já se passara quase uma semana desde que tomara o último. Despe-se de imediato.

Depois de dobrar a camisa, o colete e as calças numa pilha cuidada sobre a cama, vai buscar o sabonete, o pente e a lâmina e entra na casa de banho, continuando a envergar a roupa interior e as meias. Desliza a cabeça do chuveiro

para o seu suporte na parede e vira a alavanca metálica para a posição de quente. A pressão é mínima, mas a água é quente e quando desce sobre ele consegue senti-la a suavizar a tensão nos seus ombros. Trauteia enquanto se lava – roupa interior e tudo – até ter feito uma quantidade de espuma satisfatória, depois gira lentamente num pequeno círculo para se passar por água. Quando as suas roupas interiores estão livres de espuma, tira-as e pendura-as sobre o lavatório, em seguida volta a ensaboar-se e deixa que a água lhe corra pela pele despida por um momento, antes de virar a alavanca para a posição de fechado. Leva a mão à solitária toalha branca que pende de um toalheiro na parte de trás da porta da casa de banho e seca-se, continuando a trautear. Ao espelho, lava os dentes, penteia o cabelo, faz a barba, deslizando os dedos pelas linhas quadradas do maxilar, examinando de perto os locais que possa ter falhado. Por fim, espreme as roupas molhadas e improvisando uma corda de roupa com a retrós, pendura-as a secar. Vestindo a roupa interior extra e o seu fato, sorri; sente-se uma nova pessoa.

No convés, avança por entre a multidão de refugiados, acenando cumprimentos e apanhando pequenos pedaços de conversas enquanto avança em direção à proa do navio: *Já soubeste que Zamora está a bordo?*, pergunta alguém quando ele está a passar. Addy pergunta-se se reconheceria Zamora caso chocasse contra ele; decerto o ex-presidente espanhol comprara um bilhete de primeira classe, um convés mais acima. A maior parte das conversas que ouve diz respeito ao engenhoso planeamento e aos esforços implacáveis exigidos para garantir os vistos. *Estive numa fila durante dezoito dias. Paguei ao funcionário da embaixada. Foi pavoroso deixar as minhas irmãs para trás.*

Há vários cálculos acerca de quantos refugiados poderão estar a bordo – *Ouvi dizer que eram seiscentos... o navio foi construído para trezentos... não é de admirar que esteja tão apinhado... os pobres infelizes que estão na terceira classe devem estar miseráveis.* O convés de segunda classe está atulhado, mas Addy sabe que não é nada comparado com os aposentos mais abaixo, na terceira classe.

Cerca de metade dos refugiados com que se cruza são judeus, referindo várias vezes o embaixador Souza Dantas pelo nome. *Se não fosse o embaixador...* Os outros são uma mistura de espanhóis que fogem do regime de Franco, socialistas

franceses e os chamados artistas degenerados, e outros «indesejados» de toda a Europa, que procuram segurança no Brasil. A maior parte deixou para trás as famílias – irmãos, pais, primos, e até filhos adultos – e nem uma alma sabe o que, exatamente, lhe reserva o futuro. Mas, apesar da incerteza, o estado de espírito subjacente alterou-se, agora que todos estão instalados a bordo, para uma inebriada antecipação. Com partida marcada para as dezassete horas, o ar do *Alsina* cheira subitamente a esperança e liberdade.

Addy percorre o navio até alcançar a proa, onde descobre uma porta azul escura com uma placa de latão e ri perante a sua sorte: salon de musique, première classe. Uma sala de música! Sustém a respiração ao levar a mão à maçaneta e é com tristeza que a descobre fechada. *Talvez alguém a venha abrir,* diz a si mesmo, avançando para a amurada, observando enquanto uma multidão de homens e mulheres passeia por perto. De facto, passado alguns minutos, a porta azul abre-se e um jovem elemento da tripulação envergando um traje branco emerge; Addy espera até ele desaparecer por entre a multidão, prendendo a porta com a biqueira do sapato imediatamente antes de esta se fechar. No interior, depara-se com uma escadaria. Sobe os degraus dois a dois.

O salão está vazio. O seu piso de cerejeira brilha por baixo de um *patchwork* de suaves tapetes de lã em tons de vermelho, dourado e índigo. Janelas do chão ao teto ao longo da parede virada para estibordo oferecem uma vista do porto, e a parede do outro lado está coberta por espelhos, o que confere à divisão a sensação de ser ainda maior do que é. Há colunas de madeira polida nos cantos e uma porta larga, em arco, que conduz àquilo que Addy presume serem as cabines de primeira classe. Um sofá em pele, algumas mesas redondas e uma dúzia de cadeiras estão reunidas numa das pontas do salão e na outra, empoleirado no canto – o seu coração até salta quando o vê – um piano de cauda *Steinway*.

Addy avalia o instrumento ao aproximar-se. Foi feito no início dos anos de 1900, calcula, antes da grande depressão, quando os produtores começaram a reduzir o piano de cauda para uma dimensão mais pequena. Sopra para a tampa, pestanejando quando uma nuvem de pó levita sobre o instrumento, cintilando sob a luz do sol. Por baixo do teclado, um elegante banco redondo com pernas de nogueira entalhada e pés com a forma de golfinho em ferro forjado implora-

lhe que se sente. Addy faz girar suavemente o banco para ajustar a altura e instala-se sobre a sua superfície lisa ligeiramente gasta. Ergue a tampa e pousa as mãos nas teclas, subitamente invadido por uma nostalgia em relação à sua terra natal. Fletindo um tornozelo, suspende uma biqueira do sapato sobre o pedal do abafador do piano. Há meses que não tem o luxo de tocar, mas não lhe restam dúvidas acerca da peça que irá tocar primeiro.

Enquanto as notas da abertura da *Valsa em Fá menor, op. 70, n.º 2* de Chopin enchem a divisão, Addy inclina a cabeça para a frente e fecha os olhos. Num instante, tem doze anos, está empoleirado num banco em frente às teclas do piano dos pais em Radom, onde ele, Halina e Mila costumavam praticar à vez durante uma hora todos os dias depois da escola. Quando se tornaram avançados o suficiente, aprenderam Chopin, cujo nome era praticamente sagrado na casa dos Kurc. Addy ainda recorda o sentimento de realização que enchera o seu coração depois de ter completado o seu primeiro *étude* sem um único erro. «O Maestro Chopin sentir-se-ia muito orgulhoso», disse a mãe baixinho, tocando-lhe ao de leve no ombro.

Quando Addy abre os olhos, fica surpreendido ao descobrir uma pequena multidão reunida à sua volta. A assistência está toda muito bem vestida. As mulheres envergam chapéus em forma de sino e elegantes sobretudos com golas de pele de castor, os homens chapéus de coco e fatos de três peças feitos por medida. Há um toque de água de colónia no ar, uma agradável mudança em relação ao ácido odor corporal que permeia os espaços comuns um convés mais abaixo. Uma classe diferente de refugiados, sim, mas Addy sabe que, por baixo das peles e dos *tweeds*, todos naquele barco estão a fugir do mesmo destino sombrio.

– *Bravo! Che bello* – Um italiano atrás dele sorri, quando a última nota de Addy envolve o salão.

– *Encore*! – grita a mulher ao seu lado.

Addy sorri, erguendo as mãos.

– *Pourquoi non?* – encolhe os ombros. Não precisa que lhe peçam duas vezes.

Quando termina uma peça, é encorajado a tocar outra e, a cada *encore*, o público de Addy vai crescendo, juntamente com o seu entusiasmo. Toca os

clássicos: Beethoven, Mozart, Scarlatti, começando a suar. Tira o casaco, desabotoa o colarinho. Enquanto a assistência continua a aumentar, salta para melodias *pop* dos seus compositores de *jazz* americanos preferidos: Louis Armstrong, George Gershwin, Irving Berlin. Vai a meio caminho de «Caravan» de Duke Ellington quando se faz ouvir a sirene do navio.

– Vamos partir! – guincha alguém. Addy encerra o «Caravan» com uma cadência improvisada e levanta-se, o salão está subitamente repleto de conversas. Leva a mão ao casaco e segue a multidão que converge para o convés de estibordo para observar enquanto o *Alsina* se afasta da doca, os seus motores a roncar. A sirene volta a soar uma longa e gutural despedida que paira no ar durante vários segundos antes de flutuar para o mar.

E depois estão em movimento, quase impercetivelmente a princípio, como se avançassem em câmara lenta em direção ao sol cor de laranja que pende baixo sobre as águas cintilantes do Mediterrâneo. Alguns dos passageiros gritam, entusiasmados, mas a maioria, como Addy, limita-se a fitar enquanto avançam para oeste a todo o vapor, para lá do esplêndido Palais du Pharo do século XIX, de Napoleão III, para lá dos fortes de pedra cor-de-rosa e do solitário farol na boca do Vieux Port. Quando o *Alsina* atinge águas mais profundas, o sol já desapareceu e o mar está mais preto do que azul. O navio faz um arco para sul e o cenário altera-se dando lugar a uma extensão interminável de águas abertas. Algures para lá do horizonte, apercebe-se Addy, enquanto o navio acelera, está África. Para lá dela, as Américas. Olha de relance por cima do ombro para o longo rasto de espuma que se dissipa atrás deles, para uma Marselha em miniatura. «*Adieu* por agora», sussurra à medida que a cidade desaparece.

Já estão no mar há mais de uma semana e ele é, agora, uma presença constante no salão da primeira classe, que se transformou numa espécie de sala de concertos – um palco onde os passageiros se reúnem todas as noites para cantar, dançar, tocar aquilo que tocam melhor, um lugar onde se podem perder na música, nas artes, e esquecer, pelo menos naquele momento, os mundos que deixaram para trás. O piano foi retirado do canto e colocado no meio da sala, algumas filas de cadeiras organizadas num meio-círculo à sua volta, e vários outros instrumentos se lhe juntaram – um tambor africano, uma viola, um

saxofone, uma flauta. O talento musical a bordo é espantoso. Addy quase caíra do banco, certa noite, ao ver não apenas os irmãos Kranz no meio da multidão – crescera a ouvir os seus concertos para piano na rádio – mas, ao seu lado, o notável violinista polaco Henryk Szeryng. Nesta noite, calcula, estão mais de cem pessoas reunidas no salão. Mas só consegue ver uma.

Está sentada à direita, na segunda fila de cadeiras, ao lado de uma mulher com os mesmos olhos claros, pele de marfim e postura direita e confiante. Mãe e filha, certamente. Addy recorda-se de que não pode ficar a olhar fixamente. Tossindo para limpar a garganta, decide que a sua derradeira peça da noite será uma da sua autoria, *List.* Olha de relance por entre a melodia. Há dezenas de mulheres bonitas a bordo, mas esta é diferente. Não pode ter mais de dezoito anos. Tem uma blusa de colarinho branco e, entre as lapelas, um cintilante colar de pérolas. O cabelo ondulado, de um louro acinzentado, está preso num carrapito solto na parte de trás do pescoço. Pergunta-se de onde virá, e por que razão ainda não a teria visto antes. Apresentar-se-á, decide, antes de a noite acabar.

Addy encerra o seu desempenho com uma vénia, e o salão enche-se de aplausos quando abandona o banco. Serpenteando por entre a multidão, olha de novo para a rapariga, de relance, e os seus olhos encontram-se. Addy sorri, sentindo o coração a galopar. Ela devolve-lhe o sorriso.

É meia-noite quando Ziembiński, um realizador e ator que a audiência também passou a adorar, encerra por fim a *soirée* com uma leitura teatral de *Les Voix Intérieures* de Victor Hugo. À medida que a multidão se começa a dissipar, Addy aguarda silenciosamente do outro lado da porta em arco que dá acesso às cabines de primeira classe, afastando os olhos para não ficar preso em conversas com as pessoas que por ele vão passando – o que não é tarefa fácil. Ao fim de alguns minutos, a rapariga e a mãe aparecem. Addy endireita-se, e, quando elas vão a passar estende a mão para a mãe. «É o que distingue os cavalheiros dos rapazes», dissera-lhe Nechuma certa vez. «Quando a mãe aprova, *então* poderás apresentar-te à filha.»

– *Bonsoir, madame...* – aventura-se Addy, o braço esticado entre eles.

A mãe da rapariga para abruptamente, parecendo irritada por ter sido perturbada. A maneira como se comporta, com os ombros puxados para trás e os

lábios tensos, recorda a Addy a sua antiga professora de piano em Radom – uma mulher formidável cujos padrões rígidos o levaram a tornar-se o músico que é hoje, mas com quem não desejaria partilhar uma bebida. Com relutância, ela aperta-lhe a mão.

– Lowbeer – apresenta-se ela, com uma ligeira pronúncia, os seus olhos azul-gelo deslizando ao longo do tronco de Addy. – *De Prague* – acrescenta, quando o seu olhar, por fim, se encontra com o dele. O seu rosto é comprido, os lábios estão pintados de malva. São checoslovacas.

– Addy Kurc. *Plaisir de vos rencontrer.* – Addy pergunta-se se elas compreenderão o seu francês.

– *Plaisir* – responde *madame* Lowbeer. Ao final de um momento de silêncio, a mulher vira-se para a filha. – *Puis-je vou présenter ma fille, Eliska.*

Eliska. A sua blusa, consegue agora perceber, é feita de um linho fino, a saia pelos joelhos, azul escura, é de um rico tecido de cachemira. A sua mãe teria ficado impressionada, pensa Addy, e depois engole em seco contra a tensão familiar, a preocupação que lhe aperta o coração sempre que pensa na mãe. *Não há mais nada que possas fazer agora*, conta aos seus botões. *Voltarás a escrever-lhe do Rio.*

Eliska estende-lhe a mão. Os olhos, de um azul claro como os da mãe, encontram-se de novo com os de Addy.

– *Votre musique est très belle* – elogia ela, sustendo o olhar de Addy. O seu francês é perfeito, o seu aperto de mão firme. Addy acha a sua confiança simultaneamente atraente e surpreendente. Esta jovem é mais, apercebe-se, do que um rosto belo. Deixa que a sua mão deslize da dela e arrepende-se de imediato. Há um ano que não sente o toque de uma mulher, nem se apercebera do quanto ansiava por ele. As pontas dos seus dedos estão elétricas. Todo o seu corpo está elétrico.

– Chamam-lhe o mestre de cerimónias do navio, sabia? – Quando Eliska sorri, duas pequenas covinhas formam-se junto aos cantos dos lábios. Ela leva a mão às pérolas que repousam sobre a clavícula.

– Já ouvi dizer – responde Addy, tentando desesperadamente não parecer atrapalhado. – Ainda bem que gostaram do piano. A música sempre foi a minha

paixão. – Eliska acena com a cabeça. Continuando a sorrir. As suas faces estão coradas, embora ela não pareça estar a usar *rouge*. – Praga é uma cidade encantadora. São então checoslovacas – diz Addy, afastando o olhar de Eliska para se dirigir à mãe.

– Sim, e você?

– Sou da Polónia. – Um murro no estômago. Addy nem sequer sabe se o seu país ainda existe. Uma vez mais, afasta as preocupações, recusando-se a permitir que destruam aquele momento.

O nariz de *madame* Lowbeer agita-se, como se estivesse prestes a espirrar. *Polónia*, claramente não era a resposta que antecipava – ou, quem sabe, pela qual esperava. Mas Addy não se importa. Afasta os olhos da mãe e fixa-os na filha, uma saraivada de questões atravessa-lhe velozmente a mente. *Como vieram parar ao* Alsina*? Onde está a vossa família? Onde está* monsieur *Lowbeer? Qual é a sua canção preferida? Aprendê-la-ei e tocá-la-ei cem vezes se isso significar que virá sentar-se para me ouvir amanhã!*

– Bem – diz madame Lowbeer, o seu sorriso tenso: – É tarde. Temos de dormir. Obrigado pelo concerto; foi encantador. – Com um rápido aceno na direção de Addy, ela entrelaça o braço no da filha e atravessam a entrada em arco em direção à sua cabine, os saltos dos sapatos de couro com uma presilha em volta do tornozelo batendo suavemente no chão de madeira.

– *Bonne nuit*, Addy Kurc – diz Eliska por cima do ombro.

– *Bonne nuit!* – responde Addy, um bocadinho alto demais. Todo o seu ser deseja que Eliska possa ficar. Deveria pedir-lho? Soubera tão *bem* namoriscar com ela. Tinha parecido tão... normal. Não, irá esperar. *Sê paciente*, diz a si mesmo. *Outra noite.*

CAPÍTULO DEZASSEIS

Genek e Herta

Altynay, Sibéria ~ fevereiro de 1941

Nada poderia ter preparado Genek e Herta para o inverno siberiano. Tudo está gelado: o chão de terra do bloco onde dormem, a palha espalhada sobre a cama de troncos, os pelos no interior dos seus narizes e até a saliva, muito antes de atingir o chão. É de espantar que ainda exista água no fundo do poço.

Genek dorme completamente vestido. Naquela noite, enverga as suas botas, um chapéu, um par de luvas que comprou quando a neve começou a cair em outubro e o seu casaco de inverno – foi uma sorte que tenha pensado, no último instante, em levá-lo de Lvov – e ainda assim, sente dores por causa do frio. A sensação é intensa. Não é nada que se pareça com a dor constante entre as suas omoplatas depois de várias horas passadas a empunhar o machado, antes um latejar profundo e implacável que pulsa a partir dos seus tornozelos, subindo pelos ossos da perna, até ao estômago e ao longo dos braços, desencadeando estremecimentos involuntários e espasmódicos que lhe agitam todo o corpo.

Genek dobra e estica os dedos das mãos e move incessantemente os dos pés, perturbado com a ideia de que possa perder um deles. Quase todos os dias desde novembro alguém acordou no campo com uma parte do corpo negra devido ao frio; quando isso acontece, quase nunca existe outra escolha senão solicitar a

outro prisioneiro que a ampute. Assistira, certa vez, quando um homem se contorcia de dor, enquanto o dedo mindinho do pé era cortado com a lâmina embotada de um canivete; Genek quase desmaiara. Aproximou ainda mais o seu corpo do de Herta. Os tijolos que aquecera junto à lareira e que envolvera numa toalha para colocar aos seus pés já estão frios. Sente-se tentado a queimar mais madeira, mas já gastaram os dois troncos que lhe foram atribuídos, e esgueirar-se sob a vigilância de Romanov para roubar um tronco extra da pilha seria arriscado.

Aquela terra maldita virara-se contra eles. Há seis meses, quando chegaram, o ar era tão quente que quase não conseguiam forçá-lo a entrar nos pulmões. Genek jamais esqueceria o dia em que o seu comboio guinchou finalmente, até parar, e as portas se abriram de par em par para revelar nada mais do que uma floresta de pinheiros. Saltara para o chão agarrando o punho de Herta numa mão e a sua mala na outra, o couro cabeludo repleto de piolhos, a pele sobre a coluna repleta de chagas por ter permanecido encostado à parede de madeira lascada do vagão durante quarenta e dois dias e noites. *Ótimo*, pensara, olhando em volta. Estavam sozinhos nos bosques, impossivelmente longe de casa, mas pelo menos podiam esticar as pernas e urinar em privado.

Tinham andado durante dois dias sob o calor escaldante de agosto, desidratados e tontos de fome, antes de terem chegado a uma clareira com um longo bloco de um piso, feito de madeira, que parecia ter sido construído à pressa. Quando acabaram por pousar as malas, os seus corpos exaustos, fedendo e pegajosos de suor, foram recebidos com algumas palavras escolhidas de Romanov, o guarda de cabelo negro e olhar de aço que tinha sido atribuído ao seu campo: «A cidade mais próxima», anunciou, «fica dez quilómetros para sul. Os aldeãos foram avisados da vossa chegada. Nada querem convosco. Isto», bradou, apontando para o chão, «é a vossa nova casa. Irão trabalhar aqui, irão viver aqui; jamais voltarão a ver a Polónia».

Genek recusara-se a acreditar naquelas palavras – Estaline não poderia conseguir tal coisa, disse a si mesmo. Mas à medida que os dias iam dando lugar às semanas e depois aos meses, a tensão de não saberem o seu futuro começou a corroê-lo. Seria isto o fim? Estariam destinados a viver a vida inteira daquela maneira, a derrubar troncos na Sibéria? Não mais iriam, como prometera

Romanov, regressar a casa? Se fosse esse o caso, Genek não tinha a certeza de ser capaz de sobreviver. Pois nem um dia passava em que não se recordasse de que fora o seu orgulho que os lançara para ali, para aquele campo horrendo – uma verdade que pesava sobre ele de tal maneira que temia poder quebrar-se em breve.

O pior, contudo, aquilo que mais atormentava Genek, era o facto de já não ser responsável apenas pela sua esposa. Herta ainda não o sabia na altura, mas estava grávida quando deixaram Lvov – uma surpresa, claro, e algo que teriam celebrado caso ainda vivessem na Polónia. Quando, por fim, descobriram, já estavam enfiados no comboio há semanas. Herta referira, imediatamente antes da sua detenção que tinha a menstruação atrasada, mas tendo em consideração o *stress* sob o qual viviam, não lhes pareceu estranho. Um mês depois, a menstruação ainda não chegara. Seis semanas depois, a linha da cintura começara a aumentar apesar da falta de alimento, anunciando a chegada do bebé. Agora estava há semanas de dar à luz um filho – no meio do inverno siberiano.

Genek estremece quando o altifalante se liga, cuspindo a sua estática para o ar gélido. Geme. Durante todo o dia e toda a noite os altifalantes cospem propaganda – como se os incessantes discursos retóricos convencessem os prisioneiros de que o comunismo é a resposta para os seus problemas. A ideologia revolucionária fanática enche os seus ouvidos durante todo o dia, e agora, quase fluente em russo, Genek consegue compreender a maior parte daqueles disparates, o que torna impossível ignorá-los. Envolve a esposa suavemente com um braço e pousa a palma da mão na sua barriga, esperando sentir um pontapé – Herta diz que o bebé se mostra mais ativo durante a noite –, mas não sente qualquer movimento. A respiração dela está pesada. Como consegue dormir com aquele frio e com o rugido dos altifalantes é um mistério. Deve estar exausta. Os seus dias são implacáveis. Envolvem, acima de tudo, o derrubar das árvores no frio gélido, arrastando os troncos através da floresta pelos pântanos gelados e escorregadios e sobre as dunas de neve varridas pelo vento até uma clareira, onde são empilhados sobre trenós que os cavalos puxam para longe. No final de cada turno de doze horas, Genek está exausto a ponto de se sentir delirante, e não transporta um bebé dentro de si. Nas últimas duas semanas começou a implorar a Herta que se mantivesse quieta durante a manhã, temendo que se esforce demasiado no trabalho, que o bebé nasça quando ela está

presa no meio do bosque, com a neve pelos joelhos. Mas já venderam todas as recordações e peças de roupa que podiam dispensar em troca de comida extra, e ambos sabem que, mal Herta pare de trabalhar, as suas rações serão reduzidas para metade. «Se não trabalham, não comem», recordava-os frequentemente Romanov. Então e depois?

Os altifalantes silenciam-se, por fim, e Genek exala, relaxando o maxilar. Pestanejando na escuridão, tece uma promessa silenciosa, a de que aquele será o primeiro e último inverno que irão passar naquele inferno gelado. Não tem o que é preciso para sobreviver a mais um. *Trouxeste-nos para aqui, consegues arranjar uma saída.* Há de encontrar uma maneira. Talvez possam escapar. Mas para onde irão? Há de pensar em *alguma coisa.* Uma maneira de proteger a família. A sua esposa, o filho por nascer. É tudo o que importa. E pensar que bastaria marcar uma caixa – ter a disponibilidade para fingir fidelidade aos soviéticos até ao final da guerra. Mas não, era demasiado orgulhoso. Em vez disso, marcara-se como resistente. *Merda* – em que raio os metera?

Genek fecha os olhos com força, desejando, com todo o seu ser, conseguir andar para trás no tempo. Poder transportá-los para um lugar melhor, um lugar mais seguro. Um lugar mais quente. Na sua mente, viaja para as águas límpidas do lago Garbatka, onde ele e os irmãos passaram tardes infindáveis no verão, a nadar e a brincar às escondidas nos pomares próximos. Visita as margens soalheiras de Nice, onde ele e Herta haviam passado uma semana deliciando-se numa praia de pedrinhas pretas, bebendo vinho e regalando-se com generosas doses de *moules frites.* Por fim, a sua memória desliza para Radom. O que não faria para estar sentado em frente a um faustoso jantar no Wierzbicki, instalar-se com os amigos para assistir a filmes em sessão contínua no cinema local.

Por um instante, sente-se perdido, as memórias envolvem-no como cobertores, acalmando o frio. Mas é trazido abruptamente de volta ao bloco gelado quando, ao longe, um lobo uiva, num chamamento lamentoso que ecoa por entre as árvores nos limites do campo. Abre os olhos. A floresta está repleta de lobos – vê-os de vez em quando, enquanto trabalha – e de noite os uivos tornaram-se mais sonoros, mais próximos. Quão faminta teria a matilha de ficar, pergunta-se, antes de se aventurar no campo? O medo de ser estraçalhado e comido por um lobo parece infantil, como algo com que o seu pai o ameaçaria

em tom de brincadeira quando se recusava a comer as couves quando era rapaz. Mas ali, nos bosques, na Sibéria abafada pela neve, parece assustadoramente possível.

Enquanto pensa em formas de afastar um lobo faminto, o coração começa a martelar-lhe contra as costelas e a sua mente é inundada por uma tempestade de horrendos cenários possíveis: E se ele não for, simplesmente, forte o suficiente e, no final, o lobo ganhar? E se houver uma complicação durante o parto de Herta? E se o bebé, como os últimos três que nasceram no campo, não sobreviver? Ou pior, e se o bebé sobreviver, mas Herta não? Ainda há um médico entre eles. Dembowski. Prometeu ajudar no parto do seu filho. Mas Herta... As hipóteses de sobrevivência do prisioneiro médio em Altynay encolhem a cada dia que passa. Dos cerca de trezentos polacos que chegaram ao campo em agosto, mais de um quarto morreu – de fome, pneumonia, hipotermia e um, em quem não quer pensar, no parto – os seus corpos são levados para a floresta, expostos à neve e aos lobos, o solo demasiado gelado para um enterro decente.

Mais um uivo. Genek levanta a cabeça e olha de relance em direção à porta. Por baixo dela, brilha uma tira de luar. Sobre as suas cabeças, consegue distinguir as formas dos pingentes de gelo que se criaram nas vigas do bloco, apontados como punhais na direção do chão de pedra. Voltando a encostar o rosto ao colchão de palha, aproxima mais o corpo trémulo ao da esposa, tentando forçar-se a dormir.

CAPÍTULO DEZASSETE

Addy

Dakar, África Ocidental ~ março de 1941

Addy e Eliska estão sentados a ver o mar, enquanto um sol líquido se afunda em direção ao horizonte. Uma brisa fresca agita as folhas gigantes dos coqueiros atrás deles. Esta é a sua terceira visita à Plage de la Voile d'Or com a forma de um quarto crescente. Encaixada entre o Parc Zoologique e um antigo cemitério cristão, a praia fica a uma hora de caminho do porto de Dakar. Em todas as visitas tiveram-na completamente para si.

Addy sacode alguns grãos de areia prateada dos seus antebraços, que ao longo das últimas dez semanas se foram bronzeando até atingirem a tonalidade de um pão de *baltona* tostado. Nunca imaginara que, ao partir de Marselha em janeiro, acabaria em África com um bronzeado. Mas dado que o *Alsina* ficou detido no Senegal pelas autoridades britânicas – «Trata-se de um navio francês e a França já não é amiga dos Aliados», fora dito ao capitão – a sua pele acabou por se adaptar ao sol implacável da África Ocidental.

O *Alsina* estava ancorado há dois meses. Os passageiros não faziam a mínima ideia de quando – ou se – lhes seria de novo permitido zarpar. A única data que Addy conhece com toda a certeza, a data de que está extremamente consciente, é aquela que irá chegar em duas semanas: quando o seu visto expirará.

– Daria qualquer coisa para ir nadar – comenta Eliska, o seu ombro tocando

ao de leve no de Addy.

A princípio não tinham acreditado, quando os habitantes locais lhes disseram que o mar estava infestado por grandes tubarões brancos. Mas depois viram os títulos no jornal – ATAQUE DE TUBARÕES, NÚMERO DE MORTOS SOBE – e começaram a detetar as sombras por baixo da superfície da água, junto à proa do *Alsina*, longas e cinzentas como submarinos. Na praia, os dentes afiados em forma de coração davam à costa às dezenas, espetando-se nas plantas dos seus pés se não tivessem cuidado onde pisavam.

– Também eu. Deveremos *tentar o destino*, como dizem os americanos? – Addy sorri, pensando na noite, há dois anos e meio, quando aprendera aquela expressão. Estava num *cabaret* em Montmartre, e sentara-se ao lado de um saxofonista que se revelara ser de Harlem. Willie. Addy recordava-se bem da conversa. Dissera a Willie que o pai vivera durante algum tempo nos Estados Unidos (uma aventura que sempre intrigara Addy imensamente) e bombardeara o pobre saxofonista com numerosas questões acerca da vida em Nova Iorque. Horas mais tarde, para grande seu divertimento, Willie confiou-lhe alguns dos seus ditos claramente americanos, que Addy escrevinhou no seu bloco de notas. *Tentar o destino, partir uma perna*, e *perto mas não muito* estavam entre os seus preferidos.

Eliska ri e abana a cabeça.

– «Tentar o destino»? Será que acertaste nesse? – pergunta. Addy está obcecado com os seus dizeres americanos e é com relutância que admite que, de quando em vez, os assassina.

– Provavelmente não. Mas o que dizes, vamos?

– Vou, se tu fores – propõe Eliska, semicerrando os olhos como se o desafiasse a aceitar a oferta.

Addy abana a cabeça, maravilhado com a facilidade com que ela é capaz de rir do perigo. Com exceção de se queixar do calor, não parece perturbada com aquele desvio de dois meses em Dakar. Ele encara-a soprando, brincalhão, o cabelo louro por cima da orelha dela e estudando o seu couro cabeludo como a mãe costumava estudar a pele das galinhas no mercado em Radom.

– Pareces no ponto – diz ele, desenhando a forma de um *c* com a mão. – São

horas de jantar. Aposto que os tubarões estão com fome. – Apanha o joelho de Eliska com a mão.

– *Netvor!* – guincha Eliska, afastando-lhe a mão com uma palmada.

Addy apanha-lhe a mão.

– *Netvor!* Isto é novidade.

– *Tu es un netvor* – diz ela. – *Un monstre! Tu comprends?* – Falam francês juntos, mas Eliska tem estado a ensinar Addy cerca de uma dúzia de palavras de checo por dia.

– *Monstre*? – diz Addy em tom brincalhão. – Isto não foi nada, *Bebette*! – Ele envolve-a com os braços, mordendo-lhe a orelha ao mesmo tempo que se deixam cair para trás, as cabeças tombando suavemente sobre a areia.

Tinham descoberto a praia duas semanas antes. O ar fresco e a reclusão eram divinais. Os restantes viajantes não tinham a coragem de se aventurarem até tão longe sozinhos, e os locais não pareciam gostar muito da praia. «Com a sua pele escura, porque haveriam de gostar?» dissera Eliska certa vez, levando Addy a perguntar-lhe se ela alguma vez tinha visto uma pessoa de cor antes. Como muitos outros a bordo do *Alsina*, até ter desembarcado em Dakar, nunca vira. A maioria dos refugiados europeus do *Alsina* recusava-se, de facto, a falar com os habitantes da África Ocidental, um comportamento que ele considerava absurdo. O racismo, afinal de contas – a raiz da ideologia nazi –, era a razão pela qual haviam fugido da Europa.

– Porque *não haveria* de querer conhecer os africanos? – perguntara, quando Eliska o questionara acerca do porquê de considerar necessário misturar-se com os habitantes locais. – Não somos melhores do que eles. E além disso – acrescentou – as pessoas são tudo: é através delas que conhecemos um local.

Desde a sua chegada, tornara-se amigo de vários dos lojistas que geriam as lojas que rodeavam o porto, chegara mesmo a negociar com um – uma foto de Judy Garland arrancada de uma revista por um passageiro no salão de primeira classe do *Alsina* em troca de uma colorida pulseira de fio que Addy prendera em redor do pulso de Eliska.

Addy olha para o relógio, põe-se de pé e ajuda Eliska a levantar-se.

– Já são horas? – pergunta ela, fazendo beicinho.

– *Oui, ma chérie.*

Levam os sapatos nas mãos, enquanto avançam ao longo da praia na direção de onde vieram.

– Odeio deixar este local – suspira Eliska.

– Eu sei. Mas não nos podemos dar ao luxo de chegar tarde. – Tinham conseguido convencer um guarda a dar-lhes uma autorização especial para desembarcarem do *Alsina* entre o meio-dia e as seis da tarde. Se violassem o recolher obrigatório, o privilégio seria revogado.

– Como está hoje *madame* Lowbeer? – pergunta Addy enquanto andam.

Eliska ri.

– *La Grande Dame*! Está... como se diz... um *bourru*. Miserável e grosseira.

No último mês, a mãe de Eliska deixara bem claro que não havia nada de aceitável em relação ao facto de Addy estar a cortejar a filha. Nada tinha a ver com o facto de ele ser judeu, garante-lhe Eliska – afinal de contas, os Lowbeer também são judeus – trata-se de ser polaco, e na mente de Magdaléna, a sua filha educada num colégio interno suíço e de futuro luminoso é demasiado boa para um *polaco.* No entanto, Addy está determinado a conquistar *madame* Lowbeer, e tem feito todos os esforços para a tratar apenas com o mais absoluto respeito e deferência.

– Não te preocupes com a minha mãe – funga Eliska. – Ela não gosta de ninguém. Acabará por se convencer. Dá-lhe tempo. As circunstâncias são um pouco... *étrange*, não te parece?

– Suponho que sim – diz Addy, embora nunca tivesse conhecido uma alma que não gostasse dele.

Andam lentamente, gozando do espaço aberto à sua volta, conversando acerca de música e de filmes e dos seus pratos preferidos. Eliska fala-lhe de ter crescido na Checoslováquia, da sua melhor amiga, Lorena, da escola internacional em Genebra, dos verões na Provença; Addy fala dos seus cafés preferidos em Paris, do seu sonho de visitar a cidade de Nova Iorque e os clubes de *jazz* de Harlem, de ouvir alguns dos grandes músicos pessoalmente. Sabe bem conversar assim, como teriam conversado antes de os seus mundos terem sido virados de pernas para o ar.

– Do que sentes mais falta da vida antes da guerra? – pergunta Eliska, erguendo para ele os olhos, enquanto andam.

– Chocolate! Do negro, da Suíça – Sorri sem qualquer hesitação. O *Alsina* ficou sem o seu fornecimento de chocolate há várias semanas. Eliska ri. – E tu? – pergunta Addy. – Do que sentes mais falta?

– Sinto falta da minha amiga Lorena. Podia dizer-lhe tudo. Suponho que ainda o faça nas minhas cartas, mas por escrito não é a mesma coisa.

Addy acena com a cabeça. *Também sinto falta das pessoas. Sinto falta da minha família*, quer dizer, mas não o faz. Os pais de Eliska são separados, e ela não é próxima do pai que está agora em Inglaterra, como muitos dos seus amigos, incluindo Lorena. Ela tem um tio que vive no Brasil: sua família resume-se a isso. Addy também sabe que, apesar das suas queixas diárias, Eliska ama profundamente a mãe. Não faz ideia do que possa ser viver *sem la Grande Dame*. Não fica acordada durante a noite, como ele, tremendamente preocupada com o destino dos entes queridos que deixou para trás. Para Addy é diferente. Por vezes é insuportável. Não faz a mínima ideia do paradeiro dos pais, dos irmãos, dos primos e tias e tios, da sobrinha bebé – não sabe, sequer, se estarão *vivos*. Tudo que sabe é o que lê nos jornais, e nada é promissor. Os mais recentes títulos confirmam aquilo que os polacos a bordo do *Alsina* lhe haviam contado – que os nazis tinham começado a reunir comunidades inteiras de judeus, obrigando-as a viver quatro e cinco num só quarto, em bairros isolados por cordas. Guetos. A maior parte das cidades mais importantes tem agora um, algumas dois. A ideia de os pais serem despejados do apartamento – obrigados a entregar a casa onde ele passara os primeiros dezanove anos da sua vida, a casa que tinham trabalhado tanto para adquirir, deixa o estômago de Addy às voltas. Mas não pode falar com Eliska acerca dos títulos, ou acerca da família. Tentara por algumas vezes, sabendo que o simples facto de ouvir os nomes ditos em voz alta faria com que os sentisse mais presentes, mais *vivos*, pelo menos no seu coração. Mas sempre que aborda o assunto, ela ignora-o. «Ficas tão t riste quando falas da tua família», diz ela. «Tenho a certeza de que estão ótimos, Addy. Falemos apenas de coisas que nos façam felizes. As coisas que nos esperam.» E assim, ele foi-lhe fazendo a vontade e – se quiser ser absolutamente sincero – foi-se deixando distrair, encontrando na conversa frívola um pequeno

alívio em relação ao peso esmagador do desconhecido.

Ao dobrarem uma curva, veem a silhueta das chaminés de vapor cilíndricas do *Alsina* que se erguem no horizonte. Ao longe, o navio parece de brinquedo quando comparado com a monstruosidade ancorada ao seu lado – um navio de guerra de duzentos e cinquenta metros com quatro torres que se erguem quatro pisos em direção ao céu. O *Richelieu* foi detido, juntamente com o *Alsina*, pelos britânicos. Quando poderá, qualquer um dos navios, zarpar de novo permanece um mistério. «Devíamos sentir-nos agradecidos», diz Addy, quando *madame* Lowbeer se queixa do desespero da sua situação. «Temos um teto sobre as nossas cabeças, alimentos para comer. Podia ser pior.» De facto, podia ser muito pior. Podiam estar a passar fome, obrigados a implorar por restos, a escavar em busca de grãos de arroz estragado nas sargetas, como vira algumas crianças da África Ocidental a fazer na semana anterior. Ou podiam estar presos na Europa. Ali, pelo menos, têm um local onde descansar as cabeças durante a noite, um fornecimento infindável de grão de bico, e, o mais importante, um visto para um país onde lhes será permitida uma vida de liberdade. Um novo começo.

No porto, Addy volta a olhar para o relógio. Tendo ainda alguns minutos, param junto a uma banca de jornais à beira da estrada. O seu coração afunda-se ao ler os títulos. GLASGOW ATINGIDA PELA LUFTWAFFE, lê-se na primeira página do *West Africa Journal.* Todos os dias, as notícias da guerra na Europa pioram. Os países caem, um após outro. Primeiro a Polónia, depois a Dinamarca e a Noruega, partes da Finlândia, Holanda, Bélgica, França e os estados Bálticos. Itália, Eslováquia, Roménia, Hungria e Bulgária juntaram-se às potências do Eixo. Addy questiona-se acerca do paradeiro de Willie e dos seus amigos de Montmartre, que tanto haviam troçado da ideia da guerra. Terão ficado em França ou terão fugido, como ele?

Dentro de algumas semanas, apercebe-se, chegará o Pessach – o terceiro Pessach que será obrigado a passar longe de casa. Irá a sua família arranjar uma maneira de celebrar naquele ano? Sente que se forma um caroço na sua garganta e vira o rosto, na esperança de que Eliska não se aperceba da tristeza nos seus olhos. *Eliska.* Está a apaixonar-se. *Apaixonar-se!* Como pode sentir-se assim com tantas preocupações a consumi-lo? Não há qualquer explicação, para além de que não o consegue evitar. Sabe bem e, com tudo o que está a acontecer à sua

volta, é uma dádiva. Leva a mão ao lenço da mãe, seca discretamente as lágrimas que se materializaram no canto dos seus olhos.

– Pronto? – pergunta Eliska, tocando-o no braço.

Addy acena com a cabeça, forçando um sorriso enquanto prosseguem em direção ao navio.

7 DE ABRIL DE 1941: *Os portões dos dois guetos de Radom são fechados, confinando cerca de 27 000 judeus ao principal gueto na rua Wałowa e outros 5000 ao gueto mais pequeno em Glinice, logo à saída da cidade. Com apenas 6500 quartos entre os dois guetos, estes estão dramaticamente sobre povoados. As condições de vida e as rações diminuem a cada dia que passa e as doenças espalham-se rapidamente.*

CAPÍTULO DEZOITO

Mila e Felicia

Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ maio de 1941

Os sussurros são rapidamente passados entre os trabalhadores, como uma rajada de vento pela relva alta. «*Schutzstaffel*.» Exército alemão. «Vêm lá.» A cor foge do rosto de Mila. Ergue os olhos do seu trabalho de costura e, com a pressa, pica com a agulha o indicador.

Já se passou mais de um mês desde que os portões dos dois guetos de Radom foram fechados. A maioria dos judeus da cidade – os que não residiam já no gueto – recebeu um aviso de dez dias, no final de março, para deixar a casa. Alguns mais afortunados conseguiram trocar de apartamento com os polacos cujas casas tinham ficado dentro das fronteiras designadas do gueto. Mas a grande maioria apressou-se a tentar encontrar um local para viver, algo excecionalmente desafiante dado que os guetos já estavam demasiado apinhados, mesmo antes de os refugiados judeus terem começado a chegar, vindos de Przytyk, uma aldeia próxima que os alemães tinham convertido num campo militar. Os Kurc, claro, haviam sido obrigados a abandonar o seu apartamento na zona histórica um ano e meio antes. De certa maneira tinham sorte, por não serem obrigados a participar na corrida louca para encontrar um espaço onde residir. Em vez disso, permaneceram no apartamento de dois quartos na rua Lubelska, observando da janela do segundo andar enquanto outros enchiam as

ruas aos milhares.

Pouco depois de o gueto ter sido fechado em abril, contudo, a *Wehrmacht* estacionada na cidade foi substituída pelos *Schutztaffel*, que traziam consigo uma nova era de maldade. Facilmente reconhecidos pelos uniformes preto-escaravelho e pela insígnia com dois *S* em forma de relâmpago, os SS orgulhavam-se de serem os mais *puros* de todos os alemães. Depressa se espalhou o rumor entre os judeus de que, para se tornar um membro das SS, os oficiais tinham de provar o historial racial das suas famílias até aos anos de 1700. «Estes tipos são verdadeiros crentes», avisara Isaac, um amigo de Mila. «Para eles não somos nada. Lembra-te disso. Somos menos do que cães.» Como membro da Polícia Judaica, Isaac estava na posição, nada invejada, de ter de trabalhar de perto com as SS – já vira, em primeira mão, aquilo de que eram capazes.

Corriam rumores na oficina de que iria acontecer uma rusga. Acontece frequentemente – um enxame de SS entra sem aviso por um dos locais de trabalho do gueto e ordena aos judeus que formem uma linha para que possam ser contados e as suas autorizações verificadas. Para viver no gueto, os judeus têm de ter papéis que os declarem como merecedores de trabalho. A maior parte daqueles que não tem documentos – os idosos, os doentes ou os muito jovens – já foi deportada. Os poucos que restam permanecem escondidos; preferem correr o risco de serem descobertos – e mortos de imediato – a serem arrancados às suas famílias, em especial agora que começam a chegar a conta-gotas a Wałowa notícias acerca das condições dos campos de trabalho escravo para onde estão a ser enviados os deportados. Tentando não pensar no que acontecerá se Felicia for descoberta, Mila passou as últimas semanas a formular um plano, uma maneira de esconder a filha em caso de rusga – e rezando pelo regresso da irmã.

Halina escrevera em fevereiro. Ela e Franka tinham conseguido chegar a Lvov, contava, e arranjara trabalho num hospital; regressaria a casa assim que conseguisse, com algumas poupanças e os «desenhos» que Adam prometera. Mila esperava que «em breve» significasse dentro das próximas semanas. As rações mensais duravam-lhes dez dias, no máximo. A cada dia que passava, a fome era maior; a cada dia a coluna de Felicia era mais afiada quando Mila deslizava os dedos pelas suas costas, tentando adormecê-la. De quando em vez,

Nechuma conseguia encontrar um ovo ou dois no mercado negro, mas sempre que o fazia custava-lhe cinquenta zlotys, ou uma toalha de mesa, ou uma das chávenas de porcelana. Estavam a ficar sem poupanças e já tinham esgotado quase por completo as provisões que haviam trazido de casa – uma realidade perturbadora, tendo em conta que não havia fim à vista para aquela vida em cativeiro.

Toda aquela rotina era pavorosa – a fome, o trabalho, a claustrofobia de viverem uns em cima dos outros. Não havia privacidade. Não havia espaço para pensar. A cada dia que passava, as ruas iam ficando mais sujas, mais malcheirosas. Os únicos seres vivos que prosperavam no gueto eram os piolhos, que se haviam tornado tão grandes que os judeus lhes tinham começado a chamar «louros». Sempre que encontravam um, queimavam-no e esperavam não ser um portador de tifo. Mila e os pais estavam desanimados. Precisavam de Halina agora mais do que nunca – precisavam de dinheiro e de novos documentos de identificação, mas, mais do que isso, precisavam da determinação dela. Da sua vontade. Precisavam de alguém que os animasse, que os pudesse olhar nos olhos e declarar com confiança que havia um plano. Um plano que os retiraria do gueto.

Mila pousa a peça que estava a costurar, a casa do casaco meio terminada, e lambe uma gota de sangue do dedo.

– Felicia – sussurra, afastando a cadeira da banca de trabalho e espreitando por entre os joelhos. Por baixo da mesa, Felicia ergue os olhos do rolo de linha, brinca tentando fazê-lo rolar de uma mão para a outra.

– *Tak?*

– Anda.

Felicia estica os braços e Mila ergue-a cuidadosamente para a sua anca, depois, meio a andar meio a correr, dirige-se ao canto mais distante da sala, a uma parede forrada com longos rolos de seda de viscose, lã e tecido reciclado, e ao seu lado, uma fila de sacas de papel, todas elas com quase duas vezes o tamanho de Felicia, repletas de restos de tecido. Pousando Felicia no chão, Mila olha de relance por cima do ombro para o canto oposto. Alguns dos outros presentes erguem os olhos do seu trabalho de costura, mas continuam a trabalhar.

Mila agacha-se de modo a que os olhos fiquem ao nível dos de Felicia e toma

as mãos dela nas suas.

– Lembras-te do dia em que brincámos às escondidas? – pergunta, aquietando a respiração e tentando não apressar as suas palavras. Não tem muito tempo, mas Felicia tem de compreender exatamente o que Mila lhe vai dizer. – Lembras-te, escondeste-te aqui e fingiste que eras uma estátua? – Mila olha de relance para as sacas de papel. Quando praticaram pela primeira vez, Mila teve de exemplificar o que significava «ser uma estátua» e Felicia rira ao ver a mãe absolutamente imóvel, como se tivesse sido esculpida de um bloco de mármore.

Mila acena com a cabeça, a sua expressão subitamente séria, como a de uma criança muito mais velha do que os seus dois anos e meio.

– Preciso que te escondas por mim, meu amor. – Mila abre a saca que marcou com minúsculos *x* no canto inferior, ergue de novo Felicia e baixa-a suavemente para o seu interior. – Senta-te, querida – indica.

No interior da saca, Felicia dobra os joelhos contra o peito e, depois, sente o chão mover-se por debaixo dela quando a mãe empurra o saco de maneira a ficar encostado à parede.

– Encosta-te – instrui Mila. Felicia encosta hesitantemente as costas ao cimento frio atrás de si. – Vou enrolar-te bem – diz-lhe a mãe. – Vai ficar escuro, mas só durante um bocadinho. Fica absolutamente imóvel como praticámos. Tal como uma estátua. Não faças barulho nenhum, não te mexas até eu te vir buscar, está bem? Compreendes, meu amor? – Os olhos da mãe estão muito abertos. Não pestanejam. Está a falar demasiado depressa.

– Sim – sussurra Felicia, embora não compreenda o porquê de a mãe a deixar ali, no escuro, sozinha. Da última vez, parecera-lhe um jogo. Lembra-se da imitação de uma estátua da mãe, como parecera tolo. Hoje, não há nada na urgência da voz da mãe que a faça rir.

– Linda menina. Como uma estátua – sussurra a mãe, levando um dedo aos lábios e curvando-se para lhe beijar o topo da cabeça. *Está a tremer,* pensa Felicia. *Porque está a tremer?*

Num instante a saca de papel é fechada e os ouvidos de Felicia enchem-se com o som do papel a ser amachucado, ao mesmo tempo que o seu mundo fica

preto. Esforça-se por ouvir o som suave dos saltos da mãe a afastarem-se através da sala, mas tudo o que consegue ouvir é o ruído das máquinas de costura e o restolhar subtil e rítmico da saca de papel, a um dedo dos seus lábios, movendo-se com a sua respiração.

Ao fim de um momento, contudo, há novos sons. Uma porta que se abre. Uma súbita confusão – vozes de homens que gritam palavras estranhas, cadeiras que raspam no chão. Depois há passos, imensos, passando por ela todos ao mesmo tempo, em direção ao lado oposto da sala. As pessoas, os trabalhadores, estão a partir! Os homens continuam a gritar até os últimos passos se terem dissipado. Uma porta bate com força. E depois tudo fica em silêncio.

Felicia espera durante vários segundos, os tímpanos em esforço, procurando um som. Tiras de algodão fazem-lhe cócegas nos cotovelos e nos tornozelos e ela quer muito mover-se, coçar os locais onde sente comichão, gritar. Mas ainda consegue sentir o tremor no toque da mãe e decide que é melhor ficar em silêncio como lhe foi dito. Pestaneja na escuridão. Ao fim de um bocado, precisamente quando o seu traseiro lhe começa a doer, a porta abre-se. Passos uma vez mais. Felicia fica rígida, pressentindo de imediato que não são os da mãe. Os proprietários percorrem a divisão, as botas batendo pesadamente no chão.

De repente, há vozes a acompanhar os passos. Mais palavras estranhas. O coração de Felicia bate com força contra o peito, com tanta força que se pergunta se as pessoas na sala não a conseguirão ouvir. Cerrando os olhos com força, inspira delicadamente o ar escuro e claustrofóbico, sussurrando silenciosamente para si mesma que deve ficar *imóvel como uma estátua, imóvel como uma estátua, imóvel como uma estátua.* Os passos aproximam-se. O chão treme por baixo deles, a cada passo pesado. Quem quer que seja, deve estar a *centímetros* dela. O que farão se a encontrarem? E depois ouve-o: um som horrível – algo pesado, talvez uma bota, a colidir rapidamente com a saca de papel ao lado da sua. Ela arqueja, depois tapa rapidamente a boca com as mãos. Tremendo, sente de súbito algo quente e húmido entre as pernas, apercebendo-se demasiado tarde que a sua bexiga cedeu.

Os homens começam a gritar de novo, numa voz cantada. «Anda cá, anda cá, *onde quer que estejas!*» dizem em tom provocatório. Uma lágrima corre pelo

rosto de Felicia. Tão silenciosamente quanto consegue, cobre o rosto com as mãos, preparando-se para o golpe que está certa de que chegará. Quando ele chegar será descoberta e eles irão apanhá-la – para onde a levarão? Sustendo a respiração, deseja com toda a sua alma de dois anos e meio que os homens passem depressa.

CAPÍTULO DEZANOVE

Halina e Adam

Lvov, Polónia ocupada pelos soviéticos ~ maio de 1941

No sono meio-acordado de Halina, o irmão Genek escapou do inferno a que, sem dúvida, se encontra sujeito e regressa a Lvov. Está à porta do seu apartamento, a bater, pois o seu fora confiscado e precisa de um lugar onde ficar. Halina rebola, deitando-se de lado, sentindo o calor de Adam junto de si, e depois sente um aperto no estômago ao perceber que não está a sonhar. Estão, de facto, a bater à porta. Desorientada, senta-se direita, tocando no braço de Adam.

– Que horas são? Ouviste aquilo? Que raio... quem poderá ser? – Uma parte dela ainda acredita, ou quer acreditar, que é Genek.

Adam leva a mão ao candeeiro na mesa de cabeceira.

– Talvez seja Franka? – oferece, esfregando o sono dos olhos com a palma das mãos.

Quando Halina e Franka chegaram a Lvov em janeiro, Franka encontrara um apartamento dois quarteirões a sul do de Adam. Visita-os frequentemente, mas nunca a meio da noite. Halina desliza da cama e veste o roupão, olhando de relance para o relógio – é uma e meia da manhã. Levanta-se e fica quieta, à espera de ouvir bater de novo. O som faz-se ouvir um instante depois, desta feita mais depressa – *tum-tum-tum-tum-tum* –, um punho carnudo a bater rápida e

violentamente contra a madeira.

– NKVD!

Os olhos de Halina ficam esbugalhados.

– *Kurwa* – pragueja num sussurro.

Tinham-se passado vários meses, tanto quanto sabe, desde que Estaline enviou o seu último comboio cheio de «indesejáveis» para leste. ONKVD fora buscar Genek – os seus vizinhos contaram, batendo assim depois da meia-noite. O mais certo é que também tivessem ido buscar Selim – ela fartara-se de procurar e não encontrara rasto dele. Estariam agora atrás dela? Atrás de Adam?

Halina e Adam pensaram, inicialmente, em viver separados, precisamente por aquela razão. O trabalho de Adam junto da Resistência é arriscado – se fosse apanhado, seria sem dúvida deportado ou morto –, mas Halina foi inflexível. «Não atravessei um rio a pé e quase morri de hipotermia para podermos viver ao fundo da rua um do outro. Tens um documento de identificação falso perfeito. Se vierem atrás de ti, usa-o.» Adam concordara e, pouco depois, tinham-se casado, numa calma cerimónia de quinze minutos, com Jakob e Bella como testemunhas. Agora, pergunta-se se deveria ter sido assim tão teimosa ao insistir que ela e Adam partilhassem uma morada. Ele salta da cama e puxa uma camisa por cima da cabeça.

– Deixa-me ir ver o que...

– Halina Eichenwald! – chama uma segunda voz atrás da porta, mais funda, também em russo. – Abre *imediatamente*... ou serás presa.

– Eu? – sussurra Halina. Desde que começara a trabalhar no hospital, aprendera a compreender e falar russo. – O que poderão querer comigo? – Alisa o cabelo, prendendo-o atrás das orelhas, a pulsação a trovejar. Estavam preparados para que fossem bater à porta atrás de Adam, mas nunca tinham pensado no que fariam se alguém aparecesse atrás dela.

– Deixa-me... – tenta Adam outra vez, mas desta feita é Halina quem interrompe.

– Já vou, só um momento! – anuncia. Vira-se para Adam ao mesmo tempo que dá um nó no cinto de algodão do roupão em redor da cintura. – Eles sabem que estou aqui – diz ela. – Não vale a pena escondê-lo.

– Agora sabem – sussurra Adam, as faces coradas. – As nossas identificações... podíamos tê-las usado.

Halina apercebe-se do seu erro.

– Tenho a certeza de que não é nada – sussurra. – Vamos. – Apressam-se a percorrer juntos o corredor.

Até ali, viver em Lvov fora relativamente indolor. Usam os nomes verdadeiros porque, sendo judeus, são tratados muito à semelhança dos polacos da cidade. Têm trabalhos, Franka como criada, Adam como engenheiro dos caminhos-de-ferro e Halina como assistente técnica no hospital militar da cidade. Vivem em apartamentos no centro da cidade; ao contrário de Radom, Lvov ainda não tem um gueto. Os seus dias são simples. Vão trabalhar, regressam a casa, ganham o suficiente para sobreviver. Halina poupa o pouco que consegue para quando regressar a Radom. E, claro, Adam falsifica documentos de identificação nas horas livres. Na sua maioria, a vida em Lvov tem ocorrido sem incidentes. Foram deixados em paz. Até agora.

À porta, Halina reúne confiança. Erguendo-se tão alta quanto lhe permite a sua estatura diminuta, abre o ferrolho. No exterior, dois oficiais do NKVD saúdam-na com acenos rápidos e firmes.

– Em que posso ajudar? – pergunta Halina em russo, continuando a segurar a maçaneta da porta com uma mão.

– *Pani* Eichenwald – começa um dos oficiais –, precisamos que nos acompanhe de imediato ao hospital.

– O que se passa? – pergunta.

– Precisamos do teu sangue. O doutor Levenhed espera-nos no laboratório.

Levenhed é o supervisor de Halina. Passa os dias a examinar sangue – procurando correspondentes para transfusões e testando amostras em busca de doenças infeciosas. O trabalho de Halina é ajudar a preparar os testes, e apontar as conclusões, enquanto Levenhed fita uma lamela através do microscópio.

– Como assim... o meu *sangue*? – pergunta Halina, incrédula.

– Recebemos um general. Ele perdeu muito sangue. Levenhed diz que o teu é compatível. – É um requisito de todo o pessoal do hospital testar o seu sangue quando começam a trabalhar. Não fora informada do seu tipo sanguíneo quando

foram realizados os testes laboratoriais, mas aparentemente a informação estava num ficheiro.

– E não há ninguém no hospital que possa dar sangue?

– Não. Vamos.

– Lamento, mas não é uma boa altura para mim. Não me estou a sentir bem – mente. Sente-se cética. E se tudo aquilo não passar de um ardil, uma desculpa inteligente para a fazerem sair de casa, para que o NKVD a possa deter e enviar para longe?

– Lamento, mas isso não nos diz respeito. És precisa de imediato. Veste-te depressa.

Halina considera a possibilidade de se opor, mas sabe que não vale a pena.

– Está bem – sussurra. Enquanto regressa ao quarto, Adam segue-a de perto. *Não é um estratagema,* diz para si mesma. Porque haveria o NKVD de criar uma história tão elaborada quando, tanto quanto lhe foi dado a saber, não precisam de qualquer pretexto para a prender. E porque haveriam de ir atrás dela e não de Adam, se a sua intenção fosse deportá-los?

– Vou contigo – declara Adam, quando chegam ao quarto.

– Estou certa de que não o permitirão – diz Halina. – Levenhed estará no hospital. Confio nele, Adam. E se só quiserem o meu sangue, regressarei de manhã.

Adam abana a cabeça e Halina consegue ver o medo nos seus olhos.

– Se não regressares dentro de algumas horas, irei atrás de ti.

– Está bem. – Halina pergunta-se acerca do general russo, sobre aquilo de que será responsável. O facto de lhe dar sangue e permitir que o homem viva torná-la-á cúmplice das suas ações? Afasta o pensamento, recordando-se de que não tem escolha. Conseguiu evitar problemas, até ali, porque fez sempre aquilo que lhe era pedido. Se precisavam do seu sangue, assim fosse.

No hospital tudo acontece rapidamente. Ela é escoltada até ao laboratório, e ao longo do caminho fica a saber que o general foi levado mais cedo, nessa noite, para uma cirurgia de emergência. Uma vez sentada, um médico de bata

branca ordena-lhe que puxe as mangas para cima.

– As duas? – pergunta Halina.

– *Da.*

Halina puxa para cima as mangas da blusa, prendendo-as logo a seguir ao cotovelo e observa enquanto o homem de bata, que ela presume ser um médico, prepara um par de agulhas, um torniquete de borracha, um pedaço de algodão, duas ligaduras, um frasco de álcool e um pequeno exército de tubos de recolha – conta doze – sobre uma bandeja metálica ao seu lado. Um instante depois, leva a agulha ao braço dela, num ângulo oblíquo, e espeta a ponta numa veia. Dói, mais do que devia, parece-lhe, mas cerra o maxilar, recusando-se a estremecer. Ela não passa de um fantoche para aqueles homens, mas pelo menos aquilo – a força transmitida na sua expressão – é algo que pode controlar. Passados alguns segundos, o primeiro tubo de ensaio está cheio de um líquido vermelho escuro. O médico retira o torniquete do braço com uma mão e substitui o tubo cheio por um vazio, mantendo a agulha presa no seu braço. Uma enfermeira aguarda atrás dele, e de cada vez que um tubo é repleto, afasta-se apressadamente. Chegados ao sexto tubo, o sangue de Halina move-se a conta-gotas, e o médico pede-lhe que feche e abra a mão até o tubo estar cheio. Por fim, remove a agulha e envolve o cotovelo dela com uma ligadura, virando em seguida a sua atenção silenciosa para o outro braço.

São três da manhã quando Halina regressa a casa. Deu quase um litro de sangue. Sente a cabeça leve e não faz ideia se o general terá sobrevivido, se a transfusão foi um sucesso, mas não quer saber. Tudo o que quer é regressar a Adam. O médico escrevinha um bilhete e entrega-lho quando ela parte. «Para o caso de alguém perguntar o que fazes na rua», diz. Os homens do NKVD que a foram buscar tinham-na levado de carro ao hospital. Calcula, tendo em consideração o bilhete, que não terá igual boleia para casa. Não faz mal, pensa Halina. Fica feliz por se ver livre deles. Pega na folha e parte sem uma palavra.

O seu apartamento fica a sete quarteirões do hospital. Percorre aquele caminho diariamente, conhece-o bem. Mas, na calada da noite, a cidade parece estranha. As ruas estão escuras, vazias. De cada vez que os seus saltos batem nas pedras da calçada sente-se mais convencida de que há alguém a segui-la, ou que alguém a espera logo à frente, nas sombras. *Estou apenas cansada*, diz aos seus

botões. *Para de ser paranoica.* Mas não consegue evitá-lo. No seu estado de exaustão, não está em si. Tem frio, para começar – é maio, mas as noites ainda são frescas. Não consegue parar de tremer. Para além disso, tem a cabeça a andar à roda, e os seus membros parecem pesados, como se estivesse embriagada. A meio caminho de casa, assustada pela sensação de estar a ser espiada, tira os sapatos e invoca todas as forças que lhe restam para acelerar durante os três últimos quarteirões em direção ao apartamento.

Antes que consiga tirar a chave do bolso, a porta abre-se e Adam aparece, ainda vestido.

– Graças a Deus – diz. – Ia sair agora. Entra, depressa. – Ele agarra-a pelo braço e ela faz uma careta quando o polegar pressiona o ferimento na curva do seu cotovelo. – Halina, estás bem?

– Estou ótima – assegura. Sorri, uma fraca tentativa para mascarar a dor e o seu delírio. Se Adam soubesse a quantidade de sangue que lhe tiraram ficaria lívido, e ainda mais lívido perante a sua incapacidade em evitar que isso acontecesse. – Estou apenas cansada – acrescenta.

Adam fecha a porta atrás dela e puxa-a para si, e ela consegue sentir o bater do seu coração através da camisa.

– Estava tão preocupado – sussurra ele.

A reserva de energia a que Halina acedeu para acelerar no caminho para casa desapareceu, e sente subitamente que poderá desmaiar.

– Estarei bem pela manhã – diz ela –, mas preciso de me deitar.

– Sim, claro. – Adam ajuda-a a subir para a cama. Ajusta a almofada e puxa o cobertor até aos ombros antes de ir buscar um copo de água e algumas fatias de maçã, que deixa na mesa de cabeceira.

– Cuidas bem de mim – sussurra Halina. Os seus olhos já fechados, a respiração pesada. – De nós.

Adam afasta o cabelo dela, beija-lhe a testa.

– Estou apenas feliz por estares de volta – diz ele. Despe-se, apaga a luz e sobe para a cama. – Deixaste-me petrificado.

Halina consegue sentir o sono a puxá-la para o abismo.

– Adam? – pergunta. Está a segundos de adormecer.

– Sim, meu amor.

– Obrigada.

MAIO DE 1941: *O ditador do Brasil, Getúlio Vargas, começa a emitir restrições quanto ao número de judeus autorizados a entrar no país, chamando-lhes «indesejáveis e não amigáveis». Furioso com o número de vistos que Souza Dantas concedeu, sem permissão, em França, Vargas começa a mandar embora os refugiados que procuram liberdade no Brasil, e emite a lei 3175, que obriga o embaixador Souza Dantas a reformar-se.*

CAPÍTULO VINTE

Addy

Casablanca, Marrocos ocupado pelos franceses ~ 20 de junho de 1941

Addy analisa o porto de Casablanca, a coluna de autocarros estacionados junto ao cais, os soldados de pele escura que formaram um túnel humano na base da prancha de embarque. O capitão do *Alsina* disse aos passageiros que o navio fora enviado para norte a partir de Dakar para Casablanca «para reparações». Mas os homens fortemente armados que ordenavam aos refugiados que saíssem do barco não se pareciam de todo com uma equipa de reparações.

Então isto é Marrocos, pensa Addy para si mesmo.

No final, o *Alsina* passara quase cinco meses asfixiantes ancorado em Dakar. Quando, por fim, levantou âncora em junho, a maior parte dos vistos de noventa dias que os passageiros tinham para a América do Sul havia expirado. *O que havemos de fazer? E se Vargas não renovar os nossos documentos? Para onde iremos?* Ter repetido o caminho para norte, na direção da Europa, não ajudou ao espírito a bordo, que se tornava mais frenético a cada dia que passava. Ninguém acreditava que se estivessem a dirigir para Casablanca por questões técnicas. Para aquietar a histeria dos refugiados, o capitão do *Alsina* prometera contactar as autoridades adequadas de modo a garantir passagem para o Rio – contactaria, por telégrafo, a embaixada brasileira em Vichy, disse, pedindo que os vistos dos passageiros fossem alargados, de modo a contemplarem as semanas que tinham

passado inutilmente parados. Mas se aquele telegrama fora, ou não, enviado ou recebido, ninguém sabia, pois o capitão, juntamente com a tripulação e os refugiados a bordo, recebeu ordens para abandonar o navio pouco depois de terem ancorado em Casablanca. Os poucos passageiros que podiam pagar um hotel tiveram a opção de permanecer no centro da cidade, mas a maioria seria escoltada até um campo de detenção no exterior da cidade, onde ficaria a aguardar a decisão do governo pró-Eixo de Marrocos sobre se o *Alsina* seria autorizado a zarpar de novo.

Enquanto Addy desce a prancha de embarque do navio, os soldados acenam com as espingardas em direção aos autocarros, gritando para a multidão de estrangeiros que jorra para o cais: «*Allez! Allez!*» Addy sobe a bordo de um autocarro e procura um lugar junto à janela, virado para o cais, procurando as Lowbeers que, sem dúvida, se encontram entre o aglomerado de passageiros de primeira classe que se reúne à sombra da proa do *Alsina* aguardando o transporte para a cidade. Percorre a multidão com os olhos, mas é impossível ver grande coisa através do vidro sujo de terra. Ajoelhando-se no assento, abre a janela alguns centímetros e espreita através da abertura. Quando o autocarro arranca, localiza Eliska – ou pelo menos acha que a localiza, o topo da sua cabeça loura; ela parece estar em bicos dos pés, a olhar na sua direção. Passando a mão através da frincha da janela, acena, perguntando-se se saberá que é ele. Um instante depois, o autocarro arranca, lançando uma nuvem de poeira e gases atrás de si.

Conduzem durante quarenta e cinco minutos antes de a caravana abrandar e parar numa zona de deserto rodeada por arame-farpado. Quando Addy entra, olha de relance para o sinal de madeira sobre a entrada: KASHA TADLA. O campo está infestado de pulgas e coberto pelo odor incontornável dos excrementos, graças aos vários buracos cavados na terra que servem de latrinas. Aguenta duas noites desconfortáveis a dormir cabeça com pés com um par de espanhóis numa tenda construída para uma pessoa antes de decidir que já está farto de kasha tadla. Na manhã do terceiro dia, aproxima-se de um guarda junto à entrada do campo e, num francês perfeito, oferece-se para ir à cidade em busca de algumas provisões de que o grupo necessita desesperadamente. «Já não temos papel higiénico, nem sabão. Já quase não temos água. Sem estas coisas as pessoas ficarão doentes. Morrerão.» Vira para a página do seu bloco de notas onde escrevinhou *papier hygiénique*, *savon*, *eau embouteillée*. «Falo a vossa língua e

sei do que precisamos. Levem-me à cidade; eu comprarei algumas provisões.» Addy chocalha os trocos que tem no bolso e acrescenta: «Tenho alguns francos; comprarei aquilo que for capaz de guardar na minha sacola e pagarei por tudo pessoalmente.» Sorri e depois encolhe os ombros, como se acabasse de oferecer um favor generoso – *é pegar ou largar.* Após um momento de pausa, o guarda concorda.

Addy é deixado no cimo da Avenida Ziraoui e é-lhe dito que deverá regressar ao mesmo local dentro de uma hora, com as provisões. «Uma hora!» grita ele enquanto se afasta, evitando as carroças puxadas por burros e inspirando os aromas fortes e estranhos de um colorido mercado de especiarias enquanto avança pelo centro de Casablanca. Claro que não irá regressar dentro de uma hora. A sua única intenção é localizar as Lowbeers o que, felizmente, não se revela tão difícil com temia que fosse. Encontra-as num café exterior, a beber French de 75 em copos altos, sentadas entre um bando de homens de rostos compridos, de túnica, que seguram chávenas de chá, sobressaem como um par de periquitos entre um bando de pombas. Eliska salta da cadeira quando o vê. Depois de uma rápida celebração da sua reunião, Addy sugere que regressem ao hotel, onde ele se poderá manter discreto. Sente-se presunçoso ao pedir a sua proteção, mas decerto o guarda que o espera na Avenida Ziraoui em breve partirá à sua procura, apercebendo-se que foi enganado. *Madame* Lowbeer concorda com relutância, desde que Addy durma no chão, enquanto aguardam por notícias do destino do *Alsina*.

Cinco dias depois, o *Alsina* é declarado um navio inimigo, alegando ter sido descoberto contrabando a bordo. Addy e as Lowbeers consideravam essas acusações difíceis de acreditar, mas quer o navio estivesse ou não a transportar bens ilegais, as autoridades estavam decididas. O *Alsina* não iria deixar Casablanca. Todos os que estiveram presos em kasha tadla são libertados e, juntamente com aqueles que haviam sido poupados ao acampamento de tendas, serão reembolsados em 75 por cento do custo dos seus bilhetes. Os passageiros são deixados à sua sorte. Addy e as Lowbeers consideram a possibilidade de permanecerem em Casablanca, procurando obter um visto Marroquino junto das autoridades, mas depois pensaram melhor. Casablanca já viu a sua quota-parte de guerra e Marrocos, agora sob o governo de Vichy, não será, provavelmente, uma opção mais segura do que França.

Têm de ser rápidos. São seiscentos refugiados, a maioria desesperada por encontrar uma saída. Precisam de um plano, e depressa. Ao fim de vários dias a reunirem informações de todas as fontes possíveis – expatriados, oficiais governamentais, ajudantes das docas, jornalistas – tomam conhecimento de que há navios a viajar para o Brasil a partir de Espanha. Espanha e Portugal, de acordo com os jornais, ainda são neutros. Addy e as Lowbeers decidem, de imediato, viajar para norte, para a Península Ibérica, onde os únicos navios com direção à América do Sul, descobrem depois de recolhidas novas informações, par tem de Cádis, um porto na Espanha ocidental. Para lá chegar, contudo, terão de encontrar maneira de chegar a Tânger, uma cidade na costa do norte de África, a trezentos e quarenta quilómetros de Casablanca, e depois atravessar o estreito de Gibraltar, uma extensão estreita de água que afunila praticamente todo o trânsito que entra e sai do Mediterrânico para o Atlântico – uma faixa de água que fora fortemente bombardeada, no ano anterior, pela força aérea da França de Vichy e que se encontra agora sob apertada vigilância e forte fortificação pela marinha britânica. Se conseguirem atravessar o estreito até Tarifa, terão de se deslocar mais cem quilómetros para norte até Cádis. Não será fácil. Mas, pelo que percebem, é a sua única opção. Fazem rapidamente as malas e Addy trata de arranjar transporte para Tânger.

O porto de Tânger encontra-se repleto de navios que atravessam a vapor o estreito, para e de Tarifa. Addy conta três porta-aviões britânicos, uma mão-cheia de navios de carga, e dezenas de barcos de pesca. Ele e as Lowbeers percorrem o cais, debatendo qual dos navios deverão abordar. Há uma bilheteira no extremo do porto, mas decerto lhes serão exigidos vistos de modo a proceder à aquisição. Decidem que o melhor será contratarem eles mesmos um capitão.

– Então e ele? – Addy aponta para um pescador de pele estalada pelo sol e barba maltratada sentado na poupa quadrada do seu barco, a comer o almoço. O seu esquife é pequeno, com o fundo plano e tinta azul a pelar, suficientemente banal, espera Addy para atravessar o estreito sem levantar suspeitas, e funcional o suficiente para os levar em segurança até Tarifa. Uma bandeira de Espanha desbotada agita-se suavemente na estreita proa do navio. O pescador abana a cabeça, contudo, perante a primeira oferta de *madame* Lowbeer.

– *Peligroso* – diz ele.

Madame Lowbeer tira o relógio.

– *Esto también* – diz ela, surpreendendo Addy com o seu espanhol.

O pescador semicerra os olhos, fitando o cais, como se tentasse decifrar se as autoridades estarão a observar, e depois volta a olhar para o trio por um instante, considerando as suas opções. Addy sente-se grato pela sua aparência – podem ser refugiados, mas têm, decerto, uma aparência suficientemente composta para parecerem fiáveis.

– *El reloj* – acaba por bufar o pescador.

Madame Lowbeer coloca o relógio de novo na carteira.

– *Primero, Tarifa* – diz friamente. O pescador resmunga e acena-lhes para que subam a bordo.

Addy é o primeiro a entrar para o esquife, para ajudar a carregar os pertences. Felizmente, *madame* Lowbeer decidira, em Casablanca, enviar por navio para o irmão no Brasil os três gigantescos *portmanteaux*. Viajam, agora, com malas de pele semelhantes em tamanho à de Addy. Quando as suas coisas estão a bordo, Addy oferece a mão para ajudar as mulheres a subir hesitantemente para o barco, fitando uma pequena poça de água oleosa que se acumulou no chão da popa.

A viagem é agitada. *Madame* Lowbeer vomita duas vezes pelo lado do barco. As faces de Eliska assumem uma tonalidade branca fantasmagórica. Ninguém fala. Addy sustém a respiração por várias ocasiões, quando se sente seguro de que a pequena embarcação irá ser engolida pelas ondas provocadas por um cargueiro de passagem. Mantém o olhar fixo na costa rochosa de Tarifa, rezando para que consigam chegar sem dar nas vistas – e a bordo – a solo espanhol.

2 – 30 DE JUNHO DE 1941: *Num a reviravolta inesperada, Hitler vira as costas a Estaline, quebrando o pacto de não-agressão germano-soviético e atacando toda a frente oriental, incluindo a Polónia ocupada pelos russos. Gigantesca na sua envergadura, a invasão tem como nome de código Operação Barbarossa. Em Lvov, ao final de uma semana de amargos confrontos, os soviéticos são derrotados; antes de retirarem, contudo, os elementos do NKVD massacram milhares de polacos, judeus, intelectuais ucranianos, ativistas políticos e criminosos que permaneciam nas prisões da cidade. Os alemães culpam publicamente os judeus por estes massacres, declarando que as vítimas eram, acima de tudo, ucranianas. Isto, claro, enfurece as milícias ucranianas pró-alemãs que, juntamente com os Einsatzgruppen (esquadrões da morte das SS), realizam ações de vingança contra os judeus que habitam a cidade. Homens e mulheres judeus que não se conseguem esconder são despidos, espancados e assassinados nas ruas aos milhares.*

CAPÍTULO VINTE E UM

Jakob e Bella

Lvov, Polónia ocupada pelos soviéticos ~1 de julho de 1941

Lvov desabou. A loucura começou no final de junho, pouco depois do ataque surpresa de Hitler sobre a União Soviética, que foi quando Jakob, Bella, Halina, e Franka se esconderam.

Há uma semana que estão refugiados na cave do edifício. Um amigo polaco de seu nome Piotr vai-lhes trazendo notícias e alimentos sempre que pode – uma organização de apoio improvisada composta apenas por um homem. «A cidade está repleta de *Einasatzgruppen* e o que parecem ser milícias ucranianas», disse Pietr a primeira vez que foi ver como estavam. «Andam atrás dos judeus.» Quando Jakob perguntou porquê, Piotr explicou que o NKVD assassinara a maior parte dos detidos nas prisões da cidade antes de fugirem, milhares deles ucranianos, e que os judeus estavam a ser culpados. «Não faz muito sentido», disse. «Centenas dos reclusos eram judeus – mas isso não parece importar-lhes.»

Ouvem bater, apenas uma vez, no piso de cima. Piotr. Não era segredo que, também ele, se tornaria um alvo dos alemães caso fosse descoberto a ajudar judeus. Jakob levanta-se.

– Eu vou – oferece-se, acendendo uma vela e subindo as escadas em bicos dos pés. Juntamente com notícias do *pogrom*, Piotr traz frequentemente comida: pequenos pedaços de pão e queijo. Por norma, bate uma vez por dia, ao fim da

tarde.

– Tem cuidado – sussurra Bella.

Ontem, dez dias depois do início do *pogrom*, Piotr dissera que o jornal estimava que o número de mortos judeus na cidade atingira uns terríveis três mil e quinhentos. Dez, vinte, até cem, Bella conseguia acreditar. Mas milhares? A estatística era demasiado horrenda para que conseguisse suportá-la, e não consegue afastar da mente o facto de que não tem notícias da irmã desde a invasão. Uma e outra vez imagina o belo corpo de Anna entre os que jazem nas ruas – Piotr diz que tem de saltar por cima dos cadáveres só para chegar à porta deles. Bella suplicou-lhe que visitasse o apartamento de Anna; já lá foi por duas vezes, e por duas vezes regressou com a notícia de que ninguém respondeu ao bater.

Ela escuta, enquanto Jakob sobe as escadas. Depressa ouve mais um bater solitário, desta feita de Jakob, seguido por quatro batidas recíprocas rápidas, o código de Piotr que indica que é seguro abrir a porta. As dobradiças gemem, e um piso mais abaixo, Bella expele o ar, escutando o ténue murmúrio de uma conversa.

– Vai ficar tudo bem – diz Halina, sentando-se ao lado dela.

Bella acena com a cabeça, admirando a força da cunhada. Também Adam está desaparecido. Insistiu em permanecer à superfície durante o *pogrom*, alegando que a Resistência precisava dele agora mais do que nunca. Halina ainda não teve notícias dele e, no entanto, oferece-lhe o seu conforto.

As mulheres sentam-se em silêncio, à escuta. Ao fim de algum tempo, a conversa para e Bella fica rígida. O silêncio lá em cima estende-se durante dois, três, quatro segundos, depois de quase meio minuto.

– Há algo de errado – sussurra. Consegue senti-lo no temor que floresce na sua caixa torácica; o que quer que seja, não quer saber. Por fim, a porta em cima guincha, o ferrolho encerra-se e os passos voltam a descer lentamente as escadas. Quando Jakob chega à cave, Bella quase não consegue respirar.

Jakob entrega a vela e um pão a Halina e baixa-se para se sentar.

– Bella – diz baixinho.

Bella ergue os olhos, abana a cabeça. *Por favor, não.* Mas do rosto de Jakob

consegue ver que o seu instinto está correto. *Oh, meu Deus, não*. Jakob engole em seco, fitando o chão por um momento antes de abrir os dedos. Na palma da mão está um bilhete.

– Piotr encontrou-o, emergindo por baixo da porta de Anna. Bella, lamento muito.

Bella fita o pedaço de papel amachucado como se fosse uma bomba prestes a detonar. Encosta as costas à parede atrás dela, afastando a mão de Jakob quando ele tenta tocar na dela. Jakob e Halina trocam um olhar preocupado, mas ela não se apercebe. Está paralisada pela ideia de que o que quer que o marido tenha, o que quer que saiba, a irá destruir. Que, num instante, tudo irá mudar. Jakob aguarda, paciente, silenciosamente, até por fim Bella reunir a coragem para aceitar o bilhete. Segurando nas duas mãos o papel amachucado, reconhece de imediato a letra da irmã.

Vão levar-nos. Acho que nos vão matar.

Bella tenta equilibrar-se, sentindo-se subitamente tonta, como se o chão por baixo de si estivesse a ceder. Amachuca o bilhete e, ao mesmo tempo que as paredes começam a girar, o seu mundo fica negro. Leva a mão à testa e chora.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Halina

Lvov, Polónia ocupada pelos alemães ~ 18 de julho de 1941

– Pronta? – Wolf estaca.

Pararam numa esquina, a um quarteirão do campo de trabalho. Halina acena com a cabeça, observando o campo – uma estrutura de má qualidade, em betão, confinada por uma vedação encimada por arame-farpado. À entrada, um guarda com um pastor-alemão aos pés. Se as coisas não correrem como planeado, apercebe-se, passará o futuro próximo a olhar para aquela vedação a partir do interior. Mas que outra escolha lhe resta? Não consegue permanecer sentada sem nada fazer. Destrui-la-á. E talvez também a Adam, se não destruiu já.

– É melhor que sigamos – diz Wolf. – Antes que pensem que estamos a tramar alguma.

Halina olha de relance para a rua, para as mesas em frente a um café dois quarteirões a leste deles, o local onde haviam combinado encontrar-se.

– Certo – diz Halina. Inspira fundo e endireita-se.

– Tens a certeza de que queres fazer isto sozinha? – Wolf abana a cabeça, como se desejasse que ela dissesse que não.

Halina vira de novo a atenção para o campo.

– Sim. Tenho a certeza.

Wolf, um conhecido de Adam da Resistência, insistira em ir com ela até ao campo a partir do centro da cidade, mas Halina foi intransigente ao determinar que ele ficasse para trás, uma vez ali chegados – pelo menos assim, calculou, se o seu plano falhasse, ele poderia regressar a Lvov em busca de ajuda.

Wolf acena com a cabeça. Um casal polaco passa por eles de braço dado. Espera que eles passem, depois inclina-se como se fosse beijar Halina na face.

– Boa sorte – sussurra, antes de se endireitar e regressar ao café.

Halina engole em seco. *Isto é uma loucura.* Devia estar a caminho de Radom, pensa, o calor do verão apertando-lhe subitamente os pulmões. O pai enviara uma carrinha. *Há rumores de mais um* pogrom *em Lvov*, escreveu Sol depois de ter ouvido falar do primeiro. *Venham para Radom. Ficarão melhor aqui, connosco.* Jakob, Bella e Franka tinham partido naquela manhã. Halina ficara.

Fora a casa há sete semanas, no início de junho. Levara novos documentos de identificação juntamente com alguns zlotys que havia poupado – não que ser vissem de muito aos pais e a Mila no gueto; o mercado negro desaparecera quase por completo, e de nada lhes servia uma identificação ariana no interior dos muros de Wałowa. Halina pensara ficar em Radom, mas o seu trabalho no hospital oferecia-lhe algum rendimento. Teria sido tola em deixá-lo e Adam estava demasiado imerso nos esforços da Resistência de Lvov para regressar. De qualquer maneira, não havia espaço para os dois no minúsculo apartamento no gueto. Permanecera pouco tempo, regressando a Lvov com documentos de viagem aprovados pelo seu supervisor do hospital, e com um conjunto de pratas da avó, cuidadosamente envoltas num guardanapo. «Leva-as», insistira Nechuma antes de ela partir. «Talvez as possas usar para nos ajudar a sair daqui.» e depois Hitler quebrou o seu pacto com Estaline e lançou as suas *Einsatzgruppen* sobre Lvov; seguiu-se o massacre, e o pai enviou a camioneta para recuperar a família. Custara-lhe recusar a sua súplica para que regressasse a casa, e odeia pensar em quanto lhe custara a carrinha. Sabe que a família precisa dela. Mas não pode deixar Lvov sem Adam. E Adam está desaparecido.

Halina recorda-se do dia, há apenas duas semanas, quando os confrontos abrandaram em Lvov e foi por fim seguro sair do seu esconderijo. Correra o meio quilómetro até ao seu antigo apartamento apenas para o descobrir vazio.

Adam desaparecera. Ao que parecia, partira à pressa – levara a mala, algumas roupas e os documentos de identificação falsos escondidos atrás do quadro a aguarela na cozinha. Halina vasculhara o apartamento em busca de um bilhete, uma pista, qualquer coisa que pudesse revelar para onde fora, mas nada encontrara. Durante os três dias seguintes visitara cada um dos locais que haviam considerado seguros para se encontrarem em caso de emergência, uma dúzia de vezes – a passagem em arco por debaixo dos degraus que conduziam à Catedral de São Jorge, a fonte de pedra em frente da universidade, o bar das traseiras do café Escocês, mas Adam não estava em parte alguma.

Só quando Wolf lhe bateu à porta é que Halina conseguiu perceber o que acontecera. Ao que parece, dissera Wolf, os alemães tinham aparecido no apartamento de Adam certa noite, durante o *pogrom*. Fora levado para um campo de trabalho às portas do centro da cidade de Lvov – Wolf sabia aquilo simplesmente porque alguém na Resistência conseguira subornar um guarda do campo, de modo a poder passar bilhetes através da vedação que rodeava a propriedade. O bilhete de Adam aparecera nas mãos de Wolf na semana anterior: *Por favor, vê como está a minha esposa*, podia ler-se. Assinara o bilhete com o nome que ele e Halina usavam nos documentos falsos – Brzoza. A Resistência estava a tentar arranjar uma maneira de chegar até ele, mas sem sorte. Ouvir tais notícias fora um alívio enorme – Adam estava vivo, pelo menos –, mas também deixava Halina doente, não saber o que os alemães lhe reservavam. Se descobrissem o seu envolvimento com a Resistência, era um homem morto. «Tenho alguma prata», dissera a Wolf, «um conjunto de talheres». Wolf acenara hesitantemente. «Isso poderá funcionar», disse ele. «Vale a pena tentar.»

Halina aperta as alças de cabedal da mala que pende do seu ombro com os dedos, s*ó tens uma oportunidade*, recorda a si mesma. *Não a estragues.* O seu coração bate duplamente depressa à medida que avança em direção ao guarda à entrada do campo, sentindo-se como se estivesse prestes a subir ao palco, para atuar em frente a um público inclemente.

O pastor-alemão é o primeiro a vê-la e ladra, puxando pela trela, o pelo castanho e preto sobre os ombros eriçado e furioso. Halina não vacila. Mantém o queixo levantado, esforçando-se ao máximo para transmitir uma sensação de determinação nos seus passos. Com a trela firmemente presa ao pulso, o guarda

levanta-se com os pés afastados para melhor se equilibrar. Quando Halina, por fim, chega até ele, o pastor-alemão está quase histérico. Ela oferece um sorriso tenso ao guarda e, depois, espera que o cão se acalme. Quando o ladrar cessa, vasculha na sua mala em busca da identificação.

– Chamo-me Halina Brzoza – apresenta-se ela em alemão. – Tal como lhe acontecera com o russo, aprendera facilmente o alemão; aperfeiçoara-o quando os nazis chegaram a Radom. Raramente o fala, mas para sua surpresa as palavras fluem naturalmente da sua língua.

O guarda não fala.

– Temo que tenham confundido o meu marido com um judeu – continua Halina, entregado ao guarda a identificação forjada. – Ele está aí dentro e vim buscá-lo. – Ela aperta a mala contra o flanco, sentindo o alto dos talheres contra as costelas. A última vez que utilizara aquelas facas e garfos fora sentada à mesa de jantar dos pais. Nessa altura ter-se-ia rido se alguém lhe houvesse dito que, um dia, poderiam valer a vida do marido. Ela fita o guarda, enquanto este examina a sua identificação. Ao contrário de alguns alemães na cidade, cujos pescoços parecem tão largos quanto os seus crânios, este é alto e esguio. As sombras acumulam-se nas órbitas dos seus olhos e por baixo das maçãs do rosto. Halina pergunta-se se as suas feições foram sempre assim tão afiadas ou se tem tanta fome quanto ela, quanto o resto da Europa.

– E porque haveria de acreditar em ti? – pergunta finalmente o guarda, entregando-lhe de novo a identificação.

O suor começara a reunir-se no lábio superior de Halina. Ela pensa rapidamente.

– *Por favor* – avança ela, abanando a cabeça como se o guarda a tivesse ofendido. – Eu *pareço* judia? – Ela fita-o com um olhar duro, sem permitir que os seus olhos verdes pestanejem, rezando para que a sua assertividade, da qual aprendeu a depender, a possa ajudar. – Claramente trata-se de um erro – insiste. – E, além disso, o que faria um judeu com prata desta qualidade? – Tira as pratas da mala e abre um canto do guardanapo para revelar o cabo de uma colher. Cintila sob o sol. – Pertencia à trisavó do meu marido. Que era alemã, já agora – acrescenta Halina. – Era uma Berghorst. – Ela desliza o polegar pelo B gravado, agradecendo silenciosamente à mãe por esta ter insistido para que ela as levasse

consigo quando saiu de Radom, e enviando um pedido de desculpa à avó falecida, que crescera uma orgulhosa Baumblit.

O guarda pestaneja ao ver a prata. Olha à sua volta, assegurando-se de que ninguém mais viu o que ele viu. Voltando a fitar Halina, baixa o queixo, os olhos cinzento-limo encontrando-se de novo com os dela.

– Escuta-me – diz ele. A voz transformou-se quase num sussurro. – Não sei quem és, e sinceramente não quero saber se o teu marido é judeu, ou não. Mas se dizes que o teu marido é de ascendência alemã – faz uma pausa baixando os olhos para a prata nas mãos de Halina –, tenho a certeza de que o chefe te pode ajudar.

– Então leva-me até ele. – pede Halina, sem hesitar.

O guarda abana a cabeça.

– Nada de visitas. Dá-me o que tens aí e levar-lho-ei.

– Sem ofensa, *Herr*...?

O alemão hesita.

– Richter.

– *Herr* Richter. Mas não vou deixar estas pratas enquanto não me entregarem o meu marido. – Ela volta a guardar as pratas na mala, aperta-a firmemente sob o cotovelo. Por dentro está a tremer, mas mantém os joelhos imóveis e a expressão firme.

O guarda semicerra os olhos, depois pestaneja. Parece que não está habituado a que lhe digam o que fazer. Pelo menos, não um civil.

– Ele vai pedir a minha cabeça – diz Richter friamente.

– Então guarda a cabeça. E guarda a prata. Para ti, – contrapõe Halina. – Parece que é capaz de te fazer jeito – ela sustém a respiração, perguntando-se se terá ido longe demais. Não pretendera dizer aquela última frase como um insulto, mas soara como um.

Richter considera a questão por um momento.

– O nome dele – diz por fim.

Halina sente os ombros relaxarem ligeiramente.

– Brzoza. Adam Brzoza. Óculos redondos, pele pálida. É aquele que têm aí dentro e que não se parece nada com um judeu.

– Não faço quaisquer promessas – diz Richter, acenando –, mas volta dentro de uma hora. Traz a tua prata.

Halina acena com a cabeça.

– Muito bem. – Dá meia-volta, afastando-se rapidamente do campo.

No café, encontra Wolf sentado numa mesa no exterior, uma chávena de café de chicória à sua frente, fingindo interesse num jornal. Quando ela se senta à sua frente, o guarda desaparecera já do seu posto.

– Podes conceder-me uma hora? – pergunta Halina, agarrando o assento da cadeira para acalmar as mãos, grata pelo facto de as mesas à sua volta estarem vazias.

– Claro – diz Wolf, e depois baixa a voz. – Que aconteceu? Não consegui ver nada.

Halina fecha os olhos por um momento e exala, obrigando a pulsação a abrandar. Quando volta a levantar a cabeça, vê que Wolf também empalideceu, está tão nervoso quanto ela.

– Ofereci-lhe a prata – diz ela. – Ele tentou levá-la de imediato, mas disse-lhe que não a teria enquanto não me entregasse o meu marido.

– Pareceu-te que ele o iria fazer?

– É difícil de dizer.

Wolf abana a cabeça.

– Adam sempre disse que tinhas coragem.

Halina engole em seco, subitamente exausta.

– Não passa de uma fachada. Esperemos que ele tenha acreditado nela.

Quando Wolf acena à empregada, Halina contempla como a guerra, até há pouco tempo, foi, em muitos aspetos, surreal. Durante algum tempo a sua família foi sobrevivendo. Em breve, dizia frequentemente a si mesma, a vida regressaria à normalidade. Ela ficaria bem. A família ficaria bem. Os pais tinham vivido durante a Grande Guerra e haviam-na ultrapassado. Com o tempo, tinham lançado a horrível mão que lhes calhara nas cartas de novo para o baralho e

começado de novo. Mas, depois, as coisas começaram a desmoronar. Primeiro foi Selim, depois Genek e Herta – desaparecidos. Sem deixar rasto. Em seguida, a irmã de Bella, Anna. E agora Adam. A toda a sua volta, ao que parecia, os judeus estavam a *desaparecer*. E, de súbito, as consequências daquela guerra tornaram-se inegavelmente reais – uma constatação que lançou Halina numa espiral enquanto combatia uma certeza que temia e odiava ao mesmo tempo: Estava impotente. Desde esse momento começara a imaginar o pior, vendo Selim, Genek e Herta trancados em prisões soviéticas, a morrer de fome, e acumulando uma longa lista de atrocidades a que Adam estaria a ser, sem dúvida, sujeito no campo de trabalho, dizendo a si mesma que se Adam, logo ele – com o seu aspeto e identificação –, não fora capaz de usar a sua lábia para se libertar do cativeiro por aquela altura, então deverão ser condições severas.

Então e Addy? Não tinham notícias dele desde que a família se mudara para o gueto, há quase dois anos. Ter-se-ia juntado ao exército como dissera que faria? França capitulara. Será que o exército francês ainda existia? Procura frequentemente, na sua memória, o som da voz de Addy, mas desiste quando descobre que não o consegue localizar. Espera, contra toda a esperança, que onde quer que ele, Genek, Herta e Selim estejam, se encontrem em segurança. Que consigam sentir o quanto a família sente a sua falta.

Uma empregada traz uma segunda chávena de café e pousa-a no pires à frente de Halina. Ela acena num agradecimento e olha de relance para o relógio, desencorajada ao constatar que passaram apenas cinco minutos. Vai ser uma longa hora, apercebe-se, tirando o relógio do pulso e pousando-o por baixo do pires, de modo a poder controlar as horas mais discretamente. E depois espera.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Genek e Herta

Altynay, Sibéria ~ 19 de julho de 1941

Herta arrasta o ramo de um pequeno pinheiro em direção à clareira na floresta. Józef, com quatro meses, está cuidadosamente preso ao seu peito com um lençol de cama. Ela avança cuidadosamente, analisando o solo em busca de víboras adormecidas e escorpiões meio enterrados, cantarolando para se distrair dos roncos que lhe agitam o estômago. Passar-se-ão várias horas antes que receba a sua fatia de pão e, se tiver sorte, uma minúscula tira de peixe seco.

Józef move-se e Herta baixa o tronco até ao chão, deslizando pela testa o algodão da manga da camisa manchada pelo suor, e semicerra os olhos fitando o céu. O sol está diretamente por cima das suas cabeças; Ze, como passaram a chamar o bebé, tem decerto fome. Ela procura um local nas sombras por baixo de um alto lariço no limite da clareira e baixa-se cuidadosamente de modo a sentar-se, de pernas cruzadas. Do local onde se encontra consegue ver Genek e uma mão-cheia de outros, a cerca de cinquenta metros de distância, a empilhar troncos junto ao rio. As suas figuras parecem esborratadas sob o calor de julho, como se tivessem começado a derreter-se.

Herta retira cuidadosamente Józef do arnês que preparou com o lençol e deita-o suavemente virado para ela no espaço entre as suas pernas, apoiando a

cabeça dele nos tornozelos. Envergando nada mais do que uma fralda de pano, a pele dele, como a dela, está rosada e pegajosa ao toque. «Tens calor, não tens, meu amor?», pergunta baixinho, desejando que as temperaturas escaldantes cedessem um pouco, mas sabendo que se passará ainda mais um mês, pelo menos, antes que o façam, e que o calor do verão, apesar da sua intensidade, é bem mais tolerável do que o frio que os envolverá a partir de outubro. Józef fita-a com os olhos azul-céu do pai, olhando para ela da única maneira que sabe, sem pestanejar ou julgar, e por um momento Herta não consegue fazer outra coisa senão sorrir. Desabotoando a blusa, segue o olhar dele enquanto estuda os ramos do lariço mais acima. «Há pássaros lá em cima?», pergunta ela sorrindo.

Embora Genek jamais o admita (refere-se a Altynay como uma «faixa infindável da merdosa paisagem siberiana»), a floresta, apesar do calor sufocante e das circunstâncias infernais, é inegavelmente bela. Ali, aparentemente tão longe da civilização quanto possível, rodeada por pinheiros, abetos e lariços – de todos os tons de verde que consegue imaginar – e pelos céus abertos e vastos e os riachos de águas negras que serpenteiam por entre as árvores no seu caminho para norte, Herta não é mais do que um ponto contra o pano de fundo da natureza. Sente-se em paz. Fecha os olhos enquanto Józef mama, sentindo a brisa suave, o chilrear das andorinhas e das alvéolas nos ramos sobre ela, sentindo-se grata pela bênção da criança saudável ao seu peito.

Józef nasceu pouco antes da meia-noite no dia 17 de março, no chão de terra gelada do seu bloco. Herta carregara troncos no dia em que ele chegara, respirando enquanto sentia que as contrações iam e vinham a cada dez, depois sete, depois cinco minutos, antes de, por fim, pedir à amiga Julia que procurasse Genek, sem saber ao certo se conseguiria regressar ao campo sozinha. «Quando contares três minutos entre contrações», dissera-lhe o doutor Dembowski, «então sabes que o bebé vem a caminho.» Julia regressara sozinha, explicando que Genek fora enviado à cidade para tratar de um recado e que o marido dela, Otto, cobriria a sua ausência mal regressasse. Julia ajudara Herta a levantar-se e avançara com ela, lentamente, de braço dado, de regresso ao campo, onde chamou Dembowski.

Quando Genek chegou, duas horas depois, Herta estava quase irreconhecível. Apesar do frio ártico, encontrava-se ensopada em suor, os olhos fechados com

força, deitada em posição fetal, inspirando e expirando em explosões rápidas e pesadas, através dos lábios abertos na forma de um *O* como se tentasse apagar uma chama teimosa. O cabelo escuro e húmido agarrava-se-lhe à testa. Julia estava sentada ao seu lado, massajando-lhe as costas entre contrações. «Chegaste», suspirou Herta quando rolou sobre si para ver Genek, envolvendo as mãos dele com as suas, apertando-as com força. Julia desejou-lhes sorte e saiu, e Herta suportou mais seis horas de dores que lhe dilaceravam a pélvis antes de chegar a hora, misericordiosa, de fazer força. Faltava um quarto para a meia-noite quando, com Genek ao lado de Herta e Dembowski agachado entre os joelhos, Józef respirou pela primeira vez. Ao ouvir o som do choro do bebé, e depois o definitivo «*to chłopie*c» – é um rapaz – de Dembowski, os novos pais sorriram um para o outro com olhos húmidos e exaustos.

Nessa noite, aconchegaram Józef entre eles na cama de palha, envolto no cachecol de lã de Herta e embrulhado em duas camisas extra de Genek e com um pequeno chapéu de malha que fora passado entre os bebés nascidos no campo; tudo o que conseguiam ver eram os olhos dele, que raramente abria, e o rosa dos seus lábios. Preocupavam-se com a possibilidade de não estar quente o suficiente, ou de poderem rolar sobre ele durante a noite. Mas depressa uma profunda fadiga apoderou-se deles, apagando-lhes medos como nuvens de tempestade que encobrem o sol, e passados alguns minutos os três Kurc dormiam profundamente.

Poucos dias depois, Józef começou a ganhar peso, Herta regressou ao trabalho, e ela e Genek habituaram-se a dormir com aquele embrulho entre eles. O único verdadeiro problema ocorria pela manhã, quando Józef acordava a chorar, os olhos fechados pelo gelo. Herta aprendera a esfregar gotas quentes do seu leite nas pálpebras dele para as ajudar a abrir.

Agora, maravilha-se Herta, é difícil acreditar que já se passaram quatro meses desde que o filho nasceu. Marcara a passagem do tempo através do seu primeiro sorriso, o seu primeiro dente, o dia em que foi capaz de rolar pela primeira vez sobre si mesmo. O que se seguirá, pergunta-se: Irá chupar o polegar? Começar a gatinhar? Dizer as primeiras palavras? Escreveu para casa a cada etapa, ansiando por notícias da família em Bielsko. Não tinha notícias deles, contudo, desde antes de ela e Genek partirem de Lvov. A última carta que recebera fora do

irmão, Zigmund; as suas notícias eram desanimadoras. *Há cada vez me nos judeus em Bielsko*, escrevera. Alguns, ao que parece, haviam partido no início da guerra para se juntarem ao exército polaco. Outros tinham sido transportados de comboio, e jamais haviam regressado. *Supliquei junto da família*, escreveu Zigmund, *implorei-lhes que partissem, ou que se escondessem, mas Lola está demasiado grávida para viajar em segurança.* Por aquela altura, apercebe-se Herta, o bebé da irmã deverá ter quase um ano. *E os nossos pais*, acrescentou Zigmund, *são demasiado teimosos para partir. Sugeri que pudessem ir ter contigo a Lvov, mas recusaram-se.* Herta pensa na criança que ainda não conheceu, perguntando-se se será tia de um rapaz ou de uma rapariga, se chegará o dia em que Ze venha a conhecer o primo. De momento, parece inimaginável, separados como estão por uma vasta extensão de terra, com o mundo a desmoronar-se à sua volta.

Herta reza frequentemente pela sua família. Por muito que seja capaz, de alguma maneira, de aproveitar ao máximo o seu tempo em Altynay, não há nada que mais deseje do que regressar a uma vida de liberdade. Parte dela deseja ser capaz de viajar para a frente no tempo, e saltar para o final da guerra. Mas há, também, uma parte dela que reza para que o tempo pare. Pois não há como saber o que lhes poderá reservar o futuro. E se, no final da guerra, regressar à Polónia e descobrir que a família já não está lá? A ideia é impossível de contemplar. É como fitar diretamente o sol: não consegue fazê-lo, não o fará. E por isso afasta o pensamento, encontrando consolo no facto de, por ora, pelo menos naquele preciso momento, ela e Genek serem saudáveis e o seu filho ser perfeito.

Ao anoitecer, Herta encontra Genek no bloco, a sorrir.

– Boas notícias? – pergunta-lhe. Solta Józef do seu peito, estende o lençol no chão de terra e pousa-o sobre ele. Erguendo-se, encosta a mão ao rosto do marido, apercebendo-se de como é encantador ver as suas covinhas.

Os olhos de Genek estão brilhantes.

– Acho que as marés mudaram, por fim – diz. – Herta, os soviéticos poderão, em breve, estar do nosso lado.

Há um mês, tinham tomado conhecimento de que Hitler quebrara o seu pacto com Estaline e invadira a União Soviética. A notícia, ao que parece, havia

chocado o mundo, mas nada fizera para alterar a sua situação em Altynay.

Herta inclina a cabeça perante tal notícia.

– Pensámos o mesmo no início da guerra, certo?

– É verdade. Mas esta tarde eu e Otto ouvimos os guardas a sussurrar algo acerca de deslocar os prisioneiros para sul para formarem um exército.

– Um exército?

– Querida, acho que Estaline nos vai conceder uma amnistia.

– *Amnistia.* – Herta maravilha-se com a palavra. Um perdão. Mas porquê? Por serem polacos? É um conceito difícil de digerir. Mas se significar que serão libertos, decide Herta, então com certeza, acolherá de braços abertos uma amnistia.

– Para onde iremos? – pergunta-se em voz alta. Pelo que ouviram, não existe uma Polónia para a qual regressar.

– Talvez Estaline esteja a pensar em mandar-nos para o combate.

Herta olha para o marido, a sua figura descarnada, o cabelo que começa a rarear, o vazio sob a sua clavícula. Apesar de tudo continua belo, mas ambos sabem que não está em condições de lutar. Ela pensa nos restantes habitantes do campo, a maioria dos quais está doente ou faminta, ou ambos. Com exceção de Otto, que nasceu com estrutura natural de um pugilista de peso-pesado, *nenhum* dos prisioneiros está apto para o combate. Ela abre a boca para dar voz à sua preocupação, mas vendo a esperança nos olhos de Genek refreia o pensamento, ajoelhando-se, em vez disso, junto de Józef que se apressa a praticar o seu novo truque de rolar sobre a barriga. Herta tenta imaginá-lo: Genek, equipado ao lado dos soviéticos, a lutar por Estaline – o homem que os conduzira ao exílio, condenados a uma vida de trabalhos forçados. Parece bizarro. Pergunta-se o que significará isso para ela e Józef. O que lhes acontecerá se Genek for enviado para o combate?

– Apercebeste-te de quando poderá ser concedida esta *amnistia*? – pergunta, rolando Józef suavemente de modo a que fique deitado de costas. Józef agita alegremente os braços, revelando duas réplicas em miniatura das covinhas do pai.

– Não – diz Genek, baixando-se para se sentar ao lado dela. Aperta os joelhos

de Józef e este arrulha, encantado. Genek sorri. – Mas em breve, acho eu. Em breve.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Addy

Ilha das Flores, Brasil ~ final de julho de 1941

Tornou-se um hábito de Addy acordar cedo, bem antes de os restantes detidos se levantarem, e percorrer o caminho que contorna a minúscula ilha das Flores. Precisa do exercício e, ainda mais, da oportunidade para estar sozinho durante uma hora – juntos ajudam a preservar a sua sanidade. A paisagem também ajuda. A baía de Guanabara é bela pela madrugada, quando está mais calma, uma imagem espelhando o céu. Por volta das dez da manhã, fervilha com o tráfego de barcos que se dirigem e que partem do porto buliçoso do Rio de Janeiro.

Naquela manhã, Addy acordou antes do nascer do sol, ao som da cavatina de um guarda-rios empoleirado no parapeito da sua janela. Sentiu-se tentado a deslizar de novo para o sono, pois no sonho estava em casa, em Radom, e a sua família estava tal como os deixara. O pai sentado na mesa de jantar a ler a edição de fim de semana do *Radomer Leben*, a mãe à frente, a trautear enquanto cosia um remendo em pele no cotovelo de uma camisola. Na sala, Genek e Jakob jogavam às cartas, Felicia andava de um lado para o outro agarrando pelos tornozelos uma boneca de trapos, e Mila e Halina partilhavam um banco em frente ao pequeno piano de cauda, revezando-se nas teclas, a pauta da *Sonata ao Luar* de Beethoven aberta no suporte à sua frente. A única pessoa que faltava no sonho era ele. No entanto, não se importava; poderia ter assistido àquela cena

durante horas, satisfeito simplesmente por pairar sobre ela, deliciando-se com o seu calor, com o simples conhecimento de que tudo estava bem. Mas o guarda-rios era persistente e, por fim, o sonho de Addy desvaneceu-se e ele levantou-se, suspirando ao esfregar o sono dos olhos, vestindo-se e partindo para o seu passeio.

No percurso, vai apanhando flores, cada uma delas com um nome que se lhe tornou familiar durante as últimas três semanas: amarílis, hibisco, azálea, e a sua preferida, a estrelícia, que, com a sua proa de folhagem em leque e pétalas em tecnicolor vermelho e azul, se assemelha a um pássaro a voar. Há uma espécie de lírio na ilha a que parece ser alérgico. Quando, por acaso, se depara com um fica a espirrar durante os quinze minutos seguintes, tapando a boca com o lenço da mãe, que traz sempre consigo, como um talismã.

De regresso à cantina, Addy coloca o ramo num copo de água, pousando-o na mesa onde ele e as Lowbeers se costumam encontrar para o pequeno-almoço. Um funcionário aparece e Addy saúda-o com um sorriso e um «bom dia, tudo bem?» – as primeiras palavras portuguesas que aprendeu ao chegar.

– Estou bem, sim senhor – diz-lhe o funcionário, entregando a Addy uma chávena de chá de erva-mate.

Addy leva o seu chá até ao alpendre, onde vira a cadeira de modo a olhar para oeste, para a linha da costa do Rio de Janeiro. Desde a chegada do navio à América do Sul, que o gosto amargo da erva-mate o foi conquistando. Ao levar a chávena aos lábios, assimila a manhã pacífica, o cheiro dos trópicos, as omnipresentes canções dos pássaros. Em circunstâncias normais, poderia fechar os olhos e deliciar-se com toda aquela beleza. Mas as circunstâncias, claro, não são de todo normais. Há demasiado em risco para que possa relaxar verdadeiramente. E por isso, observa antes a linha da costa, refletindo acerca dos últimos meses – daquilo que teve de fazer para chegar àquela ilha na costa do Brasil.

De facto, o pescador que havia escolhido em Tânger foi capaz, apesar do mau estado da embarcação, de deixar Addy e as Lowbeers em segurança em Tarifa. A partir dali, apanharam um autocarro para norte até ao porto de Cádis, onde lhes foi dito que um navio espanhol chamado *Cabo del Hornos* partiria dentro de uma semana em direção ao Rio. «Eu vendo-vos os bilhetes», disse o agente de

Cádis, «mas não posso garantir que vos deixem subir a bordo com os vistos expirados.» Não era aquilo que queriam ouvir, mas tanto quanto sabiam, o *Hornos* era a sua única esperança – uma especulação que foi confirmada quando começaram a reconhecer os rostos dos outros passageiros do *Alsina* no porto, passageiros que também tinham tido a sorte de conseguir realizar a travessia do estreito até Cádis. Addy e as Lowbeers não perderam tempo a adquirir os bilhetes só de ida a bordo do *Hornos*, garantindo a si mesmos que, se chegassem à América do Sul, não seriam mandados para trás.

Quando, por fim, subiram a bordo do navio, Addy foi obrigado a reconhecer que não lhe restava senão uma mão-cheia de francos. Ia começar uma nova vida no Brasil com quase nada – uma verdade com que se debatera enquanto o *Hornos* avançava a vapor em direção ao Rio. A viagem demorou dez dias. Nenhum dos refugiados a bordo dormiu muito, dado que tinham sido avisados, ao embarcar, que pelo menos meia dúzia de navios antes daquele tinham sido devolvidos a Espanha – uma ideia que levou alguns deles a ameaçar com o suicídio. «Eu salto, juro», dissera um espanhol a Addy. «Mato-me antes de permitir que Franco o faça.»

Addy, Eliska e *madame* Lowbeer agarravam-se aos seus vistos expirados e à esperança inabalável de que o capitão do *Alsina* tivesse sido capaz de enviar o telegrama que prometera para a embaixada brasileira em Vichy. Talvez, caso o seu pedido houvesse chegado a Souza Dantas, o embaixador os ajudasse. Ainda que este não o fizesse, havia sempre a possibilidade de que o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, compreendesse as circunstâncias e estendesse o prazo dos seus documentos ao chegarem. Afinal de contas, não fora por culpa deles que a viagem demorara.

Foi no dia 17 de julho que o *Cabo del Hornos* atracou por fim no Rio de Janeiro e, por um qualquer golpe de sorte, foi permitido aos passageiros desembarcar. Addy ficou eufórico. No entanto, a liberdade foi de curta duração. Três dias depois, juntamente com as Lowbeers e os 37 outros passageiros do *Alsina* que haviam chegado no *Hornos* com vistos expirados, foram saudados pela polícia brasileira e escoltados de novo ao porto, tendo sido levados para bordo de um cargueiro e enviados para a ilha das Flores, a sete quilómetros da costa, onde permaneciam agora detidos.

«Estamos a ser mantidos *reféns*», espumara *madame* Lowbeer depois do primeiro dia na ilha. «*C'est absurde*.» Não lhes foi dada qualquer explicação quanto ao porquê de ali estarem presos. Podiam apenas presumir que se devia aos vistos expirados, um palpite que se confirmou quando um dos passageiros, fluente em português, teve um vislumbre de um aviso escrito que indicava a intensão de Vargas de enviar os refugiados de volta a Espanha.

Addy bebe mais um gole de chá. Recusa-se a acreditar que, depois de seis meses, acabará onde começou, na Europa devastada pela guerra. Os passageiros do *Alsina* tinham chegado até ali. Decerto alguém conseguiria persuadir o presidente a deixá-los ficar. O tio de Eliska, talvez – ele recebera-os nos primeiros dias que passaram no Rio. Parecia boa pessoa. Tinha dinheiro. Por outro lado, que acesso teria um civil ao presidente? Precisariam de alguém com influência. Como *madame* Lowbeer diz frequentemente: «Quando forem untadas as mãos certas, receberemos os nossos vistos.» As Lowbeers tinham os meios para oferecer um suborno, mas a quem pertenceriam essas mãos «certas», Addy não fazia ideia. Ele *está* certo de que sem contactos no Brasil, sem qualquer compreensão da língua e sem poupanças, de pouca ajuda lhes servirá. Fez tudo o que podia para os levar até ali – o resto, por difícil que seja para ele admiti-lo, está fora do seu controlo.

De acordo com as Lowbeers, a sua esperança reside, de momento, em Haganauer, um passageiro do *Alsina* cujo avô, residente no Rio de Janeiro, tem uma ténue ligação ao ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil. Uma semana antes, Haganauer subornara um guarda da ilha para que este fizesse chegar uma carta ao avô explicando as circunstâncias, na esperança de que este conseguisse levar um pedido ao ministro em nome dos reféns. O plano, todos concordavam, parecia promissor. Até que este se desenrolasse, contudo, não havia nada a fazer senão esperar.

Addy termina o chá e segura nas mãos a chávena de cerâmica, a mente deslizando para Eliska, para o ponto na base do seu pescoço que beijara na noite anterior, enquanto se despedia para «o seu sono de beleza». Tinham concluído, em Dakar, que o seu destino era casarem-se – uma ideia que desagradava veementemente a *madame* Lowbeer. Mas Addy não se sente intimidado com a desaprovação dela. Com o tempo, garante a si mesmo, convencerá a *Grande*

Dame que é merecedor da mão da filha.

Observa enquanto uma barca avança para o porto do Rio, perguntando-se, como tantas vezes faz, o que pensaria a família de Eliska. Ela é inteligente, e é judia. É apaixonada e bem-falante, capaz de um bom debate. Decerto os seus irmãos pensariam bem dela. O pai também. Mas e a mãe? Por vezes, consegue ouvir Nechuma, a dizer-lhe que é areia demais para a sua camioneta – avisando-o de que Eliska é demasiado mimada para ser o tipo de esposa que Addy merece. Ela *é* mimada, pode admiti-lo, mas ele sabe que não é essa a verdadeira razão para a objeção da mãe.

As relações começam com sinceridade, dissera certa vez Nechuma. *Essa é a base, pois estar apaixonado significa ser capaz de partilhar tudo – os teus sonhos, os teus defeitos, os teus receios mais profundos. Sem essas verdades, o relacionamento colapsará.* Addy passou horas a contemplar as palavras da mãe, envergonhado por admitir que apesar do muito que ele e Eliska conversaram acerca de Praga, Viena e Paris – aqueles vislumbres glamorosos das suas vidas antes da guerra – continua a não poder falar livremente com ela acerca da família. Passaram-se quase dois anos desde a última vez que teve notícias dos pais e irmãos. Dois anos! Por fora, mantém a sua alegria característica, mas por dentro a incerteza dilacera-o. Sente-se desmoronar. Eliska, por outro lado, permanece radiante, perspicaz e parece muito segura do seu futuro. Addy sabe, instintivamente, que ela não será capaz de compreender o porquê de, de noite, ele sonhar com Radom e não com o Rio, o porquê de desejar tantas vezes ser capaz de acordar em casa, no seu velho quarto da rua Warszawska, apesar das circunstâncias. Desliza o polegar pela beira da chávena. Eliska também teve perdas, ele sabe disso. A partida do pai quando ela era jovem foi difícil para ela – e talvez por causa disso, convenceu-se de que é inútil viver no passado. O mundo de Eliska, começa Addy a compreender, não tem espaço para a retrospeção, para a dor.

Não precisas de escolher entre Radom e o Rio, recorda Addy a si mesmo. Pelo menos não para já. *Estás aqui, agora, numa ilha quase deserta na América do Sul, com uma mulher que amas.* Fecha os olhos, tentando por um instante imaginar a vida *sem* Eliska. Uma vida sem nada que o ligue às raízes europeias que partilham. Uma vida sem o seu sorriso, o seu toque, a sua inabalável

capacidade para encontrar alegria ao olhar em frente, em vez de olhar para trás. Mas não consegue.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Jakob e Bella

Às portas de Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ final de julho de 1941

Jakob e Bella agacham-se junto a uma parede de mantimentos, na parte de trás de um camião de entregas, os joelhos puxados contra o peito, encostados um ao outro para se apoiarem. Franka, os pais desta, Moshe e Terza, e o irmão dela, Salek, estão escondidos ao longo da parede oposta. À frente, o motorista pragueja. Os travões chiam quando começam a abrandar. Desde que deixaram Lvov só pararam duas vezes, para abastecer; de outra maneira, seguindo as instruções de Sol, avançaram sem parar para noroeste, em direção a Radom.

O camião está a abrandar. Através das paredes conseguem escutar vozes. Alemães.

– *Anhjalten!* Parem o veículo!

«Não pares», sussurra Jakob em voz alta. «Por favor não pares.» O que acontecerá se forem descobertos? Levam consigo documentos falsos, mas é óbvio que estão a ser transportados ilegalmente. Por que outra razão estariam escondidos?

Ao lado de Jakob, Bella permanece em silêncio, inabalável. É como se, desde que perdeu Anna, se tenha tornado imune ao medo. Jakob nunca a vi a tão

inconsolável. Faria qualquer coisa para a ajudar. Se ela ao menos falasse com ele. Mas consegue ver nos olhos dela; ainda é tudo demasiado doloroso, demasiado cru. Ela precisa de tempo.

Ele envolve-a com um braço, segurando-a mais perto de si ao mesmo tempo que o camião para, tecendo uma súplica mental. Irá oferecer a sua câmara aos alemães, decide, se lhes permitirem que continuem a viagem. Mas, tão depressa quanto parou, o camião arranca, com o motor a rugir. Guinam subitamente e, por um momento, parece que estão equilibrados em duas rodas. Sucumbindo à gravidade, as caixas começam a cair. No exterior, as vozes alemãs aumentam, furiosas e ameaçadoras. À medida que o camião acelera, uma saraivada de tiros é disparada através das paredes de madeira, poucos centímetros acima da cabeça de Jakob, deixando dois pequenos buracos no seu caminho. Por entre o caos, ele e Bella dobram os corpos entre os joelhos. Jakob segura a parte de trás da cabeça com uma mão e a de Bella com a outra, rezando enquanto o motor rosna e estala com o esforço. *Mais depressa. Conduz mais depressa.* O estalar dos disparos persegue-os muito tempo depois de os gritos se terem dissipado.

A princípio, Bella opusera-se à ideia de regressar a Radom, agarrando-se à esperança de que Anna ainda pudesse estar viva. «Tenho de encontrar a minha irmã», ripostara. Surpreendendo Jakob com a raiva no seu tom de voz. Quando se tornou suficientemente seguro para emergirem do esconderijo, descobriram que os alemães tinham montado campos de detenção em redor de Lvov onde qualquer pessoa que fosse considerada «suspeita» era detida indefinidamente. Bella ficara obcecada com a ideia de visitar aqueles campos, não fosse dar-se o caso de a irmã estar confinada num deles. Jakob não gostava da ideia de ela se aproximar de qualquer campo de detenção alemão, mas sabia que de nada serviria opor-se. E por isso, ao longo de uma semana, Bella foi fazendo as suas rondas, arriscando-se a ser ela própria detida. No final, não encontrou qualquer registo de Anna, nem do marido desta, Daniel. Foi através de um vizinho que soube, por fim, exatamente o que lhes aconteceu: Anna e Daniel também estavam escondidos, juntamente com o irmão de Daniel, Simon, quando os alemães invadiram Lvov. Na segunda noite do *pogrom*, um grupo de soldados da *Wehrmacht* entrara no apartamento deles com um mandado para deter Simon, chamando-lhe «ativista». Simon não estava lá – aventurara-se a sair em busca de comida. «Então levo-te a ti», disseram os soldados, agarrando Daniel pelo braço.

Ele não tivera outra opção senão partir e Anna insistira em ir com ele. O vizinho dissera que tinham sido levados dezenas de outros, que um amigo que vivia numa quinta próxima os vira a serem retirados de uma caravana de camiões e levados para o limite de uma floresta, ouvira os tiros, como fogo de artifício, até altas horas da noite.

Relutante e dolorosamente, Bella abdicou da sua busca, concordando por fim em aceitar a oferta de Sol de enviar um camião. Desde então, quase não falava.

O camião desacelera ligeiramente e Jakob ergue a cabeça. *Por favor, outra vez não.* Escuta procurando ouvir disparos, gritos, mas tudo o que consegue ouvir é o ronco do motor a diesel do camião. Fecha os olhos, rezando por que estejam a salvo. Rezando para que a vida no gueto seja melhor do que aquela que deixaram para trás em Lvov. É difícil imaginar que pudesse ser pior. Pelo menos estarão perto da família. O que resta dela.

Ao seu lado, Bella pergunta se regressarão com vida a Radom. Se o fizerem, terá de enfrentar os pais. Henri e Gustava foram enviados para o gueto mais pequeno de Glinice, em Radom, vários quilómetros fora da cidade. Terá de lhes dizer o que aconteceu à filha mais nova.

Passaram-se quase três semanas desde que Anna desapareceu. Bella fecha os olhos, sentindo a familiar dor no peito, profunda e oca, como se faltasse um pedaço de si. *Anna*. Há tanto tempo quanto se consegue lembrar, Bella imaginou os filhos a crescer ao lado dos de Anna – uma fantasia que lhe parecera quase inatingível quando, imediatamente antes do *pogrom*, esta lhe sugerira que ela e Daniel tinham notícias maravilhosas para partilhar. Por breves momentos, Bella afastara da mente a guerra e deixou que o sonho de criança, de primos criados lado a lado a invadisse. Agora, a irmã jamais terá filhos, nem conhecerá os dela. Novas lágrimas correm-lhe pela curva do maxilar, engolindo em seco esta verdade fria e incompreensível.

25 – 29 DE JULHO DE 1941: *Um segundo pogrom varre Lvov. Alegad amente organizado por nacionalistas ucranianos e encorajado pelos alemães, este pogrom, conhecido como os Dias de Petlura, tem por alvo judeus acusados de colaborarem com os soviéticos. Estima-se que tenham sido assassinados dois mil judeus.*

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Addy

Ilha das Flores, Brasil ~ 12 de agosto de 1941

– Que tipo de navio é este? – pergunta Eliska.

Addy localizara uma pequena embarcação cinzenta, nessa manhã, enquanto dava o seu passeio em redor da ilha. Mal Eliska acordou, levou-a até ao cais onde estava ancorada, para que a pudesse ver pessoalmente.

– Parece um navio da marinha.

– Achas que é para nós?

– Não consigo imaginar para quem mais possa ser.

Addy e Eliska imaginam cenários infindos sobre para onde o navio os poderá levar. Deixá-los-á no Rio de Janeiro, o «Destino» estampado nos seus bilhetes do *Alsina*, ao lado da data no início de fevereiro – há seis meses? Ou seria o navio apenas um meio para os conduzir a um navio de passageiros maior, com destino à Europa? No caso desta última hipótese, seriam levados de novo para Marselha? Ou deixados noutro local qualquer? Poderiam candidatar-se a novos vistos? E se assim fosse, haveria ainda navios de passageiros autorizados a navegar através do Atlântico, a partir da Europa?

Ao meio dia, os presos do *Alsina* são chamados à cantina, e as perguntas de Addy e Eliska recebem, por fim, uma resposta.

– Hoje é o vosso dia de sorte – anuncia um oficial vestido de branco, embora

seja difícil de perceber no tom da sua voz se está ou não a brincar.

Haganauer traduz.

– O presidente Vargas – continua o oficial – concedeu-vos autorização para prolongarem os vossos vistos.

Os refugiados suspiram em conjunto. Alguém dá um viva.

– Façam as malas – ordena o oficial. – Partiremos dentro de uma hora.

Addy sorri. Envolve Eliska nos braços e ergue-a do chão.

– Claro que, para que fique bem claro – acrescenta o oficial, levantando a palma da mão, como que para conter quaisquer festejos que estivessem prestes a desenrolar-se –, o presidente pode, *a qualquer altura* e *por qualquer razão*, revogar o privilégio.

– Há sempre uma cláusula – silva *madame* Lowbeer. Mas os refugiados não se importam. Foram autorizados a ficar. A cantina enche-se com o som enfático de mãos a bater em costas e o som de rostos a serem beijados, enquanto homens e mulheres se abraçam, rindo e chorando.

Duas horas depois, Addy e as Lowbeer encontram-se numa fila que serpenteia ao longo da doca da ilha. Os rumores acerca de quem, por fim, persuadiu Vargas a permitir que aquele grupo de refugiados, vagabundos e sem visto, entrasse no país passam sub-repticiamente de ouvido em ouvido, embora ninguém tenha a coragem para perguntar abertamente. O melhor é não abordar a questão.

Uma vez a bordo, Addy e Eliska guardam as malas, ajudam *madame* Lowbeer a encontrar um lugar coberto e dirigem-se à parte da frente da embarcação. Ali, agarrando a amurada metálica da proa, observam um elemento da tripulação desenrolar a corda de um cunho na doca. Um motor ganha vida, ronronando, e quando par tem, Addy olha uma última vez para a ilha minúscula que foi a sua casa nos últimos 27 dias. Parte dele sentirá a sua falta, apercebe-se, ao mesmo tempo que o navio se move, lentamente, em marcha-atrás, agitando as águas índigo que se tornam brancas. A ilha, com as suas fragrantes flores selvagens e infindável sinfonia de pássaros chilreantes, trouxe consigo uma sensação de calma. Na ilha das Flores, Addy não tinha nada para fazer a não ser andar, beber chá de erva-mate, e esperar. Quando chegar ao Rio, um homem

livre, o seu destino repousará de novo nas suas mãos. Terá de aprender a língua, candidatar-se a uma licença de trabalho, encontrar um lugar para morar, um emprego, uma maneira de se sustentar. Não será fácil.

O barco termina a sua meia-volta e fixa a proa para oeste, em direção ao continente. Addy e Eliska inspiram o ar salgado e inclinam os troncos sobre o mar tremeluzente, semicerrando os olhos na direção das cúpulas de granito do Pão de Açúcar que monta guarda à baía de Guanabara. A viagem é curta – quinze minutos no máximo –, mas os segundos passam devagar.

– Isto está mesmo a acontecer – declara Eliska com um imenso respeito, enquanto o navio atraca. – Toda a espera, toda a antecipação... é aqui que termina a viagem. Nem acredito que já se passaram sete meses desde que deixámos Marselha.

– Está mesmo a acontecer – ecoa Addy, puxando Eliska para si e inclinando-se para um beijo. Os lábios dela estão quentes, e quando ergue para ele o rosto, os seus olhos são de um azul brilhante, cristalino.

Ao desembarcar, os refugiados são conduzidos ao edifício de tijolo branco da alfândega e recebem ordem para esperar – uma tarefa quase impossível. Três horas depois, quando os seus papéis estão por fim em ordem, Addy, Eliska e *madame* Lowbeer emergem apressadamente do edifício da alfândega para a Avenida Rodrigues Alves. Addy chama um táxi, e num instante estão a acelerar para sul, em direção ao apartamento do tio de Eliska, em Ipanema.

Na manhã seguinte, Addy acorda, rígido por ter dormido no chão, com alguém a tocar-lhe no ombro.

–Vamos explorar! – sussurra-lhe Eliska, erguendo-se de um pulo, para preparar o café.

Addy veste-se e espreita por uma janela para as pedras da Rua Redentor e, em seguida, para o céu da manhã, fazendo tilintar algumas moedas que ainda tem no bolso. Está quase falido, e recusa-se a viver do dinheiro das Lowbeer. Mas o dia está soalheiro e estão meses atrasados para a celebração.

– *Vamos* – diz em português.

Eliska escreve um bilhete à mãe, prometendo regressar antes do pôr do sol.

– Para onde? – pergunta, quando emergem do prédio do tio. Addy percebe, pela maneira como saltita ao seu lado, quão encantada está por aprender tudo acerca da sua nova casa.

– Que tal Copacabana? – sugere, dizendo a si mesmo que não faz mal em participar na excitação de Eliska, em partilhar o seu entusiasmo acerca do que significa começar de novo. *Força*, *abraça-o. Ao menos*, *por ela.* Amanhã, poderá preocupar-se com um emprego, um apartamento, a sua família e o que irá fazer para os tentar localizar agora que chegou, por fim, a uma cidade com uma estação de correios. Uma cidade onde espera que lhe seja permitido ficar, indefinidamente.

– Copacabana. *Parfait!*

Caminham para sul, até à beira-mar e depois para leste, ao longo da linha costeira rendilhada de Ipanema, chegando passados alguns minutos a uma pedra gigantesca, em forma de elmo e à constatação de que nenhum deles sabe onde fica Copacabana. Eliska sugere que comprem um mapa, mas Addy aponta para uma mulher na praia que enverga o que parece ser um traje típico no Rio: fato de banho, túnica de algodão e sandálias de couro.

– Vamos perguntar-lhe – diz.

A mulher sorri perante a pergunta e levanta dois dedos, apontando para o indicador.

– *Aqui estamos em Ipanema* – explica em português. – *A próxima praia é Copacabana* – continua, apontando para uma pedra enorme no final da praia.

– *Obrigado* – diz Addy, acenando para indicar que compreende. – *Muito bonita* – acrescenta, varrendo a linha costeira com a palma da mão virada para cima, e a mulher sorri.

Addy e Eliska contornam a rocha chamada Arpoador e, passados alguns minutos, chegam ao extremo sul de uma longa enseada em meia lua – uma confluência perfeita de areia dourada e ondas cor de cobalto.

– Acho que chegámos – diz Addy baixinho.

– *Ces montagnes!* – sussurra Eliska.

Param por um momento, fitando a linha do horizonte dominada por pico após pico de ondulantes cumes verdes.

– Olha... pode subir-se ao cimo daquele – diz Addy, apontando para a cúpula mais alta, onde um teleférico se arrasta em direção ao cume.

Enquanto seguem o seu caminho, o passeio, um mosaico de pedras pretas e brancas, ondula sob os seus pés, num padrão que se assemelha a uma onda gigante. Addy fita a calçada durante algum tempo, espantado com o trabalho envolvido no assentar de tantas pedras que, vistas de perto, são surpreendentemente irregulares em forma e orientação. São os pontos onde o preto se encontra com o branco, nos limites perfeitos, que evocam uma sensação de harmonia. *Estamos a andar sobre uma obra de arte*, pensa Addy, olhando de relance para a linha da costa e imaginando como aquela cena seria vista pelos olhos da mãe, do pai, dos irmãos. *Teriam adorado isto*, pensa, e com a mesma rapidez com que lhe ocorreu aquele pensamento, sente-se inundado por uma torrente de culpa. Como é que ele pode estar ali – no paraíso! – enquanto a sua família está a ser sujeita sabe-se lá a que horror inimaginável? Uma sombra melancólica desliza pelo rosto dele, mas antes que se consiga instalar, Eliska aponta para a praia.

– Ao que parece, temos de trabalhar nos nossos bronzeados – diz, rindo acerca da sua própria tez, bronzeada de acordo com os padrões europeus, mas pálida em comparação com as das figuras tisnadas que brincam na areia com bolas de futebol.

Addy engole em seco, fitando o espetáculo e saboreando a alegria na voz de Eliska.

– Copacabana – sussurra.

– Copacabana – entoa Eliska, erguendo os olhos para ele, tomando-lhe o rosto nas palmas das mãos e beijando-o.

Addy derrete-se. Os beijos dela têm a capacidade para fazer parar o tempo. Quando os lábios de Eliska tocam nos dele, a sua mente pensante desvanece-se.

– Tens sede? – pergunta Eliska.

– Sempre – Addy acena com a cabeça.

– Também eu. Vamos beber qualquer coisa.

Param no passeio junto de um pequeno carrinho azul que vende refrescos por baixo de um chapéu-de-sol vermelho onde se lê *Bem-vindo ao Brasil!*

– Cocos! – grita Eliska. – Para comer ou beber? – Gesticula numa pantomima da diferença na esperança de que o vendedor compreenda.

O jovem brasileiro por baixo do chapéu-de-sol ri, divertido com o entusiasmo de Eliska.

– *Para beber* – diz em português.

– Aceita francos? – pergunta Addy, erguendo uma moeda.

O vendedor encolhe os ombros.

– Ótimo. Vamos levar um – diz Addy, e ele e Eliska observam, pasmados, enquanto o vendedor escolhe um coco, lhe corta o topo com um movimento rápido de um machete de 30 centímetros, deixa cair duas palhinhas no seu interior e lhes entrega o fruto.

– *Água de coco* – anuncia, triunfantemente.

Addy sorri.

– *É a primeira vez que visita o Brasil?* – pergunta o vendedor. Para as pessoas comuns, na rua, deve parecer que estão de férias.

– *Sim, primeira visita* – responde Addy, imitando a pronúncia do vendedor.

– *Bem-vindos* – diz o vendedor com um sorriso.

– *Obrigado* – responde Addy.

Eliska segura o coco, enquanto Addy paga. Voltam a agradecer ao vendedor antes de seguirem caminho pelo passeio de calçada. Eliska dá o primeiro gole.

– É diferente – diz, passado um instante, entregando o coco a Addy.

Ele segura-o com as duas mãos. É peludo e mais pesado do que estava à espera. Leva-o hesitantemente ao nariz, sentindo o seu cheiro delicado, a noz, voltando a olhar para o horizonte. *Iam adorar isto*, pensa, transmitindo o sentimento através do Atlântico. *Não é nada que se pareça com a nossa casa, mas iam adorar*. Dá um gole, saboreando o estranhamente leitoso, subtilmente doce e absolutamente estranho gosto da *água de coco* na sua língua.

30 DE JULHO DE 1941: *É assinado, em Londres, o Tratado Sikorski-Mayski, entre a União Soviética e a Polónia.*

12 DE AGOSTO DE 1941: *Os soviéticos concedem amnistias aos cidadãos polacos sobreviventes que tinham estado detidos em campos de trabalho por toda a Sibéria, Cazaquistão e Ásia Soviética, na condição de combaterem pelos soviéticos, agora do lado dos Aliados. Milhares de polacos iniciam um êxodo para o Uzbequistão, onde lhes dizem que está a ser formado um exército sob o novo comandante-em-chefe do exército polaco reformado (também conhecido como 2.º Corpo do Exército Polaco), o general Władysław Anders. O próprio Anders fora recentemente libertado, depois de ter passado dois anos detido na prisão de Lubyanka, em Moscovo.*

CAPÍTULO VINTE E SETE

Genek e Herta

Aktyubinsk, Cazaquistão ~ setembro de 1941

Deixaram o campo há três semanas, em agosto, quase um ano depois da sua chegada. Para Genek e Herta a viagem de Altynay recorda-lhes, em muitos aspetos, a que os levou até lá, mas desta feita as portas dos vagões de gado são deixadas abertas, e os doentes são muito mais do que os sãos. Dois dos vagões traseiros foram designados vagões dos doentes, para aqueles que padecem de malária e tifo, e em 21 dias, mais de uma dúzia deles pereceu. Genek, Herta e Józef conseguiram evitar a doença – usam lenços a tapar as bocas e os narizes e mantêm Józef, com seis meses, enfiado numa faixa de tecido ao peito de Herta, durante tantas horas quantas ele seja capaz de suportar. Famintos e com privação de sono, fazem o que podem por permanecerem otimistas – afinal de contas, já não são prisioneiros.

– Onde estamos? – pergunta-se em voz alta um dos exilados, quando o comboio abranda até parar.

– O letreiro diz «Ak-ty-ubinsk» – responde alguém.

– Onde raio fica Aktyubinsk?

– No Cazaquistão, acho eu.

– Cazaquistão – sussurra Genek, e levanta-se para espreitar, a partir do vagão do gado, para o que o rodeia: uma terra que lhe é tão estranha quanto o luxo de uma casa de banho, uma camisa lavada, uma refeição decente, uma noite de sono confortável. A estação parece-se com todas as outras: sem nada que a distinga, com uma comprida plataforma de madeira polvilhada pelo ocasional candeeiro a gás de ferro forjado.

– Alguma coisa para ver? – pergunta Herta. Está sentada no chão e, com Józef a dormir nos seus braços, sente-se relutante em mexer-se.

– Não muito.

Genek está prestes a regressar ao seu lugar ao lado de Herta quando algo lhe chama a atenção. Inclinando a cabeça pela porta do vagão, pestaneja, e depois volta a pestanejar. *Raios me partam*. Vários metros mais abaixo, na plataforma,

dois homens empurram um carrinho de mão carregado com o que parece ser pão acabado de fazer. Não é, contudo, o pão o que mais o entusiasma. São os emblemas de águias brancas bordados nos chapéus de quatro bicos dos oficiais. São soldados polacos. Polacos!

– Herta! Tens de ver isto!

Ele ajuda Herta a levantar-se e ela espreme-se ao seu lado, junto à porta, onde mais meia dúzia de homens se reuniram para ver o que Genek viu. Havia, sem dúvida, soldados polacos em Aktyubinsk. A esperança explode no peito de Genek. Atrás dele, alguém dá vivas e, num instante, a atmosfera no vagão fica elétrica. A porta é destrancada e os exilados emergem, sentindo-se mais ágeis do que se sentiam há vários meses.

– Um pão por cabeça – dizem os tenentes de duas estrelas num polaco inconfundível, quando enxames de corpos, esqueléticos, rodeiam os carrinhos. Um segundo par de soldados segue atrás, empurrando uma cintilante urna de prata inscrita com irregulares letras cirílicas: kofe. Há dois anos, Genek teria torcido o nariz perante a ideia de beber café de grão. Mas, naquele dia, não consegue pensar em oferta mais perfeita. A bebida é quente e doce e, acompanhada pelo pão ainda quente, ele e Herta bebem-na com entusiasmo.

Os exilados estão a fervilhar de perguntas. «Porque estão aqui? Há um campo do exército por perto? Vamos alistar-nos agora?»

Os tenentes por trás dos carrinhos abanam as cabeças.

– Aqui, não – explicam. – Os campos são em Wrewskoje e em Tashkent. O nosso trabalho é apenas alimentar-vos e garantir que seguem o vosso caminho para sul. Todo o exército polaco na URSS está em movimento. Reorganizar-nos-emos na Ásia Central.

Os exilados acenam, os seus rostos ensombrando-se quando se ouve o apito do comboio. Não querem partir. Sobem com relutância para os vagões e inclinam-se sobre os carris, à medida que o comboio se afasta, acenando furiosamente. Um dos tenentes ergue dois dedos numa saudação polaca, suscitando um rugido por entre os exilados que respondem em massa à saudação, os seus corações correndo ao som do *claque-claque-claque* das rodas do comboio, à medida que este vai ganhando velocidade. Genek abraça Herta, beija o topo da cabeça de Józef, e sorri, o seu espírito alimentado pela imagem

dos seus conterrâneos em traje militar, pelo *kofe* que lhe aquece o sangue, pelo pão nas suas barrigas, pelo vento no seu rosto.

O pão e o café na estação de Aktyubinsk revelar-se-iam o mais próximo de uma refeição que encontrariam na viagem. Enquanto aceleram em direção ao Uzbequistão, os exilados passam dias sem comer. Genek e Herta não fazem ideia de quando o comboio poderá parar. Quando este para, *por fim*, aqueles que têm algo para trocar ou algumas moedas no bolso negoceiam com os locais, que de aproximam dos carris com cestos repletos de alimentos deliciosos nos braços – pães *lepyoshka* redondos, iogurte *katik*, sementes de abóbora, cebolas roxas, e, mais a sul, meloas, melancias e alperces secos. Quase todos os exilados, contudo, incluindo Genek e Herta, sabem que não devem perder tempo a fitar, famintos, os alimentos que não podem pagar – em vez disso, quando o comboio para, saltam dos vagões e fazem fila para usar a casa de banho e a torneira – ou uma *kipyatok*, como lhes chamam os uzbeques – esperando, enquanto os restos secos e vazios das sementes *semyechki* redemoinham aos seus pés, escutando atentos o silvo de vapor, o primeiro movimento do motor do comboio, indicando que a sua boleia está prestes a partir, como tantas vezes acontece, sem aviso. Mal ouvem o comboio agitar-se, estala uma corrida para regressarem ao vagão, quer tenham tido ou não tempo de usar a casa de banho ou encher os baldes de água. Ninguém quer ficar para trás.

Ao fim de mais três semanas de viagem, Genek está, finalmente, numa fila no centro de recrutamento improvisado, em Wrewskoje. Um jovem oficial polaco está sentado à secretária.

– A seguir! – grita o oficial. Genek avança, só dois homens o separam do seu futuro no 2.º Corpo do Exército Polaco. A fila dava duas voltas ao pequeno quarteirão quando nela tomou lugar nessa manhã, mas não se importou. Pela primeira vez desde que se lembra, sente que tem um propósito. Talvez, pensa, aquele sempre fora o seu destino, lutar pela Polónia. Quando muito, é uma oportunidade para se redimir – para corrigir a má decisão que lhe custara, e a Herta, um ano das suas vidas.

Genek ainda não sabe quando ou onde se deverão apresentar ao serviço os

recrutas aceites. Espera que a sua estadia no Uzbequistão não seja demorada. O apartamento de uma só divisão que lhes foi atribuído, embora melhor do que os blocos onde residiam em Altynay, é quente, sujo e repleto de roedores. Ele e Herta passaram as primeiras noites a serem despertos pela sensação desconcertante de pés minúsculos a correrem-lhes pelo peito.

– Tem de haver algum engano – diz o recruta na frente da fila.

– Lamento – responde-lhe o oficial atrás da secretária.

Genek inclina-se para escutar.

– Não, tem de ser um erro.

– Não, senhor, temo que não seja – O oficial abana a cabeça, como se pedisse desculpas. – O exército de Anders não está a aceitar judeus.

O estômago de Genek salta. *O quê?*

– Mas... – O homem gagueja –, quer dizer que vim até aqui... mas *porquê* ?

Genek observa enquanto o oficial ergue uma folha de papel e lê:

– «De acordo com a lei polaca, uma pessoa de herança judaica pertence não à Polónia, mas a uma nação *judaica*.» Lamento. – Di-lo sem malícia, mas com uma eficiência que sugere que está ansioso por prosseguir.

– Mas o que devo...

– Lamento, não é da minha competência. A seguir, por favor.

Com a questão encerrada, o homem desliza da fila, balbuciando num sussurro.

Não são aceites judeus no exército de Anders. Genek abana a cabeça. Não se espantaria se os alemães privassem um judeu do direito de lutar pelo seu país, mas os polacos? Se não se puder alistar, quem sabe como ele e Herta conseguirão sobreviver. O mais provável é que sejam de novo lançados aos lobos, a uma vida de trabalhos forçados. Para o diabo com isso, Genek espuma.

– A seguir, por favor.

Uma só pessoa o separa, agora, do oficial na secretária de recrutamento, dos documentos que lhe será pedido que preencha. Fecha as mãos em punhos cerrados. Pérolas de suor acumulam-se na sua testa. *Aquele formulário é fundamental,* declara uma voz dentro de si. *É uma questão de vida ou morte. Já*

aqui estiveste antes. Pensa. Não vieste até aqui para ser mandado para trás.

– A seguir, por favor.

Antes que o homem à sua frente se possa afastar da secretária, Genek baixa o boné sobre a testa e abandona silenciosamente a fila. Andando sem destino pela cidade seca, em desintegração, a sua mente corre veloz. Acima de tudo, sente-se furioso. Ali está ele a oferecer a sua força, senão mesmo a sua vida, para combater pela Polónia. Como se atreve o seu país a privá-lo daquele direito por causa da sua religião! Nem sequer estaria naquela confusão se não se tivesse *rotulado* teimosamente como polaco. Quer gritar, dar murros na parede. Mas depois pensa no ano que passara em Altynay, e ordena a si mesmo que pense com clareza. *Preciso do exército,* recorda a si mesmo. *É a única saída.*

Para numa esquina, junto à entrada de uma pequena mesquita. Fixando o olhar na sólida cúpula dourada, ocorre-lhe um nome. Andreski.

No papel, Genek e Otto Andreski pouco têm em comum. Otto é um católico devoto – um antigo trabalhador fabril com um perpétuo franzir de sobrolho e um peito tão grande com um bombo; Genek é um judeu esguio, com covinhas, que passou a sua carreira, até há pouco tempo, atrás de uma secretária num escritório de advogados. Otto é um bruto, Genek, um adulador. Mas, apesar das suas diferenças, a amizade que os homens forjaram nas florestas da Sibéria é sólida. Recentemente, nos poucos momentos de tempo livre, tinham ganhado o hábito de atirar um dado talhado à mão, ou de jogar *kierki* no baralho de cartas de Genek, que se encontra agora pateticamente gasto pelo uso excessivo, mas que se conseguira manter completo, de alguma maneira. Herta e Julia Andreski também se tornaram próximas; descobriram, até, que haviam competido em equipas de esqui rivais na universidade.

– Preciso que me ensines a ser Católico Apostólico Romano – pede Genek, mais tarde, nessa noite. Acabara de explicar a Otto e Julia o que tinha acontecido no centro de recrutamento. – A partir de agora – anuncia –, se alguém perguntar, eu e Herta somos católicos.

Genek é um bom aluno. Em poucos dias, Otto ensinou-lhe a recitar o *Pai Nosso* e a *Avé Maria*, a fazer o sinal da cruz com a mão direita, não com a esquerda, a papaguear o nome do Papa reinante, Pio XII, nascido, Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli. Uma semana depois, quando Genek consegue, por

fim, reunir coragem para regressar ao centro de recrutamento, saúda o jovem oficial por trás da secretária com um forte aperto de mão e um sorriso confiante. Os seus olhos azuis estão firmes e a mão não treme quando inscreve as palavras *Católico Apostólico Romano* na caixa marcada RELIGIÃO no formulário de recrutamento. E quando o seu nome, juntamente com o de Herta e Józef como membros da família, é acrescentado à lista de membros oficiais do 2.º Corpo do Exército Polaco de Anders, agradece ao oficial com uma continência e um «Deus o abençoe».

Na véspera do seu primeiro dia oficial como novos recrutas, Otto convida Genek e Herta para o seu apartamento, para celebrarem. Genek leva o baralho de cartas, passam entre si a vodca que Otto guardara em segredo, bebendo pequenos goles da garrafinha amolgada entre lances de *oczko*.

– Aos nossos novos amigos cristãos – brinda Otto, bebendo um gole e passando a garrafinha a Genek.

– Ao Papa – acrescenta Genek, dando um gole e entregando a vodca a Herta.

– A um novo capítulo – diz Herta, olhando de relance para Józef, que dorme num pequeno cesto ao seu lado, e por um momento os quatro permanecem em silêncio, enquanto cada um deles se pergunta o que lhes reservarão exatamente os próximos meses.

– A Anders – trauteia Julia, aligeirando o ambiente, levando a mão à garrafinha e erguendo-a vitoriosa sobre a cabeça.

– A ganharmos a merda da guerra! – ruge Otto, e Genek ri-se, pois a ideia de ganhar uma guerra que está a ser travada a mundos de distância de Wrewskoje, uma poeirenta cidade na Ásia Central, cujo nome quase não conseguem pronunciar, parece tão improvável quanto absurda.

A vodca volta a chegar a Genek.

– *Niech szczęście nam sprzyja* – avança, erguendo a garrafinha. *Que a sorte esteja do nosso lado.* Parece que têm tido falta de sorte. E algo lhe diz que vão precisar dela.

7 DE DEZEMBRO DE 1941: *O Japão bombardeia Pearl Harbor.*

11 DE DEZEMBRO DE 1941: *Adolf Hitler declara guerra aos Estados Unidos; no mesmo dia, os Estados Unidos declaram guerra à Alemanha e à Itália. Um mês de pois, chegam as primeiras força s americana s à Europa, desembarcando na Irlanda do Norte.*

20 DE JANEIRO DE 1942: *Na Conferência de Wannsee em Berlim, o diretor do Reich, Reinhard Heydrich, delineia o plano da «Solução Final» para de portar os milhões de judeus que permanecem nos territórios conquistados pelos alemães para os campos de extermínio a leste.*

CAPÍTULO VINTE E OITO

Mila e Felicia

Arredores de Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ março de 1942

Está calor dentro do vagão, apesar do frio ar de março que lhes bate no rosto através da janela aberta. Mila e Felicia encontram-se de pé há mais de uma hora, demasiado apertadas para se sentarem, mas o estado de espírito é animado, quase inebriado de excitação. Sussurros de liberdade, de como poderá ser, a que poderá saber, circulam através do vagão. São os poucos afortunados, os cerca de 40 judeus do gueto de Wałowa que entraram na lista: médicos, dentistas, advogados – *os profissionais mais liberai s e instruídos de Radom* – escolhidos para emigrar para a América.

Mila sentiu-se cética a princípio. Todos sentiram. A América declarara guerra às potências do Eixo em dezembro. Tinham enviado tropas para a Irlanda em janeiro. Porque haveria Hitler de enviar um bando de judeus para um país que se autoproclamara seu inimigo? Mas enviara um grupo para a Palestina no mês anterior, e apesar do que todos pensavam – que certamente os judeus tinham sido enviados, não para a Palestina, mas para a morte, – haviam começado a circular rumores no gueto, de que chegaram em segurança a Telavive. E, por isso, quando a oportunidade se apresentou, Mila apressou-se a juntar o seu nome à lista. Acreditava naquilo: era a sua oportunidade.

Felicia aperta com os braços a coxa de Mila, dependendo do equilíbrio da

mãe para se manter de pé.

– O que vês agora, *mamusiu*? – pergunta. A mesma questão repetida de poucos em poucos minutos. É demasiado pequena para conseguir ver através da janela.

– São apenas árvores, meu amor. Macieiras. Pastos.

De quando em vez, Mila levanta-a e encaixa-a na sua anca, para que Felicia consiga ver. Explicou-lhe para onde vão, mas a palavra *América* pouco significa para a mente de três anos e meio de Felicia. «Então e o pai?», perguntara quando Mila lhe contara o seu plano, e o sentimento que a preencheu quase lhe partira o coração. Embora não tenha recordações dele, Felicia temia que Selim regressasse a Radom e descobrisse que ela e a mãe haviam desaparecido. Garantiu à pequena, o melhor que pôde, que comunicaria a nova morada mal chegassem à América, que Selim se encontraria lá com elas, ou que elas regressariam à Polónia uma vez terminada a guerra. «Acontece que, neste momento», dissera, «ficar aqui não é seguro.» Felicia acenara com a cabeça, mas Mila sabia que era difícil para a criança perceber tudo aquilo. A própria mãe não fazia, verdadeiramente, ideia do que esperar.

A única coisa que *era* inegavelmente clara era quão perigosa se tornara a vida no gueto para Felicia. Escondê-la naquela saca com restos de tecido – e depois afastar-se – fora a coisa mais difícil que Mila alguma vez fizera. Nunca esqueceria o tempo que permanecera no exterior da fábrica, enquanto esperava que as SS terminassem rusga, rezando para que Felicia permanecesse quieta como lhe pedira, rezando para que os alemães passassem por ela, rezando para que tivesse feito a coisa certa ao deixar ali a sua pequena, sozinha na oficina. Quando as SS partiram e Mila e os outros foram autorizados a regressar às suas mesas, Mila correu para a parede de pedaços de tecido, quase histérica, derramando quentes lágrimas de gratidão ao retirar a filha, trémula e molhada, da saca.

Mila jurou nesse dia, ainda na fábrica, que encontraria um local mais seguro para Felicia se esconder – algures fora do gueto, onde as SS não pensassem em procurá-la. Há alguns meses, em dezembro, enfiara a filha dentro de um colchão cheio de palha e sustivera a respiração, enquanto lançava o colchão pela janela do segundo andar. O edifício ficava no perímetro do gueto. Isaac aguardava em

baixo. Sendo membro da Polícia Judaica, era-lhe permitido sair das muralhas do gueto. O plano era que levasse Felicia para casa de uma família católica, onde pudesse viver, sob os seus cuidados, fazendo-se passar por ariana. A aterrorizante queda do segundo andar, felizmente, foi um sucesso. O colchão amparou a queda de Felicia como era suposto. Mila chorou contra o punho cerrado, ao ver Isaac a conduzir a filha para longe pela mão, tão petrificada por entregar a filha aos cuidados de outros como aliviada por Felicia ter sobrevivido à queda. No entanto, qualquer coisa seria mais segura do que o gueto, onde as doenças se espalhavam como fogos descontrolados, e onde todos os dias, aparentemente, um judeu sem os documentos adequados, ou demasiado velho, ou demasiado doente, era descoberto e morto – com um tiro na cabeça ou espancado e deixado como morto, nas ruas, para que todos pudessem ver. Fizera a coisa certa, repetiu Mila para si mesma, nessa noite, incapaz de dormir.

No dia seguinte, contudo, Mila encontrou um bilhete de Isaac por baixo da porta do seu apartamento – *Oferta recusada*, lia-se. *Encomenda será devolvida às 22h.* Mila jamais saberia o que correu mal, se a família mudara de ideias ou se o aspeto de Felicia fora considerado demasiado judeu para passar por filha deles. Às dez dessa noite, foi devolvida ao gueto, agarrando-se com os nós dos dedos brancos a uma corda feita com lençóis que pendia da mesma janela do segundo andar. Para piorar as coisas, uma semana depois, febril e com falta de ar, foi diagnosticado a Felicia um caso grave de pneumonia. Mila nunca desejara com tanto ardor o regresso de Selim – decerto ele cuidaria da filha deles de um modo mais eficaz do que qualquer um dos médicos na clínica de Wałowa. A recuperação de Felicia foi lenta; por duas vezes Mila achou que poderia perdê-la. No final, foi o vapor de um ramo de eucalipto fervido, que Isaac conseguira contrabandear, que lhe abriu as vias respiratórias, permitindo-lhe voltar a respirar e, por fim, sarar.

Alguns dias depois de Felicia estar de novo a pé, as SS anunciaram que iriam enviar um grupo seleto de judeus de Wałowa para a América. E agora, ali estavam. Mila tenta imaginar o que significará ser *americana*, pensando em casas quentes com dispensas repletas e crianças, felizes e saudáveis, e ruas onde, judeus ou não, tinham a liberdade para andar e trabalhar e viver como toda a gente. Pousando a mão sobre a cabeça de Felicia, observa as cúpulas sem folhas das faias acelerarem fora da janela do vagão. É uma perspetiva entusiasmante, a

ideia de uma nova vida nos Estados Unidos. Mas claro que também é devastadora, pois significa deixar a família para trás. Mila sente um aperto na garganta. Despedir-se dos pais no gueto quase lhe minou a determinação. Leva a mão ao estômago onde a dor ainda é forte, como uma facada recente. Tentara com afinco convencer os pais a juntarem os nomes à lista, mas eles tinham recusado. «Não», disseram, «não vão aceitar um par de velhos lojistas. Vai tu», insistiram. «Felicia merece uma vida melhor do que esta.»

Na sua cabeça, Mila faz um inventário dos valores dos pais. Estão reduzidos a vinte zlotys, e venderam a maior parte das suas porcelanas, sedas e pratas. Têm um rolo de renda, que poderiam negociar em caso de necessidade. E claro, a ametista – felizmente, Nechuma ainda não a vendera. E, melhor do que qualquer riqueza, agora têm Halina. Ela e Adam tinham regressado a Radom, não muito depois de Jakob e Bella chegarem. Vivem fora dos muros do gueto, com as suas identificações falsas, e com a ajuda de Isaac conseguem enviar para o gueto, de quando em vez, um ovo ou alguns zlotys. Os pais também têm Jakob por perto. O seu plano, disse a Mila antes de esta partir, era candidatar-se a um emprego na fábrica, fora da cidade, onde trabalhava Bella. Ficaria a menos de vinte quilómetros de distância e prometia visitar Sol e Nechuma com frequência. Os pais não estavam sós, recorda Mila a si mesma, e isso trazia-lhe algum conforto.

No exterior ouvem-se silvos, travões a guinchar. O comboio abranda. Espreita pela janela, surpreendida por não ver mais nada a não ser campos abertos de ambos os lados da via. *Um estranho local para pararmos*. Talvez estejam à espera de um outro comboio que os transporte o resto do caminho para Cracóvia, onde, segundo lhes foi dito, um grupo de americanos da Cruz Vermelha os acompanhará até Nápoles. A por ta abre-se e ela e os outros recebem ordem para descer. No exterior do vagão, os olhos de Mila seguem o comprimento dos carris que se estendem à sua frente; estão vazios. O estômago contrai-se. E, no preciso instante em que se apercebe de que há algo de errado, o grupo é rodeado por um bando de homens. Compreende de imediato que são ucranianos. Entroncados, ruivos e de peito largo, em nada se parecem com os alemães de feições afiadas que os enfiaram no vagão algumas horas antes, na estação de Radom. Os ucranianos gritam ordens, e Mila aperta com mais força a mão de Felicia, as dificuldades em que se encontram imediata e horripilantemente óbvias. *Claro*. Como pode ter sido tão ingénua? Eles tinham-

se *voluntariado* para aquilo, pensando tratar-se de um bilhete para a liberdade. Felicia olha para ela, os olhos muito abertos, e Mila tem de recorrer a todas as suas forças para impedir que os joelhos cedam. Fora uma decisão sua. Ela colocara-as naquela situação.

O grupo é distribuído por duas filas, obrigado a marchar vinte metros pelo campo, e são-lhes entregues pás. «Cavem!» grita um dos ucranianos em russo, as mãos em redor da boca para substituir um megafone, o cano metálico da sua espingarda refletindo os raios do sol da tarde. «Cavem ou disparamos!»

À medida que os judeus começam a cavar, os ucranianos andam em círculos à sua volta, os dentes expostos como cães selvagens, a ladrar ordens ou insultos por cima dos ombros. «Vocês com as crianças», grita um deles, Mila e outros três judeus com crianças ao seu lado levantam os olhos. «Trabalhem mais depressa. Vão cavar dois buracos.»

Mila dá indicações a Felicia para que esta se sente aos seus pés. Mantém o queixo baixo, com um olho sempre fixo na filha. De quando em vez, lança um olhar pelos restantes. Alguns soluçam, as lágrimas correndo silenciosamente pelos seus rostos e pingando na terra fria por baixo deles. Outros parecem entorpecidos, os olhos vidrados, derrotados. Ninguém levanta a cabeça. Ninguém fala. O único som que enche o ar fino de março é o raspar do aço contra a terra fria e dura. Depressa, as mãos de Mila estão gretadas e a sangrar, as costas estão molhadas de suor. Tira o casaco de lã e pousa-o no chão ao seu lado; em poucos segundos, é agarrado e lançado para um monte de roupas ao lado do comboio.

Os ucranianos continuam a manter uma vigilância apertada, assegurando-se de que as mãos estão em movimento e os corpos ocupados. Um oficial com um uniforme de capitão observa a cena a partir da sua posição no comboio. Parece ser alemão, SS. *Oberstumfüherer*, talvez – Mila já começou a reconhecer os diferentes postos militares nazis pelas suas insígnias, mas está demasiado longe para perceber exatamente que posição é ocupada por aquele homem. Seja quem for, é óbvio que se trata da pessoa encarregue da situação. O que lhe terá passado pela cabeça, pergunta-se Mila, quando lhe foi atribuída aquela função? Faz uma careta, quando o seu peso sobre o punho de madeira da pá arranca mais um pedaço de pele do tamanho de uma moeda da palma da sua mão. Recusa-se a ter

pena de si mesma. Com a terra quase gelada, o seu progresso é lento. *Ótimo*. Ganhará tempo. Mais alguns minutos na terra que poderá passar com a filha.

– *Mamusiu* – sussurra Felicia, puxando pelas calças de Mila. Está sentada, de pernas cruzadas, aos pés da mãe. – *Mamusiu*, olha.

Mila segue o olhar de Felicia. Um dos judeus do campo deixou cair a sua pá e avança em direção ao alemão junto do comboio. Mila reconhece-o, é o Dr. Frydman, um proeminente dentista de Radom antes da guerra. Selim costumava vê-lo. Alguns ucranianos também se apercebem e empunham as suas espingardas, apontando na sua direção. Mila sustém a respiração. *Vai fazer com que o matem!* Mas o capitão faz sinal aos subordinados para que baixem as armas.

Mila expira.

– O que aconteceu? – sussurra Felicia.

– Chiu-chiu, *chérie*. Está tudo bem – Mila respira ao mesmo tempo que empurra com um pé a lâmina da pá. – Fica quieta, está bem? Fica onde estás, onde te consiga ver. Adoro-te, minha querida menina. Fica perto de mim. – Mila observa enquanto o Dr. Frydman fala com o alemão. Parece estar a falar depressa, tocando no rosto. Ao fim de um minuto, o capitão acena com a cabeça e aponta por cima do ombro. O Dr. Frydman baixa o queixo e depois avança rapidamente para um vagão vazio e sobe para o interior. *Foi poupado*. Mas porquê? Em Radom, os judeus do gueto estão constantemente a ser chamados para ajudar os alemães, talvez, pensa Mila, o Dr. Frydman tenha feito algum trabalho de dentista para o capitão no passado, e o alemão se tenha apercebido de que voltará a necessitar dos seus serviços.

O estômago de Mila revolta-se. Ela não fez favores nenhuns. Faria melhor se agarrasse em Felicia e tentasse fugir. Olha de relance para a linha das árvores, mas fica duzentos metros para lá dos carris. Não. Não podem fugir. Seriam mortas a tiro num instante.

Um vento forte levanta uma nuvem de pó por trás do campo, e Mila inclina-se sobre a pá, os olhos secos, pestanejando enquanto contempla a sua realidade: não tem favores a cobrar. Não tem para onde fugir. Estão presas.

Enquanto a sua mente se concentra no inevitável, um tiro corta o ar. Ela vira a

cabeça a tempo de ver um homem, a uma fila de distância dela, a cair para o chão. *Terá tentado fugir?* Mila tapa a boca, e olha de imediato para Felicia. «Felicia!» Mas a filha está petrificada, os olhos colados ao homem que jaz de rosto no chão na terra, ao sangue que jorra da parte de trás do seu crânio. «Felicia!», repete Mila.

Por fim, a filha vira-se. Os seus olhos estão enormes, a voz minúscula.

– *Mamusiu*? Porque é que eles...

– Querida, olha para mim – suplica Mila. – Olha para mim, apenas para mim. Vai ficar tudo bem. – Felicia está a tremer.

– Mas porque...

– Não sei, meu amor. Anda. Senta-te mais perto. Aqui mesmo, ao lado da minha perna e olha para mim. Está bem? – Felicia aproxima-se mais da perna da mãe e Mila estica rapidamente o braço para lhe dar a mão. Felicia assim faz e Mila curva-se rapidamente para a beijar. – Está tudo bem – sussurra.

Quando se levanta, o ar está cheio de gritos.

– Quem será o próximo a fugir? – pergunta uma voz provocatória. – Estão a ver? Estão a ver o que acontece? Quem será o próximo?

Felicia levanta a cabeça, os olhos rasos de lágrimas a olhar para a mãe, e Mila morde o interior da bochecha para não ceder. Não pode chorar, não agora, não à frente da filha.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Jakob e Bella

Fábrica Armee-Verpflegungs-Lager (AVL), arredores de Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ março de 1942

Jakob acena com um lenço quando se aproxima da entrada da fábrica.

– *Schießen Sie nicht!* Não disparem! – arqueja, a respiração indo e vindo num *staccato* de curtas baforadas. Correu quase dezoito quilómetros, transportando consigo a mala e a máquina fotográfica para ali chegar, e está terrivelmente em baixo de forma. Os músculos do braço direito ficarão doridos durante uma semana e as plantas dos pés estão inchadas e com feridas devido à viagem, mas ainda nem se apercebeu.

Um guarda das SS pousa a mão na pistola e olha na direção de Jakob com os olhos semicerrados.

– Não dispare – suplica de novo Jakob quando se aproxima o suficiente para entregar o seu documento de identificação. – Por favor, vim ver a minha esposa. Ela... – Olha de relance para o punhal que pende de uma corrente no cinto do guarda e, de súbito, sente a língua presa – *Elastáminhaspera*. – Parece uma única palavra.

O guarda estuda os documentos de Jakob. São os seus papéis verdadeiros; no gueto e ali, na fábrica, não vale a pena fazer-se passar por quem não é.

– De... – pergunta o guarda, estudando o documento de identificação de Jakob, embora soe mais como uma afirmação do que como uma pergunta.

– Radom.

– Idade.

– 26.

– Data de nascimento.

– Um de fevereiro. 1916.

O guarda interroga Jakob até ter a certeza de que é o jovem que os documentos dizem que é.

– Onde está o teu *ausweis*?

Jakob engole em seco. Não tem nenhum.

– Eu pedi um, mas... por favor, vim falar com a minha esposa... são os pais dela, estão muito doentes. Ela tem de saber. – Jakob pergunta-se se a mentira é tão óbvia quanto lhe parece na língua. O guarda aperceber-se-á decerto. – Por favor – implora Jakob. – É grave. – Uma película de suor cobre-lhe a testa; esta brilha por baixo da luz forte do sol do meio-dia.

O guarda fita-o, sério, por um momento.

– Fica aqui – acaba por resmungar. Apontado com os olhos para o chão, antes de desaparecer através de uma porta não identificada.

Jakob obedece. Pousa a mala a seus pés e espera, torcendo nas mãos o seu chapéu de feltro. A última vez que viu Bella foi há cinco meses, em outubro, imediatamente antes de ela ter sido colocada na fábrica Armee-Verpflegungs-Lager, a que todos se referiam simplesmente como AVL. Nessa altura, estavam a viver com os pais dela no gueto de Glinice, ao fundo da rua da fábrica. Bella ainda estava destroçada. Os dias eram longos e infelizes, e havia pouco que ele pudesse fazer para a confortar, enquanto ela descia às profundezas do desespero devido à perda da irmã. Jakob jamais esqueceria o dia em que ela partira. Ficara à entrada do gueto, os dedos a envolver as barras de ferro do portão, observando-a ser escoltada para um camião que aguardava. Bella virara-se antes de subi r, a sua expressão carregada de tristeza, e Jakob lançara-lhe um beijo e vira-a, com os olhos molhados, levar as mãos aos lábios; não conseguira perceber se ela

pretendera lançar-lhe também um beijo ou se a mão fora erguida para se impedir de chorar.

Pouco depois de Bella ter partido para a fábrica, Jakob pediu para ser transferido para o gueto de Wałowa para viver com os pais. Ele e Bella iam-se falando por carta. Ler as palavras dela trazia-lhe alguma paz – ela mal falara desde o desaparecimento de Anna, mas, aparentemente, a caneta e o papel tornavam-lhe as coisas mais fáceis. Na AVL, dizia Bella, tinha-lhe sido atribuído um trabalho a remendar botas em pele e coldres danificados da frente alemã. «Devias juntar-te a mim», insistira na carta mais recente. «O capataz é tolerável. E há muito mais espaço nos dormitórios da fábrica do que no gueto. Sinto a tua falta. Muito. Por favor, vem.»

Jakob soube, ao ler aquelas palavras – *sinto a tua falta* – que encontraria uma maneira de estar com ela. Significaria deixar os pais, mas eles tinham Halina para cuidar deles. Documentos de identificação falsos, caso fossem necessários. Uma pequena reserva de batatas, farinha e alguma couve, que a mãe acumulara antes do inverno. A ametista. Ele estaria perto. Dezoito quilómetros. Escrever-lhes-ia, visitá-los-ia se precisassem, calculou.

Havia também o seu trabalho, contudo, e a perspetiva de o deixar era assustadora. No gueto, um emprego era uma tábua de salvação – aqueles que eram considerados hábeis o suficiente para trabalhar, eram, em grande medida, merecedores de continuar a viver. Quando os alemães descobriram que Jakob sabia como operar uma câmara, atribuíram-lhe uma posição como fotógrafo. Todas as manhãs, era-lhe permitido sair pelos portões em arco de Wałowa para tirar fotografias a tudo aquilo que o seu supervisor pedisse – armas, armeiros, uniformes, por vezes, até mulheres. De quando em vez, o seu supervisor recrutava um par de raparigas polacas louras que, por alguns zlotys ou uma refeição, tinham todo o gosto em posar para Jakob, nada envergando senão uma pele gasta guardada para esse efeito. Quando regressava, ao fim do dia, entregava o filme, sem qualquer ideia de quem iria ver as suas fotografias ou porquê.

Aquele dia, contudo, seria diferente. Recebera a sua missão como sempre, mas deixara o gabinete do seu supervisor com os bolsos cheios de cigarros Yunak e uma missão que não iria completar. Se for obrigado a regressar a

Wałowa, com o rolo de filme ainda em branco, o mais provável é que o seu plano lhe custe a vida.

Jakob olha para o relógio. São duas da tarde. Dentro de três horas, o seu chefe aperceber-se-á de que desapareceu.

As portas da fábrica abrem-se e Bella aparece, envergando as mesmas calças azuis escuras e camisa de colarinho branco que tinha vestidas ao partir. Um lenço amarelo cobre-lhe praticamente todo o cabelo. Ela sorri ao vê-lo e o coração de Jakob enternece-se. Um sorriso.

– Olá, raio de sol – cumprimenta-a ele. Abraçam-se rapidamente.

– Jakob! Não sabia que vinhas – diz Bella.

– Eu sei, desculpa, não queria... – Jakob faz uma pausa e Bella acena com a cabeça, compreendendo. As suas cartas eram censuradas há meses; teria sido tolo escrever-lhe revelando os seus planos.

– Vou falar com o capataz – diz Bella, olhando de relance por cima do ombro para o guarda parado alguns metros atrás dela. – A tua irmã conseguiu ir?

Na sua última carta, Jakob contara a Bella acerca do plano de Mila para se mudar para os Estados Unidos.

– Partiu esta manhã – diz ele. – Com a Felicia.

– Ainda bem. Isso é um alívio. Fico feliz por teres vindo, Kuba – diz Bella. – Espera aqui. – O guarda volta a segui-la até ao interior, e Jakob lembra-se dos cigarros um segundo demasiado tarde – a ideia era colocá-los discretamente na mão de Bella para que esta os pudesse usar como forma de suborno. Pragueja silenciosamente contra si mesmo, deixado de novo à espera no exterior, de chapéu na mão.

No interior, Bella dirige-se ao gabinete do capataz, o oficial Meier, um alemão encorpado, com uma testa grande e um bigode espesso e cuidado.

– O meu marido veio do gueto – começa, decidindo que o melhor é ir direta ao assunto. O seu alemão é agora fluente. – Está aqui, lá fora. É um excelente trabalhador, *Herr* Meier. Está de boa saúde, é muito responsável. – Bella faz uma pausa. Os judeus não pedem favores aos alemães, mas não lhe resta outra opção. – Por favor, imploro-lhe, consegue arranjar um emprego para ele aqui, na

fábrica?

Meier é um homem decente. Nos últimos três meses tem sido bom para Bella – permitiu-lhe comer a refeição de Yom Kipur depois do cair da noite, visitar os pais de vez em quando, no gueto de Glinice, a curta distância da fábrica. Bella é uma trabalhadora eficiente – quase duas vezes mais produtiva do que os restantes trabalhadores. Talvez seja por isso que ele a trata bem.

Meier desliza o polegar e o indicador pelo bigode. Avalia Bella, fitando-a com olhos semicerrados, como se procurasse um motivo escondido. Bella retira a pregadeira de ouro que Jakob lhe deu há tanto tempo da corrente que lhe pende do pescoço.

– Por favor – implora, deitando para a palma da mão a rosa minúscula com a pérola embutida e oferecendo-a a Meier. – É tudo o que tenho. Fique com ela. – Bella espera, de braço esticado. – Por favor. Não se irá arrepender.

Por fim, Meier inclina-se para a frente, pousando os antebraços na secretária, os olhos fixando-se nos dela.

– *Kurch* – diz, com o seu carregado sotaque alemão. – Fica com isso, *Kurch*. – Ele suspira, abana a cabeça. – Faço-o por ti, mas não o farei por mais ninguém. – Ele vira-se para o guarda que espera em sentido junto à porta para o seu gabinete. – Vai. Deixa-o entrar.

CAPÍTULO TRINTA

Mila e Felicia

Arredores de Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ março de 1942

A pilha de terra ao lado daquilo que Mila sabe ser a sua própria cova atingiu meio metro de altura. «Mais fundo», grita um ucraniano ao passar por ela a passos largos, fazendo as suas rondas.

As palmas das mãos de Mila estão cobertas com o seu próprio sangue, o corpo está ensopado em suor, apesar do frio de março. Tira a camisola, que usa para cobrir os ombros de Felicia, e ata o lenço em redor da mão direita, a mais dorida das duas. Empurrando a pá com a planta do pé, ignora a dor e olha de relance em direção aos carris dos caminhos-de-ferro para analisar a cena.

O capitão está com os braços cruzados sobre o peito à frente do comboio. Alguns vagões mais atrás, uma dúzia de ucranianos parecem entediados enquanto brincam com os seus chapéus, fazendo-os rodar nos dedos, as espingardas atiradas para as costas. Alguns dão pontapés na terra. Outros conversam, os ombros agitando-se perante um comentário que um dos outros fez. *Bárbaros.* Outros dois judeus juntaram-se ao Dr. Frydman – ao que parece, também eles distribuíram favores especiais e foram poupados. Cerrando o maxilar com força, Mila ergue outro monte de terra do buraco aos seus pés, lançando-o para cima do monte.

«Olhem», sussurra alguém atrás dela. Uma jovem loura largou a pá. Avança a

passos rápidos em direção aos carris, em direção ao alemão, os ombros para trás, o sobretudo preto apertado com força na cintura, a sua cauda agitando-se atrás de si. O coração de Mila bate mais rápido ao ser recordada da irmã Halina, a única outra mulher que conhece com aquele tipo de coragem. Enquanto outros começam a sussurrar e a apontar, um dos ucranianos ao largo do comboio ergue a espingarda, aponta-a; os restantes seguem o seu exemplo. A fugitiva ergue as mãos. «Não disparem!», grita em russo, acelerando até uma espécie de trote enquanto se aproxima dos homens. Os ucranianos preparam as espingardas e Mila sustém a respiração. Felicia também olha. Os atiradores olham de relance para o alemão, aguardando a sua aprovação, mas o capitão inclina o queixo e fixa o olhar naquela judia pequena e destemida que se aproxima. Abana a cabeça e diz qualquer coisa que Mila não consegue decifrar e os ucranianos baixam lentamente os braços.

Mila consegue um vislumbre do perfil da jovem quando esta chega aos carris. É bonita, com feições delicadas e uma pele da cor da porcelana. Mesmo de longe, é fácil perceber que o seu cabelo tem aquela tonalidade de louro acobreado que só pode ser verdadeira. O cabelo oxigenado, que se tornou comum no gueto – qualquer coisa que lhes permita parecer menos judeus – era fácil de distinguir. Mila observa a mulher acenar casualmente com uma mão, pousando a outra na anca e dizer qualquer coisa que faz o alemão rir. Mila pestaneja. Ela conquistou-o. *Sem mais nada*. O que terá oferecido? Sexo? Dinheiro? Mila remói uma espécie de nojo pelo capitão e ciúmes pela bela loura destemida.

Um guarda do perímetro grita e os judeus regressam silenciosamente à sua escavação. Mila tenta imaginar-se a assumir uma expressão arrojada e provocadora e a avançar pelo prado. Mas é mãe, por amor de Deus – e mesmo quando era nova, nunca tivera o talento de Halina para namoriscar. Levaria um tiro antes de chegar ao comboio. E mesmo que conseguisse chegar perto o suficiente para que o alemão ouvisse, o que poderia dizer para o convencer a salvá-la? *Nada tenho...*

E depois ocorre-lhe uma ideia. Endireita-se repentinamente.

– Felicia! – sussurra ela. Felicia levanta olhos, surpreendida pela intensidade na sua voz. Mila fala baixinho, para que os outros não a oiçam. – Olha para os

meus olhos, meu amor: vês aquela mulher ali, junto ao comboio? – Mila olha na direção do vagão e os olhos de Felicia seguem-na. Ela acena. A respiração de Mila é entrecortada. Está a tremer.

Não tens tempo para duvidar: meteste a tua filha nisto; o mínimo que podes fazer é tentar *tirá-la.* Mila ajoelha-se por um momento, fingindo estar a tirar uma pedrinha do sapato, para que ela e Felicia possam olhar-se nos olhos. Ela fala lentamente. – Quero que corras para ela e finjas que é a tua mãe. – Felicia franze o sobrolho, confusa. – Quando chegares junto dela – continua Mila – agarra-te a ela e não a largues.

– Não, *mamusiu*...

Mila leva um dedo aos lábios da filha.

– Está tudo bem, vais ficar bem, faz só o que te digo.

As lágrimas crescem nos olhos de Felicia.

– *Mamusiu*, também vens? – A voz é quase inaudível.

– Não, querida, agora não. Preciso que faças isto... sozinha. Compreendes? – Felicia acena com a cabeça, os olhos baixos. Mila leva a mão ao queixo de Felicia, erguendo-o para que os seus olhos se voltem a encontrar. – *Tak?*

– *Tak* – sussurra Felicia.

Mila quase não consegue respirar, os pulmões sufocados pela tristeza nos olhos da filha, pelo plano que está prestes a desenrolar-se. Acena tão corajosamente quanto lhe é possível.

– Se os homens perguntarem, aquela mulher é *twoj mamusia.* Está bem?

– *Moja mamusia* – repete Felicia, mas as palavras parecem estranhas e erradas na sua boca, como algo venenoso.

Mila levanta-se e olha de relance para a mulher junto ao comboio, que parece agora estar a contar uma história; o alemão está encantado. Ela ergue a camisola dos ombros de Felicia.

– Vai agora, meu amor – sussurra, acenando na direção do comboio. Felicia levanta-se repentinamente, olhando para ela, implorando com os olhos: *Não me obrigues*! Mila agacha-se, encosta rapidamente os lábios à testa de Felicia. Quando se ergue, agarra-se à pá para se equilibrar; não consegue sentir as

pernas, e tudo naquele momento lhe parece subitamente errado. Abre a boca, toda a parte de si que é mãe aperta-lhe a garganta, implorando-lhe que mude de ideias. Mas não pode. Não há outro plano. É tudo o que tem.

– Vai! – ordena Mila. – Depressa!

Felicia vira-se para o comboio, olha por cima do ombro e Mila acena de novo.

– Agora! – sussurra Mila.

Enquanto Felicia corre, Mila tenta voltar a escavar, mas está paralisada do pescoço para baixo e tudo o que consegue fazer é observar, sem fôlego, enquanto a cena que orquestrou se desenrola em câmara lenta à sua frente. Durante alguns segundos intermináveis, ninguém parece reparar no pequeno corpo que corre através do prado. Felicia já vai a um terço do caminho para o comboio quando um dos ucranianos por fim vê e aponta. Os outros olham na sua direção. Um dos homens grita uma ordem que Mila não consegue compreender e ergue a espingarda. Subitamente, todos os olhos no prado estão fixos na pequena estatura da sua filha, observando-a enquanto corre, erguendo bem alto os joelhos, os braços muito abertos, parecendo desconcertada, como se fosse cair a qualquer instante.

– *Mamusiu!* – o grito de Felicia corta através do ar fino, guinchado, agudo, desesperado. Apesar de já estar à espera daquilo, corta o coração de Mila ouvir a filha chamar àquela mulher loura *mãe*. Os seus olhos saltam entre Felicia e o alemão e o ucraniano com a arma apontada, aguardando aprovação. – *Mamo! Mamo!* – chora Felicia enquanto respira, uma e outra vez, à medida que se vai aproximando dos carris. O alemão observa Felicia, abanando a cabeça, parecendo confuso. A jovem olha para Felicia e depois para trás dela. Também está confusa. Os ucranianos no perímetro rodam as cabeças para analisar o prado, tentando decifrar de onde terá vindo a criança. *Nenhum de vocês se atreva a apontar*, ordena Mila silenciosamente, grata por ainda não ter começado a cavar o segundo buraco, para Felicia. Ninguém se mexe. Ao fim de mais alguns segundos, Felicia chega ao comboio e os seus gritos dissipam-se quando ela lança os braços em redor das pernas da bela loura, enterrando o rosto no seu sobretudo.

Mila sabe que tem de regressar ao trabalho, mas não consegue deixar de olhar

fixamente enquanto a jovem fita a pequena que se agarra às suas coxas. Quando a mulher levanta a cabeça, olha de relance para o prado, na direção de Mila. *Por favor, por favor, por favor,* desenha Mila com os lábios. *Fica com ela. Pega nela. Por favor.* Passa-se mais um segundo, depois dois. Por fim, a mulher inclina-se e ergue Felicia para a sua anca. Diz algo inaudível e leva a mão à parte de trás da cabeça da pequena, beijando-lhe o rosto. Os ucranianos olham uns para os outros, depois gritam com os judeus que assistiam, exigindo-lhes que voltem ao trabalho. Mila liberta o ar, baixa os olhos, concentra-se. *Está tudo bem. Já podes respirar,* diz a si mesma. Quando levanta a cabeça, Felicia envolveu com os braços o pescoço da mulher e pousou-lhe a cabeça no ombro, a sua caixa torácica subindo e descendo ainda devido ao esforço da corrida.

– Dispam-se! Tudo! Agora!

Os judeus olham em volta, em pânico. Lentamente, pousam as pás e começam a desatar os sapatos, tirar os cintos das calças, abrir as saias. Mila leva as mãos ao primeiro botão da blusa, os dedos trémulos. Alguns dos outros estão já meios nus, tremendo, as peles pálidas contrastantes com a terra aos seus pés.

– Depressa!

Os judeus levantam-se, tentando cobrir com as mãos a nudez, enquanto os ucranianos se baixam para pegar nas roupas. Mila recusa despir-se. Sabe que está a poucos segundos de alguém reparar nela, de a obrigar a despir-se, mas assim que tirar a camisa tudo terminará. A filha verá a mãe a ser morta à sua frente. Gira a aliança no dedo e, por um breve momento, permite-se a indulgência de recordar o momento em que Selim deslizou a espessa aliança de ouro sobre os nós dos dedos e como se sentiam cheios de esperança – e depois, pestaneja.

Sem hesitar, corre para o comboio, acelerando através da terra esburacada, retraçando os passos da filha. Move-se tão depressa quanto as suas pernas lhe permitem. As pirâmides de terra acabada de escavar, as campas imersas em sombras, os soldados de uniforme e os corpos pálidos desvanecem-se num borrão na sua periferia enquanto ela corre, os olhos fixos não na filha, mas na única pessoa que a pode ajudar – o alemão. A qualquer momento, apercebe-se, irá ser disparada uma espingarda, uma bala irá atirá-la ao chão. Concentrada

apenas naquele ponto, conta os segundos que vão passando, para manter a calma. *Basta que chegues ao comboio*, ordena a si mesma, o ar frio cortando-lhe os pulmões, o esforço incendiando-lhe a barriga das pernas. A jovem junto ao comboio, que continua a segurar Felicia, virou-se de modo a que esta não possa ver Mila a aproximar-se.

E depois, de algum modo, os vinte metros já estão atrás de si. Mila está junto ao comboio, incólume, ao lado do alemão, arquejando, as pernas a tremer enquanto coloca a aliança na palma carnuda da mão dele.

– Muito cara – diz ela, tentando recuperar o fôlego, forçando-se a não estabelecer contacto visual com Felicia, que se virou ao ouvir o som da sua voz. O capitão olha para Mila, vira a aliança de ouro nos dedos, morde-a. Mila consegue ver, agora, pelas riscas prateadas nos seus ombros que é um *Hauptsturmführer.* Gostava de ter uma estrutura mais curvilínea, lábios mais carnudos, ou algo divertido ou sedutor para dizer que o pudesse persuadir a poupá-la. Mas não tem. Tudo o que tem é a aliança.

Uma espingarda é disparada. Os joelhos de Mila cedem e ela cobre a parte de trás da cabeça instintivamente com as mãos. Da posição agachada, espreita por entre os cotovelos. O disparo, apercebe-se, foi dirigido não a ela mas a alguém no prado. Desta feita uma mulher. Como Mila, tentara correr. Mila ergue-se lentamente e olha de imediato para Felicia. A mulher a quem ela chamara «mãe» poucos instantes antes, tapou os olhos de Felicia com a mão livre e sussurra-lhe algo ao ouvido, e o coração de Mila enche-se de gratidão. Os ucranianos no perímetro gritam enquanto se aproximam da sua mais recente vítima, que desaparece quando um dos soldados pontapeia o cadáver para um buraco.

– Que grande confusão – diz o alemão, guardando no bolso a aliança de Mila. – Esperem aqui – resmunga, deixando as mulheres sozinhas junto ao comboio.

Mila, que continua a respirar pesadamente, olha de relance para a jovem de cabelo louro. «Obrigada», sussurra, e a mulher acena. Felicia vira-se e olha diretamente para os olhos de Mila.

– *Mamusiu* – sussurra, uma lágrima descendo-lhe pela curva do nariz.

– Chiu, chiu, está tudo bem – sussurra Mila. Tem de usar todas as suas forças para não levar os braços à filha, para não a envolver num abraço. – Estou aqui agora, meu amor. Está tudo bem. – Felicia volta a enterrar o rosto na lapela do

casaco da estranha.

No campo, os soldados continuam a gritar. «Alinhem-se!», ordenam. As suas vozes são frias, indiferentes. À medida que os judeus se levantam, a tremer, ao lado das campas, o *Hauptsturmführer* ordena aos ucranianos que formem, também eles, uma fila.

– Vem – diz Mila, envolvendo a cintura da mulher com o seu braço. Apressam-se para o vagão quase vazio de modo a juntarem-se aos outros que foram poupados. Mal ficam fora do campo visual dos soldados, Mila toma Felicia nos braços e aperta-a contra si, devorando o seu calor, o cheiro do seu cabelo, o toque do rosto dela no seu. O grupo move-se para um canto onde se juntam, de costas viradas para o prado. No exterior, conseguem ouvir soluçar. Mila ergue a palma da mão para o ouvido de Felicia, encostando-lhe a cabeça ao peito numa tentativa de bloquear o som.

Felicia fecha os olhos com força, mas já percebeu. Já sabe o que se vai seguir. E ao ouvir o primeiro *craque* abafado, algo na sua mente de três anos e meio percebe que jamais esquecerá aquele dia – o cheiro da terra fria e inclemente; a maneira como o chão tremera por baixo dela quando o homem a uma fila de distância tentara correr; a maneira como o seu sangue jorrara do buraco na cabeça como água de uma jarra virada; a dor no seu peito quando correra como nunca antes o fizera, em direção a uma mulher que nunca vira; e agora, o som de tiros a serem disparados, um após outro, uma e outra vez.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Addy

Rio de Janeiro, Brasil ~ março de 1942

Desde que chegou ao Brasil, em agosto, Addy descobriu que a melhor maneira de evitar pensar no desconhecido, no universo alternativo que deixou para trás, é manter-se em movimento. Se se mantiver suficientemente ocupado, consegue ver o Rio de Janeiro em todo o seu esplendor. Consegue apreciar as montanhas de calcário rodeadas de árvores, projeções da Serra do Mar, que se erguem logo atrás da bela linha da costa; o omnipresente e aliciante cheiro do bacalhau salgado frito; as vielas empedradas estreitas e buliçosas do centro, onde as fachadas coloridas da era colonial portuguesa se erguem lado a lado com arranha-céus comerciais modernos; os jacarandás púrpura que florescem no que o calendário diz ser o outono, mas é na verdade a primavera do Brasil.

Addy e Eliska passaram quase todos os fins de semana desde a sua chegada a explorar as ruas de Ipanema, Leme, Copacabana e Urca, seguindo os seus narizes até aos diversos vendedores que negociavam tudo, de milho doce e *pamonhas* a camarão no espeto, uma saborosa *refeição* e *queijo de coalho* grelhado. Quando passam por um clube de samba, Addy aponta a morada no seu caderno e regressam mais tarde, nessa noite, para beber *caipirinhas* com gelo lado a lado com os locais, que descobriram serem bastante amigáveis, e escutar música que parece fresca e viva, e diferente de tudo o que alguma vez ouviram

antes. Na maior parte das noites, é Eliska quem paga a conta.

Quando Addy está sozinho, a sua vida é consumida por preocupações mais práticas – se conseguirá ou não pagar a renda no mês seguinte. Demorou quase sete meses a obter, finalmente, uma licença de trabalho. Durante esses meses, debatera-se, tentando viver à conta de trabalhos ocasionais pagos por baixo da mesa, primeiro como encadernador, e depois numa agência de publicidade, onde foi contratado como desenhador. Os trabalhos pagavam mal, mas sem uma licença para trabalhar havia pouco que pudesse fazer senão esperar. Dormia no chão do estúdio de 25 metros quadrados de Copacabana, deitando-se sobre um tapete de algodão (uma oferta que recebera depois de ter instalado um sistema elétrico em casa de um novo amigo) até por fim ter juntado dinheiro suficiente para comprar um colchão. Tomou banho nos chuveiros públicos da praia de Copacabana até conseguir pagar a conta da água. Descobriu uma serração a norte da cidade que estava disposta a vender-lhe restos de madeira por quase nada, e pôde construir uma cama, uma mesa, duas cadeiras e um conjunto de prateleiras. Numa feira da ladra em São Cristóvão, convenceu um vendedor a vender-lhe um conjunto de pratos e talheres a um preço que ele fosse capaz de pagar. No mês anterior, embora Eliska o fosse incitando a gastar o seu dinheiro num bom festim numa churrascaria, comprou algo que lhe era mais querido, algo que iria durar – um rádio Super Six Crosley. Encontrou-o usado. Estava partido e, para encanto de Addy, a baixo custo. Demorou vinte minutos a desmontá-lo e descobrir qual era o problema – um problema simples, na verdade, nada mais do que uma pequena acumulação de carvão na resistência. Fácil de arranjar. Escuta o seu rádio religiosamente. Ouve as notícias da Europa, e quando estas se tornam demasiado sombrias, roda o botão até encontrar uma estação de música clássica, que o acalma.

Tal como fizera na Ilha das Flores, acorda cedo no Rio, e começa o dia com exercícios matinais, que realiza no tapete ao lado da cama. Hoje, ainda não são sete e já está a suar. É o final do verão no Rio e o calor é intenso, mas é algo de que até gosta. Enquanto se deita de costas, movendo as pernas como se andasse de bicicleta, consegue ouvir o raspar das grades metálicas a serem erguidas à medida que os cafés e as bancas, três andares mais abaixo, na avenida Atlântica, vão abrindo. Um quarteirão para leste, o sol escaldante que se ergue sobre o Atlântico lança os seus raios sobre a praia de areias brancas de Copacabana.

Dentro de algumas horas, a enseada em forma de quarto crescente estará a fervilhar com a multidão de sábado: mulheres bronzeadas que se estendem em fatos que abraçam as suas figuras, por baixo de chapéus-de-sol vermelhos e homens em curtos calções de banho que jogam incessantemente futebol.

«*Eins, zwei, drei...*», conta Addy, segurando as mãos atrás da cabeça enquanto gira o tronco para a esquerda e para a direita, tocando com os cotovelos nos joelhos. Eliska perguntara-lhe, certa vez, porque contava sempre em alemão. «Com tudo o que está a acontecer na Europa e assim...» dissera ela, inclinando-se sobre a cama para espreitar para ele inquisitivamente. Fora o mais perto que tinham chegado de falar sobre a guerra. Addy não tinha realmente uma explicação, a não ser que, quando imaginava um sargento de instrução a insistir com ele para que completasse os seus exercícios, imaginava sempre um alemão de maxilar quadrado.

Terminados os abdominais, levanta-se e envolve com os dedos a barra de madeira que pendurou na ombreira da porta, conta dez elevações e depois deixa-se ficar pendurado, o corpo mole, apreciando a sensação da coluna a alongar em direção ao chão. Satisfeito, toma um banho rápido, vestindo depois um par de calções de linho, uma *t-shirt* de algodão branco com decote em V, ténis de lona e um chapéu panamá de palha. Desliza um par de óculos de sol de armações finas no *V* da sua t-shirt, depois leva a mão ao envelope pousado na cama, guarda-o no bolso de trás e deixa o apartamento, fechando a porta.

– *Bom dia!* – canta Addy em português sob o toldo do seu bar de sumos a céu aberto preferido, na rua Santa Clara, a camisola já colada às costas devido ao suor. Por trás do balcão, Raul sorri. Conhecera-o num jogo de futebol, certo dia na praia. «Não és daqui, pois não?», brincara Raul ao obter um vislumbre do peito pálido de Addy. Mais tarde, quando descobriu que este nunca provara goiaba, insistiu para que visitasse, no dia seguinte, o seu bar de sumos. Desde então, Addy tem-se esforçado por passar pelo bar tantas vezes quanto possível. Não consegue esquecer a enorme quantidade de sabores diferentes disponíveis. Manga. Papaia. Ananás. Maracujá. O Rio não sabe nada como Paris.

– *Bom dia! Tudo bem?*

– *Tudo bem* – responde Addy. Tornou-se bastante fluente em português. – *E você?*

– Não me queixo, amigo. O sol está a brilhar e está um calor terrível, o que significa que será um dia atarefado. Vejamos – diz Raul para si mesmo, olhando à sua volta para os frutos dispostos sobre a bancada à sua frente – ... Ah! Hoje tenho um miminho especial para você, acaba de chegar: açaí. Muito bom, uma especialidade brasileira. Não se deixe assustar pela cor.

Addy e Raul vão conversando descontraidamente enquanto Raul prepara o sumo.

– Então onde vai hoje? – pergunta Raul.

– Hoje, celebro – responde Addy triunfantemente.

Raul espreme o sumo de umas laranjas com a prensa, mistura-o no puré de açaí de um roxo escuro no copo de Addy.

– *Sim*? O que está a celebrar?

– Lembra-se de ter dito que a minha licença de trabalho tinha por fim chegado? Bem, arranjei um emprego, um emprego a sério.

As sobrancelhas de Raul erguem-se. Ele ergue o copo.

– *Parabéns!*

– Obrigado. Dentro de uma semana começo a trabalhar em Minas Gerais. Querem que viva lá durante alguns meses, por isso este fim de semana despeço-me por agora, de si, meu amigo, e do Rio.

Addy soubera do emprego no interior do Brasil há vários meses. O projeto, chamado Rio Doce, envolvia a construção de um hospital para uma pequena aldeia. Candidatara-se imediatamente para a posição de engenheiro elétrico chefe, mas quando se reuniu com os gestores de projeto eles abanaram as cabeças, alegando que sem a papelada adequada, tinham as mãos atadas. «Aperfeiçoe o seu português e volte quando tiver uma licença de trabalho», tinham dito. Na semana anterior, no dia em que a licença foi aprovada, Addy contactou os gestores. Eles contrataram-no de imediato.

– Vamos sentir a sua falta em Copacabana – diz Raul, e depois leva a mão atrás de si para agarrar uma banana. Atira-a a Addy. – Por minha conta – pisca-lhe o olho.

Addy apanha a banana e pousa uma moeda no balcão. Prova um gole da sua

bebida.

– Ah! – diz ele, lambendo o sumo roxo do lábio superior. – Encantador. – Começa a formar-se uma fila atrás de si. – É um homem popular – acrescenta Addy, virando-se para se ir embora. – Vemo-nos dentro de alguns meses, *amigo*.

– *Chau, amigo*! – diz Raul, quando ele se vira para partir.

Addy enfia a banana no bolso de trás das calças. Ao lado do envelope e olha de relance para o relógio quando parte para a Rua Santa Clara. Tem o dia para explorar, até às três, quando se deverá encontrar com Eliska, na praia de Ipanema, para darem um mergulho. A partir dali, irão jantar em casa de um outro expatriado que conheceram há algumas semanas num bar de samba na Lapa. Mas primeiro, tem de enviar uma carta pelo correio.

Ele é um rosto familiar no posto dos correios de Copacabana. Passa por lá todas as segundas-feiras com um envelope endereçado à casa dos pais na Rua Warszawska, e para saber se chegou alguma coisa destinada a si. Até ver, a resposta tem sido um consistente e solidário *não*. Já não tem notícias de Radom há dois anos e meio. Por muito que tente não pensar nisso, as suas viagens ao posto dos correios são uma recordação constante. À medida que as semanas e os meses vão passando, a agonia de se perguntar o que terá acontecido à família piora. Alguns dias chega a ficar sem apetite e enche-lhe o estômago com uma dor constante que se mantém noite fora. Noutros dias, aperta-lhe o peito como arame de aço e ele está certo de que, a qualquer momento, a sua carne irá ceder, partindo em pedaços o seu coração. Os cabeçalhos do *Rio Times* servem apenas para lhe aumentar a ansiedade: 34 000 judeus mortos nos arredores de Kiev, 5000 mortos na Bielorrússia, e outros milhares na Lituânia. Aquelas mortes são em massa, muito mais numerosas do que num qualquer *pogrom*, os números demasiado deprimentes para serem plenamente compreendidos; se Addy pensar demasiado neles, começará a imaginar os pais, os irmãos e as irmãs como parte da estatística.

Também o Brasil se prepara para a guerra. Vargas, que, como Estaline, virou a sua aliança para os Aliados, tem combatido os submarinos alemães a sul da costa atlântica, enviado ferro e borracha para os Estados Unidos e, em janeiro, começou a permitir a construção de bases aéreas dos Estados Unidos nas costas a norte. O envolvimento do Brasil na guerra é real, mas Addy maravilha-se

frequentemente com o facto de ninguém se aperceber disso no Rio. Tal como em Paris nos dias que antecederam a guerra, há ali vida e música. Os restaurantes estão cheios, as praias apinhadas, os clubes de samba fervilhantes. Por vezes, Addy deseja que também ele fosse capaz de desligar, como os locais parecem conseguir – mergulhar naquilo que o rodeia e esquecer por completo a guerra, o mundo intangível da morte e da destruição que jaz, em ruínas, a nove mil quilómetros de distância. Mas assim que essa ideia lhe passa pela cabeça, censura-se, inundado de vergonha. Como se atreve a deixar de prestar atenção? O dia em que se desligar – o dia em que esquecer – é o dia em que se resignará a uma vida sem família. Fazê-lo significa aceitá-los como mortos. E, por disso, mantém-se ocupado, distraído com o seu trabalho e com Eliska, mas nunca se esquece.

Tira a carta do bolso de trás, desliza os dedos pela antiga morada de Radom, pensando na mãe. Em vez de imaginar o pior, dedica-se a recriar mentalmente o seu mundo perdido. Pensa em como, ao domingo, no dia de folga da cozinheira, Nechuma prepara o jantar da família, com um enorme cuidado enquanto desfaz as sementes de funcho entre os dedos, por cima de um fricassé de couve roxa e maçã. Pensa em como, quando era pequeno, ela o levantava de cada vez que entravam e deixavam o apartamento para que ele pudesse passar os dedos pelo *mezuzá*, pendurado na entrada em arco do seu prédio. Como ela se inclinava sobre a cama e lhe beijava a testa de manhã para o acordar, cheirando levemente a lilases do creme que passara no rosto na noite anterior. Addy pergunta-se se os joelhos da mãe a continuarão a incomodar no frio, se o tempo já aqueceu o suficiente para que possa plantar o seu açafrão no cesto de ferro da varanda – se ainda tem uma varanda. *Onde estás tu, mãe? Onde estás?*

É bem possível, apercebe-se Addy, que no meio da guerra as suas cartas não estejam a chegar à mãe. Ou que estejam a chegar a ela e sejam as dela que não chegam *a si.* Gostaria de ter um amigo num país neutro na Europa que pudesse reenviar a sua correspondência. Também há a possibilidade, claro, de que as suas cartas estejam a chegar à antiga morada, mas a família já não esteja lá. É insuportável imaginar os pais confinados a um gueto ou pior. Começara a escrever ao seu médico, ao seu antigo professor de piano e ao porteiro do prédio dos pais, pedindo-lhes que partilhassem algumas notícias, que transmitissem as suas cartas, se, por acaso, conhecessem o paradeiro de alguém da família. Ainda

não ouvira de ninguém, mas recusa-se a parar de escrever. Colocar as palavras no papel, envolver-se numa espécie de conversa, ver a palavra *Radom* escrevinhada no rosto do envelope: são estas coisas que lhe mantêm os pés assentes na terra.

Addy abre a porta do posto dos correios de Copacabana, inspirando o seu odor familiar a papel e tinta.

– *Bom dia, senhor Kurc* – diz a sua amiga Gabriela do banco alto onde costuma estar sentada atrás do balcão.

– Bom dia, Gabi – responde Addy. Entrega-lhe a carta, já com selo. Gabriela abana a cabeça quando a aceita. Já não tem de perguntar.

– Nada hoje – diz ela.

Addy acena com a cabeça mostrando que compreende.

– Gabi, vou mudar-me para o interior durante alguns meses, na próxima semana, para um trabalho. Será possível ficares com o meu correio, caso chegue alguma carta quando eu estiver fora?

– Claro – Gabriela sorri gentilmente, de um modo que lhe diz que ele não é o único à espera de notícias vindas do estrangeiro.

Quando deixa o posto dos correios, o coração de Addy está pesado, e apercebe-se que não é apenas o destino da sua família que pesa sobre ele, há algo mais. Por duas vezes, naquela semana, Eliska abordou a questão de um casamento; perguntou-lhe o que pensava em relação ao tipo de comida que deviam servir, e mais tarde sugeriu que falassem acerca da lua-de-mel. De ambas as vezes, mudara de assunto, apercebendo-se de que lhe era impossível contemplar a possibilidade de um casamento quando a família continua desaparecida.

Addy deixa que a sua mente viage de novo para a praia em Dakar, onde ele e Eliska se tinham agarrado um ao outro com a mesma paixão com que se agarravam à ideia de uma vida de liberdade, o seu amor arrastado por uma rápida corrente de perigo e incerteza... Conseguiriam chegar ao Rio? Seriam enviados de novo para a Europa? O que quer que acontecesse, tinham prometido um ao outro que estariam juntos!

Agora, por fim, estavam a salvo. Já não havia pescadores para subornar, nem

vistos expirados que traziam preocupações, já não tinham passeios de longas horas numa praia deserta na qual podiam fazer amor com privacidade. Mas agora, pela primeira vez na sua relação, discutiam. Discutiam acerca de quem deviam incluir nos seus planos para jantar – os amigos de Eliska são mais divertidos, argumentava ela, do que os amigos dele, demasiado intelectuais. «Ninguém quer ficar sentado a falar acerca de Nietzsche», resmungara certa vez. Chocam em relação a coisas sem importância, como o caminho mais rápido para o mercado, e se as alpercatas na montra valem o preço. («Acho que não», diz Addy, sabendo que Eliska irá inevitavelmente aparecer no encontro seguinte com elas nos pés.) Debatem qual das estações devem sintonizar no rádio – «Esquece as notícias, Addy», dissera certa vez Eliska, exasperada. «É demasiado deprimente. Não podemos ouvir música?»

Addy suspira. O que não daria por passar uma hora com a mãe, ouvir os seus conselhos acerca da mulher com quem planeia casar-se. *Fala com ela*, diria Nechuma. *Se a amas, tens de ser sincero com ela, sem segredos.* Mas eles *tinham* falado. Eles *eram* sinceros um com o outro. Falaram acerca de como as coisas pareciam diferentes entre eles agora que estavam em solo sul-americano. Certa vez, debateram até a possibilidade de pôr fim ao noivado. Mas nenhum deles está disposto a abdicar do outro, ainda. Addy é a âncora de Eliska, e Eliska a ligação de Addy ao mundo que deixou para trás. Nos olhos dela, vê a Europa. Vê uma recordação da sua velha vida.

Avançando instintivamente em direção ao Teatro Municipal, dá por si a recordar as palavras de Eliska da semana anterior, quando voltara a confidenciar-lhe quão ansioso se sentia acerca do facto de ter perdido o contacto com a família. «Preocupas-te demasiado», disse ela. «Odeio-o, Addy. Odeio ver a tristeza nos teus olhos. És livre como um pássaro aqui; relaxemos, divirtamo-nos um bocado.» *Livres como passarinhos.* Mas ele não se consegue sentir livre quando lhe falta uma parte de si tão grande.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Mila e Felicia

Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ abril de 1942

Desde o massacre, o que todos chamavam ao que acontecera a Mila, Felicia e aos outros quatro que regressaram ao gueto, que todos sentiam que as SS libertaram um monstro. Talvez se tivessem apercebido daquilo de que eram capazes, ou talvez se tivessem estado a refrear. Agora já não se refreavam. A violência em Wałowa escalava de dia para dia. Desde o regresso de Mila, tinham obrigado os judeus a reunirem-se por mais quatro vezes. Num dos casos, foram obrigados a marchar até uma estação de caminhos-de-ferro e arrebanhados para o interior de vagões de gado; noutro, tinham simplesmente sido levados até um dos muros do perímetro e fuzilados. Já não existiam listas, nem falsas promessas de uma vida de liberdade na Palestina ou nos Estados Unidos. Em vez disso, havia rusgas, as fábricas eram sujeitas a buscas, os judeus, alinhados e contados. Os alemães estavam sempre a contar. E a cada dia, um judeu escondido ou sem a documentação certa era morto. Alguns eram, inclusivamente, abatidos a tiro de um modo aleatório. Na semana anterior, quando Mila e a sua amiga Antonia regressavam de um dia de trabalho na fábrica, dois soldados das SS passaram por elas na rua, retiraram descontraidamente as pistolas dos coldres, pousaram um joelho no chão e começaram a disparar como se estivessem a praticar tiro ao alvo. Mila refugiou-se, silenciosamente, numa viela, grata pelo facto de Felicia não estar consigo,

mas Antonia entrou em pânico e correu diretamente para o seu caminho. Mila deixou-se cair de joelhos e rezou enquanto o som de vários tiros ricocheteava nas paredes de tijolo dos prédios de dois andares que flanqueavam a rua. Quando o som das botas alemãs, por fim, se afastou, aventurou-se a sair e descobriu Antonia, a alguns metros de distância, jazendo imóvel, o rosto tombado sobre as pedras da calçada, com um buraco entre as omoplatas. *Podia ter sido eu*, pensou, sentindo-se doente com aquela nova realidade. Os alemães estavam a matar, agora, por *desporto*. Qualquer dia poderia ser o seu último.

– Lembra-te, anda sempre de meias, e brinca muito baixinho – instruiu Mila. Olha de relance para o relógio. Não se pode atrasar. Em pânico com o que poderia acontecer caso Felicia fosse descoberta na fábrica, Mila começara a deixá-la para trás, no apartamento, entregue a si mesma enquanto está a trabalhar.

– Por favor, *mamusiu* – posso ir contigo? – implora Felicia. Não quer ficar em casa sozinha.

Mas Mila é perentória.

– Lamento, meu amor. Ficas melhor aqui – alega. – Já te disse... agora és uma menina crescida, e já quase não cabes debaixo da minha mesa, na fábrica.

– Eu posso ser pequenina! – implora Felicia.

Os olhos de Mila enchem-se de lágrimas. É a mesma luta todas as manhãs, e é horrível ouvir o desespero na voz da filha, dececioná-la. Mas não pode ceder. É demasiado perigoso.

– Não é seguro – explica Mila. – E não vai ser durante muito tempo. Tenho estado a pensar numa nova maneira de nos tirar daqui. Às duas. Temos de ser pacientes. Irá demorar algum tempo a preparar.

– Vamos ficar com o pai? – pergunta Felicia. Mila pestaneja. É a terceira vez na última semana que Felicia pergunta por Selim. Mila não a pode culpar. Quando se sentira mais abatida, permitira-se passar horas a falar a Felicia acerca de Selim, uma maneira de se enganar pensando que, falando nele, ele poderia regressar, dar-lhe algumas respostas, um conselho sobre como sobreviver, como manter Felicia em segurança. Contara à filha inúmeras histórias acerca do seu elegante pai médico: a maneira como ele empurrava os óculos pela cana do

nariz, a maneira como os cantos da sua boca se haviam enrugado quando Mila, pela primeira vez, lhe dissera que estava grávida, poucos meses depois de terem casado – como se a força do seu amor necessitasse de uma manifestação física – e mais tarde, depois de Felicia ter nascido, a maneira como ele a fazia rir contando-lhe os dedos dos pés, soprando beijos na barriga, dedicando-se a jogos intermináveis de «*cu-cu*». Felicia consegue recitar todas aquelas histórias, juntamente com os pormenores do seu rosto, como se as recordasse na sua própria memória.

Mila investira tanta esperança no regresso de Selim, que era compreensível que a filha presumisse que qualquer plano relacionado com a sua segurança o envolvesse. Mas a probabilidade de o marido ainda estar vivo começara a parecer-lhe impossivelmente pequena, e sabe que quanto mais tempo se agarrar àquela fantasia, mais perigosa ela se torna. Foram dois anos de preocupações constantes. Um permanente receio do pior. Mila estava farta. Não consegue continuar. Tem de o esquecer, de assumir a responsabilidade por si mesma e por Felicia. Será menos lancinante, apercebe-se, chorá-lo do que preocupar-se incessantemente com ele. Até elas estarem em segurança, decide, tem de acreditar que ele está morto. É a única maneira de manter a sanidade.

Mas como poderá dizer isso a Felicia? Como poderá explicar à filha de quase quatro anos que pode nunca conhecer o seu pai? «Tens de a preparar», repetia constantemente Nechuma. «Não podes manter a esperança dela; irá virar-se contra ti.» A mãe tinha razão. Mas Mila ainda não está pronta para essa conversa, para a desilusão que se seguirá. Em vez disso, irá tentar uma nova tática. Irá dizer-lhe parte da verdade. Toma as mãos de Felicia nas suas.

– Quero tanto acreditar que o teu pai regressará para nós. Mas eu... eu não sei onde é que ele está, meu amor.

Felicia abana a cabeça.

– Aconteceu-lhe alguma coisa?

– Não. Não sei. Mas o que sei é que, se ele estiver bem, onde quer que esteja está a pensar em ti. Em nós. – Mila consegue um sorriso. A sua voz é suave. – Iremos tentar encontrá-lo, prometo. Será muito mais fácil perguntar por ele quando estivermos fora do gueto. Mas até lá, temos de pensar no que é melhor para nós, para ti e para mim. Está bem?

Felicia olha para o chão. Mila suspira. Agacha-se à frente de Felicia, envolve os braços dela suavemente com os dedos e espera que ela erga o rosto. Quando o faz, tem lágrimas nos olhos.

– Eu sei que é terrível estar sozinha todo o dia – diz Mila baixinho. – Mas tens de saber que é pelo melhor. Aqui ficas em segurança. Lá fora... – Mila olha para a porta, abanando a cabeça. – Compreendes?

Felicia acena com a cabeça.

Mila olha de relance para o relógio e percebe que está atrasada. Terá de correr até à fábrica. Recorda Felicia acerca do pão na despensa; de andar sempre de meias; do lugar no armário, aquele ponto secreto onde se deve esconder e permanecer absolutamente imóvel, como uma estátua, caso alguém bata à porta enquanto Mila está a trabalhar.

– Adeus, meu amor – diz Mila, beijando Felicia no rosto.

– Adeus – sussurra Felicia.

Na rua, Mila tranca a porta do apartamento e fecha os olhos por um momento, rezando como faz todas as manhãs para que os alemães não façam uma rusga ao apartamento enquanto ela estiver fora, que regresse daí a nove horas e encontre a filha exatamente onde a deixara.

Felicia franze o sobrolho. A sua mente fervilha. O pai está lá fora algures, ela tem a certeza disso. Ele irá voltar para elas. A mãe pode não acreditar, mas ela acredita. Pergunta-se pela milionésima vez como será conhecê-lo, imagina-o a tomá-la nos braços, aliviando a sua fome como que por magia, enchendo-a de felicidade. A mãe referira uma maneira de saírem do gueto. Talvez esta sua nova ideia as conduza ao pai. Os ombros de Felicia curvam-se quando recorda os dois planos anteriores. O colchão. A lista. Foram ambos aterrorizantes. Das duas vezes, acabou de novo onde tinha começado, e ainda pior do que antes. A mãe fala muitas vezes acerca da espera. De ser *paciente*. Como odeia aquela palavra.

Mila demora várias semanas a reunir aquilo de que precisa para que o seu plano funcione: um par de luvas, um velho cobertor, tesouras, duas agulhas, vários pedaços de fio preto, dois botões, uma mão-cheia de restos de tecido e um

jornal. O que tira da fábrica, esconde discretamente no sutiã ou por baixo da cintura, fortemente consciente de que o último trabalhador que foi revistado e apanhado com um carrinho de linhas no bolso do casaco de inverno foi assassinado no local.

Todas as noites, encosta o nariz ao vidro da janela do segundo andar e desliza o olhar ao longo dos edifícios de tijolo que rodeiam o perímetro do gueto, estudando cada um dos três portões junto à entrada principal, na esquina das ruas Wałowa e Lubelska – um grande arco para veículos, flanqueado por duas aberturas mais estreitas para peões. E todas as noites é o mesmo: as esposas alemãs chegam imediatamente antes das seis, envergando os seus sobretudos e chapéus de feltro. Entram pelo portão dos veículos e reúnem-se na entrada de pedra do gueto, esperando que os maridos, os guardas do gueto, saiam de ser viço. Algumas levam nos braços os seus bebés, outras seguram os filhos pequenos pela mão. Enquanto as mulheres convivem, os cerca de trezentos judeus que regressam dos campos de trabalho fora do gueto são arrebanhados através dos dois portões mais pequenos para peões. Às seis horas em ponto, os guardas, juntamente com as esposas e os filhos, desaparecem por baixo da entrada em arco dos veículos e os três portões para o exterior são encerrados, não se voltando a abrir senão pela manhã. Mila olha para as horas. Dez minutos para as seis. Na entrada do gueto, um rapazinho sai a correr do lado da mãe para envolver a perna de um dos guardas com os seus braços. Qual destes estranhos, pergunta-se, viverá na antiga casa dos pais? Qual das esposas se lava na banheira de porcelana da mãe? Qual daquelas crianças pratica as escalas no seu amado *Steinway*? A ideia de uma família nazi a residir confortavelmente no número 14 da Rua Warszawska deixa-a doente.

Observa enquanto os portões do gueto são encerrados. Seis em ponto.

Desta feita, decide Mila, o seu plano irá funcionar. Tem de funcionar. Ela e Felicia irão escapar. E fá-lo-ão em plena luz do dia, debaixo do nariz de todos aqueles guardas malditos.

Já passa do recolher obrigatório e o gueto está silencioso. Mila e a mãe erguem-se junto à pequena mesa da cozinha, os materiais cuidadosamente dispostos à sua frente. Uma vela solitária arde dando-lhes luz.

– É uma pena ter deixado os meus moldes na loja – diz Nechuma baixinho, enquanto corta uma página do jornal com a forma do corpo de um sobretudo. – Vais ter de vestir roupa quente – acrescenta. – Não temos nada para fazer o forro. – Mila acena enquanto se ajoelha para prender o molde improvisado que a mãe desenhou ao cobertor que estendeu no chão, prendendo a lã com cuidado ao longo dos limites do papel. Ela e Nechuma vão trocando as tesouras repetindo o processo para as mangas do casaco, as lapelas, o colarinho e os bolsos. E depois, sentadas em lados opostos da mesa começam a coser.

As horas vão passando enquanto as mulheres trabalham. De quando em vez olham uma para a outra, os seus olhos estão vidrados, e elas sorriem – há muito tempo que não costuram juntas e sabe bem, uma recordação distante das tardes, muito antes de Felicia ter nascido, em que se sentavam para arranjar uma bainha ou remendar uma costura – era frequentemente durante essas tardes sentadas uma ao lado da outra que se desenrolavam as suas conversas mais significativas.

Por volta das três da manhã, Nechuma entra em bicos de pés na despensa e puxa uma prateleira, revelando um esconderijo seguro por baixo. Regressa com quatro notas de cinquenta zlotys.

– Toma – diz ela. – Vais precisar disto. – Mila pega em duas das notas e desliza as restantes sobre a mesa.

– Fica com elas – diz. – Eu vou ficar bem. Em breve estarei com Halina.

Halina deixara Radom três semanas antes quando Adam fora colocado a trabalhar para os caminhos-de-ferro em Varsóvia, a remendar os carris destruídos pela *Luftwaffe* antes de a cidade ter caído. Franka e o irmão desta, bem como os pais, tinham ido com ela. Halina escrevera, mal se instalara, insistindo para que Mila fosse para Varsóvia: *Encontrámos um apartamento no coração da cidade*, escreveu – isto, Mila sabia, significava que estavam a viver fora dos muros do gueto, como arianos –, *estou a fazer tudo para conseguir que os nossos pais venham trabalhar para a fábrica de armamento em Pionki. Quanto a ti, há bastantes empregos em Varsóvia. Franka tem um novo trabalho por perto. Temos tudo aquilo de que precisas. Por favor, arranja maneira de vir!*

Nechuma volta a deslizar as notas por cima da mesa.

– Aqui temos trabalho, os nossos cartões de ração. Durante algum tempo estarás por tua conta – diz ela, acenando em direção à janela. – Vais precisar

disto mais do que nós.

– Mãe, é o que resta...

– Não, não é. – Nechuma toca delicadamente com o indicador no esterno. Mila quase se esquecera. O ouro. Duas moedas, cobertas de algodão cor de marfim: a mãe tinha-as camuflado como botões. – E há ainda a ametista – acrescenta Nechuma. – Se necessitarmos, utilizá-las-emos. O que restava das pratas tinha comprado a vida de Adam. Tudo o resto haviam vendido ou trocado por rações extra, cobertores e medicamentos. Felizmente ainda não tinham sido obrigados a separar-se da pedra púrpura de Nechuma.

– Muito bem. – Mila esconde duas notas de cada lado do colarinho do casaco antes de o coser.

Quando concebera o seu plano, Mila pedira aos pais que fugissem com ela para Varsóvia, mas eles insistiram que era demasiado perigoso. «Vai em busca da tua irmã e de Franka, leva Felicia para um lugar seguro», tinham dito. «Serviríamos apenas para atrapalhar.» Era terrível para Mila admiti-lo, mas tinham razão. As suas possibilidades de fugir com sucesso eram maiores sem eles. Os pais moviam-se lentamente, e ainda tinham a ténue pronúncia ídiche das suas infâncias. Passarem por arianos seria mais difícil para eles. Halina referira, na sua carta, uma fábrica em Pionki, um plano para transferir Sol e Nechuma para lá. Entretanto, continuavam empregados e todos sabiam que ter um emprego era a única coisa que importava, no gueto.

Uma luz baça prateada enche a sala, Nechuma pousa a agulha. Mila varre o que resta do tecido de cima da mesa com a palma da mão e esconde-o debaixo do lava-loiça. O seu trabalho está terminado. Mila envolve o pescoço com um cachecol, um *patchwork* de restos de uniformes das SS, e depois desliza os braços para as mangas do seu novo sobretudo. Nechuma levanta-se, deslizando os dedos pelas costuras, procurando fios soltos nas casas dos botões, observando atentamente a bainha que pende a um centímetro do chão. Alisa a lapela e puxa por uma manga, para a fazer cair na perfeição. Por fim, recua um passo e acena com a cabeça.

– Sim – suspira ela. – Isto é bom. Isto irá funcionar. – Limpa uma lágrima que lhe escorre pelo canto do olho.

– Obrigada – sussurra Mila, envolvendo a mãe num abraço, apertando-a

contra si.

No dia seguinte, Mila apressa-se a regressar a casa do emprego às cinco e meia. Está a vestir Felicia no *hall* de entrada quando Nechuma regressa da cantina.

– Onde está o pai? – pergunta Mila, enfiando uma terceira camisa pela cabeça de Felicia. Preocupa-se sempre que os pais se atrasam mais do que alguns minutos a regressar ao apartamento.

– Hoje foi posto a lavar pratos – disse Nechuma. – Teve de ficar alguns minutos para limpar tudo. Ele estará cá.

– Porque preciso de tantas roupas, *mamusiu*? – pergunta Felicia, erguendo o rosto para a mãe, os seus olhos curiosos.

– Porque – sussurra Mila, agachando-se de modo a que o seu rosto fique ao nível do da filha. Afasta algumas madeixas finas de cabelo cor de canela, prendendo-as atrás da orelha de Felicia – vamos partir esta noite, *chérie*. – Esperara propositadamente para partilhar os pormenores do seu plano com Felicia: ela já estava suficientemente nervosa, e não precisava que Felicia também ficasse.

Um brilho de excitação desliza pelo rosto de Felicia.

– Deixar o gueto?

– *Tak* – Mila sorri. E, depois, cerra os lábios. – Mas é muito importante que faças exatamente o que te digo – acrescenta, embora saiba que o fará. Mila abotoa um segundo par de calças em redor da cintura estreita da filha, ajuda-a a vestir o casaco de inverno e calça-lhe um par de meias nas mãos para fazerem de luvas. Por fim, enfia-lhe um pequeno gorro de lã na cabeça, prendendo por baixo dele as pontas do cabelo.

Nechuma entrega a Mila um lenço carregado com a ração de pão daquele dia. Mila esconde-o na camisa.

– Obrigada – sussurra. Na cozinha, vai buscar o documento de identificação que Adam fez para ela à gaveta de fundo falso e enfia-o na bolsa. Regressando ao *hall* de entrada, veste o casaco novo, o lenço, o chapéu e as luvas. Por fim, em vez de prender a braçadeira em redor da manga como faz normalmente, segura-a

entre os indicadores e rasga-a pela costura. Felicia arqueja.

– Não te preocupes – diz Mila. Embora seja demasiado jovem para usar uma, Felicia sabe o que acontece aos judeus do gueto quando são apanhados sem as braçadeiras. Mila segura a tira de algodão branco sobre o braço, de modo a que a estrela de David azul fique virada para fora, e ergue o cotovelo. Nechuma volta a coser as pontas com dois pontos pequenos e corta o fio sem lhe dar qualquer nó. Enquanto Mila ajusta a faixa, ouve o pai nas escadas.

– Aqui está ela! – Sol sorri, de braços estendidos enquanto avança pela porta. Dobra-se para pegar em Felicia e fá-la girar, beijando-a no rosto. – Meu Deus – diz ele – pareces um elefante com todas essas roupas vestidas!

Felicia ri. Adora o seu *dziadek*, adora quando ele a abraça com tanta força que ela quase não consegue respirar, quando lhe canta aquela canção de embalar acerca do gatinho cujos olhos pestanejam – aquela que a mãe dele lhe cantava quando ele era um rapazinho, dissera-lhe certa vez –, quando a faz girar em círculos até ela ficar tonta e a atira pelo ar e a apanha de tal maneira que ela se sente como se estivesse a voar.

– Não vais precisar disso, pois não? – pergunta Sol ao pousar Felicia, os seus olhos subitamente sérios, ao apontar para o braço de Mila.

– Só até chegar ao portão – diz Mila, engolindo em seco.

– Certo. Claro – Sol acena com a cabeça.

Mila olha para o relógio. É um quarto para as seis.

– Temos de ir, Felicia, dá um grande abraço à tua *babcia* e ao teu *dziadek*. – Felicia ergue o rosto, subitamente dececionada. Não se tinha apercebido de que os avós iam ficar para trás. Nechuma ajoelha-se, puxa Felicia para o seu peito.

– *Do widzenia* – balbucia Felicia, beijando o rosto da avó. Nechuma fecha os olhos durante um longo momento. Quando se levanta, Sol volta a curvar-se e Felicia envolve-lhe o pescoço com os braços. – *Do widsenia, dziadku* – diz ela, escondendo o nariz na cova da clavícula dele.

– Adeus, docinho – sussurra Sol. – Adoro-te.

Mila tem de recorrer a todas as suas forças para não começar a chorar. Lança os braços em redor do pai e depois da mãe, agarrando-se a ela, esperando, rezando para que não seja a última vez que estão juntos.

– Adoro-te, Myriam – sussurra a mãe, chamando-a pelo seu nome hebraico. – Deus esteja contigo.

E dito aquilo, Mila e Felicia partem.

O olhar de Mila percorre a rua em busca de SS. Sem ninguém à vista, pega em Felicia pela mão e, juntas, começam a percorrer o caminho em direção aos portões do gueto. Movem-se rapidamente, o vento mordendo-lhes o rosto. Já é quase de noite e enquanto andam a sua respiração, de um cinzento translúcido, evapora-se na noite.

A um quarteirão de distância dos portões, veem os guardas e Mila abre o casaco.

– Vem – diz baixinho, apontando para o sapato. – Vem aqui para cima do meu pé e agarra-te à minha perna. – Mila consegue sentir o corpo minúsculo de Felicia contra o seu, os seus braços a apertar-lhe a coxa. – Agora agarra-te – Felicia ergue o rosto e acena com a cabeça, os seus olhos muito abertos enquanto Mila fecha o casaco à sua volta. Seguem, agora mais lentamente, em direção ao portão, Mila fazendo os possíveis para andar sem coxear apesar dos onze quilos extra que leva agarrados a uma das pernas.

Estão quinze, talvez vinte guardas colocados em cada um dos dois arcos pedestres na entrada do gueto, todos com uma espingarda ao ombro. Vários contam em voz alta enquanto uma multidão de judeus entra arrastando os pés através dos portões, cegos de cansaço devido ao dia de trabalho no exterior do gueto.

– Despachem-se! – grita um dos guardas, acenando com um bastão por cima da cabeça como se fosse um laço.

Mila estica o pescoço, observando os judeus de olhos cansados que passam por ela, como se estivesse ali para saudar um em particular – o seu marido, talvez, ou o pai. Nenhum deles parece reparar enquanto ela começa a avançar lentamente através da multidão, em direção aos portões do gueto. Em breve, está a poucos metros do grande portão para os veículos, no centro, onde, como esperara, cerca de uma dúzia de esposas alemãs se começou a juntar, apertadas nos seus sobretudos, levando consigo os filhos de faces rosadas.

A perna dói-lhe devido ao peso de Felicia. Para e olha para o relógio. Sete minutos para as seis. Tremendo, contempla pela milionésima vez a consequência de uma fuga falhada. *Terei perdido a cabeça?*, pergunta-se. *Valerá a pena o risco?* E, depois, o seu mundo escurece e ela está de novo com o grupo de judeus, enfiada num vagão vazio, os braços a envolver a cabeça de Felicia numa tentativa fútil de a proteger da cena atroz, embora ambas tenham ouvido os tiros, o som seco dos cadáveres frágeis e nus a colapsar sobre a terra gelada a uns meros vinte metros de onde se encontravam.

O lábio de Mila está húmido de suor. *Consegues fazer isto*, sussurra, afastando qualquer dúvida. *Basta contar*, pensa. É a técnica do pai, uma técnica que ele tem usado desde que ela era criança. «Quando chegar até três», dizia ele, e por mais desafiante que fosse o desafio – arrancar um dente, tirar uma lasca de madeira de debaixo de uma unha, deitar água oxigenada sobre um joelho ensanguentado – contar tornava, de algum modo, as coisas mais fáceis.

À direita, um cavalo e uma carroça que leva os alimentos do Conselho dos Judeus matraqueia através da entrada dos veículos e para quando meia dúzia de SS vasculha o seu conteúdo, gritando, aumentando subitamente o ruído da entrada. É isto, apercebe-se Mila, a distração de que precisava.

Quando chegar a três. Mila sustém a respiração e conta. *Um... dois...* quando chega ao *três*, vira as costas ao portão, abre o casaco e estende o braço, tocando na cabeça de Felicia. Num instante, Felicia está ao seu lado, segurando-lhe a mão. Mila levanta a mão livre e arranca a faixa branca do braço, sentindo o eletrizante *pop* dos dois pontos da mãe a ceder. Amachuca na mão a faixa e enfia-a rapidamente no bolso. *Ninguém viu*, diz a si mesma. *A partir deste ponto, és uma esposa alemã, vieste ter com um dos guardas. És uma pessoa livre. Pensa como uma. Age como uma.*

– Fica sempre ao meu lado – ordena Mila friamente. – Olha sempre em frente, para o gueto. Não olhes para trás. – Na periferia do seu campo visual, Mila consegue ver que várias mulheres alemãs à sua esquerda já encontraram os maridos. Erguem-se conversando em pares, os braços cruzados sobre o peito para se manterem quentes. Ela aperta a mão de Felicia. – Devagarinho – sussurra, e juntas começam a avançar lentamente, de costas, em direção ao portão, movendo-se como que em câmara lenta, para que ninguém repare nelas.

Mila tenta obrigar os músculos do pescoço e do maxilar, tensos como cordas, a relaxar um pouco, para imitar as expressões descontraídas e os maneirismos das mulheres alemãs à sua volta. Mas à medida que se aproximam dos portões, é desconcentrada pela sensação de um corpo demasiado próximo do seu. Vira-se precisamente quando uma jovem esposa, a cabeça inclinada na direção oposta, choca com as suas costas.

– *Entschuldigen Siemich* – desculpa-se a mulher, ajustando o chapéu. Cheira a champô.

Mila sorri, acena com a mão livre no ar. «*Esistnichts*», diz baixinho, abanando a cabeça. A mulher olha para Mila com os seus olhos azuis cristalinos por um instante, em seguida baixa-os de relance para Felicia. E depois desaparece, perdendo-se na multidão. Mila exala e aperta a mão de Felicia uma vez mais. Continuam, recuando lentamente em direção ao portão dos veículos. Atrás dela entram mais mulheres – inclinam os queixos ocasionalmente na direção de Mila, mas parecem não olhar para ela. *És uma delas,* recorda Mila a si mesma. Enquanto mantiverem as costas viradas para a entrada e se moverem com discrição suficiente, reza, passarão despercebidas. *Lentamente, agora. Pé direito, pé esquerdo. Pausa. Pé direito, pé esquerdo. Pausa. Tão tensa não,* diz a si mesma, relaxando a mão que segura a de Felicia envolta numa meia. *Direita. Esquerda. Direita. Esquerda. Calma, estás quase lá.*

O último dos judeus entrou no gueto e Mila observa pelo canto do olho enquanto os portões dos peões são fechados e encerrados com cadeado. Quando um guarda passa subitamente por ela, batendo-lhe no cotovelo com algo duro, ela pressiona os lábios mesmo a tempo de silenciar um grito que quase lhe escapa pela garganta.

– Mexe-te! – grita o guarda. Mas segue o seu caminho sem parar.

Por fim, Mila sente uma estrutura por cima de si. Estão por baixo da entrada principal – do arco do portão dos veículos. Uma rajada de vento sopra-lhes nas costas e Mila leva a mão ao chapéu para o impedir de voar. Baixa ainda mais o chapéu sobre a testa e olha de relance para Felicia, que tem o rosto pálido, mas cuja expressão está espantosamente calma. *Mantém-te concentrada,* recorda Mila a si mesma. *Estás tão perto! Conta os teus passos. Um... dois...* Vão avançando lentamente para trás. *Três... quatro...* No seu quinto passo Mila

consegue ver o lado de fora do muro de entrada e o sinal onde se lê PERIGO DE DOENÇAS CONTAGIOSAS: ENTRADA PROIBIDA.

Quase nem acredita. Conseguiram deixar os muros do gueto! Mas os próximos passos, apercebe-se, são os mais importantes. *Este* é o momento que reviu na sua mente uma e outra vez, como uma cena de um filme, até se ter convencido que o seu plano poderia funcionar.

Invocando os últimos gramas de coragem, Mila inspira. É agora.

– Vem! – sussurra. Dá uma volta de 180 graus, puxando Felicia consigo.

E depois, com o gueto para trás, andam. *Direita, esquerda – devagar, demasiado depressa não,* pensa Mila, resistindo ao instinto para correr. *Direita, esquerda, direita, esquerda.* Tenta endireitar os ombros, erguer o queixo, mas o coração é como um martelo pneumático, o estômago, uma bola de arame-farpado. Fica à espera dos gritos, dos tiros. Em vez disso, contudo, tudo o que ouve é o som dos seus passos, os três passos de Felicia por cada dois seus, os saltos dos sapatos a bater suavemente no pavimento da Rua Lubelska, movendo-se ligeiramente mais depressa agora, para longe dos guardas e das suas esposas, para longe da fábrica e das ruas imundas e das supostas doenças contagiosas.

Mila vira à direita para Romualda Traugutta, e continuam em silêncio durante mais seis quarteirões antes de se enfiarem numa viela vazia. Ali, nas sombras, sente o coração a abrandar e os músculos do pescoço começam a descontrair. Dentro de um momento, quando se tiver acalmado, regressará à Rua Warszawska, ao antigo prédio dos pais, onde irá bater à porta dos vizinhos e amigos, os Sobczak e, se eles lho permitirem, passar ali a noite. No dia seguinte, irá utilizar a sua identificação falsa para tentar viajar para Varsóvia. Estão longe de estar em segurança – se forem apanhadas, serão mortas –, mas escaparam à prisão do gueto. O seu plano, pelo menos a primeira parte, funcionou. *Tu consegues fazer isto,* diz Mila a si mesma. Olha de relance para trás, para ter a certeza de que não foi seguida, e depois para e curva-se para segurar o rosto de Felicia com a palma da mão e encostar levemente os lábios à testa da filha.

– *Bela menina* – sussurra. – *Bela menina.*

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Sol e Nechuma

Radom, Polónia ocupada pelos Alemães ~ maio de 1942

Nechuma e Sol estão deitados, acordados, sobre o colchão, os dedos entrelaçados. Fitam o teto, demasiado preocupados para conseguirem dormir.

Correm rumores, no gueto, de que Wałowa será liquidada em breve. Ninguém sabe bem o que isso significa, mas os rumores, cada um mais aterrorizante do que o anterior, foram recentemente agravados pela notícia do que acontecera em Łódź. Ali, de acordo com a Resistência, os alemães haviam deportado milhares de judeus de um gueto muito maior do que o de Radom para um campo de concentração na aldeia próxima de Chełmno. Os judeus pensavam estar a ser enviados para um campo de trabalho. Mas, há alguns dias, um par de prisioneiros que havia conseguido fugir apareceu em Varsóvia com histórias tão arrepiantes que Nechuma não consegue pensar em mais nada. Não havia trabalho em Chełmno, relataram. Em vez disso, os judeus eram enfiados, até 150 de cada vez, em carrinhas e asfixiados com gás – homens, mulheres, crianças, bebés – tudo numa questão de horas.

Nechuma costumava contar aos seus botões que já tinham sobrevivido a *pogrons* e que, com o tempo, os combates e o derramamento de sangue terminariam. Mas com as notícias que chegavam de Łódź, apercebera-se de que

a situação em que se encontravam agora era completamente diferente, não se tratava apenas de serem sujeitos a uma fome e pobreza profundas. Aquilo era uma perseguição, um extermínio.

– Os nazis não vão vencer – diz. – Serão parados.

Sol não responde. Nechuma exala lentamente e, no silêncio sufocante que se segue, apercebe-se de como se sente dorida. Até as pálpebras lhe doem, como se implorassem por descanso. O seu próprio corpo desconcerta-a. Pergunta-se, muitas vezes, se ela e Sol ainda terão forças para continuar. Vivem num estado de dor, exaustão e fome perpétuos – esgotados pelos dias longos na cantina, pelas rações patéticas, pelos truques mentais que utilizam para ignorar os horrores quotidianos que os rodeiam. Sentem-se, agora, quase insensíveis ao constante disparar das espingardas dentro dos muros do gueto, ao contornar dos corpos dos mortos e dos moribundos que jazem nas ruas, a proteger os olhos quando passam pela entrada do gueto, onde os SS se habituaram a pendurar filas de judeus pelo pescoço, enforcando-os lentamente, prolongando a sua agonia durante tanto tempo quanto possível para que os outros possam ver, possam compreender: *Isto é o que acontece quando violam as regras. Isto é o que acontece aos que são insolentes, desafiantes ou simplesmente desafortunados.* Nechuma vira certa vez um rapazito, de apenas cinco ou seis anos, assim enforcado, a minutos, ao que parecia, da morte, e embora não se conseguisse obrigar a olhar para os seus olhos, permitiu-se um vislumbre dos pés descalços, tão pequenos e pálidos, os tornozelos tensos de dor. Desejou poder erguer um braço e tocar-lhe, confortá-lo de alguma maneira, mas sabia que fazê-lo significaria uma bala na cabeça ou uma corda em redor do seu próprio pescoço.

– Pelo menos os americanos entraram na guerra – diz, repetindo o grão de esperança que tem vindo a circular entre os outros habitantes do gueto: uma centelha de possibilidade, algo a que se podiam agarrar.

– Talvez os alemães possam ser parados.

– Talvez – concorda Sol. – Mas será tarde demais para nós. – A sua voz falha e Nechuma percebe que está a refrear as lágrimas. – Se começarem a limpar os guetos de Radom, nós os dois estaremos entre os primeiros a ir. Talvez poupem os mais jovens. Mas, quem sabe, talvez nem esses.

Nechuma sabe, na sua alma, que o marido tem razão, mas não consegue

forçar-se a admiti-lo, pelo menos não em voz alta. Pega na mão de Sol e beija-a, encostando a palma ao seu rosto.

– Meu amor. Já não sei o que irá acontecer, mas o que quer que nos esteja reservado, pelo menos ter-nos-emos um ao outro. Estaremos juntos.

Um mês antes, talvez um dos seus filhos os pudesse ter ajudado. Mas agora estão sozinhos no gueto. Jakob está com Bella na fábrica AVL, perto do gueto de Glinice, e Mila, reza Nechuma, está a caminho de Halina, em Varsóvia. Ela e Felicia não tinham regressado a Wałowa desde a tentativa de fuga, mas isso podia significar qualquer coisa. Agora, com a situação a tornar-se ainda mais tensa a cada dia que passa, a sua única esperança real é Halina. Mas esta ainda não conseguira garantir-lhes emprego na fábrica de armamento de Pionki e o seu tempo estava a esgotar-se. «Continuo a trabalhar numa transferência», garantira da última vez que lhes escrevera. «Mantenham-se fortes, não percam a fé.»

Mantêm o contacto com Halina, pelo menos – capazes de comunicar através de cartas levadas às escondidas com a ajuda de Isaac. Nechuma quase não consegue pensar no destino dos filhos desaparecidos. Nada sabe de Genek desde que este e Herta desapareceram de Lvov há dois anos, e em breve ter-se-ão passado quatro anos desde a última vez que viu Addy. Daria qualquer coisa, até a vida, para saber que estão vivos e incólumes.

A matriarca leva uma mão ao coração. Não há nada pior, nem mesmo o inferno quotidiano do gueto, para uma mãe do que ter de viver com tamanho receio e incerteza em relação ao destino dos filhos. À medida que as semanas e os meses e os anos se vão somando, o tormento dentro dela acumula-se e arde, um crescendo de infelicidade que ameaça parti-la por dentro. Começou a perguntar-se durante quanto tempo mais será capaz de suportar a dor.

Sob a ponta dos dedos, consegue sentir o ténue bater do seu coração. Quer chorar, mas os olhos estão secos, a garganta parece papel. Pestaneja na escuridão, as palavras da filha ecoando através dela. *Mantenham-se fortes. Não percam a fé.*

– A Halina vai arranjar maneira de nos transferir para a fábrica – diz, ao fim de um longo momento, quase num sussurro. Mas Sol não responde, e pela lentidão da sua respiração percebe que está a dormir.

O nosso destino, pensa, *está nas mãos de Halina*. A mente de Nechuma corre

para a sua filha mais nova, em criança – para como, mesmo antes de ser capaz de falar, Halina exigia atenção, e quando não a obtinha, a sua resposta era encontrar algo frágil e parti-lo. Ou gritar simplesmente. Para como, quando Halina estava no *gymnasium*, alegava frequentemente estar demasiado doente para ir para a escola; Nechuma encostava-lhe a mão à testa e, de vez em quando, deixava-a ficar em casa, apenas para a ver saltitar pelo corredor até à sala de estar, alguns minutos mais tarde, onde ficava horas deitada de barriga para baixo, a folhear uma das revistas de Mila, rasgando imagens de vestidos que gostava.

Crescera tanto, a sua Halina, desde o início de tudo aquilo. Talvez ela *fosse* realmente capaz de os tirar dali. *Halina*. Nechuma fecha os olhos e tenta descansar. Enquanto desliza para o sono, imagina-se à janela da sua antiga casa, olhando para as copas dos castanheiros que delineiam a rua Warszawska. A estrada em baixo está vazia, mas o céu está animado pelos pássaros. No seu sonho acordada, observa enquanto eles mergulham e emergem das nuvens, aterrando, de quando em vez, num ramo para olharem em volta, levantando voo em seguida. A respiração torna-se mais lenta. Adormece a pensar em Halina a voar por cima de si, os braços abertos como asas, os olhos brilhantes, alerta, a encontrar uma saída para todos eles.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Halina e Adam

Varsóvia, Polónia ocupada pelos alemães ~ maio de 1942

– Achas que alguém nos entregou? – sussurra Halina. Ela e Adam estão sentados a uma mesa pequena na cozinha nas águas furtadas que alugaram em Varsóvia.

– Quase não conhecemos ninguém em Varsóvia – diz Adam, tirando os óculos e esfregando os olhos. Estão naquele apartamento há um mês e, inicialmente, sentiam-se em segurança. Mas no dia anterior, a esposa do senhorio subira as escadas sem se fazer anunciar, farejando como um cão de caça atrás de um cheiro enquanto lançava uma saraivada de perguntas acerca das suas famílias, dos seus empregos, da sua educação. – E os nossos documentos são imaculados – acrescenta. Fizera os seus documentos de identificação com um cuidado extra. Não havia apelido mais católico-polaco do que aquele que haviam escolhido, Brzoza. Graças aos seus documentos falsos e ao seu aspeto (o cabelo louro e os olhos verdes de Halina e as maçãs do rosto altas e de pele clara de Adam) passavam facilmente por arianos. Mas não havia como contornar o facto de terem chegado recentemente a Varsóvia, sem amigos ou familiares próximos, e isso bastava para os tornar suspeitos.

– O que fazemos? Devemos mudar-nos?

Adam desliza os óculos de novo sobre o nariz, espreita para Halina através

das armações espessas, redondas.

– Isso seria uma admissão de que fizemos algo de errado. Eu acho... – faz uma pausa, batendo com o indicador na toalha de xadrez azul e branco sobre a mesa. – Eu acho que tenho um plano. – Halina acena com a cabeça, aguardando. Precisam desesperadamente de um plano. Caso contrário, é apenas uma questão de tempo antes que a esposa do senhorio apresente queixa deles à polícia.

– Aleksandra desconfia que somos judeus, apesar dos nossos documentos... Tenho estado a tentar descobrir uma maneira de explicar que *não* somos e a única maneira de o provar, quero dizer: de o provar *verdadeiramente*... é ela *ver* que não somos. Bem, que *eu* não sou.

– Não estou a perceber – diz Halina, abanando a cabeça.

Adam suspira. Remexe-se na cadeira.

– Tenho estado a experimentar uma maneira de... – Olha desconfortavelmente para o colo, mas as suas palavras são interrompidas por um som. Alguém que sobe as escadas até ao sótão. O seu queixo aponta repentinamente para a porta atrás dele. – É ela – sussurra, enquanto os passos se aproximam. Fixa o seu olhar em Halina. Adam aponta para a luz que pende sobre o lava-louça. – A luz! – diz. Halina fita-o, inquisitiva. – A luz junto ao lava-louça, apaga-a. Ele desaperta o cinto das calças.

– Porquê? – pergunta Halina, correndo para o lava-louça. Batem à porta.

– Já vai – diz Adam.

Halina puxa uma corrente para apagar a luz. As mãos de Adam estão nas calças, movendo-se rapidamente.

– Em nome de Deus, o que...? – murmura Halina.

– Confia em mim – sussurra Adam. Batem com mais força. Adam levanta-se e dirige-se ao lava-louça, apertando o cinto. Halina acena com a cabeça e dirige-se à porta.

– Estão aí? Deixem-me entrar! – A voz do outro lado da porta é um guincho, à beira da histeria. Adam faz sinal a Halina, erguendo um polegar. Um instante depois, Aleksandra entra de rompante no apartamento, lançando-lhes olhares furiosos.

– Olá, Aleksandra – cumprimenta Halina, olhando de relance para Adam, cujas mãos repousam descontraidamente no lava-louça de porcelana atrás dele.

Aleksandra ignora o cumprimento e atravessa a divisão em direção a Adam, arrastando atrás de si uma nuvem de dissensão.

– Vou ser breve – diz, parando a curta distância dele e semicerrando os olhos até não serem mais do que duas fendas. – Alguém me levou a crer que têm estado a mentir-nos. Afirmam que são *judeus*! E sabem que mais? – ela aponta um dedo para Adam: – Eu *defendi*-vos: eu disse-lhes o vosso nome, garanti-lhe que eram bons cristãos como todos nós; mas agora já não tenho assim tanta certeza. – Uma pequena gota de saliva pende do seu lábio superior. – É verdade, não é? – vocifera. – Vocês são judeus, não são?

Adam ergue as palmas das mãos.

– Por favor...

– Por favor, *o quê*? Por favor, desculpem-nos por termos posto as vossas vidas em perigo? Não sabem que podíamos ser *presos* e pendurados pelo pescoço por acolhermos *judeus*?

Adam endireita as costas.

– Quem quer que tenha dito isso está errado – diz, a sua voz calma. – E para ser sincero, sinto-me ofendido. Não há uma gota de sangue judeu na minha família.

– Porque haveria de acreditar em si? – vocifera Aleksandra.

– Está a chamar-me mentiroso?

– Eu tenho uma fonte. – Aleksandra agarra com os dedos os ossos da anca, os seus braços formando triângulos com o tronco. – Vocês dizem que não são judeus. Mas não o podem provar.

Adam cerra os lábios com força, formando uma linha tensa.

– Eu não tenho de provar *nada* – diz, obrigando as palavras a saírem lentamente.

– Diz isso porque está a *mentir*! – cospe Aleksandra.

Adam sustém o olhar furioso dela.

– *Muito bem*. Precisa de provas? – Adam leva a mão ao cinto. Halina não se

afastou da porta. Por trás de Aleksandra, arqueja, tapa a boca. Enquanto Adam luta contra o cinto, Aleksandra emite um som estranho, como um soluço. Mas antes que se possa opor, Adam, num acesso de fúria, abre o fecho das calças, enfia os polegares por baixo da cintura e, num só movimento, baixa-as, juntamente com a roupa interior, até aos joelhos. Halina tapa os olhos, incapaz de olhar.

Aleksandra fica de queixo caído. Incapaz de se mover.

Adam ergue a camisa.

– Isto é *prova* suficiente para si? – grita, quando as calças caem em monte em redor dos tornozelos. Baixa os olhos de relance, quase esperando ver a sua camuflagem pavorosamente exposta. Prendera o penso cor de pele naquela manhã com uma solução de clara de ovo crua e água, tendo-se estudado ao espelho. Nas sombras, esperava, passaria por prepúcio. O penso, para seu alívio, permanecera no lugar.

Halina espreita por entre os dedos para a silhueta do marido junto ao lava-louça. Nas sombras, consegue distinguir os seus genitais. Compreende agora porque lhe pediu que apagasse a luz sobre o lava-louça.

– Deus Todo-Poderoso, basta! – brada por fim Aleksandra, virando o rosto com uma expressão de nojo. Ela recua um passo, parecendo prestes a vomitar.

Halina exala, espantada pelo facto de o plano de Adam ter funcionado, e pergunta-se há quanto tempo andará ele com o penso preso aos genitais. Tosse para limpar a garganta e abre a porta, indicando a Aleksandra que é tempo de esta partir.

– A chamar-nos *judeus* – murmura Adam num sussurro, enquanto se curva para volta a puxar as calças sobre as coxas.

A esposa do senhorio bate nervosamente na blusa, a pele do pescoço repleta de furiosas manchas vermelhas. Evita olhar para os olhos de Halina e sai porta fora, em direção às escadas, sem dizer uma palavra. Halina tranca a porta atrás de si e espera que os passos se afastem antes de se virar para olhar para Adam. Abana a cabeça.

Adam ergue as palmas das mãos para o teto, erguendo os ombros em direção às orelhas.

– Não sabia o que mais fazer – diz.

Halina tapa a boca. Adam olha de relance para os pés e de novo para ela, e quando os olhos deles se encontram, os cantos da boca de Adam erguem-se num sorriso e Halina ri, silenciosamente, para a palma da mão. Precisa de um momento para se recompor. Limpando as lágrimas dos olhos, avança pela sala.

– Podias ter-me avisado – diz, pousando os antebraços no peito de Adam.

– Não tive tempo – sussurra Adam. Envolve a cintura dela com os seus braços.

– Quem me dera ter visto o rosto de Aleksandra – comenta Halina. – Parecia miserável ao sair.

– O queixo dela quase tocou no chão.

– És um homem corajoso, Adam – diz Halina baixinho.

– Sou um homem de sorte. Fico surpreendido por o penso ter aguentado.

– Graças a Deus! Deixaste-me tão nervosa.

– Desculpa.

– Ainda está... lá? – Halina olha de relance para o espaço entre eles.

– Tirei-o quando Aleksandra estava a sair. Estava a dar comigo em doido, tenho-o posto há horas: fico surpreendido por não teres reparado que estava com um andar estranho.

Halina volta a rir, abana a cabeça.

– Doeu ao sair? Está tudo bem... aí em baixo?

– Acho que sim.

Halina semicerra os olhos. A adrenalina deixou a sua pele elétrica ao toque e o calor de Adam contra ela é subitamente irresistível.

– É melhor ver isso – diz, levando a mão ao cinto dele, desapertando-o. Ela beija-o, fechando os olhos, enquanto as calças de Adam voltam a cair num monte em redor dos tornozelos.

4 DE AGOSTO DE 1942: *Final da tarde, o gueto mais pequeno de Radom, Glinice, é isolado pela polícia e iluminado com holofotes; entre 100 e 150 crianças e idosos são assassinados de imediato; no dia seguinte, aproximadamente 10 000 pessoas são levadas de comboio para o campo de extermínio de Treblinka.*

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Jakob e Bella

Fábrica AVL, Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ 6 de agosto de 1942

Numa situação precária, em pé, em cima de uma sanita na casa de banho dos homens, Bella espera que Jakob bata à porta. Com uma mão, segura-se à parede da latrina para se equilibrar, o casaco de inverno dobrado sobre o cotovelo. A outra, ao lado do corpo, agarra-se à pega de uma pequena mala de viagem em pele. A porta da casa de banho é pequena, a sua posição dolorosa: se se endireitar, a cabeça será visível por cima da divisória; se descer da sanita os pés serão visíveis por baixo; se se mover de todo, já agora, arrisca-se a cair, ou pior, a deslizar para o buraco fétido entre os seus pés. Felizmente ninguém foi à casa de banho durante os últimos trinta minutos. Ainda assim, mantém a sua posição, tentando o melhor que pode ignorar o calor sufocante, o latejar nas costas, o fedor avassalador das fezes e da urina estagnada. *Depressa, Jakob. Porque estás a demorar tanto tempo?*

O seu plano, se funcionar, é escapar do confinamento da AVL sem que ninguém disso se aperceba e dirigir-se ao gueto próximo de Glinice. Uma parte dela continua a agarrar-se à centelha de esperança de poder encontrar os seus pais ali, vivos. Poupados. Mas consegue senti-lo. Partiram.

O gueto foi liquidado. Bella e Jakob foram avisados de que isso iria acontecer, por um amigo da força policial polaca. Tinham sido próximos de Ruben na escola e sentiram-se esperançosos quando ele foi colocado a patrulhar

a AVL; talvez, pensaram, lhes pudesse ser de alguma ajuda. Mas das duas vezes em que Bella o vira, ele seguira caminho, sem sequer um aceno de cabeça ou um olhar de relance na sua direção. Não era de surpreender, claro – aquilo era comum agora, esta nova dinâmica entre velhos amigos. E, por isso, Bella foi apanhada desprevenida quando, há uma semana, Ruben a pegou pelo braço, empurrou para uma despensa e a seguiu para o interior, trancando a porta atrás deles. Bella, que por aquela altura já aprendera a esperar o pior, rezara para que, o que quer que ele tivesse planeado fazer com ela, fosse ao menos rápido. Em vez disso, Ruben surpreendeu-a ao dirigir-lhe um olhar de tristeza abjeta. «Lamento ter-te ignorado, Bella», disse-lhe numa voz que era pouco mais do que um sussurro. «Arrancar-me-iam a cabeça se... seja como for, tens família no gueto, sim?», perguntara ele na escuridão. Bella acenara que sim. «Ouvi dizer hoje que Glinice será liquidado dentro de uma semana. Ficará apenas uma mão-cheia de empregos, alguns poderão ser poupados, enviados para Wałova, mas os restantes...», ele olhava para o chão. Quando Bella lhe perguntou para onde seriam enviados os judeus, Ruben falou tão baixinho que ela teve de se esforçar para conseguir perceber as palavras. «Ouvi um par de oficiais das SS a falar acerca de um campo perto de Treblinka», sussurrou Ruben. «Um campo de trabalho?» perguntou Bella, mas Ruben não respondeu, limitou-se a abanar a cabeça.

Com aquelas notícias, Bella suplicou a Maier, o capataz da fábrica, que lhe permitisse levar os pais com ela para a AVL. Este concordara, por alguma razão, e até emitira um *ausweis* para que ela pudesse percorrer os dois quilómetros até Glinice certa noite. Ruben acompanhou-a. Mas os pais tinham-se recusado a partir. «Se achas que podemos simplesmente sair daqui, és louca», disse-lhe o pai. «Este *Herr* Maier diz que podemos trabalhar para ele, mas diz isso aos guardas do gueto... diz-lhes que vamos deixar os nossos empregos aqui para trabalhar para outra pessoa e eles rir-se-ão, e depois meter-nos-ão uma bala na cabeça. E na tua também. Já o vimos acontecer antes.»

Bella conseguia ver o terror nos olhos do pai. Mas ela era persistente. «Por favor, pai. Já levaram Anna. Não deixes que te levem também, tens pelo menos de tentar. O Ruben pode ajudar», insistiu, a sua voz incomumente alta, marcada pelo desespero. «É demasiado perigoso para nós», disse a mãe, abanando a cabeça. «Raios, Bella. Vai. Salva-te.»

Bella odiara os pais por terem ignorado o seu plano, por terem estragado toda a esperança. Dera-lhes uma oportunidade para escaparem – para tomarem o destino nas suas próprias mãos –, mas em vez de agarrarem as rédeas, tinham cedido e curvado o corpo sobre a sela, esmagados pelo medo. «Por favor!», implorara Bella por fim, soluçando nos braços da mãe, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto, mas podia ver na posição dos ombros, na expressão deprimida dos olhos – haviam perdido a vontade de lutar. A força que lhes restara parecia ter sido levada quando Anna desapareceu. Eram conchas dos seus antigos seres, vazios, esgotados e temerosos. Quando Bella e Ruben deixaram Glinice sem eles, Bella estava fora de si.

Alguns dias depois, à meia-noite do dia 4 de agosto, teve início a liquidação do gueto de Glinice, tal como Ruben previra. A dois quilómetros de distância, na fábrica, Bella conseguia ouvir o som ténue dos tiros, os gritos arrepiantes que se seguiam. Impotente, frenética e quase incapaz de f uncionar ao final de vários dias sem dormir, colapsou. Jakob encontrou-a nos dormitórios da fábrica, enrolada em posição fetal e recusando-se a falar, ou mesmo olhar para ele. Não conseguia fazer mais nada a não ser soluçar. Sem quaisquer palavras que a pudessem reconfortar, deitou-se ao lado dela, abraçou-a e segurou-a enquanto chorava. Passaram-se várias horas até que o som de tiros cedeu, finalmente. Quando isso aconteceu, Bella silenciou-se.

Na madrugada do dia seguinte, Jakob ajudou Bella a regressar à cama, e disse ao guarda responsável pelo dormitório que a esposa estava demasiado doente para trabalhar. «Tens a certeza de que está viva?», perguntou o guarda quando espreitou para o interior e viu Bella deitada e imóvel de costas, um pano molhado sobre a testa. Uma hora mais tarde, Maier declarava através dos altifalantes que a AVL ficaria encerrada e os judeus iriam ser enviados para uma fábrica diferente, e que deveriam fazer as malas. Deveriam preparar-se para partir, disse Maier, na manhã seguinte, às nove em ponto. Mas Jakob sabia exatamente para onde seriam enviados. Precisavam de uma escapatória. Nessa noite, Jakob obrigou Bella a comer uma côdea de pão e implorou-lhe que reunisse as suas forças. «Preciso que venhas comigo», disse ele. «Não podemos ficar aqui, compreendes?» Bella acenara com a cabeça e Jakob explicara o seu plano, que incluía um par de alicates, embora ela tivesse tido alguma dificuldade em segui-lo. Antes de ter partido, ele implorou-lhe que se encontrassem pela

manhã, às oito e meia, na casa de banho dos homens.

Eram agora quase nove. À medida que o sol de verão vai batendo no telhado de zinco, por cima da sua cabeça, o ar na casa de banho vai ficando abafado. Bella teme estar prestes a desmaiar. Necessitara de todas as forças para se levantar naquela manhã, e quando o fez era como se já não aguentasse o seu próprio corpo, como se os músculos se tivessem rendido. Quando os altifalantes estalam ela pestaneja, grata pela distração. É a voz de Maier.

– Trabalhadores: sigam para a entrada da fábrica para receberem as vossas rações. Tragam os vossos pertences.

Bella fecha os olhos. Em breve formar-se-á uma fila na frente da fábrica. Ela imagina os guardas aí reunidos para escoltar os judeus até à estação de comboios, e pergunta-se se serão os mesmos guardas que supervisionaram a viagem dos pais em direção a uma morte quase certa. O seu estômago revolve-se. *Onde está Jakob?* Conseguira chegar à casa de banho às oito e vinte cinco, cinco minutos antes da hora combinada. Tinha-se passado, pelo menos, meia hora. *Ele já devia ter chegado. Por favor...* Bella reza, escutando o ténue *chape* do suor a pingar a intervalos de alguns segundos do queixo para o piso de cimento por baixo dela e afastando o desejo de sair a correr da casa de banho e gritar aos guardas que a levem também. *Por favor, Jakob, depressa.*

Por fim, ouve um suave *tap-tap-tap-tap* na porta. Exala e desce hesitantemente da sanita. Bate duas vezes e recebe, em resposta, outras quatro batidas. Destranca a por ta. No exterior, Jakob acena com a cabeça, parecendo aliviado por encontrá-la ali.

– Desculpa estar atrasado – sussurra. Pega na mala dela e guia-a em redor do exterior da casa de banho, mantendo-se junto da parede. Limpando o suor do rosto, Bella engole o ar fresco, grata por se entregar, agora, nas mãos de Jakob, por se limitar a segui-lo.

– Estás a ver aquele campo, imediatamente depois dos dormitórios dos homens? – pergunta Jakob, apontando. – É para ali que vamos. Mas primeiro temos de chegar aos dormitórios.

Bella semicerra os olhos, fitando o edifício comprido e atarracado, que parece estar a uns trinta metros de distância. Para lá dele, existe uma vedação, uma parede de rede metálica e arame-farpado que rodeia a propriedade e, do outro

lado, o seu alvo – um campo de trigo bastante crescido.

– Vamos ter de correr – sussurra Jakob. – E esperar que ninguém nos veja. – Espreita cuidadosamente em redor da esquina da casa de banho, na direção das traseiras da fábrica, narrando o que vê: o final da fila de pessoas estende-se em redor do edifício, a partir da entrada; três guardas fecham a parte de trás, fazendo sinais aos últimos trabalhadores para se juntarem ao final da fila. Ao fim de alguns minutos longos, Jakob estende o braço para trás e toma a mão de Bella. – Partiram. – diz ele. – Depressa. Vamos!

Bella é puxada para a frente e depressa estão a levantar nuvens de pó enquanto correm apressadamente em direção ao campo, as costas viradas para a fábrica. Passados poucos segundos, os pulmões de Bella já gritam, mas ela está apenas consciente de que agarra com força a mão de Jakob, e da tentação de se virar e olhar para trás enquanto corre, para ver se alguém os viu – mas receia que, se o fizer, possa entrar em pânico e estacar. Os trinta metros encolhem para vinte, depois dez, depois cinco, e em seguida o seu passo abranda quando se escondem atrás dos dormitórios dos homens, encostando as costas à madeira gasta, engolindo o ar em grandes golfadas para os seus pulmões ardentes. Bella inclina-se para a frente e pousa as mãos nos joelhos, sentindo o coração a bater violentamente no peito. A corrida quase a fizera lançar-se para o precipício, mas ao mesmo tempo agitara algo nela. Pelo menos para já, trouxera-a de novo para o seu corpo. Respiram tão silenciosamente quanto conseguem, apesar do esforço, escutando atentamente, por passos, gritos, o estalar de uma espingarda. Nada. Jakob espera um minuto e, depois, espreita na esquina. Ninguém, ao que parece, os viu.

– Anda – diz Jakob, e avançam, agora escondidos, em direção à vedação. Quando lá chegam, ele ajoelha-se e trabalha rapidamente com o alicate, a testa húmida enquanto vai cortando metodicamente o aço até ter aberto um buraco suficientemente grande para conseguirem passar. – Tu primeiro, meu amor – diz ele, erguendo a aba da vedação. Bella arrasta-se de barriga através da abertura; Jakob entrega-lhe a mala e depois segue-a, dobrando de novo a rede de aço o melhor possível. – Mantém-te baixa.

Apressam-se a chegar ao prado, onde se deixam cair sobre as mãos e os joelhos e gatinham, os corpos envolvidos nos talos do trigo mais do que maduro

que se agitam ao lado deles à medida que se vão afastando da vedação acabada de cortar, da fábrica e dos vagões de gado que estão a ser repletos de homens e mulheres que, na noite anterior, tinham dormido ao seu lado. De gatas, Bella recorda-se, por um momento, da manhã em que gatinhou por um campo para chegar a Lvov, no início da guerra. Havia tanto em risco, parecera-lhe, na altura, tantas incógnitas. Mas, pelo menos nessa altura, tinha uma irmã. Tinha pais.

Passados alguns minutos, ela e Jakob param, erguendo-se sobre os joelhos de modo a poderem espreitar através das pontas da relva em direção à fábrica. Percorreram uma boa distância – a AVL parece pequena, como um tijolo bege no horizonte.

– Acho que estamos em segurança aqui – informa Jakob. Dobra os talos à volta deles, criando uma espécie de covil para que se possam esticar um pouco. O trigo é alto e conseguem ficar sentados e manter as cabeças escondidas. Bella, pegajosa de suor, estende o casaco no chão e senta-se em cima dele. Ele olha de novo de relance para a fábrica. – Devíamos esperar até escurecer antes de seguirmos caminho. – Bella acena com a cabeça e Jakob vai sentar-se ao seu lado, levando a mão ao bolso de onde retira meia batata cozida. – Guardei-a da noite passada – diz-lhe, abrindo o lenço.

Bella não tem fome. Abana a cabeça e puxa as pernas contra o peito, pousando o rosto nos joelhos. Ao seu lado, Jakob franze o sobrolho e morde o lábio. Ainda não falaram acerca do que acontecera na noite anterior em Glinice. O que há a dizer? Bella pensara em abrir-se, em explicar a sensação de perder uma mãe, um pai, uma irmã – toda a família –, a sensação de se perguntar se as coisas teriam sido muito diferentes caso ela e Anna estivessem escondidas juntas durante os *pogrons* em Lvov, e se tivesse convencido os pais a irem para a AVL. A fábrica, como o gueto, será em breve liquidada, mas se os pais tivessem aceitado os empregos na AVL, pelo menos poderiam tentar escapar juntos. Bella não consegue obrigar-se a falar acerca destas coisas. A sua dor é maior do que as palavras.

À sua volta, o trigo sussurra e oscila na brisa. Jakob envolve-lhe os ombros com um braço. Quando ela fecha os olhos, as lágrimas acumulam-se-lhe nas pestanas. Sentam-se em silêncio, os minutos estendendo-se e dando lugar a horas, sem nada para fazer senão esperar na luz âmbar da tarde que se desvanece

na escuridão.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Halina

Zona rural perto de Radom, Polónia ocupada pelos alemães ~ 15 de agosto de 1942

O pai trauteia enquanto conduz, batendo com os polegares no volante de madeira do minúsculo *Fiat* preto. Atrás dele, Halina e Nechuma sentam-se perto uma da outra, os braços entrelaçados pelo cotovelo. Felizmente, os seus antigos amigos e vizinhos, os Sobczak tinham de novo ido em seu auxílio e mostraram-se dispostos a emprestar-lhes o carro para a viagem. Halina considerara viajar com os pais de Radom para Wilanów de comboio, mas temia que tivessem de atravessar demasiados pontos de controlo nas estações. O carro, esperava, seria a sua aposta mais segura, embora significasse procurar combustível, que era dispendioso e quase impossível de encontrar. Prometera atestar de novo o tanque do *Fiat* ao devolvê-lo aos Sobczak, e insistira que Liliana guardasse a tigela e a concha de prata que Nechuma deixara com eles antes de serem despejados, em troca do empréstimo.

No banco de trás, Halina observa enquanto o pai fita a paisagem – o céu cerúleo, o campo verdejante, o reflexo brilhante do sol no serpenteante rio Vístula. Oferecera-se para conduzir, mas Sol insistira. «Não, não, deixa que seja eu», dissera acenando como se fosse essa a sua obrigação, mas na verdade ela sabia que nada lhe agradaria mais do que a oportunidade de se sentar atrás do volante. Durante catorze meses, ele e Nechuma tinham vivido num mundo

confinado por paredes de tijolo e arame-farpado, por braçadeiras com estrelas azuis, pelo tédio e pelo cansaço dos trabalhos forçados. Halina sorri, percebendo quão bem deve saber estar ali, na estrada aberta. Juntos, bebem o cheiro fugaz de liberdade, doce e maduro como o perfume das flores de tília que lhes chega pela janela aberta.

Nechuma acabara de descrever como fora viver e trabalhar na fábrica de armamento de Pionki.

– Sentimo-nos tão *velhos* lá – diz ela. – Os outros eram praticamente crianças. Devias ouvir as conversas: *apaixonei-me... ela nem sequer é bonita... ele já não fala comigo há vários dias*, os ciúmes, o drama; já me esquecera do quão extenuante é ser-se jovem. No entanto – confidencia, baixando a voz e inclinando-se para Halina –, por vezes até era bastante divertido.

Halina não consegue evitar uma gargalhada ao imaginar os pais rodeados de conversas frívolas. Foi com alegria que ouviu dizer que em Pionki haviam ficado melhor do que no gueto, e não se teria importado se eles se mantivessem confinados à fábrica durante a duração da guerra, não fora pelo facto de Adam a ter avisado, na semana anterior, de que esta seria encerrada. «Lamento não ter descoberto mais cedo», dissera ele. «Pode acontecer a qualquer momento.» Halina soube que tinha de tirar os pais dali antes que acabassem num dos terríveis campos para os quais os judeus estavam a ser enviados quando o seu trabalho já não era necessário.

Receber autorização para extrair os pais de Pionki, claro, era inútil. Sabia que teria de contornar o sistema. Há uma semana, armada com os seus documentos arianos e os bolsos cheios de zlotys, visitou a fábrica tencionando subornar um guarda da entrada para deixar que os pais saíssem discretamente no final do seu dia de trabalho – alegaria que eram velhos amigos erradamente acusados de serem judeus. Mas chegara a uma sexta-feira e a mãe fora levada com as restantes trabalhadoras para os banhos públicos; Halina tinha de trabalhar naquela tarde, e não se podia dar ao luxo de esperar que regressasse. Naquela manhã, pressentindo que tinha pouco tempo e que os seus zlotys poderiam não ser suficientes, decidira levar consigo o que restava das joias da mãe – a ametista. Nechuma entregara o colar a Isaac no dia da sua transferência do gueto para Pionki, implorando-lhe que o entregasse em segurança e rapidamente a

Halina. Isaac escrevera de imediato a Halina em Varsóvia, alegando ter uma encomenda púrpura especial e que ela a deveria ir levantar tão depressa quanto possível.

Hitler pedia a cabeça de qualquer alemão que aceitasse subornos de judeus, mas, como Halina ficara a saber no campo de trabalho de Adam, isso não impedia muitos nazis de o aceitarem. E de facto, quando mostrou ao guardada entrada de Pionki a brilhante pedra púrpura, os seus olhos iluminaram-se. Regressara quinze minutos mais tarde, com os pais dela a reboque.

– Aqui, à esquerda – indica Halina quando chegam a um sinal de madeira que indica Wilanów, uma pequena aldeia agrícola nos arredores de Varsóvia. Quando saem da estrada principal, o piso pavimentado dá lugar à terra batida, e Sol olha pelo espelho retrovisor, sorrindo à imagem de Halina e Nechuma ao lado uma da outra, apreciando a proximidade.

– Conta-nos o que se passa com os outros – diz Nechuma.

Halina hesita. Os pais ainda não sabiam o que se passara em Glinice, o que acontecera à família de Bella. Ainda não tivera coragem de lhes dizer. A última hora tinha sido tão agradável, conversar com a mãe sobre coisas triviais, que quase parecera um dia normal. Tem alguma relutância em convidar a tristeza do mundo de novo para o seu seio. Portanto, em vez disso conta aos pais o recente confronto de Adam com a esposa do senhorio, narrando a história de modo a suscitar gargalhadas e passando por cima do facto de ela ter ficado petrificada na altura. Fala-lhes sobre o trabalho em Varsóvia, como cozinheira de um homem de negócios alemão e de como Mila também encontrara há pouco tempo trabalho, passando igualmente por ariana, na casa de uma família alemã rica.

– E Felicia? – pergunta Sol por cima do ombro. – Tenho sentido tanto a falta dela.

– O senhorio de Mila desconfiou de Felicia desde o início – explica Halina. – Bastou-lhe olhar uma vez para os seus olhos tristes e escuros para saber que era judia. Mila tem conseguido safar-se com os seus documentos, mas para Felicia é muito mais difícil. Encontrei um amigo disposto a mantê-la escondida. – Tenta manter o seu tom leve, embora saiba o quanto a decisão de Mila de deixar a filha ao cuidado de outra pessoa a tem atormentado.

– Ela fica sozinha, sem Mila? – pergunta Sol. E Halina percebe pelo reflexo

nos olhos do pai no espelho retrovisor que este já não está a sorrir, que intuiu aquilo que ela deixara por dizer.

– Sim. Tem sido difícil para ambas.

– Doce menina – suspira Nechuma baixinho. – Felicia deve sentir-se tão sozinha.

– Sente. Odeia-o. Mas é melhor assim.

– E Jakob? – pergunta Nechuma. – Ainda está na fábrica da AVL?

Halina hesita. Baixa os olhos para o colo.

– Sim, ainda lá está, tanto quanto sei. Escrevi-lhe para lhe dizer que iam deixar Wałowa, e ele perguntou-me se podia ajudar também os pais de Bella a deixar o gueto de Glinice, mas... – Halina engole em seco. Faz-se silêncio no carro. – Eu tentei – sussurra Halina.

Nechuma abana a cabeça.

– O que queres dizer com isso?

– É que... eles... Glinice foi liquidada. – A voz de Halina é quase inaudível sobre o ronco do motor. – Isaac diz que ainda lá restam algumas pessoas, mas as restantes... – Halina não consegue sequer dizer as palavras.

Nechuma leva a mão à boca.

– Oh, não. E Wałowa?

– Aparentemente, Wałowa seguir-se-á.

Halina consegue ouvir a respiração do pai a tornar-se mais pesada no banco da frente. Uma lágrima desce pelo rosto da mãe. A alegria que tinham sentido por estarem reunidos, no princípio da viagem, evaporou-se. Ninguém fala durante vários minutos. Por fim, Halina quebra o silêncio.

– Abranda, pai, é na próxima à esquerda. – Aponta por cima do ombro dele para uma estrada estreita. Seguem-na durante duzentos metros até chegarem a uma pequena quinta com um telhado de colmo.

Nechuma seca os olhos. Funga.

– É isto? – pergunta Sol.

– É – diz Halina.

– Como se chamam, outra vez? – pergunta Nechuma. – Os proprietários?

– Górski.

Adam encontrara os Górski através da Resistência, numa lista de polacos com espaço que estavam dispostos a aceitar dinheiro em troca de esconderem judeus. Halina nem sequer sabia se Górski era o seu nome verdadeiro, apenas que podiam receber os pais; e, tendo um trabalho fixo, podia pagar-lhes.

Halina conhece a casa – visitou-a uma vez, para se apresentar e para inspecionar as condições de vida. A esposa estava fora, mas Halina e *pan* Górski, que, por essa altura, ainda não lhe dissera o nome de batismo, tinham-se dado bem. Ele era um homem de meia-idade, com cabelo sal e pimenta, uma estatura leve e olhos gentis «Tem a certeza de que a sua esposa não se importa?», insistira Halina antes de partir. «Oh, sim», respondera. «Está nervosa, claro. É apenas normal que assim seja, mas acompanha-me na decisão.»

Sol abranda o *Fiat* à medida que se vão aproximando da casa. Não há outra casa à vista.

– Escolheste bem – diz Nechuma, acenando com a cabeça.

Halina olha de relance para a mãe, permitindo-se, por um instante, um orgulho infantil perante a aprovação dela. Segue o seu olhar, observando a pequena casa de campo, com uma estrutura baixa e quadrada. Paredes forradas com tábuas de cedro e portadas brancas. Escolhera os Górski, em parte porque estes pareciam verdadeiramente fiáveis, e também porque viviam a uma hora de Varsóvia, no campo; sem quaisquer vizinhos por perto, Halina esperava que o risco de alguém os entregar fosse menor.

– Não é nada de elegante, mas é reservado – disse Halina. – No entanto, não se deixem relaxar demasiado. *Pan* Górski diz que a polícia azul já por aqui passou duas vezes, em busca de pessoas escondidas. – Um judeu capturado, segundo ouviram dizer, pode valer tanto quanto uma saca de açúcar ou uma dúzia de ovos. Os polacos levam a caça muito a sério. Os alemães também. Arranjaram um nome para ela: *Judenjagd*. Caça ao judeu. Os judeus apanhados podem ser entregues mortos ou vivos, não faz diferença. Os alemães também aplicam a pena de morte a todos os polacos que sejam descobertos com um judeu escondido. Os Górskis prometeram não dizer nada a ninguém, claro, nem mesmo à sua família e amigos próximos. Mas mantenham convosco as

identificações falsas a todo o momento – continua Halina. – É uma questão de cautela. Não podemos esperar que eles não recebam visitas.

– Não te preocupes connosco, querida. Ficaremos bem – agradece Nechuma, apertando o braço da filha.

Halina aquiesce com um aceno de cabeça, embora já não saiba como não se preocupar com os pais. Cuidar deles tornou-se uma espécie de segunda natureza. Só pensa nisso.

Sol gira a chave na ignição; o motor desliga-se e o silêncio desce sobre o carro enquanto ele e Nechuma espreitam através do vidro salpicado por insetos para a sua nova casa. Um carreiro de ardósia azul conduz à porta da frente, onde um batente de latão com a forma de um estribo cintila sob a luz do sol.

– Isto serve – diz Sol. Olha de relance para Halina através do espelho. Os seus olhos estão vermelhos.

– Espero que sim – sussurra Halina. – Devíamos entrar.

Sol puxa para a frente o banco do condutor, para que Nechuma e Halina consigam sair, e depois abre a bagageira do *Fiat* para reunir o que resta dos seus pertences – uma pequena sacola de lona onde transportam uma muda de roupa para cada um, algumas fotografias, o seu Hagadá, a mala de Nechuma.

– Por aqui – indica Halina, e os pais seguem-na, contornando a casa até às traseiras, onde meia dúzia de camisas acinzentadas pendem de uma corda presa entre dois áceres junto a um pequeno jardim de vegetais plantado com ervilhas, couves e tomates.

Halina bate duas vezes na porta das traseiras. Ao fim de um minuto, o rosto de *pan* Górski aparece à janela e, um segundo depois, a porta abre-se.

– Entrem – diz ele, fazendo-lhes sinal para que avancem. Mergulham silenciosamente nas sombras de um escritório e Sol fecha a porta atrás deles. A divisão é tal como Halina a recorda: pequena, de tetos baixos, um cadeirão com cornucópias, um sofá gasto, um conjunto de prateleiras na parede oposta.

– Deve ser *pani* Górski – cumprimenta Halina, sorrindo para a mulher esguia ao lado do marido. – Sou Halina. Esta é a minha mãe, Nechuma, e o meu pai, Sol. – A mulher acena rapidamente com a cabeça, as mãos apertadas numa bola sobre a cintura.

Halina olha para os Górski e para os pais. Apesar do tempo que passaram em cativeiro, Sol e Nechuma ainda têm corpos amplos, de contornos suaves. Fazem com que os Górski, com as suas cinturas estreitas e ossos protuberantes nos ombros, pareçam esqueletos.

Sol pousa a sacola e avança, estendendo a mão.

– Obrigado por isto, *pani* Górski – diz. – É muito generoso e corajoso da vossa parte aceitarem-nos. Faremos tudo o que pudermos para não vos incomodarmos enquanto aqui estivermos. – *Pani* Górski fita Sol por um momento antes de erguer a mão, que Sol envolve na sua. – *Sê gentil*, reza Halina, *ou vais partir-lhe os ossos.*

– Minha senhora – diz Nechuma, estendendo igualmente a mão –, diga-nos, por favor, o que poderemos fazer para ajudar com a lida da casa?

– Isso é mito gentil da sua parte – responde *pan* Górski, olhando de relance para a esposa. – E, por favor, usem os nossos nomes próprios, Albert e Marta. – Marta acena concordando, mas o seu maxilar está tenso. Há algo no comportamento da mulher que não parece bem a Halina. Pergunta-se que conversas os Górski terão tido antes da sua chegada.

– Vou ter de regressar em breve – diz Halina. Aponta para a estante. – Podem explicar aos meus pais como isto funciona antes de eu partir?

– Claro – diz Albert. Sol e Nechuma observam enquanto Alberto encosta o tronco à pequena estante e a desliza suavemente ao longo da parede de tábuas de cedro.

– Tem rodas – repara Sol. – Nem tinha reparado.

– Sim, não as conseguimos ver, mas permitem movê-la muito mais facilmente... e silenciosamente. – Albert leva a mão à parede – A parede tem oito tábuas do chão ao teto. Se contar até à terceira e fizer pressão aqui, junto a estes dois pregos – diz ele, deslizando os dedos sobre um par de pregos de ferro embutidos na madeira – ouvirá um *clique*. – Sol fita a parede enquanto Albert a pressiona firmemente. De facto, a parede clica e uma pequena porta quadrada abre-se. – Alinhei a dobradiça com as tábuas, por isso, a menos que saiba que lá está, a porta é invisível.

– Um trabalho meticuloso – sussurra Sol, genuinamente impressionado, e

Albert sorri, agradado.

– Há três degraus que conduzem a um pequeno espaço vazio. Não serão capazes de ficar de pé – diz Albert, enquanto Sol e Nechuma inclinam os pescoços, espreitando para o quadrado azul por trás da parede –, mas cobri o chão com alguns cobertores e deixei-vos uma lanterna. Durante a noite fica muito escuro lá em baixo. – Sol abre e fecha a pequena porta algumas vezes. – Isto aqui – diz Albert apontando para um ferrolho metálico – permitir-vos-á trancar a porta do interior. – Ele fecha a porta até esta voltar a fazer um *clique* e depois recoloca a estante no seu lugar. – Agora venham – diz Albert, acenando por cima do ombro –, deixem-me mostrar-vos o vosso quarto.

Marta dá um passo para o lado e, depois, fecha a retaguarda enquanto o marido conduz os Kurc ao longo de um curto corredor até um quarto logo a seguir ao escritório.

– Sempre que for seguro – diz Albert – podem dormir aqui. – Sol e Nechuma observam a divisão, com as suas paredes de estuque branco e duas camas individuais. Um espelho enferrujado está pendurado sobre uma simples cómoda de carvalho. – Avisar-vos-emos sempre que estivermos à espera de visitas. A irmã de Marta, Róża, vem duas vezes por semana. Se alguém aparecer sem se fazer anunciar, tentaremos demorá-los à porta para que possam esgueirar-se para o esconderijo. Terão de levar convosco todas as vossas coisas, claro, por isso talvez seja melhor não desfazerem as malas.

– Têm um filho? – pergunta Sol, fitando um par de luvas de boxe no canto.

Marta estremece.

– Sim. Zachariasz – diz Albert. – Ele juntou-se ao Exército Nacional.

– No entanto já não temos notícias dele há vários meses – acrescenta Marta baixinho, olhando para o chão. Regressam ao escritório em silêncio. Nechuma pousa a mão no ombro de Marta.

– Nós temos três filhos – diz ela.

Marta ergue os olhos.

– Têm? Onde... onde estão?

– Um – explica Nechuma – tanto quanto sabemos trabalha numa fábrica às portas de Radom. Mas dos outros dois já não temos notícias desde... bem, desde

o início da guerra, na verdade. Um foi levado pelos russos, e o nosso filho do meio estava em França quando a guerra estalou. Agora, não sabemos...

– Lamento – sussurra, abanando a cabeça. – É terrível, não saber onde estão, se estão bem.

Nechuma abana a cabeça em concordância e entre elas há um reconhecimento que acalma o coração de Halina.

Albert regressa para o lado da esposa, pousa a mão nas suas costas.

– Em breve – declara, a sua voz subitamente sombria –, esta maldita guerra chegará ao fim. E poderemos regressar a uma vida normal.

Os Kurc acenam com a cabeça, rezando para que exista verdade naquelas palavras.

– Tenho mesmo de ir – diz Halina, tirando da mala um envelope com duzentos zlotys e entregando-o a Albert. – Regressarei dentro de um mês. Tem a minha morada; por favor, caso aconteça alguma coisa – diz ela, evitando fitar os olhos dos pais –, escrevam-me de imediato.

– Certamente – diz Albert. – Ver-nos-emos no próximo mês. Mantenha-se segura. – Os Górski deixam o escritório para conceder alguma privacidade aos Kurc.

Quando ficam a sós, Sol sorri a Halina, depois à divisão à sua volta. Tem as palmas das mãos viradas para o teto.

– Cuidas bem de nós – diz ele. Pés de galinha marcam-lhe os olhos e o coração de Halina emana saudade do pai, do seu sorriso cuja falta irá sentir mal saia pela porta. Estende-lhe os braços. Encosta o rosto à altura suave do seu peito.

– Adeus, pai – sussurra, apreciando a sensação de estar envolvida no seu calor e esperando que seja ele o primeiro a largá-la.

– Cuida de ti – responde-lhe Sol quando se afastam, entregando-lhe as chaves do *Fiat*.

Com o verde dos olhos ampliado por trás de uma parede de lágrimas, Halina vira-se para a mãe, grata por a sala ser escura – prometera a si mesma que não ia chorar. *Mantém-te forte,* recorda a si mesma. *Eles estão em segurança aqui.*

Voltarás a vê-los dentro de um mês.

– Adeus, mãe – despede-se Abraçam-se e trocam beijos no rosto, e Halina percebe, pela maneira como o peito da mãe sobe e desce, que Nechuma está a fazer os possíveis para conter também as suas lágrimas.

Halina deixa os pais de pé, junto à estante móvel e dirige-se à porta.

– Regressarei em setembro – diz, com uma mão na maçaneta. – Tentarei trazer novidades.

– Por favor – diz Sol, tomando a mão de Nechuma na sua.

Se os pais estão tão nervosos quanto ela por causa da sua partida, fazem um bom trabalho a escondê-lo. Ela abre a porta e semicerra os olhos sob a luz da tarde, quase esperando apanhar alguém a espiá-los por entre as camisas lavadas de Albert. Sai para o exterior e vira-se para olhar de novo para os pais. Os seus rostos estão obscurecidos pelas sombras.

– Adoro-vos – diz às suas silhuetas e fecha a porta atrás de si.

17 – 18 DE AGOSTO DE 1942: *O gueto de Wałowa em Radom é liquidado. Oitocentos residentes, incluindo os do abrigo para velhos e deficientes, bem como pacientes do hospital do gueto são assassinados ao longo de dois dias. Aproximadamente 18 000 pessoas são deportadas, de comboio, para Treblinka. Cerca de 3000 trabalhadores judeus jovens e qualificados permanecem em Radom para trabalhos forçados.*

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Genek e Herta

Teerão, Pérsia ~ 20 de agosto de 1942

Um relâmpago cor de laranja precipita-se através do espaço entre os seus ombros. Genek estremece. Herta cobre instintivamente o rosto de Józef com a mão. São três dos vinte polacos enfiados nas traseiras de uma velha *pick-up*, sentados, anca com anca, sobre tábuas de contraplacado a todo o comprimento da caixa da *pick-up*. Vêm todos de campos diferentes – libertados, tal como Genek e Herta, amnistiados – para combater pelos Aliados. Os seus corpos estão em má forma – repletos de verrugas, tinha, sarna, o cabelo suado e infestado de piolhos colado às testas. Roupas esfarrapadas pendem soltas sobre os corpos esqueléticos e rodeia-os um odor fétido, que segue a *pick-up* como uma sombra malcheirosa e repelente. Alguns dos mais doentes jazem aos pés de Genek e Herta, incapazes de se sentarem direitos sozinhos, a horas, ao que parece, da morte.

Estão a conduzir há três dias, contornando a costa do mar Cáspio numa estreita estrada de terra flanqueada por dunas de areia e uma ou outra palmeira.

– Acho que estejamos quase a chegar a Teerão – diz Genek. Fitam, de olhos muito abertos os persas junto à via poeirenta, que lhes devolvem os olhares fixos.

– Devemos estar com péssimo aspeto – sussurra Herta.

Teerão marca, por ora, o final da sua viagem de cinco mil quilómetros. Foram libertados do campo em Altynay há um ano, deixaram Wrewskoje, no Uzbequistão, há nove meses, tendo ali sido obrigados a passar o inverno. Janeiro e fevereiro foram difíceis. Sujeitos a uma dieta de oitenta gramas de pão e uma tigela de sopa aguada por dia, as suas cinturas haviam-se estreitado até terem perdido quase um quarto do seu peso corporal. Não fora pelos cobertores que Anders distribuíra, teriam morrido de frio.

Mas tiveram sorte. Centenas de outros haviam viajado para o Uzbequistão como eles, para se juntarem ao exército e foram enterrados em Wrewskoje. Todas as semanas, uma carroça matraqueava as ruas da aldeia recolhendo os restos esqueléticos daqueles que haviam perdido as suas batalhas contra a malária, o tifo, a pneumonia, a disenteria e a fome. Os mortos eram reunidos com forquilhas e sobrepostos em pilhas nos arredores da cidade. Quando as pilhas se tornavam demasiado altas, alguém regava os cadáveres com petróleo e queimava-os, deixando um cheiro enjoativo no ar muito depois de os corpos terem sido transformados em cinzas.

Chegados a março, tornara-se claro que Estaline não era capaz, ou não estava *disposto* a alimentar e equipar adequadamente os exilados que se haviam alistado no exército de Anders. Havia 44 000 recrutas, de acordo com o registo, a aguardar ordens no Uzbequistão; as rações emitidas pelos soviéticos, contudo, eram destinadas a 26 000. Furioso, Anders insistiu com Estaline para que lhe permitisse evacuar as suas tropas para a Pérsia, onde ficariam sob o cuidado dos britânicos. Quando Estaline, por fim, concordou, Genek e Herta partiram para mais um êxodo de quatro meses, atravessando os dois mil e quatrocentos quilómetros de estepes e desertos infindáveis através de Samarcanda e Chirakchi até ao porto de Krasnovodsk, no Turquemenistão, na costa leste do Mar Cáspio. Aí, foram rodeados por elementos do NKVD carregando consigo grandes sacos de lona; «Deixem os pertences que não conseguem transportar», disseram-lhes – uma ordem assaz inútil, dado que a maioria nada tinha de seu para além das camisas sobre o corpo. «O dinheiro e os documentos também», acrescentara o NKVD. Seriam revistados ao embarcar, tinham-lhes dito. «Qualquer pessoa que tente levar do país dinheiro ou documentos será detida.» Genek e Herta tinham gasto os seus últimos zlotys há vários meses. Os seus passaportes polacos tinham sido confiscados em Lvov. Despediram-se dos certificados de amnistia e das

autorizações para não residentes emitidas em Altynay, juntamente com os passaportes estrangeiros emitidos em Wrewskoje. Sem uma única moeda ou forma de identificação nos bolsos, eram verdadeiros nómadas. Mas não importava – respeitariam qualquer requisito que os retirasse do alcance do punho de ferro e os colocasse sob as mãos carinhosas dos britânicos e do general Anders. Estavam mais do que dispostos a respeitá-los e a obedecer. Só quando, por fim, subiram a íngreme prancha para bordo do *Kaganovich*, o cargueiro enferrujado que os deixaria no porto persa de Pahlevi, é que sentiram pela primeira vez o odor da liberdade no ar quente e salgado.

Ao fim de alguns dias no mar, contudo, o cheiro foi rapidamente subjugado pelo do vómito, das fezes e da urina. Ficaram de pé durante 48 horas infernais, ombro com ombro, com os milhares de outros passageiros a bordo, os sapatos ensopados em excrementos, os couros cabeludos a escaldar sob o sol implacável, os estômagos transtornados pelas ondas infindáveis por baixo deles. Todos os centímetros quadrados do navio estavam ocupados: o porão, o convés, as escadas, até os salva-vidas. Dezenas morreram, os seus corpos flácidos erguidos por braços esticados, passados por cima das cabeças até à abertura mais próxima na amurada do navio, para serem lançados borda-fora, onde eram engolidos pelo mar.

Genek e Herta chegaram, finalmente, a Pahlevi, um porto persa na costa sul do Mar Cáspio, em agosto. Atordoados pelo cansaço e tontos de fome, sede e enjoo, ficaram a saber que o último navio a atravessar o Mar Cáspio, levando consigo mais de mil almas, afundara. Tinham dormido durante duas noites na praia de Pahlevi sob céu aberto até chegar uma caravana de *pick-ups* que os levaria para Teerão, onde lhes foi dito que eram esperados por uma divisão do exército polaco.

Uma segunda esfera passa sobre as suas cabeças, e desta vez Genek agarra-a, num gesto reflexo. *Porque haveriam os habitantes locais de provocar um grupo de tão triste aspeto?*, pergunta-se. Mas, quando abre a mão, descobre uma laranja. E uma boa laranja. Fresca. Carnuda. A primeira peça de fruta que os seus dedos tocam em mais de dois anos. Olha de relance por cima do ombro, para ver se consegue perceber quem a lançou, vendo os olhos de uma jovem, a cabeça coberta por um lenço *bordeaux*, que se ergue no passeio com as mãos nos

ombros dos dois jovens rapazes à sua frente. Ela sorri, os olhos castanhos suaves e repletos de piedade, e subitamente torna-se claro: a laranja não fora lançada como sinal de desrespeito – tratava-se de uma oferta. Alimento. Os olhos de Genek enchem-se de lágrimas enquanto rola o fruto entre as palmas das mãos. Uma *oferta*. Ele acena para a mulher persa, que lhe acena em resposta e depois desaparece numa nuvem de pó. Genek não se consegue lembrar da última vez que um estranho fez algo simpático por si sem esperar algo em troca.

Enterra uma unha suja na laranja, descasca-a, e oferece um gomo a Herta. Esta dá uma dentada e encosta o que resta aos lábios de Józef, rindo baixinho quando ele torce o nariz.

– É uma *laranja*, Ze – avança. Uma nova palavra para ele. – *Pomarańcza.´*– Em breve aprenderás a gostar dela.

Genek descasca um gomo para si e fecha os olhos enquanto mastiga. O sabor explode-lhe na língua. É a coisa mais doce que alguma vez provou.

O campo está virado para norte, sobranceiro à costa do mar Cáspio e para lá dele o cinzento arroxeado das montanhas Elburz.

– Estamos no paraíso? – sussurra Herta, à medida que se aproximam, agarrando a mão de Genek. Duas jovens mulheres inglesas acenam por baixo dos bonés do exército e dirigem-nos a uma série de tendas longas e estreitas com abas de lona enroladas e presas de modo a permitir que o ar flua.

– Os homens para a direita, as mulheres para a esquerda – explicam, apontando para as duas tendas marcadas com a palavra ESTERILIZAÇÃO.

No interior da tenda dos homens, Genek tem todo o gosto em despir-se – trocara as roupas que podia dispensar por lenha e rações extra, de modo a conseguir sobreviver ao inverno siberiano; tem vestido as mesmas calças, camisa e roupa interior quase todos os dias desde então. Avança, nu, até uma mangueira de onde jorra algo que lhe queima as narinas quando se aproxima.

– É melhor fechares os olhos – diz o recruta que está prestes a terminar.

O chuveiro de esterilização arde, mas Genek saboreia o frio da solução que corre em cascata sobre as suas costelas, levando consigo a sujidade da pele, limpando-o do tempo passado no exílio. Quando tudo termina, abre os olhos,

aliviado por ver que a sua pequena pilha de roupas andrajosas fora levada, sem dúvida para ser queimada. Sacode algumas gotas da solução de cheiro forte dos membros e junta-se ao outro recruta junto a um balde do que parece ser água do mar, onde se passa por água com uma esponja – uma esponja! Com outros à espera atrás de si, tem de se obrigar a não permanecer durante um ou dois minutos extra para apreciar o seu primeiro banho a sério em vários meses. Cheirando agora como uma mistura de cloro e água do mar, é-lhe entregue uma toalha e conduzem-no para outra tenda. Nesta encontra pequenas pilhas organizadas de roupas novas: roupa interior, camisolas interiores e uniformes de várias formas e tamanhos. Escolhe um par de calças caqui leves e enfia uma camisa de manga curta com colarinho pela cabeça, e enfia uma camisa sobre a cabeça, o algodão luxuosamente macio contra o seu peito. Numa terceira tenda, é-lhe entregue um par de sapatos de lona brancos, um capacete de cortiça, um saco de tâmaras, seis cigarros e um pequeno cheque com o ordenado.

– O pequeno-almoço é servido às sete em ponto – diz-lhe o oficial responsável pelo vestuário e pelo equipamento quando ele se vira para partir.

– Pequeno-almoço? – Está de tal modo habituado a viver apenas com uma refeição por dia, que o conceito de ingerir algo de nutritivo ao nascer do dia se tornou estranho.

– Sabe como é, pão, queijo, doce, chá. – Queijo e doce e chá! Genek acena com a cabeça, salivando, demasiado extasiado para falar.

Na praia, encontra Herta sentada com Józef no colo e um cesto de laranjas ao seu lado. Recebeu as mesmas calças caqui e camisa, num corte de mulher. Józef está nu, com exceção de uma fralda de pano e um lenço que Herta ensopou com água e lhe colocou na cabeça. Dá pontapés na areia, fascinado pela sensação dos minúsculos grãos quentes contra a sua pele. Um jovem rapaz persa passa por eles a vender uvas. Sentam-se durante algum tempo em silêncio, fitando o horizonte, olhando para a superfície cintilante do Mar Cáspio e a linha dentada da cordilheira de Elburz que paira sobre ele.

– Acho que viemos para o sítio certo – diz Genek, sorrindo.

AGOSTO DE 1942, TEERÃO : *Pouco de pois de os homens de Anders terem chegado a Teerão, Estaline insiste veementemente para que os polacos sejam diretamente enviados para o combate, mas Anders insiste que necessitam de mais tempo para recuperar. Muitos homens perecem em Teerão – alguns demasiado fracos e doentes devido ao êxodo, outros incapazes de suportar o súbito consumo de alimentos ricos. Os restantes, graças aos cuidados dos persas e aos mantimentos enviados da Grã-Bretanha, tornam-se mais fortes. Quando, em outubro, chegam novos equipamentos de combate e botas de pele a sério, a moral no campo de tendas de Teerão atinge um pico histórico.*

23 DE AGOSTO DE 1942: *Tem início a batalha de Estalinegrado. A Alemanha Nazi, apoiada pelas forças do Eixo, força as fronteiras dos seus territórios europeus e luta pelo controlo de Estalinegrado, no sudoeste da Rússia, naquela que se tornará uma das batalhas mais sangrentas da história.*

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Felicia

Varsóvia, Polónia ocupada pelos alemães ~ setembro de 1942

Felicia canta baixinho para si mesma – a música acerca do gatinho que o avô lhe ensinou – enquanto se senta no chão de linóleo da cozinha, equilibrando um conjunto de tigelas de metal umas sobre as outras. Olha de relance, a intervalos de alguns minutos, para o relógio redondo pendurado sobre o fogão (a mãe ensinara-lhe recentemente a ver as horas), contando os minutos até às cinco horas, quando Mila deverá chegar. O apartamento pertence a um amigo da tia Halina. É muito mais agradável do que o apartamento do gueto, mas pelo menos no gueto a mãe vinha para casa todas as noites. Ali, em Varsóvia, por razões que Felicia ainda não consegue compreender, a mãe vive num apartamento separado ao fundo da rua. Passam tempo juntas ao fim de semana e uma vez por semana Mila vai até ao apartamento para entregar a renda ao senhorio. O casal proprietário do apartamento trabalha, por isso Felicia habituou-se a passar os dias sozinha. Há mais um clandestino, um tipo de idade chamado Karl, que chegou há algumas semanas, mas ela não interage muito com ele – ele passa a maior parte do tempo a ler ou permanece no seu quarto, o que não representa qualquer problema para Felicia, dado que se sente inquieta quando pessoas que não conhece, especialmente homens, lhe fazem perguntas.

A porta do apartamento chocalha e Felicia levanta os olhos para o relógio, para o ponteiro comprido. É demasiado cedo. A mãe, normalmente, só aparece

depois das cinco, não antes, e os donos da casa só chegam a partir das seis. Por um momento imagina que é o pai. «Encontrei-te» diria entrando pela porta, envergando o seu uniforme do exército. Mas depois gela, pergunta-se se deveria esconder-se. Disseram-lhe que deveria ter cuidado em relação a estranhos. A porta do apartamento abre-se e fecha-se, e ao fim de um momento uma voz chama. Felicia acalma-se ao reconhecer que pertence à prima da mãe, Franka.

– Felicia, querida, sou eu. Franka. A tua mãe não conseguiu vir – explica, enquanto avança do *hall* de entrada para a cozinha. – Aqui estás tu – diz ela, descobrindo Felicia sentada no chão por entre as suas tigelas. – A tua mãe está ótima, só tem de trabalhar até mais tarde. – Franka pousa uma caixa na mesa da cozinha e curva-se para dar um abraço a Felicia.

– Tem de trabalhar até tarde? – pergunta Felicia, olhando para lá de Franka, como se desejasse que a mãe aparecesse.

– Ela vai tentar visitar-te amanhã. – Franka levanta-se. – Estás bem? Está tudo bem aqui?

Felicia olha de relance para Franka. Esta parece nervosa, como se estivesse com pressa.

– Estou bem. Vais ficar comigo? – pergunta, embora saiba qual será a resposta.

– Quem me dera poder, meu amor. Mas estou a trabalhar esta noite e Sabine está à minha espera lá em baixo. Ela veio comigo para se manter de vigia enquanto eu trazia o dinheiro. Não devo ser vista aqui.

Felicia suspira e levanta-se para olhar mais de perto para a caixa que Franka pousara sobre a mesa da cozinha.

– O que é isso? – pergunta ela. Com o aproximar do seu quarto aniversário, tem vindo a pedir à mãe um novo vestido. Ocorreu-lhe que talvez Franka lhe tivesse trazido um.

– São sapatos. Achei que seria melhor parecer que tinha vindo fazer uma entrega, não fosse dar-se o caso de alguém perguntar o que estava eu aqui a fazer – diz Franka.

– Oh. – Os olhos de Felicia estão à altura da caixa. Ela ergue-se em bicos dos pés para espreitar por baixo da tampa, perguntando-se qual será o aspeto de um

novo par de sapatos, qual será o seu cheiro. Mas os sapatos no interior estão gastos e usados.

– Precisas de alguma coisa? – pergunta Franka, retirando do interior da camisa um envelope.

Felicia baixa os olhos para o chão. Precisa de tanta coisa. Não responde.

Franka guarda o envelope no local do costume – por detrás da moldura de uma fotografia sobre o fogão.

– Onde está o senhor... como é que se chama o tipo? – pergunta, olhando de relance para o corredor.

Felicia está prestes a explicar que Karl ainda não se aventurou a sair do quarto quando alguém bate à por ta com força. A princípio Felicia pensou que fosse a amiga de Franka, Sabine. Mas Franka salta. Olha para o relógio, e depois para Felicia. Fitam-se uma à outra, sem saber o que fazer. Quando batem de novo, Franka ergue a toalha e aponta.

– Esconde-te, depressa! – sussurra.

Felicia enfia-se apressadamente por baixo da mesa. Batem uma terceira vez; desta vez o som parece o de metal a bater em madeira. *Vão deitar a porta abaixo,* apercebe-se Felicia, *se ninguém a abrir.*

Franka ajusta a toalha da mesa de modo a que esta fique praticamente a tocar no chão.

– Cá vou! – chama, e depois agacha-se e sussurra através da toalha: – se te encontrarem, és a filha do porteiro.

Sou a filha do porteiro. Aquelas são as palavras que deverá recitar, caso alguém a descubra escondida. Nos meses desde que se mudou para o apartamento, não precisou de as usar; até àquele dia, ninguém, a não ser o senhorio aparecera sem ser anunciado.

– *Sou a filha do porteiro* – sussurra, experimentando a mentira.

Mal Franka chega à porta, Felicia ouve vozes. Três, quatro talvez, gritando numa língua que ela reconhece como sendo alemão. As vozes pertencem a homens. Eles avançam com os passos pesados do *hall* de entrada até à cozinha. Por baixo da mesa, Felicia sobressalta-se com o matraquear das suas tigelas a

espalharem-se pelo chão da cozinha.

Por entre o caos, também a voz de Franka está presente, a falar rapidamente – ela não vive ali, explica, depois qualquer coisa acerca de sapatos –, mas os alemães não parecem interessados. «*Halt die Schnauze!*» vocifera um deles, e Felicia sustém a respiração enquanto se afastam ao longo do corredor em direção aos quartos. Por um momento, faz-se silêncio. Felicia sente-se tentada a fugir, ou a gritar por Franka, mas em vez disso decide contar. *Um, dois, três*. Antes que consiga chegar ao quatro, ouvem-se mais gritos, e ao ouvir a voz de Karl estremece. Foi ele que vieram buscar?

Um segundo depois, há corpos em movimento, botas a bater, *pum pum*, de novo ao longo do corredor, na sua direção, e depois há pessoas na cozinha, mais gritos, e Karl chora ao mesmo tempo que suplica, a sua voz patética, implorante: «Por favor, não, por favor! Tenho documentos!» Felicia reza por ele, reza para que os alemães peguem nos seus papéis e partam, mas de nada serve. É disparado um tiro. Franka grita, e um momento mais tarde o chão de linóleo estremece com o peso de algo a acertar pesadamente nele com um *baque* perturbador.

Felicia tapa a boca com as mãos, tentando abafar qualquer som perturbado que dela se possa escapar. O coração bate com tanta força e tão depressa que parece que a qualquer momento poderá esgueirar-se e sair disparado pela sua garganta.

Um dos intrusos ri. Felicia tenta acalmar a respiração, o corpo tremendo com o esforço. Há um restolhar. Mais gargalhadas. Algo acerca de zlotys.

– Vês? – crocita uma voz num polaco macarrónico, presumivelmente para Franka. – Estás a ver o que acontece quando se tentam esconder? Diz a quem quer que seja o proprietário desta casa que vamos voltar.

Há algo que se move na periferia de Felicia. Uma fita de carmesim, serpenteia lentamente em direção a ela por baixo da toalha da mesa. Quase vomita quando se apercebe do que é. Deslizando silenciosamente até ao lado oposto da mesa, puxa os joelhos contra o peito e fecha os olhos com força.

– Sim, senhor. – A voz de Franka é quase inaudível.

Por fim, as vozes e os passos começam a afastar-se e a porta para o

apartamento fecha-se com um clique. Os alemães partiram.

O instinto de Felicia é mexer-se, afastar-se tão depressa quanto possível de debaixo da mesa, para longe da cena sangrenta, mas não pode. Pousa a cabeça nos joelhos e chora. No instante seguinte, Franka está ali, debaixo da mesa com ela, segurando o seu pequeno corpo enroscado.

– Está tudo bem – sussurra, os lábios encostados à orelha de Felicia enquanto a embala para trás e para a frente, para trás e para a frente. – Tu estás bem. Vai ficar tudo bem.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Addy

Rio de Janeiro, Brasil ~ janeiro de 1943

A primeira paragem de Addy, ao regressar de Minas Gerais, terminado o seu trabalho anterior, é no posto de correios de Copacabana. Rezara todas as noites, em Minas Gerais, para que tivesse chegado uma carta, mas as suas esperanças são imediatamente erradicadas mal entra e vê os olhos de Gabriela.

– Lamento, Addy – diz Gabriela por trás do balcão. – Tinha a esperança de poder ter algo para ti. – Ela parece lamentar genuinamente dar aquela notícia.

Addy força um sorriso.

– Não faz mal. Pensamento positivo. – Desliza a mão através do cabelo.

– É bom ter-te de volta – diz Gabriela, quando Addy se vira para sair.

– Vemo-nos para a semana – oferece Addy, com um otimismo hesitante.

Ao deixar o posto dos correios, baixa o queixo e começa a sentir uma dor no peito. Tem sido um escravo da esperança. Funga, refreando as lágrimas e, em seguida, endireita os ombros. *Nada de bom virá de toda esta ânsia*, diz a si mesmo. *Tens de fazer mais. Alguma coisa. Qualquer coisa.* Naquela tarde, decide, irá visitar a biblioteca. Folheará os jornais estrangeiros, em busca de pistas. Talvez encontre alguma notícia que lhe anime o espírito. O que lera em Minas Gerais fora desencorajante, e por vezes confuso. Um artigo chamava aos

esforços de Hitler para erradicar os judeus da Europa «homicídio em massa premeditado» e relatava um número impensável de mortos. Outro artigo dizia que a «situação judaica» fora largamente exagerada, que os judeus não estavam a ser exterminados, simplesmente perseguidos. Addy não sabia no que acreditar. E achava exasperante que a pouca informação que conseguia encontrar estivesse normalmente escondida no meio de um periódico, como se os próprios editores não tivessem a certeza de os factos serem verdadeiros, como se o título MAIS DE UM MILHÃO DE MORTOS DESDE O INÍCIO DA GUERRA NÃO pertencesse à primeira página. O destino dos judeus da Europa atraía, pelos vistos, pouca atenção no Brasil. Mas Addy só conseguia pensar naquilo.

Põe os óculos de sol e enfia uma mão instintivamente no bolso, procurando o lenço da mãe, esfregando entre os dedos o suave linho branco até os olhos secarem. Olha de relance para o relógio. Deverá encontrar-se com Eliska para almoçar, dentro de quinze minutos.

Ela fora visitá-lo a Minas Gerais enquanto Addy lá esteve, mas vê-la nada fizera para reparar aquilo que começava a parecer-lhe uma relação terminada. Eliska ficara abatida quando ele lhe dissera quão preocupado estava, como não era capaz de pensar em nada senão na família. «Quem me dera poder compreender aquilo por que estás a passar» respondera ela, e, pela primeira vez, Addy vira-a chorar. «Addy... e se nunca encontrares a tua família? O que farás então? Como irás sobreviver?» Addy odiara ouvir aquelas palavras e aquilo que implicavam. Detestara-a por as ter dito, embora fossem as mesmas perguntas que colocava a si mesmo.

«Ter-te-ei a ti» dissera Addy baixinho, mas as palavras soavam monocórdicas. Era agora óbvio. Eliska sabia tão bem quanto ele que, enquanto a sua família estivesse desaparecida, ele jamais seria capaz de se comprometer plenamente na construção de uma vida com ela – de investir todo o seu coração a amá-la. As lágrimas de Eliska não eram para ele, apercebera-se Addy; eram para si mesma. Já começara a imaginar um futuro sem ele.

No final do quarteirão, Addy aproxima-se das mesas no exterior do Café Campanha. É cedo. Eliska ainda não chegou. Ele senta-se numa mesa aberta, perguntando-se se a conversa que se seguirá acabará por conduzir ao final do noivado – e, se assim for, o que poderá isso significar para os dois. De coração

pesado, retira do bolso do peito o bloco de notas. Há meses que não escreve as suas notas no papel, mas todos os pensamentos em relação à família e Eliska, e ao que significa amar e ser amado desencadearam nele uma melodia. Desenha uma pauta sobre a página em branco e acrescenta a familiar assinatura de três-quartos de tempo. Esta nova peça, decide à medida que as primeiras notas são derramadas sobre o papel, será uma valsa lenta, em tom menor.

CAPÍTULO QUARENTA

Mila

Varsóvia, Polónia ocupada pela Alemanha ~ janeiro de 1943

Edgar, que fizera cinco anos na semana anterior, saltita ao lado de Mila enquanto ela anda. Tem o nariz a pingar e cor-de-rosa do frio.

– Este não é o caminho para o parque, *Frau* Kremski. – diz, como se fosse mais esperto do que ela.

– Eu sei. Vamos fazer uma paragem pelo caminho. Demorarei apenas um instante. – Tendo passado os últimos quatro meses em Varsóvia a trabalhar para uma família de nazis, Mila tornara-se fluente em alemão.

No lar dos Bäcker (que, ficara a saber, havia pertencido a uma família de judeus que agora deveria viver no gueto de Varsóvia), Mila é conhecida como Iza Kremski. O pai de Edgar é um oficial de elevada patente na Gestapo. A mãe, Gundula, é tão preguiçosa como um gato doméstico, mas aquilo que lhe falta em produtividade é compensado por um temperamento volúvel e uma violenta sensação de superioridade – uma sabichona com propensão para bater portas e esbanjar o dinheiro do marido. O trabalho de Mila está longe de ser ideal, mas paga, embora lhe parta o coração estar todos os dias junto de uma criança que não é a sua: gosta de Edgar, por mimado que seja, e o seu trabalho é muito melhor do que o anterior, na fábrica de Wałowa. Pelo menos aqui em Varsóvia, ao contrário do gueto, tem uma aparência de autonomia.

Mila passa as manhãs a limpar a mobília com um pano molhado, a esfregar as porcelanas da casa de banho e a preparar refeições. À tarde, leva Edgar até ao parque. Independentemente do tempo – gelo ou chuva, geada ou neve – Gundula insiste para que o filho passe pelo menos uma hora no exterior. E, como tal, todos os dias, Mila e o rapaz percorrem o mesmo caminho da porta dos Bäcker ao longo da Rua Stępińska até à ponta sul do parque de Łazienki. Naquele dia, contudo, Mila desviou-se alguns quarteirões para oeste para uma rua chamada Zbierska. É um risco – ainda não sabe ao certo como irá convencer Edgar a manter o silêncio acerca do desvio –, mas Edith dissera-lhe que a visitasse durante o dia e precisa, desesperadamente, de falar com ela.

Mila conheceu Edith, uma costureira, pouco depois de aceitar o trabalho com os Bäcker. Esta visita semanalmente o apartamento, para costurar uma toalha ou fazer um vestido à medida para *Frau* Bäcker, um casaco para *Herr* Bäcker, um par de cuecas para Edgar. No dia anterior, quando Gundula saíra, Edith chegara enquanto Mila estava ocupada a polir uma gaveta repleta de pratas, e começaram a conversar. Entenderam-se maravilhosamente, conversando num tom abafado no seu polaco nativo. Desconfiara que Edith era igualmente uma judia a fazer-se passar por ariana, um palpite confirmado quando Edith referiu, de passagem, que crescera a leste da rua Okopowa – uma área que reconheceu de imediato como sendo no bairro judeu, agora parte do gueto da cidade. Quando lhe falou de Felicia, Edith mencionou um convento católico, às portas da cidade, que estaria a aceitar crianças órfãs. «Posso tentar descobrir se há espaço para mais uma», ofereceu-se, mas precisamente quando falava nisso, Gundula regressou e as mulheres trabalharam o resto da tarde em silêncio. Antes de ter partido, nesse dia, Edith deu a Mila a sua morada, escrevinhada num canto arrancado a uma das revistas dos Bäcker. «Vivo no cimo da rua», sussurrou, e depois acrescentou: «Terás de me visitar no início da tarde, quando os meus vizinhos estão a trabalhar: eles são... vigilantes.»

Mila olha de relance para o pequeno papel triangular na palma da mão, verifica a morada: *Zbierska n.º 4.*

– Que tipo de paragem? – quer saber Edgar. – Quero ir ao parque.

– A tua mãe pediu-me que visitasse Edith, a costureira – mente Mila. – Tu conhece-la, já a viste em tua casa. Tirou-te as medidas, a semana passada, para

uma camisa.

– Para quê?

– Não interessa. Demorarei apenas um segundo.

Mila toca no botão ao lado do nome de Edith, grata por a costureira ter incluído um apelido na morada, e ao fim de um momento, a voz de Edith chilreia através do altifalante.

– Quem é? – pergunta em polaco.

Mila limpa a garganta.

– Edith, é... é a Iza. Tenho o Edgar comigo. Por favor, podemos subir por um instante? – Um segundo depois, a porta abre-se e Mila e Edgar sobem a estreita escadaria três pisos até uma porta marcada 3B.

Edith saúda-a com um sorriso.

– Olá, Iza. Edgar. Por favor, entrem. – Edgar franze o sobrolho enquanto entram.

– Lamento aparecer inesperadamente – diz Mila. Olha de relance para Edgar, perguntando-se quanto polaco será capaz de compreender, e ergue de novo os olhos para Edith. – Referiste ontem um convento...

Edith acena com a cabeça, compreendendo.

– Sim. Está situado numa cidade chamada Włocławek, a cerca de 80 quilómetros daqui. Na verdade, enviei-lhes ontem uma carta, para que soubessem que há uma criança que necessita deles. Dir-te-ei qualquer coisa mal tenha notícias.

– Obrigada – sussurra Mila. – Eu... agradeço muito a ajuda.

– Claro.

Edgar puxa pela saia de Mila.

– Podemos *ir*? Já se passou um minuto.

– Sim, podemos. Vamos até ao parque – acrescenta Mila, continuando a falar alemão quando se vira para partir, tentando manter uma aparência de leveza na sua voz.

– Obrigada pela visita, Iza – oferece Edith. – Mantenham-se quentes.

– Vamos tentar.

Mal pendura o casaco no cabide do *hall* de entrada dos Bäcker, no dia seguinte, Mila pressente que há algo de errado. O apartamento está estagnado. Fantasmagoricamente silencioso. *Herr* Bäcker já deve estar no trabalho, mas na maior parte dos dias, quando Mila chega, Gundula anda para trás e para a frente, a escrevinhar uma lista de tarefas e Edgar faz saltar uma bola ou corre através da casa envolvido numa qualquer batalha imaginária, gritando: «Pum! Pum! Pum!» agitando as mãos como se fossem pistolas imaginárias. Naquele dia, contudo, o silêncio no apartamento gela-lhe as veias.

Ela treme à medida que percorre o corredor em direção à sala de estar. Está vazia. Prossegue para a cozinha, mas estaca ao passar pela sala de jantar. Está uma figura no ponto mais distante da divisão, sentada imóvel à cabeceira da mesa. Logo no corredor consegue perceber que Gundula tem as faces vermelhas, os olhos a arder de raiva. Lutando contra o seu instinto para partir tão depressa quanto possível, Mila vira-se para a enfrentar, mas permanece junto à porta.

– *Frau* Bäcker? Está tudo bem? – pergunta, as mãos de dedos entrelaçados pousadas junto à cintura.

Gundula fita-a intensamente por um momento. Quando fala, os seus lábios quase não se movem.

– Não, Iza, não está *tudo bem.* Edgar disse-me que visitaram ontem a casa da costureira, a caminho do parque.

Mila sente-se sem fôlego.

– Sim, visitámos. Peço desculpa, devia ter-lhe dito.

– Sim, devia ter-me dito. – A voz de Gundula é subitamente mais audível e mais firme do que Mila ouvira alguma vez antes.

– Por favor diga-me, o que poderá ter dado origem a tal visita?

Mila calculara que Edgar pudesse dizer alguma coisa e construíra uma desculpa na sua mente.

– Fui pedir-lhe que me visitasse mais tarde, esta semana – começa Mila –, dado que necessito urgentemente de uma nova saia. Tinha vergonha de lho dizer. – Mila baixa os olhos. – Há anos que uso esta, dado que... não consigo pagar

uma nova. Um dia destes Edith referiu que teria alguns restos de tecido que podia vender por uma fração daquilo que custariam numa loja.

Gundula fita Mila, abanando lentamente a cabeça da esquerda para a direita.

– Uma *saia*.

– Sim, minha senhora.

– Onde *está* essa saia?

– Está a ser cortada para mim neste preciso momento. Ela disse que ma traria para a semana.

– Não acredito em ti. – A compostura que Gundula mantivera há apenas um minuto começava a desmoronar.

– Desculpe?

– Mentes! Consigo vê-lo nos teus olhos! Mentes acerca da saia, acerca do teu nome, acerca de *tudo*!

O rosto de Edgar espreita através de uma porta atrás de Gundula.

– *Mutter*? O que...

– Disse-te que ficasses no teu quarto – vocifera Gundula. – Vai! – Edgar desaparece e a cadeira de Gundula raspa sonoramente contra o chão de madeira atrás de si quando se levanta. – Tomas-me por parva, Iza, se é que é esse o teu nome, é?

Mila deixa as mãos cair.

– Claro que é o meu nome, minha senhora. E claro que tem razão em estar zangada por eu não ter falado da visita à costureira. Por isso, lamento verdadeiramente. Mas acusa-me erradamente de mentir acerca da minha identidade. Ofende-me que diga tal coisa.

Enquanto Gundula se aproxima, Mila repara numa veia que lateja como uma serpente púrpura no seu pescoço e recua um passo, o seu instinto começando de novo a dizer-lhe que dê meia-volta e fuja, que saia. Mas mantém-se firme – fugir seria uma admissão da verdade.

Gundula está suficientemente perto para Mila conseguir cheirar o seu hálito quando para, cerra as mãos em punhos e exala exasperada. Parece um rosnido.

– Disse ao meu marido – cospe. – Eu disse-lhe que não podíamos confiar em ti. Espera só até ele te mandar prender, espera só!

Mila recua lentamente para o corredor.

– Minha senhora – diz ela, calmamente –, está a exagerar. Talvez um copo de água possa ajudar. Vou buscar-lhe um. – Quando se vira para ir até à cozinha, vê de relance algo de alarmante na periferia do seu campo visual. A sombra de um objeto que se move rapidamente em direção à sua cabeça. Agacha-se, mas é demasiado tarde. A jarra atinge-a na parte de trás do crânio com o som oco de dois objetos pesados a colidir. Aos seus pés, o vidro estilhaça-se. O mundo de Mila escurece por um momento. A dor é lancinante. De olhos fechados, leva a mão à porta, grata quando os dedos a encontram, segurando-se. Quando volta a abrir os olhos, toca na parte de trás da cabeça com a mão livre; um galo formou-se no ponto onde a jarra a atingiu. Olha de relance para os dedos. Espantosamente, não há sangue, apenas dor. *Devias ter fugido.*

– Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! – Gundula está a chorar. – Estás bem? *Ach mein Gott.*

Recuperando o equilíbrio, Mila afasta-se hesitantemente do monte de vidros partidos aos seus pés e percorre o corredor até um armário em busca de uma vassoura. Ao regressar, Gundula mantém-se no mesmo local onde a deixara, abanando a cabeça, os olhos desvairados como os de uma mulher louca.

– Eu não queria... desculpa – choraminga.

Mila não responde. Em vez disso, varre. Gundula baixa-se e senta-se numa cadeira da sala de jantar, murmurando para si mesma.

Quando a pá se enche, Mila leva-a para a cozinha, esvazia os vidros no caixote do lixo por baixo do lava-loiça e volta a guardar a pá no armário. Levando a mão a dois jarros de leite vazios que se encontram sobre o balcão, segura um em cada mão e repete os seus passos, tentando desesperadamente esquecer o latejar na parte de trás da cabeça que se estende até aos olhos, a voz dentro dela implorando-lhe que saia, e que o faça depressa.

– Vou à leitaria – a sua voz calma ao passar a porta para a sala de jantar. E tão silenciosamente como chegara, parte, sem qualquer intenção de regressar.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Bella

Varsóvia, Polónia ocupada pelos alemães ~ Janeiro de 1943

São mãe e filha, apercebe-se Bella na caixa registadora da loja enquanto estuda as duas mulheres alemãs que observam vestidos. Têm a mesma pele cor de marfim e a mesma curva a fiada nos maxilares, o mesmo porte, inclinando a cabeça da mesma maneira enquanto deslizam os dedos pelos vestidos pendurados em filas através da loja. Bella pestaneja para afastar as lágrimas que lhe enchem os olhos.

– Este ia ficar-te bem – diz a rapariga, segurando um vestido azul de lã em frente ao tronco da mãe. – A cor é perfeita. Complementa os teus olhos.

Bella e Jakob estão em Varsóvia há seis meses. Tinham pensado, durante algum tempo, permanecer em Radom, mas era uma cidade muito pequena quando comparada com Varsóvia e temiam que pudessem ser reconhecidos. Além disso, não havia trabalho. Os dois guetos foram liquidados e só restavam alguns trabalhadores. E os pais de Bella, claro, tinham desaparecido. Haviam sido deportados com os outros, tal como Ruben avisara, e não era segredo para ninguém: quem ia para Treblinka, não regressava.

Por isso, sem guardas nos portões do gueto, Bella e Jakob tinham reunido os poucos pertences que conseguiram salvar dos apartamentos vazios, rezado para que as suas identificações lhes servissem, e subido a bordo de um comboio para

Varsóvia, usando praticamente todos os zlotys que tinham guardado para pagar o bilhete.

A princípio, Bella esperara que a mudança de cenário em Varsóvia pudesse ajudar a acalmar parte da dor. Mas parecia que, onde quer que fosse, para onde quer que olhasse, havia recordações. Três irmãs a brincar no parque. Um pai a ajudar a filha a subir para uma carroça. Os pares de mãe e filha que frequentavam a loja onde trabalhava. Era uma tortura. Durante semanas, Bella não conseguira dormir. Não conseguira pensar. Não conseguira comer. Não que houvesse muito para comer, mas achava a mera ideia de comida repelente e recusava-a. Os ossos do rosto tornaram-se ainda mais pronunciados e, por baixo da camisa, as costelas eram visíveis sob a pele, como um teclado composto apenas de sustenidos e bemóis. Era como se estivesse a tentar andar na água, com pesos a envolver-lhe os pulsos, como se a qualquer momento se pudesse afogar. Tinha o coração partido e odiava a maneira como Jakob lhe perguntava, constantemente, se estava bem. A maneiro como insistia sempre para que comesse um bocadinho. «Volta para mim, meu amor», implorava ele. «Pareces tão distante.» Mas ela não conseguia. A única altura em que sentia um vislumbre do seu velho ser era quando faziam amor, mas mesmo nesse caso a sensação não era duradoura. O toque da pele dele contra a sua recordava-lhe que estava viva – e a culpa que a consumia depois era de tal modo poderosa que a deixava doente.

Bella sabia, mesmo durante aquelas primeiras semanas em Varsóvia, que não podia viver durante muito mais tempo imersa até ao queixo num mar de tristeza. Queria, terrivelmente, sentir-se como ela própria de novo. Ser uma pessoa melhor, uma esposa melhor. Aceitar o que lhe havia acontecido. Seguir caminho. Mas perder a irmã e depois os pais era incapacitante. As suas mortes perturbavam-na durante as horas que permanecia acordada e assombravam-na durante o sono. Todas as noites, via a irmã ser arrastada para o bosque, via os pais a subirem para bordo dos comboios que os entregariam à morte. Todas as noites sonhava com tudo o que poderia ter feito para os ajudar.

Em novembro começara a prender com alfinetes a cintura da saia para a impedir de escorregar ao longo das ancas. Foi então que se apercebeu de que estava em apuros, que Jakob tinha razão. Tinha de comer, de cuidar de si. Precisava *dele*. Perguntou-se, contudo, se seria demasiado tarde. Há meses que

viviam separados – Jakob dissera que estavam mais seguros, que os seus documentos falsos eram mais credíveis dessa maneira –, mas Bella sabia que havia uma parte dele que não conseguia manter-se por perto. Impotente, a vê-la deteriorar-se. Como poderia culpá-lo? Estivera mergulhada num luto tão profundo que se esquecera do que significava amar o homem que, antes de o seu mundo se ter desmoronado, era tudo para ela. Jurou tentar recompor-se.

– Vamos levá-lo – diz a mãe, pousando o vestido sobre o balcão. Bella inspira fundo, obrigando as lágrimas a afastar-se.

– Claro – diz ela. O seu alemão é agora perfeito. – É uma bela escolha. – Consegue sorrir. *Não deixes que vejam que estás perturbada.* Entrega o troco à mulher.

Quando as duas partem, Bella fecha os olhos, esgotada pelo esforço de manter a compostura. *Haverá sempre algo que tos recorda,* pensa. *Haverá sempre dias que não são tão mau s, e outros que são insuportáveis. O que importa,* disse a si mesma, *é que mesmo nos dias mais duros, quando a dor é tão forte que quase não consegues respirar, tens de prosseguir caminho. Tens de te levantar, vestir e ir trabalhar. Irás encarar cada dia à medida que for chegando. Manter-te-á em movimento.*

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Mila e Felicia

Varsóvia, Polónia ocupada pelos alemães ~ fevereiro de 1943

Quando a mãe lhe disse que tinha encontrado um local seguro para viver – um *convento,* chamara-lhe – Felicia teve as suas dúvidas. «Terás crianças à tua volta», garantira Mila, tentando alegrá-la. «Raparigas de todas as idades. E um grupo de freiras simpáticas que cuidarão de ti. Já não terás de ficar sozinha.» Embora Felicia estivesse desesperada por companhia, era pela da mãe que ansiava. Odiava o facto de Mila a ir deixar uma vez mais. «Os outros serão como... como eu?», questionara, perguntando-se se as raparigas daquele local de que a mãe falava iriam querer ser suas amigas. Eram católicas, contara a mãe, explicando que, enquanto lá estivesse, também Felicia seria católica. Decerto as outras raparigas iam querer ser suas amigas. «Faz o que as freiras disserem, meu amor», acrescentou, «e prometo-te que cuidarão bem de ti.»

No primeiro dia no convento, o cabelo ruivo como canela de Felicia é pintado de louro. Já não é Felicia Kajler; é Barbara Cedransk. Aprende a fazer o sinal da cruz e a tomar a comunhão. Uma semana depois da sua chegada, quando uma das freiras se apercebe de que está a pronunciar baixinho as palavras das suas orações, arrasta Felicia até ao gabinete da Madre Superiora e põe em causa a sua educação. Felicia fica surpreendida por ouvir a convicção na voz da Madre Superior quando esta riposta: «Conheço a família desta criança há muito tempo. Tratamo-la como as restantes.» De facto, fraca como está, Felicia é tratada

ligeiramente *melhor* do que as restantes. A Madre Superiora oferece frequentemente a Felicia um pedaço de bolo, quando as outras não estão a olhar, permite-lhe sempre permanecer mais alguns minutos, todos os dias, no exterior ao sol, e mantém uma vigilância atenta durante os tempos livres das crianças, intervindo quando as raparigas mais velhas, que consideram a esquelética recém-chegada o elemento mais fraco do grupo, lhe lançam insultos ou paus.

Puxando o gorro de lã sobre a testa, Mila percorre a vedação de madeira do jardim do convento, tentando distinguir os rostos das crianças que brincam no interior. É-lhe permitida uma visita por semana, mas esta não foi marcada. Não consegue evitá-lo. Odeia estar longe da filha. Analisa o jardim, tentando decifrar qual dos corpos pequenos pertence a Felicia. As crianças parecem todas iguais nos seus casacos de inverno escuros e nos seus chapéus. Correm e gritam, respiram soprando nuvens esvoaçantes das suas bocas de lábios cor-de-rosa enquanto brincam. Mila sorri. Há algo no som daqueles risos que a enche momentaneamente de esperança. Por fim, repara numa rapariga, mais pequena do que as restantes, que está de pé muito quieta, olhando na sua direção.

Mila avança descontraidamente em direção à vedação, lutando contra o impulso de acenar, de saltar por cima das traves de madeira, de tomar a filha nos braços e de a levar de novo para Varsóvia. Felicia também se aproxima da vedação, o queixo erguido, curiosa quanto à razão da visita da mãe – deve manter-se vigilante, e percebe, decerto, que é demasiado cedo para a sua visita seguinte. Mila sorri e acena suavemente. *Não há razão para preocupações*, diz com os olhos.

Felicia acena, também, mostrando que compreende. Perto da mãe, para ao lado de um banco, pousa nele o pé e curva-se, como se estivesse a atar os atacadores. De cabeça para baixo, o chapéu cai-lhe e o cabelo pintado de louro tomba em direção à terra, formando um halo em redor do seu rosto pequeno e sardento. Espreita por entre as pernas na direção da mãe e, sabendo que as outras não a podem ver, acena.

Adoro-te, pronuncia Mila com os lábios, sem emitir qualquer com, e depois lança-lhe um beijo.

Felicia sorri e devolve-lhe o beijo. *Também te adoro.*

Mila observa, pestanejando para refrear as lágrimas, Felicia levantar-se, ajeitar o chapéu na cabeça e trotar de novo para junto das outras crianças.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Genek

Telavive, Palestina ~ fevereiro de 1943

As dores de estômago de Genek estão de volta. Quando chegam – normalmente a cada trinta minutos, na pior das hipóteses –, dobra-se sobre si mesmo, com uma careta. «Qual é a sensação?», perguntara Herta quando as dores começaram, no inverno anterior. «Como se alguém estivesse a contorcer os meus intestinos com uma forquilha», explica. Herta implorara-lhe que visse um médico, mas Genek sentia-se relutante em fazê-lo. Presumira que o seu sistema digestivo necessitava de tempo pata se reajustar a uma dieta próxima do normal. «Vou ficar bem», insistira. E, de qualquer maneira, havia tantas pessoas em Teerão pior do que ele, que era difícil justificar a utilização do tempo e dos recursos do único e precioso médico.

Mas isso fora na Pérsia. Agora estavam na Palestina onde, sob os cuidados do exército britânico, ele e os seus colegas polacos do exército de Anders tinham acesso a uma dúzia de tendas médicas, uma miríade de mantimentos e uma equipa de médicos. Agora, as dores eram persistentes e haviam aumentado a ponto de Genek se perguntar se uma úlcera não teria consumido o revestimento do seu estômago. «Está na hora», dissera Herta no dia anterior, o seu tom carregado tanto de piedade quanto de frustração. «Por favor, Genek, vai ver alguém antes que seja tarde demais. Não deixes que algo que poderia ter sido resolvido te derrube, depois de tudo aquilo por que passámos.

Está sentado na beira da sua cama de lona, nu com exceção de uma bata de algodão branca aberta nas costas. Atrás de si, um médico pressiona a peça redonda e direita de um estetoscópio contra as suas costelas, emitindo *hmm* pelo nariz, de cada vez que Genek responde a uma das suas perguntas.

– Deite-se – instrui o médico. G enek roda as pernas para cima da cama e recosta-se, estremecendo quando os dedos do médico lhe pressionam a pele pálida sobre o estômago. – Parece-me que tem uma úlcera – diz ele. – Mantenha-se longe dos citrinos e de todos os alimentos ácidos. Nada de laranjas nem limões. Tente comer apenas alimentos leves. Também lhe vou dar um medicamento, para ajudar a neutralizar. Começamos por aí, e veremos como estará dentro de uma semana.

– Está bem – Genek acena.

O médico ajusta o estetoscópio em redor do pescoço e enfia a caneta no bolso do peito da bata.

– Volto já – diz ele. – Não saia daí.

Genek vê-o desaparecer. A última vez que tivera de usar uma bata hospitalar fora aos catorze anos, quando lhe tiraram as amígdalas. Não se lembra de grande coisa da cirurgia, com exceção do fornecimento constante de sumo de maçã acabado de fazer que bebeu depois, juntamente com uma semana de mimos da mãe. Sentiu uma vaga de saudade. O que não faria, naquele momento, para ver a mãe. Já deixara a casa há três anos e meio.

Casa. Pensa no quanto já viajou nos últimos quarenta e dois meses. Pensa no apartamento em Lvov e na noite em que o NKVD lhe bateu à porta; como fizera a mala, intuindo, de alguma maneira, que, ao partir, já não regressaria. Pensa nos vagões de gado aos quais estivera confinado durante semanas sem fim – escuros e húmidos e pejados de doenças e nos blocos onde residira na Sibéria, e na noite gelada em que Józef nascera. Pensa em todos os cadáveres que vira no seu êxodo da Sibéria, através Cazaquistão, do Uzbequistão e do Turquemenistão até à Pérsia, acerca do campo militar a que chamara casa durante quatro meses em Teerão, e acerca da viagem de Teerão para Telavive e, como, enquanto o camião serpenteava ao longo das estradas estreitas da cordilheira montanhosa de Zagros, contemplara a real possibilidade de caírem os mil e quinhentos metros que os separavam do fundo do vale. Pensa nas belas praias da Palestina e no quanto

sentirá a sua falta quando for enviado para o combate; tem havido muitas conversas ultimamente, acerca de o exército de Anders ser enviado para a Europa para combater na frente italiana.

A sua verdadeira *casa*, claro, será sempre Radom. Isso ele sabe. Cruza os pés pelos tornozelos e fecha os olhos, e num instante a sua mente deixa a tenda médica e chega a uma cena que conhece bem – uma reunião de família na Rua Warszawska, no apartamento onde cresceu. Agora está na sala de estar, sentado num sofá de veludo azul por baixo do retrato do seu bisavô Gerszon, do qual herdou o nome. Herta dá de mamar a Józef ao seu lado. Addy está sentado em frente ao *Steinway* a tocar uma versão improvisada de «Anything Goes», de Cole Porter. Halina e Adam dançam. Mila e Nechuma conversam junto à prateleira de nogueira que está por cima da lareira, observando, rindo, enquanto Sol gira Felicia no ar. No canto, Jakob está de pé em cima de uma cadeira, observando o espetáculo através da lente da sua Rolleiflex.

Genek daria qualquer coisa para reviver uma tarde de jantar e música na sua casa da Radom pré-guerra. Mas tão depressa quanto entrou na sua mente, a cena na sala de estar dos pais dá lugar a uma memória nova, mais recente. Sente um aperto no estômago, que lhe lança choques de dor através do abdómen, ao recordar a conversa que tinha ouvido ao passar pelos aposentos do capitão mais cedo, nessa semana: «Tem de ser um exagero», dissera um dos capitães. «Mais de um milhão?» «Houve quem dissesse dois», respondeu outra voz. «Liquidaram centenas de campos e guetos.» «Que sacanas doentios», declarou a primeira voz. Houve silêncio por um momento e Genek teve de lutar contra o instinto de rasgar a tenda para entrar, de exigir mais informação. Mas sabia que não podia. O pânico nos seus olhos poderia tê-lo revelado – era suposto ser católico, afinal de contas. Mas *milhões?* Decerto estavam a falar acerca de judeus. A sua mãe, o seu pai, as suas irmãs e a pequena sobrinha – tanto quanto sabia, viviam todas no gueto. Tias e tios e primos também. Já escreveu para casa uma dúzia de vezes, mas ainda não obteve resposta. *Por favor*, reza, *espero que o número seja um exagero. Espero que a família esteja em segurança. Por favor.*

Com um nó na garganta, Genek recorda-se de que se devia sentir grato, que está com Herta e Józef. Estão juntos e, em grande medida, de boa saúde. Quem sabe quanto tempo ali irão ficar, mas, por ora, terá sorte se conseguir fazer de

Telavive a sua casa. A cidade, empoleirada na areia branca e nas margens com palmeiras do Mediterrâneo azul-esverdeado, é mais bela do que qualquer outra que alguma vez viu. Até o *ar* é agradável, cheirando sempre a laranjas doces e oleandro. Herta resumira tudo numa única palavra no dia em que ali tinham chegado: «Paraíso.»

O ruído da tenda médica regressa à consciência de Genek – o murmúrio de vozes, o gemido da lona que se estica quando o seu vizinho se vira de lado, o barulho de um bacio a ser substituído por baixo de uma cama de lona – e, quando desperta, há algo que lhe chama a atenção. Uma voz. Uma voz que reconhece de uma vida anterior. Uma voz que o faz pensar na sua casa. Na sua casa verdadeira. Genek abre os olhos.

A maioria dos pacientes na tenda está a dormir ou a ler. Alguns falam baixinho com o médico ao seu lado. Genek percorre a sala com os olhos, escutando atentamente. A voz desapareceu. Imaginou-a – parte dele ainda deve estar presa na sua recordação de Radom. Mas depois volta a ouvi-la, e desta vez senta-se. *Ali*, apercebe-se, olhando por cima do ombro – vem de um médico que está de costas para ele, três camas mais abaixo. Genek gira as pernas sobre a cama, intrigado. O médico é ligeiramente mais baixo, com uma postura absolutamente direita e o cabelo escuro cortado perto do couro cabeludo. Fita-o com intensidade, até que se vira, espeitando através dos óculos perfeitamente redondos enquanto escrevinha algo na sua prancheta. Genek reconhece-o de imediato. O coração salta-lhe para a garganta quando ele se levanta.

– Ei! – grita Genek. Duas dúzias de homens, meia dúzia de médicos e uma mão-cheia de enfermeiros na tenda param o que estão a fazer, por um momento, para olhar na direção de Genek. Ele volta a gritar: – Ei, Selim?

O médico ergue os olhos da prancheta, analisando a divisão até, por fim, o seu olhar se pousar em Genek. Pestaneja. Abana a cabeça.

– Genek?

Genek salta da cama, ignorando o traseiro meio exposto e corre na direção do cunhado.

– Selim!

– O que... – gagueja Selim. – O que estás a fazer aqui?

Genek, demasiado chocado para falar, envolve o tronco de Selim com os braços, quase o erguendo do chão com o seu abraço. Os outros presentes na tenda médica observam por um momento, sorrindo. Algumas enfermeiras, fitando o traseiro exposto de Genek trocam olhares e suprimem risadinhas antes de regressarem aos seus afazeres.

– Não fazes ideia como estou feliz por te ver, irmão – diz Genek abanando a cabeça.

Selim sorri.

– É muito bom ver-te, também.

– Desapareceste em Lvov. Pensámos que te tínhamos perdido. O que aconteceu? Espera, Selim... – Genek segura-o a alguma distância, estudando-lhe o rosto. – Diz-me se já soubeste notícias da família? – Ver o cunhado incendiara algo nele: uma mistura de esperança e saudade. Talvez seja um bom sinal. Talvez, tal como Selim está vivo, os outros também estejam.

Os ombros de Selim encurvam-se e Genek deixa cair as mãos ao lado do corpo.

– Ia perguntar-te o mesmo – diz Selim. – Mandaram-me para o Cazaquistão. Não me permitiam que escrevesse do campo. As cartas que enviei desde então não obtiveram resposta.

Genek baixa a voz para que os restantes não oiçam.

– As minhas também – diz baixinho, desiludido. – As últimas notícias que tive foram imediatamente antes de Herta e eu termos sido detidos em Lvov. Isso foi há quase dois anos. Nessa altura, Mila estava em Radom, a viver no gueto com os meus pais.

– O *gueto* – sussurra Selim, o seu rosto empalidecendo.

– É difícil imaginar, eu sei.

– Eles... eles liquidaram os guetos, já soubeste?

– Já soube – diz Genek. Os homens mantêm-se em silêncio durante um momento.

– Estou constantemente a dizer a mim mesmo que estão todos bem – acrescenta Genek, erguendo os olhos para as vigas da tenda, como se procurasse

respostas. – Mas quem me dera saber com toda a certeza. – Baixa os olhos para os cruzar com os de Selim. – É terrível, não saber.

Selim concorda.

– Penso muitas vezes em Felicia – diz Genek, apercebendo-se de que ainda não contou ao cunhado acerca de Józef. – Ela deve ter o quê... três?

– Quatro. – A voz de Selim é distante.

– Selim – começa Genek. Faz uma pausa, lambe os lábios, envergonhado perante as suas riquezas quando, tanto quanto sabe, Selim pode ter perdido tudo. – Herta e eu temos um filho. Nasceu na Sibéria. Faz dois anos em março.

Selim parece satisfeito. Sorri.

– *Mazel tov*, irmão – diz. – Como se chama?

– Józef. Chamamos-lhe Ze para abreviar.

Os dois homens olham para os pés sem saberem ao certo o que dizer a seguir.

– Como se chamava o teu campo no Cazaquistão? – acaba por perguntar Genek.

– Dolinka. Eu era médico lá, e servia também a cidade próxima.

Genek acena com a cabeça, espantado com a ideia de que fosse necessário um campo de detenção, uma amnistia e um exército para permitir a Selim a profissão que lhe fora negada em Radom.

– Quem me dera que tivéssemos alguns médicos como tu no nosso campo – disse ele, abanando a cabeça.

– Onde estiveste tu?

– Não faço ideia, para ser sincero. A cidade mais próxima de nós chamava-se Altynay. Uma verdadeira paisagem de merda. A única coisa boa que de lá saiu foi Ze.

Selim analisa a estrutura magra de Genek, inquisitivamente.

– Estás-te a sentir bem?

– Oh. Sim, maravilhoso, é apenas o meu estômago, mais nada. Altynay deu cabo de mim. Malditos soviéticos. O médico diz que tenho uma úlcera.

– Tenho tratado bastantes. Se não te sentires melhor em breve diz-me. Verei o

que posso fazer para ajudar.

– Obrigado.

Um paciente chama-o do outro lado da sala e Selim aponta para a prancheta.

– É melhor pôr-me a andar.

Genek acena com a cabeça.

– Claro. – Mas quando Selim se vira, ocorre algo a Genek e ele volta a agarrar no ombro do cunhado. – Espera, Selim, antes de ires, tenho estado a pensar se não deveria começar a escrever para a Cruz Vermelha, agora que é possível localizarem-me através do exército. – O amigo de Genek, Otto, conseguira contactar o irmão desta maneira, e Genek não pôde deixar de se perguntar se conseguiria sorte semelhante. – Talvez pudéssemos ir juntos, preencher alguns formulários, enviar alguns telegramas.

Selim concorda.

– Vale a pena tentar – responde.

Planeiam encontrar-se dentro de alguns dias na estrutura da Cruz Vermelha em Telavive. Selim enfia a prancheta debaixo do braço e vira-se de novo para partir.

– Selim – diz Genek, permitindo que um sorriso se lhe abra no rosto. – É mesmo bom ver-te.

Selim devolve-lhe o sorriso.

– A ti também, Genek. Vemo-nos no domingo. Mal posso esperar por conhecer o teu filho.

Genek acena com a cabeça e regressa à sua cama de lona. *Selim – e logo na Palestina. É um bom sinal, tem de ser.* Não irá limitar a sua busca através da Cruz Vermelha à Polónia, decide. Irá enviar telegramas para as estruturas da Cruz Vermelha por toda a Europa, o Médio Oriente e as Américas. Decerto, se os outros estiverem vivos, também manterão o contacto com os serviços de localização.

Sobe de novo para a cama de lona e deita-se, pousando uma mão no coração, a outra no estômago onde, por um instante, a dor se acalma.

19 DE ABRIL – 16 DE MAIO DE 1943 – LEVANTAMENTO DO GUETO DE VARSÓVIA : *Ao liquidar o gueto de Varsóvia, Hitler deporta e extermina cerda de 300 000 judeus. Os 50 000 que permanecem planeiam em segredo um a retaliação armada. A sublevação começa na véspera do Pessach, à beira de uma derradeira liquidação do gueto; os residentes do gueto recusam-se a ser levados e lutam contra os alemães durante quase um mês, até serem derrotados pela destruição sistemática e pelo incêndio do gueto pelos nazis. Milhares de judeus morrem em combate e são queimados vivos ou sufocados; os que sobrevivem à sublevação são enviados para Treblinka e outros campos de extermínio.*

SETEMBRO DE 1943: *Os homens de Anders, estacionados em Telavive são mobilizados e enviados para a Europa para lutar na frente italiana; as esposas e as crianças ficam para trás, em Telavive.*

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Halina

Varsóvia, Polónia ocupada pelos alemães ~ outubro de 1943

– Senta-te – silva o oficial, apontando para uma cadeira metálica à frente da sua secretária, nu m pequeno gabinete da polícia dos caminhos-de-ferro.

Halina aperta os lábios numa linha furiosa. Sente-se mais confiante quando está de pé.

– Eu disse *senta-te.*

Halina obedece. Sentada, os seus olhos ficam ao nível do cano da pistola que o alemão leva no coldre à cintura.

É apenas uma questão de tempo, apercebe-se, antes de se esgotar a sua sorte.

Ao deixar o apartamento no centro de Varsóvia nessa manhã, beijara Adam para se despedir e recordara-o de que só regressaria tarde. O seu plano era ir à estação de caminhos-de-ferro depois do trabalho, apanhar o comboio até Wiłanau e depois percorrer a pé os quatro quilómetros até casa dos Górski no campo, onde veria os pais e entregaria aos Górski o pagamento prometido de outubro. Ficaria durante uma hora e depois regressaria a Varsóvia. Já realizara a viagem até Wiłanau por três vezes e, até agora, os seus documentos falsos, exigidos para a compra de bilhetes e para subir e desembarcar do comboio tinham funcionado na perfeição.

Contudo naquele dia, mal conseguira adquirir os bilhetes na estação de Varsóvia. Estava à espera junto à linha quando um elemento da Gestapo, a polícia secreta de Hitler, se aproximou dela, exigindo ver os documentos. «Porque precisa de os ver?», perguntara em polaco (ela é, agora, fluente em alemão, mas a Gestapo, descobriu, desconfia dos polacos que falam alemão).

«Uma inspeção de rotina», respondera ele. Estudara a sua identificação e fizera-lhe perguntas acerca do seu nome e data de nascimento.

«Brzoza» recitara Halina com convicção. «17 de abril de 1917.» Mas o oficial abanou a cabeça quando o comboio se aproximou. «Tu vens comigo», disse, conduzindo Halina por um braço através da estação.

– Para quem trabalhas? – quer saber o oficial. Permanece de pé.

Halina só conheceu o seu novo patrão, *Herr* Den, há duas semanas. Este assistira a um jantar em casa do seu anterior patrão, onde ela trabalhava como empregada e ajudante de cozinha. Den é austríaco – um banqueiro de sucesso, na casa dos sessenta. Halina recorda-se da noite em que lhe serviu o jantar pela primeira vez, como a observara atentamente enquanto ela trabalhava. Aparentemente, ficara impressionado, o que não era de surpreender – Halina crescera numa casa com uma cozinheira e uma empregada; tinha apreço pelo bom serviço. Mais tarde, nessa mesma noite, Den surpreendera-a. Estava junto ao lava-loiça na cozinha quando ele se aproximou; ela nem sequer se apercebera de que ele estava na mesma divisão até se encontrar ao seu lado.

– Chopin? – perguntara ele, apanhando-a desprevenida.

– Desculpe? – disse ela.

– A melodia que estava a trautear ainda agora, era Chopin?

Halina nem se apercebera que estava a trautear.

– Sim – confirmara. – Creio que sim.

Den sorrira. «Tem um excelente gosto musical», dissera, antes de se virar para partir. No dia seguinte, recebera a notícia da agência de emprego de que iria começar a trabalhar para Den na semana seguinte. Se ele desconfiava ou não que ela fosse judia, Halina não fazia ideia. Até ali parecia gostar dela.

– Trabalho para *Herr* Gerard Den –, informou Halina, suspirando como se a pergunta a irritasse.

– Qual é a sua ocupação?

– Diretor do Banco Austríaco em Varsóvia.

– Que tipo de trabalho fazes?

– Sou a empregada doméstica.

– Qual é o seu número de telefone?

Halina recita de memória o número de telefone e espera enquanto o oficial faz a ligação. Malditas sejam estas verificações de rotina. Maldita seja a Gestapo. Malditos sejam os polacos, que estão constantemente dispostos a auxiliar os alemães, a entregar os judeus. E para quê? Um quilo de açúcar? A amizade já nada significa para ninguém. Soube-o em Radom, no dia em que a amiga de escola, Sylvia, se recusara a reconhecer a sua presença quando por ela passara a caminho da quinta de beterrabas – e era constantemente recordada ali, em Varsóvia, onde já por várias vezes fora acusada de ser judia.

Não fora apenas a senhoria desconfiada. Foi a amiga de um antigo patrão, uma mulher alemã que a seguira na rua, certo dia, e sussurrara um desdenhoso «Eu conheço o teu segredo!» quando ficaram lado a lado no passeio. Sem pensar, Halina puxara-a para uma viela, enfiara-lhe na mão o salário daquela semana e dissera-lhe, de dentes cerrados, que mantivesse a boca fechada – isto antes de se aperceber de que era mais seguro nunca o confessar a ninguém. Pouco depois, temendo que, se não continuasse a suborná-la, a mulher pudesse revelar a sua identidade ao patrão, procurou um novo emprego.

Havia ainda o soldado da *Wehrmacht* que reconhecera Halina de Lvov, de um tempo antes de ter assumido um novo nome. Optara por uma abordagem mais suave e convidara-o para beber um café num estabelecimento gerido por um nazi na rua Pięk na. Usara o seu charme enquanto conversavam, durante uma hora, no final da qual o soldado parecia mais encantado do que curioso em relação à sua vida anterior; ela deixou-o com um beijo no rosto e a sensação intuitiva de que, se se lembrasse *de facto* da sua verdadeira identidade, a manteria em segredo.

Claro que não havia nada que pudesse fazer em relação aos polacos cuja conversa tinha ouvido na Rua Chłodna naquele dia de maio em que as SS por fim arrasaram o gueto da cidade e liquidaram o que restava dos habitantes num derradeiro esforço para esmagar uma sublevação. «Ei, olha, os judeus estão a

arder», disseram-lhe os polacos quando Halina passara. «Têm o que merecem», declarara outro. Halina teve de recorrer a todas as suas forças para não pegar nos homens pela lapela e os abanar. Nesse dia, quase abdicara da sua identidade ariana, para lutar ao lado dos judeus na sublevação. Para desempenhar um papel, independentemente do quão condenado fosse o esforço, e fazer frente aos alemães. Mas na altura recordou a si mesma que tinha de pensar nos pais, na irmã. Tinha de se manter em segurança de modo a manter a família em segurança. E, por isso, observara de longe enquanto o gueto ardia, o seu coração carregado de tristeza e ódio, mas também de orgulho – nunca antes testemunhara um tão valente ato de autodefesa.

O oficial segura o auscultador encostado ao ouvido e fita-a. Ela fita-o de volta, desafiante, ultrajada. Ao fim de um minuto, alguém do outro lado atende.

– Quero falar com *Herr* Den, por favor – anuncia o oficial. Há uma longa pausa, depois uma voz diferente do outro lado da linha. – *Herr* Den. Peço desculpa por incomodar. Tenho aqui alguém na estação que alega trabalhar para si, e tenho razões para acreditar que não é quem diz ser. – Silêncio. Halina sustém a respiração. Concentra-se na sua postura: ombros para baixo, costas direitas, joelhos e pés bem juntos. – Ela alega que o seu nome é *Brzoza... B-R-Z-O-Z-A.* – A linha está em silêncio. Será que Den desligou? Qual seria o seu plano de recurso? Ouve um murmúrio, a voz do patrão, mas não consegue perceber as palavras. O que quer que esteja a dizer, o seu tom é furioso.

A receção deve ser fraca porque o oficial abranda o seu discurso para pronunciar cada palavra.

– Os-seus-papéis-afirmam-que-ela-é-uma-*cristã.* –Den está a falar de novo, agora mais alto, O oficial afasta o telefone do ouvido, franzindo o sobrolho, até o vociferar terminar. Halina apanha algumas palavras: «Envergonhado... decerto... eu mesmo.»

– Tem *a certeza?* Muito bem, muito bem, não, não venha cá. Isso não será necessário. Eu... sim, compreendo, iremos, senhor, imediatamente. Peço de novo desculpa por tê-lo incomodado. – O oficial bate com o auscultador na sua base.

Halina exala. Levantando-se, estende a palma da mão sobre a secretária.

– Os meus documentos – pede, enojada. O oficial franze o sobrolho ao deslizar os documentos de identificação sobre a mesa. Halina agarra neles. – É

um ultraje – cospe suavemente, apenas suficientemente alto para que o oficial a ouça, antes de se virar. Para sair.

JANEIRO – MARÇO DE 1944: *Os Aliados, num esforço para garantir uma rota para Roma, dão início a uma série de ataques sem sucesso ao forte alemão de monte Cassino, localizado na região de Lácio, no centro de Itália.*

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Genek

Rio Sangro, centro de Itália ~ abril de 1944

– Isto é melhor do que bom – diz Otto, recostando-se na cadeira e cruzando os braços sobre o peito. Genek acena, suprimindo o desejo de bocejar. Entre o cair persistente da chuva e o *grochówka* de ervilhas que lhe enche o estômago (aquele lote em particular era de tal modo pesado que a colher ficara em pé, direita, na tigela, como uma haste) aproxima-se de um estado comatoso. Em frente à tenda da messe, o oficial de comando, Pawlak, trepa para uma plataforma de madeira com um metro de altura, uma espécie de pódio, a partir do qual faz os seus discursos. A sua expressão é séria.

– Parece que esta noite a questão é séria – comenta Genek, ao mesmo tempo que as conversas entre as tendas se dissipam e os olhos se viram para o capitão que está à sua frente.

– Disseste o mesmo da última vez. E da vez antes dessa – resmunga Otto, abanando a cabeça.

Genek e Otto, juntamente com os 40 000 e poucos outros recrutas de Anders, passaram o mês de abril alojados nas margens do rio Sangro, em Itália. A sua posição, como Pawlak lhes mostrou no mapa, quando chegaram, é estratégica – a dois dias de monte Cassino, um forte alemão, 120 quilómetros para sudeste de Roma. O Cassino é um mosteiro de paredes rochosas com 1400 anos, que se

ergue 520 metros acima do nível das águas do mar – mas, o que é mais importante, é o eixo da linha de defesa nazi. Os alemães ocuparam-no e usam-no como ponto estratégico para detetar e abater qualquer pessoa que se aproxime. As forças aliadas já o tentaram tomar em três ocasiões diferentes – até aqui, tem-se revelado inexpugnável.

– Talvez as notícias desta noite sejam diferentes – avança Genek. Otto revira os olhos.

Apesar das queixas de Otto, Genek sente-se grato por ter ao seu lado o velho amigo. Este tem sido uma constante desde que deixaram Herta, Józef e a esposa de Otto, Julia, para trás, em Telavive, para viajarem com o exército pelo do Egito e atravessarem o Mediterrâneo, num barco britânico, com destino a Itália. Só tinham disparado as suas Thompson em exercícios de tiro, claro, mas os homens compreendiam, ainda que não o verbalizassem, que quando as ordens chegassem, e se vissem alvos reais, iriam cuidar um do outro e das respetivas famílias, caso acontecesse alguma coisa a algum deles no campo de batalha.

– Cavalheiros! – chama Pawlak. Os homens da 1.ª Brigada Topográfica do Exército Polaco colocam-se em sentido. – Ouçam! Tenho novidades. Ordens. Finalmente aquilo por que todos esperávamos.

As sobrancelhas de Otto saltam. Olha de relance para Genek. *Tinhas razão*, desenham os seus lábios e sorri. Genek descruza as pernas, inclina-se para a frente na cadeira, os seus sentidos subitamente aumentados.

Pawlak tosse para limpar a garganta.

– As forças aliadas e o presidente Roosevelt reuniram-se para debater uma quarta ofensiva em massa ao monte Cassino – começa. – A primeira fase do plano (com o nome de código Operação DIADEMA) exige um logro em grande escala, dirigido ao marechal de campo Kesselring. O objetivo: convencer Kesselring de que os Aliados *abandonaram* quaisquer outras tentativas de ataque ao monte do Mosteiro, e que a nossa missão é, agora, desembarcar em Civitavecchia.

Genek e Otto tinham sido informados em pormenor acerca dos três ataques anteriores ao monte Cassino, todos eles um desaire sangrento e amargo. O primeiro ocorrera em janeiro, quando os britânicos e os franceses tentaram flanquear o mosteiro a partir de leste e oeste, respetivamente, enquanto o Corpo

Expedicionário Francês lutava na neve e no gelo contra a 5.ª Divisão de Montanha dos alemães, a norte. Mas os britânicos e os franceses depararam-se com um fogo de morteiro compacto, e os combatentes gelados do Corpo Expedicionário, embora perto da vitória, acabaram por se ver em inferioridade numérica. Uma segunda tentativa ocorreu em fevereiro, quando centenas de aviões de combate aliados largaram bombas de 450 quilos, umas a seguir às outras, sobre Cassino, reduzindo o mosteiro a ruínas. O Corpo do Exército Neozelandês deveria ocupar as ruínas, mas o terreno íngreme que a ele conduzia tornara impossível qualquer manobra e os paraquedistas alemães chegaram, em primeiro lugar, ao monumento agora sem teto. Um mês depois, numa terceira tentativa de ataque aliado ao monte Cassino, o Corpo do Exército Neozelandês largou 1250 toneladas de explosivos sobre Cassino, arrasando por completo a cidade e estendendo a linha de defesa alemã até um ponto de rutura. Uma divisão de tropas indianas foi enviada para garantir a segurança do mosteiro, mas depois de nove dias sob o fogo pesado dos morteiros, dos mísseis Nebelwerfer, e das bombas de fumo, os Aliados viram-se de novo obrigados a recuar.

Genek revê mental mente os números. Três tentativas falhadas. Milhares de baixas. O que levará o oficial no comando a acreditar que uma quarta tentativa terá sucesso?

– Táticas de diversão – grita Pawlak –, incluindo mensagens codificadas destinadas a serem intercetadas pelos serviços de informação alemães, e tropas aliadas enviadas para Salerno e Nápoles para serem vistas a «praticar» – faz umas orelhas de coelho com os dedos ao dizer a palavra – desembarques anfíbios. Incluíram ainda voos de reconhecimento da força aérea aliada sobre as praias da Civitavecchia e informações falsas fornecidas a espiões alemães. Estas táticas são fundamentais para o sucesso da missão.

Os homens de Pawlak acenam, sustendo coletivamente a respiração enquanto aguardam pela notícia mais importante: as suas ordens. Pawlak pigarreia uma vez mais. A chuva bate na lona encerada da tenda sobre as suas cabeças.

– Nesta quarta tentativa de assalto ao monte Cassino – diz Pawlak, a voz mais baixa do que antes –, 13 divisões receberam as suas ordens, com o intuito de controlar o perímetro de Cassino. O 2.º Corpo do Exército dos Estados Unidos irá atacar de oeste ao longo da Estrada n.º 7 em direção a Roma; o Corpo

Expedicionário Francês irá tentar escalar as montanhas Aurunci para leste; entre estes, o 13.º Corpo do Exército Britânico irá atacar ao longo do vale do Liri. O exército de Anders, contudo, recebeu aquela que acredito ser a tarefa mais importante da missão.

– Faz uma pausa, olha em volta, para os homens. Estão em silêncio, escutando intensamente, as suas costas absolutamente direitas, os maxilares tensos. Pawlak enuncia cada uma das palavras atentamente. – Cavalheiros, nós, os homens do 2.º Corpo do Exército Polaco, fomos encarregues de capturar o monte do Mosteiro.

As palavras atingem Genek como um murro no estômago, deixando-o sem fôlego.

– Iremos tentar aquilo que a Quarta Divisão Indiana em fevereiro não foi capaz de fazer: isolar o mosteiro e avançar para lá dele até ao vale do Liri. Aí nos reuniremos com o 13.º Corpo. O 1.º Corpo do Exército Canadiano será mantido de reserva para explorar a abertura. Se tivermos sucesso – acrescenta Pawlak –, iremos penetrar na linha Gustav e cortar a posição do 10.º Exército Alemão. Abriremos a estrada para Roma.

Um murmúrio enche a tenda, à medida que os novos recrutas processam a monumentalidade da missão. Genek e Otto olham um para o outro.

– Tenho toda a fé neste exército – continua Pawlak, acenando com a cabeça. – Este é o momento dos *Anders* fazerem história. Este é o momento de a *Polónia* brilhar. Juntos, iremos deixar o nosso país *orgulhoso*! – Ele ergue dois dedos até ao boné e a tenda explode quando os homens saltam das cadeiras dando vivas, agitando os punhos no ar, batendo continência, gritando. «*Chegou a nossa hora! A nossa hora de brilhar! Deus abençoe a Polónia!*», gritam. Genek segue-lhes o exemplo e levanta-se, embora não seja capaz de se obrigar a participar nos festejos. Os joelhos estão moles e o estômago às voltas, ameaçando desalojar o seu jantar.

À medida que os homens se instalam nos seus lugares, Pawlak explica que o Corpo Expedicionário Francês já começou a construir, em segredo, pontes camufladas sobre o rio Rápido, que o exército de Anders terá de atravessar para chegar ao mosteiro.

– Até aqui, as pontes passaram despercebidas – explica. – Mal a última esteja

completa, deixaremos a nossa posição aqui e avançaremos para leste, para uma localização junto ao Rápido. Para manter o segredo, viajaremos de noite, em pequenas unidades, sob o mais absoluto silêncio. Façam as malas, cavalheiros, e preparem-se para o combate. As nossas ordens são para avançarmos a qualquer momento.

Sentado de pernas cruzadas na sua tenda individual, Genek enrola as meias extra e a camisola interior num molho apertado e húmido, as palavras de Pawlak a chocalhar na sua mente. Está a acontecer – vai entrar em combate. Mas como se irá desenrolar a missão? Não há como saber, claro – e é o desconhecido que mais o assusta – ainda mais do que a ideia de subir um monte de 520 metros em direção a um exército de alemães de armas apontadas, por trás de uma fortaleza de pedra.

O que Genek *sabe* é que os polacos são uma das cerca de *vinte* divisões aliadas, entre elas americanas, canadianas, francesas, britânicas, neozelandesas, sul-africanas, marroquinas, indianas e argelinas posicionadas ao longo dos trinta quilómetros entre Cassino e o golfo de Gaeta. Porque haveriam os Aliados de conferir aos *polacos*, entre todos os exércitos presentes, aquilo que se poderia considerar a tarefa mais dantesca de todas? Porquê escolher homens vindos não de campos de treino de elite, mas de campos de trabalho – homens que necessitaram de quase um ano de descanso e recuperação no Médio Oriente antes de o seu líder os considerar aptos para o combate? Não faz sentido nenhum. Que o mundo tenha tanta fé no exército de Anders é uma aberração tanto quanto uma honra. E depois, claro, há a ideia em que Genek se recusa a acreditar – a de que aquele grupo de ralé polaca esteja tão desprovido de valor, que o seu melhor uso seja como carne para canhão numa missão sem dúvida suicida. *Não*, recorda Genek a si mesmo, *devem ter sido escolhidos por alguma razão; são polacos e aquilo que lhes falta em preparação compensam em fervor.*

Enfia na mochila um par de peças de roupa interior de lã e luvas, juntamente com um jornal e o seu baralho de cartas. Ao ver uma cópia gasta de *Incendiei Paris* de Jasieęski ao lado do colchão, retira uma folha de papel de carta com cabeçalho do exército e leva a mão ao bolso do peito, em busca de uma caneta. Fazendo uma pausa nos preparativos, deita-se de lado, pousando a folha em branco sobre a capa do livro.

Minha querida Herta, escreve, e depois faz uma pausa. Sentir-se-ia melhor se lhe pudesse falar acerca da missão – a primeira em que irá participar: tomar o Cassino! A cavilha de segurança das defesas alemãs! Tenta imaginar-se em combate, mas a imagem parece-lhe surreal, como uma cena de um filme. Ficaria impressionada se conhecesse as suas ordens? Se soubesse que estava prestes a participar em algo tão nobre? Tão monumental? Ou, pelo menos, que tinha o potencial para ser monumental? Ou ficaria aterrorizada, tal como ele, perante a enormidade da tarefa que tinham em mãos – pela perspetiva de se ver no local errado à hora errada? Ficaria aterrorizada, Genek sabe-o. Implorar-lhe-ia que se mantivesse em segurança. Mas Herta jamais saberá, recorda Genek a si mesmo. Foi proibido de escrever qualquer coisa que, se intercetada, possa revelar alguma pista do seu plano. Por isso escreve antes:

> *Como está Telavive? Soalheiro, espero. Ainda estamos em solo italiano. A chuva é implacável. A minha tenda, as minhas roupas, tudo está perpetuamente húmido – já não me lembro da sensação de vestir uma camisa seca. Sem muito que fazer, senão abrigar-me e esperar, passei horas intermináveis a jogar às cartas e a ler e reler a mão-cheia de livros que vai sendo passada entre nós – Strug, Jasieński, Stern, Wat. Há uma obra de poesia de Leśmian de que irias gostar, chamada Acontecimentos na Floresta. Talvez queiras procurar um exemplar.*

Genek escuta o martelar das gotas de chuva na estrutura triangular da sua tenda, pensando na semana nas montanhas quando viu Herta pela primeira vez. Imagina-se na sua camisola de padrão entrançado e calças de *tweed* inglês, Herta perto dele, com o seu casaco de esqui de penas de ganso, as faces rosadas do frio, o cabelo acabado de lavar e a cheirar a lavanda. Como tudo isso parece surreal agora, quando olha para trás – como se o tivesse sonhado.

Apesar da chuva, continua, *a moral está surpreendentemente elevada. Até* Wojtek *parece estar animado, passeando alegremente pelo campo em busca de restos. Devias ver o quanto cresceu.*

O soldado *Wojtek*, o único membro oficial de quatro patas do exército de Anders, é um urso. Foi descoberto no Irão, uma cria órfã. *Wojtek*, polaco para

«guerreiro sorridente» é agora a mascote não-oficial do 2.º Corpo do Exército Polaco. Viajou com o exército desde o Irão, através do Iraque, da Síria, da Palestina e do Egito e, por fim, para Itália. Pelo caminho, aprendeu a carregar munições, e a bater continência quando é saudado; gosta de um bom combate de boxe e acena a cabeça em aprovação quando o recompensam com uma garrafa de cerveja ou um cigarro, duas coisas que devora avidamente. Compreensivelmente, *Wojtek* é, sem sombra de dúvida, o membro mais popular do 2º Corpo do Exército Polaco.

Genek rebola, ficando de barriga para baixo, lê o que escreveu. Será a esposa capaz de ler nas entrelinhas? Herta conhece-o suficientemente bem para compreender que está a esconder alguma coisa. Folheia *Incendiei Paris* até ao fim e retira dele uma foto. Nela, Herta, empoleirada num baixo muro de pedra em Telavive, enverga um novo vestido cinzento, com colarinho. Ele está ao seu lado, em traje militar. Lembra-se de quando Otto tirou a fotografia. Julia segurara Józef, enquanto Otto contava até três e, imediatamente antes de este ter tirado a fotografia, Herta entrelaçara o seu braço no de Genek, inclinara-se para ele, e mexera animadamente os dedos dos pés, como uma menina de escola num encontro.

Ele sente a falta dela; mais do que julgara humanamente possível. De Józef, também.

Não tenho a certeza de quando serei capaz de escrever de novo. Em breve serei estacionado noutro local. Entrarei em contacto assim que possível – por favor, não te preocupes.

Claro que Herta se irá preocupar, pensa Genek, arrependendo-se da escolha de palavras. *Ele* está preocupado. Petrificado. Rói a ponta da caneta. Três desaires. Um exército de ex-prisioneiros. As hipóteses não são a favor do 2.º Corpo do Exército Polaco.

Como estás tu? conclui. *Como está o Ze? Responde depressa. Amo-te e sinto a tua falta, mais do que podes imaginar. Teu, Genek.*

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Addy

Rio de Janeiro, Brasil ~ abril de 1944

Na noite em que Addy regressou de Minas Gerais, ele e Eliska puseram fim ao noivado. Concordaram que o seu destino não era casarem. Não fora fácil – nenhum deles queria ficar só, nem queriam ser vistos com pessoas que desistem voluntariamente, embora ambos soubessem que desistir, naquele caso, era pelo melhor. Permaneceriam amigos, disseram. E, por difícil que tenha sido, Addy sentira-se mil quilos mais leve, uma vez tomada aquela decisão.

Madame Lowbeer, claro, ficou encantada por saber que o noivado tinha sido cancelado, e pouco depois, num irónico volte-face, engraçou com Addy. Aparentemente, com a perspetiva de o ter como genro oficialmente apagada, a *Grande Dame* foi capaz de socializar com um polaco. Começou a convidá-lo para o seu apartamento aos fins de semana para tocar piano e a pedir a sua ajuda quando o rádio avariava. Até se oferecera para o colocar em contacto com a General Electric nos Estados Unidos, caso ele decidisse emigrar para norte.

Addy passou os meses que se seguiram ao rompimento concentrado no trabalho, nas suas viagens semanais ao posto dos correios e nas transmissões de rádio e nos jornais que lhe traziam notícias da guerra. Nenhuma delas era encorajadora. As constantes batalhas em Anzio e monte Cassino, em Itália, os bombardeamentos no Pacífico Sul e sobre a Alemanha faziam-no sentir-se

doente com tudo aquilo. O único fragmento de informação auspicioso com o qual se deparou foi o de que o presidente americano, Franklin Roosevelt, havia emitido uma ordem executiva para criar um Conselho dos Refugiados de Guerra, que ser ia responsável por «salvar as vítimas da opressão inimiga em perigo iminente de morte», como dizia o artigo. Pelo menos, havia alguém a ajudar, pensou, perguntando-se quais seriam as hipóteses de os seus pais, irmãos e irmãs estarem entre os resgatados.

O espírito de Addy estava particularmente em baixo quando o seu amigo Jonathan lhe bateu à porta do apartamento em Copacabana. «Vou fazer uma festa no próximo fim de semana», dissera Jonathan com a sua acentuada pronúncia britânica. «Tu vens. Se bem me lembro, o teu aniversário está quase aí. Já estás em hibernação há tempo suficiente.» Addy acenou com a mão em protesto, mas antes que conseguisse recusar o convite, o amigo acrescentou: «Convidei as raparigas da embaixada», mostrando um sorriso que dizia: *Não te fazia mal nenhum uma namorada, irmão.* Addy já ouvira bastantes histórias acerca das raparigas da embaixada americana – entre o pequeno círculo de expatriados do Rio eram bastante famosas pelo seu bom aspeto e espírito aventureiro –, mas nunca conhecera nenhuma delas. «Estou a falar a sério. Devias vir», insistiu Jonathan. «Só para beber um copo. Vai ser divertido.»

No sábado à noite, Addy está na esquina do apartamento de Ipanema de Jonathan, segurando uma *cachaça* e água, entrando e saindo das conversas. É distraído por pensamentos acerca da sua casa. Dentro de dois dias, fará 31 anos. Halina, onde quer que esteja, fará 27. Ter-se-iam passado seis anos desde que celebraram juntos. Addy recorda agora que, nesse último aniversário, o seu vigésimo quinto, ele e Halina tinham passado a noite num dos novos bares de Radom, onde beberam demasiado champanhe e dançaram até lhes doerem os pés. Já percorreu os pormenores daquela noite mil vezes, repetindo-os na sua mente para os manter vivos: o gosto forte do bolo de limão que partilharam; a sensação das mãos da irmã enquanto dançavam: o entusiasmante *pop* da segunda garrafa de Ruinart a ser aberta, como as bolhinhas lhe tinham ardido na garganta e, alguns goles mais tarde, deixado a língua entorpecida. O Pessach fora na noite anterior. A família celebrara animadamente, como sempre, reunindo-se primeiro em torno da mesa de jantar e depois junto do piano na sala de estar, na Rua

Warszawska.

Addy gira a sua bebida, observando o solitário cubo de gelo a orbitar o copo, perguntando-se se Halina estará algures a pensar também nele. Quando levanta o rosto, os olhos são atraídos por uma figura do outro lado da sala. Uma rapariga morena. Está junto à janela, com um copo de vinho na mão, a ouvir um amigo – um único ponto de calma por entre a cacofonia. Uma rapariga da embaixada? Devia ser. Subitamente, todos os outros presentes na sala são invisíveis. Addy estuda a estrutura alta e esguia da jovem mulher, a curva graciosa das maçãs do rosto, o sorriso fácil. Enverga um vestido sem costas de algodão verde claro, com botões na parte da frente e um laço na cintura, um relógio com uma bracelete simples, sandálias de cabedal preto de tiras finas que se enrolam suavemente em redor dos ossos finos dos seus tornozelos. Os olhos são macios, a expressão aberta, como se nada tivesse a esconder. É linda – espantosamente –, mas de uma forma despretensiosa. Mesmo de longe consegue perceber a sua modéstia.

Que se lixe, decide. Talvez Jonathan tivesse razão. Com uma agitação desconcertante nas suas entranhas, Addy pousa o copo e avança. Quando se aproxima, a rapariga vira-se para ele. Ele estende-lhe a mão.

– Addy – diz ele, e depois, sem parar para respirar: – Por favor, desculpa o meu inglês.

A morena sorri.

– É um prazer conhecer-te – responde, tomando-lhe a mão. Addy tinha razão: é, sem dúvida, americana. – Chamo-me Caroline. Não peças desculpas, o teu inglês é ótimo. – Ela fala lentamente e a maneira como pronuncia as palavras, suaves e redondas para que ele consiga perceber onde uma termina e outra começa, transmite a Addy uma sensação de conforto ao seu lado. Aquela mulher, apercebe-se, emana um ar de aceitação e calma: está absolutamente satisfeita, ao que parece, por *ser* simplesmente. Algo se agita no coração de Addy quando ele se apercebe que já fora, um dia, assim.

Caroline é paciente com o inglês macarrónico de Addy. Quando ele tropeça numa palavra, ela espera que ele recomponha os seus pensamentos, volte a tentar, e ele é recordado de que não há problema em abrandar, em demorar o seu tempo. Quando lhe pergunta de que parte dos Estados Unidos é, ela fala-lhe

acerca da cidade na Carolina do Sul onde nasceu.

– Adorei crescer lá – conta Caroline. – Clinton era uma comunidade próxima e estávamos sempre muito envolvidos com as escolas e a igreja... mas acho que sempre soube que não ia ficar. Eu tinha... tinha de sair dali. A cidade começara a parecer-me demasiado pequena. Minha pobre mãe. – Caroline suspira, descrevendo o choque da mãe ao ouvir que ela e a sua melhor amiga, Virginia, tinham feito planos para viajar para a América do Sul. – Ela achava que éramos loucas por nos prestarmos a abandonar as nossas vidas na Carolina do Sul.

Addy acena sorrindo.

– És... como se diz... não tens medo.

– Suponho que se possa dizer que fomos corajosas por ter vindo para cá. No entanto, acho que estávamos apenas atrás de uma aventura.

– O meu pai trocou a sua casa na Polónia, também – diz ele. – Por América. Por aventura. Quando era jovem. Sem filhos. Está sempre a falar de como eu ia adorar a cidade de Nova Iorque.

– Porque regressou? – pergunta Caroline.

– Para ajudar a mãe – diz Addy. – Depois de pai morre, ela ficou com cinco filhos para criar em casa, sozinha. O meu pai queria ajudar.

– Parece um bom homem, o teu pai – sorri Caroline.

A conversa termina quando uma amiga, que Caroline apresenta como Virginia, a quem chamam Ginna, a leva por fim. Vão para outra festa, diz Ginna, piscando um olho azul a Addy, ao entrelaçar o braço com o de Caroline. Addy observa a parte de trás da cabeça das jovens enquanto elas avançam em direção à porta, desejando que a conversa não tivesse terminado tão rapidamente.

Parte pouco depois, dando a Jonathan uma amigável palmada nas costas ao sair.

– Obrigado, *amigo* – diz ele. – Ainda bem que vim.

Pensa em Caroline no caminho para casa, e em quase todos os minutos da semana seguinte. Havia nela algo que o fez querer conhecê-la melhor. E por isso, depois de ter conseguido a sua morada em Leme, reúne coragem para deixar um bilhete por baixo da porta, escrito com a ajuda de um recém-adquirido dicionário

de Francês-Inglês.

Querida Caroline,

Gostei de fala contigo o fim de semana passado. Se pudesses fazer o favor, agradar-me-ia muito levar-te a jantar no restaurante Belmond, perto do Hotel Copacabana Palace. Proponho que nos encontremos no Palace para um aperitivo às oito horas deste sábado, 29 de abril – espero ver-te lá.

Teu,

Addy Kurc

Alguns dias mais tarde, envergando uma camisa acabada de passar a ferro e levando consigo uma orquídea púrpura que comprara numa florista ao longo do caminho, Addy chega ao Copacabana Palace, o mesmo formigueiro nas suas entranhas que sentira quando ele e Caroline se conheceram. Está a olhar para as horas – oito horas em ponto – quando ela entra pelas portas de vidro giratórias do *lobby*. Acena quando o vê e, num instante, Addy esquece-se de que está nervoso.

No bar do hotel falam acerca dos seus dias e das coisas que adoram no Rio. O inglês de Addy melhorou – nunca ele se sentira tão motivado a aprender. Mas é ainda rude. Caroline, contudo, não parece reparar.

– A primeira vez que comi num *rodízio* – diz ela corando – comi tanto que fiquei doente. Sentia-me tão mal por deixar carne no prato, por isso obrigava-me a comer, e depois traziam-me *mais*!

Addy brinca com o ritmo dolorosamente lento em que os locais do Rio se movem, fingindo andar com dois dedos ao longo do balcão para demonstrar a sua cadência quando comparada com a de um brasileiro típico.

– Aqui ninguém tem pressa – diz ele, abanando a cabeça.

Mais tarde, no Belmond, Caroline diz a Addy que peça pelos dois. Enquanto conversam, desta vez sobre tigelas de *moqueca de camarão*, camarão cozido em leite de coco, Addy fica a saber que Caroline é um dos quatro irmãos Martin, e que os seus três irmãos mais velhos, cujos nomes ele lhe pede que repita uma e outra vez – Edwar, Taylor e Venable – ainda vivem em Clinton.

– Tínhamos uma vaca no jardim das traseiras quando éramos pequenos – conta-lhe, os seus olhos iluminando-se com a recordação. Addy quase se engasga quando ela revela que o nome da vaca era *Sarah*, o nome hebraico da sua irmã mais nova, Halina, explica. Caroline cora. – Oh, espero não te ter ofendido – diz-lhe. – Sarah era parte da família! – acrescenta. – Mungíamo-la e, por vezes, até íamos para a escola montados nela.

Addy sorri.

– Parece que a tua *Sarah* era muito menos teimosa do que a minha. – Ele prossegue, falando a Caroline acerca de Halina, recordando a vez em que, depois de terem visto o filme *Uma Noite Aconteceu*, ela insistira em cortar o cabelo curto para se parecer com a Claudette Colbert, e como se recusara a deixar o apartamento durante vários dias depois disso, convencida de que não lhe ficava bem. Rindo, Addy apercebe-se de como sabe bem poder falar da sua família, como se ouvir os seus nomes ajudasse, de certa maneira, a confirmar a sua existência.

Caroline fala-lhe também da sua família, do pai, um professor de matemática na Faculdade Presbiteriana de Clinton, que dera aulas até à sua morte, em 1935.

– Não crescemos com muitos luxos – diz ela – a não ser no que diz respeito à nossa educação. Podes imaginar, tendo um pai por professor, aquilo que ele sentia em relação à nossa educação.

Addy acena com a cabeça. Os seus pais não eram professores, mas ter uma boa educação era essencial em sua casa, enquanto estava a crescer.

– Como chamavas ao teu pai? – pergunta Addy curioso. – Qual era o nome dele?

Caroline sorri.

– O nome dele era Abram.

Addy olha para ela.

– Abram? Semelhante a *Abraham*?

– Sim, Abram. Derivado de Abraham. É um nome de família. Passado desde o meu bisavô.

Addy sorri, e depois leva a mão ao bolso de onde retira o lenço da mãe,

alisando-o sobre a mesa, entre ambos.

– A minha mãe, ela... – ele imita o ato de coser com agulha e fio.

– Ela costura?

– Sim, ela costurou isto para mim, antes de eu deixar a Polónia. Olha – Addy aponta – estas são as minhas... como se diz?

– Iniciais.

– Estas são as minhas iniciais: o *A* é para o meu nome hebraico, Abraham.

Caroline inclina-se sobre o lenço, estudando o bordado.

– Também és um Abraham?

– *Sim*.

– A nossas famílias têm muito bom gosto em nomes – diz Caroline, sorrindo.

Addy dobra o lenço e volta a enfiá-lo no bolso. Talvez tenham sido cortados do mesmo pano, decide.

Caroline mantém-se em silêncio por um momento. Baixa os olhos para o colo.

– A minha mãe faleceu há três anos – diz ela. – É uma das minhas maiores tristezas, o facto de não ter estado lá quando ela morreu.

É uma confissão que surpreende Addy, pois acaba de conhecer Caroline. Nos anos que passara com Eliska ela quase não falara acerca do seu passado, muito menos dos seus arrependimentos. Ele acena com a cabeça compreendendo, pensando na sua própria mãe e desejando poder dizer algo para a reconfortar. Talvez Caroline se sentisse melhor se soubesse que também ele sente terrivelmente a falta da mãe. Ainda não lhe falou, claro, acerca de ter perdido o contacto com a família. Habituara-se de tal maneira a evitar o assunto que não tinha a certeza de conseguir falar nele. Por onde haveria de começar?

Levanta o rosto, fitando os olhos de Caroline. Há nela algo de tão sincero, de tão gentil. *Podes falar com ela*, apercebe-se. *Experimenta.*

– Sei como te sentes – diz ele.

Caroline parece surpreendida.

– Também perdeste a tua mãe?

– Bem, não exatamente. Não sei, percebes? A minha família, acho eu, ainda está na Polónia.

– Achas?

Addy baixa os olhos para o colo.

– Não tenho a certeza. Somos judeus.

Caroline estende a mão por cima da mesa com lágrimas nos olhos, e, de súbito, a história que há tantos anos não contava sai-lhe de rompante.

Duas semanas depois, Addy e Caroline estão sentados a uma secretária encostada a uma janela virada para leste, no apartamento dela sobre a praia de Leme, uma pilha de papel à sua frente. Têm-se visto quase todos os dias desde aquele primeiro jantar em Belmond. A ideia de contactar a Cruz Vermelha para ajudar a localizar a sua família fora de Caroline. Addy dita, inclinando-se sobre o braço de Caroline enquanto ela escreve. O seu otimismo deu-lhe nova energia, e as palavras jorram dos seus lábios mais depressa do que ela consegue acompanhar.

– Espera, espera, abranda – Caroline ri. – Podes voltar a soletrar o nome da tua mãe? – Ela olha-o nos olhos, o castanho aveludado das suas íris refletindo a luz. A caneta de tinta-permanente para sobre o papel. Addy tosse para limpar a garganta. A suavidade nos olhos dela, o cheiro a sabão do seu cabelo castanho, fazem-no perder-se na sua corrente de pensamento. Soletra *Nechuma*, tentando não assassinar a pronúncia inglesa das letras, depois o nome do pai e dos irmãos. A letra de Caroline, repara Addy, é fácil e elegante quando comparada com a sua.

Quando a carta está terminada, Caroline vai buscar um pedaço de papel da sua mala.

– Perguntei na embaixada – diz ela, pousando-o entre ambos e deslizando o dedo por uma lista de cidades –, parece que existem Cruz Vermelhas por todo o lado. Devíamos enviar a carta para várias estruturas, para jogar pelo seguro. – Addy acena com a cabeça, analisando as quinze cidades que Caroline compilou, desde Marselha, Londres e Genebra, a Telavive e Deli. Ela escreveu uma morada ao lado de cada uma delas.

Falam calmamente enquanto Caroline escreve quinze cópias da carta de Addy. Quando termina, reúne a pilha de folhas e bate com ela suavemente na mesa, para que as pontas se alinhem, e em seguida entrega-as a Addy.

– Obrigado – diz Addy. – Isto é muito importante para mim – acrescenta, com uma mão sobre o coração, desejando poder articular melhor o quanto a sua ajuda significa para ele.

Caroline aquiesce com um aceno de cabeça.

– Eu sei. É pavoroso aquilo que se está a passar por lá. Espero que tenhas notícias. Pelo menos, para já, saberás que fizeste tudo o que podias. – A sua expressão é sincera, as suas palavras reconfortantes. Só a conhece há algumas semanas, mas já aprendeu que não tem de adivinhar o que estava ela a pensar. Ela diz simplesmente aquilo que quer dizer, sem floreados. Ele acha esse traço refrescante.

– Tens um coração de ouro – diz Addy, apercebendo-se, ao pronunciar as palavras, de que soam a cliché, mas não quer saber.

Os dedos de Caroline são compridos, estreitos nas pontas. Ela agita-os em frente ao rosto, abana a cabeça. Não é muito boa, Addy também já o aprendeu, a ser elogiada.

– Amanhã vou levá-las ao posto dos correios – diz ele.

– Dizes-me assim que tenhas notícias?

– Sim, claro.

Através da janela, Addy olha para leste, para lá da rocha do Leme e para o profundo azul do Atlântico, na direção da Europa.

– A seu tempo – diz ele, tentando soar esperançoso –, a seu tempo irei encontrá-los.

11 DE MAIO DE 1944: *Tem início a quarta e derradeira batalha de monte Cassino. Como esperado, os Aliados apanham as forças alemãs completamente de surpresa. Enquanto o Corpo Expedicionário Francês destrói o lado sul das defesas alemãs, o 13.º Corpo, uma formação do 8.º Exército Britânico, avança para o interior, tomando de assalto a cidade de Cassino e atingindo as forças alemãs no vale do Liri. Os polacos, na sua primeira tentativa de assalto ao Cassino, são rechaçados; as baixas aproximam-se dos 4000, tendo dois batalhões sido completamente arrasados. Sob os ataques continuados, o mosteiro permanece impenetrável.*

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Genek

Monte Cassino, Itália ~ 17 de Maio de 1944

Os morteiros voam sobre as suas cabeças. Genek segura a parte de trás do capacete com as mãos, o corpo encostado à face da montanha. Já se habituou à dor lancinante nos joelhos e nos cotovelos quando estes batem com violência contra a rocha inclemente, ao ranger do pó entre os dentes, ao bater e rufar constante da artilharia a zumbir nos seus ouvidos com uma proximidade cada vez mais desconfortável. Quatrocentos metros mais acima, o que resta do inimigo – um regimento do que se acredita serem 800 paraquedistas alemães – dispara saraivada após saraivada de mísseis a partir das ruínas do mosteiro. Genek não consegue deixar de se perguntar de onde virão todas as suas munições. *Decerto acabarão em breve.*

Os polacos conseguiram apanhar os alemães de surpresa, mas, embora sejam muito mais numerosos do que os nazis, o exército de Anders está em clara desvantagem. O flanco da montanha, depois de vários dias de bombardeamentos aéreos, foi reduzido a cascalho, tornando a subida extremamente desafiante. Não conseguem ver o inimigo e, como tal, têm de chegar ao topo do mosteiro para conseguirem um tiro certeiro; entretanto, sem um local seguro para se abrigarem estão, em grande medida, desamparadamente expostos.

Com o corpo ainda a abraçar o flanco da montanha, Genek pragueja por entre

dentes. O exército deveria representar a escolha segura. Uma maneira de sair da Sibéria. Uma maneira de manter a família junta. E foi-o, durante algum tempo. Agora está tão seguro como um alvo numa carreira de tiro, e a sua família a uns 4400 quilómetros de distância, na Palestina. Genek não consegue deixar de pensar que a primeira tentativa dos polacos em monte Cassino, cinco dias antes, tal como as três anteriores, fora um rotundo falhanço. Recebidos com morteiros, armas de pequeno calibre e a ira devastadora de uma metralhadora panzer de 75mm, as primeiras divisões de infantaria de Anders tinham sido praticamente aniquiladas logo nas primeiras horas dos confrontos. Tão depressa quanto havia iniciado a sua operação, o 2.º Corpo do Exército Polaco fora obrigado a retirar, declarando baixas de quase 40 0 0 homens. Genek e Otto agradeceram o facto de terem sido colocados numa divisão de infantaria na retaguarda – e amaldiçoado o facto de, apesar das perdas que o inimigo também sofrera, o mosteiro permanecer em mãos alemãs. Até ali, a única notícia animadora que haviam recebido na campanha chegara do general Juin, líder do Corpo Expedicionário Francês, que relatava que os seus homens tinham tomado o monte Maio e estavam em posição de auxiliar o 13.º Corpo do Exército Britânico estacionado no vale do Liri. Ainda estava, contudo, nas mãos dos polacos capturar o mosteiro. Tinham lançado uma segunda tentativa naquela manhã.

Mais morteiros. O estalar da artilharia por cima das suas cabeças. O tamborilar *pop-pop-pop* das antiaéreas a bater na pedra. Mais abaixo, na montanha, alguém grita. Genek mantém-se baixo. Pensa em Herta, em Józef, contempla procurar uma pedra, sob a qual se possa esconder até os confrontos terminarem. Mas, depois, uma imagem brilha na sua mente – a sua família nas mãos dos nazis, forçada a entrar num campo de morte. A sua família, parte dos *milhões* alegadamente perdidos. Sente um nó na garganta e o seu rosto aquece. Não se pode esconder. Está ali. Se a sua missão for bem-sucedida, terá ajudado a vergar os alemães, e a recordar ao mundo que a Polónia, embora derrotada na Europa, ainda é uma potência a temer. Engolindo o sabor metálico do medo que sente na parte de trás da garganta, apercebe-se de que, missão suicida ou não, se houver alguma hipótese de poder ajudar a pôr fim àquela maldita guerra, decerto não irá desistir.

Genek espera que o fogo de artilharia abrande e depois sobe mais alguns metros na montanha, mantendo o corpo baixo e permanecendo atento à presença

de minas e dos arames que servem de gatilho. Para garantir a segurança do forte, os alemães deixaram para trás uma barragem de armadilhas que haviam custado a vida a dezenas de camaradas de Genek. Foi treinado para desativar uma mina, mas pergunta-se se, tendo em conta as circunstâncias, teria a lucidez para o fazer caso se deparasse com um explosivo no seu caminho. Mais um *bum* ribombante, uma explosão monstruosa, algures à direita de Genek. O seu corpo choca contra a montanha, quase o privando de ar. *Que merda foi aquela?* Os seus ouvidos zumbem. Muito se tem falado, entre os homens de Anders, acerca de os paraquedistas inimigos, em Cassino, terem acesso ao canhão ferroviário K5 de 28 cm utilizado em Anzio. Os alemães chamam à arma *Leopold*. Os Aliados referem-se-lhe como *Annie de Anzio*. As suas bombas pesam um quarto de tonelada, com um alcance superior a cento e trinta quilómetros. *É impossível terem levado aquela coisa para o cimo da montanha*, argumenta para si mesmo Genek, tentando recuperar o fôlego – se o *tivessem* feito, está bastante certo de que já teria sido feito em pedaços. O ar está de novo vivo com os disparos das pistolas-metralhadoras. Levanta o queixo, recupera o fôlego e avança atabalhoadamente mais alguns metros montanha acima.

18 DE MAIO DE 1944: *No seu segundo assalto a monte Cassino, o 2.º Corpo do Exército Polaco é recebido por fogo de artilharia e morteiros constantes, disparados a partir das posições alemãs fortemente fortificadas, mais acima. Com poucos abrigos naturais para se protegerem, os combates são ferozes e, por vezes, corpo a corpo. Graças ao sucesso do avanço do Corpo Expedicionário Francês no vale do Liri, contudo, os paraquedistas alemães retiram de Cassino, assumindo uma nova posição defensiva na Linha de Hitler, a norte. No início da manhã de 18 de maio, os polacos tomam o mosteiro. Estão de tal modo fatigados, que apenas alguns têm forças para subir os últimos cem metros. Quando o fazem, uma bandeira polaca é hasteada sobre as ruínas, e um hino, As Papoilas Vermelhas no monte Cassino, é cantado para celebrar a vitória polaca. A estrada para Roma está aberta.*

6 DE JUNHO DE 1944 – DIA -D: *Com o nome de código Operation Overlord, a Batalha pela Normandia começa com um assalto militar anfíbio em massa, quando cerca de 156 000 tropas Aliadas, conduzidas pelo general Eisenhower, tomam de assalto uma extensão, fortemente fortificada, de cerca de oitenta quilómetros da costa da Normandia. A maré baixa, o mau tempo e um plano dos Aliados para baralhar os alemães permitem que as forças aliadas apanhem os nazis de surpresa.*

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Jakob e Bella

Varsóvia, Polónia ocupada pela Alemanha ~ 1 de agosto de 1944

Ao ouvir a primeira explosão, o sangue de Bella corre da cabeça para os pés. Sem pensar, atira-se de gatas para trás do balcão no fundo da loja de roupa. A detonação – suficientemente perto para chocalhar as moedas na gaveta da caixa registadora – é seguida por g ritos e pela rápida explosão de tiros. Arrasta-se para o canto do balcão, espreita em direção à montra na frente da loja. No exterior, três homens de uniforme passam a correr transportando pistolas automáticas Błiskawica. Cai mais uma bomba, e ela tapa a cabeça instintivamente com as mãos. Está a acontecer. O levantamento do Exército Nacional. Tem de sair dali. Depressa.

Gatinha até ao pequeno quarto que alugou na parte de trás da loja, pensando freneticamente no que deverá levar consigo. A mala, a escova – não, a escova não, não é importante, – as chaves, embora se pergunte se o edifício ainda estará de pé no dia seguinte. No último segundo, levanta o colchão, retirando de debaixo dele duas fotografias – uma dos pais, e outra dela e Anna em criança – e enfia-as na bainha do casaco. Pensa em trancar a porta da frente da loja, mas quando outros quatro homens de uniforme passam a correr, decide não o fazer. Apressando-se até às traseiras, sai silenciosamente pela porta.

No exterior, a rua está vazia. Faz uma pausa para recuperar o fôlego. As

palavras de Jakob zumbem-lhe nos ouvidos. «O meu edifício tem uma cave segura», dissera-lhe ele há uma semana, quando o levantamento parecia iminente. «Se houver combates, vem ter comigo aqui.» Ela terá de atravessar o Rio Vístula para chegar junto dele.

Bella parte a passo rápido, dirigindo-se para norte, em direção à ponte sobre a alameda Wójtowska, escondendo-se numa viela quando ouve o zumbido de um avião da *Luftwaffe* que se aproxima. Pressionando o corpo contra os tijolos, inclina o pescoço e conta seis aviões. Voam baixo, como abutres. Pergunta-se se deverá esperar que passem, correr uma vez os céus desanuviados, mas decide que é melhor não perder tempo. Precisa de estar com Jakob. *Já percorreste este caminho dezenas de vezes*, argumenta – *são dez minutos de percurso. Põe-te a andar.*

Bella estuga o passo, dando o seu melhor para manter um olho no céu enquanto corre, mas as pedras irregulares tornam-no difícil. Por duas vezes, recupera o equilíbrio um milissegundo antes de torcer um tornozelo e, por fim, decide que será mais fácil se tiver atenção onde põe os pés e se mantiver atenta aos aviões, em vez de andar a correr cegamente, de queixo erguido para o céu. Avançara seis quarteirões quando o rugido de um Stuka regressa. Enfia-se noutra viela, precisamente quando uma sombra passa veloz por cima dela. *Por favor, meu Deus, não*, reza, fechando com força os olhos e encostando-se à parede atrás de si, esperando. O rosnido desvanece-se. Ela abre os olhos e parte de novo. Onde está toda a gente? As ruas estão vazias. Devem estar escondidas.

O levantamento não é uma surpresa. Em Varsóvia todos haviam ouvido os rumores de que poderia vir a acontecer e todos tinham um plano para quando esse dia chegasse, embora ninguém soubesse exatamente quando chegaria. Bella e Jakob tinham tido a sorte de poderem confiar em Adam para irem recebendo as atualizações através da Resistência. «Pode começar a qualquer momento», dissera ele no fi m de semana anterior. «O Exército Nacional está apenas à espera de que o Exército Vermelho se aproxime.»

As potências do Eixo, tal como era relatado no *Biuletyn Infornacyjny*, estavam finalmente a fraquejar. As tropas aliadas começavam a atravessar as defesas nazis na Normandia e falava-se de uma campanha aliada massiva em Itália. O Exército Nacional Polaco, explicara Adam, esperava que, com o

Exército Vermelho nas suas costas, pudesse forçar os alemães a abandonar a capital, e assim desequilibrar a balança a favor de uma vitória aliada na Europa.

Soava nobre. Jakob e Adam falaram acerca da possibilidade de fugirem para se juntarem ao Exército Nacional – querendo desesperadamente ajudar. Bella sente-se agora grata por Halina os ter convencido do contrário. Também ela não queria outra coisa senão uma Polónia liberta. Mas o Exército Nacional, recordou-os, não olhava favoravelmente para os judeus, e, para além disso, os polacos estavam em grande desvantagem numérica. Varsóvia era ainda dominada pelos alemães. *Vejam o que aconteceu*, dizia Halina, *depois da sublevação no gueto. E se o Exército Vermelho não cooperar?* O Exército Nacional estava a contar com a ajuda de Estaline, mas este já os desiludira antes, avisara Halina, implorando a Jakob e Adam que tivessem juízo. *Por favor*, dissera ela, *a Resistência precisa de vocês. Há mais de uma maneira de enfrentar o inimigo.*

Bella vira abruptamente à direita, ao seguir para este na alameda Wójtowsk, grata por ver as águas do rio mesmo em frente. Quando se aproxima, contudo, abranda. *Onde está a ponte?* Desapareceu. Foi destruída. Uma pilha de ferro fumegante e águas abertas estendem-se no seu lugar. Acelerando, vira para norte, contornando a curva do Vístula, rezando agora por uma ponte intacta.

Dez quarteirões mais à frente, os pulmões a arder e a blusa saturada de suor, vê com alívio que a ponte Toruński ainda está de pé. O céu, contudo, está agora repleto de Junkers. Ignorando-os, juntamente com a dor lancinante no peito, o ardor nos quadríceps, a voz dentro dela que grita que procure uma valeta algures e se esconda, corre tão depressa quanto consegue.

A meio caminho da ponte, surge uma dúzia de homens. Correm na direção dela, com passadas frenéticas, longas e rápidas. As pernas de Bella entorpecem até se aperceber, pelas roupas, de que se trata de polacos. Civis. Vários deles têm espingardas penduradas ao pescoço. Outros transportam forquilhas e pás. Alguns seguram facas de talhante. Galopam na sua direção, gritando, mas Bella está demasiado exausta, a sua respiração demasiado ruidosa para perceber as palavras. Só quando os seus caminhos quase se cruzam é que ela se apercebe de que os homens estão a gritar para *ela.* «Estás a correr na direção errada!» rugem, erguendo as armas por cima das cabeças como guerreiros. «Vem lutar connosco!

Pela Polónia e pela vitória!» Bella abana a cabeça enquanto passa a correr, observando o chão para manter o equilíbrio. Não volta a levantar a cabeça até chegar à porta de Jakob.

É o oitavo dia que passam escondidos; os bombardeamentos ainda não pararam. Bella e Jakob sentem-se ansiosos com a possibilidade de os outros – Halina, Adam, Mila, Franka e a sua família – terem encontrado um lugar seguro para se abrigar, acerca de qual será o aspeto de Varsóvia quando os bombardeamentos pararem, finalmente.

Partilham a cave com um casal que chegara a empurrar um carrinho de bebé com uma criança de dezoito meses, um fardo de palha e, para espanto de Jakob e Bella, uma vaca leiteira. Fora necessário algum trabalho, mas tinham, por fim, convencido o animal recalcitrante a descer as escadas para a cave. A vaca cheira mal – não há outra hipótese senão transportar o seu estrume, que forma já uma pilha no canto –, mas os seus úberes estão sempre cheios. Duas vezes por dia, o leite fresco é levado num balde escada acima para ser fervido no fogão, «para que o bebé o possa beber», dissera a mãe da criança pequena, embora Bella esteja convencida de que o leite fresco da vaca não fosse fazer mal à criança. Pensara em protestar – aventurar-se escada acima era perigoso e tolo tendo em conta as circunstâncias –, mas em vez disso manteve o silêncio, não querendo perturbar a dinâmica amigável do grupo. Naquele dia é a vez de Bella ir ferver o leite.

Ela olha para o relógio. Já se passaram quase trinta minutos desde a última explosão. Uma pausa. Jakob, que está ao seu lado na base das escadas, acena com a cabeça.

– Tem cuidado – diz ele.

Ela acena-lhe em resposta e sobe a escadaria, de balde na mão, em seguida corre rapidamente pelo corredor até à cozinha. Ao fogão, deita o leite para uma caçarola, acende um fósforo, e gira o botão negro por baixo do bico para acender a chama. Quando o leite começa a ferver, avança em bicos dos pés até à janela. No exterior, a paisagem é surreal. Um em cada três edifícios ao longo da Rua Danusi foi arrasado. Outros ainda estão de pé, mas falta-lhes os telhados, como se tivessem sido decapitados. Observa o céu e pragueja quando um enxame de aviões da *Luftwaffe* zumbe no seu campo visual. *Maldição.* Os aviões são

pequenos, a princípio, mas aproximam-se mais, e ao fazê-lo, mudam de direção e desaparecem. Bella afasta-se da janela, desejando poder mantê-los debaixo de olho. Escuta intensamente, fitando de olhos muito abertos o leite, desejando que ferva. Ao fim de um momento, o zumbir dos motores sobre a sua cabeça torna-se mais audível. Consegue ouvir Jakob a bater no chão por baixo, com o cabo de uma vassoura, fazendo-lhe sinal para que regresse à cave. Também os deve ter ouvido. E depois, algures, não muito longe, cai uma bomba e a divisão estremece, agitando os pratos de porcelana nas prateleiras. Jakob volta a bater, desta vez com mais força. Ela consegue ouvi-lo a chamá-la através das tábuas do chão.

– Bella!

– A caminho! – grita, desligando o fogão. Mais uma bomba. Esta mais próxima. Talvez no seu quarteirão. Devia largar tudo e correr, mas primeiro, decide, envolvendo a mão com uma toalha, irá levar o leite. Quando leva a mão à pega da caçarola, os seus ouvidos captam algo diferente. A princípio parece o som de um gato, como um gemido felino profundo. *Esquece o leite*, censura-se, largando a toalha da loiça quando se vira. Mas é demasiado tarde. Mal chegou à porta quando a janela explode. A cozinha fica negra de fuligem e Bella consegue sentir-se a ser lançada pelo ar. Os braços agitam-se, impotentes, movendo-se em câmara lenta como um nadador debaixo de água, como se tentasse escapar de um pesadelo. Vidros partidos. Estilhaços. Pratos a cair das prateleiras, partidos. Bella aterra com força e fica imóvel, de barriga para baixo, tapando a par te de trás da cabeça com as mãos, tentando respirar, mas o ar está carregado de fumo e é difícil. Cai mais uma bomba e o chão troveja por baixo dela.

Jakob está a gritar, mas a sua voz parece abafada, distante. Com os olhos fechados com força, Bella analisa mentalmente o corpo. Move os dedos das mãos e dos pés. As suas extremidades estão presentes e parecem funcionar. Mas está molhada. Estará a sangrar? Não sente dor. O que está a arder? Num torpor obriga-se a sentar, tossindo, e a abrir os olhos. A divisão está enovoada; é como se estivesse a olhar para ela através de um vidro imundo. Pestaneja. À medida que vai conseguindo focar a visão apercebe-se do que parece ser uma pluma de cinzento a serpentear em direção ao teto a partir da parte de trás do fogão. Bella estaca – tinha apagado o bico? Tinha, certo? *Sim, sim, está apagado.* Olha de

relance para os destroços espalhados pelo chão: os pedaços de vidro da janela, os pratos partidos, a madeira lascada, uma dúzia de grandes pedaços de estilhaços deformados. A caçarola jaz de lado, numa poça de leite por entre os destroços. Ela olha para baixo, para as roupas. Não está a sangrar; está molhada do leite.

– Bella! – grita Jakob, a sua voz carregada de medo. De súbito, está ali, agachado ao seu lado, com as mãos nos ombros dela, no rosto dela. – Bella! Estás bem?

Bella consegue ouvi-lo, mas só tenuemente. Acena com a cabeça.

– Sim, estou... estou bem – balbucia. Ele ajuda-a a levantar-se. Algo cheira como se estivesse a arder. – O fogão? – pergunta Jakob. Começou a silvar.

– Está apagado.

– Vamos sair daqui.

As pernas de Bella vacilam por baixo dela como andas. Jakob ajuda-a a levantar-se e lança o braço dela sobre o seu ombro, quase a levando ao colo até às escadas da cave.

– Tens a certeza de que estás bem? Pensei... pensei...

– Está tudo bem, meu amor. Eu estou bem.

17 DE OUTUBRO DE 1944: *«[Varsóvia] tem de desaparecer por completo da superfície da terra e servir apenas de estação de transporte para a Wehrmacht. Pedra alguma deverá permanecer de pé. Todos os edifícios devem ser arrasados até às suas fundações.»*

– Líder das SS Heinrich Himmler, Conferência de Oficiais das SS

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Mila

Arredores de Varsóvia, Polónia ocupada pelos alemães ~ final de setembro de 1944

Passaram-se já quase oito semanas desde que as bombas começaram a cair sobre Varsóvia, no início de agosto. Quando a primeira caiu, Mila pensara em pedir um carro emprestado para ir buscar Felicia ao convento em Włocławek, mas sabia que não conseguiria lá chegar. Pelo menos, viva. Varsóvia era um campo de batalha gigante. Todos estavam escondidos. Havia alemães estacionados nos arredores da cidade, aboletados em *bunkers*, esperando para atacar mal o Exército Nacional revelasse qualquer sinal de fraqueza. Partir seria impossível. Por isso fugiu para o apartamento de Halina na baixa, na Rua Stawki, onde passou os dias e as noites aninhada com a irmã e Adam no pequeno espaço vazio por baixo do edifício, escutando na escuridão, enquanto a cidade era dizimada por cima deles.

Mais ou menos uma vez por semana, um amigo da Resistência trazia-lhes alguma comida, algumas notícias. Nenhuma promissora – os polacos estavam em inferioridade numérica e muito pior armados; 10 000 residentes, aparentemente, foram executados em Wola, 7000 no centro histórico; dezenas de milhares haviam sido transportados para os campos de morte; nem sequer os doentes eram poupados – quase todos os pacientes do Hospital Wolski tinham sido assassinados. À medida que o cerco se arrastava, o Exército Nacional ia

ficando desesperado. «Estaline enviou reforços?», perguntava Adam sempre que recebiam notícias da Resistência. A resposta era sempre que não – não havia sinal de ajuda por parte dos russos. E assim, os bombardeamentos continuavam, e, pouco a pouco, a outrora próspera capital da Polónia ia desaparecendo lentamente. Ao fim de uma semana, um terço da cidade fora arrasada, depois metade, depois dois terços.

Mila sente-se miserável, doente com a distância entre ela e Felicia. Não tem como saber se as bombas chegaram a Włocławek, e nunca lhe ocorrera perguntar se o convento tinha um abrigo. Com pouco para comer e ainda menos apetite, as calças começaram a ficar-lhe largas e a escorregar na cintura. Está presa. A cada dia que passa – já contou 52 desde que se escondeu –, vai ficando mais desesperada. O chão parece tremer a intervalos de poucos minutos, ao mesmo tempo que um novo explosivo de aço mergulha em direção à terra, destruindo casas, lojas, escolas, igrejas, pontes, carros e pessoas no seu caminho. E não há nada que possa fazer para além de escutar e esperar.

CAPÍTULO CINQUENTA

Halina

Prisão de Montelupich, Cracóvia, Polónia ocupada pelos alemães ~ 7 de outubro de 1944

Halina é subitamente despertada pelo *clique* metálico de uma chave numa fechadura e por uma grade de ferro a raspar o cimento quando a porta da cela é abruptamente aberta. Semicerra o olho que não está fechado devido ao inchaço.

– Brzoza! – cospe-lhe Betz. – De pé. *Já!*

Levanta-se lentamente, tentando ignorar a dor lancinante que sente nas costas. Nos quatro dias em que esteve detida, já foi questionada mais de doze vezes. Em cada interrogatório, é devolvida à cela com mais hematomas, cada um de um tom de roxo mais profundo do que o anterior. Está prestes a desistir. Mas sabe que tem de engolir a dor, a humilhação, o sangue que lhe pinga do nariz, da testa, do lábio. Não pode ceder. É suficientemente esperta para saber que aqueles que cedem não regressam. E recusa-se a respirar pela última vez naquela maldita prisão. Não pode – não irá – deixar a Gestapo ganhar.

Halina foi encarcerada poucos dias depois de o general Bór ter acenado com a sua bandeira branca, declarando o levantamento de Varsóvia terminado. No final, os homens de Estaline estacionados nos arredores da cidade, nunca chegaram: após 63 dias de combates, o Exército Nacional foi obrigado a render-

se. No dia dois de outubro, pela primeira vez em dois meses, o silêncio desceu sobre a cidade. Quando Halina se aventurou a sair, em choque, imunda, e meio faminta, Varsóvia, que ainda ardia, estava irreconhecível. O seu edifício era um de apenas dois que permaneciam intactos na rua Stawki. Os restantes tinham sido obliterados. Alguns estavam partidos ao meio, expondo as entranhas num estado alarmante de desordem – casas de banho, cabeceiras de cama, porcelanas, chaleiras e sofás aleatoriamente lançados contra o metal retorcido e os tijolos – mas a maioria não passava de conchas, os seus interiores esvaziados, esventrados como peixes. Halina avançara pela cidade dilacerada, tentando encontrar Jakob e Franka – uma tarefa quase impossível dado que muitas das estradas se encontravam intransitáveis. Chegou primeiro a casa de Franka, onde caiu de joelhos – o edifício desaparecera. Franka, os pais e o irmão não estavam em parte alguma. Uma hora depois, ao chegar ao apartamento de Jakob descobriu que também aquele edifício fora eviscerado. Quase desmaiou quando o viu surgir à superfície, emergindo dos restos do edifício com Bella a reboque. Estavam *em segurança,* mas famintos.

Por essa altura, Halina quase não conseguia pensar. Franka e a família tinham desaparecido. Sabia que não podia deixar Varsóvia sem tentar encontrá-los. Mas ela, Adam, Jakob e Bella encontravam-se em apuros. Estavam famintos e falidos, e em breve seria inverno. Antes do levantamento, o patrão de Halina dissera-lhe que pedira transferência para Cracóvia. «Se precisares de alguma coisa, procura-me no banco no centro da cidade, em Rynek Kleparski», dissera. Halina não via outra opção senão recorrer a ele para pedir ajuda. Adam opôs-se à ideia, claro, alegando que não era seguro para Halina viajar para Cracóvia sozinha. Mas ela insistira. Havia uma bolsa de Resistência que ainda funcionava em Varsóvia e precisavam de Adam mais do que nunca. E também havia Mila, que estava em pânico para chegar a Felicia. «Se ficares, podes ajudar Mila a encontrar um caminho para Włocławek, e podes continuar a procurar Franka», dissera Halina. «Por favor, ficarei bem sozinha.» Iria e regressaria de imediato, prometera, com algum dinheiro – o suficiente para sobreviverem ao inverno. Por fim, Adam concordou e assim, depois de ter feito uma troca com outro jovem judeu – o casaco dela por uma saca de batatas para alimentar os restantes enquanto estava ausente, Halina partiu para Cracóvia.

O seu plano bem delineado, contudo, fora abruptamente interrompido um dia

depois, na estação de comboios de Cracóvia quando, instantes após desembarcar, foi detida. O agente da Gestapo que a levara não mostrara qualquer interesse na sua história ou em contactar *Herr* Den para a validar. «Então, deixe-me enviar um telegrama ao meu marido», pedira Halina, não fazendo qualquer tentativa de mascarar a raiva na voz. Uma vez mais, o homem da Gestapo ignorou-a. Uma hora depois vira-se escoltada num carro da polícia através do centro de Cracóvia em direção à infame prisão da cidade. Montelupich. Ao passar pela entrada de tijolos vermelhos da prisão, olhou de relance para o arame-farpado e para os vidros partidos que rodeavam o edifício e soube, sem qualquer sombra de dúvida, que não regressaria a Varsóvia. Pelo menos, tão cedo. E que Adam ficaria destroçado.

– Brzoza!

– Cá vou – resmunga Halina. Passa por cima de pernas e braços enquanto cambaleia até à porta.

Das quase três dúzias de mulheres com quem partilha a cela, surpreendentemente poucas são judias, pelo menos que saiba. Ela é uma de quatro, talvez cinco. A maior parte das mulheres encarceradas em Montelupich parece ser constituída por ladras, traficantes, espias, membros de diversas organizações de resistência. De acordo com a Gestapo, é acusada pela sua fé, mas ela jamais a admitirá. A sua religião jamais será um crime.

– Tira as mãos de cima de mim – rosna quando Betz tranca a porta da cela atrás delas e lhe torce um braço atrás das costas, empurrando-a ao longo do corredor à sua frente.

– Cala-te, douradinha.

A princípio, Halina pensou que a alcunha derivava do cabelo louro, mas depressa se apercebeu que tinha a sua origem nas estrelas amarelas que os judeus da Europa eram obrigados a usar.

– Não sou judia.

– Não é isso que o teu amigo Pinkus diz.

Halina sente o coração a saltar na caixa torácica. *Pinkus*. Como raio sabem o nome dele? Pinkus, o rapaz judeu com quem trocou o casaco antes de deixar Varsóvia. Deve ter sido apanhado e entregou o nome dela na esperança de que

isso o pudesse ajudar de alguma maneira. Ela pragueja contra a sua estupidez.

– Não conheço nenhum Pinkus.

– Pinkus, o judeu que ficou com o teu casaco. Ele diz que te conhece. Diz que não és quem dizes ser.

Pinkus, seu cobarde de merda.

– Porque haveria um judeu de entregar outro judeu? – bufa Halina.

– Acontece a toda a hora.

– Bem, já te disse, não conheço essa pessoa. Está a mentir. Diria qualquer coisa para salvar a própria vida.

Na cela sem janelas, manchada de sangue que a Gestapo reservou para os interrogatórios, oferece a mesma explicação, uma e outra vez, desta feita para dois brutos que reconhece de interrogatórios passados – um pela feia cicatriz por cima do olho, o outro pelo coxear.

– Deste-lhe o teu casaco – diz-lhe o da cicatriz. – Se és polaca como dizes, porque fizeste negócio com um judeu?

– Eu não sabia que ele era judeu! – avança Halina. – Já não comia há várias semanas. Ele ofereceu-me batatas. O que haveria eu de fazer? – De súbito, está no ar, um punho ergue-a pela parte de trás do colarinho, batendo com ela contra a parede da cela. – Eu não sabia que ele era judeu – silva, perdendo o ar.

Craque. A testa choca contra a parede. – Para de mentir!

A dor deixa-a cega. O corpo de Halina está mole.

– Não... não percebem? – cospe ela. – É vingança! Os judeus... estão a tentar vingar-se... dos polacos!

Mais um *craque*, um fio de sangue corre-lhe pelo nariz, o seu sabor quente e acre. *Nunca podes hesitar.*

– Ele jurou pela campa da mãe – silva um dos elementos da Gestapo. – O que é que tens a dizer a isso?

– Os judeus... *odeiam-nos*. – *Vump*. Ela fala por entre os dentes cerrados, com o rosto encostado à parede. – Sempre odiaram... é vingança!

Vap. O som abafado, ossudo, do seu maxilar a encontrar-se com as costas de

uma mão.

– Olha para ti... tu *pareces* judia!

A respiração de Halina está molhada, pesada.

– Não... me... insultes. Olhem para *vocês*... para as *vossas* mulheres. Louras... com... olhos azuis. *Elas* são judias?

Craque. Mais uma vez o seu crânio contra a parede. O sangue está agora nas pestanas. Arder-lhe nos olhos.

– Porque haveríamos de acreditar em ti?

– Porque *não haveriam de acreditar*? Os meus... os meus documentos não mentem! E... o meu patrão também não. *Herr* Den. Telefonem-lhe. Está no banco em Rynek Kleparski. Já vos disse... eu estava a caminho para o ver quando vocês me prenderam. – Esta parte da história, claro, é verdade.

– Esquece Den. Ele não é de utilidade alguma para nós – disse o homem que coxeava.

– Então mandem um telegrama ao meu marido.

– A única pessoa que nos interessa és tu, douradinha – grita o da cicatriz no rosto. – Dizes que és polaca. Então recita a oração do Senhor.

Halina abana a cabeça, fingindo irritação, e agradecendo silenciosamente pelo facto de os pais terem optado por enviá-la para um *gymnasium* polaco em vez de uma das escolas judaicas de Radom.

– Isto outra vez. Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome...

– Está bem, está bem, basta.

– Telefonem ao meu patrão – suplica Halina exausta. Esta é a única carta que lhe resta, a sua única esperança. Pergunta-se se os alemães tentaram, sequer, contactá-lo. Talvez *Herr* Den tenha sido apanhado pelo levantamento em Varsóvia e nunca chegou a Cracóvia. Ou talvez lhe tenham telefonado e ele nada fizera para a apoiar. Mas ele parecia tão determinado: «Vem a Cracóvia. Procura-me, eu ajudar-te-ei.» Tentara. E agora estava ali. Ainda se passou menos de uma semana e o seu corpo já está em frangalhos. Não sabe quantos interrogatórios como aquele será capaz de aguentar. Ouviu dizer a uma das mulheres que acaba de chegar à sua ala que Varsóvia continua a fumegar. Preocupa-se

constantemente com Adam, que deve ter ficado louco quando ela não regressou, com Mila, que quase não conseguia funcionar quando Halina partiu, e com Franka, mas acima de tudo preocupa-se com os pais. Os Górski esperam receber dinheiro uma vez por mês para manter os pais em segurança e agora já nada recebem há quase dois meses. Será que pode contar com a bondade deles para garantir a sobrevivência dos pais? Viu a sua casa esparsa; quase não conseguem sustentar-se. Halina não consegue deixar de o imaginar – Albert a acompanhar os pais ao exterior da pequena casa de campo, incapaz de os olhar nos olhos: *Lamento, quem me dera que pudessem ficar, mas ou partem ou morremos todos à fome.* Decerto, com o tempo, os Górski presumirão que morreu. A família pensará que ela morreu.

Vou voltar para vocês, promete silenciosamente, em parte para si e em parte para Adam e para os pais, para o caso de estarem a ouvir, quando é por fim acompanhada de novo à sua cela.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Mila

Arredores de Varsóvia, Polónia ocupada pelos alemães ~ outubro de 1944

A viagem até ao convento demorou o dobro do tempo normal. Muitas das ruas estavam intransitáveis, obrigando Mila a realizar desvios dolorosamente longos. Tudo aquilo que outrora lhe parecera familiar, ao longo do caminho, desapareceu – a fábrica de barris em Józefina, o curtume em Mazczonów – o cenário está reduzido a um infindável *patchwork* de escombros.

Mila inclina-se para a frente, semicerrando os olhos através do para-brisas do V6 que roubou. Ela e Adam encontraram o carro tombado de lado a um quarteirão do apartamento de Halina; foram precisas seis pessoas para o voltar a colocar sobre as suas rodas. Adam ajudara-a a fazer a ligação direta. Faltavam-lhe as quatro janelas, mas não importava. O tanque, num golpe de sorte, ainda tinha um quarto de depósito – combustível suficiente para a levar e trazer do convento.

Bate nervosamente com os polegares no volante, analisando o caos à sua frente. *Tenho de estar no lugar errado,* pensa Mila. Ter-se-á enganado nalgum cruzamento? Há semanas que quase não dorme – é certamente possível que se tenha perdido. O convento devia estar *ali* à sua frente, podia jurá-lo... e depois vislumbrou algo negro, um fragmento de ardósia que se levanta da terra. O seu estômago revolta-se quando o reconhece como parte de um quadro negro. Está

no sítio certo. O convento desapareceu por completo. Foi feito em pedaços.

Sem pensar, desce do carro, o motor ainda a trabalhar, e corre pelo terreno onde vira pela última vez a filha, saltando sobre os tijolos espalhados e os postes de vedação partidos pelo meio da relva alta. Ao vislumbrar uma cadeira em miniatura virada de pernas para o ar, deixa-se cair de joelhos. Tem a boca aberta, mas não consegue respirar. Sente-se fraca. E depois os seus gritos cortam como facas através do céu de outubro, tornando-se cada vez mais violentos a cada inalação desesperada.

– Menina, menina. – Mila está a ser agitada por um jovem. Quase não o consegue ouvir, embora esteja ajoelhado ao seu lado. – Menina – insiste.

Ela sente o peso de uma mão no seu ombro. Tem a garganta arranhada, as faces manchadas pelas lágrimas, a voz na sua cabeça implacável: *Olha para o que fizeste! Nunca a devias ter deixado aqui!* O seu coração lateja, como se alguém o tivesse trespassado com um punhal.

Mila ergue os olhos, pestaneja, leva uma palma da mão ao peito e a outra à testa. Alguém, apercebe-se, desligou o motor do V6.

– Há uma cave – explica o jovem. – Há dias que tento chegar até elas. O meu nome é Tymoteusz. A minha filha Emilia também está ali em baixo. A sua é...?

– Felicia – sussurra Mila, a sua mente demasiado frenética para se lembrar que, no convento, a filha se chamava Barbara.

– Venha, ajude-me, ainda poderá haver esperança.

Mila e Tymoteusz revezam-se a retirar os destroços do local onde o convento outrora se erguera.

– Está a ver – explica Tymoteusz, apontando – parece ser uma escadaria. Se conseguirmos chegar até ela, talvez encontremos uma porta para o *bunker*.

Já estavam a trabalhar há quase duas horas quando Tymoteusz para, se ajoelha e encosta a cabeça à terra.

– Ouvi qualquer coisa! Também ouviu?

Mila deixa-se cair de joelhos, sustendo a respiração enquanto escuta. Mas, ao fim de alguns momentos, abana a cabeça.

– Não ouvi nada. O que lhe parecia?

– Como se estivessem a bater.

A pulsação de Mila acelera. Erguem-se e começam de novo a remover os destroços, desta vez com uma sensação de propósito renovada. Uma centelha de esperança. E depois, quando Mila se curva para deitar a mão a um bloco de cimento, estaca. *Ali está. Um som.* Sim, *um bater*, que ecoa por baixo dos seus pés.

– Ouvi-o! – arqueja. Encosta o rosto aos destroços e grita tão alto quanto consegue. – Estamos a ouvir-vos! Estamos aqui! Viemos buscar-vos! – os seus gritos são respondidos por mais um bater. Um grito abafado. As lágrimas saltam de imediato dos olhos de Mila. – São elas.

– Está meio a soluçar, meio a rir, e depois recorda a si mesma que o facto de terem batido pode significar qualquer coisa. Pode ser só um sobrevivente.

Trabalham agora mais depressa, Mila limpando o suor e as lágrimas do rosto, Tymoteusz respirando pesadamente, as suas sobrancelhas unidas em concentração. As mãos deles sangram. Os músculos ao longo das costas agitam-se em espasmos. Quando cedem, descansam por um minuto ou dois, não mais, conversando para se impedirem de imaginar o pior.

– Que idade tem Emilia? – pergunta Mila.

– Sete. E Felicia?

– Fará seis em novembro.

Mila pergunta de onde é Tymoteusz mas evita a questão da mãe de Emilia, na esperança de que este não pergunte acerca do pai de Felicia.

Estão a meio caminho de limpar a escadaria quando o sol desaparece, o que significa que só têm mais uma hora, no máximo, de luz. Ambos sabem, contudo, que não partirão enquanto não conseguirem limpar por completo a escadaria.

– Trouxe uma lanterna – diz Tymoteusz, como se lesse os pensamentos de Mila. – Vamos tirá-las de lá. Esta noite.

Há estrelas por cima das suas cabeças quando, por fim, chegam à por ta do *bunker*. Mila pensara que fosse ouvir mais gritos, mais comunicações com quem quer que tenha batido antes, mas desde aquele contacto inicial, nada ouviu, nem

um som, e de súbito não são os destroços ou a escuridão ou a tarefa de forçar a por ta que a aterroriza, mas o silêncio. Decerto, quem quer que esteja no interior já os consegue ouvir – então porquê o silêncio? Ela agarra a lanterna com as duas mãos trémulas apontando-a para a maçaneta da porta, observando com o rosto meio virado enquanto Tymoteusz a força.

– Está bem? – pergunta Tymoteusz.

Mila não tem a certeza de ser capaz de se mexer.

– Acho que sim – sussurra.

Tymoteusz pega-lhe no braço.

– Venha – diz, e entram juntos para as sombras.

Mila desliza o estreito feixe de luz um metro à sua frente quando entram silenciosamente na divisão. A princípio não veem nada para além do chão de cimento, as suas fendas e o pó iluminados pela luz. Mas depois, o feixe apanha aquilo que parecem ser pegadas e, um instante depois, Mila salta ao ouvir o som de uma voz, não muito distante. Reconhece-a como a da Madre Superior.

– Estamos aqui.

Mila aponta a lanterna na direção da voz. Ali, ao longo da parede mais distante do *bunker*, consegue distinguir corpos, grandes e pequenos. Os mais pequenos, na sua maioria, jazem imóveis. Alguns estão sentados, esfregam os olhos. *Corre para elas!* Grita o coração de Mila. *Encontra-a! Ela está ali. Tem de estar!* Mas não consegue. Tem os pés presos ao chão e os pulmões rejeitam o ar que, de súbito, cheira a excremento e algo mais, algo horrível. *Morte*, cheira a mor te. Os seus pensamentos vão e vêm rapidamente. E se Felicia não estiver ali? E se ela estivesse no exterior quando começaram os bombardeamentos? E se ela *estiver* ali, mas for uma das que não se movem? Demasiado doente para se sentar sequer, ou pior...

– Venha. – Tymoteusz empurra-a ligeiramente e ela move-se ao seu lado, incapaz de respirar. Alguém tosse. Aproximam-se da Madre Superiora que permanece sentada, aparentemente incapaz de se levantar. Quando chegam junto dela, Mila desliza a luz da lanterna pelos restantes. Estão ali uma dúzia de corpos, pelo menos.

– Madre Superiora – sussurra Mila. – É a Mila, a mãe da Felicia... quero

dizer, da Barbara. E... e Tymoteusz...

– O pai da Emilia – diz Tymoteusz.

Mila dirige a luz para si mesma e para Tymoteusz por um momento.

– As crianças. Estão...

– Papá? – uma voz suave, assustada, penetra a escuridão e Tymoteusz estaca.

– Emilia! – ele cai de joelhos à frente da filha, que desaparece nos seus braços. Ambos choram.

– Lamento muito não termos conseguido chegar até vocês mais cedo – sussurra Mila para a Madre Superiora. – Há quanto... há quanto tempo...

– *Mamusiu.*

Felicia. Mila desliza a luz rapidamente através da parede de corpos até, por fim, a fixar na filha. Pestaneja, refreando as lágrimas. Felicia luta por se levantar. Banhada na luz, as órbitas dos seus olhos parecem demasiado pronunciadas no seu rosto pequeno, e mesmo de longe Mila consegue ver que o pescoço e o rosto estão repletos de bolhas.

– Felicia! – Mila coloca a lanterna nas mãos da Madre Superiora e corre pelo *bunker*. – Minha querida. – Ajoelha-se ao lado de Felicia e toma-a nos braços, embalando-a com um braço por baixo do pescoço e outro por baixo das pernas. Ela não pesa nada. O seu corpo está quente. Demasiado quente, apercebe-se Mila. Felicia balbucia. Dói-lhe qualquer coisa, diz, mas não tem as palavras nem a energia para o explicar. Mila embala-a suavemente.

– Eu sei. Desculpa. Desculpa. Já aqui estou, meu amor. Chiu. Estou aqui. Tu estás bem. Vais ficar bem. – Ela recita as palavras uma e outra vez, embalando a filha febril nos braços como se fosse um bebé.

Algures por cima do ombro consegue ouvir alguém que lhe fala. Tymoteusz. A sua voz é suave, mas urgente.

– Conheço um médico em Varsóvia. Precisa de chegar até ele – diz. – Rapidamente.

17 DE JANEIRO DE 1945: *Os soviéticos capturam Varsóvia. Nesse mesmo dia, os alemães retiram-se de Cracóvia.*

18 DE JANEIRO DE 1945: *Com as forças aliadas a aproximarem-se, a Alemanha realiza um último esforço para evacuar Auschwitz e os campos que o rodeiam; cerca de 60 000 prisioneiros são obrigados a partir a pé naquela que será, mais tarde, apelidada de «marcha da morte» para a cidade de Wodzisław no sudoeste da Polónia. Milhares são mortos antes da marcha e mais de 15 000 morrem no caminho. Os que restam são transportados para comboios de carga em Wodzisław e enviados para campos de concentração na Alemanha. Nas semanas e meses seguintes, marchas semelhantes serão realizadas apartir de campos como Stutthof, Buchenwald, e Dachau.*

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Halina

Prisão de Montelupich, Cracóvia, Polónia ocupada pelos alemães ~ 20 de janeiro de 1945

Um feixe de luz iridescente perfura a cela, vinda da janela em miniatura gradeada, três metros por cima da sua cabeça, iluminando um quadrado de cimento na parede oposta. Halina percebe, pela sua posição, que já é tarde. Em breve, estará escuro. Fecha os olhos, as pálpebras pesadas devido ao cansaço. Não dormiu de todo na noite anterior. A princípio, atribuiu as culpas pela sua inquietude ao frio. O cobertor está no fio e o colchão de palha nada faz para atenuar o frio gelado de janeiro que emana do chão. Mas mesmo pelos padrões de Montelupich, a noite fora atarefada. A intervalos de alguns minutos, parecia, era acordada pelos gritos penetrantes de alguém na cela um piso acima do seu, ou pelos soluços de uma prisioneira ao fundo do corredor. A infelicidade é sufocante; é como se, a qualquer momento, a fosse engolir.

As companheiras de cela de Halina que, a certa altura, chegaram às 32, têm vindo a diminuir, estando reduzidas a 12. A mão-cheia que se concluiu serem judias foram levadas há meses. Outras vêm e desaparecem a cada hora que passa. Na semana anterior chegou uma mulher polaca acusada de espiar para o Exército Nacional. Dois dias depois foi apressadamente conduzida da sua cela antes do amanhecer; à medida que o sol se erguia, Halina ouviu um grito e, depois, o estalo de uma arma de fogo – a mulher nunca mais regressou.

Deitada de lado, com as mãos entre os joelhos, balança no limiar do sono, meio atenta aos sussurros das duas detidas nas camas de palha ao seu lado.

– Passa-se qualquer coisa – diz uma delas. – Estão a agir de uma maneira estranha.

– Estão – concorda a outra. – O que poderá significar?

Halina também se apercebera da mudança. Os alemães estão-se a comportar de um modo diferente. Alguns, como Betz, desapareceram, o que para ela é uma bênção – há semanas que não é chamada para a sala de interrogatórios. Os homens que agora vêm à porta para levar um prisioneiro ou deixar uma lata com a sopa aguada, nos breves instantes em que os vê, parecem apressados. Distraídos, nervosos até. As suas companheiras de cela têm razão. *Está* a acontecer alguma coisa. Há rumores de que os alemães estão a perder a guerra, que o Exército Vermelho está a entrar em Varsóvia. Poderão os rumores ser verdadeiros? Halina pensa incessantemente nos pais escondidos, em Adam, Mila, Jakob e Bella, que, presumivelmente, continuam em Varsóvia. Em Franka e na sua família. *Terá Adam sido capaz de as encontrar?*, pergunta-se. Irá Varsóvia ser em breve liberta? Irá Cracóvia seguir-se?

A porta desliza, abrindo-se.

– Brzoza!

Halina sobressalta-se. Com muito esforço, senta-se e depois levanta-se lentamente, as articulações rígidas enquanto avança pela cela.

O alemão junto à porta fede a álcool. Agarra no cotovelo dela com força enquanto percorrem o corredor, mas em vez de virar em direção à sala de interrogatórios, abre a porta para uma escadaria – a mesma escadaria que descera há quase quatro meses, em outubro, quando fora acompanhada até às entranhas da ala das mulheres da prisão de Montelupich.

– *Herauf* – ordena o alemão, libertando o seu cotovelo. – *Para cima.*

Halina usa o corrimão metálico, agarrando-se com força a cada passo, com medo de que as suas pernas possam ceder por baixo dela. No cimo da escadaria, é acompanhada através de uma outra porta, e depois ao longo de um comprido corredor até um gabinete com o nome HAHN impresso em letras pretas numa porta de vidro. No interior, o homem por trás da secretária – *Herr* Hahn, calcula

Halina – enverga um uniforme com a dupla insígnia dos relâmpagos da *Sicherheitspolizei.* Ele acena com a cabeça e, num instante, Halina é deixada de pé, sozinha, a tremer, na entrada.

– Senta-te – diz Hahn em alemão, olhando de relance para uma cadeira de madeira à frente da sua secretária. Tem os olhos cansados, o cabelo ligeiramente despenteado.

Halina baixa-se gentilmente para se sentar na beira da cadeira. A sua mente vacila ao contemplar como exatamente terá a Gestapo planeado matá-la, se será rápido, se irá sofrer. Se a família, caso ainda estejam viva, alguma vez terá conhecimento do seu destino.

Hahn desliza um pedaço de papel sobre a secretária.

– *Frau* Brzoza. Os seus papéis de libertação.

Halina fita-o por um momento. E depois baixa os olhos para o papel.

– *Frau* Brzoza, parece que a sua detenção foi inválida.

Ela levanta a cabeça.

– Há meses que temos tentado contactar o seu patrão, *Herr* Den. Acontece que o seu banco foi encerrado. Mas encontrámo-lo, por fim, e ele afirmou que é quem diz ser. – Hahn entrelaça os dedos numa bola apertada. – Parece que foi cometido um erro.

Halina exala. Uma raiva escaldante sobe-lhe pelas costas enquanto fita o homem à sua frente. Há quase quatro meses que está encarcerada, faminta e espancada. Preocupou-se incessantemente com a família. E agora é isto, um pedido de desculpas pouco convincente? Abre a boca, furiosa, mas as palavras não saem. Em vez disso, engole em seco. E ao mesmo tempo que o alívio a varre, esmagando a raiva, sente-se tonta. A divisão gira. Pela primeira vez na vida, não sabe o que dizer.

– É livre de partir – diz Hahn. – Pode recolher os seus pertences à saída.

Halina pestaneja.

– Compreende? É livre de partir.

Halina apoia as duas mãos nos braços da cadeira e ergue-se, até se levantar.

– Obrigada – sussurra, quando consegue controlar o equilíbrio. *Obrigada,*

sussurra, desta feita em silêncio, para *Herr* Den. Fê-lo mais uma vez. Salvou-lhe a vida. Não consegue pensar em como algum dia o conseguirá recompensar. Não tem nada para lhe dar. No entanto, sabe que, um dia, encontrará uma maneira. Mas primeiro, precisa de contactar Adam. *Por favor, permiti que esteja vivo. Permiti que a minha família esteja viva.*

Na receção da prisão, Halina recolhe a carteira e as roupas com que chegara e entra numa casa de banho para se mudar. A blusa e a saia transmitem uma sensação sumptuosa contra a pele, mas a sua aparência é chocante. «Oh, céus», sussurra quando vê um vislumbre do seu reflexo no espelho por cima do lavatório. Tem os olhos raiados de sangue, a pele por baixo deles de um roxo beringela. Os hematomas na face desvaneceram-se assumindo um verde baço, mas o golpe por cima da sobrancelha direita – grosso e com crostas pretas, com uma inflamação de um vermelho vivo à sua volta – está dorido. O cabelo, um desastre. Inclinando-se sobre o lavatório, une as mãos e lava o rosto com água. Por fim, procura na mala um gancho e penteia uma madeixa de cabelo loiro com os dedos algumas vezes antes de a puxar sobre a testa e a prender de lado, numa tentativa de cobrir a laceração sobre a sobrancelha.

Dobrando o esfarrapado macacão da prisão pousa-o no chão, depois vasculha na mala onde, por algum milagre, encontra o relógio e a carteira. O dinheiro que deveria levar aos Górski, claro, desapareceu. Mas a sua identificação falsa está lá. A licença de trabalho. O cartão com a informação de Den. E – sente que o estômago lhe cai aos pés quando se apercebe de que ainda permanece escondida no forro macio – a identificação de Adam. A sua identificação *verdadeira*. Com o seu nome *verdadeiro*, Eichenwald. Halina e Adam tinham trocado as suas antigas identificações no início da guerra, pouco depois de terem casado. A ideia fora de Adam, «Nunca se sabe quando poderemos voltar a precisar delas», dissera. «Até lá, o melhor é que ninguém tenha oportunidade de as encontrar connosco.» Halina tinha cortado uma abertura no forro da mala e cosera a identificação de Adam a esta. Não tivera tempo de a retirar dali depois da sua detenção e antes de a entregar à Gestapo. Os alemães não a haviam visto. Respirando de alívio por a terem ignorado, Halina abandona a prisão tão depressa quanto as suas articulações inchadas lhe permitem.

No exterior, o frio de janeiro fustiga-lhe o rosto. Manchas de neve e gelo

cobrem as pedras da rua. Chegara no início de outubro, quando o tempo ainda era relativamente ameno, e trocaram com Pinkus o seu casaco de inverno. A sua gabardine leve é incapaz de fazer face ao frio invernal. Puxa o colarinho até ao queixo e enfia as mãos nos bolsos, semicerrando os olhos desconfortavelmente para evitar o brilho do sol. Ignorando o vento que lhe corta as faces e a dor lancinante por detrás das rótulas, avança a passos rápidos, determinada a colocar tanto espaço entre ela e Montelupich quanto possa, pensando no que fazer a seguir.

Numa rua chamada Kamuenna, para numa banca de jornais, onde se apercebe pela primeira vez desde que deixou a prisão, de que ainda não vira quaisquer alemães na rua. Percorre os jornais com os olhos, encantada por ler que, há apenas três dias, os soviéticos capturaram Varsóvia. Que os nazis haviam começado a sua retirada de Cracóvia. Que em França, os alemães se estavam a retirar das Ardenas. Eram bons sinais! Talvez os rumores que voavam por Montelupich fossem verdadeiros – talvez a guerra terminasse em breve.

Halina analisa a multidão de polacos reunidos junto à banca, procurando alguém que a pudesse dirigir à morada de *Herr* Den. Hahn dissera que o banco estava fechado, mas talvez com a retirada dos alemães tivesse sido reaberto, Estes foram capazes de o contactar, a final de contas. Se não está no banco, conclui, terá de descobrir a morada da sua casa. Visitá-lo-á. Agradecer-lhe-á. Prometerá reembolsá-lo, e, em seguida, pedir-lhe-á um empréstimo. O suficiente para pagar alguma comida e a passagem de regresso a Varsóvia, onde, reza, encontrará a família intacta.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Halina e Adam

Wilanów, Polónia ocupada pelos soviéticos ~ fevereiro de 1945

– É esta aqui, à esquerda – diz Halina, e Adam vira o *Volkswagen* para o estreito acesso que conduz à casa dos Górski. – Obrigada por teres vindo – acrescenta.

Atrás do volante, Adam olha para ela de relance e acena com a cabeça.

– Claro.

Halina pousa a mão no joelho de Adam, profundamente grata pelo homem ao seu lado. Jamais esquecerá o dia em que regressou de Cracóvia ao seu apartamento em Varsóvia e o descobriu à sua espera. Mila, Felicia, Jakob e Bella também lá estavam. A sensação de os encontrar juntos, os irmãos, foi indescritível. A sua euforia desapareceu, contudo, quando Adam lhe disse não ter notícias de Franka e da família. Continuavam desaparecidos. Os seus próprios pais e três irmãos – dois irmãos e uma irmã com um filho de dois anos – também haviam desaparecido, não muito depois de Halina ter partido para Cracóvia. Adam estava a tentar desesperadamente encontrá-los, mas sem sorte alguma, e Halina percebeu o quanto isso o angustiava.

No início, arrependera-se de lhe ter pedido que fosse com ela a Wilanów, mas sabia que não a deixaria fazer a viagem sozinha, e que se chegasse a uma casa vazia ou recebesse más notícias dos Górski, não teria as forças necessárias para

regressar sozinha a Varsóvia.

Adam abranda o *Volkswagen* até parar, e Halina espreita para a pequena casa de campo dos Górski através do para-brisas poeirento. Parece cansada, como se a guerra lhe tivesse dado uma tareia. Falta uma dúzia de telhas no telhado e a tinta branca começou a pelar das portadas como a casca de uma bétula. Ervas daninhas crescem nos espaços entre as lajes azuis do passeio que conduz à porta. O estômago de Halina revolve-se. A casa parece abandonada. Adam dissera ter escrito duas vezes aos Górski durante o inverno para saber como estavam, oferecendo-se para enviar dinheiro assim que possível, mas nunca recebeu uma resposta.

Halina desliza os dedos pela feia cicatriz por cima da sobrancelha e, depois, enfia a mão no bolso, onde guardou um envelope com zlotys – metade da soma que *Herr* Den lhe emprestou quando ela, por fim, o conseguiu localizar em Cracóvia. Há sete meses que não era capaz de entregar dinheiro aos Górski, desde a última vez que vira os pais, e tem de usar todas as suas forças para não temer que o pior dos pesadelos se tenha tornado realidade. «Só espero que estejam aqui», sussurra Halina, afastando os cenários horrendos que a mente se tornou adepta de imaginar: que os Górski, destituídos, tivessem sido obrigados a deixar os pais na estação de caminhos-de-ferro para se defenderem sozinhos com as suas identificações falsas; que a irmã de Marta, metendo-se onde não devia, tivesse descoberto a parede falsa por detrás da estante e tivesse ameaçado entregar Alberto por abrigar judeus, a menos que este se visse livre deles; que um vizinho tivesse visto a roupa lavada dos pais, suspeitamente maior do que a dos Górski, pendurada no jardim das traseiras e os tivessem entregue à polícia azul; que a Gestapo tivesse realizado uma visita inesperada e descoberto os pais antes que estes se escondessem. As possibilidades eram infindáveis.

Adam desliga o motor. Halina inspira e exala por uma fina abertura nos lábios.

– Pronta? – pergunta Adam.

Halina assente. Desce do carro e avança, conduzindo Adam em redor da casa até às traseiras. Na porta, vira-se e abana a cabeça.

– Não sei se consigo – confessa.

– Consegues – diz Adam. – Queres que seja eu a bater?

– Sim – sussurra Halina. – Duas vezes. Bate duas vezes.

Quando Adam estende o braço atrás dela, Halina baixa os olhos da por ta para os pés, vendo uma fila de minúsculas formigas pretas que marcham ao longo do degrau de pedra. Adam bate por duas vezes com os nós dos dedos na porta e, depois, agarra na mão dela. Halina sustém a respiração e escuta. Algures atrás dela, um pombo arrulha. Um cão ladra. O vento agita as folhas como escamas de um cipreste. E por fim, o som de passos. Se os passos pertencem aos Górski, as suas expressões dir-lhe-ão tudo, apercebe-se Halina, fitando agora a maçaneta da porta, esperando.

Albert vem à porta, mais magro e com o cabelo mais branco do que quando ela o vira da última vez. As suas sobrancelhas saltam quando a vê.

– És tu! – diz ele, e depois tapa a boca, abanando a cabeça incrédulo. – Halina – diz por entre os dedos. – Pensávamos...

Halina obriga-se a olhar para os olhos dele. Abre a boca, mas não consegue falar. Não tem coragem para lhe perguntar aquilo que precisa de saber. Procura nos seus olhos uma resposta, mas tudo o que consegue ler é a sua surpresa ao encontrá-la à sua porta.

– Entra, por favor – diz Albert, acenando para que entrem. – Tenho estado tão preocupado, com as notícias de Varsóvia. Tal devastação. Como raio...

Adam apresenta-se e, num instante, são envolvidos pelas sombras, quando Albert fecha a porta atrás deles.

– Por aqui – diz Albert, acendendo um candeeiro. – Está terrivelmente escuro, aqui.

Pestanejando, Halina percorre o escritório em busca de um sinal, um qualquer sinal dos pais, mas a divisão está tal como se lembra. A jarra de cerâmica azul no parapeito da janela, o padrão de cornucópias verdes que adorna a cadeira de braços ao canto, a bíblia pousada sobre uma pequena mesinha de apoio de carvalho ao lado do sofá – não há nada fora do comum. Ela deixa que os seus olhos percorram a parede mais distante e a estante com as rodas invisíveis.

Albert tosse, limpando a garganta.

– Certo – diz ele, avançando para as prateleiras.

Halina engole em seco. Uma centelha de esperança.

– Quando vi o vosso carro a subir e não o reconheci – diz Albert, deslizando as prateleiras suavemente e revelando a parede de tábuas de cedro – pensei que era melhor escondê-los, para prevenir.

Que era melhor escondê-los.

Albert bate na parede no local onde costumava estar a estante.

– *Pan* e *pani* Kurc – chama baixinho.

Halina sente que o rosto aquece subitamente. A sua pele formiga de antecipação. Atrás dela, Adam pousa-lhe as mãos nos ombros, inclina-se de tal modo que o seu queixo lhe toca na orelha.

– Estão cá – sussurra.

Por baixo das tábuas do chão há movimento. Halina escuta intensamente – o mover dos corpos na sua direção, o som abafado das solas de pele contra a madeira, o clique de uma tranca a abrir.

E, depois, vê-os. Primeiro o pai, depois a mãe, semicerrando os olhos enquanto sobem, emergindo do espaço por baixo da casa dos Górski para o escritório fortemente iluminado. Um estranho som escapa dos lábios de Nechuma, quando se endireita e descobre Halina à sua frente. Albert afasta-se para o lado quando as mulheres se lançam uma para a outra.

– Halina – sussurra Sol. Envolve com os braços a união da sua esposa e da sua filha, fechando os olhos enquanto as segura, o nariz enterrado no pequeno espaço entre os topos das cabeças de ambas. Ficam assim durante um longo momento, os seus corpos fundidos, chorando silenciosamente até que, por fim, mãe, pai e filha se afastam, limpando os olhos. Sol parece surpreendido por ver Adam.

– *Pan* Kurc – Adam acena com a cabeça, sorrindo. A última vez que vira os sogros, ele e Halina ainda não se tinham casado. Sol ri, estende a mão e puxa Adam para um abraço.

– Por favor, meu filho – diz ele, os pés-de-galinha a marcar-lhe os olhos – podes chamar-me Sol.

Parte III



8 DE MAIO DE 1945: *Dia V-E. A Alemanha rende-se e é proclamada a vitória aliada na Europa.*

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

A Família Kurc

Łodź, Polónia ~ 8 de maio de 1945

Adam mexe no botão de sintonização do rádio, ajustando-o até uma voz estalar através das colunas. «Dentro de alguns minutos», diz o apresentador em polaco, «iremos traduzir uma transmissão em direto da Casa Branca, nos Estados Unidos. Por favor, não desliguem.»

Halina desliza a janela da sala de estar, abrindo-a. Três andares mais abaixo, a alameda está vazia. Todos, ao que parece, entraram nos edifícios para se reunirem em torno dos rádios, para ouvir as notícias por que Łódź – por que toda a Europa ocupada, e o mundo, já agora – está à espera desde há quase uma década.

A decisão de Halina de levar a família para Łódź fora prática. Conseguiram sobreviver em Varsóvia durante algum tempo, mas a cidade, o que dela restava, era inabitável. Debateram a possibilidade de regressarem a Radom, tinham-se até aventurado a regressar para uma visita e passado a noite com os Sobczak, mas haviam descoberto que o apartamento da Rua Warzawska e a loja dos pais estavam agora ocupados por polacos. Halina não estava preparada para a sensação de ser recebida por estranhos na sua porta – estranhos que a fitavam com o sobrolho carregado, que afirmavam não ter qualquer intenção de partir, que tinham a lata de achar que o que pertencera outrora à família dela lhes

pertencia.

O encontro enfurecera de tal modo Halina que esta se lançara num acesso de raiva; fora Adam quem a trouxera de volta à sua mente racional, recordando-lhe que a guerra ainda não terminara, que ainda se estavam a fazer passar por arianos e que uma explosão serviria apenas para atrair atenções indesejadas. Halina deixara Radom arrasada, mas determinada a encontrar uma cidade onde se pudessem instalar, pelo menos até ao fim da guerra, com indústria suficiente para que pudessem encontrar trabalho e com apartamentos para acolher o que restava da família, incluindo os pais, que conseguira convencer a permanecer em Wilonów até a guerra estar oficialmente terminada. Łódź, segundo ouvira dizer, tinha apartamentos, empregos e uma estrutura da Cruz Vermelha. E, de facto, não tardaram a encontrar um local para viver quando chegaram. O gueto da cidade fora liquidado mais tarde do que a maioria, o que significava a existência de centenas de casas vagas na velha Judiaria e um número insuficiente de polacos para as preencher. Era doentio pensar no que teria acontecido às famílias que aí haviam habitado antes, mas Halina sabia que não se podiam dar ao luxo de alugar uma casa no centro da cidade. Escolheu dois apartamentos vizinhos, os mais espaçosos que conseguiu encontrar. Faltava-lhes metade do mobiliário, mas havia tantas casas vazias que foi capaz de encontrar peças suficientes, aqui e ali, para os tornar habitáveis.

A família permanece em silêncio, enquanto Jakob organiza cinco cadeiras num semicírculo, em redor da lareira, onde o rádio está empoleirado, como uma lápide, sobre a prateleira. «Senta-te, meu amor», diz, apontando para Bella. Esta baixa-se suavemente para uma cadeira, pousa a mão na curva subtil do seu ventre. Está grávida de seis meses. Mila, Halina, Adam e Jakob também se sentam, enquanto Felicia se enrosca no chão, estremecendo ao puxar os joelhos contra o peito. Mila penteia com os dedos o cabelo de Felicia, cujas raízes já mostram o seu ruivo natural. Parte-lhe o coração ver a filha com dores. O escorbuto que contraiu no *bunker* do convento desapareceu quase por completo, mas continua a queixar-se de uma dor nas articulações. Pelo menos, Mila suspira, o seu apetite regressou – Felicia recusara-se a comer durante semanas, quando Mila a encontrou, afirmando que comer provocava demasiadas dores.

Por fim, a voz de Harry Truman, o novo presidente dos Estados Unidos, jorra

das colunas do rádio e a família inclina-se na sua direção. «Esta é uma hora solene, mas gloriosa», ouve-se sobre um mar de estática. A emissora local traduz. «O general Eisenhower», continua Truman, «informa-me de que as forças da Alemanha se renderam às Nações Unidas.» Faz uma pausa e depois acrescenta: «As bandeiras da liberdade voam sobre toda a Europa!»

As palavras «liberdade» e «voam» reverberam ecoam pela divisão, pairando sobre as suas cabeças como *confetti*.

A família fita o rádio e depois entreolham-se, enquanto as palavras do presidente pousam, hesitantes, nos seus colos. Adam tira os óculos e levanta o queixo para o teto, apertando a cana do nariz entre o polegar e o indicador. Bella limpa uma lágrima do olho e Jakob procura a mão dela. Mila morde o lábio. Felicia olha em volta, para os outros, e depois olha para a mãe, os olhos curiosos, sem saber ao certo porque estarão a chorar perante algo que ela compreendeu como sendo uma boa notícia.

Halina tenta imaginar o presidente americano, sentado triunfantemente, atrás de uma secretária, a cerca de seis mil quilómetros a oeste deles. *Dia V-E*, foi o que Truman lhe chamou: *Vitória na Europa*. Mas para Halina, a palavra *vitória* parece oca. Falsa até. Não há quase nada de vitorioso na Varsóvia em ruínas que deixaram para trás, ou no facto de uma tão grande parte da família continuar desaparecida, ou em como, à sua volta, no que foi outrora o gigantesco gueto de Łódź, conseguirem sentir os fantasmas dos 200 000 judeus – a maioria dos quais, de acordo com os rumores, viu a morte nas carrinhas e câmaras de gás de Chełmno e Auschwitz.

Uma celebração abafada chega até eles a partir do apartamento do lado. Através da janela, chegam alguns gritos vindos da rua. Łódź começa a celebrar. O mundo começa a celebrar. Hitler fora derrotado. A guerra acabara. O que significa que, tecnicamente, estão livres para voltarem a ser Kurcs e Eichenwalds e Kajlers outra vez. Para serem judeus outra vez. Mas o estado de espírito no apartamento não é de celebração. Não, enquanto o resto da família continuar desaparecido. E não quando há tantos mortos. Todos os dias as estimativas sobem. Primeiro era um milhão, depois dois – números tão grandes que não conseguem sequer compreender a sua enormidade.

Quando o discurso de Truman termina, o apresentador polaco afirma que a

Cruz Vermelha continuará a erigir dezenas de estruturas e campos de deslocados através da Europa, insistindo com os sobreviventes para que se registem. Adam apaga o rádio e a sala volta a ficar silenciosa. O que haverá para dizer? Por fim, é Halina quem preenche o silêncio. «Amanhã», declara, obrigando a voz a manter-se firme, «vou regressar à Cruz Vermelha, confirmar que todos os nossos nomes estão registados. Perguntar acerca dos campos de refugiados e quando, exatamente, nos será possível aceder a uma lista de nomes. E começarei os preparativos para contactar com a mãe e o pai no campo.»

Na rua, em baixo, as celebrações tornam-se mais ruidosas. Halina levanta-se e avança até à janela, desliza-a para a fechar suavemente.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

A Família Kurc

Łodź, Polónia ~ Junho de 1945

Todos os dias Halina percorre o caminho familiar do apartamento em Łódź, primeiro para o quartel-general temporário da Cruz Vermelha, no centro da cidade, e depois para os recém-erigidos gabinetes da Associação de Apoio ao Hebreu Emigrante e, por fim, ao Comité Judaico-Americano de Distribuição Conjunta, ou Comité, como todos lhe chamam – na esperança de descobrir notícias da família desaparecida. Quando não está a fazer as rondas, percorre os jornais diários locais que começaram a publicar uma lista de nomes e anúncios de sobreviventes que procuram os seus familiares. O rádio também tem uma estação dedicada a auxiliar os sobreviventes a reunirem-se; já lhes telefonou por duas vezes. Na semana anterior a esperança de Halina cresceu quando descobriu o nome de Franka numa lista publicada pelo Comité Central dos Judeus na Polónia – uma organização fundada pelo Comité. Franka fora enviada, juntamente com o irmão e os pais, para um campo nos arredores de Lublin chamado Majdanek; por ironia do destino, ela, Salek e Terza haviam sobrevivido. O pai, Moshe, contudo, não tivera a mesma sorte. Halina começara a tentar fazer os preparativos para que os primos e a tia pudessem viajar para Łódź, mas fora informada de que isso poderia demorar meses; estavam entre os milhares de refugiados que aguardavam assistência no campo de refugiados onde tinham sido estacionados. Nechuma e Sol, pelo menos, estavam agora em Łódź;

conseguira ir buscá-los.

Devem estar a ficar fartos de mim, calcula Halina quando se aproxima da estrutura da Cruz Vermelha, cujos voluntários já a conhecem bem. Normalmente saúdam-na com um meio sorriso, um abanar de cabeça e um lamentoso: «Desculpe, não temos notícias.» Hoje, contudo, a porta ainda mal se abriu quando uma das voluntárias corre para ela. «É para si!» guincha a mulher, acenando um pequeno papel branco por cima da cabeça. Cerca de uma dúzia de pessoas viram-se. Num espaço normalmente carregado de tristeza, o entusiasmo na voz da mulher é impressionante.

Halina para. Olha por cima do ombro e depois de novo para a voluntária.

– Para mim? O que... o que é para mim?

– Isto! – A voluntária segura um telegrama entre os polegares e os indicadores à distância de um braço, depois lê em voz alta: «Com Selim em Itália. Procura-nos através do 2.º Corpo do Exército Polaco. Genek Kurc.»

Ao ouvir o nome do irmão, Halina sente-se a perder o equilíbrio e abre os braços num movimento para se impedir de cair.

– *O quê?* Onde é que ele está? – A sua voz é trémula. – Deixe-me ver isso. – Leva a mão ao telegrama, tonta. O 2.º Corpo do Exército Polaco? Não é o exército de Anders? Com *Selim*, que todos acreditavam *morto*? Halina quase não consegue respirar. O general Anders é tudo aquilo de que se fala em Łódź. Ele e os seus homens são *heróis*. Tomaram o monte Cassino. Lutaram no rio Senio, na Batalha de Bolonha. Halina abana a cabeça, tentando imaginar Genek e o cunhado Selim de uniforme, no campo de batalha, a fazer história. Mas não consegue.

– Veja por si.

Halina agarra no telegrama com tanta força que as pontas dos polegares ficam brancas. Reza para que não se trate de um erro.

com selim em itália

procura-nos através do 2º corpo

do exército polaco

genek kurc

De facto, o nome do irmão está escrito no fundo. Halina ergue os olhos. Os outros observam, esperando uma reação. Abre a boca e depois fecha-a, engolindo o que poderá ser um soluço ou uma gargalhada, não consegue distingui-los.

– Obrigada! – coaxa por fim, apertando o telegrama contra o peito. – Obrigada!

A estrutura enche-se de aclamações, ao mesmo tempo que Halina leva o telegrama aos lábios e o beija uma e outra vez. As lágrimas começam a correr-lhe pelo rosto, mas ela ignora-as. Um pensamento solitário enche-lhe a mente. *Não há erro nenhum. Eles estão vivos.* Enfia o telegrama no bolso da blusa, gira sobre os calcanhares e sai, partindo a correr. Doze quarteirões mais à frente, sobe as escadas que conduzem ao seu apartamento dois degraus de cada vez e descobre os pais na cozinha, a preparar o jantar.

A mãe levanta o rosto quando Halina espreita através da porta, arquejando, as faces coradas.

– Estás bem? – pergunta Nechuma, alarmada, a faca suspensa sobre uma cenoura. – Estiveste a chorar?

Halina nem sabe por onde começar.

– A Mila está em casa? – pergunta, sem fôlego.

– Foi ao mercado com Felicia; regressarão a qualquer instante. Halina, o que se passa? – Nechuma pousa a faca e limpa as mãos numa toalha da loiça presa à cintura da saia.

Ao seu lado, Sol fica imóvel.

– Halina, diz-nos... o que aconteceu? – Olha atentamente para Halina, o sobrolho enrugado de preocupação.

– Eu... Eu tenho notícias – exclama Halina. – Há quanto tempo é que a Mila... – Halina para ao ouvir a porta abrir. – Mila! – correndo para o *hall*, saúda a irmã à porta, retirando o saco de lona dos seus braços. – Graças a Deus que chegaste. Anda, depressa.

– Porque estás sem fôlego? – pergunta Mila – Estás ensopada em suor!

– Notícias! Tenho notícias!

Os olhos de Mila abrem-se, o avelã das suas íris rodeado, de súbito, por um mar de branco.

– O quê? Que tipo de notícias? – Notícias podia significar qualquer coisa. Ela e Felicia seguem Halina ao longo do corredor.

À porta da cozinha, Halina faz sinal aos pais para se juntarem a elas na sala de estar.

– Venham – chama. Quando a família está reunida, Halina inspira fundo. Quase não consegue conter-se. – Acabo de chegar da Cruz Vermelha – diz ela, levando a mão ao bolso da blusa e extraindo o telegrama. Obriga as mãos a manterem-se firmes quando estende o pedaço de papel para que toda a família veja. – Chegou hoje, de *Itália*. – Ela lê o telegrama em voz alta, pronunciando cuidadosamente cada palavra: – «Com Selim. Em Itália. Procurem-nos através do 2.º Corpo do Exército Polaco.» Ela olha para a mãe, para o pai, para a irmã, para Felicia, os olhos dançando entre eles, enchendo-se de novo de lágrimas. – Assinado: «Genek Kurc.» – acrescenta, a voz estalando.

– O quê? – Mila puxa Felicia para si, segurando-lhe a cabeça contra o peito.

Nechuma leva a mão ao braço de Sol para se equilibrar.

– Lê isso outra vez – sussurra Sol.

Halina lê de novo o telegrama, e mais uma vez. Quando lê pela terceira vez, Nechuma está lavada em lágrimas, e o pequeno apartamento enche-se com o som profundo do riso de Sol.

– É a melhor notícia que tenho desde... nem me consigo lembrar – diz ele, com os ombros a abanar.

Abraçam-se, Sol e Nechuma, Mila e Felicia, Mila e Halina, Halina e Nechuma, e depois juntam-se todos, como uma roda gigante, os braços a envolver as cinturas e as testas encostadas umas às outras. Felicia enfiada algures no meio. O tempo desaparece enquanto se abraçam, rindo e chorando, Sol recita as catorze palavras perfeitas do telegrama. Uma, e outra, e outra vez.

Halina é a primeira a libertar-se do círculo.

– Jakob! – guincha – Tenho de contar a Jakob!

– Sim, vai – diz Nechuma secando os olhos. – Diz-lhe que se encontre aqui

connosco para jantar, esta noite.

– Assim farei – diz Halina, voando pelo corredor.

A porta abre-se e depois fecha-se e, pouco depois, o silêncio cai sobre o apartamento.

– *Mamusiu?* – sussurra Felicia, espreitando para a mãe como se aguardasse uma explicação. Mas Mila caíra no silêncio. O seu olhar voava para a direita e para a esquerda, como se procurasse algo que não consegue ver. Um fantasma, talvez.

Apercebendo-se, Nechuma põe a mão no ombro de Sol.

– Podes preparar um chá com Felicia? – sussurra. Sol olha de relance para Mila e acena com a cabeça, chamando Felicia para a cozinha.

Quando ficam a sós, Nechuma vira-se para Mila, toma-lhe o braço.

– Mila, o que se passa, minha querida?

Mila pestaneja, abana a cabeça.

– Não é nada, mãe... apenas...

– Vamos – oferece Nechuma, conduzindo Mila para a pequena mesa na sala de estar onde tomam as suas refeições.

Mila move-se lentamente, a mente num qualquer outro lugar enquanto se senta, pousando os cotovelos na mesa, aperta as mãos num punho gigante e apoia o queixo nos polegares. Durante algum tempo, nenhuma das mulheres fala.

– Não era o que estavas à espera... descobri-lo – diz por fim Nechuma, escolhendo cuidadosamente as palavras. – Não acreditavas que estivesse vivo.

– Não. – Uma lágrima corre pelo canto do olho de Nina, rola-lhe pelo rosto. Nechuma limpa-a suavemente.

– No entanto deves sentir-te aliviada, sim?

Mila acena com a cabeça.

– Claro. – Ela levanta o queixo, vira o rosto para a mãe. – É que... passei os últimos seis anos a pensar que ele estava... que estava morto. Tinha-me habituado à ideia. Até a tinha aceitado, por terrível que isso soe.

– É compreensível. Tiveste de seguir em frente pela Felicia. Fizeste o que

qualquer mãe faria.

– Não devia ter desistido dele. Devia ter mantido a esperança. Que tipo de esposa desiste do marido?

– Por favor – diz Nechuma, a sua voz suave, compreensiva. – O que haverias tu de pensar? Não tiveste notícias dele. *Todos* pensámos que ele tinha morrido. Além disso, agora nada disso importa.

Mila olha de relance por cima do ombro em direção à cozinha.

– Preciso de falar com a Felicia. – Mila falara cada vez menos de Selim a partir do momento que admitira a Felicia que não tinha a certeza do seu destino: Desde que escolhera, para a sua própria sanidade, acreditar que ele estava morto. Mas Felicia recusara-se a esquecê-lo. Passara o último ano a fazer perguntas acerca dele, implorando à mãe por pormenores. – Ela construiu uma tal imagem dele na sua mente – acrescenta Mila. – E se ela... ficar dececionada? Quando ele partiu, era apenas um bebé, saudável, rosadinho... E se ele... – Mila para, incapaz de descrever o quanto Felicia mudou.

Nechuma agarra as mãos de Mila, pousa as suas palmas por cima delas.

– Mila, minha querida, sei que tudo isto é súbito, mas pensa desta maneira: foi-te dada uma oportunidade, uma oportunidade preciosa e impossível de começar de novo. E Selim é o pai de Felicia. Ela irá amá-lo. E ele irá amá-la, tal como tu a amas. Incondicionalmente.

– Tens razão – sussurra Mila, aquiescendo com um aceno de cabeça. – Odeio apenas que ele não a conheça.

– Dá-lhe tempo – diz Nechuma – e dá tempo a *ti*... para perceberes de novo... como ser uma família. Sê paciente. Tenta não te preocupares demasiado com isso. Já te preocupaste o suficiente para toda uma vida.

Mila desliza as mãos de debaixo das da mãe para limpar uma lágrima do rosto. O que significará isso, pergunta-se, viver um dia na sua vida sem preocupações? Sem um plano? Todos os minutos de todos os dias têm sido orquestrados, na melhor das suas capacidades, desde o início da guerra. Será que ela é capaz, sequer, pergunta-se Mila, de deixar que as coisas se desenrolem sozinhas?

Mais tarde, nessa noite, a partir do momento em que Felicia adormece, a família senta-se à mesa de jantar, estudando o mapa aberto à sua frente. Halina enviou um telegrama para Genek a fazer-lhe saber que, na sua maioria, a família está viva e bem. *Ainda não soubemos nada de Addy*, escreve. *Quando serão dispensados? Onde nos deveremos encontrar?*

O exercício de decidir para onde ir a seguir é difícil. Porque *a seguir*, significa com grande certeza um novo para sempre. Significa pensar onde se irão instalar. Onde irão começar de novo. Durante a guerra, as suas opções eram limitadas, os riscos elevados, a missão singular. Era simples, de certa maneira. Ter a cabeça baixa, a guarda alta. Estar sempre um passo à frente. Manter-se vivo para mais um dia. Não deixar que o inimigo ganhasse. Pensar num plano a longo prazo parece complicado e opressivo, como fletir um músculo atrofiado.

– A primeira questão – diz Halina, olhando em redor da mesa – é se ficamos na Polónia.

Sol abana a cabeça. Os seus olhos estão firmes. Apesar das notícias de Genek em Itália, teve ultimamente muito poucas razões para sorrir. Duas semanas antes, pouco depois de ter sabido da morte do cunhado Moshe, descobrira que uma irmã, dois irmãos, quatro primos e meia dúzia de sobrinhas e sobrinhos que viviam em Cracóvia no início da guerra também tinham sido mortos. A sua família alargada, outrora tão extensa, fora reduzida a poucos elementos. As notícias tinham-no dilacerado. Pressiona o dedo indicador sobre a mesa.

– Aqui – diz ele, franzindo o sobrolho –, não estamos em segurança.

Os outros sentam-se em silêncio, pensando naquilo que sabem e não sabem. Os alemães renderam-se, sim, mas para os sobreviventes judeus a guerra está longe do fim. Os Kurc já ouviram histórias de judeus que regressaram às suas cidades natais apenas para serem acossados, roubados e, por vezes, assassinados. Num incidente, rebentou um *pogrom* quando um grupo de locais acusou um judeu regressado de ter raptado uma criança polaca – foi enforcado numa árvore e, durante dias, dezenas de outros judeus foram mortos a tiro nas ruas. Ao que parece, há verdade na posição de Sol.

Os olhos viram-se para Nechuma. Ela acena com a cabeça concordando, olhando de relance para o marido e depois para o mapa.

– Concordo. Devemos partir. – As palavras são pesadas nos seus pulmões, deixando-a sem fôlego. É uma declaração que nunca pensara fazer. Há seis anos, a proclamação de Hitler para remover os judeus do continente parecia absurda. Ninguém acreditava que planos tão frios pudessem ser levados a cabo. Mas agora sabem. Viram os jornais, as fotografias, começaram a processar os números. Agora não há como negar aquilo de que o inimigo é capaz. – Acho que é o melhor – acrescenta, engolindo em seco. A ideia de deixar para trás tudo o que outrora foi deles (a casa, a rua, a loja, os amigos) é quase impossível de conceber. Mas, Nechuma recorda a si mesma, aquilo são coisas do passado, de uma vida que já não existe. Há estranhos, agora, a viver na sua casa. Poderiam, ela e Sol, recuperá-la, mesmo se quisessem? E quem resta dos seus amigos? O gueto já está vazio há vários anos. Tanto quanto sabem, não restam judeus em Radom. Sol tem razão. Não é inteligente ficar na Polónia. A história repete-se. Aquela é uma verdade de que tem a certeza.

– Eu acho o mesmo – concorda Mila. – Quero que a Felicia cresça num local onde se possa sentir segura, onde se possa sentir... *normal*. – Mila franze o sobrolho, perguntando-se o que o conceito de «normal» poderá sequer significar para a sua jovem filha. A única vida que Felicia conhece é a de ser caçada. Obrigada a esconder-se. Ser passada às escondidas através dos portões do gueto. Ser deixada nas mãos de estranhos. Tem quase sete anos e todos os anos da sua vida, com exceção do primeiro, foram passados durante a guerra, com a doentia consciência de que há pessoas que a querem ver morta apenas devido ao seu nascimento. Pelo menos Mila e os seus irmãos têm a experiência necessária a compreender que nem sempre fora assim. Mas a guerra, a perseguição, a luta diária pela sobrevivência: *isso* é o normal de Felicia. Os olhos de Mila começam a encher-se de água. – Pensem em tudo aquilo por que passámos – diz ela. – Em tudo aquilo por que Felicia passou. Não há como apagar aquilo que aconteceu aqui. – Abana a cabeça. – Há demasiados fantasmas, demasiadas memórias.

Ao lado de Mila, Bella aquiesce com um aceno de cabeça e o coração de Jakob sofre por ela. A sua opinião não precisa ser proferida; todos sabem que, para Bella, um regresso a Radom seria impossível. Com os pais e a irmã desaparecida, não resta nada para ela lá. Jakob procura a mão de Bella e, encaixando os dedos nos dela, não consegue deixar de recordar como, nos meses de mais profundo desespero, ele quase a perdeu. Como o empurrara para fora da

sua vida. Isso dilacerara-o, vê-la assim, vê-la a desaparecer. Nunca se sentira tão impotente. Nem se sentira tão aliviado como quando ela, por fim, realizara o esforço, pouco a pouco, de se recompor e andar em frente. Conseguira vislumbres da antiga Bella em Varsóvia, mas esta gravidez, a nova vida que cresce dentro dela, que parece ter ajudado a restaurar a força de que ela necessita para, por fim, sarar.

Jakob olha de relance para os pais. Consegue perceber, pela maneira como a mãe parece estar a abraçar o próprio corpo, que sabe o que ele está prestes a dizer. São velhas notícias: ele já lhe dissera que ele e Bella estavam a considerar mudar-se para os Estados Unidos, mas as palavras não saem facilmente.

– O tio de Bella, no Illinois – começa baixinho –, concordou em apadrinhar-nos. Isso não garante um visto, claro, mas é um começo. E faz sentido, acho eu, aceitá-lo. – Decerto os restantes compreendem que, pelo menos nos Estados Unidos, Bella poderá estar rodeada por aquilo que resta da sua família.

– Uma vez chegados a Chicago – diz Bella, olhando para Nechuma e para Sol alternadamente –, podemos perguntar como arranjar vistos para o resto da família. Se for algo em que estejam interessados.

– Permaneceremos na Polónia, para já – acrescenta Jakob, pelo menos até o bebé chegar.

Um *apadrinhamento para a América*. A ideia instala-se no coração de Nechuma como um peso de chumbo. Se dependesse dela, passaria todas as horas que tem sobre a terra com os filhos ao seu lado. Mas não pode discutir com Jakob. Seria tolo da sua parte não aceitar a ajuda do tio de Bella. Sem um padrinho, os vistos americanos são quase impossíveis de arranjar.

Jakob continua a sua explicação indicando que não há qualquer autorização para os navios viajarem da Europa para os Estados Unidos, de momento, mas que as restrições devem ser levantadas em breve.

– Ao que parece há navios de passageiros a partir de Bremerhaven – conta ele, inclinando-se sobre o mapa e apontando para uma cidade no noroeste da Alemanha. – A nossa ideia, uma vez nascido o bebé – acrescenta – é mudarmo-nos temporariamente para um campo de refugiados aqui, em Estugarda. A partir daí devemos ter uma melhor oportunidade para garantirmos os vistos.

Halina fita Jakob do outro lado da mesa. A boca retorcida numa expressão de desagrado. Sente-se chocada com a ideia de o irmão se mudar para a Alemanha.

– Não há campos na Polónia? – vocifera. – Não ficariam melhor aqui? – Abana a cabeça veementemente, os olhos verdes desafiando os dele. – Eu preferia cortar a garganta a pousar um pé no *ventre do mal.*

O tom de Halina é cortante, mas embora isso pudesse ter incomodado Jakob outrora, agora não tem efeito. Está consciente de que ela assumira como sua função proteger a família e está apenas a tentar cuidar dele. Enfrenta o olhar dela com uma expressão de compreensão, concordando que a ideia de se mudarem para a Alemanha é perturbante.

– Confia em mim, Halina, não será fácil. Mas se significar que estaremos um passo mais perto de uma nova vida nos Estados Unidos, estamos prontos a fazer o que for preciso. Neste momento, creio que podemos dizer que já passámos pelo pior.

A sala fica em silêncio por um momento antes de Halina voltar a falar.

– Então está bem – declara. – Jakob, tu e Bella têm razões para ficar. Mas nós não. Acho que todos concordamos com isso. Eu voto que partamos para Itália. Para Genek e Selim. A partir daí, decidiremos juntos, como família, para onde iremos a seguir. – Ela olha para os pais.

Nechuma e Sol trocam um olhar de relance.

– Só gostava de saber se Addy... – diz Nechuma, parando para corrigir a sua escolha de palavras – onde está Addy. – Os outros caem em silêncio, perdidos nos seus próprios receios. Mas Nechuma acena com a cabeça. – Itália.

– Não nos devemos esquecer que Mussolini foi aliado de Hitler durante a guerra – avisa Sol. – Sugiro que encontremos um caminho com tão poucos postos de controlo civis quanto possível.

E assim foi tomada a decisão: para Jakob e Bella, viajar dentro de alguns meses de Łódź para Estugarda e, por fim, esperavam eles, para a América; e para os restantes, viajar para Itália.

Enquanto a família se inclina sobre o mapa, Adam desliza o dedo de Łódź para sudoeste, para Itália, listando as cidades no caminho onde se sente confiante de que possam existir estruturas da Cruz Vermelha: Katowice, Viena, Salzburgo,

Innsbruck. Omite Cracóvia, pois tem a certeza de que a sua esposa ficaria melhor se nunca regressasse a um qualquer lugar num raio de 50 quilómetros da prisão de Montelupich. O caminho exigiria que atravessassem a Checoslováquia e a Áusria. Concordam que é a única boa opção.

– Vou escrever a Terza, Franka e Salek para lhes contar os nossos planos – diz Halina, pensando em voz alta. – Vou perguntar ao Comité nos poderá ajudar a pagar a viagem deles, para que se encontrem connosco em Itália. E vou falar com as raparigas da Cruz Vermelha... Talvez nos possam ajudar a planear um caminho, ou indicar-nos outras localizações da Cruz Vermelha que possamos não conhecer, ao longo do caminho. Vamos precisar de vodca e cigarros, para os postos de controlo.

Nechuma olha para Sol, imaginando a viagem. Chegar a Itália não será fácil. Mas, se conseguirem, reunir-se-á com o seu primogénito. E Felicia terá um pai! Sente-se mais leve com este pensamento. No início da guerra, não fazia ideia se ela e Sol seriam capazes de viver para ver o seu fim, se os filhos viveriam para ver o seu fim, se algum dia se voltariam a juntar, como um todo coeso. No dia em que os alemães marcharam para Radom, o seu mundo foi despedaçado. A partir de então, não pudera fazer mais do que assistir, enquanto todas as verdades básicas da vida que outrora conhecera – casa, família, segurança – eram lançadas aos sete ventos. Agora, esses fragmentos do passado começam a cair na terra e, pela primeira vez em mais de meia década, permite-se acreditar que, com tempo e paciência, talvez seja capaz de os voltar a reunir numa representação do que já foram. Jamais seria o mesmo – ela é sábia o suficiente para o compreender. Mas estão *ali*, e na sua maioria *juntos*, o que começa a parecer-lhe uma espécie de milagre.

Claro, não consegue deixar de pensar constantemente nas peças em falta, em Moshe e na família que Sol perdeu, e nos parentes de Adam, que ainda não foram localizados – e, em especial, no buraco escancarado gerado pela ausência do seu filho do meio. O que terá acontecido ao seu Addy? O estado de espírito de Nechuma mergulha na escuridão enquanto luta contra o mistério, a probabilidade de que nunca venha a saber – e a realidade que o seu mundo, a sua tapeçaria, jamais ficará completa sem ele.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Halina

Alpes austríacos ~ julho de 1945

Através de uma clareira nas árvores, Halina nada consegue ver senão o azul-aço do céu. Já passa das oito da noite, no entanto ainda há luz suficiente para ler um livro, caso tivesse um. Os pais, Mila e Felicia estão a dormir, os corpos cobertos de suor espalhados pelo acampamento, as cabeças apoiadas nas malas e nas pequenas sacolas de cabedal que guardam o que resta dos seus pertences. Escutando o bater de um pica-pau num tronco de uma faia próxima, Halina suspira. Ainda falta mais uma hora para escurecer – mais duas, sabe bem, antes de se render ao sono. Mais vale aproveitar o que resta da luz, decide, retirando um lenço do interior do bolso de dentro da sua mala. Abre-o e dispõe os cigarros que lhe restam numa fila no chão, à sua frente, contando-os. Tem doze. O suficiente, espera, para subornar os guardas do próximo posto de controlo.

Encontramo-nos em Bari, escrevera Genek na última carta trocada. Apesar das pesadas restrições às viagens de civis, Halina, Nechuma, Sol, Mila e Felicia não perderam tempo a deixar Łódź. Adam ficara para trás. «Vai tu», dissera a Halina. «Eu vou ficar, ganhar alguma poupança.» Encontrara um emprego fixo num cinema local. «Irei ter contigo a Itália, quando estiverem instalados», dissera. Halina não discutira com ele. Algumas semanas antes, Adam encontrara, através do Serviço de Localização Internacional, os nomes dos seus pais, irmãos

e um sobrinho numa lista de mortos confirmados. Não havia qualquer outra informação, apenas os seus nove nomes, escritos a caneta numa página, por entre centenas de outros. Adam ficara devastado e o facto de não lhe ter sido dada uma explicação quanto ao como ou quando tinham morrido, estava a deixá-lo louco. Halina sabia que não era pelo emprego que ele ia ficar. Precisava de respostas.

E, por isso, Halina e os restantes haviam partido, armados com tantos cigarros e garrafas de vodca quanto podiam carregar. Halina contratara um motorista para levar a família até Katowice, uma cidade 200 quilómetros a sul de Łódź. Em Katowice, Halina, que ainda falava russo fluentemente, conseguiu arranjar-lhes boleia na parte de trás de um camião de distribuição de mantimentos para a Cruz Vermelha em Viena. A viagem demorou vários dias. Os Kurc mantinham-se escondidos, enfiados entre caixas de uniformes e carne enlatada, temendo que, caso fossem apanhados a atravessar as fronteiras da Checoslováquia ou da Áustria sem a devida documentação, pudessem ser enviados de volta, ou pior, encarcerados.

De Viena, apanharam boleia até Graz, onde foram deixados no sopé dos Alpes de calcário meridionais, uma cordilheira imensa, coberta de neve, que serpenteava para sul através da Áustria e penetrava em Itália. Halina perguntou-se se os pais e Felicia, que permanecia magra como um espeto, seriam capazes de fazer a viagem – os Alpes eram imponentes, mais altos do que quaisquer montanhas que antes vira. Mas, a menos que quisessem enfrentar uma dúzia de estações de comboio e postos de controlo fronteiriço, atravessá-los a pé era a sua melhor opção. Depois de uma semana de descanso em Graz, os Kurc abandonaram alguns dos seus pertences, encheram o espaço que assim sobrava nos seus sacos com pão e água e, usando o que restava das suas poupanças (Adam insistira para que levassem o pouco que tinha), contrataram um guia – um jovem austríaco de seu nome Wilhelm – para que este lhes mostrasse o caminho para o outro lado da cordilheira. «Têm sorte por o verão ter chegado um pouco mais cedo», dissera Wilhelm no dia em que partiram. «Os Alpes meridionais estão cobertos de neve dez meses por ano e, normalmente, por esta altura são intransponíveis.»

Andavam todos os dias, das sete da manhã às sete da noite. Wilhelm revelou-se extremamente útil enquanto guia, até terem acordado, certa manhã, e

descoberto que desaparecera. Felizmente, deixara o que restava da comida, assim como um mapa. Praguejando perante a cobardia do jovem austríaco, Halina logo se autonomeou líder.

Envolve os cigarros com o lenço e desliza-os de novo para a mala, em seguida leva a mão ao bolso do peito em busca do mapa e abre-o suavemente, puxando pelos cantos; com todo o uso que já teve, as suas pontas são agora macias como veludo, as suas pregas assustadoramente finas. Afasta algumas pedrinhas do chão e estende o mapa, percorrendo com a unha suja de terra a linha entre a sua localização aproximada e a cidade mais próxima no sopé dos Alpes meridionais, Villach – uma aldeia a norte da fronteira italiana. Estima que ainda precisem de mais umas quarenta horas a andar, para sul, o que significa que poderão chegar a Itália dentro de quatro dias. Será um desafio. Os seus pulmões já se habituaram aos três mil metros de altitude, mas as solas dos sapatos, que não foram concebidos para um uso tão intenso e agreste, começaram a desintegrar-se. Terão de ser excecional mente cautelosos, em especial na sua descida. Halina considera a hipótese de dividir a viagem, para dar algum descanso às suas pernas. No dia anterior, Sol tropeçara numa raiz ao longo do caminho e quase torcera o tornozelo. Estão todos completamente exaustos. Doze horas de caminho por dia é pedir muito. Mas também estão a ficar com poucas provisões. Já só lhes restam quatro ou cinco dias de pão e água, na melhor das hipóteses. Por isso, irão continuar, decide Halina. O melhor é chegar de uma vez a solo italiano. Os outros concordariam, decerto.

Uma águia de cauda branca voa em círculos no céu e Halina maravilha-se com a abertura gigantesca das suas asas, em seguida fita a mochila das provisões que pendurou num ramo próximo, verificando que a fechou bem. *Fecha os olhos,* diz a si mesma. Voltando a guardar o mapa no bolso da camisa, entrelaça os dedos e recosta-se para pousar a cabeça nas palmas das mãos. O seu corpo está esgotado devido ao esforço daquele dia, mas sente-se demasiado acelerada para dormir. Os seus pensamentos, com o martelar incessante do pica-pau residente, vão e vêm a tripla velocidade. E se seguir pelo caminho errado ao descer a montanha? Podem perder-se, ficar sem com ida e nunca chegar a Itália. E se chegarem a Itália e forem enviados de volta pelas autoridades? Ainda há um mês o país estava ocupado por nazis. E se acontecer alguma coisa a Adam em Łódź? Passar-se-ão semanas, muito provavelmente – antes de lhe poder escrever

com uma morada fixa.

Halina ergue os olhos para o céu que escurece. Não são apenas os cenários possíveis que a mantêm acordada. Há também uma parte de si que está demasiado excitada para dormir. Está a poucos dias de se reunir com o irmão mais velho! Imagina como será ver Genek pela primeira vez em tantos anos. Ouvir o seu riso. Beijar as suas faces com covinhas. Sentarem-se juntos, como família, e arranjarem um plano para onde ir a seguir. A ideia de pensar num futuro para lá da guerra é entusiasmante, inebriante – faz acelerar o coração de Halina, só pensar nisso. Talvez Bella esteja certa, talvez os seus parentes possam apadrinhar toda a família Kurc e mudar-se para os Estados Unidos. Ou talvez sigam para norte, para o Reino Unido, ou para sul, para a Palestina, ou para o outro lado do planeta, para a Austrália. A decisão, claro, dependerá da disposição do país em abrir-lhes as portas. *Para de pensar e dorme*, diz Halina a si mesma. Enquanto rola para o lado, dobra um braço para fazer de almofada, pousando a cabeça no cotovelo e desce a mão até ao baixo-ventre. Já leva duas semanas de atraso. Tenta fazer as contas, contar os dias desde que ela e Adam se viram, mas é quase impossível. Passou tantos anos a pensar para a frente que o cérebro se esqueceu de como olhar para trás no tempo. Os dias antes da partida de Łódź são confusos. Poderia ser? Talvez. É possível. Mas também é possível que esteja simplesmente atrasada. Já aconteceu antes. Não sangrou nem uma vez durante os meses em que esteve detida em Cracóvia. Demasiado *stress*. Muito pouca comida. *Nunca se sabe*, Halina permite-se sorrir. Tudo é possível. *Por ora, basta que leves a família para Itália em segurança. Concentra-te na tarefa que tens em mãos. Nos próximos quatro dias.* Nesse instante, decide, obrigando a sua mente a descansar, que isso é tudo o que importa.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

A Família Kurc

Costa adriática de Itália ~ julho de 1945

Felicia dorme enroscada em posição fetal ao lado do de Mila, o rosto encostado à coxa da mãe. Esta, demasiado nervosa para fechar os olhos, repousa uma mão no ombro da filha e encosta a testa à janela, assimilando o azul do Adriático enquanto o comboio acelera para sul ao longo do salto da bota de Itália em direção a Bari. Ensaia pela milionésima vez aquilo que irá dizer ao marido quando o vir. Devia ser óbvio – *Senti a tua falta. Amo-te. Aconteceu tanta coisa... por onde começo?* Mas, mesmo na sua mente, as palavras parecem forçadas.

Nechuma disse-lhe que fosse paciente. Que tentasse não se apressar demasiado. Mas Mila não consegue evitá-lo. Pergunta-se se Selim será o mesmo homem que conhecera antes da guerra e tenta imaginar-se a regressar ao ritmo de marido e mulher – Selim a desempenhar o papel, uma vez mais, de patriarca, ganha-pão, protetor do seu destino. Poderia ela fazer isso? Poderia aprender a assumir uma posição subalterna, a depender dele outra vez? Tem sido só ela e Felicia há tanto tempo, não tem a certeza de estar pronta para permitir que outra pessoa assuma as rédeas. Mesmo que essa pessoa seja o pai de Felicia. Do outro lado do corredor, Halina abana-se com um jornal. Começara a viagem sentada à frente de Mila, mas conversar com a irmã enquanto via a paisagem a passar por ela em sentido contrário deixou-a maldisposta, pelo que se mudou para um lugar

onde pudesse ficar de frente. Está grávida. Agora tem a certeza disso. Sente o estômago às voltas quando está vazio, os seus seios estão inchados e sensíveis, e as calças começam a ficar-lhe justas em redor da cintura. Grávida! É uma verdade tão assustadora quanto entusiasmante. Ainda não disse nada à família. Planeia contar-lhes depois de chegarem a Bari, e terá de arranjar uma maneira inteligente de partilhar a notícia com Adam, que permanece em Łódź – talvez esbanje o dinheiro que tem num telefonema. *Acabo de atravessar os Alpes, e estou grávida,* dir-lhe-á. Se alguém lhe tivesse dito, antes da guerra, que aos 28 anos esta ria a conduzir a família a ravés de uma cordilheira montanhosa, grávida e a pé, ter-se-ia rido com todo o seu ser. Ela não era uma rapariga do campo! Uma caminhada de três semanas pelas montanhas, a dormir no chão, com pão velho e água para sobreviver? Enquanto *estava prenha?* Nem por sombras.

Halina recorda as últimas semanas da sua viagem, maravilhando-se com o facto de, apesar das circunstâncias, não ter ouvido uma única queixa, nem de Mila, que todos os dias andava durante horas com Felicia às costas; nem dos pais, que foram coxeando de um modo cada vez mais visível a cada dia que passava; nem mesmo de Felicia, cujos sapatos estavam de tal modo pequenos que os dedos cheios de bolhas tinham por fim aberto um buraco num deles, e que, quando a mãe não a transportava ao colo, via-se obrigada a dar dois passos por cada um dos adultos, só para os acompanhar.

Atravessar a fronteira para Itália, felizmente, fora calmo. « *Siamo italiani*», mentira Halina às autoridades britânicas que geriam o posto de controlo em Tarcento. Quando os guardas hesitaram, Halina abriu a mala. «Estamos a regressar a casa, para as nossas famílias», dissera, levando a mão aos cigarros restantes.

Era uma estranha sensação, andar pela primeira vez em solo italiano. Nechuma era a única do grupo que já lá estivera antes – costumava visitar Milão duas vezes por ano para comprar sedas e linhos para a loja. Para passar o tempo, e para se distrair das dores nos joelhos durante a descida através dos Alpes, contara histórias das suas viagens – de como os vendedores nos mercados de Milão a haviam alcunhado de *la tigre cieca*, «a tigresa cega», pois viajava de banca em banca a esfregar o tecido entre o polegar e o indicador, sempre de

olhos fechados, antes de fazer uma oferta. No que dizia respeito a qualidade, não havia como enganá-la – «Eu conseguia calcular o preço até à lira mais próxima», dissera com orgulho.

Uma vez em Itália, Halina pediu indicações para a aldeia mais próxima. De seguida, andaram mais seis horas, sem qualquer água. Já havia chegado o lusco-fusco e aproximavam-se do delírio quando bateram à porta de uma pequena casa nos arredores da cidade. Halina apercebera-se de que não estavam em condições de dormir mais uma noite expostos aos elementos, apenas com uma côdea de pão para comer e nada para beber, e ofereceu uma oração silenciosa para que, quem quer que os saudasse, olhasse para aquele grupo imundo e andrajoso com simpatia e não com desconfiança. Suspirou de alívio quando um jovem agricultor de olhos gentis e a sua esposa vieram à porta e lhes fizeram sinal para que entrassem. Nechuma conseguiu falar com eles utilizando o pouco italiano que conhecia, e em breve estavam a devorar pratos quentes de *pasta aglio e olio* apimentada. Nessa noite, todos os cinco Kurc dormiram melhor do que haviam dormido em vários meses, em cobertores que o casal espalhara pelo chão.

Na manhã seguinte, depois de terem oferecido um profuso agradecimento aos seus anfitriões italianos, os Kurc seguiram a pé, em direção à estação de caminhos-de-ferro. No caminho, cruzaram-se com um grupo de soldados americanos que emergiram dos jipes verdes quando Halina lhes mostrou um sorriso e acenou. Os americanos, um dos quais felizmente falava francês, estavam ansiosos por ter notícias da situação na Polónia. Abanaram as cabeças, incrédulos, quando Halina lhes falou, em traços breves, da inimaginável devastação em Varsóvia e do caminho que ela e a família haviam tomado para fugir de casa e chegar em segurança a Itália.

Antes de se separarem, um jovem sargento de olhos azuis, com o nome – T. O'DRISCOLL – cosido nas roupas militares, levou a mão ao bolso e se agachou ao lado de Felicia.

– Toma, querida – disse ele numa língua diferente de todas as que Felicia alguma vez ouvira. Ela corara quando o belo americano lhe entregou uma embalagem castanha e prateada. – É uma tablete Hershey. Espero que gostes – oferecera o sargento O'Driscoll.

– *Merci* – disse Mila, apertando a mão de Felicia.

– *Merci* – imitou Felicia baixinho.

– Para onde vão daqui? –, perguntou o americano, fazendo uma festa na cabeça de Felicia, enquanto se levantava. O soldado que falava francês traduziu.

– Ter com a nossa família em Bari – explicou Halina.

– Ainda vos falta muito até Bari.

– Tornámo-nos bastante bons a andar – dissera Halina sorrindo.

– Esperem aqui. – O sargente O'Driscoll partira e regressara alguns minutos depois, com uma nota de cinco dólares americanos. – De comboio é mais depressa – dissera, entregando a nota a Halina e devolvendo-lhe o sorriso.

Em frente, a Halina, Nechuma e Sol adormecem e despertam, os seus queixos abanando ao ritmo a que o comboio balança nos carris. Estudando-os como que pelos olhos de Genek, Halina vê o quanto a guerra os envelheceu. Parecem 20 anos mais velhos do que antes de terem sido fechados no gueto, obrigados a esconder-se, quase morrendo de fome.

– *Bari, cinque minuti*! – anuncia o condutor.

Mila desliza os dedos pelas cicatrizes do escorbuto que ainda marcam o pescoço e o rosto de Felicia. O cabelo chega-lhe já aos ombros e é louro das orelhas para baixo. Por baixo das pálpebras, os olhos de Felicia saltam. A testa estremece. Mesmo a dormir, apercebe-se Mila, a filha parece assustada. Os últimos cinco anos privaram-na da sua inocência. Uma lágrima escapa-se de um olho de Mila, desce-lhe pelo rosto e cai no colarinho da blusa de Felicia, deixando uma mancha pequena e redonda no algodão.

Mila limpa as lágrimas, a sua mente regressando de novo a Selim. Às perguntas que não consegue ignorar. O que irá ele pensar de Felicia, a filha que nunca conheceu? O que irá Felicia pensar *dele*. Ontem perguntara-lhe o que haveria de chamar a Selim. «Que tal simplesmente pai, para começar», sugerira Mila.

Alguns minutos mais tarde, quando o comboio começa a abrandar, o ritmo cardíaco de Mila acelera. Implora a si mesma que abrace a oferta do marido e do pai que ela e Felicia estão prestes a receber. Só Deus sabe o que terá acontecido à família *dele* – ao pai, o fabricante de relógios de meios modestos, aos seus oito

irmãos. Tanto quanto sabia, a irmã, Eugenia, emigrara para Paris, um irmão, David, para a Palestina; os restantes, acreditava, tinham permanecido em Varsóvia. Tentara localizá-los antes do levantamento, mas estes ou tinham partido sozinhos ou haviam sido enviados para longe – não conseguiu encontrar vestígios deles. É uma bênção, apercebe-se, reunir-se em breve com o marido, por entre a inconcebível tragédia que a guerra deixou atrás de si. A maioria das pessoas faria tudo para estar no seu lugar.

Os travões guincham. O cenário do outro lado da janela abranda cada vez mais. Mila consegue ver a estação de Bari a cerca de uma centena de metros mais à frente, e na plataforma, pessoas que aguardam. Ao mesmo tempo que acaricia suavemente o ombro de Felicia para a acordar, faz uma promessa a si mesma: Irá abraçar o marido de coração aberto. Irá pintar uma imagem de estabilidade, por mais difícil que possa ser. Por Felicia. O que acontecer a seguir – o que Selim pensar da rapariga no colo dela com o seu cabelo de duas cores e as feias cicatrizes cor-de-rosa que lhe marcam o rosto, se Felicia virá a aprender a amar o homem que não se recorda de ter conhecido – são coisas, diz Mila a si mesma, que mais vale deixar nas mãos do destino.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

A Família Kurc

BARI, ITÁLIA ~ AGOSTO DE 1945

É o caos na estação de Bari. Corpos alinhados em três filas de profundidade enchem a plataforma: homens de uniforme, crianças pequenas que agarram as mãos do que parecem ser avós, mulheres nos seus melhores vestidos, a acenar, erguendo-se em bicos dos pés, a parte de trás da barriga das pernas pintadas com longas linhas de carvão para darem a ilusão de meias.

Quando os Kurc descem do comboio, Halina lidera-os; Nechuma e Sol seguem logo atrás; Mila fecha a retaguarda, a alça de uma sacola de cabedal passada sobre um ombro, a mão segurando com força a de Felicia. Arrastam os pés para não pisarem os calcanhares uns dos outros, um grupo de cinco movendo-se como um.

– Vamos esperar aqui – chama Halina por cima do ombro, enquanto avançam através da multidão até um toldo onde se pode ler BARI CENTRALE e, ao seu lado, um sinal com uma seta para PIAZZA ROMA. Reunidos por baixo do toldo, permanecem próximos, erguendo-se num nó, procurando sobre a plataforma rostos familiares. Não estando habituados a ver Genek e Selim em trajes militares, recordam a si mesmos que devem procurar apenas homens com uniforme polaco.

– *Kurde* – resmunga Halina –, sou demasiado baixa. Não vejo nada.

– Tenta ouvir falar polaco – sugere Nechuma.

Há várias línguas a serem faladas na plataforma – italiano, claro, e algum russo, francês, húngaro. Mas, até ali, nada de polaco. Os italianos são os mais ruidosos. Movem-se devagar e falam com as mãos, gesticulando loucamente.

– Conseguem ver alguma coisa? – grita Halina sobre o ruído da multidão.

– Ainda não – diz Mila, abanando a cabeça. É a mais alta do grupo. Rodando sem sair do lugar, percorre com os olhos o mar de estranhos à sua volta, demorando-se ocasionalmente na parte de trás de uma cabeça até esta se virar, revelando um rosto que não tem qualquer semelhança com o do marido ou do irmão, saltando depois, rapidamente, para o rosto seguinte na multidão.

– *Mamusiu* –, chama Felicia, apertando a mão de Mila.

– Sim, querida?

– Estás a vê-lo?

Mila abana a cabeça e tenta sorrir.

– Ainda não, meu amor. Mas tenho a certeza de que está aqui. – Curva-se rapidamente para dar um beijo no rosto de Felicia.

Quando se endireita, os seus olhos veem algo na multidão e o seu coração faz uma pausa. Um perfil. Elegante. Alto. De cabelo escuro, embora com uma testa um pouco maior do que aquela de que se lembrava... poderá ser?

– Genek! – grita, agitando um braço por cima da cabeça. Atrás dela, Nechuma arqueja. Genek vira-se, os olhos brilhantes percorrendo os rostos na direção de onde ouviu chamar pelo seu nome, localizando finalmente Mila.

– Onde? Onde é que o vês? – grita Halina, saltando sem sair do lugar.

A voz de Genek levanta-se sobre as suas cabeças, de algum modo audível por entre a confusão.

– Mila! – Ergue o braço repentinamente sobre a cabeça, desalojando o boné de alguém que se encontrava à sua frente. Desaparece, por um momento. Para recuperar o chapéu e, quando volta à superfície, está a avançar na direção dela. – Fiquem aí! – grita Genek. – Irei ter convosco!

– É ele! É ele! É ele! – Halina, Sol e Nechuma ecoam a afirmação uns dos outros, saltitando rapidamente sem sair do lugar. Ouvir a voz de Genek é razão

suficiente para celebrar.

Mila deixa cair a sacola ao chão e ergue Felicia para a sua cintura. A rapariga ainda não conseguiu recuperar o peso que perdeu no *bunker* do convento – Mila consegue segurá-la facilmente na anca com um braço. Mila aponta para Genek.

– Estás a vê-lo? Ali mesmo. O teu tio, Genek! Ele é o mais elegante, com o sorriso grande e as covinhas. Acena! – Felicia sorri e acena juntamente com a mãe.

– E o pai? Está com ele? – A voz de Felicia é quase engolida pela cacofonia.

Um pensamento atinge Mila rapidamente e com força, como um malho num gongo: E se Selim não estiver ali? E se alguma coisa lhe tiver acontecido desde que se corresponderam pela última vez? E se ele tiver *partido?* E se não teve a coragem para se ir encontrar com eles? *Onde está tu, Selim?*

– Ainda não consegui ver o teu pai – começa, mas, à medida que o irmão se aproxima, apercebe-se de um corpo que o segue de perto. De cabelo escuro, ligeiramente mais baixo que Genek. Não o vira a princípio. – Espera. Acho que o vejo! Está logo atrás do teu tio.

Felicia estica o pescoço.

– Tu dizes olá primeiro – diz ela, subitamente tímida.

Mila acena e baixa Felicia para o chão. Tomando-lhe a mão.

– Está bem.

– Genek... está perto? – pergunta Nechuma – O Selim também está com ele?

Mila vira-se para olhar para a mãe.

– Sim, Selim está com ele. Vem – diz ela – tomando a mão de Nechuma e puxando-a suavemente para a colocar à sua frente. – O Genek está quase a chegar. Devias ser a primeira a saudá-lo.

Genek ficou preso atrás de um grupo de habitantes locais. Mila observa enquanto ele vai perdendo a paciência, vira o corpo de lado e abre caminho. Um par de homens vocifera com ele em italiano, mas não se deixa afetar.

As lágrimas que se acumularam nos olhos de Nechuma correm-lhe pelo rosto como água de uma comporta danificada quando vê, por fim, o filho mais velho a avançar na sua direção, ainda mais espantoso na sua farda do exército do que o

recordava.

– Genek! – é tudo o que consegue dizer quando ele a vê. Os olhos dele estão molhados também. Genek estende-lhe os braços e Nechuma retribui o gesto, fundindo-se num longo abraço, tremendo de riso e tristeza e de alegria crua e desinibida. Nechuma fecha os olhos, sentindo o calor do filho a radiar através dela ao mesmo tempo que Genek a embala suavemente de um lado para o outro.

– Senti tanto a tua falta, mãe.

Nechuma está demasiado emocionada para falar. Quando por fim se afasta, Genek limpa os olhos com as palmas das mãos e sorri para a família. Antes que consiga dizer uma palavra, Halina salta-lhe para os braços.

– Chegaram. – Genek ri. – Nem consigo acreditar que tenham andado tanto.

– Nem fazes ideia – diz Halina.

– E tu... – Genek sorri, maravilhando-se ao ver a sobrinha. – Olha para ti! Não eras maior do que um gatinho da última vez que te vi! – Felicia cora. Ele agacha-se e envolve Felicia com os braços, e depois Mila, que o abraça também com força.

– Oh, Genek, é tão bom ver-te – diz Mila.

Quando Genek, por fim, chega junto do pai, descobre-se a receber o abraço mais longo e mais sentido da vida.

– Também senti a tua falta, pai – diz ele, a garganta apertada.

Enquanto pai e filho se agarram um ao outro, Mila vira a atenção de novo para a multidão. Selim está a um metro de distância com o boné nas mãos. Os seus olhos fixam-se um no outro, por um momento, e Mila ergue uma mão desajeitadamente, como se fosse acenar. Depois faz sinal a Felicia para que se junte a ela.

– Não quis interromper – diz Selim, avançando para elas.

Mila mal consegue respirar ao assimilar a imagem do homem à sua frente: o seu cabelo castanho, cortado curto, os óculos redondos, a postura perfeita. Estava à espera que ele tivesse uma aparência diferente, mas na verdade, parece o mesmo. Abre a boca.

– Eu... Selim, eu... – mas depois de tantas semanas a ruminar o que dizer

naquele momento, descobre que as palavras lhe fugiram.

– Mila – diz Selim, avançando para ela.

Mila fecha os olhos quando ele a puxa contra si. Selim cheira a sabão. Depois de um abraço rápido, ela afasta-se e curva-se, tomando uma das mãos da filha na dela.

– Felicia, querida – diz ela baixinho, olhando para a filha e para Selim –, este é o teu pai.

Felicia segue o olhar da mãe, pousando os olhos no pai.

Selim tosse para limpar a garganta, olhando de Felicia para Mila. Mila levanta-se. *Vai*, acena. Selim baixa-se sobre um joelho para que Felicia não tenha de erguer os olhos para o fitar.

– Felicia... – começa, e depois engole em seco. Inspira, começa de novo. – Felicia, trouxe algo para ti. – Ele leva a mão ao bolso, retirando uma moeda de prata cunhada e entrega-a a Felicia. Esta segura-a na palma da mão estudando-a. – Uma jovem família na Pérsia deu-ma – acrescenta Selim –, depois de a ter ajudado no parto do bebé. Vês este leão aqui?

– Aponta para a gravação. – Leva consigo uma espada. Aqui está a sua coroa. E do outro lado... ele vira suavemente a moeda sobre a palma da mão de Felicia. – Este é o símbolo Farsi para o número cinco. Para mim, contudo, parece um coração.

Felicia esfrega o polegar sobre a gravação. Selim olha de novo para Mila, que sorri.

– Que prenda tão especial – comenta Mila, pousando a mão no ombro de Felicia, que olha de relance para a mãe e depois de novo para o pai.

– Obrigada, papá – diz Felicia.

Selim mantém-se em silêncio por um momento, enquanto observa a jovem menina à sua frente.

– Será que te posso dar um abraço, Felicia? – pergunta. Felicia aquiesce com um aceno de cabeça. Enquanto Selim envolve suavemente a esguia estrutura da filha com os braços, Felicia vira o rosto e pousa-o no ombro dele, e Mila tem de morder o lábio para se impedir de chorar.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

Jakob e Bella

Łodź, Polónia ~ outubro de 1945

É um comboio alemão. As letras escrevinhadas a tinta branca sobre os vagões de gado repletos de falhas e cor de ferrugem dizem KOBLEN, de Koblenz, de onde é originário.

Um soldado envergando a farda do Exército Nacional percorre os carris, fechando as portas dos vagões à medida que os passageiros que ainda se encontram na plataforma são ajudados a subir. Jakob e Bella são dois dos últimos a subir a bordo.

– Pronta? – pergunta Jakob.

Ao seu lado, Bella confirma com um aceno de cabeça. O filho, Victor, com dois meses, está a dormir nos seus braços.

– Tu primeiro.

Alguém colocou uma caixa de madeira junto ao vagão, tornando mais fácil a subida. Jakob entrega a mala, inspirando o aroma bafiento a pó e decadência. Estremece quando se iça da caixa para se sentar no limite do vagão, tentando afastar a imagem das centenas, milhares, talvez mais, que sem dúvida subiram para aquele mesmo vagão antes dele, com destino a locais como Treblinka, Chełmno e Auschwitz – nomes que agora são sinónimos de morte. Sente um

aperto no peito ao pensar que os pais de Bella decerto viajaram num comboio como aquele.

Bella olha para ele na plataforma e sorri, e Jakob fica quase em lágrimas. Está maravilhado com a força dela. Há dois anos, quase desistira de viver. Ele mal a reconhecia. Hoje, fá-lo recordar a rapariga por quem se apaixonou. Só que, agora, não são só eles. Agora são uma família. Jakob estende os braços.

– Cá vamos nós – sussurra Bella. – Já o agarraste? – pergunta, antes de o soltar.

– Já o tenho.

Jakob beija o rosto de Victor e, depois, prende-o no cotovelo e estende a mão livre para Bella. Quando os três estão no interior, as outras pessoas que se encontram no vagão aproximam-se de imediato. Há algo em Victor, no cheiro a leite e na pele acetinada do bebé que transmite esperança aos sobreviventes que se apinham à sua volta.

Ouve-se um apito.

– *Dwie minuty!* – grita o condutor. – Dois minutos! O comboio parte dentro de dois minutos!

O vagão está cheio, mas não sobrelotado. Jakob e Bella conhecem a maior parte dos rostos a bordo – vários são de Łódź, alguns de Radom. A maioria é constituída por judeus. Têm por destino o campo de refugiados em Estugarda, na Alemanha. Aí, segundo lhes disseram, a Administração das Nações Unidas para Auxílio e Reabilitação, que todos conhecem pelo seu acrónimo, UNRRA, e o Comité estabeleceram estruturas destinadas a providenciar aos refugiados condições hospitaleiras e, pela primeira vez desde que muitos conseguem recordar, um bom fornecimento de comida. Em Estugarda, esperam, serão capazes de comunicar com o tio de Bella no Illinois. E se tudo correr bem, a seu tempo, ser-lhes-á permitido emigrar para os Estados Unidos. Para a *América*. A palavra canta quando a pronunciam – acerca de liberdade, de oportunidade, de uma hipótese para começar de novo. *América.* Por vezes parece demasiado perfeito, como a última nota de um noturno que paira suspensa no tempo, antes de, inevitavelmente, se desvanecer e desaparecer. Mas é plausível, recordam a si mesmos. O seu apadrinhamento, esperavam, em breve seria aprovado e, depois, bastariam os três vistos.

Jakob e Bella falam frequentemente da ideia de o filho, caso o plano se concretize, crescer na América. O que irá significar apresentar Victor a um estilo de vida, uma linguagem e uma cultura completamente estranhas. *Decerto, ele ficará melhor*, dizem, embora não façam ideia do que implicará crescer americano.

Ouve-se um segundo aviso e Bella salta.

– Oh! – grita Jakob. – Quase me esquecia! – Transfere Victor para os braços de Bella, leva a mão à câmara e baixa-se rapidamente de novo para a plataforma.

Bella abana a cabeça, espreitando para ele a partir da porta do vagão.

– Onde vais? Estamos prestes a partir!

– Queria tirar uma fotografia – diz Jakob, acenando com a mão. – Aqui, rápido, olhem todos para este lado.

– *Agora?* – pergunta Bella, mas não discute. Faz um sinal aos outros para que se juntem a ela e todos se reúnem rapidamente à por ta. Em conjunto, erguem-se bem direitos e sorriem.

Através da lente da sua Rolleiflex, Jakob estuda os seus sujeitos. Adornados com gabardinas, vestidos de lã que pendem logo abaixo do joelho, blusas elegantes e sapatos de cabedal justos ao pé, o grupo parece, apercebe-se quando faz o foco perfeito, muito mais elegante do que devia, tendo em conta tudo o que aconteceu. Exaustos. Mas também – Jakob olha para cima de relance e sorri – orgulhosos. *Clique.* Tira a fotografia precisamente quando as rodas do comboio começam a girar.

– Depressa, meu amor! – chama Bella, e Jakob iça-se de novo para o vagão.

O soldado do Exército Nacional passa por eles e desliza a porta de baixo, fechando-a.

– Aberta? – pergunta, apontando para a porta de cima.

– Aberta – concordam rapidamente os passageiros do vagão.

– Como queiram – diz o soldado.

O comboio começa a andar devagar. Jakob e Bella estão junto à porta, observando o mundo do outro lado a deslizar, a princípio lentamente, depois mais depressa à medida que vão ganhando velocidade. Jakob agarra a porta de

madeira com uma mão e passa o outro braço em redor de Bella. Esta inclina-se para ele para se equilibrar, curvando-se para beijar o topo da cabeça de Victor. O filho olha para ela, sem pestanejar, sustendo o seu olhar.

– Até à próxima, *Polsko* – diz Jakob, embora ele e Bella saibam muito bem que provavelmente não haverá uma próxima vez.

À medida que o comboio acelera, Bella fita a fugaz paisagem citadina polaca, observando as fachadas de pedra do século XVII, os telhados de telhas vermelhas, a cúpula dourada da Katedra Świętego Aleksandra Newskiego.

– Adeus – sussurra, mas as suas palavras perdem-se, engolidas pelo som rítmico do comboio a chocalhar nos carris, acelerando para oeste, em direção à Alemanha.

O campo de refugiados de Estugarda Oeste não é tanto um campo quanto um quarteirão da cidade. Não há vedações nem fronteiras, apenas uma estrada com duas faixas no topo de um monte chamada Bismarckstrasse, orlada por uma fila de edifícios de ambos os lados, com três e quatro pisos de altura. O apartamento de Jakob e Bella está completamente mobilado, graças, segundo souberam, ao general Eisenhower, que fizera uma visita ao campo de concentração vizinho de Vaighoingenan der Enz logo depois do dia V-E. Chocado e furioso com o que ali ocorrera, pediu aos locais de Estugarda que oferecessem abrigo aos judeus que tinham vivido para ver o fim da guerra; quando estes se recusaram, perdeu a paciência e exigiu que saíssem. «Peguem nos vossos pertences, mas deixem o mobiliário, as porcelanas, as pratas e tudo o resto», ordenou, acrescentando: «Têm vinte e quatro horas.»

Embora a maioria dos judeus que chegava a Estugarda Oeste não tivesse quase nada – nem casa, nem família, nem um bem em seu nome –, o campo personificava uma bem-vinda sensação de renovação. Ajudava o facto de Bismarckstrasse ser o lar de uma mão-cheia de sobreviventes de Radom, incluindo o Dr. Baum, que Bella consultara por causa de uma amigdalite quando era criança e que, agora, vê o estado de saúde de Victor todos os meses. Também ajuda o facto de os deslocados poderem, finalmente, honrar as tradições e feriados que durante tanto tempo foram impedidos de celebrar. E, no final de novembro, quando foram convidados pelos capelões judeus do Exército dos

Estados Unidos para uma celebração em honra da primeira noite do Hanukkah na Casa da Ópera de Estugarda, sentiram-se extasiados. Jakob e Bella, juntamente com centenas de outros deslocados, tinham ido de elétrico até ao centro da cidade para assistir ao serviço para o qual só havia lugares de pé. Quando partiram, sentiam-se impregnados, pela primeira vez desde que se conseguiam lembrar, de uma avassaladora sensação de pertença.

No campo, ninguém falava acerca da guerra. Era como se os deslocados estivessem com pressa de esquecer os anos perdidos, começar de novo. E era isso que faziam. Na primavera, os romances no campo de refugiados estalavam como lírios de fogo. Havia casamentos aos fins de semana, e todos os meses nascia meia dúzia de bebés. Havia também um impulso para criar um sistema educativo, mais um luxo que fora, em grande medida, abandonado durante a guerra – para os jovens do campo. Os apartamentos eram convertidos em salas de aula onde as crianças assistiam a aulas de Sionismo e matemática, música, desenho e costura. Havia também aulas para adultos sobre prostética dentária, metalurgia, correaria, ourivesaria e bordado. Bella dava uma aula sobre o fabrico de roupas interiores, corpetes e chapéus.

Jakob e Bella passavam a maior parte dos dias, durante esses primeiros meses em Estugarda, a saltar entre o gabinete da UNRRA, onde um grupo de americanos racionava comida, roupas e outros bens necessários, e o Consulado Geral dos Estados Unidos, onde verificavam diariamente o estado dos seus documentos de emigração. «Alguma notícia do meu tio, Fred Tatar?», perguntava Bella a cada visita. Até ali, haviam recebido apenas um telegrama, quando chegaram ao campo: *A trabalhar no apadrinhamento*, escrevera o tio de Bella. Mas desde então que não tinham notícias.

Numa quente tarde de sábado, Bella e Victor estavam sentados num cobertor no limite de um campo de futebol improvisado, a poucos metros de Bismarckstrasse.

– Estás a ver o teu papá ali? – pergunta Bella, inclinando a cabeça para perto da de Victor e apontando. Jakob está de pé, com as mãos apoiadas na cintura, perto da baliza do adversário. Olha de relance na direção deles e acena. Jakob ajudara a criar a liga de futebol do campo; era um bom exercício e oferecia uma

distração perfeita dos documentos de emigração que aguardavam. Ele e os colegas de equipa praticavam todos os dias e competiam duas vezes por semana, acima de tudo contra equipas de outros deslocados judeus, mas ocasionalmente contra uma das equipas locais de Estugarda. Os jogos contra os alemães eram realizados num campo muito melhor do que os da Liga Judaica, mas Jakob estava habituado a isso desde os dias em que jogava contra as ligas polacas em Radom. Também está consciente do quão depressa um jogo pode correr mal, e consegue distinguir os alemães que estão a participar para se divertir daqueles que ainda alimentam uma óbvia sensação de ressentimento em relação aos judeus, a partir do momento em que entram no campo. Quando tem de enfrentar os últimos, é uma questão de minutos antes de começarem a ser lançados insultos – *Judeus imundos, ladrões intriguistas, porcos, merecem o que vos aconteceu*. Os homens da equipa de Jakob já se habituaram à hostilidade e embora fossem, muitas vezes, plenamente capazes de espancar os adversários, decidem inevitavelmente, reunindo-se durante o intervalo, que é do seu melhor interesse deixar os sacanas ganhar, pois não há como negar aquilo de que é capaz um grupo de homens irados dentro ou fora do campo.

Ouve-se um assobio. A partida terminou. Um dos joelhos de Jakob está esfolado e a camisa encontra-se manchada de castanho devido à terra, mas ele sorri. Aperta as mãos dos jogadores da equipa adversária (uma equipa amigável – Bella só assiste às partidas entre as equipas de judeus), e trota até à linha lateral.

– Olá, raio de sol! – diz ele, depositando um beijo suado nos lábios de Bella, e depois levando a mão a Victor. – Viste o meu golo, rapagão? Vamos dar uma corridinha de vitória? – Ele afasta-se, trotando com Victor nos braços.

– Tem cuidado, querido! – grita Bella atrás dele.– Ele ainda não consegue segurar bem a cabeça.

– Ele está ótimo – diz Jakob por cima do ombro, rindo. – Ele adora!

Bella suspira, vendo a cabeça quase careca de Victor a chocalhar enquanto Jakob corre em círculos antes de regressar ao cobertor. Victor está a sorrir tão loucamente que Bella consegue ver todos os seus quatro dentes.

– Quando achas que terá idade suficiente para dar uns pontapés na bola? – pergunta Jakob, uma vez terminada a corrida da vitória. Pousa Victor

suavemente ao lado de Bella sobre o cobertor.

– Muito em breve, meu amor – responde ela, rindo. – Muito em breve.

CAPÍTULO SESSENTA

Addy

Rio de Janeiro, Brasil ~ fevereiro de 1946

Addy percorre o passeio de calçada preta e branca da avenida Atlântica de Copacabana, conversando com um dos poucos polacos com quem mantém o contacto desde a viagem no *Alsina* – Sebastian, um escritor, originalmente de Cracóvia. Sebastian, como Addy, conseguiu apanhar boleia através do estreito de Gibraltar e para o *Cabo do Hornos* – «vendendo os botões de punho de ouro do meu avô», dissera. Ele e Addy não se veem frequentemente no Rio, mas quando o fazem, aproveitam a oportunidade para voltarem a utilizar a sua língua nativa. Falar a língua com que cresceram é, de certa maneira, reconfortante – um aceno a um capítulo das suas vidas, um tempo e um local que existem agora apenas nas suas memórias. Inevitavelmente, os seus encontros conduzem a discussões acerca das coisas triviais de que mais sentiam falta em relação à Polónia: para Sebastian, o cheiro das papoilas na primavera, a delícia doce repleta de geleia de pétalas de rosa de um *pączki z różą*, a emoção de viajarem para Varsóvia para assistirem a uma nova ópera no Teatr Wielki; e, para Addy, o prazer de ir a pé até ao cinema numa noite de verão, para ver o mais recente filme do Charlie Chaplin, parando pelo caminho para escutar as notas melódicas do Stradivarius de Roman Totenberg a flutuar das janelas abertas, o gosto irresistível dos biscoitos em forma de estrela da mãe mergulhados numa caneca quente de cacau doce e espesso depois de um dia passado a patinar no

gelo do lago do parque Stary Ogród.

Claro que, mais do que sentirem falta de *pączki* e de patinar no lago gelado, Addy e Sebastian tinham saudades das suas famílias. Durante algum tempo falaram demoradamente acerca dos pais e irmãos, comparando cenários infindáveis de como poderiam ali acabar; mas à medida que os meses, e depois os anos, iam passando sem notícias dos familiares que haviam deixado para trás, perguntar-se em voz alta acerca do seu destino tornou-se demasiado difícil e reduziram ao mínimo as conversas sobre a família.

– Tiveste notícias de Cracóvia? – pergunta Addy.

Sebastian abana a cabeça, dizendo-lhe que não.

– E tu, de Radom?

– Não – responde Addy, tossindo para limpar a garganta, tentando não parecer demasiado desiludido. Desde o dia V-E, como lhe chamara o presidente Harry Truman, Addy duplicou os seus esforços nas comunicações com a Cruz Vermelha, esperando, sonhando, rezando para que, com o fim da guerra, a sua família pudesse vir à superfície. Mas até ali, as únicas notícias que tivera foram as do estonteante número de campos de concentração descobertos em toda a Europa, em especial na Polónia. Todos os dias, aparentemente, as forças aliadas davam de caras com mais um campo, mais uma mão-cheia de sobreviventes quase mortos. Os jornais tinham começado a publicar fotografias. As imagens eram horripilantes. Nelas, os sobreviventes pareciam mais mortos do que vivos. A s suas tezes eram praticamente translúcidas, as maçãs do rosto, os olhos e os espaços por cima das clavículas ocos. A maioria enverga pijamas de prisão às riscas que pendiam miseravelmente das omoplatas demasiado afiadas. Estão descalços, as cabeças rapadas. Os que não têm camisa estão de tal modo emaciados que as suas costelas e os ossos das ancas se projetam a um palmo de distância das linhas da cintura. Quando Addy se depara com uma foto, não é capaz de afastar o olhar, fervendo de raiva e desespero, aterrorizado com a possibilidade de encontrar um rosto familiar.

A possibilidade de a família ter perecido nos campos de Hitler é demasiado real. Os seus irmãos às riscas. As suas belas irmãs deitadas, privadas dos seus cabelos. A mãe e o pai, abraçando-se enquanto respiravam pela última vez, os pulmões sufocados com os fumos tóxicos. Quando as imagens lhe invadem a

mente, afasta-as, pensando, em vez disso, nos pais e nos irmãos tal como os deixara – em Genek a levar a mão a um cigarro da sua cigarreira prateada; em Jakob a sorrir com o braço em redor dos ombros de Bella; em Mila às teclas do seu pequeno piano de cauda; em Halina a lançar o cabelo louro para trás num acesso de riso; na mãe com a caneta na mão sentada à escrivaninha; no pai à janela enquanto trauteia uma peça de *Casanova* de Różycki, a ópera que ele e Addy tinham visto juntos em Varsóvia no seu vigésimo aniversário. Recusa-se a recordá-los de qualquer outra maneira.

Sebastian muda de assunto e os homens conversam, semicerrando os olhos para o reflexo do sol da tarde nas ondas repletas de espuma de Copacabana.

– Vamos comer qualquer coisa? – pergunta Addy quando se aproximam da rocha do Leme, na ponta norte da praia.

– Sem dúvida. Toda esta conversa de *pączki* deixou-me com fome.

Na pedra, viram à esquerda para a Rua Anchieta e Addy aponta pra o apartamento de Caroline sobre a praia do Leme.

– Como *está* Caroline? – pergunta Sebastian.

– Está bem. Embora fale cada vez mais de regressar aos Estados Unidos.

– Ela levar-te-ia também, presumo? – pergunta Sebastian, sorrindo.

Addy sorri, envergonhado.

– O plano é esse. – Addy decidira, durante o verão, que não podia esperar mais para pedir a Caroline que fosse sua esposa. Tinham-se casado em julho, com Sebastian e a amiga de Caroline, Ginna, a seu lado. O sorriso de Addy desvanece-se quando pensa como será para Caroline regressar aos Estados Unidos sem os pais para lhe darem as boas-vindas. O pai dela, segundo lhe disse, morrera antes da guerra. A mãe falecera pouco depois de Caroline se ter mudado para o Brasil. *O que será pior?*, pergunta-se Addy: *perder os pais sem se poder despedir ou perder o contacto com eles sem saber se... quando... os voltarei a ver?* Ele digere o dilema enquanto anda. Caroline, pelo menos, tem respostas. Ele não. E se nunca as tiver? E se ficar, para o resto da sua vida, a perguntar-se o que terá acontecido à família? Ou pior – o que *poderia* ter acontecido, tivesse ele ficado em França e arranjado maneira de regressar à Polónia?

A memória de Addy salta para o último dia em que viu a mãe, na estação de

caminhos-de-ferro de Radom. Corria o ano de 1938. Quase uma década atrás. Ele tinha 25 anos. Fora a casa para o Rosh Hashaná, e ela acompanhara-o até à estação na manhã em que partiu. Levando a mão ao bolso do casaco, desliza os dedos pelo lenço que ela lhe dera nessa visita, recordando-se de como o abraçara com força enquanto esperavam pelo comboio, os braços de ambos entrelaçados; como lhe dissera que se mantivesse em segurança e lhe beijara o rosto, abraçando-o com força enquanto se despedia, acenando com o seu próprio lenço por cima da cabeça enquanto o comboio partia – acenando e acenando até não ser mais do que um pequeno ponto na plataforma, uma silhueta minúscula, sem qualquer vontade de partir até o comboio estar fora do seu campo visual.

– Vamos sentar-nos no Porcão – sugere Sebastian, e Addy pestaneja ao regressar ao presente. Acena com a cabeça.

Ainda não são cinco e as mesas de plástico espalhadas fora do Porcão já estão repletas de brasileiros que conversam e fumam sobre travessas de pastéis de bacalhau fritos e garrafas de Brahma Chopp. Addy olha de relance para uma mesa com três casais atraentes. As mulheres, reunidas numa das pontas, parecem envolvidas numa conversa entusiasmante; falam depressa, as suas sobrancelhas subindo e descendo ao ritmo da conversa, enquanto à sua frente, os parceiros de cabelos escuros se recostam nas cadeiras, fitando o cenário, os seus maxilares calmos, os cigarros pendurados entre dois dedos. Um dos homens parece tão relaxada que Addy se pergunta se ele não poderá adormecer e cair para o lado.

Addy e Sebastian fazem sinal a uma empregada, que indica com os dedos abertos que terão de esperar mais cinco minutos para obter uma mesa no exterior. Enquanto esperam, conversam acerca dos seus planos para o fim de semana. Sebastian está de partida naquela tarde para visitar um amigo em São Paulo. O único plano de Addy é passar tempo com Caroline. Olha para o relógio – são quase cinco. Em breve regressará a casa da embaixada. Addy está prestes a perguntar a Sebastian qual é a sua impressão de São Paulo – nunca lá foi – quando sente que lhe tocam no ombro e se vira. O jovem ao seu lado parece estar a meio da casa dos vinte, é elegante, com pálidos olhos verdes que o fazem pensar nos da sua irmã Halina.

– Desculpe-me, senhor? – diz o estranho.

Addy olha de relance para Sebastian e sorri.

– Um polaco! Ora esta!

O jovem parece envergonhado.

– Desculpe incomodá-lo. Não pude deixar de me aperceber que os dois estão a falar polaco, e por isso tenho de lhes perguntar... – Olha primeiro para Addy e depois para Sebastian. – Algum de vocês conhece, por acaso, um cavalheiro chamado *Addy Kurc*?

Addy inclina a cabeça para trás e emite um *Ha*! que soa mais como um grito do que como uma gargalhada, sobressaltando as pessoas que se sentam nas mesas mais próximas. O jovem olha de relance para os pés.

– Eu sei, é improvável – diz ele, abanando a cabeça. – Por outro lado, não há assim tantos polacos no Rio de Janeiro e tenho tido problemas em localizar este senhor Kurc, é tudo. Parece que a morada que temos nos arquivos é antiga.

Addy mudara-se para um novo apartamento na Carvalho Mendonça três semanas antes. Estende a mão.

– É um prazer conhecê-lo.

O jovem pestaneja.

– Você... *você* é Addy?

– Em que raio de problemas é que te meteste? – pergunta Sebastian com uma preocupação fingida.

– Não tenho a certeza – brinca Addy, os seus olhos continuando a cintilar. Olha de relance para Sebastian, pisca o olho e depois volta a sua atenção de novo para o jovem polaco à sua frente. – Diga-me o senhor.

– Oh, problema nenhum, senhor – diz o jovem, continuando a apertar a mão de Addy. – Trabalho para o consulado polaco. Recebemos um telegrama para si.

Addy sente-se ceder perante a palavra «telegrama». O jovem agarra-o com força na mão para o impedir que caia.

– Um telegrama de *quem*? – Addy está subitamente sério. Os seus olhos percorrem o rosto do estranho, como se se esforçassem para resolver um *puzzle*.

O jovem polaco explica que não pode divulgar qualquer informação até Addy o acompanhar à embaixada, que fica a meia hora de caminho de Leme.

– Os escritórios fecham dentro de dez minutos – acrescenta. – O melhor é

irmos... – Mas antes que consiga dizer segunda-feira, Addy desapareceu.

– Obrigado! – Addy grita por cima do ombro quando se volta. – Sebastian, devo-te uma cerveja! – grita.

– Vai! – diz-lhe Sebastian, embora Addy já esteja demasiado longe para o ouvir, o cimo da sua cabeça a baixar-se e a oscilar enquanto serpenteia entre os corpos bronzeados no passeio, movendo-se a um passo muito mais lento do que o seu.

Quando Addy chega à embaixada está ensopado em suor, até ao algodão branco da camisola interior. Passam dez minutos das cinco. A porta do edifício está trancada. Ele bate com os nós dos dedos contra a madeira até alguém, por fim, atender.

– Por favor! – implora, ofegante, quando lhe dizem que a embaixada está fechada. – Recebi um telegrama. É muito importante.

O funcionário da embaixada olha para o relógio.

– Lamento, senhor, mas... – começa, mas Addy interrompe-o.

– Por favor– gagueja. – Farei qualquer coisa.

É óbvio para ambos que «a embaixada está fechada» não é uma resposta com que Addy se contente. O cavalheiro à porta acena por fim, soltando a gravata.

– Está bem – suspira, fazendo sinal a Addy para o seguir.

Param num pequeno gabinete com uma placa onde se pode ler M. SANTOS.

– O senhor é Santos? – pergunta Addy.

O cavalheiro abana a cabeça e Addy segue-o até ao gabinete.

– Eu sou o Roberto. O Santos está encarregue de receber os telegramas. Ele guarda aqueles que ainda não arquivou aqui. – Roberto contorna a secretária. – Sente-se – diz, apontando para a cadeira, ao mesmo tempo que retira os óculos do bolso da camisa, os coloca e espreita para a pilha de quinze centímetros de altura do que parecem ser cartas acabadas de escrever.

Addy está demasiado nervoso para se sentar.

– Eu sou Addy – diz ele. – Addy Kurc.

– Soletre o seu nome – diz Roberto. – Primeiro o apelido. – Lambe o polegar,

empurra os óculos pela cana do nariz.

Addy soletra o nome e depois começa a andar para trás e para a frente, mordendo a língua. Tem de recorrer a todas as suas forças para se manter em silêncio. Por fim, Roberto faz uma pausa, retira um papel da pilha.

– «Addy Kurc» – lê, e, de seguida, olha para ele. – É o senhor?

– Sim! Sim! – Addy leva a mão à carteira.

– Não é preciso identificação – indica Roberto, acenando com a mão. – Acredito que seja quem diz ser. – Ele olha de relance para o telegrama e depois desliza-o sobre a secretária para Addy. – Parece que chegou há duas semanas, vindo da Cruz Vermelha.

Addy pega no papel e prepara-se. As más notícias surgiriam nos jornais, na lista de mortos, mas um telegrama... Ele diz a si mesmo que um telegrama não significa más notícias. Agarrando o papel fino com as duas mãos, segura-o perto do nariz e lê.

QUERIDO IRMÃO – EXTASIADO POR TE VER NA LISTA DA CRUZ VERMELHA ESTOU COM AS IRMÃS E OS PAIS EM ITÁLIA – JAKOB AGUARDA POR VISTO PARA OS ESTADOS-UNIDOS. ENVIA NOTÍCIAS – COM AMOR GENEK

Addy devora as palavras na página. As cartas que Caroline escrevera para as estruturas da Cruz Vermelha por todo o mundo há quase dois anos. Uma delas deve ter, de alguma maneira, encontrado o irmão. Ele abana a cabeça, pestaneja e, subitamente, é como se estivesse a flutuar num reino que não pertence àquele corpo. De algures, perto do teto da embaixada, fita a sala por baixo, o Roberto, ele próprio, ainda a segurar o telegrama, as minúscula letras pretas espalhadas pelo papel. É apenas o som das suas próprias gargalhadas que o trazem de volta à terra.

– Faça-me um favor – diz Addy, devolvendo o telegrama por cima da secretária a Roberto. – Importa-se de mo ler? Quero ter a certeza de que não estou a sonhar.

Enquanto Roberto lê a mensagem em voz alta, o riso de Addy desvanece-se e a sua cabeça torna-se leve. Encosta-se à secretária com uma mão, tapa a boca com a outra.

– Está bem? – Roberto parece, subitamente, preocupado.

– Eles estão vivos – sussurra Addy para os dedos. As palavras alojam-se-lhe no coração e ele endireita-se, levando as palmas das mãos às têmporas.

– Eles estão *vivos*. Será que posso... será que posso ver isso outra vez?

– É seu – diz Roberto, devolvendo o telegrama às mãos de Addy. Este segura o papel contra o peito por um momento, e fecha os olhos. Quando os abre, as lágrimas correm pelos cantos dos olhos, reunindo-se a contas de suor ao mesmo tempo que lhe escorrem pelo rosto. – Obrigado! – diz. – *Obrigado*!

29 DE MARÇO DE 1946: *Um grupo de 250 polícias alemães, armados com espingardas do Exército dos Estados Unidos, entra no campo de refugiados de Estugarda, alegando terem sido autorizados pelo exército dos Estados Unidos a conduzir buscas nos edifícios. Seguem-se confrontos e vários judeus são feridos. Samuel Danziger, de Radom, é assassinado. A sua morte, juntamente com o ataque, são amplamente divulgados na imprensa americana; pouco depois os Estados Unidos divulgam uma política mais liberal na abertura das suas portas aos refugiados judeus.*

CAPÍTULO SESSENTA E UM

Jakob e Bella

Mar do Norte ~ 13 de maio de 1946

Na proa do *SS Marine Perch*, Jakob ergue a sua Rolleiflex e ajusta as aberturas enquanto olha pela lente para a mulher e o filho. Uma brisa constante rola sobre o mar, salgada e fria, transportando consigo uma lufada de primavera. Bella tem Victor nos braços, sorrindo ao mesmo tempo que o *clique* do obturador de Jakob enche o espaço entre ambos.

Tinham zarpado de Bremerhaven nessa manhã, seguindo o rio Weser em direção ao Mar do Norte, ao fim da tarde, o *Perch*, como era agora afetuosamente chamado, virará a sua proa para oeste, preparando-se para atravessar o Atlântico.

Três semanas antes, haviam recebido confirmação do Consulado Geral dos Estados Unidos em Estugarda de que – dependendo dos resultados do exame físico (os refugiados com graves problemas de saúde não eram autorizados a entrar nos Estados Unidos) – o apadrinhamento fora aprovado, e os vistos estariam à sua espera em Bremerhaven. O Dr. Baum fizera o exame e passado Jakob e Victor com distinção. Foram fotografados e tinham-lhes sido emitidos certificados de identificação. Duas semanas depois tinham-se despedido dos amigos em Estugarda e subido a bordo de um comboio noturno. Em Bremerhaven dormiram durante uma semana no chão, por baixo de um sinal

onde se lia área intermédia para emigrantes até o *Marine Perch* entrar no porto e terem sido autorizados a subir a bordo.

O *Perch* é um navio de transporte militar com capacidade para 1000 passageiros – um dos primeiros do seu género a levar refugiados da Europa para a América. Um Navio da Liberdade. Sem quaisquer poupanças em seu nome, Jakob e Bella dependiam do Comité para pagar os 142 dólares das passagens de ambos; este até oferecera cinco dólares a cada um dos refugiados a bordo. Antes de deixarem Estugarda, Jakob e Bella tinham poupado as suas rações de café da UNRRA, trocando os muito procurados grãos macios por camisas limpas – uma azul para Jakob e uma branca com colarinho de pontas arredondadas para Bella – e um novo gorro de algodão branco para Victor. Queriam estar no seu melhor, quando o tio Fred os saudasse em solo americano.

Uma jovem aproxima-se, arrulhando. Desde que subiram a bordo do navio, mal passou um minuto sem que alguém parasse para perguntar a idade de Victor, onde nascera, ou simplesmente para dar os parabéns a Bella e Jakob pelo jovem viajante que os acompanhava até aos Estados Unidos.

– *Quel âge a t'il?* – pergunta a jovem, espreitando por cima do braço de Bella.

– Fará um ano em agosto – responde Bella em francês.

A jovem sorri.

– Como se chama?

– Chamamos-lhe Victor. – Bella toca com as costas do indicador no rosto de Victor. Ela e Jakob não tinham demorado muito a decidir o que chamar ao seu primogénito. *Victor* resumia a euforia que sentiram quando a guerra terminara finalmente e puderam aceitar a ideia de que, apesar de todos os desafios, aparentemente intransponíveis, que haviam enfrentado pelo caminho, não só conseguiram sobreviver como criar uma nova vida. Um dia, quando ele tiver idade para isso, pensavam muitas vezes Jakob e Bella, o filho compreenderia o significado do seu nome.

A mulher inclina a cabeça e acena, os olhos fixos nos lábios cor-de-rosa, em forma de coração de Victor, ligeiramente apartados enquanto dorme.

– É lindo.

Bella também o olha.

– Obrigada.

– Dorme tão pacificamente.

Bella acena com a cabeça, sorrindo.

– Sim, parece que não tem preocupação alguma neste mundo.

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

A Família Kurc

Rio de Janeiro, Brasil ~ 30 de junho de 1946

– É melhor apressares-te – diz Caroline, sorrindo a Addy a partir da sua cama na ala da maternidade do Hospital Samaritano. – Vai – acrescenta, no seu melhor tom de professora, indicando que não aceitará um não como resposta. – Nós ficamos bem. – Com a sua pronúncia do sul da América, a palavra *bem* é longa e de limites soltos.

Addy olha para ela e depois para Kathleen, que dorme numa incubadora aos pés da cama. Nascera dois dias antes, prematura de três semanas, pesando uns meros dois quilos. É saudável, garantem os médicos, mas precisa do calor e do oxigénio da incubadora, durante pelo menos uma semana antes de poder deixar o hospital. Addy beija a esposa.

– Caroline – diz ele, de olhos molhados –, obrigado.

Não só Caroline o ajudou a encontrar a família através da Cruz Vermelha, como trocou os títulos de guerra americanos, a única poupança que tinha em seu nome, para ajudar a pagar a passagem da família dele a partir de Itália. Addy implorara-lhe que não o fizesse – jurara que haveria de descobrir uma maneira de pagar os bilhetes –, mas ela insistira.

Caroline abana a cabeça.

– Por favor, Addy. Estou tão feliz por ti. Agora vai! – insiste, apertando-lhe a

mão. – Antes que fiques atrasado.

– Amo-te! – Addy sorri, depois corre para a porta.

O navio dos pais deve chegar ao Rio às onze horas. A bordo, com Nechuma e Sol, seguem a irmã Halina e o cunhado Adam, juntamente com um primo deste, Ala, que perdera o contacto com a família no início da guerra, mas que sobrevivera escondido, escrevera Nechuma, e Zigmund, o irmão de Herta, que Addy só vira uma vez antes da guerra. Genek, Herta e o filho destes, Józef; Mila, Selim e Felicia; e os primos de Addy, Franka e Salek e a tia Terza, devem chegar ao Rio no próximo navio vindo de Nápoles. *Quinze* elementos da família. Addy nem consegue digerir bem a realidade de tudo aquilo. Tem sido o seu único sonho desde que chegou ao Brasil: encontrar a família viva e bem, trazê-la para o Rio, para começarem de novo juntos. Disse a si mesmo, repetidamente, que o cenário era plausível, mas houve sempre a possibilidade muito real de que não fosse – que o seu sonho fosse isso mesmo, um sonho, um sonho que acabaria por resvalar para o reino do pesadelo e assombrá-lo para o resto da vida.

E, depois, chegou o telegrama e Addy passou semanas a rir e a chorar, de súbito sem saber como deveria comportar-se sem o peso da culpa e da preocupação que se tinham agarrado, como lapas, às suas entranhas durante grande parte da década. Sentia-se agora mais leve e desembaraçado – «Sinto-me *livre*», dissera a Caroline, certa vez, quando ela lhe perguntou como se sentia. Era a única maneira de descrever a sensação. Livre, finalmente, para acreditar com todo o seu coração que não estava sozinho.

Respondera de imediato ao telegrama de Genek, implorando-lhe que viesse para o Rio – Vargas tinha, por enquanto, aberto de novo as portas do Brasil aos refugiados. A família em Itália concordou prontamente. Solicitariam os vistos de imediato, escreveu Genek. O processo de aquisição da documentação e da passagem para a América do Sul seria lento, claro, mas daria tempo a Addy para se preparar para a sua chegada.

Mal foi tomada a decisão, Addy pôs-se a trabalhar nas suas futuras residências: para os pais, um apartamento na Avenida Atlântica, para Halina e Adam, um estúdio ao fundo da rua do seu, na Carvalho Mendonça; para os primos e a tia Terza, um apartamento com dois quartos na Rua Belfort Roxo. Mobilou cada espaço com uma mão-cheia de peças de mobiliário fundamentais

que construiu à mão – camas, uma secretária, dois conjuntos de prateleiras. Com a ajuda de Caroline reuniu uma miscelânea de pratos, talheres e alguns tachos e panelas, assim como algumas e telas com obras de arte baratas para pendurar nas paredes, compradas na feira de São Cristóvão. Os apartamentos eram esparsos; seriam ofuscados pela bela casa na Rua Warszawska onde passou a juventude, mas são o melhor que consegue arranjar.

– Espero que não se impor tem de viver como estudantes universitários durante algum tempo – disse Addy com um suspiro, antes do nascimento de Kathleen, olhando em redor do apartamento que os pais em breve habitariam. A simples secretária de contraplacado que construíra na semana anterior parecia subitamente cómica quando comparada com a bela escrevinha de pau-cetim que recordava da sala de estar da mãe em Radom.

– Oh, Addy – assegurou-lhe Caroline –, não consigo imaginar que se sintam outra coisa senão gratos.

As palmeiras que flanqueiam a Rua Bambina são um risco verde na periferia da visão de Addy, enquanto este acelera no *Chevrolet* que pediu emprestado a Sebastian para a ocasião. Abana a cabeça. Par te dele sente-se como se estivesse a viver uma espécie de fantasia. Dois dias antes sentira, pela primeira vez, a mão minúscula do seu primogénito a envolver-lhe o mindinho – e em breve sentiria o toque da mãe, do pai, das irmãs, do irmão e dos primos, da sobrinha que ainda não conhecera, de um novo sobrinho. Imaginou a reunião uma e outra vez. Mas nada – nada em todo o mundo, apercebe-se – o pode preparar para o que será ver a família em carne e osso. Sentir o calor do rosto deles contra o seu. Ouvir o som das suas vozes.

Enquanto conduz, a sua mente viaja no tempo, para a manhã, em Toulouse, em março de 1939, quando abriu a carta da mãe a dizer-lhe o quanto as coisas tinham começado a mudar em Radom. Pensa na sua passagem pelo exército francês, no facto de ter forjado os papéis de desmobilização, que ainda leva consigo na carteira de pele de cobra. Imagina-se de braço dado com Eliska, a bordo do *Alsina,* a regatear com os habitantes locais em Dakar, a usar a sua lábia para escapar do campo de tendas de Kasha Tadla, em Casablanca, e a entrar no *Cabo do Hornos.* Recorda a viagem através do Atlântico, as semanas de encarceramento na Ilha das Flores, o seu primeiro trabalho como encadernador

no Rio, as suas inúmeras visitas ao posto dos correios de Copacabana e às estruturas da Cruz Vermelha. Pensa na festa de Jonathan, do quão depressa e violentamente lhe batera no peito o coração, enquanto reunia a coragem para se apresentar a Caroline. Pensa no funcionário de olhos verdes do consulado que se apresentara à porta do Porcão, nas palavras estampadas no telegrama fino como um lenço de papel que recebera – palavras que, de uma assentada, mudaram tudo. Já se passaram quase oito anos desde que viu a sua família pela última vez. Oito anos! Têm quase uma década para pôr em dia. Por onde haverão de começar? Há tanto para descobrir, ele tem tanto para contar.

Addy chega ao porto às onze em ponto. Estaciona apressadamente, quase arrancando da consola o travão de mão do *Chevrolet*, e corre em direção ao edifício de tijolos branco da alfândega que o separa da baía de Guanabara. Já esteve naquele edifício quatro vezes – duas quando chegou ao Rio, e duas no último mês para confirmar os pormenores do que irá acontecer, exatamente, quando a sua família chegar. Serão acompanhados do navio para um gabinete de controlo de passaportes, segundo lhe disseram, e daí para um outro gabinete onde lhes será colocada uma série de perguntas antes de os vistos serem confirmados e carimbados. Não lhe será permitido saudá-los enquanto o processo não estiver concluído.

Demasiado excitado para esperar no interior, Addy contorna o edifício da alfândega, estacando quando, de súbito, a sua vista alcança a baía. Há dezenas de pequenas embarcações de pesca no porto, e um par de cargueiros, mas apenas um que poderia estar a transportar a sua família. A menos de quinhentos metros de distância, um navio de transporte flutua na sua direção, lançando o vapor de um par de turbinas gigantescas, para o céu sem nuvens. É enorme. O *Duque de Caxias*. Só pode ser!

À medida que o navio se aproxima, Addy consegue distinguir as silhuetas minúsculas dos passageiros que se alinham na proa, mas é impossível diferenciar uma figura da seguinte. Protege os olhos do sol, semicerrando-os, e fita o horizonte, enquanto percorre a doca, contornando dezenas de pessoas que se reuniram para saudar o navio. O *Duque* move-se com uma lentidão insuportável. Addy anda para trás e para a frente, no final da doca. Por fim, não aguenta mais.

– *Olá!* – chama, acenando para um pescador que passa a remar no seu

pequeno barco. O velho ergue os olhos. Addy tira cinco cruzeiros do bolso. – Posso pedir-lhe o barco emprestado?

Sentado no banco de madeira do pequeno barco a remos, Addy rema de costas para o *Duque*, observando os tijolos brancos do edifício da alfândega a ficarem mais pequenos a cada remada. Desliza para lá de uma boia que marca o final da zona da baía onde os navios não podem deixar rasto, e um capitão que segue para a costa apita na sua direção «*Perigoso*!», mas Addy rema com mais força ainda, avançando para águas profundas, olhando de relance, ocasionalmente, para trás de si, de modo a avaliar o seu progresso.

Quando as pessoas reunidas na doca para saudarem os recém-chegados não passam de pontinhos no horizonte, Addy pousa os remos, o coração a bater como um metrónomo a 120 batidas por minuto, por baixo da camisa. Arquejante, lança os pés por cima do banco, virando-se de modo a ficar de frente para o *Duque*. Protegendo os olhos do sol, levanta-se lentamente, os pés afastados para se equilibrar, esquadrinhando a proa do navio. O que não daria para conseguir um vislumbre de um rosto familiar! Sem sorte. Ainda está demasiado longe. Baixa-se para se sentar, vira-se, ficando de novo de costas para o barco e rema para mais perto.

Está a 30 metros do *Duque* quando os seus tímpanos ganham vida, lançando uma onda de energia através do seu corpo. Reconhece a voz – a voz que, durante a maior parte de uma década, só ouviu em sonhos.

– Aaaa–dy!

Larga os remos dentro do pequeno barco e levanta-se, cambaleante – demasiado depressa – quase caindo borda fora antes de recuperar o equilíbrio. É então que a vê, a acenar com um lenço por cima da cabeça, tal como fizera no dia em que ele a deixara na estação de comboios: a sua mãe. E, ao lado dela, o pai, que agita uma bengala, para cima e para baixo, como se estivesse a abrir buracos no céu. Ao lado dele, a irmã acena freneticamente com um braço, segurando um grande embrulho no outro – um bebé, talvez. Seria mesmo da sua irmã querer surpreendê-lo com uma notícia daquelas. Addy inclina o pescoço e olha para a família, os braços esticados e abertos por cima da sua cabeça, num V gigante – se conseguisse esticar-se só um bocadinho mais, conseguiria tocar-lhes. Grita os nomes deles e eles respondem ao grito, e agora ele está a chorar, e

eles também, até o pai.

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

A Família Kurc

Rio de Janeiro, Brasil ~ 6 de abril de 1947

Addy e Caroline apertaram dezoito cadeiras, duas cadeiras altas e um banquinho em redor de três mesas de cartas encostadas umas às outras, na sala. A maior parte do mobiliário é emprestado. O forno esteve ligado o dia quase todo, libertando calor que transformou o seu pequeno apartamento numa espécie de sauna, mas ninguém parece reparar ou, se reparam, não se importam. A conversa, o bater das porcelanas e o cheiro do *matzá* acabado de cozer enchem o apartamento, enquanto a família dá os últimos retoques a uma refeição há muito antecipada – o primeiro Pessach que celebram juntos desde o estalar da guerra. Há seis meses, um navio chamado *Campana* trouxe o que restava da família para o Rio de Janeiro. As únicas pessoas que faltam são Jakob, Bella e Victor. Jakob escreve frequentemente. Arranjou emprego nos Estados Unidos como fotógrafo, disse na sua carta mais recente. Costumava incluir uma fotografia ou duas na sua correspondência, a maior parte das vezes de Victor, que fará dois anos dentro de alguns meses. Em ocasiões especiais envia um telegrama. Recebera um no início daquele dia:

A PENSAR EM VOCÊS EM ILLINOIS. L'CHAIM. J

Depois do jantar vão telefonar-lhe do apartamento do vizinho, decide Addy.

Sol arranja a mesa, trauteando enquanto alisa a toalha que Nechuma costurou a partir de um pequeno rolo de renda que tinham trazido de Nápoles. Pousa o seu Hagadá junto ao seu lugar, numa das pontas da mesa e os livros de orações que conseguiram reunirem cada uma das cadeiras.

Na cozinha, Nechuma e Mila distribuem tigelas de água salgada, descascam ovos e verificam o forno a espaços de alguns minutos para terem a certeza de que não cozem demasiado o *matzá*. Mila mergulha uma colher numa panela de sopa e sopra para limpar o caldo antes de estender a colher para que a mãe o prove.

– O que falta?

Nechuma limpa a mão ao avental e leva a colher à boca. Sorri.

– Apenas aquilo que engoli!

Mila ri-se. Há anos que não ouve a mãe utilizar aquela expressão.

À mesa, Genek serve generosas porções de vinho, olhando de relance para Józef, de quando em vez, que acaba de celebrar o seu sexto aniversário, enquanto brinca com a prima mais velha Felicia, que fará nove em novembro. Estão sentados no chão junto à janela, mergulhados num jogo de micado, discutindo em português se Józef tocou ou não num pauzinho azul com um dedo na sua última jogada.

– Tocaste, eu vi-o mexer! – diz Felicia exasperada.

– Não toquei nada – insiste Józef.

Adam também está sentado no chão, ao lado do seu filho de um ano, Ricardo, que parece absolutamente satisfeito em observar a prima de dez meses que gatinha em círculos à sua volta.

– Ela já vai estar a correr ainda tu não aprendeste a levantar-te – brinca Adam, apertando uma das roliças coxas de Ricardo.

Ricardo nasceu a 1 de fevereiro no hospital Frederico II de Nápoles. Em setembro, contudo, alguns meses depois de a família ter chegado ao Rio, Halina «perdeu» convenientemente o seu certificado de nascimento italiano e candidatou-se a um novo. Quando os oficiais de naturalização brasileiros perguntaram a idade do filho, Halina mentiu e disse que ele tinha nascido em agosto, em solo brasileiro. Halina e Adam tinham concordado – Ricardo fazia

melhor em deixar a sua identidade europeia para trás. Com a família de Adam desaparecida – ficara, por fim, a saber que tinham perecido em Auschwitz – e com a família de Halina agora no Brasil e nos Estados Unidos, não lhes restavam quaisquer ligações à sua terra natal. Se os oficiais brasileiros houvessem observado atentamente as amplas papadas de Ricardo, teriam sem dúvida deduzido que ele era demasiado grande para ter nascido há apenas um mês. Mas Ricardo estava a dormir, escondido por baixo de um monte de cobertores, no seu carrinho, e os oficiais não prestaram muita atenção. Passado um mês, foi-lhe emitido o seu *segundo* certificado de nascimento, desta feita brasileiro, com uma data de nascimento de 15 de agosto de 1946. O verdadeiro aniversário de Ricardo, decidiram, deveria manter-se em segredo.

Ao lado de Adam, Caroline ajoelha-se no chão mostrando a Herta como enfaixar o seu segundo filho, Michel, de apenas duas semanas.

– Nechuma ensinou-me a fazer isto para a Kathleen – disse ela baixinho, ajustando o suave pano de musselina por baixo de Michel. Caroline temera, antes da sua chegada, o que a família de Addy podia pensar dela: a americana que o filho chamara para a sua vida, que nada sabia dos sofrimentos e privações que tinham suportado. Addy garantira-lhe repetidamente que a iam adorar. «Já adoram», disse ele, «Tu és a razão por que eles aqui estão, lembras-te?»

Herta acena com gratidão e Caroline sorri, grata por, apesar da barreira linguística, poder ajudar.

– O truque é prender os braços – acrescenta, demonstrando enquanto fala.

No canto da sala onde Addy tem o giradiscos – uma despesa de última hora antes da chegada da família –, ele e Halina percorrem uma pequena coleção de discos, discutindo o que tocar a seguir. Addy sugere Ellington, mas Halina opõe-se.

– Vamos ouvir algo local – diz ela. Optam pelo jovem compositor e violinista brasileiro Cláudio Santoro. Addy ajusta o volume quando começa a primeira peça (um solo para piano com uma melodia moderna com um toque de *jazz*) e observa, sorrindo, quando do outro lado da sala, o pai agarra na mãe, lhe envolve a cintura com um braço e a faz mover ao ritmo da música, com os olhos fechados.

Falta um pouco para as seis quando o jantar fica pronto. La fora, o céu

começou a escurecer. É o final do outono no Rio, e os dias são curtos, as noites frescas. Addy baixa o volume do giradiscos antes de afastar a agulha; a sala silencia-se enquanto os outros ocupam os seus lugares. Caroline e Halina sentam Ricardo e Kathleen nas cadeiras altas e prendem aos seus colarinhos guardanapos de algodão. À sua frente, Genek toca na cadeira ao seu lado e dá um pequeno beliscão nas costelas de Józef quando o seu filho mais velho desliza para a cadeira. Józef afasta a mão de Genek, semicerrando os olhos azuis e mostrando-lhe um sorriso com covinhas. Herta deita o irmãozinho de Józef, Michel, confortavelmente envolto nas suas faixas, na antiga alcofa de Kathleen.

À frente de Genek, Mila e Selim sentam-se com Felicia entre eles.

– Estás muito bonita – sussurra Selim a Felicia. – Gosto do teu laço – acrescenta.

Felicia leva a mão à fita azul-escura – uma prenda de Caroline – que mantém no lugar o seu rabo de cavalo. Ela sorri timidamente, sem saber ainda como aceitar exatamente um cumprimento do pai, mas apreciando as suas palavras; têm a capacidade para a encher de felicidade.

Terza, Franka, Salek, Ala e Zigmund sentam-se nas restantes cadeiras.

Quando Sol ocupa o seu lugar à cabeceira da mesa, Nechuma oferece a Caroline uma caixa de fósforos. Normalmente, é Nechuma quem acende as velas – é tradição de Pessach que a mulher mais velha da casa o faça – mas a matriarca insistira. «A casa é tua» dissera ela, quando Addy lhe perguntara se ela iria fazer as honras. «Posso dizer as orações, mas agradar-me-ia muito se Caroline acendesse as velas.»

Caroline hesitara inicialmente em aceitar a responsabilidade. Não só era o seu primeiro Pessach, como é o primeiro feriado passado com a sua nova família – estava disposta a fazer qualquer coisa para ajudar, dissera, mas preferia fazê-lo de um modo mais resguardado. «O momento não é meu», insistira. Addy convencera-a, dizendo-lhe o quanto significaria para ele e para a mãe.

Caroline acende o fósforo e leva a chama aos dois pavios. Ao seu lado, Nechuma recita uma oração de abertura. Quando a oração está completa, as mulheres ocupam os seus lugares, Caroline ao lado de Addy e Nechuma na cabeceira da mesa oposta em relação ao marido, e a atenção é virada para Sol.

Sol olha à sua volta, saudando silenciosamente todos os presentes à mesa, os seus olhos cintilando à luz da vela. Por fim, o seu olhar repousa em Nechuma, que inspira fundo, puxa para trás os ombros e baixa o queixo num gesto que lhe diz que comece. Sol devolve-lhe o gesto. Nechuma observa os seus ombros erguerem-se e descerem, perguntando-se, por um momento, se o marido iria chorar. Se o fizer, apercebe-se, sentindo um aperto na garganta, também o fará, decerto. Mas depois de um momento Sol sorri. Abrindo o seu Hagadá, ergue o copo.

– *Barukh atah Adonai eloheinu*... – entoa em tom de barítono e, de imediato, todos os adultos na pequena mesa ficam com os braços arrepiados.

A bênção de Sol é curta:

– Abençoado sejas, Senhor nosso Deus, Mestre do universo, que nos mantiveste vivos e nos alimentaste. E que nos trouxeste a este momento especial.

As palavras repousam delicadamente no ar húmido, enquanto a família escuta a voz profunda de Sol. O significado da sua oração. *Nos mantiveste vivos. Nos alimentaste. Nos conduziste a este momento especial.*

– Hoje – acrescenta Sol – celebramos o Festival do Matzá, o tempo da nossa libertação. Ámen.

– Ámen – entoaram os outros com os copos erguidos.

Sol recita a bênção das *karpas* e a família mergulha talos de salsa nas pequenas tigelas de água salgada.

À sua frente, Nechuma observa os rostos belos – os filhos e os respetivos esposos, os cinco netos, os primos e os cunhados, repousando o olhar por um momento na cadeira deixada vazia para Jakob. Olha de relance para o relógio, uma prenda de Addy («Por todos os aniversários que perdi», dissera-lhe); Jakob, distante no Illinois, está sem dúvida sentado no seu próprio jantar de Pessach naquele mesmo momento, a celebrar com a família de Bella.

Quando Nechuma levanta a cabeça, tem os olhos rasos de lágrimas, e os rostos à sua volta ficam desfocados. Os seus filhos. Todos eles. Saudáveis. Vivos. A prosperar. Passara tantos anos a temer o pior, a imaginar o inimaginável, o coração vazio de temor. É surreal recordar tudo agora, pensar nos locais por onde passaram, no caos e na morte e na destruição que haviam

seguido cada um dos seus passos. A s decisões que haviam tomado e os planos que haviam orquestrado, sem que soubesse se viveria para ver a família, ou se eles viveriam para a ver. Tinham feito o que podiam, depois esperado, rezado. Mas agora – agora já não havia mais esperas. Estavam ali. A família. Final e milagrosamente completa. As lágrimas correm pelo rosto de Nechuma, enquanto ela oferece o seu agradecimento silencioso.

Um instante depois, sente calor. Uma mão no cotovelo. É a mão de Addy. Nechuma sorri e faz-lhe sinal, com um aceno de cabeça, de que está bem. Ele sorri, os seus próprios olhos molhados, e entrega-lhe o seu lenço. Depois de limpar as lágrimas, abre o lenço sobre as coxas, deslizando os dedos pelas letras bordadas a branco, AAIK, recordando-se da atenção com que as bordara e do dia em que o dera a Addy.

À sua frente, Sol parte um pedaço do *matzá* para reservar para os *afikoman*. Mila sussurra algo ao ouvido de Felicia. Halina faz saltitar Ricardo no seu joelho, mantendo-o satisfeito ao mergulhar os dedos numa tigela de água salgada ao lado do prato e oferecendo-lhe para provar. Genek envolve com um braço Józef e com o outro Herta, as mãos pousadas nos seus ombros. Herta sorri e olham de relance para Michel que dorme pacificamente na sua alcofa.

Herta descobrira que estava grávida não muito depois de saber que a irmã Lola, o cunhado e a sobrinha – todos exceto o seu irmão Zigmund – haviam morrido num campo de concentração perto de Bielsko. As notícias tinham-na deixado abatida e perguntava-se como poderia prosseguir sabendo que era tia de uma menina que jamais conheceria, sabendo que Józef conheceria os avós maternos apenas pelo nome. Durante meses, permanecera cega de tristeza e de raiva e de remorso, acordada noite fora interrogando-se – haveria alguma coisa que pudesse ter feito para os ajudar? A sua gravidez ajudara-a a recuperar o controlo sobre si mesma, a recorrer à resiliência que a ajudara a sobreviver aos anos de exílio na Sibéria, como mãe sozinha na Palestina, aguardando notícias da frente. E quando o seu segundo filho nasceu, em março, ela e Genek concordaram prontamente em chamar-lhe Micel em memória do pai dela.

Um prato de *matzá* é passado em redor da mesa e Felicia agita-se no seu assento. Sendo ela a mais nova capaz de ler, o avô pediu-lhe que recitasse as quatro perguntas. Tinham praticado juntos todos os dias durante várias semanas,

com Felicia a fazer as perguntas e Sol a cantar as respostas.

– Estás pronta? – o tom de Sol é gentil.

Felicia acena com a cabeça, inspira fundo e começa.

– *Mah nishtanah halaila hazeh*... – canta. A sua voz, suave e pura como mel, lança um feitiço sobre a sala. Os outros sentem-se arrebatados.

No final do *maggid*, Sol recita uma bênção sobre uma segunda taça de vinho, e outra sobre o *matzá*, um canto do qual ele parte e come. Tigelas de rábano picante e *charoset* são passadas para as bênçãos do *maror* e do *korekh.*

Quando é, por fim, tempo de comer, a conversa estala ao mesmo tempo que as tigelas de sopa com *matzá* são distribuídas e as travessas de *gefilte* salgado, frango assado com tomilho e saborosa carne do lombo são passadas em redor da mesa.

– *L'chaim!* – diz Addy, à medida que os pratos se vão enchendo.

– *L'chaim!* – entoam os restantes.

Com os estômagos cheios, a família deixa a mesa, e Sol desliza da sua cadeira. Passou semanas a planear o local perfeito para esconder os *afikoman*, e dado que se trata do primeiro Pessach tradicional que Józef e Felicia irão recordar, fez questão, no início do dia, de explicar o significado do ritual. Esconde o *matzá* por trás de uma fila de livros, numa prateleira baixa no quarto de Addy e Caroline – não demasiado difícil para que Józef o encontre nem demasiado fácil para Felicia. Quando regressa, as crianças largam a correr ao longo do pequeno corredor, e os adultos sorriem, ao ouvir o som dos seus passos que se afastam rapidamente. Sol sorri e Nechuma abana a cabeça. Finalmente, foi concedido o seu desejo – celebrar entre as crianças com a idade suficiente para apreciar a caçada. Não consegue senão imaginar todo o planeamento que envolverá o local do esconderijo do ano seguinte, quando Ricardo e Kathleen também forem capazes de participar.

Felicia regressa passados alguns minutos, levando consigo o guardanapo.

– Foi demasiado fácil! – diz Sol, quando ela lhe apresenta o *matzá*. – Venham – diz ele, fazendo sinal a Felicia e Józef para se juntarem a ele na cabeceira da mesa. Com um neto de cada lado, Sol abraça-os. – Então diga-me, *mademoiselle*

Kajler – diz ele, subitamente sério, baixando a voz algumas oitavas – quanto está a pedir por este *afikoman*?

Felicia não sabe o que dizer.

– Que tal um cruzeiro? – oferece Sol, indo pescar ao bolso uma moeda e pousando-a na mesa. Os olhos de Felicia abrem-se muito e ela fita-o, acabando por levar a mão à moeda. – Só isso? – brinca Sol, antes de ela apanhar a moeda. Felicia está confusa. Olha para o avô, os dedos a pairar ainda sobre o cruzeiro. – Não achas que mereces mais? – pergunta Sol, piscando o olho aos restantes que observam. Felicia nunca regateara antes. Esta é a sua primeira lição. Faz uma pausa e, depois, afasta os dedos sorrindo.

– *Mais!* Vale mais! – declara, e depois cora quando a mesa começa a rir.

– Bem, se insistes. – Sol suspira pousando um segundo cruzeiro na mesa.

Felicia volta a levar a mão à moeda, instintivamente, mas desta vez para, olhando para Sol. Deixa cair a mão ao lado do corpo, abana a cabeça, orgulhosa de si por ter resistido.

– És dura a regatear – diz Sol, enchendo de ar as bochechas e exalando ruidosamente, voltando a levar a mão ao bolso. – O que achas, meu jovem; devemos oferecer-lhe um pouco mais? – pergunta, virando-se para Józef, que tem estado a acompanhar, enfeitiçado.

– *Sim, dziadek, sim!* – exclama, acenando entusiasticamente com a cabeça.

Quando o bolso de Sol fica vazio, ele ergue as mãos sobre a cabeça, derrotado.

– Levaram tudo o que tenho! – declara. – Mas, minha jovem – acrescenta pousando a mão no topo da cabeça ruiva de Felicia –, mereceste-o. – Felicia sorri, beija o rosto do seu *dziadek*. – E tu, meu cavalheiro – diz Sol, virando a sua atenção para Józef. – Trabalhaste com afinco, estou certo disso. Talvez para o ano sejas *tu* a roubar o *afikoman*! – Retira uma última moeda do bolso da camisa e coloca-a na palma da mão de Józef. – Agora vão, os dois. Sentem-se. Estamos quase a terminar o nosso Pessach.

As crianças regressam aos seus lugares na mesa, Józef sorrindo, Felicia agarrando a sua coleção de cruzeiros e apertando-o no punho, abrindo-o ligeiramente para mostrar ao pai. Selim oferece-lhe *oohs* silenciosos, de olhos

muito abertos.

Os copos de vinho são cheios por uma terceira e depois uma quarta vez, enquanto Sol recita uma oração ao profeta Elias, para quem deixaram a porta do apartamento aberta. Cantam «*Eliyahu Ha-Navi*» e Addy, Genek, Mila e Halina recitam, à vez, os salmos.

Quando Sol pousa o copo vazio, olha uma vez mais em redor da mesa, sorrindo.

– O nosso Seder está completo! – diz, a sua voz carregada de orgulho e algo solta do vinho. Sem hesitar, começa a cantar: «*Adir Hu*» e os restantes juntam-se a ele, as vozes tornando-se cada vez mais sonoras e enfáticas a cada refrão.

Yivneh veito b'karov,
Bim'heirah, bim'heirah, b'yameinu b'karov.
Eil b'neih! Ei-l b'neih!
B'neih veit'kha b'karov!

Que ele reconstrua em breve a sua casa,
Depressa, depressa e no nosso tempo, em breve.
Deus, reconstrói! Deus, reconstrói!
Reconstrói em breve a tua casa!

– Já é tempo? – entoa Halina. – Podemos dançar? – seguindo a dica, os irmãos saltam das cadeiras e as mesas são afastadas, as janelas abertas o máximo permitido pelas suas estreitas estruturas. No exterior, caiu a escuridão.

Addy inclina a cabeça para fora da janela para inspirar a noite. Por cima dele, a lua cheia lança o seu brilho prateado através do céu de veludo e sobre a rua empedrada em baixo. Addy semicerra os olhos para a lua, sorri e depois regressa para o interior.

– Primeiro Mila – diz Genek.

– Estou sem prática – diz Mila, sentando-se no banco do piano –, mas darei o meu melhor. – Toca a *Mazurka em Si-bemol maior* de Chopin – uma peça

popular, animada, com uma energia tão intrinsecamente polaca que os Kurc se aquietam por um momento à medida que as notas enchem os seus corações com memórias de casa. Apesar dos anos que passou longe das teclas, a interpretação de Mila é impecável. Halina toca a seguir, e depois é a vez de Addy. Este faz a família levantar-se com uma animada interpretação de «Strike Up the Band», de Gershwin. Na rua, os transeuntes levantam as cabeças, sorrindo perante os risos e melodias que jorram das janelas abertas dos Kurc, quatro pisos mais acima.

Já passa da meia-noite. Estão estendidos por toda a sala, tombados nas cadeiras, esticados no chão. As crianças dormem. «Shine» de Louis Armstrong flutua do gira-discos.

Addy está sentado ao lado de Caroline no sofá. A cabeça dela encostada à almofada das costas, os olhos fechados.

– És uma santa – sussurra Addy, entrelaçando os dedos nos dela, e Caroline sorri, os olhos ainda fechados. Não só conseguira realizar a chamada para os Estados Unidos para falarem com Jakob, reunindo-se toda a família na sala dos vizinhos para o poder cumprimentar, como se revelou uma anfitriã cortês, paciente, cuidando com os seus modos calmos e silenciosos os poliglotas ruidosos que lhe enchiam a casa pequena. Durante toda a noite, pareciam estar a ser faladas em simultâneo três línguas – polaco, português e ídiche – e nem por uma vez haviam falado inglês. Mas se Caroline se sentiu de todo incomodada, nunca o revelou.

Caroline abre os olhos, vira a cabeça para fitar Addy. A sua voz é suave, sincera.

– Tens uma família linda – diz ela.

Addy aperta-lhe a mão e recosta-se para descansar a sua própria cabeça na almofada do sofá, batendo suavemente o pé ao ritmo da música.

Só porque uso sempre um sorriso

Gosto de me vestir na última moda

Porque me sinto feliz por estar vivo

Enfrento todos os problemas com um sorriso

Addy trauteia a música, desejando que a noite nunca termine.

Nota da autora



Com um ano, na companhia do meu avô

Quando eu estava a crescer, o meu avô Eddy (o Addy Kurc da minha história) era, tanto quanto eu conseguia perceber, cem por cento americano. Era um homem de negócios de sucesso. O seu inglês, aos meus ouvidos, era perfeito. Vivia numa casa grande e moderna, ao cimo da rua da nossa, com janelas panorâmicas do chão ao teto, um alpendre perfeito para receber visitas e um Ford no acesso. Nunca pensara muito no facto de as únicas canções para crianças que alguma vez me tivesse ensinado fossem em francês, que ketchup (*un produit quimique*, como lhe chamava) fosse banido por completo da sua dispensa, ou que tivesse construído ele mesmo metade das coisas da sua casa (a engenhoca que lhe segurava o sabonete com um íman por cima do lavatório para o manter seco; os bustos de barro dos filhos nas escadas; a sauna de cedro na cave; os cortinados da sala, tecidos no seu tear caseiro). Achava engraçado quando ele dizia coisas como «não lances as tuas ervilhas de para-quedas» à mesa de jantar

(o que raio significaria isso?), e ligeiramente irritada quando ele fingia não me ouvir se eu respondesse às suas perguntas com um «iá» ou um «hã-hã» – «sim» era a única resposta afirmativa que cumpria os seus padrões gramaticais. Olhando para trás, suponho que os outros pudessem rotular estes hábitos como excêntricos. Mas eu, filha única só com um avô ainda vivo, nada conhecia de diferente. Tal como era surda à ligeira inflexão que a minha mãe me diz agora que ele demonstrava na sua dicção do inglês, era cega às suas bizarrias. Eu adorava profundamente o meu *papa*; ele era simplesmente quem era.

Claro que havia coisas no meu avô que me impressionavam imensamente. A sua música, para começar. Eu nunca conhecera uma pessoa tão dedicada à sua arte. As suas prateleiras estavam repletas de discos de 33rpm, alfabeticamente ordenados por compositor e com livros de reportório para o piano. Havia sempre música a tocar em sua casa – *jazz*, *blues*, clássica, por vezes um álbum seu. Chegava muitas vezes e encontrava-o às teclas do seu *Steinway*, um lápis n.º 2 preso atrás da orelha enquanto dedilhava as melodias de uma nova composição, que praticava e afinava, e praticava um pouco mais, até se sentir feliz com ela. De quando em vez, pedia-me que me sentasse ao seu lado enquanto tocava, e o meu coração acelerava quando o observava de perto, esperando o subtil aceno que significava que era tempo para virar para a página seguinte da sua pauta de música. «Merci, Georgie», dizia-me ao chegar ao final da peça, e eu sorria-lhe, orgulhosa por ter ajudado. A maior parte dos dias, depois de o meu avô terminar o trabalho, perguntava-me se queria uma lição e eu respondia sempre que sim – não porque partilhasse a sua a finidade pelo piano (nunca fui muito boa nisso), mas porque sabia como ele ficava por me ensinar. Tirava um livro para principiantes da prateleira e eu pousava os meus dedos hesitantes nas teclas, sentindo o calor da sua coxa contra a minha, e tentava com grande afinco não cometer quaisquer erros enquanto ele me acompanhava pacientemente através de algumas barras de *Sinfonia Surpresa* de Haydn. Eu queria muito impressioná-lo.

Para além da proeza musical do meu avô, a sua capacidade para falar sete línguas deixava-me espantada. Atribuía a sua fluência ao facto de ter escritórios por todo o mundo e família no Brasil e em França, embora a única familiar da sua geração que conhecesse pelo nome fosse Halina, uma irmã de quem era particularmente próximo. Ela visitou-nos algumas vezes, a partir de São Paulo e, de quando em vez, um primo da minha idade viajava de Paris para ficar

connosco durante algumas semanas, no verão, e aprender inglês. Na sua família, ao que parecia, todos tinham de falar pelo menos duas línguas.

O que eu *não sabia* acerca do meu avô quando era miúda é que ele tinha nascido na Polónia, numa cidade que fora outrora o lar de mais de 30 000 judeus; que o seu nome de nascimento não era Eddy (como mais tarde se rebatizou), mas Adolf, embora ao crescer todos o tenham tratado por Addy. Eu não fazia ideia de que ele era um de cinco filhos, ou que passara quase uma década da sua vida sem saber se a família havia sobrevivido à guerra ou se tinham perecido em campos de concentração ou entre os milhares executados nos guetos da Polónia.

O meu avô não escondera de mim estas verdades de um modo intencional – eram, tão-só, pedaços de uma vida anterior que ele optara por deixar para trás. Na América tinha-se reinventado, dedicando por inteiro a sua considerável energia e criatividade ao presente e ao futuro. Não gostava de remoer o passado e eu nunca pensara em perguntar-lhe acerca dele.

O meu avô morreu de Parkinson em 1993, quando eu tinha 14 anos. Um ano depois, um professor de inglês do liceu escolheu para trabalho da nossa turma um projeto «I-Search» cuja intenção era ensinar-nos capacidades investigatórias enquanto procurávamos pedaços do nosso passado ancestral. Com a memória do meu avô tão fresca, decidi sentar-me para uma entrevista com a minha avó, Caroline, a sua esposa de quase cinquenta anos, para ficar a saber mais acerca da sua história.

Foi durante esta entrevista que ouvi falar, pela primeira vez, de Radom. Na altura não fazia ideia de quão significante fora outrora este local para o meu avô, ou de quão importante se tornaria para mim – de tal maneira que, daí a 20 anos, eu seria levada a visitar a cidade, a percorrer as suas ruas empedradas, imaginando como poderia ter sido crescer ali. A minha avó apontou Radom no mapa e eu perguntei-me em voz alta se, depois da guerra, o meu avô teria regressado à sua velha cidade natal. *Não* dissera a minha avó. *Nunca teve qualquer vontade de regressar.* Explicou em seguida que ele tivera a sorte de estar a viver em França quando os nazis invadiram a Polónia, em 1939, e que fora o único membro da sua família a escapar da Europa no início da guerra. Disse-me que tinha estado, outrora, noivo de uma mulher checa que conhecera a

bordo de um navio chamado *Alsina*; que ela o conhecera no Rio de Janeiro, numa festa em Ipanema; e que a filha mais velha de ambos, Kathleen, nascera no Rio de Janeiro, poucos dias antes de ele se ter reunido com a família – pais e irmãos, tias e tios, e primos que já não via e de quem não ouvia falar há quase uma década. De algum modo, tinham sobrevivido milagrosamente a uma guerra que aniquilara mais de 90 por cento dos judeus da Polónia e (descobriria mais tarde) todos os 30 000 judeus de Radom, exceto 30 0.

Uma vez a sua família instalada no Brasil, explicou a minha avó, ela e o meu avô mudaram-se para os Estados Unidos onde a minha mãe, Isabelle e o meu tio Tim nasceram. O meu avô não perdeu tempo a mudar o seu nome de Adolf Kurc (que se pronuncia «Koortz» em polaco) para Eddy Courts, ou realizar o juramento da cidadania americana. *Era um novo capítulo para ele*, disse a minha avó. Quando lhe perguntei se ele mantivera alguns hábitos do Velho Mundo ela acenou com a cabeça. *Falava pouco do seu passado judeu e ninguém sabia que ele tinha nascido na Polónia – mas ele tinha as suas peculiaridades.* Tal como o piano era uma parte integrante da sua própria educação, o meu avô insistira que os filhos praticassem um instrumento todos os dias. As conversas à mesa tinham de ser em francês. Bebia expresso muito antes de os seus vizinhos terem sequer ouvido falar disso, e adorava regatear com os vendedores ao ar livre da Haymarket Square de Boston (de onde regressava, frequentemente, com uma língua de vaca envolta em papel, insistindo que se tratava de uma iguaria). O único doce que permitia em casa era o chocolate preto, trazido das suas viagens à Suíça.

A entrevista com a minha avó deixou-me a cabeça a andar à roda. Era como se tivesse sido erguido um véu e eu pudesse ver claramente o meu avô pela primeira vez. Aquelas peculiaridades, aqueles traços que considerara excentricidades – muitos deles, apercebia-me agora, podiam ser atribuídos às suas raízes europeias. A entrevista também suscitou um grande número de perguntas. *O que acontecera aos seus pais? Aos seus irmãos? Como é que sobreviveram à guerra*? Insisti com a minha avó para que me transmitisse os pormenores, mas ela só foi capaz de partilhar escassos factos acerca dos seus cunhados. *Conheci a sua família depois da guerra*, dissera, *pouco falavam das suas experiências.* Em casa, pedi à minha mãe que me contasse tudo o que sabia. *O avô costumava falar contigo acerca de ter crescido em Radom? Ele falou-te*

da guerra? A sua resposta era sempre não.

E então, no verão de 2000, algumas semanas depois de ter terminado a faculdade, a minha mãe ofereceu-se para organizar uma reunião da família Kurc na nossa casa em Martha's Vineyard. Os primos concordaram – já não se viam há imenso tempo e muitos dos seus filhos nunca se tinham conhecido. Era tempo de uma reunião. Mal a ideia foi semeada, os primos (são dez ao todo) começaram os preparativos para a viagem e, quando julho chegou, a família voou de Miami, Oakland, Seattle e Chicago, e de cidades tão distantes quanto o Rio de Janeiro, Paris e Telavive. Com filhos e esposos incluídos, éramos trinta e dois ao todo.

Em cada noite da reunião, a geração da minha mãe, juntamente com a minha avó, reunia-se no alpendre das traseiras, para jantar e conversar. Na maior parte das noites passava o tempo com os meus primos, estendidos sobre os sofás da sala, comparando *hobbies* e gostos e filmes. (Como é que era possível que os meus primos brasileiros e franceses conhecessem a cultura pop americana melhor do que eu?) Na última noite, contudo, vagueei até ao exterior, instalando-me num banco de piquenique ao lado da minha tia Kath, e escutei.

Os primos da minha mãe conversavam calmamente, apesar de terem educações e línguas nativas claramente diferentes e de muitos não se verem há décadas. Havia risos, uma canção – uma música de embalar polaca que Ricardo e a irmã mais nova, Anna, recordavam das suas infâncias, que lhes fora ensinada pelos avós, diziam – uma piada, mais gargalhadas, um brinde à minha avó, a única representante da geração do meu avô. As línguas alternavam-se frequentemente a meio das frases entre o inglês, o francês e o português; tinha de me esforçar por acompanhar. Mas consegui, e quando a conversa passou para o tema do meu avô e da guerra, inclinei-me.

Os olhos da minha avó cintilaram quando ela contou como vira o meu avô pela primeira vez no Rio de Janeiro. *Demorei anos a aprender português*, disse ela. *Eddy aprendeu inglês em poucas semanas.* Referiu quão obcecado era o meu avô com os idiomas americanos e como não tinha coragem para o corrigir sempre que os errava nas conversas. A minha tia Kath abanou a cabeça ao recordar o hábito do meu avô de tomar banho com a roupa interior vestida – uma maneira de tomar banho e lavar a roupa ao mesmo tempo, quando estava de

viagem; *ele faria qualquer coisa*, disse ela, *em nome da eficiência.* O meu tio Tim recordava como o meu avô o envergonhava, quando era miúdo, por meter conversa com estranhos, todos, desde os empregados de mesa aos transeuntes na rua. *Ele conseguia falar com qualquer pessoa*. Disse, e os outros riram, acenando com a cabeça e, pela maneira como os seus olhos brilharam, percebi como o meu avô era querido pelos seus sobrinhos e sobrinhas.

Ri-me juntamente com os outros, desejando ter conhecido o meu avô quando era jovem, e depois silenciei-me quando um primo brasileiro, Józef, começou a contar histórias do seu próprio pai – o irmão mais velho do meu avô. Genek e a esposa, Herta, fiquei a saber, tinham estado exilados durante a guerra, num *gulag* da Sibéria. Senti que os meus braços se arrepiavam enquanto Józef contava que tinha nascido nos blocos que serviam de dormitório, no pino do inverno, como os seus olhos congelavam com o frio da noite e a mãe utilizava o calor do seu leite para, a cada manhã, os abrir suavemente.

Ao ouvir aquilo, tive de recorrer a todas as minhas forças para não gritar: *Ela fazia o quê?* Mas por chocante que fosse aquela revelação, outras se seguiriam em breve, cada uma mais espantosa do que a anterior. Havia a história da travessia dos Alpes austríacos de Halina – grávida; de um casamento secreto numa casa às escuras; de identificações falsas e tentativas de último recurso para esconder uma circuncisão; de uma arrojada fuga do gueto; de uma pungente evasão de um campo de morte. O meu primeiro pensamento foi: *Porque só agora sei estas coisas?* E depois: *alguém precisa de escrever estas histórias.*

Na altura, não fazia ideia de que esse *alguém* seria eu. Não fui para a cama, nessa noite, a pensar que ia escrever um livro acerca da história da minha família. Eu tinha 21 anos, com uma licenciatura acabada de tirar debaixo do braço, concentrada em encontrar um emprego, um apartamento, um lugar no «mundo real». Quase uma década se passaria antes de eu partir para a Europa com um gravador digital e um caderno de apontamentos vazio para começar a entrevistar familiares acerca das experiências da família durante a guerra. Nessa noite, contudo, adormeci com uma sensação vibrante no estômago. Estava inspirada. Intrigada. Tinha uma imensidão de perguntas e ansiava por respostas.

Não faço ideia de que horas eram quando, por fim, deixámos o alpendre e nos dirigimos aos nossos quartos – recordo-me apenas de que foi Felicia, uma das

primas da minha mãe, a última a falar. Ela era um pouco mais reservada do que os restantes, apercebi-me. Enquanto os primos eram sociáveis e desinibidos, Felicia era séria, reservada. Quando falava, havia tristeza nos seus olhos. Nessa noite ficara a saber que ela tinha pouco mais de um ano no início da guerra, quase sete quando terminara. As suas memórias eram ainda afiadas, ao que parecia, mas partilhar as experiências deixava-a desconfortável. Passar-se-iam anos antes que conseguisse, suavemente, revelar a sua história. Mas lembro-me de pensar que quaisquer que fossem as memórias que tinha dentro de si deviam ser muito dolorosas.

«A nossa família», dissera Felicia com a sua carregada pronúncia francesa, o seu tom sóbrio, «não devia ter sobrevivido. Pelo menos não em tão grande número.» Fez uma pausa, escutando a brisa que agitava as copas dos carvalhos ao lado da casa. Os restantes ficaram em silêncio. Sustive a respiração, esperando que ela continuasse, que oferecesse algum tipo de explicação. Felicia suspirou e levou a mão ao ponto do seu pescoço onde a pele ainda estava marcada, mais tarde ficaria a saber, devido a um caso de escorbuto quase fatal que contraíra durante a guerra. «É um milagre em muitos aspetos», disse por fim, olhando para as árvores. «Nós tivemos sorte.»

Aquelas palavras permaneceriam comigo até o ardor do desejo de compreender como, exatamente, os meus familiares tinham desafiado tais probabilidades por fim se apoderou de mim e não pude deixar de partir em busca de respostas. *Nós tivemos sorte* é a história da sobrevivência da minha família.

Desde então

Quando, por fim, percorri as ruas de Radom, enquanto escrevia este livro, a cidade natal dos Kurc já fora reconstruída e parecia amigável, pitoresca; mas sabendo o que sei agora, acerca da sua devastadora história durante o Holocausto, não é de surpreender que, no final da guerra, regressar à Polónia nunca tenha sido, para os meus familiares, uma opção. Em baixo está uma breve explicação de onde os Kurc decidiram instalar-se depois de terem chegado em segurança às costas das Américas. (Note que usei aqui o nome verdadeiro de Bella, Maryla. Mudei-o no livro porque senti que Maryla era, foneticamente, demasiado próximo de Mila e poderia ser confuso para os leitores.)

«Casa», para os Kurc depois da guerra, foi o Brasil, os Estados Unidos e, mais tarde, França. A família manteve um contacto próximo, sobretudo por carta, e visitavam-se tão frequentemente quanto possível, muitas vezes pelo Pessach.

Mila e Selim permaneceram no Rio de Janeiro, onde Felicia frequentou a faculdade de medicina. Depois de terminar os estudos, conheceu um francês e, alguns anos depois, mudaram-se para Paris para começar família. Depois da morte de Selim, Mila seguiu a filha para França. Hoje, o neto de Mila vive na sua antiga casa no 16^{éme} Arrondissement, a poucos quarteirões de Felicia e do seu marido, Louis, de cujo elegante apartamento se vê a Torre Eiffel. Mila manteve um contacto próximo com a freira que aceitou abrigar Felicia durante a guerra. Em 1985, graças à nomeação de Mila, a irmã Zygmunta foi postumamente honrada com o título de Justa Entre as Nações.

Halina e Adam estabeleceram raízes em São Paulo, onde nasceria a irmã de

Ricardo, Anna, em 1948. Partilharam uma casa com Nechuma e Sol, e Genek e Herta viviam perto com os seus dois filhos, Józef e Michel. Para compensar *Herr* Den por lhe salvar a vida durante a guerra, Halina enviava-lhe regularmente cheques para Viena. Ela e Adam nunca contaram ao seu primogénito acerca do seu nascimento; Ricardo já estava na casa dos 40 e a viver em Miami, quando descobriu que tinha nascido em solo italiano e não no Brasil como afirmava a sua certidão.

Nos Estados Unidos, Jakob e Maryla instalaram-se em Skokie, Illinois, onde nasceu o irmão mais novo de Victor, Gary, e onde Jakob (Jack, para os seus amigos e familiares americanos) prosseguiu a carreira como fotógrafo. Permaneceram próximos de Addy (que mudara o seu nome para Eddy) e Caroline, que se instalaram em Massachusetts, em 1947, onde a irmã de Cathleen (a minha mãe), Isabelle, e o irmão Timothy nasceram. Eddy viajava frequentemente para se encontrar com a família no Illinois, no Brasil e em França, e continuou a fazer música; produziu uma série de discos, tanto populares como clássicos, compondo até à sua morte.

Em 2017, são mais de 100 os netos de Nechuma e Sol, juntamente com os seus esposos e progenitura. Estamos espalhados pelo Brasil, Estados Unidos, França, Suíça e Israel; as nossas reuniões de família são eventos verdadeiramente globais. Entre nós há pianistas, violinistas, violoncelistas e flautistas; engenheiros, arquitetos, advogados, médicos e banqueiros; carpinteiros, motociclistas, realizadores e fotógrafos; oficiais da marinha, organizadores de eventos, donos de restaurantes, DJ, professores, empreendedores e escritores. Quando nos juntamos, para as nossas reuniões, somos barulhentos e caóticos. Há poucos de nós que se pareçam e vistam da mesma maneira ou que tenham sequer crescido a falar as mesmas línguas. Mas há uma sensação de gratidão partilhada, pelo simples facto de estarmos juntos. Há amor. E há, sempre, música.

Agradecimentos

Este livro começou com a promessa simples de registar a história da minha família, algo que tencionava fazer por mim, pelos Kurc, pelo meu filho e pelos filhos dele e pelos seus bisnetos e por aí fora – não fazia ideia, contudo, do que o projeto envolveria na realidade, ou de quantas pessoas teria de depender para obter ajuda durante o caminho.

O esqueleto de *Nós tivemos sorte* foi reunido, em primeiro lugar, através das histórias orais transmitidas pela minha família. Reuni horas (e horas) de gravações e enchi dezenas de blocos com os nomes e as datas e as narrativas pessoais, graças às histórias e às memórias que os meus familiares partilharam tão prontamente. Tenho uma dívida especial para com a minha falecida avó, Caroline, por ter protegido calmamente as sementes da história do meu avô até ter chegado a hora de as transmitir, e a Felicia, Michel, Anna, Ricardo, Victor, Kath e Tim por me terem acolhido nas suas casas, mostrado as suas belas cidades e respondido pacientemente à minha infindável barragem de perguntas. Obrigada também a Eliska, que abriu uma janela para o que era ser um refugiado naqueles primeiros meses aflitivos de 1940, e cuja descrição do meu jovem avô fez cintilar, mesmo aos oitenta e oito anos, os seus olhos azuis.

Durante anos, voei pelo mundo para me encontrar com familiares e amigos próximos dos Kurc – qualquer pessoa que tivesse uma ligação à história. Sempre que detetava falhas na minha história, localizava sobreviventes com histórias semelhantes e abordava académicos especializados no Holocausto e na Segunda Guerra Mundial. Li livros, vi filmes e minei arquivos, bibliotecas, ministérios e magistrados, seguindo quase todas as pistas, por rocambolescas que parecessem,

em busca dos pormenores da viagem da família. Senti-me continuadamente impressionada com os registos que, quando se escavava o suficiente, era possível encontrar, e com a disponibilidade das pessoas e das organizações por todo o mundo em oferecer a sua ajuda. Embora as fontes que comigo cooperaram sejam demasiadas para que as possa referir a todas pelo nome, gostaria de expressar a minha gratidão a algumas delas.

Obrigada a Jakub Mitek do centro cultural Resursa Obywatelska, em Radom, que tão graciosamente passou um dia a guiar-me pelas ruas da cidade natal do meu avô e cujo conhecimento enciclopédico da cidade e da sua história juntou camadas de profundidade e cor à minha narrativa; a Susan Weinberh, pelo seu trabalho com o Radom KehilaLinks, e a Dora Zaidenweber, por ter partilhado comigo como fora crescer na Radom do pré-guerra: a Fábio Koifman, cujo livro acerca do embaixador Souza Dantas e cujo auxílio na obtenção de registos junto dos Arquivos Nacionais Brasileiros foi preciosa; a Irena Czernichowska da Hoover Institution, que me ajudou a descobrir (entre outras coisas) as 19 páginas do relato escrito à mão pelo meu tio-avô Genek dos anos no exílio e no exército; a Barbara Kroll do Ministério da Defesa dos Estados Unidos, que me enviou pilhas de registos militares e me ajudou a localizar medalhas de honra não reclamadas para familiares que tinham lutado pelos Aliados; a Jan Radke da Cruz Vermelha Internacional, que me entregou pessoalmente dezenas de documentos relevantes; aos bibliotecários e arquivistas do U.S. Holocaust Memorial Museum, que responderam às minhas muitas perguntas; à USC Shoah Foundation por ter registado entrevistas com milhares de sobreviventes do Holocausto (estas narrativas em vídeo são, para mim, como ouro); aos membros do grupo Yahoo Kresy-Siberia, que partilharam relatos em primeira mão e me indicaram os caminhos que deveria percorrer para compreender a Segunda Guerra Mundial de Estaline; à Seattle Polish Home Association, através da qual me foi possível comunicar com uma mão-cheia de sobreviventes do *gulag* e com uma tradutora transformada em amiga, Aleksandra, com quem trabalhei de perto durante a investigação; a Hank Greenspan, Carl Shulkin e Boaz Tal, leitores históricos que tão generosamente me ofereceram o seu tempo e os seus conhecimentos tremendos; e aos numerosos indivíduos que ajudaram a catalogar e digitalizar as vastas bases de dados de organizações como JewishGen, Yad Vashem, o Comité Judaico-Americano de Distribuição Conjunta, o Serviço de

Localização Internacional, o U.S. Holocaust Memorial Museum, o Instituto Polaco e o museu Sikorski, bem como o Centro de Localização de Vítimas do Holocausto e da Guerra. A grande quantidade de informação disponível hoje, graças a estes recursos, é estonteante.

Muito antes de o meu livro se parecer minimamente com um livro, Kristina, Alicia, Chad, John e Janet, do meu grupo de escrita em Seattle, estiveram entre os meus primeiros apoiantes; ofereceram um *feedback* atento e, talvez o mais importante, o encorajamento de que eu precisava para continuar a escrever, mês após mês. As conversas com Janna Cawrse Esarey inspiraram a minha longa lista de Grandes Objetivos Audazes e Complicados (incluindo completar este livro). A organização sem fins-lucrativos 826 Seattle acreditou o suficiente no meu trabalho para incluir uma amostra deste na sua antologia de 2014, *O que Lerà Chuva*; o convite para contribuir foi uma honra e a motivação de que precisava para aprimorar o meu trabalho.

John Sherman, um querido amigo e colega autor, foi uma das primeiras pessoas a ler o meu livro de uma ponta à outra; o seu apoio inabalável e argutos conselhos oferecidos ao longo dos anos ajudaram a manter à tona a minha confiança e a levar o meu trabalho para um novo, e melhor, nível.

A proeza editorial de Jane Fransson fez maravilhas pelo meu livro. O seu entusiasmo genuíno pela história da minha família e a sua crença em mim enquanto escritora, acenderam algo dentro de mim, e ajudaram a lançar o meu projeto para a fase seguinte da sua vida.

Obrigada a Sarah Dawkins, pela sua amizade e pelos bons conselhos ao navegar a rota da publicação, e às minhas amigas, próximas e distantes, que durante a última década anteciparam fervorosamente o lançamento deste livro (espero que tenha valido a espera!) e me encheram de amor encorajador e apoio, quando mais precisava.

Se os livros pudessem ter almas gémeas, para *Nós tivemos sorte* essa pessoa seria a minha agente, Brettne Bloom do The Book Group. A ligação de Brettne com a minha história foi imediata e sentida. A sua mente brilhante e o olhar gentil, mas perspicaz, guiaram-me através do processo, e à minha prosa através de inúmeras colaborações e revisões. Sinto-me g rata, todos os dias, pela amizade de Brettne, pelo seu talento extraordinário, e pela energia imensa e a

ternura, amor e cuidado que empenhou no sucesso deste projeto.

Quando o meu manuscrito caiu nas mãos atenciosas da minha editora na Viking, Sarah Stein, soube que o livro tinha encontrado o seu lar. Sarah abraçou a minha história e a minha visão com um entusiasmo sem barreiras e uma paciência inabalável, oferecendo um *feedback* constante, rico e espantosamente certeiro. A nossa parceria levou a minha história, juntamente com a minha capacidade enquanto escritora, a alturas que jamais teria atingido sozinha.

Um enorme obrigada também para a equipa da Viking como um todo, e para as mentes criativas que foram tão vitais para realizar este livro e para o transformar na peça cuidadosamente editada e meticulosamente desenhada que é hoje: Andrea Schulz, Brian Tart, Kate Stark, Lindsay Prevette, Mary Stone, Shannon Twomey, Olivia Taussig, Lydia Hirt, Shannon Kelly, Ryan Boyle, Nayon Cho, e Jason Ramirez. A minha gratidão vai também para Alyssa Zelman e Ryan Mitchell pelos seus contributos com o *design* artístico.

Nos dias, durante a última década, em que me perguntei se toda a investigação e escrita valeriam o esforço, foi o meu marido quem me ajudou a avançar, lentamente, em direção à linha da meta. Um obrigada sentido a Robert Farinholt – pela sua inabalável fé em mim e no meu projeto (não há maior defensor de *Nós tivemos sorte*), pelo seu otimismo infinito (foi Robert quem se assegurou que celebrávamos cada um dos marcos na vida do livro), e pela sua insistência em passar as nossas férias de verão recentes não a relaxar com os dedos dos pés enterrados na areia, mas a seguir os passos da família Kurc através da Polónia, da Áustria e de Itália. Não há alma neste planeta com quem preferisse viajar esses mil e setecentos quilómetros.

Devo agradecer ainda aos meus filhos. A Wyatt, que agora tem seis, que cresceu juntamente com este projeto e que se comporta com um feroz e familiar sentido de determinação – um traço que gosto de pensar deixaria orgulhoso o bisavô, e que espero que mantenha, como eu, para perseverar através dos altos e baixos da vida. E para o mais recente membro da minha família, Ransom, que chegou poucas semanas antes de ter sido lançada a versão de capa rija. Obrigada, rapazes, por me manterem terra-a-terra, humilde, e me trazerem mais alegria e perspetiva do que alguma vez achei possível.

Não posso agradecer aos meus filhos, claro, sem agradecer também à «nossa

Liz», como Wyatt lhe chama – a nossa querida ama que manteve calmamente a família a flutuar enquanto eu estava enterrada no meu trabalho.

Por fim, gostaria de oferecer um agradecimento especial aos meus pais. Primeiro, ao meu pai, Thomas Hunter, que escreveu o seu romance de estreia (depois de uma longa e bem-sucedida carreira como ator e guionista) quando eu tinha três anos – jamais esquecerei o som da sua *Olivetti* a matraquear no piso de cima da nossa pequena casa mergulhada nos bosques de Massachusetts, ou como foi entusiasmante segurar nas mãos um exemplar acabado de imprimir do seu *Softly Walks the Beasts*. Desde o momento em que escrevinhei o meu primeiro trabalho (tinha quatro anos e chamei ao meu «romance» *Charlie Walks the Beast*), o meu pai tem sido um ávido crente na minha escrita. É uma fonte constante e estimulante de inspiração.

Por fim, à pessoa que semeou a ideia para este projeto há muitos anos e que tem estado comigo a cada passo do caminho desde então: a minha mãe, Isabelle Hunter. É impossível agradecer-lhe o suficiente pelo que fez para me ajudar a dar vida a *Nós tivemos sorte*. Tendo crescido rodeada por vários dos personagens do livro, a minha mãe partilhou valiosas histórias pessoais que iluminam a dinâmica familiar única dos Kurc. Leu e releu o meu manuscrito e ofereceu-me um meticuloso *feedback* editorial; confirmou factos e investigou pormenores a meu pedido, e largou tudo, por várias vezes, para ler um capítulo, enviando-me os seus comentários a horas tardias de modo a poder cumprir um prazo. A paixão da minha mãe por este projeto, como a minha, é profunda. Ela foi uma presença constante, incansável, do princípio ao fim, e sinto-me imensamente grata não só pelo seu tempo e pela sua perspetiva atenta, mas também pela abundância de amor com que me infundiu, e às páginas deste livro.